



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

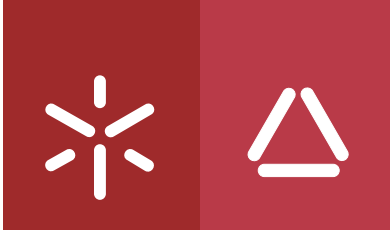
Fabio Paiva Reis  
**As Representações Cartográficas da  
Capitania do Espírito Santo no Século XVII**

Fabio Paiva Reis

**As Representações Cartográficas da  
Capitania do Espírito Santo no Século XVII**

Uminho | 2017

março de 2017



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Fabio Paiva Reis

## **As Representações Cartográficas da Capitania do Espírito Santo no Século XVII**

Tese de Doutoramento em História  
Especialidade de História dos Descobrimentos  
e da Expansão Portuguesa

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor António Manuel Clemente Lázaro**

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 27 de Março de 2017.

Nome completo: Fabio Paiva Reis

Assinatura:



---





## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, António Manuel Clemente Lázaro, por todo o interesse e apoio antes mesmo de me candidatar ao doutoramento, mas principalmente durante o curso.

Aos meus pais, cujo apoio e ajuda foram essenciais durante minha estadia em Portugal.

À minha esposa, que me pediu em casamento quando morávamos em países diferentes e esteve ao meu lado durante toda a produção da dissertação.

A Diogo Pasuch, Sergio Denicoli e Miguel Gravato, amigos e colegas da universidade com quem tive o prazer de dividir o apartamento e o dia a dia enquanto morei em Braga e com quem discuti sobre minha dissertação diversas vezes.

Aos demais amigos brasileiros e portugueses que conheci durante essa experiência única: Alexandre Almeida, Raphael Marinho, Mário Camarão, Marília França; Marina Denicoli, Carlos Alberto Tourinho, Ana Carmen e suas filhas Mariana e Clara, Chalini Barros, Odete Almerinda, Carla Gomes, Júlia Lemos e Paulo Alves.

Aos professores Francisco Mendes e Helena Carvalho, da Universidade do Minho, e João Carlos Garcia, da Universidade do Porto, que me receberam com carinho, me convidaram para participar de bons momentos e fizeram com que eu me sentisse acolhido tão distante de casa.

Aos colegas do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, que me incentivaram desde o começo da pesquisa e abriram as portas para diversas oportunidades nos últimos anos.

Aos amigos da graduação e do mestrado Francesco Suanno Neto, Luciana Silveira, Tiago Onofre, Karulliny Siqueira, Carol Soares, Bebel Medal e Rafael Dias, com quem tive bons momentos e boas conversas de lá para cá.



## RESUMO

As representações cartográficas da Capitania do Espírito Santo no Século XVII

Este estudo apresenta e analisa, pela primeira vez, os mais antigos mapas da Capitania do Espírito Santo, desde aquele feito por Luís Teixeira, ca. 1590, até o mapa presente no *Zee-Atlas*, holandês, ca. 1680.

Entre as questões principais que orientaram esta investigação estão: qual era a importância da cartografia no império português moderno? Como se deu o reconhecimento e mapeamento da costa do Brasil e da capitania do Espírito Santo nos séculos XVI e XVII? O que se sabia sobre a capitania então? Como portugueses, holandeses e europeus em geral enxergavam o Espírito Santo?

A dissertação é dividida em seis capítulos. O primeiro discute a evolução da cartografia moderna e sua importância no descobrimento e reconhecimento da América portuguesa. O segundo capítulo apresenta os mapas mais antigos da Capitania do Espírito Santo, no contexto da União Ibérica e valorização do Brasil dentro do império português. O capítulo três explora lendas coloniais e a presença religiosa no Espírito Santo nos mais importantes atlas do cartógrafo João Teixeira Albernás I. No quarto são apresentados os mapas que concluíram o mapeamento de toda a costa do Espírito Santo, em um período de Restauração portuguesa. O quinto capítulo explora os atlas de Albernás II e o holandês *Zee-Atlas* e o último apresenta os resultados dessa campanha de mapeamento do Espírito Santo que durou cerca de um século.



## ABSTRACT

The cartographic representations of the Captaincy of Espírito Santo in the 17th Century

This study presents and analyses, for the first time, the oldest maps of the Captaincy of Espírito Santo, since the map made by Luis Teixeira, ca. 1590, to the one seen in the *Zee-Atlas*, a Dutch work, ca. 1680.

Some of the main questions that oriented this investigation are: what was the importance of the cartography in the modern Portuguese empire? How was the surveying and mapping of Brazil and Espírito Santo's coast during the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> century? What was known then about this Captaincy? How did the Portuguese, Dutch and Europeans in general saw the Espírito Santo at a distance?

The thesis is divided into six chapters. The first discusses the evolution of modern cartography and its importance in the discovery and recognition of Portuguese America. The second chapter presents the earliest maps of the Captaincy of Espírito Santo in the context of the Iberian Union and appreciation of Brazil within the Portuguese empire. Chapter three explores colonial legends and religious presence in Espírito Santo in the most important Atlas of cartographer João Teixeira Albernás I. The fourth chapter shows the maps that completed the mapping of the entire coast of Espírito Santo in a period of Portuguese Restoration. The fifth chapter explores the Atlas of Albernás II and the dutch *Zee-Atlas* and the last one presents the results of the mapping campaign in Espírito Santo that lasted nearly a century.



# ÍNDICE

ÍNDICE.....	xi
INTRODUÇÃO.....	1
Análise Cartográfica .....	5
O Renascimento .....	8
A Estrutura do trabalho.....	12
Considerações .....	14
1 Do descobrimento da América ao mapeamento do Espírito Santo .....	16
1.1 O Desenvolvimento da cartografia .....	18
1.2 A Tomada de Posse .....	21
1.3 Conhecendo o Brasil.....	25
1.4 Ocupando e Reconhecendo o Espírito Santo.....	33
2 Os primeiros mapas da Ilha de Vitória .....	63
2.1 O Roteiro de Luís Teixeira: Primeiro mapa da Capitania do Espírito Santo.....	67
2.2 Os Mapas Anônimos do Século XVII .....	77
2.2.1 O Mapa da Biblioteca Nacional de España.....	77
2.2.2 O Mapa da Real Academia de la Historia .....	81
2.3 Uma perspectiva da Capitania .....	91
2.3.1 A cartografia holandesa.....	92
2.3.2 O Reys-Boeck .....	95
3 Albernaz, o Velho, e a expansão dos mapas do Espírito Santo .....	100
3.1 Rezão do Estado .....	102
3.2 Estado do Brasil e o Atlas Hidrográfico .....	120
4 O Espírito Santo na Restauração Portuguesa.....	132
4.1 A Restauração Portuguesa .....	132

4.2 Os últimos mapas de Albernaz, o Velho .....	134
4.2.1 Descrição de Todo o Marítimo.....	135
4.2.2 Descrição de Toda a Costa .....	151
4.3 O Interesse Holandês e o Atlas Vingboons .....	158
4.3.1 O Atlas Vingboons .....	160
5 O Espírito Santo no fim do século XVII.....	168
5.1 Os mapas portugueses de Albernaz, o Moço.....	170
5.1.1 Livro de toda a costa da Provincia Santa Crvz.....	172
5.1.2 Livro da descrição de toda a costa do (estado) do Brasil .....	179
5.2 Zee-Atlas: o último mapa do Espírito Santo no século XVII.....	185
6 O Resultado do Mapeamento da Capitania do Espírito Santo.....	192
6.1 Evolução do Mapeamento .....	192
6.2 Uma possível genealogia dos mapas .....	202
6.3 A presença indígena na cartografia do Espírito Santo.....	209
Considerações Finais .....	215
Fontes e Bibliografia .....	223
ANEXO A: Cronologia .....	245
ANEXO B: Os Mapas do Espírito Santo.....	259
ANEXO C: Fixação da Toponímia .....	353



## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: Detalhe do mapa Terra Brasilis, do Atlas Miller (1519, 35x51cm e escala ca. 1:15 000 000).....	35
Mapa 2: Detalhe d'O Brasil no mapa de Gaspar Viegas (1534, 96x70cm e escala ca. 1:15 000 000).....	36
Mapa 3: Em cima, detalhe da Descrição moderna e bastante precisa da América, de Diego Gutierrez (1562, com dimensões de 83x86cm e escala ca. 1:17 500 000). Em baixo, detalhe da Discrittione di tutto il Peru, de Paolo Forlani (ca.1562, com dimensões 52,5x36,5cm e escala ca. 1: 20 000 000).....	38
Mapa 4: Detalhe do Typus orbis terrarum, de Abraham Ortelius (1564, com escala ca. 1:90 000 000).....	39
Mapa 5: Detalhe do Quarte partie du monde, de Andre Thevet (1575, com dimensões de 35,2x44,9cm e escala ca. 1:50 000 000).....	39
Mapa 6: Detalhe do mapa Brasilia (1597, com dimensões de 32x38cm e escala ca. 1:10 000 000).....	41
Mapa 7: Os Jesuítas no Espírito Santo (1551-1760) adaptado de Serafim Leite. ....	49
Mapa 8: Detalhe da [Ilha de Duarte de Lemos], ca. 1590. [Escala ca 1:225 000]. ....	70
Mapa 9: Capitania do Espirito Sancto, de [16--]. [Escala ca 1:35 000]. ....	78
Mapa 10: Capitania do Espírito Sancto, de ca. 1608-1616. [Escala ca 1:25 000].....	83
Mapa 11: Carta Topographica da Barra e Rio do Espírito Santo do qual toma nome toda a Capitania, que mostra com distinção todas as Villas, Fortalezas, Portos e Ilhas que estão desde a sua fóz até além da Villa de Victória Capital da Capitania, do engenheiro João Pedro de Gusmão Vasconcellos Mariz, 1853.....	85
Mapa 12: Evolução cronológica do espaço do Município de Vitória. SEMAN/PMV, 2005. Detalhe para o formato antigo da ilha, ao remover as partes em cores. ....	86
Mapa 13: Brasilia , de ca. 1624. ....	96
Mapa 14: Recordo do mapa Brasilia , de ca. 1624, onde aparece o Espírito Santo. ....	97
Mapa 15: Demonstração da Capitania do Spirito Santo atte a ponta da barra do rio Doçe no qual parte cõ Porto Seguro..., de 1616. [Escala ca 1:420 000]. ....	105
Mapa 16: Demonstração da Capitania do Espirito Santo até aponta da Barra do rio doçe no qual parte cõ Porto Seguro..., de ca. 1626. [Escala ca 1:420 000]. ....	106

Mapa 17: Geographica demonstração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do rio doce no qual parte cõ Porto Seguro..., de ca. 1627. [Escala ca 1:420 000]. .....	107
Mapa 18: Capitania do Spirito Santo, de 1631. [Escala ca 320 000]. .....	121
Mapa 19: Capitania do Spirito Santo, de 1631. [Escala ca 1:240 000]. .....	121
Mapa 20: Capitania de Porto Seguro, de 1631. [Escala ca 1:300 000]. .....	122
Mapa 21: Porto do Spirito Santo, no estado do Brasil. Em altura de 20 Graus e ¼, de 1630. [Escala ca 1:190 000]. .....	122
Mapa 22: Cabo de S. Tomé às Ilhas de Goropary, de 1640. [Escala ca 1:480 000] ....	136
Mapa 23: Porto do espirito Santo à Ponta do rio Doce, de 1640. [Escala ca 1:250 000] .....	137
Mapa 24: rio Doce até a ponta de Agasuipe, de 1640. [Escala ca 1:600 000] .....	137
Mapa 25: Do cabo de S. Tome ate o Morro de João Moreno, de 1640. [Escala ca 1:480 000].....	138
Mapa 26: Do porto do spirito santo até a ponta do rio doce, de 1640. [Escala ca 1:250 000].....	138
Mapa 27: Do rio doce ate a ponta do Agasuipe, de 1640. [Escala ca 1:600 000]. .....	139
Mapa 28: cabo de S. Thome até Morro de João Moreno, de 1640. [Escala ca 1:480 000] .....	139
Mapa 29: porto do Espirito Santo athé a ponta do rio doce, de 1640. [Escala ca 1:250 000] .....	140
Mapa 30: Do rio doce athe a ponta de Agasuipe, de 1640. [Escala ca 1:600 000]. ....	140
Mapa 31: [entre Cabo de S. Tomé e Morro de João Moreno], de 1642. [Escala ca 1:617 000].....	153
Mapa 32: [entre o Morro do Moreno e rio Doce], de 1642. [Escala ca 1:280 000]. ....	153
Mapa 33: [entre Ponta do rio Doce e Ponta de Aguasuipe], de 1642. [Escala ca 1:680 000].....	154
Mapa 34: [Do Cabo de São Thome ate o morro de João Moreno no Spirito Santo], de 1646. [Escala ca 1:590 000]. .....	154
Mapa 35: [Spirito Santo ate ponta do rio Doce], de 1646. [Escala ca 1:590 000]. .....	155
Mapa 36: [Da ponta do rio Doce ate os Abrolhos], de 1646. [Escala ca 1:590 000]. ..	155
Mapa 37: Caerte van Spiritvs Sanctvs, de 1660. [Escala ca. 1:35000]. .....	163
Mapa 38: O Ispirito Santo, de 1665. [Escala ca. 1:35000].....	163
Mapa 39: Costa do Sprito Santo ao Cabo d: S: Thome, de 1666. [Escala ca 1:550 000]. .....	172

Mapa 40: Demonstração do Sprito Santo, de 1666. [Escala ca 1:290 000] .....	172
Mapa 41: Costa dos Abrolhos ao Rio doce, de 1666. [Escala ca 1:680 000].....	173
Mapa 42: Demonstração do Morro de João Moreno ao Cabo de S. Thome, de 1666. [Escala ca 1:580 000].....	173
Mapa 43: Demonstração do Rio Dose ao Porto do Spirito Santo, de 1666. [Escala ca 1:280 000].....	174
Mapa 44: Demonstração da Ponta de Agasvipe ao Rio Dose, de 1666. [Escala ca 1:700 000].....	174
Mapa 45: Demonstração do Cabo de Saõ Thome athe o Spirito Santo, de 1670. [Escala ca. 1:550 000].....	179
Mapa 46: Demonstração do Spirito Santo athe o Rio Doçe, de 1670. [Escala ca. 1:260 000]. .....	180
Mapa 47: Demonstração do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe, de 1670. [Escala ca. 1:600 000].....	180
Mapa 48: Demonstração do Cabo de Saõ Thome athe o Sprito Santo, de 1675. [Escala ca. 1:600 000].....	180
Mapa 49: Demonstração do Sprito Santo athe o Rio Doçe, de 1675. [Escala ca. 1:300 000]. .....	181
Mapa 50: Demonstração do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe, de 1675. [Escala ca. 1:650 000].....	181
Mapa 51: Pas-Kaart van de zee-kunsten van Brazilia, tusschen Rio das Contas en Cabo S. Thome, de 1680. [Escala: ca. 1:1 6000 000] .....	188



## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Topônimos descritos por João de Lisboa (1514).....	35
Tabela 2: População do Brasil em fogos, 1570-1590.....	43
Tabela 3: População do Brasil em habitantes, 1546-1590.....	43
Tabela 4: Estimativa da população ameríndia no Brasil em 1500 .....	48
Tabela 5: Conjuntos de mapas do Brasil de Albernaz, o Velho, segundo Cortesão e Mota. .....	101
Tabela 6: Lista de cartas dos livros da Razão do Estado do Brasil. ....	103
Tabela 7: Número de engenhos por capitania no século XVII.....	129
Tabela 8: Primeira aparição dos topônimos do Espírito Santo.....	198
Tabela 9: Dimensões e escalas dos mapas do Espírito Santo.....	201
Tabela 10: Evolução dos principais topônimos de Vitória.....	203
Tabela 11: Evolução dos topônimos do Espírito Santo.....	204
Tabela 12: Topônimos indígenas e portugueses nos mapas do Espírito Santo. ....	212



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Os principais grupos indígenas do Espírito Santo no século XVII.....	48
Figura 2: Detalhe do mapa Capitania do Espírito Santo, de [16--].....	80
Figura 3: Detalhe da Vila de Vitória no mapa da Real Academia de la Historia.....	84
Figura 4: Detalhe da Vila Velha no mapa anônimo da Real Academia de la Historia ..	85
Figura 5: Engenhos e trapiche no mapa de 1631.....	128
Figura 6: Vista aérea das proximidades de Guarapari, no Espírito Santo. Destaque para a Ilha Escalvada e para as Três Ilhas.....	143
Figura 7: Recorte de Mapa do Estado do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. IBGE, 2003. As intervenções em vermelho são minhas.....	147
Figura 8: Detalhe da região da ilha de Vitória, em mapa de 1642.....	157
Figura 9: Detalhe da carta de demonstração dos Rio das Contas ao Cabo S. Thome, de 1680.....	189
Figura 10: Mapas e plantas de cidades da costa brasileira nas obras de Luís Teixeira e João Teixeira Albernaz, o Velho.....	193
Figura 11: Evolução do espaço cartografado da Capitania do Espírito Santo nos mapas feitos entre ca. 1590 e 1640. Feito pelo autor. A linha preta representa o atual território do Espírito Santo.....	195
Figura 12: Evolução do espaço cartografado da Capitania do Espírito Santo nos mapas feitos entre 1640 e 1680. Feito pelo autor. A linha preta representa o atual território do Espírito Santo.....	196
Figura 13: Proliferação de topônimos na ilha de Vitória.....	197
Figura 14: Evolução do formato da ilha de Vitória.....	200
Figura 15: Genealogia dos mapas da ilha de Vitória.....	205
Figura 16: Genealogia dos mapas de ca. 1590 a 1640.....	206
Figura 17: Genealogia dos mapas de 1640 a 1680.....	207
Figura 18: Detalhe da carta geral do Brasil, no livro de João Teixeira Albernaz, o Velho, ca. 1627.....	213





## INTRODUÇÃO

Durante o Mestrado em História Social cursado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009-2011), estudei a crença e as representações da lendária Serra das Esmeraldas no século XVII, além das disputas sociais e políticas pelas cartas patentes que davam a permissão oficial para sua busca, na Capitania do Espírito Santo. Foi durante essa pesquisa que encontrei o material que me motivou a fazer o doutorado, composto por um conjunto de imagens cartográficas da capitania, feitas nos séculos XVI e XVII. Elas foram utilizadas, durante o mestrado, para demonstrar a presença da serra no imaginário colonial e metropolitano português nos Seiscentos.

Esses mapas deram início a um arquivo cartográfico sobre o Espírito Santo. Junto com as dezenas de outros mapas aos quais tive acesso desde 2011, dei forma ao conjunto que se tornou as fontes principais de uma pesquisa que durou quatro anos. Nunca antes houve um estudo tão abrangente da cartografia daquela capitania. Por isso, esse é um assunto de extrema relevância para o Estado e para a historiografia local.

Meu objetivo principal neste trabalho é, portanto, analisar e compreender as representações cartográficas da Capitania do Espírito Santo durante o século XVII. Para isso, fiz um estudo aprofundado da cartografia seiscentista do Espírito Santo disponível em arquivos e instituições nacionais e internacionais, preocupando-me em: conhecer seus autores, patronos; seus discursos e objetivos, além dos contextos social, cultural e político; e relacioná-la à documentação escrita da época, como as crônicas dos viajantes portugueses que estiveram na América, roteiros de navegação e cartas e relatórios governamentais. Com isso, pude detalhar a preparação desses mapas e a incorporação, neles, de informações da capitania vindas das fontes textuais.

A importância do trabalho torna-se evidente quando nos deparamos com as dificuldades impostas ao pesquisador que estuda o Espírito Santo colonial: há poucos documentos coloniais disponíveis nos arquivos do Estado. A maioria dos documentos que conseguimos encontrar hoje em dia estão em outros lugares e foram transcritos e publicados em volumes, como a série Documentos Históricos, da Biblioteca Nacional do Brasil, onde o leitor pode encontrar dezenas de milhares de documentos do período colonial brasileiro. A situação é ainda pior quando falamos especificamente sobre documentação cartográfica. Se os documentos textuais mais antigos do Arquivo Municipal de Vitória datam do início do século XIX, as fontes cartográficas limitam-se ao século XX.

Esta dissertação de doutorado é completamente original para a historiografia do Estado do Espírito Santo pela importância do conjunto de mapas aqui exposto e estudado. Até hoje, pouquíssimos autores apresentaram mapas em seus livros, com destaque para Mário Aristides Freire, José Teixeira de Oliveira e Levy Rocha. Esses estudos, entre os principais sobre o Espírito Santo, não usam a cartografia como fonte histórica para o período colonial brasileiro.

Mário Aristides Freire, pesquisador capixaba dedicado à história do Estado, escreve brevemente, em seu livro *A Capitania do Espírito Santo: Crônicas da Vida Capixaba no tempo dos Capitães-mores*, sobre dois mapas do Espírito Santo. Primeiro, cita “um mapa do *Livro que Da Rezam do Estado do Brasil*”<sup>1</sup>, sobre o qual não chega a se aprofundar. Utiliza apenas passagens de Calógeras, Pizarro, Vicente do Salvador e Capistrano de Abreu para tentar validar, de maneira muito breve, o roteiro para a Serra das Esmeraldas presente na descrição do mapa.

Freire ainda discorre sobre “um velho mapa da costa do Espírito Santo”<sup>2</sup>, que ele identifica pela data de 1631 – que, afinal, está no *Atlas do Brasil*, de João Teixeira Albernaz, o Velho<sup>3</sup>. O autor transcreve em seu texto os topônimos, sem apresentar uma análise mais aprofundada do mapa. Ele cita mais um mapa, supostamente publicado ainda no século XVI na Holanda e que demonstra alguns engenhos, mas não o identifica. Apesar do interesse de Freire pela cartografia do Espírito Santo, ele não busca apresentar mais informações sobre esses mapas, nem parece ter tido acesso direto a eles.

José Teixeira de Oliveira foi o primeiro a utilizar mapas presentes nos arquivos do Rio de Janeiro para publicar, em 1955, a primeira edição da *História do Estado do Espírito Santo*. O autor, que considerou os mapas de valor excepcional, também não faz análise cartográfica dessas obras. Utiliza-as para ilustrar os assuntos discutidos no livro, que até hoje é a principal referência da história do Espírito Santo. Isso demonstra a desatualização da historiografia capixaba.

Oliveira utiliza bastante a obra de Basílio de Carvalho Daemon, político importante e dono do jornal *O Espírito-Santense*, cuja editora utilizou para publicar seu livro *A Província do Espírito Santo*, em 1879. Baseando-se nele, Oliveira afirma que o

---

<sup>1</sup> Freire, M. A. (2006). *A Capitania do Espírito Santo: Crônicas da Vida Capixaba no tempo dos Capitães-mores*. (2ª ed.) Vitória: Flor & Cultura Editores. p. 109.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 119.

<sup>3</sup> O Velho, para diferenciá-lo de seu neto homônimo, João Teixeira Albernaz, o Moço.

primeiro mapa do Espírito Santo foi feito por Marcos de Azeredo, em 1612<sup>4</sup> – na verdade, ele se refere o mapa de Albernaz, o Velho, que está na *Razão do Estado do Brasil*. Isso demonstra que ele não tinha conhecimento sobre o roteiro de Luís Teixeira, feito na década de 1590.

Ele reproduz, nas páginas 137 e 138, os mapas “Demonstração do Sprito Santo” e “Costa do Sprito Santo ao Cabo de São Thome”, feitos por João Teixeira Albernaz, o Moço, em 1666. Dessa vez o ineditismo dos mapas levou o autor a fazer uma descrição detalhada das informações visuais imediatas, como as cores e os textos, e a incluir dados sobre a origem do documento<sup>5</sup>. Infelizmente, Oliveira não se debruçou sobre esses mapas para analisar seu contexto, seu valor como representação visual da capitania e seu papel na administração portuguesa, limitando-se à descrição e à reprodução deles.

Levy Rocha, em *De Vasco Coutinho aos Contemporâneos*, dedica um pequeno capítulo à *Razão do Estado do Brasil*<sup>6</sup>. O autor afirma, sem real comprovação, que o mapa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, datado de 1626, é idêntico ao original de 1612. Rocha se limita, no continuar de suas afirmações, a citar a publicação crítica do livro feita pelo Arquivo Público de Pernambuco, a cargo de Hélio Vianna<sup>7</sup>.

Fora do Espírito Santo, entretanto, há alguns importantes trabalhos que reuniram alguns dos mapas aqui estudados. Um dos mais recentes é o de Nestor Goulart Reis, chamado *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*<sup>8</sup>, em que o organizador reuniu desenhos e gravuras, incluindo mapas, de várias regiões do país, incluindo o Espírito Santo, representado por 10 imagens que vão de 1624 a 1805. Entre elas, duas que estão aqui: a ilustração do *Reys-boeck* (1624) e um fragmento do mapa manuscrito de Johaness Vingboons (ca.1665). Os comentários sobre essas obras são curtos, mas valiosos, considerando a dificuldade de encontrar informações sobre eles.

Por fim, além da falta de estudos de cartografia histórica, não há estudos importantes sobre o Espírito Santo no século XVII. Para explicar isso, há pelo menos dois pontos. Em primeiro lugar, há uma inegável depreciação da história do Espírito Santo em

---

<sup>4</sup> Oliveira, J. T. D. (2008). História do Estado do Espírito Santo. (3ª ed.) Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura. p. 130.

<sup>5</sup> Ibid., p. 566.

<sup>6</sup> Rocha, L. (1977). De Vasco Coutinho aos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial. p. 125.

<sup>7</sup> Moreno, D. D. C. (1955). Livro que dá Razão do Estado do Brasil: 1612. Edição crítica, com introdução e notas de Helio Vianna. Recife: Arquivo Público Estadual.

<sup>8</sup> Reis, N. G. (2001). Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

relação à história de outros estados de destaque, como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Como afirmou em entrevista a historiadora Maria José dos Santos Cunha,

Pude perceber que o ES se integra dentro dos Estados e das capitanias que estão fora da tradição e do modismo brasileiros, centrados, sobretudo, em PE, BA, RJ, SP e MG. Como uma nação se constrói com todos e não apenas com algumas partes, é essencial abranger o todo, lembrando que quem estuda a história do Espírito Santo, estuda a história do Brasil. Para o estrangeiro, ainda hoje o ES permanece um ilustre desconhecido, situação que só pode ser revertida na medida em que os seus membros se empenhem por ultrapassar a barreira mental da metáfora do gigante Goliás e de David<sup>9</sup>.

Em segundo lugar, é comum o argumento de que não há fontes históricas suficientes para que sejam feitos trabalhos de fôlego sobre o período colonial do Espírito Santo. Por exemplo, enquanto encontramos textos que discutem o século XVI e a presença do primeiro donatário, Vasco Fernandes Coutinho, na capitania, é muito comum observar um estranho salto temporal para fins do século XVIII e início do XIX, com o argumento de que não há fontes para análise do período intermédio.

Alguns pesquisadores, por outro lado, como o paleógrafo e historiador João Eurípedes Franklin Leal, se esforçam para comprovar que isto é um erro. No posfácio da nova edição da *História do Estado do Espírito Santo* (2008), ele afirma: “Documentos não faltam, a história do Espírito Santo necessita de pesquisas e de publicações”<sup>10</sup>.

Na abertura do mesmo livro, o historiador capixaba Luiz Guilherme Santos Neves chama a atenção para o assunto e escreve que “poucos foram os historiadores que se abalancaram à proeza de escrever narrativas históricas sobre o Espírito Santo, nos quase cinquenta e cinco anos seguintes à [primeira] edição da obra de José Teixeira” – edição

---

<sup>9</sup> Spirito Sancto. (2016). “A dispersão das fontes do ES ou a ele relativas tem dificultado o processo”: entrevista com a historiadora portuguesa Maria José dos Santos Cunha. Disponível em: <http://spiritosancto.com/blog/a-dispersao-das-fontes-do-es-ou-e-ele-relativas-tem-dificultado-o-processo-entrevista-com-a-historiadora-portuguesa-maria-jose-dos-santos-cunha-2/>

<sup>10</sup> “O acervo documental existente sobre o Espírito Santo é muito superior aos reclamos, às vezes constantes, de que não se tem o que nem onde consultar. Documentos preservados em instituições como o Arquivo Histórico Ultramarino, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o Arquivo do Palácio da Ajuda, a Academia de Ciências de Lisboa, além de outras menores, todas situadas em Portugal, somados ao imenso acervo documental existente sobre o Espírito Santo no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, no Arquivo do Palácio do Itamaraty, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no próprio Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, no Arquivo Público da Bahia e na documentação pertinente ao Rio de Janeiro, desmistificam qualquer assertiva de que faltam fontes e locais para a pesquisa acerca de temas espírito-santenses”. Leal, J. E. F. (2008). *História do Espírito Santo: uma reflexão, um caminho História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura. pp. 503-534.

que só aconteceu, é importante notar, graças ao “apoio oficial dado à obra”, sem o qual “talvez dificilmente os seus originais tivessem saído da penumbra da gaveta...”<sup>11</sup>.

Assim, este trabalho procura preencher essa *lacuna* na história do Estado do Espírito Santo, lançando nova luz sobre a própria história do Brasil Colonial e demonstrando que há sim fontes e assuntos a serem trabalhados.

Acredito que um estudo profundo da cartografia seiscentista, articulada com documentos textuais do período (disponíveis principalmente no formato de textos dos cronistas do período colonial brasileiro e na série *Documentos Históricos* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro), é de extrema importância para compreender a Capitania do Espírito Santo no século XVII. E também para entender seu desenvolvimento social e a compreensão que a Europa tinha do Espírito Santo, já que os mapas compunham grande parte do conhecimento que se tinha das colônias, acompanhados de dados estatísticos e econômicos, como os presentes no livro *Razão do Estado do Brasil*<sup>12</sup>.

## ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Os mapas do Espírito Santo analisados aqui foram feitos principalmente no século XVII, sendo o roteiro de Luís Teixeira, de finais do século anterior, uma bem-vinda exceção. Nele está, afinal, o único mapa da região feito por portugueses antes dos Seiscentos, e está diretamente ligado aos mapas seguintes. As fontes são formadas por mapas portugueses (todos da família Teixeira) e holandeses (feitos por alguns grandes nomes da cartografia seiscentista), além de outros de autoria desconhecida (mas que parecem ter uma origem ibérica).

Todos eles se dedicam, em maior ou em menor escala, mais ou menos abrangentes no quesito territorial, à Capitania do Espírito Santo. Alguns focam apenas a sede da capitania, a vila de Vitória, e trazem detalhes da organização dos colonos. Outros mostram áreas maiores e tentam traçar limites à donataria. Poucos vão além e nos permitem bisbilhotar as vizinhas Porto Seguro e Ilhéus, no norte, ou a Paraíba do Sul, ao sul, região cuja posse era questionada pelos donatários.

---

<sup>11</sup> Santos Neves, L. G. (2008). Vitalidade e permanência na historiografia capixaba História do Estado do Espírito Santo (pp. XXI-XXIV). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura.

<sup>12</sup> Moreno, 1955, p. 85.

Para fazer essa análise, considere necessário iniciar minha pesquisa de uma posição macro-histórica: fundamentando a origem da cartografia moderna europeia e seu desenvolvimento no passar dos séculos, de simples mapas até obras de arte, tornando-se essenciais para operações administrativas. Neste quesito, seguirei a proposta de John Brian Harley.

Harley foi um dos maiores historiadores da cartografia. Inglês radicado nos Estados Unidos, uniu as duas escolas de pensamento (História e Geografia) e ajudou a moldar os estudos na área a partir da década de 80 do século XX. Atuando de maneira intensiva, conseguiu destaque nesse momento de virada para o estudo da História da Cartografia que ocorreu principalmente dentro de países de língua inglesa.

Nessa época, um grupo de pesquisadores interessados começou a se dedicar aos desafios e à interdisciplinaridade dessa área e obteve grande sucesso acadêmico. Harley e David Woodward são dois desses nomes, e eles são os editores da impressionante *The History of Cartography*, uma série brilhante que pretende abranger estudos de todos os períodos da cartografia em seis grandes volumes, divididos em vários livros – o segundo é dividido em três partes e o terceiro, ainda em andamento, já possui duas.

Um dos elementos que colocou Harley em evidência foi a proposta de que, para qualquer análise histórica de um mapa, é preciso utilizar os três níveis que Erwin Panofsky identificou para encontrar o *Significado nas Artes Visuais*<sup>13</sup>. São eles:

1) *O Tema Primário ou Natural*

O tema natural é subdividido, por Panofsky, entre *fatual* e *expressional*. Nesse primeiro nível, o investigador deve identificar apenas as formas: representações de humanos, árvores, casas etc. Na cartografia, deve-se identificar os sinais convencionais, os elementos que formam o mapa.

2) *O Tema Secundário ou Convencional*

Este é o nível em que se deve reconhecer as formas e os símbolos através de seu significado básico: é reconhecer, por exemplo, “que um grupo de figuras, sentadas a uma mesa de jantar numa certa disposição e pose, representa a *Última Ceia*”<sup>14</sup>. Na cartografia, se faz a identificação topográfica, localizando a região desenhada.

3) *O Significado Intrínseco ou Conteúdo*

---

<sup>13</sup> Panofsky, E. (1976). Significado nas artes visuais. São Paulo: Perspectiva.

<sup>14</sup> Ibid., p. 50.

Este tema “é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra”<sup>15</sup>.

Panofsky quer dizer que o terceiro nível é onde se encontra tudo aquilo que o observador não pode ver nas artes visuais. Mesmo assim, ele pode deduzir esse significado através da historicidade da obra. Com um estudo de sua preparação e produção, e das pessoas envolvidas (como o artista e o patrono), o observador pode entender muito mais do que pode ver. É uma interpretação de seu conteúdo, de seu significado e de seus objetivos.

Sobre o *significado intrínseco*, Harley escreve:

O terceiro nível interpretativo em um mapa é a camada simbólica. Até recentemente, independentemente das contribuições de um punhado de historiadores da arte, essa dimensão hermenêutica da cartografia antiga foi negligenciada. Apenas recentemente a interpretação se moveu para abraçar a leitura simbólica e ideológica de mapas antigos. Aqui nós aceitamos que mapas atuam como uma metáfora visual para valores conservados nos lugares requisitados. Os mapas da América são sempre carregados com tais valores e significados culturais, traçando uma topologia social com seu próprio domínio afirmado culturalmente. Mapas sempre representam mais do que a imagem física do lugar. (...) Dessa maneira, “mapas falam, ainda que suavemente, de juízos de valores sutis”. Para ler um mapa corretamente o historiador deve sempre escavar sob o terreno de sua geografia de superfície<sup>16</sup>.

A maior dificuldade em estudar e entender o terceiro nível interpretativo é que esses “valores simbólicos”, intrínsecos aos mapas, são muitas vezes desconhecidos pelo próprio artista. Muito do que os cartógrafos<sup>17</sup> inserem de valor nos mapas (e na verdade, qualquer artista, pintor ou escritor em relação à sua própria obra) faz parte de concepções de um período ou de uma cultura, os valores de uma sociedade, de um determinado lugar. Esses valores simbólicos passam despercebidos para os que estão inseridos naquele tempo e local, e são estudados depois, dentro do possível.

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 52.

<sup>16</sup> Harley, J. B. (2001). *The new nature of maps: Essays in the History of cartography*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. pp. 47-48. Tradução minha.

<sup>17</sup> O termo “cartografia” e, conseqüentemente, “cartógrafo”, foi inventado no século XIX. No século XVII, aqueles responsáveis pela criação de mapas eram chamados de mestres de cartas de marear. Oliveira, F. R. D. (2006). *A História da Cartografia na obra do 2.º Visconde de Santarém: exposição cartobibliográfica*, coord. científica João Carlos Garcia; coord. técnica Maria Joaquina Feijão. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2006. *Investigaciones Geográficas. Boletín del Instituto de Geografía de la Universidad Nacional Autónoma de México*, (63), 150-155. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/569/56906313.pdf>. p. 150.

J. H. Andrews<sup>18</sup> escreve, com razão, que são poucos os mapas que oferecem a chave para os seus significados no terceiro nível proposto por Panofsky. Para ele, é possível dois pesquisadores concordarem com os significados no primeiro nível, a partir de uma simples identificação dos símbolos, e a grande maioria dos mapas trazem também as informações para os significados no segundo nível. Depois disso, é preciso analisar os mapas ao mesmo tempo em que se cruza informações de fontes semelhantes ou mais objetivas, de onde ideias podem ser formadas mais concretamente.

Realmente, não há como saber o que se passava na mente de um cartógrafo enquanto fazia seus mapas. Poucos foram os profissionais que fizeram qualquer registro escrito detalhando seu trabalho, preocupados em explicar o motivo para a produção e os interesses específicos de cada obra. Cada trabalho envolve pessoas diferentes, seja desenhando, seja patrocinando, e assim envolvem valores e significados diferentes.

Por isso, é preciso tomar cuidado na hora de associar significados à cartografia histórica. É preciso construir sequências, genealogias de mapas, para análise de conteúdo, além de compreendê-los entre seus pares: mapas seiscentistas do Brasil, principalmente, não eram avulsos, mas pertencem a conjuntos. Para entender um, é importante observar os demais. Além disso, é preciso sempre buscar a documentação escrita do período, que pode apontar a importante luz da compreensão sobre os mapas.

Meu ponto de partida, tomando todos esses cuidados, é estabelecer a ideia de que a cartografia moderna atuava como fonte e demonstração de poder para as Cortes europeias, uma tendência que cresceu no século XVI. Esse posicionamento é essencial para a compreensão de uma cartografia portuguesa seiscentista, altamente controlada pela Coroa e a nobreza, como a que analiso nas próximas páginas. Os mapas coloniais europeus são considerados os melhores exemplos do poder intrínseco dos mapas e até o final demonstro como isso está presente nos mapas da Capitania do Espírito Santo.

## O RENASCIMENTO

A cartografia aqui estudada é um fruto das descobertas científicas do Renascimento europeu. Ela baseou-se fortemente nos ensinamentos da *Geografia*, de

---

<sup>18</sup> Andrews, J. H. (2001). Introduction: Meaning, knowledge and power in the map philosophy of J. B. Harley The new nature of maps (pp. 1-32). Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press. p. 11.



Ptolomeu, cuja tradução para o latim chegou à Europa no século XV. O estudioso de Alexandria utilizou diversos trabalhos de sua época para fazer um guia geográfico e propôs um sistema de projeção que permitia fazer, além de mapas do mundo inteiro ou de continentes (mapas geográficos, que exigiam principalmente conhecimentos matemáticos), também mapas de regiões ou países (mapas corográficos, que precisavam de habilidades artísticas). Diferenciando-os, “Ptolomeu invoca a analogia da produção de uma pintura: a geografia está preocupada com a representação de toda a cabeça, a corografia com os aspectos individuais de um olho ou de uma orelha”<sup>19</sup>.

Barbara Mundy<sup>20</sup> acredita que o mundo visto como um modelo duplo (corográfico/geográfico) por Ptolomeu tornou-se tão influente porque relacionava-se à natureza dos Estados europeus, que se viam divididos, ainda, entre regionalismo e nacionalismo. Ela cita outros historiadores, como Richard Kagan, para demonstrar como vistas de cidades surgiram no norte da Europa ao mesmo tempo em que diversas cidades em Flandres e na região da Alemanha resistiram ao Sacro Império Romano Germânico e se tornaram independentes. Os mapas se tornaram um símbolo do poder e da independência dessas cidades.

A cartografia foi utilizada pelas grandes nações europeias entre fins do século XVI e início do XVII a fim de estabelecer limites entre diferentes reinos. Com a centralização das administrações, a noção exata dos espaços e fronteiras passou a ser essencial para um controle efetivo: mapas se tornaram elementos indispensáveis para a administração local e para negociações entre as nações europeias.

Os reis e as Cortes europeias perceberam, em um certo momento, os diferentes valores da cartografia, e passaram a utilizá-la intensamente. Os portugueses usaram roteiros e mapas para unir o conhecimento sobre os mares, o litoral de Portugal e seu império marítimo. Os holandeses passaram a mapear todo o mundo conhecido para defender sua independência e a unidade de suas províncias. Os russos se dedicaram a mapear a Sibéria e conhecer suas terras mais longínquas. Tudo isso aconteceu com a ajuda de exploradores, que nessa época já tinham formado o costume de serem acompanhados por especialistas em cartografia, ou pelo menos em agrimensura<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Alpers, S. (1999). *A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII*. São Paulo: Universidade de São Paulo. p. 265.

<sup>20</sup> Mundy, B. E. (1996). *The mapping of new Spain: indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geograficas*. Chicago: The University of Chicago Press. p. 5.

<sup>21</sup> Fernández-Armesto, F. (2007). *Maps and Exploration in the Sixteenth and Early Seventeenth Centuries*. In Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3). Chicago: The University of Chicago Press. p. 754.

No século XV, a cartografia já havia revolucionado o mundo. Como escreve Frédéric Mauro, historiador francês, “ampliou-se a concepção do mundo e o pensamento se enriqueceu. As ideias emitidas no silêncio dos gabinetes de trabalho puderam ser postas à prova”<sup>22</sup>. Os avanços na ciência e na prática da navegação levaram, literalmente, a um Novo Mundo. As descobertas realizadas a partir do século XV aconteciam de forma tão rápida que influenciavam o imaginário europeu de uma maneira muito forte. Naquela época, muitos mitos modernos que surgiram nas explorações dos novos mundos tiveram início em realidades que foram extrapoladas.

As ciências cartográficas, apesar de buscarem a precisão e a realidade, alimentavam esses mitos. A evolução científica é normalmente vista como uma das grandes conquistas do início da modernidade, mas os mapas continuaram a exibir elementos lendários. Para os europeus modernos, muito do que hoje vemos como irreal era ainda possível: no livro *Visão do Paraíso*, Sergio Buarque de Holanda<sup>23</sup> demonstra como as criaturas, animais diferentes, humanos bárbaros, árvores e ervas singulares chamaram a atenção dos viajantes que passaram pela América. Esses levaram para a Europa o conhecimento disso tudo através da literatura de viagens e geraram um novo interesse pela leitura desses textos e pela cartografia. E a cartografia, por sua vez, tomou como fonte o que os viajantes escreveram, e tornou visual, em papel ou pergaminho, um conjunto de informações textuais e permitiu que distantes lugares do mundo fossem vistos por qualquer um.

A autora Svetlana Alpers demonstrou em sua *Arte de Descrever*<sup>24</sup> que olhar um mapa, para uma pessoa no fim do Renascimento, era olhar o próprio mundo. Não se tratava apenas de fazer uma reprodução cientificamente correta, mas de fazer um produto que fosse ao mesmo tempo um texto (no sentido de que poderia ser lido) e uma obra de arte (no sentido de que poderia ser apreciado como pintura e paisagem).

A cartografia estudada neste trabalho possui tal beleza e qualidade de produção que é difícil separá-la do conceito de arte. Como afirma Alpers, “talvez nunca tenha havido, em nenhuma época ou lugar, tamanha coincidência entre cartografar e pintar”<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> Mauro, F. (1980). *Expansão europeia (1600-1870)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 105.

<sup>23</sup> (1969). *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

<sup>24</sup> Alpers, 1999.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 241. A autora escreve especificamente sobre os Países Baixos, mas sempre sobre o século XVII. Muitos dos trabalhos analisados por Alpers são perspectivas de cidades ou cartas topográficas a descrever a região por ela estudada. Entretanto, a cartografia holandesa não só influenciou como foi também influenciada pela cartografia de nações como Inglaterra, França, Alemanha, Portugal e Espanha, que passaram a modernidade a importar e exportar mão de obra, técnicas e estilos umas das outras.

Concluindo o assunto, ela afirma que “numa época em que os mapas eram considerados um tipo de pintura, e em que as pinturas desafiavam os textos como uma maneira fundamental de compreender o mundo, a distinção [entre arte e texto] não era nítida”<sup>26</sup>.

Por fim, o Renascimento, a expansão marítima e a cartografia artística geraram consequências que apareceram quase que simultaneamente na Europa: 1) nasceu um interesse em entender a nova organização do mundo, agora em quatro partes e cheio de novidades; 2) a publicação de obras literárias que abrangiam as novas ciências modernas prepararam uma nova geração de leitores e cientistas; 3) esses leitores se dedicaram de corpo e alma a essas novidades, que mudaram a maneira como o mundo era visto então, ampliando o conhecimento geográfico e científico das sociedades europeias.

É nesse contexto que se encaixam a descoberta e a colonização da América, frutos das conquistas científicas dos séculos XV e XVI. Os belos mapas, desenhos e pinturas do Novo Mundo instigavam aqueles que estavam distantes e os supriam com detalhes curiosos de um lugar que, pouco tempo antes, nem “existia”. Para a Corte, essas fontes eram muito mais do que histórias de viagens e arte. Reis, ministros e nobres viam nessas obras a oportunidade de conhecer, mas também de exercer seu poder sobre essas regiões.

A partir de 1530, os portugueses dividiram seu território na América em capitânias. A divisão rapidamente foi retratada em mapas, que deixavam claro para qualquer leitor a quem pertencia aquela região. Isso é visto no *Roteiro de Todos os Sinais...*, de Luís Teixeira, de fins do século XVI: ele demonstra qual era o território dominado por Portugal e quem administrava cada uma dessas capitânias.

Com o tempo, cresceu o interesse europeu pela região e a colonização se intensificou. Isso se deu pelas condições favoráveis que os portugueses encontraram para desenvolver o seu império através do Atlântico. Como escreve Frédéric Mauro<sup>27</sup>.

O interesse de outras nações pela América também foi aguçado. Inglaterra, Holanda e França, além da própria Espanha, tiveram um papel relevante na região, e precisavam conhecer melhor as terras que ocupavam, as vilas e os portos do litoral, a fim de povoá-los e defendê-los melhor.

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 253.

<sup>27</sup> “O facto de o Brasil ser mais próximo de Lisboa do que o Congo, mais ao sul do que a Ocidente de Portugal, a sua costa de acesso relativamente fácil graças a um certo número de baías ou de recifes protectores, explicam em parte (...) tudo o que vai fazer a prosperidade e a adversidade da actividade portuguesa no Atlântico no século XVII”. Mauro, F. (1989). Portugal, o Brasil e o Atlântico (1570-1670) (I). Lisboa: Editorial Estampa. p. 157.

Aqui, o *Roteiro de Todos os Sinais...* foi inovador, pois é a mais antiga obra com mapas regionais de algumas das capitânicas hereditárias brasileiras. Entre eles, está o da Ilha de Duarte de Lemos, na Capitania do Espírito Santo. Os mapas de Luís Teixeira abriram as portas para os conjuntos de mapas portugueses do Brasil. De sua família vieram diversos outros cartógrafos que foram responsáveis por utilizar relatórios e textos sobre um mundo distante e transformá-los em mapas. O Espírito Santo aparece em muitas dessas obras, normalmente em manuscritos e muitas vezes pintados com cores fortes que dão a cada folha do livro o ar de uma obra de arte, sem deixar de lado as importantes características científicas do período: rosas-dos-ventos, escalas de léguas, notas de profundidade, distâncias e posições.

É nesse contexto, mais uma vez, que se encaixam os mapas que estudo adiante. Frutos o Renascimento, da redescoberta da obra de Ptolomeu, dos avanços científicos e da arte europeia. Diante disso, vi diversas oportunidades para estudar o assunto.

## A ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho apresenta a Capitania do Espírito Santo em uma série de 40 mapas, divididos em etapas cronológicas da cartografia portuguesa, assim como os capítulos desta dissertação. Os únicos mapas não comprovadamente portugueses – embora aparentemente de origem ibérica –, assim como os mapas holandeses foram incorporados de acordo com a mesma divisão cronológica.

O primeiro capítulo inicia a discussão sobre a cartografia moderna. Com o descobrimento da América, surgiu a necessidade de poder visualizar essas novas terras à distância. Para isso era necessário fazer o reconhecimento das novas terras, enviar para lá pessoas que juntariam as informações necessárias para que os mapas pudessem ser feitos. Nos primeiros anos de colonização, cronistas, viajantes e funcionários da Coroa atravessaram a América, escreveram diversos livros sobre as maravilhas do Novo Mundo e detalharam o que era mais importante para que os cartógrafos confeccionassem seus mapas.

O segundo capítulo começa apresentando o desenvolvimento da cartografia durante a União Ibérica. Nesse contexto histórico surgiu o *Roteiro de todos os Sinais...*, de Luís Teixeira, com o primeiro mapa do Espírito Santo. Nesse capítulo são analisados também dois mapas de autoria desconhecida da baía de Vitória, um presente na *Biblioteca*

*Nacional de Espanha* e outro na *Real Academia de la Historia*, ambas em Madri. Os dois parecem ter sido feitos no início do século XVII. Um deles recebe destaque por mostrar detalhes sem precedentes da capitania, como uma planta da vila de Vitória. Ali, vemos o antigo traçado da vila, as igrejas que a compunham e até detalhes do cotidiano da colonização.

Por fim, é apresentado o mais antigo mapa holandês a destacar a região. É um quadro com uma perspectiva da capitania, que está dentro de um mapa do Brasil do *Reys-Boeck van het rijcke Brasilien, rio de la Plata ende Magallanes*, uma publicação holandesa de destaque. Aqui discorro sobre a importância da cartografia holandesa no século XVII e de sua indústria da imprensa, responsável pela publicação de diversos mapas no período a pedido das demais nações europeias.

O terceiro capítulo traz os primeiros conjuntos de mapas de João Teixeira Albernaz, o Velho, um dos principais cartógrafos portugueses do século XVII. Ele foi um dos mais prolíficos cartógrafos de Portugal, autor inclusive do *Estado do Brasil*, de 1631, que tem o maior número de cartas do Brasil que se tem notícias. Além desses, apresento os mapas do *Livro da Razão do Estado do Brasil* (há três cópias suas espalhadas pelo mundo) e também o mapa do Porto do Espírito Santo presente no *Atlas Hidrográfico* de Albernaz.

No quarto capítulo, apresento os últimos mapas de Albernaz, o Velho, e discuto como eles, diferenciando-se de seus mapas anteriores, estabelecem um estilo cartográfico que foi posteriormente utilizado também por Albernaz, o Moço, seu neto. Esses mapas aparecem em duas obras diferentes: na *Descrição de todo o maritimo da terra de S. Crvz. Chamado vulgarmente o brazil*, datada de 1640, e também na *Descrição de toda a costa da Provinsia de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil*, com data de 1642.

Aqui estudo ainda o mapa da Capitania do Espírito Santo presente no atlas holandês de Johannes Vingboons (1665). Ele se encontra neste capítulo por aparentemente fazer menção aos conflitos entre Portugal e Espanha. Aproveito para discursar sobre os esforços em construir ou renovar as proteções da capitania, cujas fortificações estiveram em constante necessidade de reparos no período colonial.

No capítulo cinco, apresento os mapas da região feitos nos derradeiros anos do século XVII. Entre os portugueses há uma série de mapas feitos por João Teixeira Albernaz, o Moço: o *Livro de toda a costa da Província de Santa Cruz*, datado de 1666 e cujo conteúdo é, em muitos pontos, equivalente ao dos últimos trabalhos de Albernaz, o Moço; e os *Livros da descrição de toda a costa do (estado) do Brasil*, datados de 1670

e ca. 1675. Essas obras trazem, por assim dizer, a imagem atualizada do Espírito Santo nos Seiscentos, assinada por um dos maiores cartógrafos portugueses.

Aqui também apresento o último mapa holandês a representar o Espírito Santo no século XVII, presente no *De Grootte Nieuwe Vermeerderde Zee-Atlas ofte Water-Werelt* (1680), uma das mais importantes publicações cartográficas da Holanda seiscentista. Esse mapa foca o litoral e é o que apresenta o maior número de topônimos da região, podendo ser considerado, junto com o último livro de Albernaz, o Moço, um resumo atualizado das informações sobre a capitania.

Por fim, no último capítulo, faço uma análise final do que foi possível refletir sobre os mapas durante o trabalho, sobre o espaço cartografado, sua evolução com o passar do tempo e suas consequências para a representação do Espírito Santo, incluindo: as mudanças na forma da ilha de Vitória, o uso de toponímia na língua geral e a presença direta ou indireta dos indígenas na cartografia (assunto que ganhou destaque no desenvolvimento deste trabalho), a evolução da toponímia em cada mapa, uma análise das escalas utilizadas e uma possível genealogia para a cartografia estudada.

## CONSIDERAÇÕES

Da década de 1980 até o presente, o estudo da cartografia cresceu muito. Alguns autores sugerem que é bem possível que historiadores tenham ficado “bêbados com mapas”<sup>28</sup>. Intoxicados, valorizam demasiadamente a importância deles na História, prezando pela clareza com que eles passam certa visão ou certo pensamento, e ficando vulneráveis às inconsistências e silêncios que se tornam inconvenientes para uma análise histórica.

Eu não vejo a Cartografia Histórica desta maneira. Faço uma análise aberta e flexível ao utilizar textos, crônicas e documentos oficiais que complementam as informações cartográficas. Mais do que entender o mapa, o historiador precisa conhecer o contexto, a cultura e sociedade em que o mapa foi pensado e construído. Como escrevem Héctor Mendoza Vargas e João Carlos Garcia,

O mapa é hoje reconhecido como um produto cultural e o mapa antigo estudado no contexto da História da Ciência e da Técnica, com contributos tão diversos como os que chegam da História das Ideias, da História Cultural e das Mentalidades, da História do Pensamento Geográfico, da História de Arte,

---

<sup>28</sup> Edwards, J. (2003). *How to Read an Early Modern Map: Between the Particular and the General, the Material and the Abstract, Words and Mathematics*. p. 6.

das Ciências Documentais... Só o cruzamento de leituras diversas feitas por investigadores de diferentes nacionalidades com formações distintas, pode trazer novas conclusões e novas hipóteses sobre cada imagem e sobre o universo cartográfico<sup>29</sup>.

Assim, esse foi o meu objetivo. Os leitores encontrarão aqui um estudo base para o conhecimento da cartografia da Capitania do Espírito Santo feita no século XVII, tanto em Portugal como na Holanda, baseado em dezenas de mapas e em diversos trabalhos e estudos sobre cartografia do século XVII. Acredito que a leitura desta dissertação poderá ampliar os horizontes da historiografia capixaba, brasileira e portuguesa quanto à região estudada e abrir espaço para muitas outras perguntas que faltam ser respondidas.

Para apresentar um trabalho que sirva como base para outros historiadores e pesquisadores interessados no tema, decidi apresentar os mapas em ordem cronológica sempre que possível (alguns mapas não apresentam data, então é preciso contextualizar). A escolha pela apresentação cronológica, entretanto, pode criar alguma dificuldade na hora de fazer uma análise da representação de regiões específicas do Espírito Santo. Além disso, separa, por exemplo, os mapas holandeses em diferentes capítulos, quando poderiam ser analisados em conjunto.

Por outro lado, considero que os mapas em cronologia permitem mostrar como a representação cartográfica de todo o Espírito Santo se desenvolveu com o passar do século XVII e como se deu a expansão do espaço cartografado nesse período. Acredito que essa ampliação está diretamente ligada com o crescimento do interesse pelo Brasil, e consequentemente pelo Espírito Santo, por parte dos governos europeus. Afinal, o que aparece nos mapas nada mais é do que aquilo que seus patronos desejam ver ali.

Meu objetivo, por fim, foi estabelecer um ponto de vista que valorize esses mapas como fontes primárias em um estudo abrangente e detalhado sobre a região e o período. Espero que o leitor tenha uma boa leitura, e me mantenho receptivo a todos aqueles interessados em levar a discussão sobre esses mapas adiante, agregando conhecimento e qualidade a esse texto.

---

<sup>29</sup> Vargas, H. M. & Garcia, J. C. (2007). A história da cartografia nos países ibero-americanos. Terra Brasilis [Online], 7 - 8 - 9. Disponível em: <http://terrabilis.revues.org/235>.

# 1 DO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA AO MAPEAMENTO DO ESPÍRITO SANTO

No início da Idade Moderna, os traços que marcariam a expansão portuguesa nos dois séculos seguintes se definiram, principalmente em relação ao domínio marítimo. Se antes havia um constante interesse na conquista territorial, como se viu na Reconquista, posteriormente cresceu a importância da posse dos mares para os portugueses.

O historiador Jorge Cañizares-Esguerra acredita que os impérios ibéricos foram, nesse período, verdadeiras potências políticas e militares, muito mais impressionantes que qualquer coisa feita durante o Império Romano<sup>30</sup>.

Em um artigo onde analisa estudos ingleses recentes sobre a modernidade, o autor questiona o esquecimento da ciência ibérica no desenrolar do Renascimento por parte dos investigadores britânicos. Henrique Leitão também questiona a ausência das nações ibéricas nas narrativas do surgimento da ciência moderna: “Será que Portugal e Espanha não tiveram nada a contribuir para a modernidade científica?”<sup>31</sup>

A capacidade dos ibéricos modernos de reinventar o mundo foi percebida por eles mesmos, no momento em que tudo acontecia. Portugueses e espanhóis, assim como outros povos europeus posteriormente, parecem ter acreditado logo cedo que toda a criação de Deus tinha sido feita, de fato, para seus descobridores e seus reis, que celebravam a europeização do mundo através das tomadas de posse e da colonização<sup>32</sup>.

Aos poucos, a política expansionista marítima portuguesa foi abrindo espaço para uma política de “conhecimento, controle e consolidação do domínio das terras descobertas no ultramar”<sup>33</sup>, cuja necessidade se tornou rapidamente evidente.

Por todo o Portugal moderno, os cartógrafos e a produção de mapas foram elementos essenciais para o controle dos territórios coloniais. De acordo com Ronald Raminelli, “somente por meio de mapas e atlas, o império deixava de ser algo distante e

---

<sup>30</sup> Cañizares-Esguerra, J. (2004). Iberian Science in the Renaissance: ignored how much longer? *Perspectives on Science*, 12(1), p. 88.

<sup>31</sup> Leitão, H. (2013). Epílogo: o momento da ciência ibérica? In: Leitão, H. (coord.), *360° Ciência Descoberta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 93.

<sup>32</sup> Headley, J. M. (1997). The sixteenth-century Venetian celebration of the Earth's total habitability: the issue of the fully habitable world for Renaissance Europe. *Journal of World History*, 8(1), p. 3.

<sup>33</sup> Bueno, B. P. S. (2007). *Desenhando o Brasil: o saber cartográfico dos cosmógrafos e engenheiros militares da Colônia ao Império Roteiro Prático de cartografia da América portuguesa ao Brasil Império* (pp. 29-41). Belo Horizonte: UFMG. p. 33.



desconhecido para se tornar visível e controlável”<sup>34</sup>. A visualização dessas terras e mares distantes facilitou também as navegações posteriores, com informações recolhidas durante diversas viagens ao ultramar. Facilitou também, é claro, o controle dessas regiões. Por isso, as ciências relacionadas à navegação receberam bastante dedicação em Portugal entre os séculos XV e XVI. Para os portugueses, a definição da latitude e da longitude, ou a definição da localização através dos astros, tornou-se o que havia de mais importante nas tomadas de posse.

A medição de latitudes e longitudes era um processo tão importante que Patrícia Seed o comparou a um ritual, quando narra o procedimento de Mestre João<sup>35</sup> ao tomar a latitude pela primeira vez na América<sup>36</sup>. Seus gestos, como “erguer um objeto (o astrolábio usado na medição) em uma mão, segurá-lo à altura da cintura” eram muito precisos, e realizados sempre ao meio-dia<sup>37</sup>.

Cada nação, entretanto, tinha diferentes cerimônias de posse, e elas demoravam muito tempo para se entender e concordar nessas decisões. De acordo com Íris Kantor, após a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e das relações políticas estabelecidas então, as nações europeias começaram a exigir mais do que o pioneirismo para dominar um lugar. Nessa época, os mapas desses locais tornaram-se essenciais, porque foram se desenvolvendo até se tornarem documentos oficiais, e cada Estado passou a utilizar a cartografia para justificar seus interesses e posses de terras em diversas regiões.

O modo de se fazer mapas precisou ser renovado completamente a fim de inserir as novas terras como parte dos impérios. Para Lestringant, esse desenvolvimento cartográfico aconteceu de maneira fortuita, já que as descobertas de novos continentes poderiam ter mesmo tornado a cartografia algo obsoleto, substituído por alguma outra maneira de se estabelecer posses ao redor do mundo<sup>38</sup>. Como escreve o autor,

---

<sup>34</sup> Raminelli, R. (2008). Viagens Ultramarinas: Monarcas, vassalos e governo a distância. São Paulo: Alameda. p. 26.

<sup>35</sup> O espanhol João Farras, ou João Emeneslau, era conhecido como Mestre João. Era médico, físico e astrônomo, e estava presente na viagem de Pedro Álvares Cabral para o Brasil. De lá, no dia 28 de Abril (6 dias após a chegada na América), escreveu uma carta ao rei português afirmando a descoberta e a latitude em que encontraram o Novo Mundo.

<sup>36</sup> Seed, 1999, pp. 144-145.

<sup>37</sup> Esses procedimentos e sua precisão eram importantes para a coroa portuguesa, pois a nação utilizava essas informações para reivindicar a sua posse no Novo Mundo diante das demais nações europeias. As cerimônias de posse para os portugueses, como escreve Íris Kantor, estabeleciam “uma nova toponímia para cada nova conquista (...) invocando o princípio romano da *res nullius*: terras não ocupadas não constituíam direito de propriedade, assim como novos territórios ou ilhas deviam pertencer aos seus primeiros ocupantes”. Kantor, I. (2009). Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). Anais do Museu Paulista, 17, p. 40.

<sup>38</sup> Lestringant, 2009, p. 26.

O mapa-múndi é ao mesmo tempo a representação hiperbólica e instantânea de um império sem fronteiras e um programa concreto de ação militar que contabiliza os lugares e estende, através de um espaço orientado, o dinamismo de futuras conquistas. Na junção de uma poética inspirada e do cálculo estratégico mais realista, a cosmografia toma a metáfora e a hipérbole como figuras ativas que permitem, pela eficácia do discurso e do traço, transformar o mundo<sup>39</sup>.

Mapear era um trabalho difícil, ainda mais um império como o de algumas nações europeias nos Seiscentos. Assim, o trabalho de viajantes, engenheiros e oficiais que coletavam essas informações de diversos lugares era imprescindível. Também não era fácil, para os cartógrafos, mapear tudo à distância: eles tinham que confiar nas informações que recebiam, além de nas informações de mapas mais antigos.

A tarefa de obter as informações e de colocá-la nos mapas se desenvolveu fortemente em Portugal desde o século XV até o XVII, o que culminou não apenas no próprio desenvolvimento da cartografia, mas também no estabelecimento do seu papel como um instrumento de poder, capaz de declarar a posse e o controle sobre uma região.

## 1.1 O DESENVOLVIMENTO DA CARTOGRAFIA

Pedro Nunes, cartógrafo português do século XVI, em seu *Tratado da Esfera*, discursou sobre a cosmografia, o movimento dos corpos celestes e sobre a navegação. Foi ele que iniciou o ensino da teoria da cosmografia para pilotos e navegantes, com o objetivo de tornar os mapas mais precisos. Não só isso, “com consciência e pioneirismo”, Nunes colocou a demonstração matemática como fundamento do estudo da realidade natural, “um dos elementos fundamentais (...) no surgimento da Ciência Moderna”<sup>40</sup>.

Ele, Gaspar Viegas, Jorge Reinel foram três dos principais cartógrafos da primeira metade do século XVI em Portugal, e mapearam a costa do Brasil já em 1540<sup>41</sup>. Seus

---

<sup>39</sup> Ibid., p. 55.

<sup>40</sup> Leitão, H. (2006). *Ars e ratio: A náutica e a constituição da ciência moderna*. In: Maroto, M. I. V.; Piñeiro, E. (coords.). *La Ciencia y el Mar*. Valladolid, p.185 e 203. Nunes também escreveu, em 1537, o *Tratado da sphaera*, onde apresentou dois trabalhos originais e três traduções de textos voltados à cosmografia, incluindo a *Geografia*, de Ptolomeu, com um objetivo claramente didático de educar “nobres e fidalgos que, pouco hábeis na língua latina, precisavam de adquirir alguns conhecimentos técnico-científicos”. Leitão, H. (2013) *Pedro Nunes e a matemática do século XVI*. In Fiolhais, C.; Simões, C. Martins, D. *História da ciência luso-brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p.20.

<sup>41</sup> Alegria, M. F., Daveau, S., Garcia, J. C. & Relaño, F. (2007). *Portuguese cartography in the Renaissance*. In Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3: *Cartography in the European Renaissance Part 1*, pp. 975-1034). Chicago: The University of Chicago Press. p. 1030.

mapas foram usados nas extensas disputas diplomáticas com a Espanha e ajudaram Portugal a garantir a posse sobre as terras na América. Esses homens construíram verdadeiras dinastias de cartógrafos em Portugal. Por exemplo, a família Teixeira, contando Luís Teixeira, João Teixeira Albernaz e seu neto homônimo, foi a responsável por uma imensa quantidade de mapas manuscritos do litoral brasileiro.

Em Portugal, os cosmógrafos eram os responsáveis por administrar a cartografia produzida nos Armazéns da Guiné e Índia, instituição responsável pelo controle e produção de mapas no período moderno em Portugal. Sua função era cuidar dos mapas nas instituições do Estado.

No caso da Espanha, havia a *Casa de Contratación* e o *Consejo de Índias*, responsáveis por organizar a expansão espanhola: “ali continuamente se comunicava e se escrevia, se reunia informações em cartas náuticas ou descrições territoriais”<sup>42</sup>. Em meados do século XVI, a *Casa de Contratación* era considerada a instituição desse tipo mais avançada da Europa. Conta Barber<sup>43</sup> que um representante inglês, que conseguiu visitar a instituição espanhola em 1558, graças ao casamento de Filipe II da Espanha com Maria I da Inglaterra, ficou imensamente impressionado com o que viu. O homem teria decidido, em seguida, repetir seu funcionamento na Inglaterra, a começar pela tradução da *Arte de Navegar*, o manual de navegação e cartografia do cartógrafo espanhol Martin Cortés de Albar. Cortés de Albar.

Para Íris Kantor e João Carlos Garcia, por mais que houvesse a tentativa de controlar a circulação de informações importantes ou sigilosas, mapas portugueses das descobertas circularam pela Europa “por uma rede de actores diretamente envolvidos nos empreendimentos militares, diplomáticos, missionários e comerciais da expansão marítima”. Desde o século XVI os mapas portugueses “chegavam às cidades francesas, holandesas, alemãs ou inglesas, onde eram gravados e editados, sendo essas imagens posteriormente vendidas”<sup>44</sup>.

Cañizares-Esguerra demonstra como, nos tratados de cosmografia ibéricos, portugueses e espanhóis viam o acúmulo de conhecimento como uma virtude cavalheiresca – virtude essa que os Ingleses (que são o foco do autor, mas que não foram

---

<sup>42</sup> Brendecke, A. (2012). Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español. Madrid: Iberoamericana, p.21.

<sup>43</sup> Barber, P. (1992). England II: Monarchs, ministers, and maps, 1550-1625. In Buisseret (Ed.), Monarchs, ministers, and maps: the emergence of cartography as a tool of government in early modern Europe. Chicago: The University of Chicago Press. p. 65.

<sup>44</sup> Kantor, I.& Garcia, J. C. (2011). Comércio e consumo de mapas no Império Português, século XVIII e XIX. Paper apresentado em Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - AMPUH, São Paulo.

os únicos) desejavam e invejavam<sup>45</sup>. O conhecimento adquirido e os resultados que eles trouxeram levaram os portugueses ao auge do seu poder. Pioneiros na tecnologia necessária para as longas viagens oceânicas, passaram a reivindicar “o direito de monopolizar o acesso às regiões que não se poderiam atingir sem as técnicas que eles foram os primeiros a desenvolver”<sup>46</sup>. Suas descobertas seriam seus legítimos domínios.

A necessidade do domínio e do controle de terras fez com que os estados europeus se interessassem pela cartografia, que servia como fonte confiável de conhecimento territorial. Soberanos perceberam, com o passar dos anos, que eles precisariam ser não só consumidores, mas fornecedores desses produtos, a fim de garantir o conhecimento que precisavam para reinar.

Segundo Beatriz Bueno, cosmógrafos tornaram-se logo responsáveis por supervisionar o processo de atualização das cartas-padrão, reunindo toda a informação geográfica recolhida ao redor do mundo<sup>47</sup>. Ali, apareciam rotas marítimas, descrições de partes importantes das costas, os acidentes geográficos, baías, profundidades entre outras coisas. E para garantir que as informações fossem as mais corretas possíveis, eles também eram responsáveis por manter a qualidade dos instrumentos utilizados pelos pilotos cada vez que seus navios aportassem.

Todo o esforço de pesquisa e de produção cartográfica exigia que se trabalhasse com as técnicas mais desenvolvidas da época, e incentivava uma produção relacionada à cosmologia e à navegação, como o manual de Cortés. Esse foi, portanto, um período de grande avanço científico em busca de precisão em mapeamento<sup>48</sup>.

Cientistas leigos começaram a utilizar a cartografia no século XVII a fim de formular e explicar teorias sobre os céus e a terra. Nicolas Sanson (cartógrafo francês do século XVII) efetivamente inventou a ideia de um mapa-base com utilizado como ponto de partida para outros. Era “algo como um sistema de informação geográfica do século

---

<sup>45</sup> Como prova disso, o autor cita até a ilustração que Francis Bacon utilizou em sua afamada *Instauratio Magna*: a mesma ilustração utilizada por Andrés García de Céspedes, cartógrafo espanhol, em seu *Regimiento de Navegación* de 1606, um símbolo da ousadia e das conquistas científicas que levaram os países ibéricos aos grandes descobrimentos. Cañizares-Esguerra, 2004, pp. 92-93.

<sup>46</sup> Seed, 1999, p. 145.

<sup>47</sup> Bueno, 2007, p. 30.

<sup>48</sup> “os séculos XVIII e XIX foram descritos algumas vezes como ‘a era da cartografia científica’, mas na verdade eles ficaram marcados simplesmente pelo refinamento dos métodos cartográficos. É verdade que mais do mundo foi mapeado, de maneira mais precisa, às vezes usando instrumentos maiores e mais precisos, mas os princípios desse tipo de cartografia já haviam sido entendidos há muito tempo”. Buisseret, D. (2003). *The mapmakers' quest: depicting new worlds in Renaissance Europe*. New York: Oxford University Press. p. 184. Tradução minha.

XVI, para usar o jargão dos nossos dias”<sup>49</sup>. Entre os religiosos, em suas escolas, os jesuítas ensinaram cartografia, e nos séculos seguintes seus missionários no ultramar foram responsáveis por importantes mapas do interior da América do Sul, já que o litoral foi mapeado antes por viajantes, descobridores, pilotos e estudiosos.

Beatriz Bueno analisou as aulas de cosmografia do colégio jesuíta de Santo Antão, que oferecia uma formação bastante completa nas ciências voltadas para a navegação. O curso tinha “uma cadeira específica para o ensino das Matemáticas aplicadas à Ciência Náutica, Astronomia, Cosmografia, Geometria Prática, Geografia e Arte de Fortificar”<sup>50</sup>. Esta formação jesuítica se destinava a um público diverso, como pilotos e navegantes, cartógrafos, construtores voltados para instrumentos náuticos, além de membros da nobreza. Assim, os jesuítas portugueses, através dessa formação, forneciam para a Coroa nobres e técnicos preparados para trabalhar com agrimensura, geografia, cartografia, fortificação e arquitetura, uma evolução que acompanhava o que acontecia nos demais estados europeus.

Na virada do século XVI para o XVII, Portugal tinha se tornado um centro de conhecimento e outras nações contratavam cartógrafos portugueses para assumir essa função em toda a Europa ocidental. Essa posição de destaque viria a enfraquecer nos Seiscentos diante do crescimento das demais nações europeias, mas quando isso aconteceu, Portugal já tinha estabelecido colônias na América, na África e na Ásia, criando pontos de dominação em todo o mundo. E para manter esse domínio, eles precisariam dos mapas.

## 1.2 A TOMADA DE POSSE

A cartografia europeia tinha desígnios bastante definidos: os mapas existiam, como produtos e vetores de uma ação colonizadora. Bueno explica que eles eram

Produtos, na medida em que eram oriundos de uma conjuntura de expansão ultramarina e controle de territórios conquistados, na qual o aperfeiçoamento das técnicas de mapeamento geográfico, corográfico e topográfico era fruto de um permanente investimento por parte das Coroas europeias. Vetores

---

<sup>49</sup> “a sort of seventeenth-century geographic information system, to use the jargon of our day” Buisseret, D. (1992). *Monarchs, ministers, and maps: the emergence of cartography as a tool of government in early modern Europe*. Chicago: The University of Chicago Press, p. 118.

<sup>50</sup> Bueno, 2007, p. 34.

(veículos) das ações oficiais, na medida em que mediaram a viabilização dos principais desígnios político-estratégicos oficiais em territórios tão longínquos<sup>51</sup>.

Complementando a informação, Frank Lestringant escreve que “o modelo reduzido da cosmografia” autoriza navegadores, príncipes e diplomatas a “talhar no oceano azul, a recortar com compasso e esquadro na mão o limite das áreas de influência exclusivamente teóricas”. Ainda segundo ele, a linha de Tordesilhas seria o primeiro ato cosmográfico do Renascimento, e finaliza: “A cosmografia não se embaraça com obstáculos. À altura em que se coloca, ela apaga todo relevo e desfaz todo acidente de terreno<sup>52</sup>”.

Houve diversas maneiras utilizadas para tomar posse da América. Uma muito importante foi o uso da toponímia: muitas vezes, a simples nomeação de um lugar, transforma algo desconhecido em algo compreensível, manipulável. É um processo de apropriação e, no caso do Brasil, de reapropriação, já que os topônimos indígenas foram muitas vezes ignorados e substituídos por um novo nome, em português.

O processo de nomeação foi muito importante para o mapeamento do Novo Mundo, identificando e destacando lugares completamente desconhecidos até então. Os topônimos tinham uma presença forte na cartografia em geral, e nos mapas do Brasil não era diferente: principalmente nos primeiros anos, quando o território conhecido estava bastante limitado ao litoral, os nomes destacavam os pontos reconhecidos pelos navegantes portugueses.

A criação de topônimos teve um papel importante no movimento expansionista e na colonização europeia na América. Muitos topônimos no Brasil surgiram de um processo de hibridização de nomes: rios, morros entre outros locais importantes tiveram seus nomes antigos (aqueles definidos pelos nativos) mesclados a nomes portugueses. Assim, expressavam “conexões entre localismo e universalismo católico na era da expansão marítima europeia”<sup>53</sup>. Em alguns casos, principalmente nos primeiros anos de reconhecimento do litoral – quando o contato com o índio não era tão intenso e as línguas locais ainda não faziam parte do vocabulário dos colonos –, os portugueses criaram nomes que em nada refletiam a cultura indígena. Cada nova descoberta era batizada “segundo o

---

<sup>51</sup> Bueno, B. P. S. (2004). Decifrando mapas: sobre o conceito de território e suas vinculações com a cartografia. *Anais do Museu Paulista*, 12, p. 231.

<sup>52</sup> Lestringant, 2009, pp. 20-21.

<sup>53</sup> Kantor, 2009, pp. 42-43. Na África e na Ásia, de acordo com Íris Kantor, o contato constante – que ocorreu por muitos séculos sem necessariamente envolver elementos de dominação por parte das nações europeias – fez com que os topônimos encontrados lá se mantivessem.

calendário da Igreja, e é um primeiro passo para batizar e domar toda a terra”<sup>54</sup>. O próprio nome Espírito Santo, de acordo com o folclore capixaba, surgiu porque em 1535, ano da chegada de Vasco Fernandes Coutinho, o dia de pentecostes e a festa do espírito santo (terceira pessoa da divina trindade cristã) teriam sido celebrados pela Igreja Católica no dia 23 de maio<sup>55</sup>.

Aos poucos, a hagiografia cristã sentiu o abalo da incorporação da cultura indígena na vida dos colonos na América. O estabelecimento de vilas e aldeias, aumentando o contato com nativos simpatizantes dos portugueses, permitiu que muito da cultura nativa fosse adaptado. A partir dos Setecentos, essa influência levou portugueses a utilizarem os idiomas locais, e muitos topônimos surgiram nas línguas nativas, mesmo que dado pelos colonos.

Esse processo de renomeação de lugares na América está diretamente ligado a um processo de afirmação da monarquia portuguesa. Eduardo Quadros escreve que o conceito de território era considerado então uma “lugarização institucionalizada”<sup>56</sup>, ou seja, há uma relação entre Estado e Espaço que não pode ser esquecida, e que dita todo o processo de ocupação do Novo Mundo. Os portugueses utilizaram marcos toponímicos para garantir a posse de territórios ultramarinos, e enfrentou diversas nações europeias, principalmente a Espanha, para garantir o controle sobre seu império ultramarino. Mas esse controle era deficitário nos dois primeiros séculos da colonização do Brasil e dependia de uma série de centros de poder que se sustentavam nas periferias do império. Até o século XVIII, a Coroa dividia sua influência com esses poderes periféricos: “uma classe de burocratas havia emergido, constituindo-se como um poder alternativo ao da Coroa” e cuja a renda total excedia à das maiores casas senhoriais e bispados portugueses<sup>57</sup>. A fragmentação estava em Portugal, dividido entre importantes casas da nobreza, e também na Índia e no Brasil, onde esses burocratas criavam redes clientelares que, pela proximidade (tanto espacial quanto social, pois eram formadas a partir de grupos familiares, criados e protegidos que giravam em torno desses personagens), poderiam ser mais fortes que um rei distante.

---

<sup>54</sup> Holanda, 1969, p. 141.

<sup>55</sup> Os portugueses costumavam dar nomes a novas descobertas a partir do santo do dia, mas não há provas documentais de que isso tenha ocorrido neste caso. Além disso, “é bom lembrar que Vasco Fernandes Coutinho era de Alenquer, em Portugal, e na sua região existia, na época, uma forte devoção ao Divino Espírito Santo materializada em forma de uma igreja e três capelas, todas dedicadas ao Espírito Santo” Leal, 2008, p. 504.

<sup>56</sup> Quadros, E. G. (2008). A letra e a linha: a cartografia como fonte histórica. *Revista Mosaico*, 1(1), p. 29.

<sup>57</sup> Schwartz, S. B. (1999). Mentalidades e estruturas sociais no Brasil colonial: uma resenha coletiva. *Revista Economia e Sociedade*, 13. p.137.

António Hespanha aponta em artigo da *História de Portugal*<sup>58</sup> que até o século XIX, os mapas nacionais portugueses eram ainda falhos e demonstravam certa falta de conhecimento sobre o território nacional, e que o controle local era exercido por senhores locais, sem muita relação com a Coroa<sup>59</sup>.

As falhas no conhecimento do território eram ainda maiores no caso das colônias. Para Hespanha, a fragilidade dos aparelhos burocráticos é óbvia: não havia meios para controlar todo o império. Isso parece claro diante das distâncias globais. Por exemplo, ir e voltar da Índia, através de navegação, exigia nada menos que nove meses de viagem. Outros importantes pontos do império, como Timor e Macau, eram praticamente autônomos em relação a Portugal, por mais que oficialmente não o fossem.

Hespanha chama a situação dessas colônias de *self-government*. Em português, autogoverno. Era uma maneira ao mesmo tempo formal e informal de manter o império unido, mas distanciava as colônias umas das outras e evitava qualquer tipo de movimento separatista causado por controle excessivo. “É provável”, escreve o autor português, “que em muitas das terras portuguesas não se soubesse muito acerca do monarca e dinastias reinantes ou que, sabendo-se, este fosse grandemente irrelevante do ponto de vista da política prática local”<sup>60</sup>.

Discordo de Hespanha nesse sentido. Acredito que a Coroa portuguesa tinha formas de controle desses espaços, o que poderia não acontecer de forma direta, mas a partir dos benefícios que ela oferecia a seus súditos. Nuno Monteiro destaca uma série de ações dentro do império que dependiam diretamente da Coroa, como a nomeação para cargos e ofícios, os benefícios e mercês oferecidos a quem realizasse serviços, o poder da palavra final em questões diversas dentro do império, entre outros<sup>61</sup>. E através dessas ações era possível manter alguma ordem no império.

E como não falar da cartografia portuguesa como fonte de poder e controle sobre os territórios coloniais do Brasil? O *Livro que dá razão do Estado do Brasil* ilustra a colônia com mapas de João Teixeira Albernaz e ofereceu à Coroa o ponto de vista e as

---

<sup>58</sup> Hespanha, A. M. (2001). As estruturas políticas em Portugal na Época Moderna *História de Portugal*. Portugal: Instituto Camões. p. 127.

<sup>59</sup> Isso não acontecia apenas na Península Ibérica. No Reino Unido, a realização de levantamentos topográficos ordenados pela Coroa era vista com suspeita por aqueles que, de fato, controlavam a terra. Para eles, “a perspectiva ou vista era, ela própria, senhorial em sua pressuposição e asserção ao poder”. Alpers, 1999, pp. 286-287.

<sup>60</sup> Hespanha, 2001, p. 143.

<sup>61</sup> Monteiro, N. G. F. (2001). A consolidação da dinastia de Bragança e o apogeu do Portugal barroco: centros de poder e trajetórias sociais *História de Portugal*. São Paulo: UNESP.



informações necessárias para que decisões fossem tomadas e ações saíssem do papel na América portuguesa.

Desde os primeiros momentos, a ocupação do Brasil teve diversos objetivos: afastar outras nações europeias, dominar as regiões garantidas pela Linha de Tordesilhas, explorar o que se conhecia desse mundo, entre outros. O conhecimento do Brasil se deu de forma lenta, mas sempre com o pensamento voltado para a proteção e manutenção do território. Os primeiros séculos foram de estabelecimento e mapeamento da costa. Ao entender como se deu essa etapa, entenderemos também como o Espírito Santo se encaixa nesses acontecimentos.

### 1.3 CONHECENDO O BRASIL

Conhecida inicialmente como “Novo Mundo”, “Índias Ocidentais”, “Quarto Continente” entre outros títulos, a América foi vista, nos primeiros anos, como uma ilha. Apenas o título de “América” é que indicava, de fato, que as novas terras eram um continente – mas nos primeiros anos esse era, também, o título menos comum, e se popularizou posteriormente<sup>62</sup>. O mesmo ocorreu no caso do Brasil, que teve como primeiro nome “Ilha de Vera Cruz”, registrado na *Carta de Mestre João a D. Manuel I sobre o Cruzeiro do Sul* em 1500, com as primeiras informações do novo achado<sup>63</sup>.

Os destinos do Brasil foram os de corresponder àquilo que os portugueses tentavam encontrar desde o início da expansão: procuravam na América o que estavam acostumados a ver e a ouvir no Velho Mundo. Essa busca pelos aspectos e lugares de Portugal que os viajantes deixaram na Europa aproximou o incomum e o maravilhoso do

---

<sup>62</sup> Alegria et al., 2007, p. 1028.

<sup>63</sup> Carvalho, F. N. D. Pau-Brasil. In Albuquerque. (Ed.) (1994). Dicionário de história dos descobrimentos portugueses (Vol. 2). Lisboa: Caminho. Apesar disso, em poucos anos as novas terras passaram a ter o nome derivado do pau-brasil. A árvore era conhecida pelos indígenas como ibirapitanga, que quer dizer exatamente “árvore vermelha”, e utilizada para pintura e tingimento. Tão intensa foi a sua exploração pelos portugueses que, rapidamente, o primeiro nome da colônia, religioso (de Vera Cruz ou Santa Cruz, a cruz em que Jesus foi crucificado), foi substituído por outro, laico, marcado pela “mentalidade mercantil” de então. Há ainda outra possível origem para o nome da colônia portuguesa, menos aceita, relacionada à antiga lenda irlandesa da ilha Hy-Brazil, Breasal, ou ainda Ui Breasail. O texto medieval Navegação de São Brandão teve influência na península ibérica e narra a viagem do santo irlandês em direção ao oeste, onde teria encontrado uma ilha fantástica, que ficou denominada como Brazil. Cristóvão Colombo, por exemplo, conheceu o texto de Brandão, chegando a localizar em mapa uma “ilha de Borodon”. Além disso, o nome aparece em mapas medievais de diversas origens. Donnard, A. (2009). O outro mundo dos celtas atlânticos e a mítica Brasil, ilha dos afortunados: primeiras abordagens. Nuntius Antiquus(Ago), p. 19.

cotidiano e foi um dos elementos facilitadores da expansão portuguesa pelo mundo na modernidade.

As lendas europeias encontram no Brasil as lendas indígenas, que chegaram aos portugueses a partir de constantes relatos dos nativos. Havia uma mobilidade dos mitos entre os continentes e através do Atlântico para o Novo Mundo, assunto abordado por Sergio Buarque de Holanda em sua *Visão do Paraíso*. Os novos começaram a configurar-se e a tomar forma, pois “a simples notícia de algum continente mal sabido e que, tal como a cera, se achasse apto a receber qualquer impressão e assumir qualquer forma, suporta assim, entre muitos deles, as idealizações mais inflamadas”<sup>64</sup>.

Essas idealizações seriam compostas de mitos e lendas tanto da antiguidade quanto do período medieval, com o objetivo de validar velhas crenças, que nunca haviam sido confirmadas<sup>65</sup>. As antigas descrições feitas do paraíso terrestre se encaixavam bem nas notícias das novas terras tropicais, onde se inclui o Brasil: muitas árvores, grandes rios, altas montanhas.

Aos poucos, entretanto, esse “paraíso” precisou ser colonizado. Nos dois primeiros séculos da presença portuguesa, pouco se ocupou além do litoral, onde os portugueses construíram suas vilas. O conhecimento do interior aconteceu bem aos poucos, com a necessidade de espaço para as plantações de cana-de-açúcar e, posteriormente, para a criação de gado. Mesmo no litoral, sua presença era principalmente ao leste, entre Pernambuco e São Paulo.

Apenas a partir do século XVII é que se privilegiou a ocupação do Norte, em regiões como Ceará, Paraíba e Rio Grande. O objetivo era proteger melhor a costa do Brasil. Assim, nessa época “existiam já três fortalezas importantes que defendiam a entrada de Salvador, tendo sido já construídas fortalezas em Pernambuco, Paraíba, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santo Amaro e São Vicente”<sup>66</sup>.

Ao longo dos Seiscentos, o saldo de fortificações construídas no litoral do Brasil passou de 80. Fica claro, se contarmos ainda outros tipos de proteção preventiva (como postos de vigias), que Portugal investiu, principalmente neste século, na defesa da

---

<sup>64</sup> Holanda, 1969, p. 184.

<sup>65</sup> Ao analisar um desses mitos – o das Amazonas, que aparecem em diversos relatos europeus da América e que teriam sido narrados pelos indígenas – o pesquisador Luiz Mott concluiu que ele se formou de um amálgama entre a tradição das tradições orais de diversos grupos indígenas (de mulheres sem peitos, mulheres guerreiras, ou que viviam sem homens) e interpretado pelos europeus com base nos mitos do Velho Mundo. Mott, L. (1992). As Amazonas: um mito e algumas hipóteses. Vainfas, R. (org.). América em tempo de conquista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 33-57.

<sup>66</sup> Bethencourt, F. (1998). O complexo do Atlântico. In Bethencourt and Chaudhuri (Eds.), História da Expansão Portuguesa: Do Índico ao Atlântico (Vol. 2). Navarra: Temas e Debates. p. 323.

colônia. Segundo Rodrigo Ricupero, a própria lógica do sistema colonial seria fundamentada na defesa das terras contra os indígenas e povos europeus, e dependia do povoamento e de uma estrutura que serviria como base para a economia e administração colonial<sup>67</sup>.

Com o tamanho do Brasil, os portugueses escolheram dividi-lo em partes, donatarias, ao invés de estados, como aconteceu na América espanhola, e como seria reconhecido no Brasil posteriormente. A nomeação de Tomé de Sousa para Governador Geral em 1549 foi um importante passo para esse processo de união política, que seria concretizado com o Regimento que o Governador trouxe com ele para o Brasil para organizar a política colonial.

Estabeleceu-se, então, uma maneira de se administrar o Brasil através da escrita. Nos primeiros anos de colonização, donatários e capitães viram-se muitas vezes sozinhos nos comandos e nas decisões de suas capitânicas. Aos poucos, entre os séculos XVI e XVII, a Coroa passou a exigir mais e mais que os governadores e administradores mantivessem contato constante com a Metrópole, que deveria estar a par e participar de decisões sobre o que acontecia no Brasil.

Esse método administrativo se fortaleceu principalmente durante a União Ibérica, e continuou após 1640<sup>68</sup>. Todas as informações sobre a natureza e os diferentes povos tinham um valor para uma Coroa que estava tão distante. Após o estabelecimento da administração portuguesa no Brasil, cada carta a narrar os acontecimentos nesse Novo Mundo era importante: era preciso manter essa administração e centralizar o que fosse possível em Portugal.

Relatos cuidadosamente escritos e entregues a membros da Corte, ministros e nobres, passaram a ser retribuídos pela Coroa, que incentivava essa produção. Privilégios foram oferecidos àqueles que se dedicaram a escrever sobre o Brasil e sobre as outras colônias portuguesas, da mesma maneira em que soldados e guerreiros eram privilegiados durante os anos de conquista na África e na Índia<sup>69</sup>.

---

<sup>67</sup> Ricupero, R. (2009). A formação da elite colonial. Brasil (c.1530-c.1630). São Paulo: Alameda, p.161.

<sup>68</sup> Marília Santos escreve que “foi através da escrita que a América portuguesa pôde ser melhor conhecida pela monarquia reinante em Portugal, e, dessa forma, conectada ao vasto império luso – império de papel, não se pode nunca esquecer”. Santos, M. N. D. (2009). O império na ponta da pena: cartas e regimentos dos governadores-gerais do Brasil. Tempo, 14(27), pp. 116-117.

<sup>69</sup> Raminelli, 2008, pp. 8-9.

A política de benefícios corresponde ao que se chamou de *economia do bem comum*<sup>70</sup>: o indivíduo que realizasse um serviço importante para o Império seria recompensado por isso. O interesse nos benefícios ia muito além dos rendimentos que elas geravam, pois a influência de certos cargos administrativos poderia proporcionar vantagens aos beneficiados. Essa também era a oportunidade para plebeus tornarem-se nobres, uma vez que na colônia havia a possibilidade de ascensão que normalmente não havia na metrópole, dando “nova configuração às hierarquias sociais”<sup>71</sup>. Na base da administração, certos ofícios serviam como trampolim para outras funções de maior relevância. Colocar as pessoas certas nesses cargos era garantir o funcionamento do império.

Portugal manteve seu império unido com a administração desses privilégios oferecidos aos vassalos que agiam em seu nome. A Espanha utilizava esse mesmo processo (e na verdade, as demais nações europeias também), junto com a produção cartográfica, para criar os vínculos que garantiam a existência do império ultramarino, também durante a União Ibérica. Após a Restauração e com os conflitos com os holandeses, a distribuição de benefícios por esse tipo de serviço diminuiu na América portuguesa, dando lugar aos benefícios por serviços militares nas batalhas em territórios ultramarinos<sup>72</sup>.

Grande parte dos cronistas e autores que se dedicaram a escrever sobre o Brasil atuou durante a União das duas Coroas. Gabriel Soares, Fernão Cardim, Frei Vicente do Salvador, Padre Simão de Vasconcelos e muitos outros escreveram inúmeras páginas narrando detalhes da vida e da natureza da América portuguesa<sup>73</sup>. Esse tipo de literatura foi um dos principais serviços à Coroa em fim dos Quinhentos e início dos Seiscentos. Esses relatos falam diretamente das riquezas do Brasil: o solo era imensamente fértil, e

---

<sup>70</sup> Fragoso, J., Gouvêa, M. D. F. S. & Bicalho, M. F. (2000). Uma leitura do Brasil Colonial - bases da materialidade e da governabilidade no Império. *Revista de História e Ciências Sociais* Penélope(23), pp. 67-68.

<sup>71</sup> Ricupero, 2009, p.47.

<sup>72</sup> Raminelli, 2008, p. 10.

<sup>73</sup> Alguns deles, como Gabriel Soares de Sousa, receberam mercês de destaque. Estando em Madri após suas viagens pelo Novo Mundo, Soares de Sousa compilou suas anotações sobre a América portuguesa e entregou a um fidalgo português, que faria com que elas chegassem ao rei Filipe II. Como recompensa, obteve o cargo de Provedor da Fazenda, na Capitania da Bahia. Depois, pedindo permissão para pôr em execução uma entrada para o interior em busca de tais quais riquezas, Soares de Sousa recebeu ainda a patente de Capitão-mor e Governador da jornada que sairia da Bahia em busca das riquezas narradas por ele mesmo em seus textos. Gabriel Soares morreu durante a jornada, nos sertões da América portuguesa, sem registrar descobertas minerais. Maranhão, M. F. (2010). Duas partes do império - São Paulo e Pernambuco na dinâmica do abastecimento interno da América Portuguesa entre os anos de 1580 e 1720. *Revista Angelus Novus*, 1(Agosto).

cada capitania era tida, por muitos cronistas, como a mais fértil da colônia. As regiões se conectavam, apesar dos longos “vazios” entre cada povoação, a fim de dar certa unidade àquilo tudo, a fim de criar um Brasil que Portugal pudesse reconhecer e governar.

Todas as descrições, tanto de roteiros como em mapas, relatos, crônicas, tratados da época, entre outros, serviam como instrumentos de poder do centro sobre a periferia do império. Entendendo isso, fica clara a importância vital da cartografia: os mapas expressavam a existência tanto de um centro como das periferias, definindo a relação entre elas. A partir deles era possível “expandir fronteiras, ampliar o comércio, controlar povos e negociar com impérios rivais”<sup>74</sup>.

Não é à toa que a América será o alvo de muitos mapas feitos em Portugal no século XVI. Era preciso entender o Novo Mundo, encaixá-lo na estrutura do Velho Mundo para poder administrá-lo. Para utilizar uma expressão atual, era preciso mesmo colocar o Brasil no mapa. E foi isso que aconteceu.

Íris Kantor, ao analisar os usos diplomáticos da ilha-Brasil<sup>75</sup> – a ideia de que o Brasil seria, afinal, uma ilha, e não parte do continente americano –, comenta como Jaime Cortesão defendia que cartógrafos portugueses falseavam as representações do Brasil, a fim de fazer com que o meridiano de Tordesilhas coincidissem com fronteiras naturais na América – como a foz do rio da Prata, ou a do rio Amazonas.

A ideia de que tudo isso foi cuidadosamente idealizado é contestada. Porém, fica claro que os limites naturais da suposta ilha-Brasil dariam à colônia portuguesa fronteiras muito mais alargadas que as previstas pelo meridiano de Tordesilhas, tão difícil de ser estabelecido. O tratado era essencial para a divisão adequada de todo o império ultramarino português do império espanhol. Só que a linha que atravessaria a América gerava conflitos também do outro lado do mundo. Barbara Mundy escreve que

durante o reino de Carlos V (...), em 1529, ele concordou que uma linha de longitude adicional deveria separar os domínios de Portugal e Espanha na Ásia. O estabelecimento dessa segunda linha foi ainda mais crucial que a primeira [na América], porque enquanto a primeira significava que uma faixa da Amazônia selvagem ficaria para a Espanha ou para Portugal, a segunda carregava a promessa de prêmios como as Filipinas ou Indonésia<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> Raminelli, 2008, p. 30.

<sup>75</sup> Kantor, I. (2007). Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas. *Varia História*, 37, p. 71.

<sup>76</sup> Mundy, B. E. (1996). *The mapping of new Spain: indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geograficas*. Chicago: The University of Chicago Press, p. 14.

Havia, então, grande importância em onde passaria, na Ásia, a continuação da linha que dividia o domínio do mundo entre portugueses e espanhóis, graças às dificuldades, do ponto de vista técnico, na determinação das longitudes. A disputa, que valia o domínio sobre as importantes ilhas Molucas, foi solucionada apenas em 1529, com o Tratado de Saragoça<sup>77</sup>. Por outro lado, na América, não se disputava apenas uma floresta selvagem. A principal questão estava em quem teria a posse da foz de grandes rios, como o Amazonas e o Prata.

Frei Vicente do Salvador afirmou, na sua *História do Brasil*, que “a terra do Brasil da Coroa de Portugal começa além da ponta do rio Amazonas, da parte do Oeste”<sup>78</sup>. Dessa forma, Salvador discordava diretamente de Luís Teixeira, que assumiu um posicionamento diferente: no *Roteiro de todos os sinais...*, apesar da linha de Tordesilhas passar a oeste da foz do rio da Prata, ela passa a leste do Amazonas, deixando a foz do rio sob a posse da Espanha. Portanto, o texto do Frei pode ter interesses políticos portugueses e ser o resultado de uma busca pelo discurso certo para defender os territórios de Portugal, já que os conflitos de fronteiras entre Portugal e Espanha foram constantes no século XVI e XVII<sup>79</sup>.

A reunião de dados da colônia americana nunca foi feita de maneira fácil, e cada cartógrafo tinha o seu procedimento e as suas fontes, fazendo com que seus mapas apresentassem resultados diferentes. Localizar-se no mundo era um processo difícil. Mesmo alguns dos mais ilustres colonos não tinham o conhecimento ou equipamento necessário para se localizarem adequadamente. O padre José de Anchieta, que viveu muitos anos no Espírito Santo e ali morreu, admitia ter dificuldades em entender a movimentação dos astros<sup>80</sup>.

Sem o uso da cartografia e limitado ao litoral, o sertão brasileiro foi alvo de algumas importantes jornadas organizadas pelas nações ibéricas, mas de certo modo permaneceu desconhecido nos dois primeiros séculos de colonização, continuando como território dos indígenas por muitos anos. Isso só mudará após o descobrimento do ouro e ocupação da região que viria a ser as Minas Gerais.

---

<sup>77</sup> Conhecidas como *Ilhas das especiarias*, as Molucas eram de interesse das duas nações ibéricas, mas acabou ficando sob controle da Espanha após o tratado de 1529.

<sup>78</sup> Salvador, F. V. D. (1627). *História do Brasil*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000038.pdf>

<sup>79</sup> Guerra, A. E. S., Márcia M. Duarte. (2009). O Estado do Brasil no texto de Frei Vicente de Salvador e na Cartografia de João Teixeira Albernás. Paper apresentado em III Simpósio luso-brasileiro de cartografia histórica, Ouro Preto.

<sup>80</sup> Assunção, P. D. (2001). A terra dos Brasis: um tapete de Flandres jamais visto. *Revista Brasileira de História*, 21(40), p. 225.

Até lá, houveram vários mapas do Brasil. Porém sem conhecimento da região, como eles poderiam pintar o sertão? “A arte do cosmógrafo”, afirma Lestringant, “recorreu por necessidade a materiais díspares, muito frequentemente de humilde extração, e deixou o campo livre à astúcia inventiva do manipulador”<sup>81</sup>. Do Brasil, os cartógrafos reuniram informações de oficiais da Coroa, pilotos e viajantes. Porém, para mapear o que era desconhecido dos portugueses, foi necessário ir além e buscar conhecimento local.

Muitos autores já estudaram como os nativos americanos colaboraram direta ou indiretamente para a produção cartográfica europeia e para o preenchimento dos vazios cartográficos<sup>82</sup>. O jesuíta Simão de Vasconcelos, por exemplo, que esteve na colônia portuguesa, escreveu que os indígenas transmitiam aos colonos portugueses informações sobre o sertão do Brasil de maneira oral<sup>83</sup>.

Os mapas do Novo Mundo provavelmente seriam bem menos detalhados caso realmente não tivesse ocorrido qualquer contato entre nativos e europeus. A colaboração foi de grandes proporções e essencial para a formação dos mapas da América<sup>84</sup>. Limitados ao litoral, toda informação que os portugueses tinham do sertão vinha de relatos de nativos e das poucas jornadas dos colonos. A própria movimentação dos portugueses pelo interior da colônia acontecia através de “veredas indígenas”<sup>85</sup>, feitas de maneira rudimentar, mas utilizadas de maneira constante por diversos grupos para se locomoverem rapidamente.

As informações adquiridas dos indígenas foram tão importantes que Harley acredita que “é possível dizer que a maioria dos mapas europeus a mostrar as Américas, desde o de Juan de la Costa (ca. 1500) em diante, disfarçam um estrato escondido de conhecimento geográfico indígena”<sup>86</sup>

Este é, inclusive, um ponto essencial para a discussão sobre o conceito de vazio demográfico. O próprio Harley defende que os mapas europeus tendem a eliminar a existência dos indígenas na América: “Não é só que eles [os mapas europeus] oferecem a promessa de uma terra livre e aparentemente virgem – um espaço vazio para europeus

---

<sup>81</sup> Lestringant, 2009, p. 191.

<sup>82</sup> Para saber mais sobre cartografia indígena na América, ler *The mapping of new Spain: indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geograficas*, de Barbara Mundy.

<sup>83</sup> Kantor, 2007, p. 75.

<sup>84</sup> Harley, 2001, p. 171.

<sup>85</sup> Kok, G. (2009). Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América Portuguesa. *Anais do Museu Paulista*, 17, pp. 93-94.

<sup>86</sup> Harley, 2001, p. 171.

repartirem e ocuparem – mas que a imagem oferecida é a de uma paisagem na qual o indígena é silenciado (...)”<sup>87</sup>.

Mas será que os indígenas foram silenciados na cartografia do Brasil colonial? Muitas vezes encontramos representações de índios nos antigos mapas do continente americano, mas elas costumam diminuir o índio à figura do canibal selvagem, ou do trabalho de retirada do pau brasil. Entretanto, é impossível negar a presença dos nativos americanos na cartografia portuguesa, principalmente quando levamos em consideração o papel que eles desempenharam na aquisição de informações sobre o território e a destacada presença de topônimos indígenas no Brasil.

Este assunto será retornado nos próximos capítulos, mas é possível afirmar que, apesar da aparência de um Novo Mundo vazio, passada pelos mapas europeus em primeira observação, o indígena está presente de diversas formas na cartografia, desde as aldeias, missões e colégios jesuítas, até a toponímia.

O território americano foi conhecido principalmente através da sabedoria indígena, já que os colonos não se aventuravam pelo sertão desconhecido e os que de fato faziam isso, só faziam acompanhados de comitivas indígenas e utilizando habilidades aprendidas com eles. O conhecimento de rios, morros e de toda a topografia brasileira abriu o acesso dos portugueses a “um acervo de informações espaciais, construído pela memória e enraizado, principalmente, nos sentidos”<sup>88</sup>.

Claude Lévi-Strauss deu a esse acervo o nome de “cartografia indígena”, que era passado por tradições orais e gestuais entre as gerações. Essa cartografia foi essencial para que os colonos europeus desvendassem o interior do continente e conseguissem registrar essas informações. Esses registros detalhados foram utilizados pelos cartógrafos em seus gabinetes para dar vida à cartografia portuguesa.

No segundo século da colonização do Brasil, Portugal passou a controlar o território de outra forma, através de seus postos comerciais em terra e principalmente em suas rotas de comércio pelo Atlântico<sup>89</sup>, dando maior prioridade ao mapeamento do sertão brasileiro e diminuindo os incentivos à produção dos relatos escritos.

Os textos dos cronistas do Novo Mundo foram aos poucos sendo usados pela cartografia e sendo substituídos por ela como fontes principais da vida e da ocupação dos

---

<sup>87</sup> “It is not only that they offer a promise of free and apparently virgin land – an empty space for Europeans to partition and fill – but that the image offered is of a landscape in which the Indian is silent (...)” Ibid., p. 105.

<sup>88</sup> Lévi-Strauss, C. (1997). O pensamento selvagem (Pellegrini, Trans.). Campinas: Papirus. p. 92.

<sup>89</sup> Kantor, 2007, pp. 75-76.



territórios ultramarinos<sup>90</sup>. Os mapas se tornaram o instrumento administrativo por excelência. Nos Setecentos, eram a principal fonte de informações sobre territórios e fronteiras, exatamente porque eram o símbolo da precisão máxima das ciências de agrimensura. As Coroas estabeleceram a formação dos profissionais que se tornariam responsáveis por esse trabalho: inicialmente os cartógrafos, depois, os engenheiros reais. Eles, por sua vez, se tornaram responsáveis por desenvolver e utilizar técnicas cada vez melhores para que sua produção fosse sempre mais confiável.

Mapas eram, afinal, um resumo de todas as informações consideradas importantes ou pertinentes de um lugar específico, e era através deles que se governava o Novo Mundo e, no caso estudado aqui, a América Portuguesa. E foi com esse objetivo que os portugueses mapearam o litoral brasileiro.

#### 1.4 OCUPANDO E RECONHECENDO O ESPÍRITO SANTO

A Capitania do Espírito Santo, fundada em 1534 e doada a Vasco Fernandes Coutinho, seu primeiro donatário, esteve entre as primeiras regiões a serem doadas no Brasil. Ela fez parte do processo de reconhecimento e ocupação da costa e os entre os mais antigos mapas do Brasil estão alguns de seus principais rios e portos.

O que sabemos sobre o início da colonização é que Vasco Fernandes Coutinho chegou à capitania em maio de 1535. Vindo da pequena nobreza portuguesa, fidalgo da Casa Real e de linhagens proeminentes no império, fez sua carreira militar através de campanhas no Oriente, principalmente na Índia, e na África<sup>91</sup>. Com uma carreira bem-sucedida, Coutinho garantiu também seu sucesso social e econômico, o que lhe deu condições de aceitar e assumir a colonização da Capitania do Espírito Santo, a partir de 1534.

Antes de sua chegada, praticamente não houve reconhecimento do litoral do Espírito Santo. Alguns dos principais estudiosos capixabas se esforçaram durante o século XX para entender o que aconteceu nos primeiros anos de colonização, e foi Estilaque Ferreira dos Santos que resumiu essas pesquisas em um artigo de 2008 e apontou novas linhas de pensamento sobre o assunto.

---

<sup>90</sup> Raminelli, 2008, p. 8.

<sup>91</sup> Cunha, M. J. D. S. (2013). Vasco Fernandes Coutinho: notas históricas e genealógicas. *Dimensões*, 31, p. 108.

Ao focar o período anterior à chegada de Coutinho, Estilaque deixa claro que a armada de Pedro Álvares Cabral não passou próximo ao Espírito Santo, apesar de a região estar poucas milhas ao sul de Porto Seguro<sup>92</sup>. Ainda assim, as informações colhidas por essa primeira expedição já indicavam um imenso litoral, pelo menos para o norte. Logo em seguida, em 1501, houve a primeira expedição a se aproximar da região estudada, e dela participou o próprio Américo Vespúcio<sup>93</sup>. As cartas do genovês, entretanto, pouco comentam sobre as paradas feitas na viagem pelo litoral em direção ao sul, e nada descreve sobre o Espírito Santo. Também as viagens de reconhecimento da costa do Brasil de Cristóvão Jaques em 1504 e 1526 fizeram com que ele ao menos passasse nas proximidades do Espírito Santo.

Com essas informações, surgiram alguns dos primeiros mapas do Brasil, como os de Cantino (1502), Maggiolo (1504) e Waldseemuler (1507). Ao observar os topônimos nesses mapas, o leitor encontra um espaço entre o rio de Santa Lúcia (que historiadores reconheceram como o rio das Caravelas, na atual Bahia) e a Serra de São Tomé (atual Cabo Frio, já no Rio de Janeiro). O motivo era muito simples: a própria cartografia do Espírito Santo e os primeiros mapas do Brasil apontam uma grande área de abrolhos logo ao sul do rio das Caravelas. No meio desses bancos de areia, um conjunto de ilhas, no qual a maior recebeu o nome de Santa Bárbara, impedia a passagem dos navios, que precisavam se afastar a leste para fazer o desvio. A lenta reaproximação para o litoral teria feito com que os primeiros portugueses ali tivessem “perdido” a região ao norte do Cabo Frio<sup>94</sup>.

A segunda expedição com a participação de Américo Vespúcio foi organizada em 1503. Foi durante ela que se reconheceu o primeiro pedaço do território atual do Espírito Santo: a ilha de Santa Trindade (hoje apenas Trindade), bastante afastada do continente.

A indicação de outros descobrimentos aparece no *Livro de marinharia e Tratado da Agulha de Marear*, escrito por João de Lisboa em 1514. Neste livro, o autor relaciona alguns pontos da costa do Brasil através de suas latitudes<sup>95</sup>:

---

<sup>92</sup> Santos, E. F. D. (2008). O reconhecimento do Espírito Santo pelas expedições portuguesas antes de 1535. *Dimensões*, 20, p. 214.

<sup>93</sup> Foi inclusive nessa expedição, a primeira feita com apoio de portugueses, que Vespúcio concluiu, em suas cartas, que o Novo Mundo não tinha nada de ilha, e muito de continente. Alguns anos depois, o continente receberia o seu nome.

<sup>94</sup> “Logo ao sul dele (do Monte Pasqual-EFS), vê-se claramente um primitivo delineamento da “p. Da baleia”, com os Abrolhos ao largo (...). Segue-se um longo trecho sem toponímia, indicativo de um afastamento proposital do litoral – aconselhado depois por todos os roteiristas – de modo a ultrapassar, por fora, os perigosos parciais de Paredes e Abrolhos. Com boa margem de segurança, o contato com o litoral, isto é a aterragem, só foi feita em São Tomé (22° sul)”. Guedes apud Santos, 2008, p. 222.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 226.

Tabela 1: Topônimos descritos por João de Lisboa (1514)

Topônimo:	Latitude:
Porto Seguro	17+2/3°
O Rio de são Jorge	18°
O Rio de samta luzia	19+2/3°
A Ilha de santa bárbara	20+2/3°
Os baixos dos pargos	21°
A baya do salvador	22°
O cabo frio	25°

Em 1519 novas informações aparecem na *Suma Geografica* de Martim Fernandez de Enciso:

Desde puerto seguro al cabo que esta adelãte de golfo feroso, ay ciento e diez léguas, y v ala costa a la media partida del sur y del sudueste. Entre estos dos es la costa arracifes y baxos, que entra en la mar veinte y treinta leguas pera paçãdo los arracifes que estã cerca de tierra todos los otros baxos tienen a tres y a quatro braças de fundo. A cerca del cabo de los baxos esta el golfo de Sancto Tome y a cerca del comienzo esta el delas barrosas<sup>96</sup>.

Já o Atlas Miller, trabalho conjunto de Lopo Homem e Jorge e Pedro Reinel (1519), além dos “bayxos dos pargos”, registra ainda o “cabo de sam johã”, próximo aos Abrolhos<sup>97</sup>. Como indicado no mapa, pargos são peixes e os baixos que receberam seu nome eram uma região de pescaria desse peixe.



Mapa 1: Detalhe do mapa *Terra Brasilis*, do Atlas Miller (1519, 35x51cm e escala ca. 1:15 000 000).

<sup>96</sup> Enciso, M. F. (1948). *Suma de Geografia*, Introdução de José Ibanez Cerdáa. Madrid: Estades. p. 47.

<sup>97</sup> O baixo dos pargos ficaria localizado entre os atuais rios Itapemirim e Itabapoana, no extremo sul do Espírito Santo. Santos, 2008, p. 226.

Quinze anos depois, em 1534, Gaspar Viegas apresenta um novo mapa do Brasil com quatro diferentes topônimos na costa que viria a ser do Espírito Santo: “Costa suja”, “baixo dos parquetes”, “as ilhetas”, e “baixo do parcel”.



Mapa 2: Detalhe d’O Brasil no mapa de Gaspar Viegas (1534, 96x70cm e escala ca. 1:15 000 000).

Tanto o Atlas Miller quanto o mapa de Gaspar Viegas destacam os Abrolhos no litoral do Brasil. Isso provavelmente está relacionado às primeiras informações sobre a navegabilidade do local. O Capitão Tenente da armada portuguesa, António Lopes da Costa Almeida chamou atenção para os perigos dos Abrolhos. Segundo ele,

[Luiz Serrão] *Pimentel*, em resultado d’humra exploração feita em 1605 sobre os *Abrolhos*, diz que annunciárão que muitos rochedos , dos quaes alguns unicamente descobrem em agoas vivas, existião na direcção, do S. E., das Ilhas sobre hum espaço de perto de 30 legoas; sendo exacta esta informação, e não tendo *Roussin* explorado esta parte, não obstante o não ter notado nesta extensão de Mar rebentação alguma, aconselha com tudo, que até obter mais modernas informações sobre os *Abrolhos*, que se não deve aproximar a menos de 4 legoas ao S. E. sem a maior circunspecção<sup>98</sup>.

A expedição de Martim Afonso de Sousa, feita em 1530 e registrada no *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa passou por muitas dificuldades indo de Porto Seguro para o sul, principalmente próxima aos Abrolhos e ao litoral aqui discutido. O diário mostra que os pilotos eram obrigados a fazer um desvio de 30 léguas ao redor dos Abrolhos<sup>99</sup>. Para Estilague, isso significava desviar de toda a costa que pertenceria, alguns anos depois, ao Espírito Santo. Porém, não é exatamente isso que está escrito no diário de Pero Lopes.

<sup>98</sup> Almeida, 1846, p. 35.

<sup>99</sup> Sousa, P. L. D. (1989). *Relação da Navegação de Pêro Lopes de Sousa 1530-1532* Martim Afonso de Sousa. Biblioteca da Expansão Portuguesa, Lisboa: Publicações Alfa. pp. 99-101.

Na verdade, ele parece ter alguma noção da região, por mais que não tenham desembarcado nela. Em seu roteiro<sup>100</sup>, Pero Lopes se aproxima do Espírito Santo no final do mês de abril de 1530. Ao medir a profundidade, encontra fundo de oito braças. Ele escreve que havia muita bonança, algo que ele agradecia, já que poucos dias antes haviam passado por uma horrível tempestade. Da embarcação, ele viu praias limpas, sem arvoredos. Ao fundo, entre 60 e 70 quilômetros para o interior (10 léguas), e também mais próximo do litoral, ele viu serras muito altas e bonitas. De repente, perderam o fundo. Lançaram um esquife ao mar para buscar o melhor caminho para sua embarcação e, no dia seguinte, deram continuidade rumo ao sul, mantendo-se cerca de 15 quilômetros (2,5 léguas) de distância da terra. Na altura do Cabo de São Tomé, passaram por um parcel, bancos de areia que, ali, se estendem por cinco léguas em direção ao mar<sup>101</sup>. Avistaram mais serras altas a sudoeste, e de lá seguiram em direção ao Cabo Frio.

Portanto, Pero Lopes chegou bastante próximo do litoral, mas realmente não pisou em suas terras. Os navegantes que ali passaram nos anos seguintes continuaram tendo dificuldades em ultrapassar os abrolhos e a manter-se, de certa maneira, afastados do litoral do Espírito Santo. Isso mesmo após a chegada de Vasco Fernandes Coutinho, em 1535.

Isso afeta tanto os mapas portugueses quanto os mapas de outras nações. Por exemplo, a *Descrição moderna e bastante precisa da América* (1562), de Diego Gutierrez, então cartógrafo da casa real espanhola. Ele aponta o “cabo de los baxos” e o cabo de “São Tome”, que nos mapas do século XVII é o limite sul da Capitania do Espírito Santo.

Fora da Península Ibérica, as informações sobre o Brasil poderiam demorar ainda mais para chegar. O cartógrafo Paolo Forlani de Verona fez um mapa da América no mesmo período que Diego Gutierrez. Porém, a *Discrittione di tutto il Peru*, ignora completamente a região entre Porto Seguro e Cabo Frio. É claro que, como o foco do mapa era a região do Peru e a escala do mapa é menor que a utilizada nos mapas vistos anteriormente, podemos concluir que o cartógrafo fez uma seleção dos topônimos que achava essenciais ao seu mapa, deixando outros de fora.

---

<sup>100</sup> Sousa, P. L. D. (1839). *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brasil - em 1530 - sob a capitania-mor de Martim Affonso de Sousa*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. (Original publicado em 1530). Disponível em: [https://play.google.com/books/reader?id=F8CAAAAYAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt\\_BR&pg=GBS.PA25](https://play.google.com/books/reader?id=F8CAAAAYAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PA25).

<sup>101</sup> Este parcel aparecerá em mapas do Espírito Santo de 1640 em diante.



Mapa 3: Em cima, detalhe da *Descrição moderna e bastante precisa da América*, de Diego Gutierrez (1562, com dimensões de 83x86cm e escala ca. 1:17 500 000). Em baixo, detalhe da *Discritione di tutto il Peru*, de Paolo Forlani (ca.1562, com dimensões 52,5x36,5cm e escala ca. 1: 20 000 000).

Abraham Ortelius, um dos mais importantes cartógrafos e geógrafos do século XVI, também não escreve topônimos entre “Porto Seguro” e “Cabo Frio”. Seu mapa *Typus orbis terrarum* foi o primeiro de sua carreira, feito em 1564, e usa uma escala muito pequena, mas nele Ortelius colocou o nome das principais ilhas que ficam nas proximidades do Espírito Santo e dos Abrolhos. As ilhas e os Abrolhos formavam um conjunto perigoso para os navegantes, e aparecem com destaque em diversos mapas.

Ortelius as chama de: “Trinidad”, “Aseensão”, “Santa Maria” e “Yslas de Miriuaes”<sup>102</sup>. A última é a Ilha de Martin Vaz. No mapa, elas ficam na mesma altura dos Abrolhos.

<sup>102</sup> A primeira dessas ilhas, hoje chamada Trindade, faz parte do território do estado do Espírito Santo.





Mapa 4: Detalhe do *Typus orbis terrarum*, de Abraham Ortelius (1564, com escala ca. 1:90 000 000).

Anos depois, André Thevet, cartógrafo da Coroa francesa, fez o mapa *Quarte partie du monde* (1575). O mapa foi feito em uma época em que os franceses ocupavam o Rio de Janeiro e ali estabeleceram a França Antártica. Thevet também inseriu em seu mapa os topônimos das ilhas próximas, com a seguinte grafia: “La trinite”, “Ascension” e “Santa Marie”, além da mais afastada “Ilha de mariumbaz”.

O “Cabo de Baxes” parece ficar na mesma altura dos Abrolhos também, sendo que o primeiro é um cabo no continente e o segundo uma série de bancos de areias no mar. Entre aquele cabo e o “Cabo de Frie” não há topônimo algum.



Mapa 5: Detalhe do *Quarte partie du monde*, de Andre Thevet (1575, com dimensões de 35,2x44,9cm e escala ca. 1:50 000 000).

Alguns dos principais cartógrafos do mundo, portanto, fizeram mapas que retrataram o Brasil em meados do século XVI. Entre os destacados acima, os mapas portugueses e espanhol têm mais topônimos no litoral, inclusive na região do Espírito

Santo. Os mapas de outras nações, por terem uma escala consideravelmente menor, não demonstram topônimos na costa, mas dão destaque para as ilhas próximas.

Esse padrão não se repete no mapa *Brasilia* (1597), de Corneille Wytfliet, cuja escala é a maior entre os mapas vistos até agora. O cartógrafo holandês destacou as vilas do litoral de toda a América portuguesa e parte da espanhola. No total, são 22 espalhadas pelo litoral e pelo interior (no caso daquelas localizadas no rio Amazonas ou no Tocantins), sendo que cinco delas estão na região do Espírito Santo.

Os símbolos das vilas apresentam algumas variações. Eles têm de uma a três torres, o que afeta o tamanho do desenho e destaca o interesse do artista em diferenciar as vilas que ele representou.

No mapa, entre Porto Seguro e o Cabo Frio, no litoral, há os seguintes topônimos:

- a) Rio de Brasil
- b) Rio de São Georgio
- c) Paruipe
- d) Cricare
- e) Cabo de Baxos
- f) Spirito Sancto
- g) Tocoare
- h) Manangea
- i) Paraiba
- j) São Salvador
- k) Ylhas De Santa Barbara
- l) Baxos de Abreoio
- m) Ylha de Santa Clara

A maior parte deles são nomes de rios que desaguam no litoral da Capitania do Espírito Santo. O “Rio de Brasil” sem dúvida representa o rio das Caravelas, ao sul, o de “São Georgio” ficou depois conhecido como Peruípe. O “Paruipe” é, na verdade, o Mucuri, tido por muito tempo como a fronteira entre o Espírito Santo e Porto Seguro<sup>103</sup>. O Cricaré mantém o nome (com a adição do acento) mas é também chamado de São Mateus, nome da cidade que surgiu em sua margem ainda no período colonial. O “Spirito

---

<sup>103</sup> Paruipe ou Peruípe vem de “iperu + ‘y + -pe: no rio dos tubarões”. Já Mucuri vem de “mukury: mucuris, plantas gutífera”. Navarro, E. D. A. (2013). Dicionário de Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global. p. 588 e 592.



Sancto” parece representar a sede da capitania, mas no período colonial o nome também era dado ao rio que deságua à beira de Vitória (hoje rio Santa Maria).



Mapa 6: Detalhe do mapa *Brasilia* (1597, com dimensões de 32x38cm e escala ca. 1:10 000 000).

Wyfliet ignora que havia então duas vilas apenas na capitania: a do Espírito Santo e a de Vitória. Na virada do século XVI para o XVII, Vitória podia ter, como escreveu Gândavo, até 180 vizinhos. Angelo Alvez Carrara, autor do artigo *A população do Brasil, 1570-1700: uma revisão historiográfica*, explica que não se sabe exatamente a diferença entre morador, vizinho ou fogo, termos usados com frequência em textos dos séculos XVI e XVII. Ele aceita, baseado em outras pesquisas, o número de 4 ou 5 pessoas para o termo “vizinho”<sup>104</sup>. Se escolhermos o número de cinco pessoas por “vizinho”, o que Gândavo está dizendo é que na sede da capitania viviam até 900 pessoas.

Para Fernão Cardim, em Vitória havia mais de 150 vizinhos. Comparada a Pernambuco, que o autor declara ter mil vizinhos, ou a Baía de Todos os Santos, com mil e cem, o Espírito Santo é simplesmente pequeno. De fato, apenas Itamaracá (com 100 vizinhos) e o Rio de Janeiro (com 140 vizinhos) eram então menores – Entre as capitanias próximas, Gândavo cita ainda Ilhéus, com 200 vizinhos, Porto Seguro com 220, e São Vicente com 500<sup>105</sup>.

<sup>104</sup> Carrara, A. A. (2014). A população do Brasil, 1570-1700: uma revisão historiográfica. Revista Tempo, 20.

<sup>105</sup> Gândavo, 1570, p. 7.

De acordo com a historiografia capixaba, no início do século XVII, a sede da capitania estava estruturada. “As culturas principais eram, além da cana, de que se faziam açúcar e aguardente, algodão, arroz e tabaco. Vitória contava cerca de 700 habitantes e tinha já boas casas de negócio; tinha colégio e conventos...”<sup>106</sup>. Além disso, possuía quatro ou cinco engenhos e, “sem contar o estanco do pau-brasil, os dízimos no Espírito Santo produziam Rs 353\$120. Quantias menores eram arrecadadas em Sergipe, Ilhéus e Porto Seguro. O total no Brasil não ia além de Rs 42:000\$000”<sup>107</sup>.

Carrara resume em uma tabela as informações sobre a população de diversas capitanias no final do século XVI, onde “a: total de fogos (ou, mais comumente nas fontes, “vizinhos”) de portugueses; b: total de escravos africanos; c: total de índios cristãos”<sup>108</sup>:

---

<sup>106</sup> Oliveira, 2008, p. 126.

<sup>107</sup> *Ibid.*, p. 103.

<sup>108</sup> Sobre as fontes utilizadas para compor a tabela, o autor escreve: “para 1570: Pero de Magalhães Gândavo, *Tratado da terra do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980, capítulos 1 a 9; 2) para 1583: Fernão Cardim, “Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica”, In: Fernão Cardim, *Tratados da terra e da gente do Brasil*, Rio de Janeiro, J. Leite, 1925, p. 279-415: “terá a cidade [da Bahia] com seu termo passante de três mil vizinhos portugueses, oito mil índios cristãos, e três ou quatro mil escravos de Guiné”; “a vila de Nossa Senhora da Vitória [do Espírito Santo] terá mais de 150 vizinhos com seu vigário”; “a cidade [do Rio de Janeiro] tem 150 vizinhos com seu vigário e muita escravaria da terra”; a população portuguesa da capitania de São Vicente se distribuía pelas vilas de Piratininga (“120 vizinhos com sua escravaria da terra” [p. 356]; “120 vizinhos ou mais” [p. 359]); São Vicente, com 80; Santos, 80, e Itanhaém, 50; 3) para 1585: José de Anchieta (Padre), “Informação da Província do Brasil para nosso padre, 1585”, In: \_\_\_\_\_, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre José de Anchieta, S. J. (1554–1594)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933, p. 409-447. Esse documento corresponde à tradução do manuscrito em língua espanhola e letra contemporânea do século XVI pertencente à Biblioteca de Évora, publicada por Capistrano de Abreu — José de Anchieta, *Informações e fragmentos históricos do padre Joseph de Anchieta, S.J. (1584–1586)* [Pref. de João Capistrano de Abreu], Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886, p. VII e nota na p. 55-56 (Cartas jesuíticas; Folha de rosto adicional: “Materiaes e achegas para a Historia e Geographia do Brasil publicadas por ordem do Ministerio da Fazenda. n. 1, julho de 1886”). Capistrano sustenta aí a autoria de Anchieta e a data — 1585, bem como discute a patente semelhança de vários trechos da Informação de Anchieta com a Narrativa epistolar de Fernão Cardim; o total da capitania de Pernambuco equivale à soma dos habitantes de Olinda (“1.000 vizinhos com sua comarca de portugueses, com seu vigário e outros clérigos seculares”) e Igarapé (“110 vizinhos de brancos com seu vigário”); sobre Salvador, anotou não ser “muito grande porque a maior parte da gente vive fora em seus engenhos e fazendas; terá em toda sua comarca quase 2.000 vizinhos portugueses, dos quais haverá 10.000 ou 12.000 pessoas e para seu serviço dos engenhos e mais fazendas [isto é, criados]; tem até 3.000 escravos da Guiné e de índios cristãos da terra cerca de 8.000 entre escravos e livres”; a população da capitania de Porto Seguro se distribuía por duas vilas: Santa Cruz, com 50 vizinhos, e Porto Seguro, com 50; Espírito Santo: 150 vizinhos; a população portuguesa da capitania de São Vicente se distribuía pelas vilas de São Vicente (50 fogos), Santos (100), Itanhaém (30 “vizinhos de brancos”) e Piratininga (120 fogos); 4) para ca. 1590: Francisco Soares, *Coisas notáveis do Brasil*, vol. 1, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1966, p. 11. Originalmente publicado em arquivo bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra (título atual: *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*), vol. 4, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1904, bem como na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 2, 1923, p. 367-421. Nota: Harold Johnson dá um total de 12 mil pessoas para Pernambuco em 1585 e atribui a cada fogo o total de seis indivíduos. Harold Johnson, “The Portuguese settlement of Brazil, 1500–1580”, In: Leslie Bethell, *Cambridge History of Latin America*, vol. 1, Cambridge, Cambridge University Press, 1984, p. 279.” Carrara, 2014, p. 7.

Tabela 2: População do Brasil em fogos, 1570-1590

Capitanias	1570	1583			1585			ca. 1590		
		A	B	C	A	B	C	A	B	C
Itamaracá	100	-	-	-	50	-	-	50	250	-
Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	150	400	-
Pernambuco	1000	1000	0	2000	1110	10000	2000	2000	18000	2000
Bahia	1100	2000	2500	8000	2000	3000	8000	1500	18000	3600
Ilhéus	200	150	-	-	150	-	-	300	400	2000
Porto Seguro	220	40	-	-	150	-	-	290	3000	3000
Espírito Santo	180	150	-	-	150	-	4500	400	700	9000
São Vicente	500	330	-	-	300	-	-	600	800	6000
Vizinhos	3440	4820	3500	10000	4010	13000	17500	5610	42250	28600

Já Jorge Couto oferece outra visão, que adapto para o mesmo formato de Carrara, utilizando a mesma legenda *a*, *b* e *c*.

Tabela 3: População do Brasil em habitantes, 1546-1590

Capitanias	c.1546			c.1570			1585			1590		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
Paraíba										825	400	
Itamaracá				550			275			495	250	
Pernambuco	3025		500	5500			8000	10000	2000	11000	18000	2000
Bahia	1100		260	6050			11000	3000	8000	8250	18000	3600
Ilhéus	330		300	1100			825			1650	400	2000
Porto Seguro				1210			550			1595	3000	3000
Espírito Santo				1100			825		4500	2200	700	9000
Rio de Janeiro				770			825		3000	1540	700	3000
São Vicente / Santo Amaro	3300		500	2750			1650			3300	800	6000

Os demais símbolos do mapa de Wytfliet marcam a presença europeia em diferentes formas, como no caso das missões jesuítas. Das duas vilas, apenas uma aparece no mapa, o que mostra a limitação das informações disponíveis ao cartógrafo.

Sobre os demais rios do mapa:

- Tocoare: refere-se a Guarapari, que era também o nome do rio que desaguava ao lado da aldeia jesuíta.
- Manangea: nome antigo do rio Itabapoana.
- Paraíba: hoje o rio Paraíba do Sul,
- Bahia de São Salvador: região de Campos, hoje no Rio de Janeiro.

Próximo aos nomes “Paruipe”, “Cricare”, “Spirito Sancto”, “Tocoare” e “Manangea” foram desenhados os símbolos de vilas. O maior desses símbolos no mapa,

com três torres, demarca a sede da capitania. Dois símbolos menores, com duas torres cada, aparecem em Tocorae (“Guarapari”) e “Manangea” (Itabapoana).

É possível perceber que os portugueses se limitavam à costa do Brasil no primeiro século de colonização. O Espírito Santo não foi diferente das outras capitanias, como mostra o mapa de Wytfliet. Essas “vilas” do mapa foram alguns dos primeiros lugares a serem habitados na região e serviram de base, nos anos seguintes, para o reconhecimento do território.

Apenas com o estabelecimento do donatário na capitania deu-se continuidade ao reconhecimento da região por mar e também por terra, mas rapidamente tornou-se clara a necessidade de mais homens para a realização desse trabalho. A Capitania do Espírito Santo passou por sérias dificuldades, em seu início, para desenvolver uma povoação sustentável devido à falta de colonos e os conflitos com os indígenas<sup>109</sup>. Ainda assim, as primeiras expedições realizadas em direção ao desconhecido interior da capitania aconteceram no ano de chegada, 1535. Em uma viagem que levou Vasco Coutinho e seus companheiros para o norte, os colonos teriam chegado à região em que posteriormente estabeleceu-se uma missão jesuítica – onde hoje se encontra a cidade da Serra<sup>110</sup>.

Muito pouco se sabe sobre essas primeiras expedições. As viagens para o sertão eram controladas pelo governo, que as permitia com o interesse de conhecer e descobrir o Brasil. Em documento de 8 de março de 1553, Pero de Pina, feitor da Capitania de Porto Seguro, recebeu um mandato para dar a Francisco de Oliveira, feitor e almoxarife do Espírito Santo o “resgate” para que Manuel Ramalho pudesse ir ao sertão<sup>111</sup>.

O mandado vinha diretamente do Governador Geral, que também financiava outro sertanista de Porto Seguro que partia para o interior. De acordo com Sergio Buarque de Holanda, os sertanistas que partiam de Porto Seguro a mando do governo geral eram comumente obrigados a utilizar o rio Doce para fazer suas entradas ou mesmo, mais ao sul, os rios Itapemirim e Benevente, também no Espírito Santo.

---

<sup>109</sup> “Poucos anos após a doação das capitanias e o estabelecimento de alguns povoados lusitanos, diversos donatários, inclusive o do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, enfrentaram problemas como os ataques indígenas e a desordem financeira, com clamores à Metrópole por ações que remediassem o perigo de perda de seu território para outras monarquias e para os ataques indígenas”. Fácchio, N. B. & Costa, H. a. V. (2013). A historicidade do indígena na Capitania do Espírito Santo: a construção da desumanização e a invisibilidade do outro. *Dimensões*, 31, p. 5.

<sup>110</sup> Daemon, B. C. (2010). *Província do Espírito Santo: sua descoberta, historia, chronologia, synopsis e estatistica* (2 ed. Coleção Canaã, Vol.). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. p. 112.

<sup>111</sup> Biblioteca Nacional. (1929). *Documentos Históricos: 1551-1625 - Mandados, Provisões, Doações* (Documentos Históricos, Vol. XIV). Rio de Janeiro: Typographia Monroe. pp. 305-306.

O rio São Francisco, no século XVI, era considerado intransponível, não por suas características físicas, mas porque os índios tornavam as viagens impossíveis. O sertão próximo à Capitania do Espírito Santo, incluindo áreas de Porto Seguro, ao norte, e Cabo Frio, ao sul, também ficou conhecido pela presença de nativos especialmente desfavoráveis à presença dos portugueses. Entre o norte de Ilhéus e o Cricaré, segundo Jorge Couto, viviam tupiniquins (do tronco Tupi) que estavam em constante conflito territorial com os aimorés, ou botocudos (do tronco Macro-jê)<sup>112</sup>. Já os goitacazes (também do Macro-jê) viveriam na costa entre o Cricaré e o Cabo de São Tomé, quase todo o litoral do Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro. Também nessa região viveriam os temiminós e os tamoios.

Os tupiniquins, para os autores da época, eram pouco tementes a deus, tinham “boa estatura” e “razoável aparência”, e suas mulheres se pintavam com várias cores, e usavam uma fita no cabelo, feita de casca de árvore<sup>113</sup>. Sua pele seria baça, ou seja, sem brilho, e eles seriam bons pescadores, caçadores e marinheiros, além de muito bons na guerra<sup>114</sup>. Teriam ocupado boa parte do litoral leste do Brasil, mas já estavam em menor número, após a chegada dos portugueses, fugindo de grupos inimigos, principalmente os aimorés. Após os primeiros anos de conflito, os tupiniquins teriam feito as pazes com os portugueses nas regiões de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo.

Os temiminós seriam descendentes dos tamoios, de quem eram rivais. Para Knivet, que acompanhou uma comitiva de Martim de Sá, os temiminós eram fortes e bem protegidos, enfrentando os portugueses enquanto podiam:

várias vezes os temiminós nos atacaram com tanta violência que tememos todos morrer ali, de modo que fomos forçados a ficar debaixo de um passadiço feito de pedra, barro e troncos enquanto aguardávamos ajuda vinda do Espírito Santo. Os índios temiminós subiam nos muros da aldeia todos cobertos de penas e com os corpos pintados de preto e vermelho, muito feios de se ver, segurando algo como rodas feitas de penas que eles incendiavam e sacudiam sobre as cabeças, gritando para os portugueses: “*Lovae eyave pomombana*”, que quer dizer “É desta forma que vocês serão consumidos”. Depois que

---

<sup>112</sup> Couto, 1998, p. 59.

<sup>113</sup> Knivet, A. (2008). As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet: memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1625), p.19.

<sup>114</sup> Sousa, G. S. D. (1851). Tratado Descritivo do Brasil (3ª ed.). Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional. (Original publicado em 1587), pp.87-88. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>.

chegaram os reforços do Espírito Santo eles começaram a ficar com medo e a fugir da aldeia<sup>115</sup>.

O assunto termina, na citação acima, com a lembrança de que estes naturais da terra eram poderosos, derrotavam tubarões com as próprias mãos e com os dentes deles preparavam flechas envenenadas, com as quais matavam todas as grandes feras da América.

Os tamoiós seriam índios grandes, robustos, que furavam os beiços, onde colocavam pontas de ossos<sup>116</sup>. Eram tidos como bons caçadores e mergulhadores, e muito belicosos, aproximando-se dos franceses quando estes ocuparam a região.

Frei Vicente do Salvador escreveu sobre “aitacazes”, índios que impressionavam os portugueses – ou pelo menos os jesuítas – por seus costumes diferentes e sua força:

No districto desta terra [Paraíba] e capitania cai a terra dos Aitacazes, que é toda baixa e alagada, onde estes gentios vivem mais á maneira de homens marinhos que terrestres. E assim nunca se puderam conquistar<sup>117</sup>.

Salvador comenta a dificuldade que os portugueses tinham em enfrentar os habitantes da terra. Esta dificuldade também aparece em outros textos. O grupo indígena com o qual os portugueses mais tiveram divergências e dificuldades em enfrentar foi o dos aimorés. De acordo com Gândavo, eles tinham a pele mais clara e eram mais altos que os demais indígenas. Os homens usariam longos arcos e as mulheres um tipo de maça, e com essas armas combatiam os portugueses e grupos inimigos<sup>118</sup>. Viveriam na floresta, sem fazer aldeias ou casas, homens e mulheres seriam tosquiados e não seriam bons nadadores<sup>119</sup>.

Jacome Monteiro escreveu sobre eles já no século XVII em sua *Relação da Província do Brasil*. Segundo ele, era uma “gente selvagem, que tinha posto em grande

---

<sup>115</sup> Ibid., p. 88.

<sup>116</sup> Sousa, 1587/1851, 109-110.

<sup>117</sup> Salvador, 1627, p. 93. A citação continua, e se assemelha ao que Knivet escreveu sobre os temiminós, quando fala sobre a maneira que enfrentavam tubarões: “, posto que a isso foram algumas vezes do Espirito-Santo e Rio de Janeiro, porque, quando se ha de vir ás mãos com elles, mettemse dentro das lagoas, onde não ha entral-o a pé nem a cavallo. São grandes búzios e nadadores e a braços tomam o peixe ainda que sejam tubarões, pera os quais levam em uma mão um páu de palmo pouco mais ou menos, que lhes mettem na bocca direito e, como o tubarão fique com a bocca aberta, que a não pode cerrar com o páu, com a outra mão lhe tiram por ella as entranhas, e com ellas a vida, e o levam perai a terra, não tanto pera os comerem como pera dos dentes fazerem as pontas das suas frechas, que são peçonhentas e mortíferas, e pera provarem forças e ligeireza, como também dizem que as provam com os veados nas campinas, tomando-os a cosso, e ainda com os tigres e onças e outros feros animaes”.

<sup>118</sup> Gândavo, P. D. M. (1575). *História da Província de Santa Cruz*: NEAD: UNAMA, pp.34-35.

<sup>119</sup> Sousa, 1851/1587, pp. 79-80.

aperto a terra destas partes, por serem mui fortes e mui manhosos em armar ciladas”<sup>120</sup>. Os conflitos começaram nos primeiros anos da presença portuguesa. “Com a criação das capitanias de Ilhéus e Porto Seguro, foi tentado o apresamento dos aimorés para substituir a mão-de-obra tupiniquim que, em Ilhéus, tornara-se escassa depois de uma epidemia de varíola seguida de revolta, em 1550”<sup>121</sup>.

Os conflitos com os botocudos continuaram, mas alguns textos do período dão a entender que os jesuítas foram bem-sucedidos, pelo menos em parte, e ficaram conhecidos por terem feito os primeiros acordos pacíficos com esse grupo até então temido pelos portugueses, iniciando sua catequese e intermediando a paz entre eles e os moradores da capitania.

À época, o mesmo grupo deixava aterrorizados os colonos no Brasil. É inegável que houve conflitos armados e bastante violentos entre ambos os povos. Principalmente pelo interesse português em escravizar o indígena e utilizá-lo para trabalho nas vilas e fazendas. Apesar de a escravidão indígena ter se iniciado e encerrado no século XVI, “lançou-se mão de várias formas de coerção, bem depois dessa época, para se obter o trabalho indígena”<sup>122</sup>.

Também houve relações de reciprocidade, e os índios rapidamente estavam presentes de todas as formas na vida da colônia. Por exemplo, os portugueses dependiam deles para a proteção das vilas e aldeias da Capitania do Espírito Santo. “Os indígenas aliados aos portugueses representavam significativa parcela, quando não a grande maioria, dos responsáveis pela manutenção de pontos habitados”, afirma Ricardo de Oliveira, “sobretudo daqueles raros que iam se distanciando do litoral”<sup>123</sup>.

Jorge Couto faz uma estimativa da população ameríndia no território da América portuguesa em 1500<sup>124</sup>, da qual faço uma adaptação abaixo.

---

<sup>120</sup> Monteiro, 1610/1945, p. 147.

<sup>121</sup> Moreira Losada, V. M. (2001). A produção histórica dos "vazios demográficos": guerra e chacinas no vale do rio Doce (1800-1830). Revista do Departamento de História da UFES, 9, p. 109.

<sup>122</sup> Schwartz, S. B. (1988). Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, p.40.

<sup>123</sup> Oliveira, 2014, p. 221.

<sup>124</sup> Ibid., p. 63.

Tabela 4: Estimativa da população ameríndia no Brasil em 1500

<b>Região:</b>	<b>População:</b>
Estado de São Paulo	146.000 (6%)
Guanabara e Rio de Janeiro	97.000 (4%)
Espírito Santo e Ilhéus	160.000 (6,6%)
Bahia	149.000 (6,1%)
Brasil	2.431.000

Baseando-me nas informações anteriores sobre a região habitada pelos índios que viviam no Espírito Santo, criei um esquema para entendermos melhor sua distribuição pela capitania.

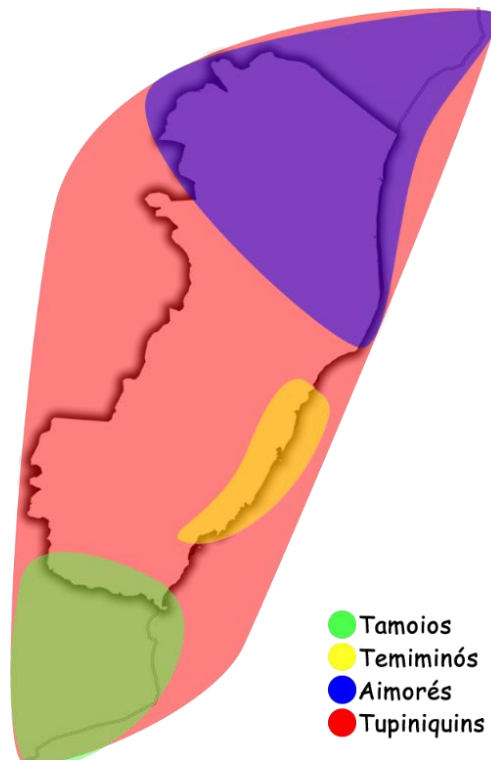


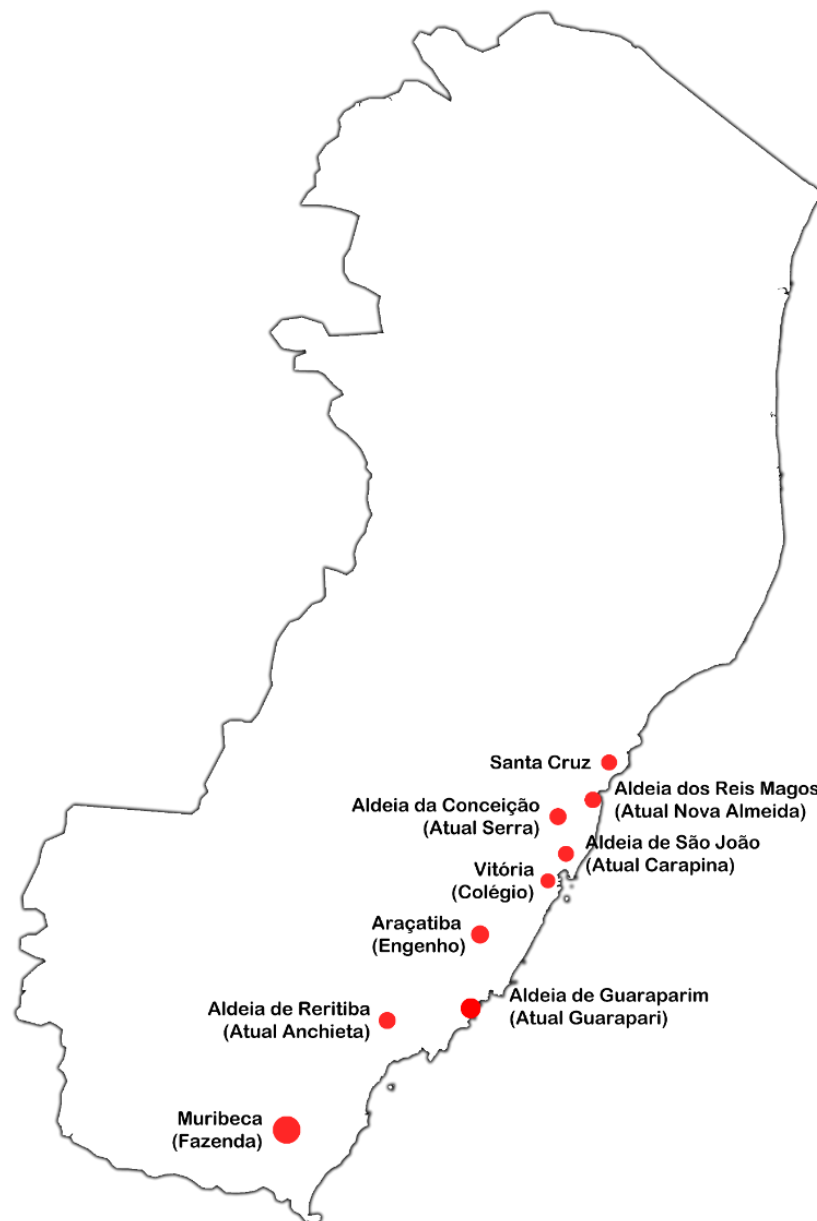
Figura 1: Os principais grupos indígenas do Espírito Santo no século XVII.

As aldeias e missões dos jesuítas, sempre muito próximas ao litoral, formaram o que seria a base para o povoamento de toda a capitania. Somando todos os índios das missões, Anchieta conta 4.500 no Espírito Santo, número que deve ser comparado com os 1000



habitantes brancos da vila de Vitória no século XVI<sup>125</sup>. O autor chama atenção ainda, em mais um exemplo de demonstração de todo o trabalho que se podia fazer neste Novo Mundo, para o fato de que nesta região haviam mais índios a se converter à fé cristã que em qualquer outra.

De maneira muito conveniente, o jesuíta Serafim Leite, autor da importante série de livros *História da Companhia de Jesus no Brasil* publicada na década de 1940, fez um pequeno mapa apontando a localização dos jesuítas no Espírito Santo colonial, exibido abaixo.



Mapa 7: Os Jesuítas no Espírito Santo (1551-1760) adaptado de Serafim Leite.

<sup>125</sup> Carrara, 2014, p. 3. Ver ainda capítulo anterior.

O mapa nos ajuda a visualizar o fato de que parece não haver presença religiosa na região norte do Espírito Santo. Isso se dá exatamente pela dificuldade que os portugueses encontraram em lidar com os botocudos, que habitavam a região, impedindo o estabelecimento de vilas e aldeias nesse período.

Sobre a aldeia da Conceição, ela foi fundada graças à aliança que se estabeleceu entre o primeiro donatário, Vasco Coutinho, e um índio temiminó chamado *Maracaiaguaçu*. Com a chegada dos colonizadores na região, os tamoios, também chamados tupinambás, se fortaleceram e fizeram uma guerra contra os temiminós, expulsando-os em direção ao Espírito Santo. Em uma carta escrita no Espírito Santo em 1555, o padre Luiz da Grã diz que

chegou aqui um principal, que chamam *Maracaiaguaçu*, que quer dizer *Gato Grande*, que é mui conhecido dos cristãos e mui temido entre os gentios e o mais aparentado entre eles. Este vivia no Rio de Janeiro e há muitos anos que tem guerra com os Tamóios, e, tendo dantes muitas vitórias deles, por derradeiro vieram-no pôr em tanto aperto, com cercas que puseram sobre a sua Aldeia e dos seus, que foi constringido a mandar um filho seu, a esta Capitania, a pedir que lhe mandassem embarcação pera se vir pelo aperto grande em que estava, porque ele e sua mulher e seus filhos e os mais dos seus se queriam fazer cristãos. (...) Tirou Vasco Fernandes Coutinho sobre isso testemunhas e mandou 4 navios, pera que fossem seguros dos Franceses, que sempre há naquele Rio, e que lhe dessem todo favor, com artilharia e mantimento que levaram, mas que não os trouxessem se não estivessem em extrema necessidade (...) Estes fazem sua aldeia apegada com esta vila [de Vitória]<sup>126</sup>.

Próximo a Vitória, então, Coutinho abrigou Maracaiaguaçu e sua tribo, e o líder indígena foi apadrinhado por Duarte de Lemos. O grupo foi alocado a pouca distância de Vitória, ao norte, onde hoje se encontra a cidade da Serra. Ali formaram sua aldeia sob o acompanhamento dos jesuítas. Luís Cláudio Ribeiro e colegas escrevem que:

Embora haja indícios de que [Maracaiaguaçu] tenha voltado ao seu local de origem, o tempo permanecido com sua tribo na capitania foi suficiente para que se fortalecessem as alianças com os locais, especialmente com Coutinho, e contribuísse para ampliar as conquistas portuguesas a despeito do processo de aculturação comandado pelos jesuítas praticamente ter dizimado sua cultura<sup>127</sup>.

Reunidos na aldeia da Conceição, os temiminós passaram a habitar no Espírito Santo sob os olhos dos portugueses. Ali, ajudaram a defender a capitania contra outras

---

<sup>126</sup> Leite, S. (1940). *Novas cartas jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)* (Brasiliana, Vol. 194). São Paulo: Companhia Editora Nacional.

<sup>127</sup> Ribeiro et al., 2013, p. 45.

nações, através de alianças que mantiveram certo equilíbrio entre os nativos e os portugueses<sup>128</sup>.

Ao sul de Vitória, havia a aldeia de Reritiba<sup>129</sup>, desde meados do século XVI. Ela estava entre as principais aldeias dos jesuítas na capitania seiscentista. Ali, também, em 1631, morreu o jesuíta Jerônimo Rodrigues<sup>130</sup>, cujo conjunto de relatos do período colonial está entre os mais importantes. Sobre ela, Jácome Monteiro escreveu:

Dos Gaitacazes à Capitania do Espírito Santo vão trinta leguas, no meio das quais está um rio chamado Reritibe, na lingua da terra rio de Ostras, por haver ali muitas e boas. (...) Junta a este rio está uma aldeia de gentio, que temos a nosso cargo, e terá perto de três mil almas, aonde nos fizemos mil festas por mar e por terra, já a seu modo, já à portuguesa (...) Neste rio de Reritiba, cinco leguas ao Norte, está outro porto, chamado Guaraparim, que quer dizer guará manco. Aqui temos outra Aldeia<sup>131</sup>.

Os holandeses tinham interesse em acordos comerciais naquela região, com os padres. Frei Vicente escreve sobre “urcas flamengas” que partiam de Portugal para buscar produtos no Brasil. No Espírito Santo, um dos capitães teria encomendado uma carga de pau-brasil na aldeia de Reritiba, “onde há muito e tem bom porto”<sup>132</sup>. Ao retornarem no ano seguinte, já não foram bem recebidos. Esta história também é longa, mas, resumidamente, o contato foi proibido por prejudicar o comércio dos portugueses. Isso não apaga o valor da informação, que aponta a aldeia não só grande em tamanho, mas também em riquezas, que a cercavam. Sua ausência nos mapas é, por isso, ainda mais intrigante.

A Companhia de Jesus também tinha fazendas em diferentes áreas do Espírito Santo. Como ela não gerava riquezas e não conseguia se manter apenas com as esmolas da população, passaram a explorar a “terra obtida por meio de sesmarias”<sup>133</sup>. No extremo sul da capitania, havia a fazenda de Muribeca, então muito importante. Ficava próxima

---

<sup>128</sup> Ângela Domingues afirma que os ameríndios buscavam essas alianças, seja com os portugueses, seja com outros europeus, a fim de conseguir benefícios que fizessem a diferença em suas guerras internas. Domingues, Â. (1992). *Monarcas, ministros e cientistas: mecanismos de poder, governação e informação no Brasil colonial*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar.

<sup>129</sup> Reritiba passou depois a se chamar Benevente, mas hoje é a cidade de Anchieta. Foi ali que passou os últimos dias, e onde veio a morrer, o padre jesuíta José de Anchieta, que foi considerado santo pela Igreja Católica durante a composição desta dissertação.

<sup>130</sup> Leite, 1940, p. 196.

<sup>131</sup> Monteiro, 1610/1945, p. 400.

<sup>132</sup> Salvador, 1627, pp. 119-120.

<sup>133</sup> Cunha, M. J. D. S. (2015). *Os Jesuítas no Espírito Santo 1549-1759: contactos confrontos e encontros*. 2015. (Tese de Doutorado), Universidade de Évora, Évora. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/14128>. p. 264.

ao rio Manangea, ou Managé (Itabapoana)<sup>134</sup>. Ela aparece no mapa *Brasilia*, de Corneille Wytfliet, já citado, mas não é encontrada nos mapas portugueses específicos da capitania.

Segundo Maria José dos Santos Cunha, no final do século XVII Muribeca tinha “uma grande casa e igreja e 1639 cabeças de gado” cuja carne abastecia o colégio de Santiago, além de “animais de tração para as lavouras” e “um tanque de criação de peixes, cujo pescado salgado era encaminhado para Vitória”<sup>135</sup>. Sobre ela também escreve Oliveira:

fazenda de criação de gado, foi célebre e rica propriedade dos jesuítas. Chegou a ter quase duas mil cabeças de gado *vacum* e mais de duas centenas do cavalari. A exemplo do que fizeram em outras regiões, os padres construíram ali “obras de drenagem e saneamento, canais por onde se escoassem as águas” das inundações, além de grande casa, igreja e um espaçoso pesqueiro no rio<sup>136</sup>.

Sobre as aldeias citadas, Serafim Leite escreve algumas linhas:

(...) duas se tornaram famosas pela continuidade do seu regime administrativo, Reritiba e Reis Magos. Mas ainda em 1619 eram de visita a Aldeia da Conceição, a de S. João e a de Santa Maria de Guarapari, também da Conceição, em local porém diverso daquela do mesmo nome<sup>137</sup>.

A presença dos jesuítas pelo litoral do Espírito Santo corresponde com o interesse português de reconhecer o povoar a colônia. No litoral, foram fundadas aldeias, fazendas, vilas, engenhos e mais. Essa presença permitiu que o reconhecimento do território da Capitania do Espírito Santo fosse registrado, principalmente no século XVII, nos textos dos cronistas portugueses.

Neles, um comentário muito comum é sobre a fertilidade do solo. Frei Vicente do Salvador questionava por que os primeiros Coutinho teriam morrido pobres (uma teoria bastante questionada<sup>138</sup>), já que naquela terra “dá muito bom assucar e algodão, gado *vaccum*, e tanto mantimento, frutas e legumes, pescado e mariscos que lhe chamava o mesmo Vasco Fernandes o meu *villão farto*”<sup>139</sup>.

---

<sup>134</sup> O primeiro topônimo parece uma variação dos últimos.

<sup>135</sup> Cunha, 2015, p. 266.

<sup>136</sup> Oliveira, 2008, p. 157.

<sup>137</sup> Leite, 1945, p. 143.

<sup>138</sup> Esta teoria de que o donatário seria pobre ao fim da vida foi posta ao chão pela historiografia atual, pois o testamento de Vasco Fernandes Coutinho Filho, feito quando ele tomou posse da Capitania, em 1573, aponta diversos bens, incluindo um engenho, do qual era dono de “metade das terras, roças, escravos”. Morro Do Moreno. (2015). O testamento de Vasco Fernandes Coutinho - Filho. Acesso em: 27/08/2015, Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/o-testamento-de-vasco-fernandes-coutinho-filho.html>

<sup>139</sup> Salvador, 1627, pp. 94-97.

Pero de Magalhães Gândavo passou diversos parágrafos a descrever o que era natural da colônia e afirma que no Espírito Santo abundavam mantimentos naturais e grande produção em fazendas, sendo a capitania a produtora do melhor açúcar da colônia<sup>140</sup>. Tanta abundância faria desta capitania a mais fértil de toda a costa.

O assunto reaparece na cartografia. Na descrição de um mapa de 1642, de autoria de João Teixeira Albernaz, está escrito que a terra entre Vitória e o rio Doce é “fertil, e de bõs ares. *tem alguuns engenhos de asucar e matos de Pao brasil*”. Em outro mapa do mesmo livro, Albernaz escreveu que a região entre o rio Doce e os Abrolhos “he Terra despouoada e sem proueito. Só *tem algum Pao brasil*”<sup>141</sup>. Percebe-se que as terras mais próximas à sede da capitania são melhores que aquelas mais ao norte. O cartógrafo, baseado na literatura que havia daquelas regiões, apontava os melhores lugares para serem povoados pelos portugueses.

Autor de importantes obras sobre a América portuguesa, o padre jesuíta Simão de Vasconcelos<sup>142</sup> escreve em 1663 que árvores de madeira nobre, não só o pau-brasil, mas outras como o jacarandá e o cedro, existiam em grande quantidade e poderiam ser carregadas em navios de toda a Europa. Ele aponta claramente para um comércio internacional das riquezas americanas. Para ele, as terras do Espírito Santo “são terra fértil, capaz de grandes canaviaes, e engenhos: seus campos amenos, retalhados de rios, e fontes: suas mattas recendem, são delicia dos cheiros, bálsamos, copaigbas, almececas, salçafrazes”. Este era o desejo da coroa portuguesa: encontrar no Brasil aquilo que justificasse sua colonização. Enquanto não encontravam o ouro, as madeiras teriam a sua vez.

O jesuíta Fernão Cardim também descreve a capitania, próximo a 1590, como rica em algodão e muito cedro e bálsamo, dos quais se faziam remédios. Inclusive, o bálsamo ocupa mais linhas do que o próprio pau-brasil nas crônicas do Novo Mundo. Outro jesuíta, Jácome Monteiro passa rapidamente, em 1610, pela informação de que a terra “é fertil de

---

<sup>140</sup> Praticamente a mesma informação aparece nos Diálogos das Grandezas do Brasil, onde o autor escreve que o Espírito Santo “contém em si alguns engenhos de fazer açúcares; é terra larga e abundante de mantimentos, de muito bálsamo, de que seus moradores se aproveitam, lavrando com êle contas e outros brincos, que mandam para a Espanha, onde são estimados por serem cheirosos” Brandão, A. F. (1956). Diálogos das grandezas do Brasil (Abreu Ed.). Salvador: Progresso, pp. 33-34. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000025.pdf>.

<sup>141</sup> Esse mapa de 1642, sua legenda e sua lista de topônimos estão no capítulo 3.

<sup>142</sup> Vasconcellos, P. S. D. (1865). Chronica da companhia de Jesu do Estado do Brasil, e do que obraram seus filhos n'esta parte do Novo Mundo. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes. pp. 58-60.

madeiras, pau Brasil, real, branco, amarelo”, mas fala detalhadamente sobre as qualidades do bálsamo da região<sup>143</sup>.

O já citado Vasconcelos dedica mais algumas linhas sobre as virtudes do bálsamo, sem deixar de dizer que, apesar de a árvore nascer também em outras capitanias, como a do Rio de Janeiro e a de São Vicente, ambas muito próximas ao Espírito Santo, era neste último que ela surgia mais alta e com maior qualidade em todo o Brasil<sup>144</sup>.

Além do que chegava aos portugueses de forma natural, havia no Espírito Santo grandes fazendas. Os jesuítas tinham as principais, das quais escreverei mais adiante, mas também os colonos se dedicaram a alguma plantação<sup>145</sup>.

Frei Vicente do Salvador<sup>146</sup> também escreve sobre o tema em 1627, pois fala sobre a presença dos holandeses no Brasil, e as dificuldades que eles tiveram (ou às quais foram submetidos) em encontrar carne para suas tropas. Ele deixa claro que o gado, mais precisamente a carne, tinha um valor importantíssimo para a ocupação e povoamento da colônia.

Anthony Knivet escreve mais. Em seu texto, de 1625, ele narra o tempo em que esteve no Brasil, primeiro acompanhando o corsário inglês Thomas Cavendish na tentativa de saquear as vilas da costa do Brasil e depois, abandonado na praia por estar doente, sobre a sua vida entre os colonos até conseguir voltar para a Europa. Segundo Knivet<sup>147</sup>, a armada de Cavendish capturou um português em Cabo Frio, e ele informou aos ingleses que o melhor lugar para saquearem em seguida era o Espírito Santo, onde eles poderiam “assaltar muitos engenhos de açúcar e conseguir boa provisão de gado”<sup>148</sup>.

O Espírito Santo era, portanto, considerado uma terra fértil por todos os que ali estiveram ou que escreveram sobre ele. Mesmo levando em consideração o interesse desses autores em valorizar a colônia, se juntarmos a riqueza relatada com as provas

---

<sup>143</sup> “aqui se colhem os bálsamos tão prezados nessas partes, nesta forma: agolpeia-se a casca de umas árvores mui altas e grandes, semelhantes às quais não ha nenhuma nesse Reino, mui grossas no tronco, e bem copadas; depois de bem feridas pelos golpes, vão metendo algodão no qual se embebe o suco, que sai como de golpe da vida, e de dous em dous dias o espremem em cocos ou cabaças, tirando de cada uma das árvores quantidade de uma canada e mais. Nesta Capitania se fazem as contas de bálsamo, e é a melhor droga da terra, porque dela comem e vestem moradores de ordinário”. Monteiro, J. (1945). *Relação da Província do Brasil* (Vol. VIII). Lisboa: Livraria Portugália. (Original publicado em 1610), pp. 401-402.

<sup>144</sup> Vasconcellos, 1865, pp. 58-60.

<sup>145</sup> Na cartografia, não há qualquer referência direta a essas fazendas, apenas aos engenhos de açúcar, já citados.

<sup>146</sup> Salvador, 1627, pp. 564-567.

<sup>147</sup> Knivet, 1625/2008, pp. 32-33.

<sup>148</sup> A jornada acabou malsucedida e, aparentemente, nenhum gado foi dali levado.

encontradas no testamento de Vasco Fernandes Coutinho, é difícil acreditar que o primeiro donatário fosse realmente pobre ou que ele tenha morrido em dificuldades.

Porém, na contramão dos relatos sobre os primeiros anos da capitania, documentos do século XVII dão a entender que este período foi de constantes dificuldades econômicas para o Espírito Santo. Mergulhada em diversas crises, teve um relativo progresso apenas nas duas primeiras décadas daquele século, obtendo receitas maiores que as de capitanias como Porto Seguro e São Vicente. Isso é o que defende João Eurípedes Franklin Leal em sua *Economia Colonial Capixaba*<sup>149</sup>.

Segundo ele, já nas décadas seguintes a capitania teve baixo desempenho, o que pode estar de acordo com as informações passadas pelo donatário Francisco Gil de Araújo nos relatos escritos antes de iniciar seu governo, em 1675 (“desde logo me acho obrigado a dar conta do estado, em que está a Capitania, que hé o mais miseravel que se pode imaginar, tudo cauzado por alguus capitaens, que a governarão...”<sup>150</sup>). O assunto se repete em 1682, quando deixou o governo da capitania para retornar à Bahia (“Já dey a V. S. relação do miseravel estado em que estava a fortificação desta praça quando Deus o trouxe a ella...”<sup>151</sup>).

A administração da capitania não era vista com bons olhos pela Coroa portuguesa, que buscava maneiras de fazê-la mais produtiva. Pensando nisso, no ano de 1650, o Conselho Ultramarino fez uma proposta ao Rei de comprar a capitania, tornando-a assim uma capitania real, mantida pela própria Coroa<sup>152</sup>. Desse modo, teriam a oportunidade de reconstruir sua economia, reestruturá-la e mantê-la com um funcionamento adequado. O parecer, no final, foi negativo. O Espírito Santo continuou sob seus donatários por mais algum tempo e apenas em 1718 a Coroa finalmente o comprou, para “evitar por este modo as controvérsias que havia com os donatários, e ficarem os povos bem regidos, e melhor defendidos”<sup>153</sup>.

Em outro texto, Leal cita o Capitão-mor Simão de Carvalho para falar um pouco mais sobre a situação do Espírito Santo em meados do século XVII: “em 1653, que a

---

<sup>149</sup> Leal, J. E. F. (1977). *Economia colonial capixaba*. Revista Cuca Cultura Capixaba.

<sup>150</sup> Apees/Ahu. Arquivo Público Do Estado Do Espírito Santo. (1997). Projeto Resgate da Documentação Histórica Barão do Rio Branco - Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822), Conselho Ultramarino - Brasil / Arquivo Histórico Ultramarino [2 CDs ROM]. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Cx.1, Doc.83

<sup>151</sup> Lamego, A. (1920). *A terra Goytacá: à luz de documentos inéditos* (2). Paris: L'Édition D'Art. p. 145.

<sup>152</sup> Leal, J. E. F. (1980). *As fortificações do Espírito Santo no século XVIII*. Revista Cultural da UFES, 5(14), p. 28.

<sup>153</sup> Cunha, F. M. (1849). *Ofício dirigido em 1811 por Francisco Manuel da Cunha ao conde de Linhares sobre a Capitania, hoje Província, do Espírito Santo*. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 12, p. 514.

situação da capitania era tão precária que o comércio simplesmente deixara de existir, devido à falta de barcos para comunicação, e a população estava retraída para cerca de 400 colonos”<sup>154</sup>.

No ano de 1654, diversas cartas foram trocadas entre colônia e metrópole narrando as preocupações econômicas da capitania. Jerônimo de Ataíde (Conde de Atouguia, e Governador Geral do Brasil entre 1654 e 1657) escreveu ao capitão-mor sobre a fortificação do local<sup>155</sup>, e se mostrou preocupado com a situação das despesas do presídio que havia nela:

Mas enquanto Ella se descuida será preciso que conferindo-se as despesas desse presídio com os efeitos que há para seu sustento, supram Vms. A falta que houver da fazenda Real com o meio que lhe parecer mais efficaz, e menos violento, pois a primeira obrigação de Vms. é a conservação dos soldados que lhe ajudam a defender essa praça”<sup>156</sup>.

Os pedidos para proteger o Espírito Santo existiram por todo o período colonial. Entre os autores da época, há poucas informações sobre o assunto: Gabriel Soares de Sousa afirma que Vasco Coutinho fortificou a capitania logo após a sua chegada, e propõe a construção de um forte no penedo, que aparece no mapa como “pão de açúcar”.

Anthony Knivet, ao narrar o ataque do corsário Thomas Cavendish, escreve que seus homens desembarcaram em um pequeno forte, de onde afugentaram portugueses. Johannes de Laet, na *História ou annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais...* também relata a existência de um fortim adjacente à vila pelo qual os holandeses passaram ao se aproximarem de Vitória<sup>157</sup>.

Já Frei Vicente nota certa falta de interesse na fortificação da terra, um trabalho que para ele era fácil<sup>158</sup>. Logo em seguida, afirma que o então capitão disse-lhe que havia uma fortaleza na entrada da barra, e que não precisava de mais. Esta era, revela o frei com alguma religiosidade, a ermida de Nossa Senhora da Penha.

---

<sup>154</sup> Leal, 2008, p. 516.

<sup>155</sup> Biblioteca Nacional. (1928). Documentos Históricos: 1648-1661 - Correspondência dos Governadores Gerais - Conde de Castello Melhor, Conde de Athouguia, Francisco Barretto (Documentos Históricos, Vol. III). Rio de Janeiro: Augusto Porto & C. p. 14.

<sup>156</sup> Ibid., p. 211.

<sup>157</sup> Biblioteca Nacional, 1912, p. 149.

<sup>158</sup> “E parece que herdaram deles [os primeiros senhores da capitania] este descuido seus successores, pois, descobrindo-se depois na mesma capitania uma serra de cristal e esmeraldas, de que tenho feito menção em o capitulo quinto do primeiro livro nem disso se trata, nem de fortificar-se a terra pera defender-se dos corsários, sendo que, por ser o rio estreito, se poderá fortalecer com facilidade”. Salvador, 1627, pp. 95-96.



O governo português investiu no aumento da defesa local, principalmente após a Restauração. Ou, como afirma João Eurípedes Franklin Leal, “somente após os ataques holandeses (1625 e 1640) e a notícia de uma suposta serra de esmeraldas no interior da capitania é que se despertou para a necessidade de melhorar as fortificações de Vitória”<sup>159</sup>.

O governo geral, na Bahia, e a própria Coroa, estavam constantemente preocupados em construir e manter fortificações capazes de defender a capitania. Era preciso estar pronto para qualquer adversidade. Entretanto, devido às dificuldades econômicas e administrativas, muitas dessas obras no Espírito Santo não chegaram a sair do papel. Pensando nisso, até as taxas sobre produtos como aguardente e vinho de mel foram aumentadas para que se garantisse arrecadação suficiente para sustentar 40 novos infantes de tropa regular<sup>160</sup>.

Os pedidos por reforços são constantes na documentação da Vila de Vitória, pois, apesar do destacamento ser fixado em quarenta soldados, muitas vezes esse número não era alcançado. Um documento que resume os feitos do governo de Francisco Gil de Araújo mostra que havia poucos soldados e pouca proteção:

Na primeira relação que dey a V. S. se vê haver somente nesta praça dezessete soldados de Infantaria, dois artilheiros e hum condestavel: hoje se contam trinta e tres soldados, seis artilheiros e o condestavel, então se socorriam aquelles poucos, apenas tinham sinco socorros pela falta de efeitos por andar a renda muy diminuta (...) <sup>161</sup>.

A localização da Vila da Vitória permitia grande número de posições de defesa. Além de estar situada em um canal estreito, a vila está também entre uma grande quantidade de morros e, no litoral, protegida por dezenas de ilhas. O Morro do Moreno sempre serviu como posto de observação e foi ponto essencial na estratégia de defesa contra inimigos, especialmente a de Thomas Cavendish<sup>162</sup> em 1592, quando o morro foi posto em chamas.

Afastar-se do litoral, buscando a defesa das serras e das florestas, não era uma opção para os portugueses. Primeiro porque portugueses como Diogo de Campos Moreno acreditavam que estar próximo à costa era uma vantagem: favorecia a economia com as

---

<sup>159</sup> Leal, 2008, p. 522.

<sup>160</sup> Daemon, 2010, pp. 169-170.

<sup>161</sup> Lamego, 1920, p. 145.

<sup>162</sup> Reis, F. P. (2008). Thomas Cavendish. Disponível em: <http://www.rotacapixaba.com/artigos/thomas-cavendish/>

demais capitanias e com a metrópole graças à exportação dos produtos cultivados e encontrados na terra, além da proteção existente graças às vilas e às fortificações<sup>163</sup>.

Segundo, porque os índios ocupavam as florestas e lá, acreditava Moreno,

fazem como dito é, abomináveis vivendas e ritos, juntando-se com os negros de Guiné também fugidos, do que resultam mortes, furtos, escândalos e violências por cujo respeito se não pode atravessar o sertão comodamente de umas partes a outras, nem dilatarem-se as povoações pela terra a dentro<sup>164</sup>.

A economia e a proteção seriam assim os principais fatores na ocupação do litoral, mas Moreno também registrou críticas à falta de preocupação dos portugueses com a proteção das capitanias:

Êste acidente nas capitanias dos donatários acontece mais vezes, porque nelas nunca se encontra pessoa respeitável no governo, o que não sucede onde servem os capitães do dito Senhor, que sem dúvida fazem muito no aumento dos lugares pela esperança de serem reputados dignos de maiores cargos e por outras razões, que por si se publicam, e das quais asseguramente entendemos que tudo o que neste Estado não fôr de Sua Majestade crescerá devagar e durará muito pouco<sup>165</sup>.

Essa era uma das críticas de Moreno às capitanias governadas por Donatários, nas quais se inclui a Capitania do Espírito Santo, ao contrário das pertencentes à Coroa portuguesa, mantidas por Capitães-mores. Segundo ele, as capitanias da Coroa investiam mais na defesa, contando com um quadro de militares maior que o das capitanias particulares.

De um modo geral, como afirma Ângela Domingues, os resultados obtidos pelas capitanias foram desiguais, mas, segundo ela, o Espírito Santo estaria entre aquelas com sucesso moderado:

Algumas capitanias não chegaram a ser colonizadas, como foi o caso de Ceará e Santana; as tentativas de colonização do Maranhão, Rio Grande, S. Tomé e Baía frustraram-se; Pernambuco e S. Vicente tiveram um franco sucesso, relacionado com a produção de açúcar; e Santo Amaro, Itamaracá, Espírito Santo, Ilhéus e Porto Seguro reconheceram um desenvolvimento moderado. Os fracassos ou os sucessos podem-se atribuir a uma conjugação de factores relacionados com o interesse e empenho dos capitães ou dos seus representantes, à existência de investimento de capital europeu, ao tipo de

---

<sup>163</sup> Moura Filha, M. B. (2003). O Livro que dá "Rezão do Estado do Brasil" e o povoamento do território brasileiro nos séculos XVI e XVII. Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Patrimônio, II, p. 606.

<sup>164</sup> Moreno, 1955, p. 113.

<sup>165</sup> Ibid., p. 193.

relacionamento estabelecido com os índios e ao equilíbrio interno dos grupos portugueses que constituíam os núcleos urbanos recém-fundados<sup>166</sup>.

De meados do século XVII em diante, houve um esforço por parte dos colonos e da Metrópole em reforçar as proteções do Espírito Santo. A descoberta do ouro no interior da capitania, no final do século, geraram a urgência que poderia estar faltando até então. Como afirma Luis Moreira, “as concepções militares da época indicavam a necessidade de se proceder à fortificação de lugares estratégicos (ou ao seu reforço), geralmente locais que permitiam a defesa de linhas de penetração para o interior do país”<sup>167</sup>.

Graças à vontade de proteger a região do ouro, mais atenção foi dada à proteção da última década dos Seiscentos em diante. Em um relatório de 1724 são listadas todas as fortalezas da capitania:

– Fortaleza da Barra de São Francisco Xavier: em forma de círculo, situada na barra da baía do Espírito Santo, possuindo nove peças de artilharia, sendo uma de calibre dezesseis e as restantes de calibre oito. Havia mais duas peças desmontadas e a murada estava bastante danificada.

– Fortaleza de São João: em forma semi-sextavada irregular, situada em frente ao Pão de Açúcar (Penedo). Sua artilharia estava desmontada e compunha-se de seis peças de calibre doze e uma de calibre dezesseis.

– Fortaleza de Nossa Senhora da Vitória: em forma semicircular. Situada no lugar superior ao monte onde estava a fortaleza de São João, com quatro peças de artilharia, todas desmontadas, sendo uma de calibre dezesseis, outra de calibre vinte quatro e duas de calibre oito.

– Fortaleza de São Tiago: em forma de semicírculo irregular, com pequena área, situada em uma praia da vila da Vitória, com três peças de artilharia de calibre oito, todas desmontadas.

– Fortaleza de Nossa Senhora do Monte do Carmo: em forma de meia estrela regular, com cinco ângulos, situada na marinha da vila da Vitória, com oito peças de artilharia calibre seis e oito, todas montadas em carretas, mais quatro de bronze e duas de ferro desmontadas.

– Reduto Santo Inácio: de forma quadrangular, com três peças de artilharia de calibre oito, todas desmontadas<sup>168</sup>.

Durante boa parte do século XVII, entretanto, o Espírito Santo teve dificuldades financeiras para manter as fortificações reparadas e em funcionamento. De acordo com um *Registro de um alvará para o provedor da Capitania do Espírito Santo...*, escrito em 3 de setembro de 1664, a capitania estava então “tão diminuta no rendimento, que se tem

---

<sup>166</sup> Domingues, 1992, p. 19.

<sup>167</sup> (2012). Cartografia, Geografia e Poder: o processo de construção da imagem cartográfica de Portugal, na segunda metade do século XVIII. Braga: Universidade do Minho, p. 33.

<sup>168</sup> Abreu apud Leal, 2008, pp. 522-523.

arrematado os dizimos della, sómente em quatrocentos mil reis cada anno, e tem de despesa ordinária melhor de dous mil cruzados”<sup>169</sup>. O rendimento, segundo a carta, era capaz de suprir apenas os gastos eclesiásticos.

Com donatários sempre distantes, o Espírito Santo ficava entregue às mãos desses mesmos capitães e oficiais que tinham dificuldades para receber o próprio salário. Os descendentes de Vasco Fernandes Coutinho foram aos poucos abandonando a capitania e se dedicando a outros cargos na administração portuguesa. Até a chegada de Francisco Gil de Araújo, que comprou a capitania em 1674, foram 45 anos de governo por parte dos capitães-mores.

Os capitães eram os responsáveis principalmente por questões locais e dividiam os seus poderes com as Câmaras. Na ausência de seus donatários, respondiam diretamente ao governo da Bahia ou, em certos momentos, ao Rio de Janeiro. Portanto, era desafiador criar uma política única de desenvolvimento, e a situação se tornou símbolo das dificuldades encontradas por Portugal em controlar todos os espaços de seu Império.

De acordo com Francisco Bethencourt<sup>170</sup>, a receita da Coroa no Brasil das primeiras duas décadas do século XVII era cerca de seis vezes menor que a receita da Índia, onde Portugal também tinha uma forte presença. O autor ainda considera impossível acompanhar adequadamente a evolução do Brasil ao longo dos Seiscentos, mas afirma que foi nesse período que a colônia se tornou a maior exportadora de açúcar do mundo, não sem passar por crises. Até o final do século, e antes da descoberta do ouro, o Brasil já assumia grande importância na economia do império português.

No caso do Espírito Santo, além de o rendimento da capitania ser considerado bastante diminuto pelas autoridades, algumas vezes o capitão se via obrigado a fazer a população pagar, além dos impostos, os gastos do governo, que não arrecadava o suficiente para cobrir suas despesas: os gastos da capitania se resumiam aos cargos da administração (provedor, almoxarife, escrivão e porteiro da alfândega) e a Marcos de Azeredo, por seu hábito da ordem de cristo<sup>171</sup>.

Além dos gastos fixos, é preciso levar em consideração também os variáveis. Vemos muitos exemplos desses gastos na carta de Francisco Gil de Araújo, onde ele dá

---

<sup>169</sup> Biblioteca Nacional. (1933). Documentos Históricos: 1662-1664 - Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc. (Documentos Históricos, Vol. XXI). Rio de Janeiro: Typographia do Archivo de História Brasileira. p. 419.

<sup>170</sup> Bethencourt, 1998, p. 318.

<sup>171</sup> Registro da Folha Geral do Estado do Brasil. (1906). Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pp. 362-363.

indícios de seus investimentos antes de deixar o Espírito Santo para retornar a Porto Seguro:

Todas estas obras assim das fortalezas como das villas e fundação da nova hé de reparar que não concorreu pessoa algúa. Sómente concorreram os grandes dispendios com que V. S. aperfeiçoou tudo que em húa e outra cousa gastou melhor de doze mil cruzados (...) não tendo hora ocioza que não fosse todas no emprego de melhorar esta capitanya e na verdade são as ações de V. S. dignas de serem imitadas<sup>172</sup>.

A volta de Araújo para a Bahia em seus últimos anos de vida pode estar relacionada às crises monetárias da década de 1680, o que fez com que ele achasse que suas terras na Bahia não estavam sendo bem cuidadas<sup>173</sup> e provavelmente o fez repensar os gastos que tinha com a Capitania do Espírito Santo. Deixou-a nas mãos de seus descendentes até 1717 que, como visto, foi o ano em que a Coroa a incorporou e a vinculou à Bahia.

O Espírito Santo só voltará a ser independente da Bahia novamente no início do século XIX, dessa vez já como Província do Espírito Santo. Era o início do Reino Unido a Portugal e o fim do período colonial brasileiro.

Esse é, enfim, um painel sobre o segundo século da colonização na Capitania do Espírito Santo. Muita coisa presente nos textos dos primeiros cronistas e na documentação da capitania será usada, como mostrarei nos capítulos seguintes, para compor as imagens cartográficas da capitania.

Apesar de os documentos mostrarem preocupações constantes com a situação financeira da Capitania do Espírito Santo no século XVII, muitos textos de fins do século XVI e início do seguinte apresentam um Espírito Santo rico e fértil em todas as questões. Considerando as dificuldades inerentes da colonização do Novo Mundo, Vasco Fernandes Coutinho parece ter chegado ao fim de sua vida em boas condições e a capitania sempre resistiu à incorporação à Coroa portuguesa, independentemente de sua situação nos dois primeiros séculos da colonização.

É importante entender ainda – e esse é um dos objetivos deste primeiro capítulo – que o processo de mapeamento do Espírito Santo seguiu os moldes do reconhecimento e

---

<sup>172</sup> Oliveira, 2008, p. 181.

<sup>173</sup> Biblioteca Nacional. (1934). Documentos Históricos: 1678-1681 - Provisões, patentes, alvarás, sesmarias, mandados, etc. (Documentos Históricos, Vol. XXVII). Rio de Janeiro: Typographia do Archivo de História Brasileira. p. 396.

mapeamento de toda a costa do Brasil, um processo que era parte importante das políticas de dominação da América por parte dos portugueses, a fim de garantir sua posse diante das demais nações europeias.

A cartografia portuguesa, que servia como discurso político, é fruto do desenvolvimento científico que acompanhou o Renascimento, que permitiu que os europeus se desgarrassem das costas de seu continente e conhecessem os oceanos. Permitiu ainda que eles conseguissem encontrar, através dos astros, sua posição na terra e no mar, e também colocá-las no papel, mudando a forma dos europeus verem o mundo.

Nos capítulos seguintes, escrevo sobre como alguns dos principais cartógrafos portugueses e holandeses utilizaram informações às quais eles tinham acesso – informações como as exibidas aqui – para fazer os mapas mais antigos da Capitania do Espírito Santo. O leitor perceberá, ao avançar em sua leitura, o desenvolvimento da cartografia europeia no século XVII e como essa (relativamente) pequena parte do Brasil foi retratada com o passar dos anos, sempre dentro dos propósitos políticos da Europa moderna.

## 2 OS PRIMEIROS MAPAS DA ILHA DE VITÓRIA

Para entender os primeiros mapas da Capitania do Espírito Santo, feitos entre fins do século XVI e início do XVII, é preciso entender também a situação em que Portugal estava, o significado que a América tinha para os portugueses então, e também para a Espanha, já que esse espaço de tempo envolve o período da União Ibérica (1580-1640), quando os dois impérios estiveram sob a Coroa dos Filipes<sup>174</sup>.

Fernando Bouza Álvarez afirma que, apesar da resistência armada contra a possibilidade de Portugal aceitar a aclamação de Filipe II e da capacidade deste de conquistar militarmente Portugal, caso fosse necessário, Filipe resolveu “dialogar com os três estados do reino, ‘numa reunião das cortes’, onde demonstrou as vantagens da incorporação de Portugal pela Espanha”<sup>175</sup>. Após sua legitimação como Filipe I de Portugal, em 1581, foram celebrados os acordos que garantiam que Portugal integraria a Espanha através de agregação dinástica, mantendo suas características de reino independente e judicialmente separado dos territórios espanhóis<sup>176</sup>.

O conhecimento sobre a América, monopolizado pelas duas Coroas, levou à alguma aproximação entre a América espanhola e a portuguesa durante esse período, mas as disputas por território no Novo Mundo duraram pelo menos até o fim do século XVIII, passando por etapas importantes como os tratados de Madrid, em 1750, o de El Pardo, em 1761, Santo Ildefonso, de 1777, e culminando no de Badajoz, de 1801<sup>177</sup>.

Documentos gráficos se tornaram um recurso político e econômico, já que declaravam posse sobre terras distantes e abriam caminho para as rotas comerciais formadas no Atlântico e no Pacífico.

Na Espanha, na *Casa de Contratación*, mapas do Novo Mundo eram entregues a pilotos que partiam para suas viagens através dos oceanos. Quando voltavam, eles deveriam levar esses mapas com anotações sobre erros, correções e novidades<sup>178</sup> encontrados ou descobertos. Tudo isso seria incluído no *Padrón Real*, que era um grande

---

<sup>174</sup> Filipe I de Portugal e II de Espanha (1580-1598), Filipe II de Portugal e III de Espanha (1598-1621) e Filipe III de Portugal e IV de Espanha (1621-1640).

<sup>175</sup> Álvarez, F. B. (1996). *Los Austrias Mayores: Imperio y monarquía de Carlos I y Felipe II*. Madrid: Información y História, p.34.

<sup>176</sup> Álvarez, F. B. (2000). *Portugal no Tempo dos Felipes: Política, Cultura, Representações (1580-1668)*. Lisboa: Cosmos, p.113.

<sup>177</sup> Magnoli, D. (2003). O estado em busca do seu Território. *Terra Brasilis [Online]*, 4(5), p. 3.

<sup>178</sup> Mundy, 1996, p. 13.

mapa mestre mantido pelos espanhóis, onde seria possível encontrar todas as informações que a Espanha tinha do mundo.

No caso português, havia os Armazéns da Guiné e da Índia, desde a segunda metade do século XV, em Lisboa. Ali, funcionários do rei controlavam diferentes produtos ultramarinos cujo monopólio pertencia à Coroa. Ali também trabalhavam os cosmógrafos, supervisionando a formação de cartógrafos e navegadores, além da produção de instrumentos náuticos e mapas – incluindo um Padrão Real.

O conhecimento reunido em um mapa como esse era mesmo invejado pelas demais nações europeias. Um mapa contendo as informações mais atuais sobre o mundo (e mais: sobre o império de uma nação adversária) era, sem dúvida, um alvo. Não por acaso, esses mapas tendiam a continuar manuscritos e muito bem guardados.

Filipe II foi um dos maiores patronos da cartografia entre os séculos XVI e XVII. Estando à frente de dois impérios de proporções imensas, ele tinha não só as condições, mas também a necessidade de estabelecer uma maneira de administrar tudo a distância. De fato, um reino como Portugal ou Espanha no início dos Seiscentos era tão grande, que se tornava impossível controlá-los devidamente.

Barbara Mundy, autora do belo *The Mapping of New Spain*, escreve sobre como era impossível que um rei de um império ultramarino como o de Filipe II conseguisse viajar por todas as suas terras e administrá-las *in loco*. Para começar, os próprios reinos na Europa já eram bastante grandes para serem visitados constantemente. Uma viagem da Espanha até os Países Baixos (sob o domínio espanhol no início do século XVII) demorava cerca de sete semanas através do Caminho Espanhol<sup>179</sup>, um trajeto que reis e rainhas eram capazes de fazer (e ainda faziam no período estudado) de vez em quando. A chegada da América tornou as visitas a todo o império impossíveis. Uma viagem da Península Ibérica ao Novo Mundo demorava cerca de três meses. Além disso, suas colônias no Ultramar eram dezenas de vezes maiores que os próprios reinos. Assim, nenhum governante europeu arriscou navegar para as colônias ultramarinas, pelo menos não até 1807<sup>180</sup>. Foi preciso encontrar outra forma de estar presente:

---

<sup>179</sup> Mundy, 1996, p. 5. O Caminho Espanhol era uma rota criada pelos espanhóis e utilizada entre fins do século XVI e início do XVII para comércio e movimentação de seus exércitos como alternativa ao transporte marítimo para certas regiões da Europa. A principal rota saía da Espanha indo até Milão, de onde seguia para o norte até Bruxelas. Sobre o assunto, ver Parker, G. (2004). *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567–1659: The Logistics of Spanish Victory and Defeat in the Low Countries' Wars* (2 ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>180</sup> Ano em que a Corte portuguesa deixou a Península Ibérica e viajou para o Brasil, onde se estabeleceu por alguns anos.



Da mesma forma que Filipe dava como presente cópias do seu retrato, para que seus súditos e parentes tivessem pelo menos uma imagem de seu rei isolado, o próprio Filipe comissionou mapas para ter uma imagem de seus reinos inalcançáveis. Seus avós itinerantes viram e foram vistos. O sedentário Filipe recebeu e enviou imagens ao invés disso: assim como o retrato substituiu a própria presença do Rei, também o mapa substituiu sua visão<sup>181</sup>.

Os mapas então passaram a ocupar adequadamente o espaço que havia entre Coroa e súditos. O sedentarismo já fazia parte, de qualquer jeito, da vida de muitos reis. A cartografia se tornou os olhos dos governantes e das Cortes nos domínios distantes. Através desses olhos era possível compreender, sem qualquer ligação afetiva, posses distantes, e decisões poderiam ser tomadas para o bem do Reino.

Carla Lois e João Garcia consideram que os mapas ibéricos, concebidos pelos Armazéns da Guiné e Índia e pela *Casa da Contratación*, moldaram-se com objetivos bastante semelhantes e com diretrizes que tiveram uma mesma origem. Por isso, pertencem a uma família: seja do ponto de vista da produção institucional, seja das concepções que deram origem a essa produção<sup>182</sup>.

Foram esses mapas que deram forma não só à América, mas também ao Atlântico Sul. Isso só foi possível graças às grandes famílias de cartógrafos como Reinel, Homem, e Teixeira – essa última bastante produtiva quanto a mapas do Brasil – que moldaram, desde os Quatrocentos, essa cartografia portuguesa.

No período filipino, a costa leste da América já estava praticamente toda reconhecida, e a Coroa se preocupou principalmente “com a representação da costa norte e dos territórios da região amazônica e da Colônia de Sacramento, ao sul”<sup>183</sup>. Exploradores como o militar português Pedro Teixeira fizeram o reconhecimento de muitos rios pelo sertão e, graças a esses trabalhos, o litoral da América pôde ser atualizado constantemente. É possível acompanhar através dos mapas do Brasil a evolução das representações da costa. Ao fim do século XVII, seu litoral estava cartografado nos mapas dos Teixeira.

Aos poucos, a cartografia ibérica passou a mostrar a importância que o Atlântico assumiu na política e economia europeias. Antes das demais nações, portuguesas e espanhóis transferiram grande parte de seu interesse das políticas europeias para uma

---

<sup>181</sup> Mundy, 1996, p. 9. Tradução minha.

<sup>182</sup> Lois & Garcia, 2009, p. 30.

<sup>183</sup> Costa, A. G. (2007). Dos roteiros de todos os sinais da costa até a carta geral: um projeto de cartografia e os mapas da América portuguesa e do Brasil Império Roteiro Prático de Cartografia: da América portuguesa ao Brasil Império (pp. 83-105). Belo Horizonte: UFMG. p. 95.

visão globalizada do mundo. “É de fato para o Atlântico e para o Brasil que se dirigem, de forma prioritária, as atenções da política portuguesa neste período”<sup>184</sup>.

O Brasil aos poucos passou a ocupar um espaço de maior importância na política portuguesa e também na espanhola. Pedro Cardim destaca como a América portuguesa se tornou central após a união das coroas, pois era vista “como uma primeira linha de defesa contra ataques dirigidos ao coração das Índias de Castela”<sup>185</sup> e tinha um peso político que a Espanha não estava disposta a perder, o que levou ao grande empenho em reconquistar as regiões ocupadas pelos holandeses no nordeste do Brasil.

Teria ocorrido, portanto, uma importante integração entre os territórios das duas Américas: a espanhola e a portuguesa, principalmente em questões comerciais (aprofundadas no caso do fornecimento de escravos e nas rotas comerciais, como Rio de Janeiro-Buenos Aires e Maranhão e Amazonas-possessões caribenhas espanholas) e militares (na defesa das possessões americanas contra inimigos comuns, principalmente holandeses).

Para Portugal, o Brasil se tornou tão relevante que durante as crises europeias dos Seiscentos, e inclusive ao fim da União Ibérica, houve planos bastante estruturados defendendo que o rei poderia abandonar Portugal e se estabelecer definitivamente no Brasil. Esse plano tinha claro interesse na defesa da soberania portuguesa e mostra a importância que o império ultramarino tinha alcançado então<sup>186</sup>.

Portugal definia como sua prioridade no século XVII a “defesa de suas rotas e a definição e proteção de suas fronteiras”<sup>187</sup>. Foi obrigado a lutar para reconquistar as regiões que perdera no Brasil, ocupadas por holandeses no Recife e também em São Luís, e assegurar o comércio contra-ataques corsários a partir da “organização dos ‘combóios’ de acompanhamento às frotas mercantes, da discussão das vantagens e inconvenientes das companhias de comércio”<sup>188</sup>.

Essas e outras preocupações do século XVII, que centraram a atenção de Portugal no Brasil, fizeram com que Barata intitulasse a questão de “atlantização das atenções”. Já Stuart Schwartz escreve que, de 1570 a 1670, o “Brasil foi o líder mundial de exportação de açúcar” e diante de todas as dificuldades encontradas no comércio da Índia, a América

---

<sup>184</sup> Monteiro, 2001, pp. 209-210.

<sup>185</sup> Cardim, P. (2004) O governo e a administração do Brasil sob os Habsburgo e os primeiros Bragança. *Hispania*, LXIV/1(216), p.137.

<sup>186</sup> Barata, M. D. R. T. (2001). Portugal e a Europa na Época Moderna *História de Portugal*. São Paulo: UNESP. p. 199.

<sup>187</sup> Monteiro, 2001, p. 212.

<sup>188</sup> Barata, 2001, p. 191.

portuguesa “começou a figurar proeminentemente como a colônia essencial de Portugal em termos de economia, senão de prestígio”<sup>189</sup>.

Um elemento capaz de demonstrar o crescimento dessa importância é o roteiro de Luís Teixeira, feito em finais do século XVI, e que foi o primeiro a representar o território do Brasil em detalhes, contanto com uma dúzia de cartas regionais.

O interesse em ter o Brasil organizado em um roteiro e uma série de mapas pela primeira vez nos oferece também um olhar sobre os pontos mais importantes da costa leste de então. A lista dos mapas de Teixeira é uma lista de vilas e portos que mereciam destaque pelo seu desenvolvimento e por sua relevância no mundo colonial português.

Nessa lista, é claro, está uma parte do Espírito Santo. E o mapa de Luís Teixeira é o mais antigo que há dessa região, o que o torna ainda mais interessante. Ali, suas duas únicas vilas foram expostas, as principais sesmarias e os principais elementos geográficos da paisagem.

Não há essa riqueza de detalhes em mapas anteriores, limitados às cartas gerais que exigiam uma escala menor para reproduzir toda a costa do Brasil. Como dito no capítulo anterior, o reconhecimento do território aconteceu aos poucos, e aos poucos a cartografia abraçou essas informações e as exibiu. Foi com o passar do século XVI que os topônimos foram inseridos no litoral cartografado, culminando no mapa discutido a seguir.

## 2.1 O ROTEIRO DE LUÍS TEIXEIRA: PRIMEIRO MAPA DA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

Luís Teixeira foi um dos poucos cartógrafos portugueses que de fato percorreu e reconheceu a costa do Brasil, na década de 1570. Luís Teixeira e seus filhos Pedro e João Teixeira, além do neto homônimo deste último, são os principais nomes da família Teixeira, uma das mais importantes para a cartografia de Portugal entre fins do século XVI e fins do XVII<sup>190</sup>.

---

<sup>189</sup> Schwartz, S. B. (1987). The formation of a colonial identity in Brazil. Canny, N; Pagden, A. (eds). Colonial identity in the Atlantic world, 1500-1800. Princeton: Institute for Advanced Study, p.16.

<sup>190</sup> Dias, M. H. & Alegria, M. F. (1994). Lisboa na produção cartográfica portuguesa e holandesa dos séculos XVI e XVII: o espaço e o intercâmbio. Penélope: Fazer e Desfazer a História(13), pp. 57-58.

A família Teixeira exerceu a função de cartógrafo por cerca de cinco gerações em Portugal e na Espanha<sup>191</sup>. Luís Teixeira, tendo atuado por mais de 50 anos, foi o fundador de uma nova escola de cartografia portuguesa em seu período, tendo desenvolvido um estilo próprio que, posteriormente, foi seguido por seus descendentes. Ele foi aprendiz de Pedro Nunes, pelo qual foi examinado, junto com Pedro Reinel, para o cargo de cartógrafo da Coroa. Além disso, enquanto atuou, manteve correspondência com importantes nomes da cartografia mundial, como Abraham Ortelius<sup>192</sup>.

Como afirmado, Luís Teixeira esteve no Brasil, entre os anos de 1573 e 1574, pois teria acompanhado o Governador Luis de Brito d'Almeida ao Novo Mundo. Teixeira teria sido mandando “ver, & emendar a costa do Brasil”<sup>193</sup>. Seu objetivo era atualizar as informações que se tinha em Portugal e produzir novo material, na forma do *Roteiro de todos os sinais...*, com um dos mais antigos roteiros e conjuntos de mapas da América portuguesa.

A data do roteiro é polêmica. Em uma carta para Ortelius de 1592, o cartógrafo escreveu que queria “hazer la tierra del brasil, y sus Capitanias enpartes persi, que es la mas grande cosa que aora há, este todo he yo visto, y em la verdade deseñado, y son nueve o diez piasas”<sup>194</sup>. Max Justo Guedes, na edição do *Roteiro de todos os sinais...* de 1968, chegou à data de ca. 1590<sup>195</sup>. O autor defende ainda que, para chegar a essa data é preciso levar em consideração que a região entre Pernambuco e São Paulo teria sido retratada a partir da observação direta de Luís Teixeira entre os anos em que esteve no Brasil, mas traria alguns conflitos históricos pelo fato de o texto e o desenho finais surgirem apenas entre 1580 e 1590<sup>196</sup>.

Cortesão e Teixeira da Mota afirmam que Luís Teixeira teria feito o seu *Roteiro* a partir de um protótipo, um rascunho hoje perdido<sup>197</sup>. O *Roteiro de todos os sinais...* possui uma carta geral acompanhada de mais doze, que retratam portos e vilas importantes do litoral. A lista completa das cartas presentes na obra é:

---

<sup>191</sup> Cortesão, A.& Mota, A. T. D. (1987). *Portugaliae Monumenta Cartographica* (IV). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

<sup>192</sup> Baesjou, R. (2005). *Historiae Oculus Geographia*. *Journal des africanistes*, 75(2).

<sup>193</sup> Cortesão, A. (1935). *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI* (II). Lisboa: Edição da Seara Nova. p. 272.

<sup>194</sup> Cortesão& Mota, 1987 (IV), p. 43.

<sup>195</sup> Guedes, M. J. (1968). *Roteiro de todos os sinais na costa do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, pp.13-17.

<sup>196</sup> *Ibid.*, pp.18-19. A região entre São Paulo e o Estreito de Magalhães teria sido feita já na conjuntura da União Europeia, sem observação direta, o que justificaria tanto os erros e as lacunas, como também algum esforço de integrar as possessões portuguesas e espanholas na América.

<sup>197</sup> Cortesão& Mota, 1987 (IV), p. 74.

- 1) Vila de Olinda
- 2) Cabo de Santo Agostinho
- 3) Bahia de todos os Santos
- 4) Ilhéus e Vila de São Jorge
- 5) Rio Grande, Vila de Santo Amaro e Vila de Porto Seguro
- 6) Vila do Espírito Santo
- 7) Cabo Frio
- 8) Rio de Janeiro
- 9) Pão de Açúcar ao Monte de Trigo
- 10) Sam Vicente
- 11) Rio da Prata
- 12) Estreito de Magalhães
- 13) América do Sul, com a Linha da Demarcação.

A linha de Tordesilhas demarca ali claramente o meridiano como visto pelos portugueses. Como foi comentado no capítulo anterior, a linha passa a leste do delta do rio Amazonas, mas, ao sul, a oeste do delta do rio da Prata. Com isso, tomavam posse de um dos principais rios das Américas, com acesso às riquezas espanholas e de todo o território antes do Prata.

Quanto ao território do Brasil, o mais importante a lembrar é que neste primeiro grande esforço em cartografar o litoral, Luís Teixeira cartografou apenas uma pequena parte da colônia. Esse trabalho seria aos poucos completado por seus descendentes ainda durante a União Ibérica.

Os arredores da Ilha de Duarte de Lemos (hoje Vitória, capital do Estado do Espírito Santo), foram desenhados de forma cuidadosa, e os elementos presentes e ausentes (discutidos adiante) chamam a atenção do leitor. Estes detalhes, justificáveis pelo tamanho e escala utilizados, são melhorados nos mapas posteriores, permitindo uma boa visualização da baía de Vitória.

Veja o mapa abaixo:



Mapa 8: Detalhe da [Ilha de Duarte de Lemos], ca. 1590. [Escala ca 1:225 000].

O que Teixeira nos oferece é realmente um roteiro de navegação, complementado por suas cartas. Na folha 12, acima do mapa da Capitania do Espírito Santo, é possível ler:

E destas tres Ylhas / ao *Spiritũ* Santo ha doze legoas / e vindo ao norte. Veras outro Ylho / soo e himei ao mar delle e logo se me descobrirá a boca da bahia / a qual está em 20 graos de altura e por elles entrarei pera dentro vendo ylhas e sinaes que abaixo se me mostrão/.

A chegada ao Espírito Santo, para ele, é marcada por um ilhéu (o “*Ilhéu* escaluado”), próximo do qual está a entrada da baía onde estão as vilas da capitania. Ele escreve ainda a altura da baía em latitude e deixa maiores detalhes para apresentar no mapa.

Entre as ilhas e sinais que mostra o cartógrafo é possível identificar claramente as principais ilhotas ao redor da então Ilha de Duarte de Lemos. Isto não se repete muitas vezes nos mapas posteriores. Poucos dos topônimos aí presentes sobreviverão por toda a cartografia dos Teixeira. A área mapeada vai do Monte de João Moreno (hoje apenas Morro do Moreno) e o rio das Barreiras: a área com maior presença de colonos no século XVI.

Na ilha de Duarte de Lemos, há quatro torres desenhadas, encimadas por cruces, ao redor de mais uma torre e outra construção não identificável. Fora da ilha, há mais duas construções. Lemos, um fidalgo português, acompanhava Vasco Fernandes Coutinho quando este desembarcou no Brasil para assumir sua donataria, em 1535. Pouco

tempo depois, recebeu a ilha como recompensa pelos serviços prestados contra os nativos que muitas vezes dificultavam a colonização portuguesa.

Entre 1540 e 1547, Vasco Coutinho se afastou da Capitania, pois esteve em Portugal tentando resolver alguns dos problemas dos primeiros anos da colonização e recrutar mais moradores para a colônia. Ao retornar, os colonos haviam migrado para a ilha de Duarte de Lemos, personagem que irá mudar-se para a Bahia em 1550 devido às desavenças com o donatário, deixando a ilha de ser sua sesmaria décadas antes do mapa de Luís Teixeira. Sendo novamente administrada por Coutinho, fundou-se ali oficialmente a Vila de Nossa Senhora da Vitória. Semelhante a outras vilas, como a de Itamaracá e São Vicente, Vitória foi fundada em um terreno considerado mais conveniente para a defesa e ampliação da ocupação portuguesa na América.

Documentos da época discordam um pouco sobre sua localização na costa do Brasil. Fernão Cardim afirma que ela ficava 120 léguas ao sul da Bahia<sup>198</sup>. O Padre Simão de Vasconcelos repete esta informação, complementando que Vitória ficava a 20 graus e um terço de latitude, ao sul do equador<sup>199</sup>. Gabriel Soares de Sousa concorda com essa altura<sup>200</sup>. Luís Teixeira, escreve que o Espírito Santo está a 20 graus de latitude.

Já no *Diálogo das Grandezas do Brasil*, está escrito apenas “20 graus” de latitude<sup>201</sup>, cujo valor é repetido nos textos de Gândavo, que afirma haver apenas 50 léguas entre o Espírito Santo e a Bahia<sup>202</sup>. O *Regimento de pilotos e roteiro de navegação, conquistas do Brasil (...)*, de 1655, foi escrito por António de Mariz Carneiro, que foi cosmógrafo-mor de Portugal a partir de 1631, tendo assumido o cargo após a morte de Pedro Nunes, e antes de João Teixeira Albernaz. Nele está escrito que o Espírito Santo estava a 20 graus e um quarto<sup>203</sup>. Todos se aproximam bastante da latitude real (20°19'08")<sup>204</sup>.

---

<sup>198</sup> 1858/1925, pp. 337-345.

<sup>199</sup> 1865, p. 58.

<sup>200</sup> Sousa, 1587/1851, pp. 90-91.

<sup>201</sup> Brandão, A. F. (1956). *Diálogos das grandezas do Brasil* (Abreu Ed.). Salvador: Progresso. pp. 32-34. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000025.pdf>.

<sup>202</sup> Gândavo, P. D. M. (1570). *Tratado da Terra do Brasil*. Pará: NEAD: UNAMA. p. 7. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/livros/pdf/T1.pdf>.

<sup>203</sup> Carneiro, A. D. M. (1655). *Roteiro de Portvgal pera o Brazil, Rio da Prata, ANgola, Guiné, & S. Thome, segundo os Pilotos antigos, & modernos, & agora quinta vez impresso Regimento de pilotos e roteiro da navegação, e conquistas do Brasil, Angola, S. Thome, Cabo Verde, Maranhão, Ilhas, & Indias Occidentais : quinta vez impresso com ordem de S. Magestade pello seu Conselho da Fazenda, com as emendas que se assentaraõ na Casa do Anjo se fizessem : acrecentado o Roteiro do Maranhão, e Itamaraca : com as estampas dos portos, sondas, & barras do Cabo de Finis terrae, atê o Estreito de Gibraltar / pello Dezembargador Antonio de Mariz Carneiro fidalgo da Casa Sua Magestade, & seu cosmographo mór desteo [sic] Reynos de Portugal. [Lisboa]: Manoel da Sylva. p. 11.*

<sup>204</sup> A distância hoje, entre as duas cidades, é de aproximadamente 550 quilômetros.

Quanto às duas vilas destacadas no mapa, o autor parece se confundir entre seus nomes. Ele chama de “Vilha velha de *nossa Senhora* da vitória” aquela que está na parte continental à esquerda, e de “Villa do *Spiritu Santo*” a que está no centro da ilha, na parte central superior. Não há dúvidas quanto ao erro: a vila instalada na ilha tinha o nome de “Nossa Senhora da Vitória”, enquanto a continental teve como primeiro nome “Espírito Santo”, como a capitania, passando a se chamar mais tarde “Vila Velha”.

O erro parece ser o mesmo cometido por Gabriel Soares de Sousa. O autor escreve que o primeiro donatário, Vasco Fernandes Coutinho, “partiu do porto de Lisboa com bom tempo, e fez sua viagem para o Brasil”. Ao chegar à sua capitania, “desembarcou e povoou a vila de Nossa Senhora da Vitória, a que agora chamam a Vila Velha, onde se logo fortificou, a qual em breve tempo se fez uma nobre vila para aquelas partes”<sup>205</sup>.

Há uma grande semelhança entre as informações que vemos no mapa da Capitania do Espírito Santo e o que Gabriel Soares de Sousa escreveu em seu *Tratado Descritivo do Brasil*, muito além do equívoco destacado acima. Essa semelhança é grande o suficiente para que seja afirmado aqui que Luís Teixeira utilizou o texto de Sousa, de 1587, para produzir seu roteiro, fazendo do mapa uma tentativa de tornar o texto em imagem<sup>206</sup>. Outros autores defenderam essa semelhança, mas não parecem ter encontrado tamanha proximidade entre as duas fontes<sup>207</sup>.

---

<sup>205</sup> Gabriel Soares de Sousa confunde os nomes das vilas da capitania, um erro semelhante ao cometido por Luís Teixeira, já comentado. Sousa, 1587/1851, pp. 91-93.

<sup>206</sup> Segue o fragmento em questão: “Da terra dos Reis Magos ao rio das Barreiras são oito léguas, do qual se faz pouca conta: do rio das Barreiras à ponta do Tubarão são quatro léguas, sobre o qual está a serra do Mestre Álvaro; da ponta do Tubarão à ponta do morro de João Moreno são duas léguas, onde está a vila de Nossa Senhora da Vitória; entre uma ponta e outra está o rio do Espírito Santo, o qual tem defronte da barra meia légua ao mar uma lagoa, de que se não de guardar. Em direito desta ponta da banda do norte, duas léguas pela terra adentro, está a serra do Mestre Álvaro, que é grande e redonda, a qual está afastada das outras serras; essa serra aparece, a quem vem do mar em fora muito longe, que é por onde se conhece a barra; essa barra faz uma enseada grande, a qual tem umas ilhas dentro, e entra-se nordeste-sudoeste. A primeira ilha, que está nesta barra, se chama de D. Jorge, e mais para dentro está outra, que se diz de Valentim Nunes. Desta ilha para a Vila Velha estão quatro penedos grandes descobertos; e mais para cima está a ilha de Ana Vaz; mais avante está o ilhéu da Viúva; e no cabo desta baía fica a ilha de Duarte de Lemos, onde está assentada a vila do Espírito Santo, a qual se edificou no tempo da guerra pelos goitacases, que apertaram muito com os povoadores da Vila Velha. Defronte da vila do Espírito Santo, da banda da Vila Velha, está um penedo mui alto a pique sobre o rio, ao pé do qual se não acha fundo; é capaz este penedo para se edificar sobre ele uma fortaleza, o que se pode fazer com pouca despesa, da qual se pode defender este rio ao poder do mundo todo. Este rio do Espírito Santo está em altura de vinte graus e um terço”. Sousa, 1587/1851, p. 91.

<sup>207</sup> Cintra, J. P. (2015). As capitánias hereditárias no mapa de Luís Teixeira. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 23(2). Ver também Souza, G. S. (2003). Aspectos intertextuais de roteiros quinhentista da carreira do Brasil. Paper apresentado em II Encontro nacional de Ciências da linguagem aplicada ao ensino, João Pessoa. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ECLAE\\_II/aspectos%20intertextuais%20de/principal.htm](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ECLAE_II/aspectos%20intertextuais%20de/principal.htm).



Para Gabriel Soares de Sousa, entre o rio Doce e o suposto rio do Espírito Santo, não há coisa alguma. Há apenas possibilidades de engenhos, de alimentos, de rios navegáveis. Não é à toa que Luís Teixeira inicia seu mapa no rio das Barreiras (provavelmente hoje o rio Jacaraípe, que se forma por diversos afluentes que descem da serra do Mestre Álvaro). Esse é o primeiro topônimo citado por Soares de Sousa ao norte da Ponta de Tubarão, nas proximidades das vilas.

Observando outros pontos do mapa, na entrada da baía de Vitória, à esquerda (próximo à Vila Velha), está o Morro do Moreno, e para o interior, na altura da Vila de Vitória, o Pão de Açúcar, ou Penedo. Esses morros não foram fortificados. O único com alguma construção, até hoje, é o que recebeu a então ermida da Penha, hoje Convento de Nossa Senhora da Penha, cuja construção começou depois de 1558.

Os demais morros nunca foram devidamente ocupados, apesar de terem sido utilizados para vigia ou, em roteiros marítimos, como referência para os navegantes que ali chegaram, uma marca de reconhecimento da capitania, já que suas vilas ficavam afastadas do mar, acessíveis apenas para quem entrasse pelo rio. O Morro do Moreno foi utilizado também, pela família Teixeira, como ponto de divisão entre os mapas que mostravam a região ao norte de Vitória e os que mostravam a região ao sul.

Destaque na cartografia e ainda hoje um marco da paisagem do Espírito Santo, o Mestre Álvaro é o ponto mais alto próximo ao litoral, e servia como referência para os navegantes que passavam pela capitania. Johannes de Laet, geógrafo e diretor da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, escreve que a armada holandesa que se aproximou do Espírito Santo em 1636 identificou a entrada para a vila de Vitória exatamente por reconhecer esta serra<sup>208</sup>.

A importância do Mestre Álvaro para os navegantes aparece de forma clara no *Roteiro Geral Dos Mares, Costas, Ilhas, E Baixos Reconhecidos no Globo*, um estudo de 1846 que reuniu informações de diversos roteiros e diários de navegação, inclusive dos séculos XVI e XVII:

Esta bahia se reconhece ao longe por outros signaes bem distinctos, que são duas montanhas, huma situada sobre a Ponta S. da bahia denominada *Monte Moreno*, e outra da parte do N. denominada Serra do *Mestre Alvaro*, ou *Mestralvo*; o *Monte Moreno* he conico, em parte coberto de matto, e calvo pela parte de E., e que poderá ser visto na distancia de 10 legoas com bom

---

<sup>208</sup> Biblioteca Nacional. (1912). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* (XXX). Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional. p. 82.

tempo ; sua base para a parte do N. fôrma a Costa S. da Entrada do Rio *Espirito Santo*, que he preciso costear de perto para entrar<sup>209</sup>.

Fica claro, portanto, que o Mestre Álvaro é descrito de maneira precisa e distinta por sua importância para navegantes não só por portugueses, mas de outras nações europeias também.

Os topônimos que aparecem no roteiro de Antônio Lopes da Costa Almeida são praticamente os mesmos que vemos no mapa de Teixeira, o que nos leva a entender que mesmo três séculos depois seu roteiro continuava relevante em relação à descrição da costa do Espírito Santo.

Os topônimos que não aparecem no roteiro de Almeida são “Terra que vay pera o cabo frio”, as Roças Velhas (“rossas belhas”) e a Ilha Escalvada (“*Ilheo* escaluado”).

O primeiro não é exatamente um topônimo, mas indica um caminho para a Capitania de Cabo Frio, para o sul. Mas é relevante que o roteiro de Teixeira ignore a existência da Capitania de São Tomé, exatamente abaixo do Espírito Santo. Em um conhecido caso das primeiras tentativas de se estabelecer as capitanias hereditárias no Brasil, Pero de Góis começou a colonização no Rio Paraíba, ao sul do Espírito Santo, para povoar sua Capitania de São Tomé. Segundo Frei Vicente do Salvador,

Da qual capitania foi tomar posse com uma boa frota, que fez em Portugal á sua custa, bem fornecida de gente e todo o necessário, e no rio chamado Parahiba, que está em vinte e um graus e dous terços, se fortificou e fez uma povoação, em que esteve bem os primeiros dous annos, e depois se lhe levantou o gentio e o teve em guerra cinco ou seis annos, fazendo ás vezes pazes que logo quebravam, tanto que foi forçado a despejar, a terra e passar-se com toda a gente pera a capitania do Espirito-Santo, em embarcações que pera isso lhe mandou Vasco Fernandes Coutinho...<sup>210</sup>.

A capitania de São Tomé logo se desfez com esses ataques, passando a ser administrada pela Coroa alguns anos. Ela não aparece nos mapas de Albernaz.

As Roças Velhas representam uma região que foi ocupada pela Companhia de Jesus, que ali fez uma fazenda, e também por engenhos. Devido à dificuldade de instalar

---

<sup>209</sup> Almeida, A. L. D. C. (1846). Roteiro Geral Dos Mares, Costas, Ilhas, E Baixos Reconhecidos No Globo: Extrahido Das Descripções, E Diarios Dos Mais Celebres A Acreditados Navegadores, E Hydrografos. Por Ordem Da Academia Real Das Sciencias De Lisboa ..., Part 8; Roteiro Geral Dos Mares, Costas, Ilhas, E Baixos Reconhecidos No Globo: Extrahido Das Descripções, E Diarios Dos Mais Celebres A Acreditados Navegadores, E Hydrografos. Lisboa: Typografia da Academia das Ciências de Lisboa. p. 31. Disponível em:

<https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=0lgvAAAAYAAJ&pg=GBS.PA34>.

<sup>210</sup> Salvador, 1627, p. 92.

ambas as coisas na ilha de Vitória, era comum que fazendas e engenhos ficassem no continente, mas sempre nas proximidades da sede da capitania. Ao seu redor havia quatro engenhos desde o início da colonização. O rio das Roças Velhas era um braço do manguezal da ilha, e foi utilizado pelos jesuítas para escoar sua produção para o Colégio de Santiago, iniciado em 1551 em Vitória.

Já a Ilha Escalvada se encontra em frente ao Monte de João Moreno e hoje é chamada de Ilha da Baleia. Quase todas as demais ilhas recebem nomes de personagens que acompanharam Vasco Fernandes Coutinho em sua primeira viagem. Soares de Sousa escreve que D. Jorge de Menezes (sua ilha hoje é um bairro de Vitória chamado Ilha do Boi) veio ao Espírito Santo cumprir penitência junto com um D. Simão de Castelo Branco. Ambos da nobreza portuguesa, substituíram Coutinho quando este precisou ir a Portugal e teriam sido mortos nos ataques indígenas que destruíram boa parte da Vila do Espírito Santo.

Valentim Nunes foi mais um a receber uma ilha como doação (hoje chamada Ilha do Frade). José Teixeira de Oliveira escreve sobre o assunto, mas deixa em dúvida a data, supondo que fosse posterior a 1576, ano em que Nunes atuava como almoxarife<sup>211</sup>. Ana Vaz de Almada, que dá nome a outra das ilhas, foi amante do primeiro donatário, cuja esposa não o acompanhou ao Brasil. Foi ela a mãe de Vasco Fernandes Coutinho Filho<sup>212</sup>, filho bastardo que foi legitimado, tornando-se o herdeiro da capitania. Não se reconhece hoje sua ilha, que pode ter sido incorporada a Vitória durante os processos de aterramento do século XX.

As sesmarias eram uma fonte de poder bastante persuasiva dos donatários, já que consistia na transferência real da posse das terras para o sesmeiro. É um controle considerável que o donatário tem sobre o fortalecimento político, econômico e social de qualquer pessoa vivendo na capitania. Ser um dono de terra significa ter um lugar para plantar cana, café algodão ou outros produtos da época, e um lugar para colher isso e ter sua própria renda. Era também uma forma de ocupar mais a terra, controlando o espaço e defendendo-o quando necessário.

Como escrevem os autores do artigo *Território e territorialidade no império das redes: o Espírito Santo nos séculos XVI e XVII*,

Ao longo do período colonial, é possível compreender a dinâmica territorial dos diversos núcleos iniciais de colonização. No caso em questão,

---

<sup>211</sup> Oliveira, 2008, p. 39.

<sup>212</sup> Ibid., p. 31.

apresentamos a capitania do Espírito Santo constituída por redes de aliança e parentesco que colaboraram para forjar o território e sua territorialidade, nas duas primeiras centúrias de colonização portuguesa na América<sup>213</sup>.

A doação de sesmarias ia além das redes de aliança, e estavam ligadas também ao povoamento e à proteção das capitanias. O artigo *Vila da Vitória: Posse e Defesa Territorial no Brasil Colônia*, de Luciene Pessotti de Souza, começa com a ideia de que desde as primeiras fundações na América Portuguesa o objetivo foi “garantir a posse através da criação de uma rede de vilas e cidades estrategicamente implantadas na costa”<sup>214</sup>, mesmo que nem sempre tenha dado certo. Ainda segundo a autora, uma das formas escolhidas pela Coroa Portuguesa para a fundação de vilas no Brasil estava ligada à “predominância de sítios localizados na confluência de baías e percursos de água de fácil penetração”<sup>215</sup>.

Preocupações como defesas, exploração local e garantia de posse fizeram com que algumas sedes de capitania, como a do Espírito Santo, fossem alteradas com o passar da colonização. Em uma posição mais estratégica, a Vila da Vitória substituiu a Vila do Espírito Santo como cabeça da capitania – por estar mais protegida de possíveis ataques e isolada em uma ilha. Durante a maior parte do século XVII, o Espírito Santo teve apenas essas duas vilas, citadas diversas vezes. Apenas no último quartel do século é que Francisco Gil de Araújo fundou a vila de Guarapari, a partir da aldeia e povoação que ali existia.

Por fim, o roteiro do Brasil mais antigo a chegar até nós é um trabalho magnífico e exemplo da capacidade portuguesa de mapear seu império desde fins do século XVI. Esse trabalho serviu como fonte para os mapas do Brasil de todo o século seguinte, feitos por seus descendentes João Teixeira Albernaz, o Velho, e o Moço.

Serviu também como ponto de partida para mapas de outras nações. O século XVII é recheado de mapas portugueses e holandeses que apresentam um Brasil a cada ano mais expandido, mais completo. O Espírito Santo, mais uma vez, foi incluído nesse processo e seu território cartografado passou do pequeno espaço da baía de Vitória e arredores para numerosos mapas exibindo o território que hoje vai do Sul da Bahia até o norte do Rio de Janeiro.

---

<sup>213</sup> Ribeiro, L. C. M., Follador, K. J. & Quintão, L. D. C. (2013). Território e territorialidade no império das redes: o Espírito Santo nos séculos XVI e XVII. *Dimensões*, 31, p. 52.

<sup>214</sup> Souza, L. P. D. (2006). *Vila da Vitória: Posse e Defesa Territorial no Brasil Colônia*. *Revista Urbanismo de Origem Portuguesa*, 6, p. 1.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p. 2.

Esse trabalho mostra como os mapas limitados à baía de Vitória desapareceram ainda na década de 1630 (com uma única exceção, holandesa, em 1665). Porém, os mapas da baía são extremamente importantes, porque trazem detalhes que as escalas maiores impedem os cartógrafos de colocar na obra. Darei atenção a alguns deles a seguir.

## 2.2 OS MAPAS ANÔNIMOS DO SÉCULO XVII

Há dois mapas da Capitania do Espírito Santo em Madri, na Espanha, em instituições diferentes, que retratam a mesma região que vemos no mapa de Teixeira. Esses dois mapas são de autoria desconhecida e também não têm data específica. Estão aqui porque há características suficientes para dizer que eles foram feitos no século XVII<sup>216</sup>. Mas, aparentemente, de momentos distintos, como discutirei adiante.

Pelo espaço territorial que aparecem nesses dois mapas – a ilha de Vitória e seus arredores continentais – acredito que eles podem ser melhor apreciados em conjunto com o mapa da *Ilha de Duarte de Lemos*, de Luís Teixeira, já que o período em que supostamente foram feitos é aproximado. A semelhança do espaço cartografado nos três mapas permitirá ao leitor uma visão sobre diferentes construções cartográficas da sede da Capitania do Espírito Santo, seu espaço e a presença portuguesa na região.

### 2.2.1 O Mapa da *Biblioteca Nacional de España*

Começarei com o mapa que está na *Biblioteca Nacional de España* em um *Atlas de las costas y de los puertos de las posesiones portuguesas en América y África*. Esta é uma coleção de 35 cartas feitas por um cartógrafo desconhecido, mas provavelmente português. Com a impressão de estarmos diante de um rascunho, seus mapas são coloridos e trazem cores brilhantes, mas um desenho impreciso das principais capitanias do Brasil.

Com os traços simples, muitas vezes é possível ver a sobreposição de tintas e linhas, como se o cartógrafo não tivesse terminado sua obra, ou não esperasse concluí-la. Os mapas são feitos com aquarela em pergaminho e encadernados. Dos 35, apenas 15 são mapas do Brasil. Elas estão organizadas de acordo com a numeração do atlas:

---

<sup>216</sup> A Biblioteca Nacional de España (<http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000062379>) indica “entre 1601 y 1700?” e a Real Academia de la Historia, como veremos adiante, aposta entre 1608 e 1616.

- 1) Estado do Brazil
- 2) Capitania do rio Grande
- 3) Capitania da Parayba
- 4) [Recife]
- 5) Ilha de Jtamaraca
- 6) [Pernambuco]
- 7) Bahia de Todos os Santos
- 8) [Planta de um forte]
- 9) Camamu e Moro de São Pavlo
- 10) Capitania dos Jllheos
- 11) Capitania de Porto Seqvro
- 12) Capitania do Espirito Sancto
- 13) Capitania do Rio de Janeiro
- 14) [Detalhe da Capitania de São Vicente]
- 15) Capitania de São Viçente

O espaço cartografado vai desde o atual estado do Ceará, no Nordeste do Brasil, até São Paulo (sendo que Pernambuco e a atual Bahia aparecem divididos em três e cinco mapas, respectivamente), muito próximo do que encontramos no roteiro de Luís Teixeira.

Veja o mapa do Espírito Santo abaixo:



Mapa 9: Capitania do Espírito Santo, de [16--]. [Escala ca 1:35 000].

O website da *Biblioteca Nacional de España* apresenta algumas notas sobre o mapa. Traduzindo, são elas<sup>217</sup>:

---

<sup>217</sup> Biblioteca Nacional De España. Capnia. De Espirito Sancto. Acesso em: 29/07/2014, Disponível em: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgiirsi/mAWj14Mn44/BNMADRID/263900232/9#top>

- Escala gráfica em léguas sem especificar o grau; orientado com rosa dos ventos e flor-de-lis, direcionado de norte a sul;
- A pena com tinta preta;
- Iluminado com aguada em castanho claro, azul e vermelho;
- Representa povoações mediante edificações e forte de São Miguel.

Nele, o oceano e o rio não são pintados, mas traçados em linhas que apenas ocupam o espaço, sem qualquer preenchimento mais complexo. As elevações à beira da água são marrons e em alguns momentos é possível ver diferentes camadas de tinta, o que dá a impressão de que o trabalho está incompleto.

Os morros no interior, assim como a vegetação neles, repetem-se em padrões de representação e não correspondem à realidade. O caminho do rio e o braço à margem da vila central são completamente imaginários e com certeza seguem informações simplificadas que o cartógrafo recebeu. A rosa dos ventos também está incompleta, com boa parte em branco.

Sobre os topônimos do mapa, em mais de um lugar eles estão parcialmente sobrepostos por outras pinturas, como a cor marrom dos morros. As casas, igrejas e fortes estão coloridos, mas é possível ver a falta de retoque ao redor delas. Essas construções não apresentam uma uniformidade visual, já que algumas ficam dispostas no eixo norte-sul, outras no leste-oeste, e há ainda uma em diagonal.

As duas maiores, que trazem cruces em seus telhados, representam o “Sittio da Vila da Vi[ctoria]”. Próximo a ela, há o desenho muito característico de um forte, chamado de São Miguel. Do outro lado do canal, o nome dado ao outro forte está parcialmente encoberto pelo “Pam de Asucar”. Como visto no destaque do mapa, é possível ler apenas “Redu[?]”. O resto da palavra, apagado pela coloração marrom, parece indicar que a palavra completa é “Reduto”. No mapa a seguir, e em outros mapas expostos nesse trabalho, veremos que a fortificação instalada no continente recebe o nome de Forte de São Marcos, sempre relacionado ao de São Miguel, na ilha.



Figura 2: Detalhe do mapa Capitania do Espírito Sancto, de [16--].

A Villa Velha aparece como um conjunto de casas pequenas e conjugadas, em dois níveis. Apesar de as casas de trás ostentarem telhados retos e não triangulares, como as da frente, não há maior diferenciação entre elas. Próximo à vila, há a “Nossa Senhora da Pena”. Essa construção segue o mesmo modelo daquelas na vila de Vitória, criando assim um padrão visual para edifícios religiosos: uma visão em diagonal, em profundidade, com três janelas laterais e uma cruz acima da porta frontal.

Gândavo, em seus textos, destaca o rio em cuja foz estavam Vila Velha e Vitória, pelo qual era possível subir de navio pelo menos por uma légua e que era muito abundante de peixes<sup>218</sup>. Ele era conhecido como rio do Espírito Santo. O holandês Johannes de Laet também escreve sobre ele, ao narrar a chegada da armada de Pieter Pietersz na capitania. Ele diz que o rio fazia ali muitas sinuosidades e por isso era “morto”, sem correntes que pudessem levar os navios para situações difíceis<sup>219</sup>.

Laet faz uma descrição muito interessante da entrada da baía, pensando em ajudar outros navegantes que pudessem fazer o mesmo caminho. Cito o parágrafo todo:

Querendo entrar neste rio, attendei às seguintes indicações. Do lado meridional da bahia vereis trez ilhetas, que semelham parcéis grandes, não mui altos, e pol-as-heis a bombordo, e navegareis ao longo delas; na mais occidental vereis trez pedras, que parecem gabiões; passadas estas ilhetas,

<sup>218</sup> Gândavo, 1575, p. 11.

<sup>219</sup> As embarcações holandesas encalharam na entrada da baía, mas não tiveram piores consequências graças a essa situação do rio, que impediu que coisas ainda piores ocorressem. Biblioteca Nacional, 1912, p. 148.



governareis ao noroeste quarta a oeste, e então dareis fé de um baixo, sobre o qual o mar se alteia muito, e passareis avante, deixando este baixo a estibordo; tendo avançado algum tanto, logo vereis a abertura do rio, que se prolonga para oeste; vereis também na boca do rio alguns parcéis, dos quaes um ou mais se acham sempre descobertos e à vista acima d'água...<sup>220</sup>.

No mapa, assim como no texto, também se destacam três ilhas na entrada da baía e uma série de baixos, ou parcéis, que poderiam gerar problemas para os navegantes desavisados. Ainda de acordo com o texto, nessas ilhas os holandeses encontraram água para abastecer os navios.

É interessante o fato de esse ser um texto holandês, cuja nação tentava estabelecer sua presença no Brasil no século XVII. Isso não foi possível no Espírito Santo. A entrada da vila era considerada bastante defensável, por ser estreita e cercada de morros e penedos, além das fortificações portuguesas, que protegiam as vilas.

O mapa, de autoria desconhecida, mais uma vez parece corresponder aos roteiros de navegação da região, apesar de simplificar a representação das vilas. Destaca-se, portanto, por suas cores vivas e também por não parecer um trabalho concluído. A falta de finalização da pintura é visível em alguns elementos como a rosa dos ventos e os diferentes tons de tinta pelo mapa. Isso nos leva a entender que pode ter existido uma versão final dele em algum momento, que não chegou até nós, ou que ele serviu de base para outros cartógrafos fazerem outros mapas.

Entretanto, não há informações sobre isso. Mapas eram comumente deixados de lado quando surgia a necessidade de fazer novos, e isso podia fazer com que alguns não fossem concluídos. O mapa seguinte também parece um rascunho. As linhas de base ainda aparecem lá e a falta de cores faz dele um dos poucos mapas não coloridos do Espírito Santo. Vamos analisá-lo abaixo.

## **2.2.2 O Mapa da *Real Academia de la Historia***

O mapa presente na *Real Academia de la Historia* (também em Madri) é um impressionante trabalho de mapeamento da ilha de Vitória e seus arredores, que não é

---

<sup>220</sup> Ibid., p. 150.

repetido em qualquer um dos outros mapas vistos aqui. Ele é, talvez, o melhor mosaico de informações dessa região organizado no século XVII.

O mapa tem data incerta e não se conhece sua procedência. A Fundação Europeia<sup>221</sup> oferece muitas informações sobre ele, e através dela sabemos que este mapa foi “dobrado e costurado na borda esquerda” com uma carta de Cabo Frio e outra de Salvador, além de dois planos de Faro (Portugal). Há ainda mais duas cartas que parecem ter a mesma autoria, do Rio de Janeiro e de São Vicente, nos levando a acreditar que eles faziam parte de um conjunto maior de cartas do império português.

Tanto esta quanto a carta de São Vicente são atribuídas, por Nestor Goulart Reis, a Alexandre Massaii, um arquiteto e engenheiro militar de Nápoles, que foi para Portugal no final do século XVI para trabalhar na fortificação do porto de Lisboa, terminando por fazer o mapeamento das povoações litorâneas portuguesas, datado de 1617-1618. Acreditando que os mapas do Brasil foram concluídos mais ou menos nesse período, Nestor Goulart datou a carta de São Vicente de 1608-1616 – data essa que foi adotada também para a do Espírito Santo.

Em seu catálogo, Carmen Manso Porto, fala sobre a datação desse mapa<sup>222</sup> e lembra que Cortesão propôs uma data diferente para a origem do mapa: posterior a 1660, 1661. Ela acredita que um dos objetivos do mapa é mostrar as fortalezas portuguesas no Espírito Santo. É interessante notar que, nos mapas portugueses, as fortalezas na entrada da baía de Vitória só aparecem a partir de 1630<sup>223</sup>. Porém, a documentação mostra a existência desses fortes pelo menos desde 1591, quando o corsário inglês Thomas Cavendish se aproximou do Espírito Santo<sup>224</sup>. Tudo o que aparece no mapa, portanto, já estava construído em finais do século XVI e primeiros anos do XVII. Por isso, defendo a data proposta por Carmen Manso Porto e não a de Cortesão.

Veja o mapa:

---

<sup>221</sup> Europeia é um portal na internet que funciona como interface para milhões de documentos digitalizados por mais de 2.000 instituições da Europa. A mesma descrição, com algumas alterações na estrutura, pode ser lida em Cartografia histórica portuguesa: catálogo de manuscritos (siglos XVII-XVIII) (Manso Porto, 1999, pp. 24-25).

<sup>222</sup> Na descrição do mapa da Capitania de São Vicente, ela escreve que “Entre 1608 e 1616 data esta carta e outro grupo brasileiro da mesma coleção da RAH porque em 1617 Alexandre Massaii coloca outros desenhos de fortalezas portuguesas da RAH”. Manso Porto, C. (1999). Cartografia Histórica Portuguesa: Catálogo de Manuscritos (Siglos XVII-XVIII). Madrid, pp. 24-25.

<sup>223</sup> O mapa anterior é de autoria desconhecida e, nos mapas holandeses, vemos fortificações em 1624.

<sup>224</sup> Knivet, 1625/2008, pp. 32-33.



Mapa 10: Capitania do Espírito Santo, de ca. 1608-1616. [Escala ca 1:25 000].

O mapa foi feito em quatro folhas de papel coladas e é orientado a partir de uma rosa dos ventos, sendo oito deles prolongados, e possui uma cartela com características barrocas no centro, “com as bordas profusamente ornamentadas com volutas e uma cabeça humana na parte superior”, onde está o título, que é o nome da capitania. Além disso, é “desenhado com pena em tinta ferrogálica, iluminado a aguada em sépia, nas bordas da costa e em algumas montanhas”<sup>225</sup>.

Uma série de topônimos chamam a atenção neste mapa, por não aparecerem em qualquer outro mapa do período. O “rio taguoa”, por exemplo, era um afluente do rio Santa Maria, que na cartografia aparece sempre com o nome de rio do Espírito Santo, pois deságua na sede da capitania<sup>226</sup>. Há também o “rio areberehi”, para o lado do continente. Segundo Cezar Augusto Marques, em seu *Diccionario Historico, Geographico e Estatistico da Provincia do Espirito Santo*, este é o rio Aribiri, um “esteiro, na margem sul da bahia do Espírito Santo, entre o Pão de Assucar e a Ponta da Pedra d’Agua”<sup>227</sup>. O rio hoje dá nome a um bairro de Vila Velha. Um outro topônimo digno de nota é “iabeburuna”, que aparece registrado em outros lugares como Jabeburuna, Juburuna ou Jabitruna. Ainda segundo Marques, esse é um “morro ao sul da bahia do

<sup>225</sup> Ibid.

<sup>226</sup> O padre Luís Figueira, na *Arte da Grammatica da Lingua Brasilica*, escreve que Tagoá significa “barro vermelho” (Figueira, 1687, p. 77). Outros autores registram Tagoá como “amarelo” (Machado, 1949,85). Eduardo Navarro, no *Dicionário de Tupi Antigo*, afirma que, como substantivo, é “barro vermelho”, mas pode ser adjetivo, com o sentido de amarelo. Navarro, 2013, p. 465.

<sup>227</sup> Marques, C. A. (1878). *Diccionario Historico, Geographico e Estatistico da Provincia do Espirito Santo*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional. p. 5 e 11. Possível etimologia da palavra é: Îabyru + una, sendo Îabyru ou Jaburu = ave ciconiforme, também conhecida como tuiuiú, e una = negro, preto. Navarro, 2013, p. 153 e 498.

Espírito Santo, em frente a ilha dos Papagaios”<sup>228</sup>. Localizado no bairro da Glória, em Vila Velha, chama-se hoje Jaburuna. Por fim, o rio que entra a norte da ilha de Vitória recebe o nome de “mariguihy”. Este é facilmente identificado como o rio Maruípe, que também aparece grafado como Maruhipé ou Moruype em outros mapas aqui estudados<sup>229</sup>. É possível concluir que os caminhos dos rios são imaginativos, mas também aparecem nos locais certos e com algum cuidado.

À frente da vila de Vitória, no rio que dá acesso a ela, há um navio. É possível ver que sua âncora está abaixada. Entre ele e a ilha onde está a vila, há um pequeno bote, onde há duas pessoas e dois remos. É a única representação de pessoas em mapas do Espírito Santo no século XVII. O mapa mostra onde os navios podem ancorar, e dá vida à vila, uma movimentação que pode significar atividades comerciais.



Figura 3: Detalhe da Vila de Vitória no mapa da *Real Academia de la Historia*

<sup>228</sup> Marques, 1878, p. 169.

<sup>229</sup> Etimologia de Mariguihy ou Maruhipé ou Maruípe: Marigüi, em tupi, nome comum a insetos da família dos ceratopogonídeos (mosquito-do-mangue); ou pássaro pequeno e pardo de penas muito compridas, bico e pescoço longos, que vive no mangue. Navarro, 2013, p. 265.



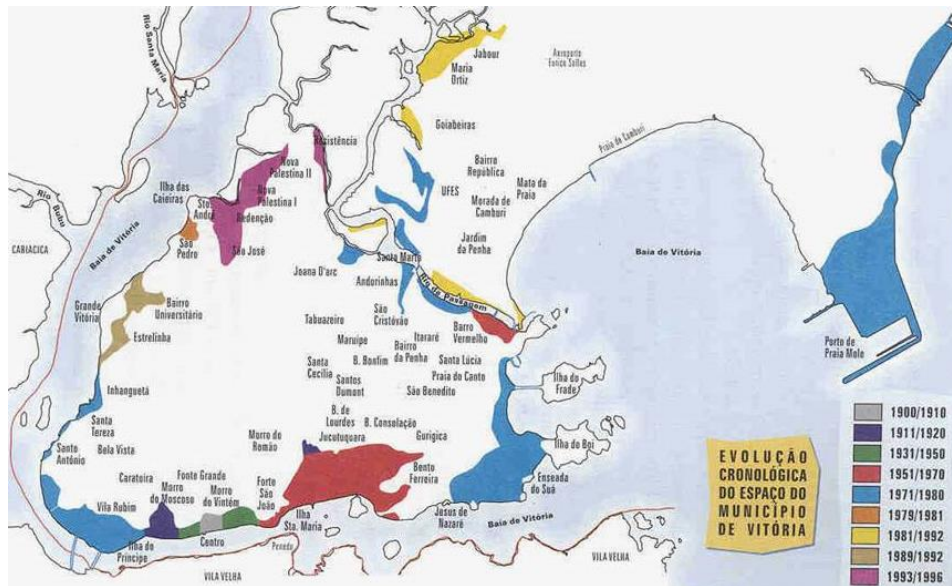


Figura 4: Detalhe da Vila Velha no mapa anônimo da *Real Academia de la Historia*

Sobre a ilha principal do mapa, seu formato, alongado no eixo leste-oeste é muito aproximado do formato real da ilha de Vitória e algumas ilhas menores do arquipélago também são retratadas com posição e formato aproximados. Veja, por exemplo, os dois mapas abaixo. Um deles, a *Carta Topographica da Barra do Rio do Espírito Santo (...)*, feito em 1853, mostra de forma bastante precisa a ilha de Vitória. Formato esse confirmado no mapa seguinte, que aponta cuidadosamente os aterros feitos no século XX na ilha e em seus arredores.



Mapa 11: *Carta Topographica da Barra e Rio do Espírito Santo* do qual toma nome toda a Capitania, que mostra com distinção todas as Villas, Fortalezas, Portos e Ilhas que estão desde a sua fóz até além da Villa de Victória Capital da Capitania, do engenheiro João Pedro de Gusmão Vasconcellos Mariz, 1853.



Mapa 12: Evolução cronológica do espaço do Município de Vitória. SEMAN/PMV, 2005. Detalhe para o formato antigo da ilha, ao remover as partes em cores.

Em Vila Velha, vemos algumas casas construídas, sem qualquer identificação. Observando de perto as representações das duas vilas, vemos que os topônimos que aparecem são em sua maioria de igrejas ali construídas. Em Vitória, temos: “São Tiago, acompanhada a identificação “Companhia de iesus”, “Matris”, “*São Francisco*”, “*miZericordia*” e “*São bento*”. Já em Vila Velha, há: “*nossa senhora do RoZario*”, “*Santa caterina*”, “*Matris*” e “*nossa senhora da pena*”. Escreverei um pouco sobre elas.

“*São Tiago*” refere-se ao Colégio de Santiago, da “*Companhia de iesus*”. Os jesuítas chegaram ao Espírito Santo no ano de 1551, coincidência ou não, próximo à fundação de Vitória. Ali, estabeleceram um centro de poder junto com a administração e outras ordens religiosas e construíram o Colégio de Santiago, que se tornou a principal casa dos jesuítas no Espírito Santo. Recebeu este nome porque foi inaugurado no dia do santo, 25 de julho, daquele ano<sup>230</sup>. De lá, estabeleceram diversas missões, algumas próximas, algumas mais afastadas<sup>231</sup>. Uma carta do padre Afonso Brás, de 1551, narra os primeiros momentos da Companhia de Jesus no Espírito Santo e faz a primeira menção ao colégio<sup>232</sup>. Outra carta, sobre uma viagem do Padre Manuel da Nóbrega e outros que

<sup>230</sup> Leite, S. (1956). *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil (I (1538-1553))*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo. p. 275.

<sup>231</sup> Canal Filho, P., Andrade, M. O. D., Reis, F. P. & Costa, B. B. (2010). *A Catedral Metropolitana de Vitória (Vitória em Monumentos, Vol. 5)*. Vitória: EDUFES. p. 27.

<sup>232</sup> “ordenamos fazer uma pobre casa, para nos recolher nela; ela está já coberta de palha e sem paredes. Trabalharei para que se edifique aqui uma ermida junto dela, em um sítio muito bom, na qual possamos dizer missa, confessar, fazer a doutrina e outras coisas semelhantes”. *Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]*. (2006). Tradução, introdução e notas, Sheila Mouta Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Ed. pp. 71-75.

passaram pelo Espírito Santo, ainda em meados do século XVI, fala mais sobre a presença jesuíta. Pela carta, vemos que Santiago já era chamado de Colégio e já recebia índios e escravos em grande número. Além disso, a carta afirma que a casa é grande e a terra com muitos mantimentos para a sustentação de outros índios que estavam sendo enviados de São Vicente<sup>233</sup>.

O Colégio tinha uma ótima localização, “livre de obstáculos visuais” e garantindo o “controle e domínio sobre as terras à sua volta”, e expandindo “as vistas que se conformavam em paisagens a partir do emoldurar da natureza ao redor”<sup>234</sup>. Após a expulsão dos jesuítas da América portuguesa, em 1759, o edifício ficou desocupado até 1796, quando se tornou sede do governo<sup>235</sup>.

Sobre esse local, Fernão Cardim também escreveu, agora já em fins do século XVI. O colégio e a igreja, de São Maurício, já estavam construídos, tendo nas proximidades grande plantação de frutas, para sustento dos padres, que viviam de esmolas. Recebiam provimentos de Portugal através do colégio do Rio e também de São Paulo<sup>236</sup>.

Quase do mesmo período é a Igreja Matriz da Vila de Vitória, que teria começado a ser construída entre 1550 e 1552. “A capela localizava-se num platô mais ou menos plano entre o mar e o maciço central” e formava então, com o Colégio de Santiago e a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, um importante conjunto político-religioso na sede da capitania.

O nome da matriz e da vila é normalmente ligado a uma vitória conquistada pelos portugueses diante da resistência indígena<sup>237</sup>. De acordo com o folclore capixaba, os

---

<sup>233</sup> “Llegando a esta Capitania dei Spirito Sancto nos vino a buscar el Padre Alfonso Braz en un barco y nos llevó al Collegio de Santiago (...). Aquí en esta casa, como en las otras de las Capitanias, se enseñan algunos índios de la tierra y los esclavos que son muchos. Ahora embia el Padre Nóbrega de aqui de São Vicente para esta Capitania más niños de los Índios para se criaren y ensenaren por ser la casa grande y la tierra de muchos mantenimentos”. Leite, 1956, p. 428.

<sup>234</sup> Dias, F. V. & Campos, M. M. (2013). Palácio Anchieta (Vitória-ES-BR): questões tipo-morfológicas e de paisagem. Paper apresentado em Anais do I Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira, Vitória-ES. Disponível em: <http://www.urbearquitetonica.com.br/artigos/Palacio-anchieta-artigo-HCLB-2013.pdf>.

<sup>235</sup> Carvalho, J. A. (1982). O colégio e as residências dos jesuítas no Espírito Santo. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. p. 52.

<sup>236</sup> “Os padres têm uma casa bem acomodada com sete cubículos, e uma igreja nova e capaz, A cerca é cheia de muitas laranjeiras (sic), limeiras doces, cidreiras, acajús e outras fructas da terra, com todo gênero de hortaliça de Portugal. Vivem os nossos d'esmolos, e são muito bem providos, e o collegio do rio os ajuda com as cousas de Portugal, como também faz ás duas casas de Piratininga e S. Vicente, por serem a elle annexas e entrarem no numero das cincoenta para que tem dote”. Cardim, 1858/1925, pp. 337-345.

<sup>237</sup> A histórica Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística, escrita por Daemon em 1879, diz: “Contudo, a 8 de setembro deste ano [de 1551] é atacada a nova vila pelos indígenas, havendo um combate renhido, em que foram aqueles vencidos e expulsos por uma vez desta ilha, sendo nesta ocasião dado o nome de vila da Vitória 49 em atenção ao valor, brilhantes feitos, e

colonos construíram a primeira capela nesse período e a consagraram a essa específica denominação mariana. Entretanto, qualquer registro que pudesse existir sobre a fundação de Vitória e sobre os motivos para a escolha do nome desapareceu ou foi destruído, restando apenas as crenças locais.

A próxima a aparecer no mapa é a de São Francisco. Com presença efetiva no Brasil a partir de 1585, os franciscanos receberam um convite do próprio Vasco Fernandes Coutinho Filho para se estabelecerem na Capitania do Espírito Santo, a partir de 1589. Lá chegaram após a morte do donatário, e se estabeleceram na casa de Marcos de Azeredo até decidirem onde construir seu convento. Dois anos depois, iniciaram as construções e ficaram conhecidos como pioneiros “no abastecimento de água em domicílio na cidade”<sup>238</sup>. Estabeleceram-se em uma região relativamente afastada do núcleo central. Seus escravos ficavam em uma senzala ao pé do morro, e ali cultivaram, nos anos seguintes, São Benedito, criando uma importante ligação, ainda hoje, entre os dois santos e também entre seu Convento e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Vitória.

Quanto à Santa Casa de Misericórdia, há pesquisadores que afirmam que ela teria se instalado no Espírito Santo no ano de 1545<sup>239</sup>, o que é questionável, pois dessa forma ela teria sido construída ainda antes da fundação da vila. Como não há registros sobre sua fundação, o assunto não pode ser resolvido facilmente.

A Igreja de São Bento, que aparece afastada no mapa, não existe mais, e há pouquíssimas informações sobre ela. Sua localização parece próxima à da atual igreja de Nossa Senhora do Rosário, que é barroca, construída aproximadamente em 1700. Porém, documentos da Ordem de São Bento indicam a presença de beneditinos na capitania em fins do século XVI<sup>240</sup>. Há ainda, nessa documentação, algumas dúvidas sobre onde, de fato, os beneditinos receberam sua sesmaria, mas José Teixeira de Oliveira aponta que foi

---

gloriosa vitória que alcançaram os povoadores, ficando até hoje existente este nome (...)” (Daemon, 2010, 120).

<sup>238</sup> Canal Filho, P., Andrade, M. O. D., Reis, F. P. & Costa, B. B. (2010). O Convento de São Francisco (Vitória em monumentos, Vol. 1). Vitória: EDUFES.

<sup>239</sup> Primo, A. L. D. A. Santa Casa de Misericórdia. Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, XVI, pp. 39-41.

<sup>240</sup> “Em vinte e quatro de Maio de 1594 pedio o Ir. Fr. Bazilio e lhe foi dada por sesmaria pela dita D. Luiza Grimalda (Capitoã, e governadora com o seu adjunto Miguel de Azevedo) huma ilha na mesma Vila Velha que fora de dona Senhora, e estava no Campo. Na sua petisaõ diz o dito Irmaõ que ele fora com o Padre Francisco Damião em 1589 edificar o Mosteiro na dita villa tendo já caza que foi da dita D. Luiza”. Silva-Nigra, D. C. M. D. (1943). A Ordem de São Bento na capitania do Espírito Santo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, XV, pp. 56-57.



na vila de Vitória<sup>241</sup> e, levando em consideração o elemento cartográfico que apresento aqui, é provável que ele esteja certo.

Em Vila Velha, há a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, considera a primeira igreja construída no Espírito Santo, ainda em 1535, o que a tornaria a igreja mais antiga do Brasil ainda em pé e em funcionamento. Foi fundada com a chegada dos portugueses capitaneados por Vasco Fernandes Coutinho. Daemon afirma que antes de iniciar a construção do que seria o colégio da Companhia, em 1551, os jesuítas se dedicaram a restaurar a igreja do Rosário, em Vila Velha, pois Coutinho ainda não teria transferido a sede da capitania para a ilha<sup>242</sup>.

Infelizmente, não pude encontrar maiores informações sobre duas das igrejas que aparecem em Vila Velha, a Matriz e a de Santa Catarina. Dos relatos que nos chegaram do século XVI e XVII, não parece haver qualquer menção a outras igrejas naquela vila além da do Rosário, já comentada, e daquela que viria a se tornar no Convento de Nossa Senhora da Penha.

A então ermida de Nossa Senhora da Penha foi iniciada ainda em 1558 pelo franciscano Pedro Palácios, com o objetivo de homenagear um quadro que trouxe de Portugal<sup>243</sup>. Teria sofrido uma tentativa de ataque holandês durante as infrutíferas tentativas da primeira metade do século XVII<sup>244</sup>.

Acontecimentos como esse certamente deram destaque ao futuro convento na documentação da época, e sua importância não passou despercebida pelos cartógrafos: ele está em muitos dos mapas estudados nos próximos capítulos. Além de ser citada em documentos e cartas oficiais, a ermida aparece nos textos de alguns cronistas da América portuguesa. Inclusive, Fernão Cardim a visitou pessoalmente no século XVI. Ele escreveu que “certo que representa a Senhora da Pena de Cintra, por estar fundada sobre uma altíssima rocha de grande vista para o mar e para a terra. A capella é de abobada pequena, mas de obra graciosa e bem-acabada...”<sup>245</sup>.

---

<sup>241</sup> Oliveira, 2008, p. 118.

<sup>242</sup> Daemon, 2010, p. 119.

<sup>243</sup> O quadro quinhentista de Maria, que deu nome ao convento, foi trazido da Europa pelo próprio Palácios, que pertencia ao Convento da Arrábida, na península de Setúbal, em Portugal. Anchieta escreveu sobre o fundador e sua história (Anchieta apud Cardim, 1858/1925, pp. 406-407), e afirmou que ele era de vida exemplar e que foi para o Brasil com o simples objetivo de salvar almas. Ali pediu ajuda aos padres para saber o suficiente da língua local para poder batizar e acudir aqueles que os padres não alcançavam.

<sup>244</sup> Reis, F. P. (2008). As imagens de Nossa Senhora da Penha do Convento da Santa no Espírito Santo. Academia.edu. Disponível em: [http://www.academia.edu/4558520/As\\_imagens\\_de\\_Nossa\\_Senhora\\_da\\_penha\\_no\\_Convento\\_da\\_santa\\_no\\_Espirito\\_Santo](http://www.academia.edu/4558520/As_imagens_de_Nossa_Senhora_da_penha_no_Convento_da_santa_no_Espirito_Santo).

<sup>245</sup> Cardim, 1858/1925, pp. 343-344.

Não há razão hoje para crer que Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo seja uma representação da “Senhora da Pena de Cintra”, como escreve Cardim. Pedro Palácios, quando em Portugal, viveu em Setúbal e, portanto, não muito longe de Sintra, mas ainda assim não há conexão real entre as suas denominações<sup>246</sup>.

O detalhe da capela abobadada é interessante, mas nenhum mapa reproduz esse elemento arquitetônico. O mesmo detalhe se repete no texto de Jácome Monteiro, escrito no mesmo século:

Junto à barra desta Capitania está um monte, que pode competir com o Olimpo, o alto do qual se remata com um penedo, que terá de circuito trezentas e mais braças, aonde está edificada uma ermida da invocação de N. S. da Penha, a melhor e de mais devoção que ha em todo o Brasil, e com os nomeados deste Reino pode entrar a contenda. É de abóbada a capela, o corpo da ermida de arcos abertos, por causa das tempestades; tem vista sobre o mar e terra até os olhos mais não alcançarem; ao pé do penedo tem umas casas mui boas pera se recolherem os romeiros<sup>247</sup>.

Monteiro foi um jesuíta, e sua comparação entre o morro do convento e o Olimpo demonstra sua parcialidade católica. Principalmente quando vemos que o convento fica apenas cerca de 150 metros acima do nível do mar<sup>248</sup>, e o Olimpo tem quase 3 mil metros de altura<sup>249</sup>. As casas citadas por Monteiro para acolher os romeiros no “pé do penedo” aparecem no mapa próximas à ermida, no caminho que liga a vila à igreja.

Frei Vicente também escreveu sobre a ermida, dizendo que ela “se pode contar por uma das maravilhas do mundo, considerando-se o sitio, porque está sobre um monte

---

<sup>246</sup> Não parece haver relação entre “pena” e “penha”. É importante descartar que o quadro trazido por Palácios é tido como de Nossa Senhora das Alegrias, e não da Penha, o que dificulta estabelecer a sua origem ou influência. O mais provável é que Cardim tenha, de fato, se equivocado, e que o convento tenha alguma relação com o Santuário de Nossa Senhora da Penha de França na atual província de Salamanca, na Espanha. Em primeiro lugar, Frei Pedro Palácios teria nascido no início do século XVI em Medina de Rioseco, não muito longe de Salamanca, onde o Santuário começou a ser construído em 1445. Segundo, o culto a Nossa Senhora da Penha de França só foi inserido em Portugal ao final do século XVI, após a batalha do Alcácer-Quibir (1578), sendo que Palácios viajou para o Brasil em 1558. É interessante lembrar que em 1597 iniciou-se a construção de uma ermida e convento dedicados a Nossa Senhora da Penha de França nos arrabaldes de Lisboa. Destruída no terremoto de 1755, foi reconstruída e atraiu a veneração da população, principalmente navegantes e pessoas ligadas ao mar, e procissões acontecem uma vez ao ano. Sobre esses assuntos, ver: Reis, 2008; Pacheco, A. R. R. D. A. (2012). Construção de um mundo interior: Arquitectura franciscana em Portugal, Índia e Brasil (sécs.XVI-XVII) (Doutorado), Universidade de Coimbra, Coimbra. p. 473; Ezimute. Igreja da Penha de França. Disponível em: <http://www.ezimute.com/pt-PT/lisboa/categorias/monumentos/igreja-de-penha-de-franca>

<sup>247</sup> Monteiro, 1610/1945, pp. 401-402.

<sup>248</sup> Souza, A. C. D. (2012). Convento da Penha: um lugar de memória e de história cultural. Revista Aurora, 5, p. 74.

<sup>249</sup> Encyclopedia Britannica. (2014). Mount Olympus. Disponível em: <http://global.britannica.com/place/Mount-Olympus-mountain-Greece>.

alto (...) donde se não pode olhar pera baixo sem que fuja o lume dos olhos”<sup>250</sup>. A construção, de fato, se destacava na paisagem colonial e ainda hoje mantém-se única e imponente sobre seu morro.

Sua importância hoje reflete a importância que a ermida obteve no século XVII, quando se tornou destino de romarias e de peregrinação. Sua presença nos textos da época, mas principalmente na cartografia, é um forte exemplo de sua relevância na história da capitania. Se a data proposta pela *Real Academia de la Historia* (ca.1608-16) estiver certa, este é o mapa mais antigo a representar o Convento de Nossa Senhora da Penha.

Este é o mapa da Capitania do Espírito Santo que considero o mais interessante deste estudo, tanto pelos seus topônimos únicos como por apresentar as vilas da capitania de modo semelhante ao de plantas mais modernas da cidade. Não havendo muitas informações sobre como o mapa teria sido feito, nem como Alexandre Massaii teria conseguido as informações sobre o Espírito Santo, é impossível afirmar que o cartógrafo tinha conseguido informações pessoalmente sobre as vilas, suas vias e construções. Por outro lado, parece claro que ele recebeu informações precisas e, ao fazer o mapa com a maior escala entre os estudados aqui, foi capaz de desenhar os planos das vilas de Vitória e do Espírito Santo como nenhum outro.

Não só isso, como mostrou detalhes impressionantes de seus arredores, como os rios que desaguam na região, os principais morros, ilhas, fortes, enfim, características importantes do Espírito Santo, que, com escalas menores, talvez não fosse possível apresentar da maneira que seu autor apresentou.

### 2.3 UMA PERSPECTIVA DA CAPITANIA

Todos os mapas apresentados até agora são focados na baía de Vitória e suas proximidades. Provavelmente porque nos primeiros anos da colonização portuguesa no Brasil essa era a única região povoada. Além disso, foi apenas aos poucos que a cartografia expandiu o reconhecimento do litoral para regiões distantes dos primeiros núcleos.

---

<sup>250</sup> Salvador, 1627, pp. 96-97.

A representação mais antiga dos arredores de Vitória feita por holandeses não é um mapa, mas sim uma perspectiva, a única estudada aqui, que aparece em um quadro dentro do mapa *Brasilia*, publicado no *Reys-Boeck van het rijcke Brasilien, rio de la Plata ende Magallanes*, pelo editor Jan Canin aproximadamente em 1624.

Porém, antes de começarmos a analisar o mapa, precisamos compreender um pouco mais sobre a cartografia holandesa, suas características e diferenças em relação à cartografia portuguesa, apresentada até aqui.

### 2.3.1 A cartografia holandesa

A cartografia holandesa do século XVII foi influenciada pela produção portuguesa do mesmo século e do anterior. E o século XVII viu um grande número de mapas das duas nações. A expansão ultramarina ajudou no crescimento da produção cartográfica. Os monarcas ibéricos, inicialmente, utilizaram cartas marítimas para planejar seus empreendimentos. Com isso, deram início a instituições, criadas especialmente para serem repositórios cartográficos. A Holanda dos Seiscentos, por outro lado, deixava a organização de seus acervos cartográficos nas mãos das Companhias das Índias Ocidentais e Orientais, que funcionariam de forma semelhante às instituições portuguesas e espanholas voltadas para a navegação e para a cartografia<sup>251</sup>.

Além disso, depois que as províncias dos Países Baixos assinaram a União de Utrecht e se tornaram independentes da Espanha, os holandeses conquistaram diversas terras coloniais que pertenciam a Portugal ou a Espanha e precisaram também estabelecer um controle sobre um vasto império ultramarino. E a cartografia, devido às suas várias e diferentes qualidades, fascinava: “a habilidade de abranger, com um único olhar, a expansão territorial de um reino, o perfil de uma cidade, o contorno de um terreno em particular ou linha de fronteira: tudo podia agradar ao soberano moderno – por vários motivos e de acordo com circunstâncias diferentes”<sup>252</sup>.

A cartografia holandesa foi uma das mais significativas nos primeiros séculos da modernidade. Centrada em Amsterdã, dedicou-se a partir do século XVII a

---

<sup>251</sup> Após a fundação da Companhia das Índias Orientais Unidas, em 1602, eles se dedicaram à hidrografia, imitando parte da organização da Casa da Contratación, na Espanha, e dos Armazéns da Guiné, em Portugal. Harley, 2001, p. 94; Zandvliet, 2007, p. 1438.

<sup>252</sup> Kagan, R. L. & Schmidt, B. (2007). Maps and the early Modern state: official cartography. In Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3, pp. 661-679). Chicago: University of Chicago Press. p. 678.

institucionalizar suas fronteiras e a de cada uma das províncias dos Países Baixos, então encabeçados pelo Príncipe de Orange. Eles utilizaram dos poderes expositivos dos mapas para defender sua independência da Espanha. A cartografia se tornou um símbolo da nacionalidade holandesa<sup>253</sup>.

As perspectivas oblíquas se tornaram convenções de representação de cidades modernas. Destacavam o perfil e o plano das cidades, assim como os campos ao seu redor, como imaginado pelo autor. As vistas de cidades, afinal, traziam uma imagem independente e autônoma dessas cidades e, para Barbara Mundy, não há como subestimar a influência desses mapas no processo de estabelecimento de cidades estados, como na Alemanha e nos Países Baixos<sup>254</sup>.

Buisseret e Miller também acreditam que essas plantas, assim como a cartografia moderna em geral, são um resultado da expansão da visão de mundo dos europeus modernos, que começavam a imaginar importantes utilidades para elas, além da utilidade para o comércio e para os viajantes<sup>255</sup>.

Os holandeses foram, em momentos do século XVII, detentores das melhores imprensas da Europa. Sua contribuição para a cartografia é considerável e os holandeses destacaram-se na produção de atlas históricos, construindo um acervo de conhecimento visual de destaque<sup>256</sup>.

Na Europa, o desenvolvimento da imprensa fez com que a produção de mapas se expandisse no século XVI, ganhando força no século seguinte e permitindo a publicação em quantidades ainda maiores. Nessa indústria e período, os holandeses foram responsáveis por grande número de publicações. Inclusive, eram procurados para a publicação de mapas e atlas de diversas nações europeias<sup>257</sup>.

Na cartografia impressa, a impressão a partir de placas de cobre permitiu maior precisão na gravação dos mapas, comparada às placas de madeira, utilizadas anteriormente, e garantiam a rápida divulgação da informação.

O *Theatrum orbis terrarum*, de Abraham Ortelius (1570), foi a primeira grande obra a retratar o mundo. Devido às suas escalas pequenas, os mapas de Ortelius não

---

<sup>253</sup> “A unidade geográfica através da península Ibérica, como vista neste mapa [o atlas de van den Wyngaerde], parecia ser testemunha de sua unidade nacional, um corpo cujo coração era seu monarca em Madrid”. No original: Spain’s geographic unity across the Iberian Peninsula, as seen in this map, seemed to bear witness to its national unity, one body whose heart was its monarch in Madrid (Mundy, 1996, 7-8).

<sup>254</sup> Mundy, 1996, p. 5.

<sup>255</sup> Buisseret, 2003, p. 166.

<sup>256</sup> Alpers, 1999, p. 312.

<sup>257</sup> Sobre o assunto, ler Mapping the Dutch world overseas in the seventeenth century, de Zees Zandvliet, publicado em The history of cartography (2007)

podiam ser utilizados com objetivos mais específicos, nem ser mais detalhados. Nesse momento, a teoria e a prática da cosmografia ainda se acertavam. O processo estava em desenvolvimento. Por isso, “um dado mapa jamais é estabelecido sobre novidades, mas (...) herda sempre de mapas anteriores uma parte não negligenciável, e até preponderante, de sua informação. Nos melhores casos, integra os novos dados a uma forma ou a um contorno recebido”<sup>258</sup>.

Havia grande responsabilidade na escolha das informações que seriam descartadas ou inseridas nos novos mapas, pois elas afetariam todo um trabalho demorado e financiado por outros. A iniciativa era, portanto, essencial para o cartógrafo, na hora de escolher de onde retiraria as informações para seus novos mapas e na hora de administrar os trabalhos relacionados ao seu, com o objetivo de alcançar um bom resultado.

Quanto aos signos e elementos cartográficos, eles têm um estilo diferente do português. Isso acontece porque até o século XVI, “as cartas, ainda pouco padronizadas, explicitavam o estilo pessoal de cada cartógrafo, caracterizando-se pelo predomínio dos topônimos e figurações livres, que preenchiam as lacunas decorrentes do desconhecimento efetivo da região representada”<sup>259</sup>.

Aos poucos, foram convencionadas técnicas, cores e outros elementos cartográficos (rios, vegetação, elevações, costas, construções) para que mapas pudessem ser não só entendidos, mas também aceitos por leitores de nações diversas.

Só que a padronização não aconteceu do dia para a noite. Entre os mapas aqui estudados, praticamente todos feitos durante o século XVII, o leitor perceberá diferenças de estilo, com o passar dos anos, em mapas do mesmo cartógrafo. O processo de uniformização começou, de fato, no século XVI. Daí pelos próximos dois séculos, cada nação ou mesmo cada cartógrafo tinha sua maneira própria de colocar territórios em um plano<sup>260</sup>.

Os holandeses tiveram uma participação importante no processo de reconhecimento do sertão da América portuguesa. Sua cartografia foi um resultado desse reconhecimento, incentivado por Maurício de Nassau nos anos da ocupação holandesa na Bahia e em Pernambuco. A expedição organizada pelos Países Baixos para a América produziu uma imensa quantidade de materiais: “o príncipe Maurício reuniu homens

---

<sup>258</sup> Lestringant, 2009, pp. 197-198.

<sup>259</sup> Bueno, 2004, p. 202.

<sup>260</sup> Em Portugal, o grande trabalho de padronização da cartografia é o de Azevedo Fortes, de 1722: o Tratado do modo o mais facil, e o mais exacto de fazer as cartas geográficas...

peritos em história natural e em cartografia, e também em desenho e pintura”, em um conjunto de habilidades que “se sobrepunham e ainda não haviam sido utilizadas para a nossa satisfação”<sup>261</sup>. Graças a esse esforço, a República Holandesa produziu um conjunto pictórico único de sua parte do Brasil.

### 2.3.2 O Reys-Boeck

Sobre o mapa analisado aqui, ele se encontra no *Reys-boeck van het rijcke Brasilien...*, ou *Livro de viagem ao reino Brasileiro...*, que é um livro de relatos de viagens holandês. Este livro teria sido impresso por Ian Canin a pedido de Nicolas van Geelkerchen, cujo nome aparece abreviado na obra como “N.V.G.”<sup>262</sup>.

Geelkerchen (1585-1656) era um cartógrafo e gravador holandês especializado em mapas. Antes dessa etapa de sua carreira, foi também profissional de livros, escrevendo, ilustrando, traduzindo e publicando textos, notícias e mapas sobre as novidades do Novo Mundo<sup>263</sup>. Protestante, lamentou em suas obras a derrota do protestantismo na Alemanha durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), mas viu nas vitórias holandesas na América motivo para comemorar e defender a predestinação protestante para o sucesso.

Dáí teria surgido o *Reys-Boeck*, livro publicado em 1624 em que o autor não só contava as notícias sobre a conquista de Salvador, na Bahia, naquele mesmo ano, como também apresentava uma descrição da terra conquistada nos mapas que acompanharam a obra. O website *Archive of Early American Images*, da Biblioteca John Carter Brown (pertencente à Brown University nos Estados Unidos), apresenta a seguinte descrição:

Mapa da costa leste do Brasil com o norte para a direita. Elementos cartográficos incluem escala, rosa dos ventos, graus de latitude e longitude, nomes de rios e assentamentos. Inclui peixes e barcos. Inclui inserções de vistas aéreas [vistas de pássaro] do Espiritu Santo e mapa da Baya de todos los Santos no atual estado da Bahia. Cartucho inclui pães de açúcar e homem nativo Americano segurando remo e vestindo cocar e saia de penas. Inclui também soldados e grupo de mulas próximo a Pernambuco<sup>264</sup>.

---

<sup>261</sup> Alpers, 1999, p. 309.

<sup>262</sup> Reis, 2001, p.370.

<sup>263</sup> Raymond, J.; Moxham, N. (eds.) (2016). *News networks in early Modern Europe*. Leiden; Boston: Brill, p.353.

<sup>264</sup> John Carter Library. *Archive of Early American Images*. Acesso em: 16/01/2014, Disponível em: <http://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/detail/JCB~1~1~3894~6130002:Brasilia->



Mapa 13: Brasília , de ca. 1624.

Ao observar o mapa completo, vemos interessantes elementos cartográficos. A perspectiva do Espírito Santo é apenas um pequeno quadro neste mapa do Brasil, mas considero importante olhar todo o conjunto.

Nele há monstros, embarcações, pessoas e riquezas expostas em terra, no mar ou no cartucho, de forma que não se repete nos outros mapas aqui estudados. O monstro está na parte inferior direita, só com a cabeça de fora e a lançar água. À direita há outro, diferente, com a cabeça e pescoço à mostra. De sua testa sai um chifre, como o de um unicórnio. No canto inferior à esquerda há mais um: sua cauda é como a de uma sereia, mas o seu corpo não é humano. Sua cabeça mostra apenas olhos.

No cartucho do Reys-Boeck há um nativo americano. Os mapas holandeses do Espírito Santo são apresentados por cartuchos muito bem elaborados, em forma de lápides de pedra, acompanhados de diferentes elementos, como títulos e escalas de léguas, além dos já citados, como pessoas.

O nativo no cartucho usa algo na cintura que parece de penas. Em sua cabeça também, um cocar. Pendurada pelo ombro há alguma coisa, não identificável. Ele segura, com uma mão, um remo. Por cima da lápide, há diferentes riquezas das Américas, como cones de açúcar e o que parecem frutas.

No centro, junto à rosa dos ventos, há duas embarcações, uma delas com uma bandeira em três cores em faixas horizontais<sup>265</sup>. Eles parecem estar navegando em direção ao Brasil ou mais para o sul. Perto deles, há uma pequena jangada (possivelmente uma variação das almadias indígenas com uma vela<sup>266</sup>). Não é possível dizer que seja indígena, pois eles não usavam velas.

<sup>265</sup> Considerando que o mapa é holandês, é possível considerar que seja a bandeira holandesa.

<sup>266</sup> “Embora não existam relatos sobre [a] invenção das jangadas, suas características estruturais nos induzem a pensar em almadias indígenas aperfeiçoadas com a introdução de velas triangulares e de outros equipamentos de navegação”. Dantas, E. W. C. (2012). Construção da maritimidade nas sociedades



No continente, há um grande grupo de pessoas a andar em fila. A linha de homens se estica desde a “Baya de Todos los Santos” até Pernambuco. Todos eles carregam algo nas mãos, que parecem armas de fogo. Junto com os homens em fila, no mapa, há ainda dois cavalos. Um deles, que pode ser um burro ou um jegue, está apenas levando carga, enquanto o outro é montado por alguém. Ambos estão com uma pata da frente levantada, como em trote.

Em geral, a carta do Brasil presente no *Reys-Boeck* apresenta uma região em construção. Não há muitas informações sobre o interior, os mares são ocupados por animais fantásticos. As pessoas que aparecem nos mapas estão em situações que representam o dia a dia da colônia, marchando, navegando.

Na parte superior, as perspectivas da “Baya de todos los Santos” e do “Espiritu Santo” parecem ter grande importância. Essas regiões foram, afinal, dois dos principais focos de ataques e tentativas de ocupação por parte dos holandeses na primeira metade do século XVII. Afinal, ocuparam Salvador entre 1624 (ano de publicação do mapa) e 1625 e, neste último ano, tentaram também invadir Vitória.

Sobre o quadro do Espírito Santo, este é uma perspectiva da região, em uma posição imaginária em diagonal (e não completamente de cima) do leste para o oeste, que não termina, mas desaparece no horizonte ocidental.



Mapa 14: Recordo do mapa Brasilia , de ca. 1624, onde aparece o Espírito Santo.

A imagem difere do que encontramos nos mapas portugueses do Espírito Santo, entre os quais não há perspectivas, ou vistas de cidades. Nestor Goulart Reis afirma que “a estampa sobre Vitória obedece aos mesmos padrões [da estampa de São Vicente], com um esquema geográfico muito sumário”<sup>267</sup>. Esses padrões seriam: desenho esquemático,

---

tradicionais no Brasil do passado. In F. Barthe (Ed.), *Visões do Brasil: estudos culturais em geografia* (pp. 87-112). Salvador: EDUFBA, pp. 100-101.

<sup>267</sup> Reis, 2001, p.355.

com alguns equívocos, posições das vilas e fortes pouco claras, com linhas de arquitetura gótica, com alguns elementos representados na margem errada do canal. O autor ainda faz algumas observações:

No desenho aparecem duas torres de igrejas. A mais afastada poderia ser a do Colégio dos jesuítas [Colégio de Santiago] e a mais próxima a da Matriz [de Nossa Senhora da Vitória]. Ao fundo, sobre uma colina, o que seria então a pequena igreja dos frades franciscanos [Convento de São Francisco]. As casas são apresentadas como se fizessem frente para a praia, à margem do canal. De fato, situavam-se então na borda da Cidade Alta, no mesmo nível das demais. Nesse caso, o que parece ser a frente das casas, voltadas para o canal, seria de fato seu fundo, na parte alta<sup>268</sup>.

Também Luciene Pessoti de Souza escreveu sobre esse mapa, destacando a “indicação de um morro elevado à frente da capitania”, a fortaleza em forma circular (“provavelmente um fortim”<sup>269</sup>) e repara a falta das outras defesas e dos engenhos, principalmente porque estes aparecem em mapas posteriores portugueses<sup>270</sup>. Souza fala também sobre a representação esquemática de Vitória, com destaque para as torres de “templos religiosos”, e arrisca ainda que elas sejam da Igreja Matriz e da Companhia de Jesus, assim como faz Nestor Goulart.

Diversos autores dos séculos XVI e XVII escrevem sobre as ilhas à entrada para a Vila de Vitória, à qual se chega através de um rio. Aqui, vemos três ilhas próximas à entrada do “rio de Espiritu Santo”, que dá em uma vila. Ela, entretanto, parece estar situada no continente, e não em uma ilha, como de fato estava.

Mais próximo do mar vê-se a Vila Velha, corretamente menor. De frente para ela, do outro lado do rio, há um morro alto. Ele corresponde, sem dúvidas, ao Pão de Açúcar ou Penedo, que também surge em diversos textos. Só que sua posição está errada, já que ele está realmente no continente, do lado esquerdo do rio. O Penedo aparece em praticamente todos os mapas dos arredores das vilas do Espírito Santo, mas nunca há muita informação sobre ele, além da sua própria existência. Nem mesmo entre os textos escritos na época.

O terreno é ocupado por muitos morros e elevações menores, além de arbustos e o que parecem ser palmeiras ou coqueiros. Algumas das construções são mais simples,

---

<sup>268</sup> Ibid.

<sup>269</sup> Aqui a autora quis diferenciar o “fortim” da “fortaleza de São João” que teria sido fundada no século XVIII. Ela não sugere, entretanto, que seja um dos fortes que protegiam a capitania no século XVII: o de São Marcos e o de São Miguel.

<sup>270</sup> Souza, 2006, p. 6.

outras, como as igrejas, são feitas com mais detalhe. Entretanto, com os erros cometidos pelo cartógrafo, a liberdade tomada pelo autor com a paisagem e a maneira genérica com que ela é feita, parece claro que essa perspectiva do Espírito Santo foi desenhada a partir de informações simples e básicas sobre a região. Acredito, portanto, que Luciene Pessoti de Souza errou, quando escreveu sobre o mapa, ao sugerir que o cartógrafo indicou igrejas específicas nas vilas exibidas: ele simplesmente desenhou uma vila do jeito que achou melhor.

A perspectiva da capitania, por fim, segue as informações encontradas nos relatos holandeses sobre a capitania do período. Isso me leva a afirmar (e esse é um dos propósitos desse trabalho) que ela é como um resumo do que se sabia sobre o Espírito Santo, mesmo com os seus erros já comentados.

De forma semelhante, Luís Teixeira colocou, pela primeira vez, aquilo que ele encontrou nos relatos sobre a região em seu mapa, dando aos portugueses na metrópole a oportunidade de visualizar um território à distância. Os demais mapas, de autoria desconhecida, fazem o mesmo, em graus diferentes. Eles focam o mesmo território, mas enquanto um (o da *Biblioteca Nacional de España*) o exibe de forma simplificada, sem exatidão nas formas, o outro (da *Real Academia de la Historia*) procura ser exato e completo, na posição das igrejas e demais edifícios, no relevo próximo às vilas, no formato da ilha principal.

Apesar de esses serem mapas de grande importância, enquanto eles eram feitos, Portugal continuava sua produção cartográfica. Os mapas de João Teixeira Albernaz trouxeram uma nova visão da capitania. Ampliado, o território passou a englobar novas informações e novos pontos de interesse para a metrópole.

O capítulo seguinte tratará desse novo momento da cartografia do Espírito Santo.

### 3 ALBERNAZ, O VELHO, E A EXPANSÃO DOS MAPAS DO ESPÍRITO SANTO

Os próximos mapas do Espírito Santo, cronologicamente posteriores aos de Luís Teixeira, são os de seu filho João Teixeira Albernaz, o Velho.

Após conseguir sua carta de ofício de mestre de cartas de marear e instrumentos náuticos, Albernaz teve uma atuação invejável por quase toda a primeira metade do século XVII, durante a União Ibérica, com o apoio dos reis Filipe II e III. Nesse período, produziu mapas de notável qualidade artística da América portuguesa, com destaque para os mapas regionais. Ainda em 1605, apenas três anos após receber a carta de ofício, ele foi nomeado cartógrafo da Casa da Guiné e Índia<sup>271</sup>.

Hoje, conhecemos 340 mapas feitos por ele, e ainda 323 cópias, sendo que a maior parte dessas (146 cartas originais – quase metade das 315 cartas portuguesas do Brasil que foram preservadas) é voltada para o Brasil<sup>272</sup>. Essas cartas foram, em sua maioria, feitas em um primeiro momento profissional de Albernaz. Após seu último trabalho sobre o Brasil (1642) ele se dedicou a fazer mapas de Portugal e do Oriente.

Exemplos da sua carreira prolífica, O livro da *Razão Estado do Brasil*, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tem 22 mapas<sup>273</sup>, enquanto o *Atlas do Estado do Brasil* de 1631, que discutirei mais adiante, tem nada menos que 37 mapas destacando a costa brasileira. Também cartógrafo da Coroa unida, seu irmão Pedro Teixeira Albernaz teve suas obras financiadas pelos Filipes, e viveu na Espanha nos últimos anos de sua vida<sup>274</sup>.

Os trabalhos anteriores de Luís Teixeira serviram de fonte para a produção cartográfica de seus filhos. O próprio João Teixeira afirmou ter aprendido a fazer cartas e instrumentos com seu pai<sup>275</sup>. Em período de União Ibérica, foi chamado, junto com seu irmão, para ir à Corte em Madri trabalhar em mapas de novos descobrimentos e navegações, mas pediu licença para continuar em Lisboa, onde sua família precisava dele<sup>276</sup>. Continuou trabalhando para a Coroa e a ensinar o ofício – inclusive a seu filho.

---

<sup>271</sup> Cortesão& Mota, 1987 (IV), p. 86.

<sup>272</sup> Alegria, M. F., Daveau, S., Garcia, J. C.& Relaño, F. (2012). História da cartografia portuguesa. Porto: Fio da Palavra. p. 59.

<sup>273</sup> Moreno, 1955, p. 65.

<sup>274</sup> Cortesão& Mota, 1987 (IV), p. 85.

<sup>275</sup> Viterbo, F. M. D. S. (1898). Trabalhos náuticos dos portugueses nos séculos XVI e XVII (II). Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias. pp. 294-295.

<sup>276</sup> Cortesão& Mota, 1987 (IV), p. 85.

Falhou em 1622 em conseguir o cargo de cosmógrafo-mor, mas já tinha o título em 1648, depois de fazer os mapas discutidos a seguir. Apesar de João nunca ter ido ao Brasil, seu conjunto de informações sobre o litoral brasileiro é considerável e, por assim dizer, complementa parte do que seu pai não chegou a colocar em mapas.

Hélio Vianna, na edição comentada da *Razão do Estado do Brasil*, escreve que as minúcias, os detalhes presentes nos mapas, “exigiram conhecimento direto, pessoal, para que pudessem ser reproduzidas como foram”<sup>277</sup>. O material usado por Albernaz, como será visto a seguir, foi reunido principalmente por Diogo de Campos Moreno nas viagens que fez pelo Brasil: um conhecimento de quem esteve lá. Inclusive, os mapas foram feitos para ilustrar o texto produzido por Moreno a partir das expedições das quais ele participou – primeiro na expedição de Diogo Botelho (1602-1608) e depois naquela organizada por D. Diogo de Menezes (1608-1612)<sup>278</sup>.

Algumas das principais obras de Albernaz, como o atlas marítimo de 1630 e o *Estado do Brasil*, de 1631, foram patrocinados por D. Jerônimo de Ataíde, 6º Conde de Atouguia e donatário da Capitania de Ilhéus, que participou do movimento da Restauração portuguesa e foi Governador Geral do Brasil entre 1653 e 1567<sup>279</sup>. Nos *Portugaliae Monumenta Cartographica* há uma lista das obras de Albernaz, o Velho, especificamente sobre o Brasil<sup>280</sup>:

Tabela 5: Conjuntos de mapas do Brasil de Albernaz, o Velho, segundo Cortesão e Mota.

<b>Ano</b>	<b>Título</b>
ca.1616	<i>Rezão do Estado do Brasil</i>
1626	<i>Livro qve dá Rezão do Estado do Brasil</i>
1627	<i>Livro em que se mostra a descripção de toda a costa do Estado do Brasil</i>
1631	<i>Estado do Brasil</i>
1640	<i>Descripção de Todo o Maritimo da Terra de Santa Crvz</i>
1642	<i>Descripção de toda a costa da Provinsia de santa Cruz</i>

---

<sup>277</sup> Moreno, 1955, p. 71.

<sup>278</sup> Ibid., pp. 40-41.

<sup>279</sup> “Tudo isso se compreende melhor sabendo-se que D. Jerônimo de Ataíde pertenceu ao número das figuras primaciais da Restauração de 1640, em Portugal. Já então Conde de Atouguia, ele foi um dos dois filhos que a célebre D. Filipa de Vilhena armou cavaleiros na madrugada de 1º de dezembro de 1640, horas antes de eclodir o movimento da Restauração. Na manhã desse dia, D. Jerônimo de Ataíde fez parte do grupo de 18 fidalgos que assaltaram o Paço e assassinaram o célebre Miguel de Vasconcellos e sequazes. Ocupou a seguir vários cargos militares, da maior importância, durante a guerra entre Portugal e Castela. Finalmente, em 1653, era nomeado governador geral do Brasil, posto que ocupou até 1657”. Cortesão, J. (1957). História do Brasil nos velhos mapas (II). Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores. p. 71.

<sup>280</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV).

Mais de um desses trabalhos foi patrocinado por D. Jerônimo (as obras de 1631 e 1666, discutidas adiante), que era um nobre interessado no poder da cartografia. Diretamente ligado à Coroa e à Corte portuguesa, Ataíde é um exemplo do que já foi escrito aqui e antes: nobres interessados na política e economia do império estavam não só cientes do valor dessa cartografia como a financiavam, a fim de obter as informações necessárias para governar<sup>281</sup>.

Ainda sobre João Teixeira, Jaime Cortesão acredita que seus mapas mostram claramente o avanço do conhecimento do interior do Brasil, mesmo que pouco, durante o século anterior e início do XVII. Para ele, o livro de 1631 “fixa com grande clareza para a época os conhecimentos geográficos fundamentais, alcançados pelas bandeiras”<sup>282</sup>.

Discutirei a seguir os mapas do Espírito Santo dentro de cada uma das obras de João Teixeira na primeira metade do século XVII, sendo que neste capítulo o leitor encontrará os mapas feitos entre 1612 e 1631. Os demais serão discutidos no capítulo seguinte.

### 3.1 REZÃO DO ESTADO

Os mapas a seguir se preocupam com todo o litoral norte da Capitania do Espírito Santo e o sul da Capitania de Porto Seguro. Eles fazem parte da *Rezão do Estado do Brasil no Guoverno do Norte, sóme[n]te asi como o teve Dõ Dioguo de Meneses até o anno de 1612*. Suas três cópias se encontram hoje nas instituições: Biblioteca Pública do Porto, em Portugal, em livro datado de 1616; no IHGB, no Rio de Janeiro, datado de 1626; e na Biblioteca Nacional de França, em Paris, com data de 1627.

Abaixo há uma tabela com a disposição das cartas de cada um.

---

<sup>281</sup> “Seus patronos e financiadores compreendiam, naturalmente, governantes, membros da realeza e do clero, bem como eruditos, navegadores e armadores de expedições marítimas. Esses destinatários da produção cartográfica – mecenas, autoridades e outros, - deveriam obter produtos correspondentes à sua posição social ou que pudessem distingui-los socialmente, proporcionando-lhes prestígio”. Santos, 2007, p. 51.

<sup>282</sup> Cortesão, 1957, p. 131.

Tabela 6: Lista de cartas dos livros da Razão do Estado do Brasil.

	<b>ca.1616</b>	<b>ca.1626</b>	<b>ca.1627</b>
1)	Carta geral do Brasil	Carta geral do Brasil	Carta geral do Brasil
2)	Da capitania do Espírito Santo até o rio Doce	Do Rio de Janeiro até o Porto de São Vicente	Do porto de São Vicente ao Rio da Prata
3)	Do rio dos Frades até o Rio das Caravelas	Rio de Janeiro	Do Rio de Janeiro ao Porto de São Vicente
4)	Capitania de Porto Seguro	Das Ilhas de Maricaha ao Cabo de São Tomé	Rio de Janeiro
5)	Da Barra de Santo Antônio até Ilhéus	Da Capitania do Espírito Santo até a ponta da Barra do Rio Doce	Das Ilhas de Maricaha ao Cabo de São Tomé
6)	Capitania de Ilhéus	Do Rio dos Frades ao Rio de Santo Antônio	Capitania do Espírito Santo
7)	Rio das Contas e morro de São Paulo	Do Rio dos Frades até o Rio das Caravelas	Do Rio dos Frades até o Rio das Caravelas
8)	Bahia de Todos os Santos	Da Barra de Santo Antônio até Ilhéus	Porto Seguro
9)	Planta da cidade de Salvador	Capitania de Ilhéus	Capitania de Ilhéus
10)	Sergipe	Rio das Contas, Camamu e Morro de São Paulo	Rio das Contas, Camamu e Morro de São Paulo
11)	Forte Novo da Passagem	Bahia de Todos os Santos	Recôncavo da Bahia de Todos os Santos
12)	Rio São Francisco	Planta da Cidade de Salvador	Rio de São Francisco
13)	Capitania de Pernambuco	Sergipe	Capitania de Pernambuco
14)	Perspectiva do Recife e Vila de Olinda	Rio de São Francisco	Pernambuco
15)	Capitania de Itamaracá	Forte Novo da Passagem	Ilha de Itamaracá
16)	Paraíba ou Rio de São Domingos	Capitania de Pernambuco	Paraíba ou Rio de São Domingos
17)	Capitania do Rio Grande	Recife e Olinda	Capitania do Rio Grande
18)	Maranhão	Capitania de Itamaracá	Do Rio Grande até o Rio Pereia
19)		Paraíba ou Rio de São Domingos	Maranhão
20)		Do Rio Mogoamguape até o Rio Piquitinga	
21)		Rio de Iguaribe, Serras de Ariama, Muibuapaba e Punaré, e confins do Maranhão	
22)		Maranhão	

Nela, é possível ver que em todos os casos os mapas são dispostos do sul para o norte, começando sempre com uma carta geral do Brasil. O Espírito Santo, portanto, aparece sempre entre as primeiras. No caso do livro de ca.1616, é a segunda carta, logo após a carta geral, pois não há aqui cartas sobre São Paulo e Rio de Janeiro. Essa situação muda nos livros de ca.1626 e ca.1627, onde o Espírito Santo aparece na quinta e na sexta carta, respetivamente.

Todos os livros têm cartas até o Maranhão, com uma variação máxima de 4 cartas a mais ou a menos entre eles, tendo entre 18 e 22 no total. Este já é um número considerável de demonstrações de regiões do Brasil, se lembrarmos que nos conjuntos comentados no capítulo anterior havia de 13 a 15 cartas do Brasil.

No século XIX o trabalho de pesquisadores como Varnhagen ajudaram a apontar Diogo de Campos Moreno como autor do *Livro que dá Razão ao Estado do Brasil*, sendo João Teixeira Albernaz o responsável pelas cartas – apesar de ele não assinar esta obra, as semelhanças com as demais são suficientes para indicar a autoria. D. Diogo de Menezes foi governador da repartição do Norte do Brasil entre 1608 e 1612, e recebeu a ordem de preparar um livro com dados de toda a colônia, apontando os donatários e capitães de cada capitania, além de sua economia, fortificação e outros elementos<sup>283</sup>. O livro teria sido então organizado por Diogo de Campos Moreno, com a ideia de que fosse atualizado periodicamente, o que não aconteceu. Na verdade, o Registro da Folha Geral passou a agregar as principais informações políticas e estatísticas da colônia<sup>284</sup>.

Resumindo a história do livro, os *Portugaliae Monumenta Cartographica* afirma que, estando Moreno em Portugal entre 1612 e 1614, deve ter feito o texto definitivo nesse período<sup>285</sup>. Teria solicitado ajuda de Luís Teixeira para concluir as cartas que seriam inseridas na *Razão do estado*. Seus autores concluem que a cópia do porto foi feita muito próxima da data do original (1612).

Quanto à história do livro que está no Rio de Janeiro, não há muitas informações anteriores a meados do século XIX, quando ele é doado ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil por D. Pedro II. Já a cópia que está em Paris, o que se sabe é que ficou conhecida por ter sido comprada pela Biblioteca Real francesa em 1712<sup>286</sup>.

---

<sup>283</sup> Para aprofundamento, ler análise crítica de Hélio Vianna sobre o atlas em Moreno, 1955.

<sup>284</sup> “[O Registro] Substituiria, assim, um dos objetivos do Livro ordenado a D. Diogo de Menezes e reiterado a Gaspar [de Sousa], o que serve para justificar a sua interrupção, apesar dos acréscimos posteriormente feitos a um de seus apógrafos, precisamente o que aqui mais detidamente examinamos, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Ibid., p. 9.

<sup>285</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 97.

<sup>286</sup> Ibid., p. 105.



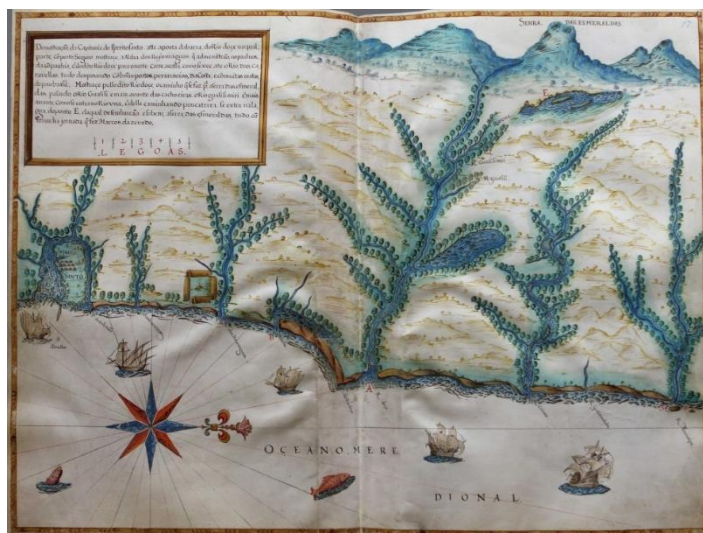
Os três livros têm diferenças nos desenhos, nas cores e até na disposição das cartas. Cada um tem um número de cartas diferente, algumas vezes em posições diferentes, o que deixa ainda mais claro que foram feitos em momentos variados e sofreram algumas alterações.

Nos mapas, destaca-se a beleza e a importância da aquarela. Ela foi utilizada neste período como uma maneira de unir “desenho como inscrição (o registro sobre uma superfície) e o desenho como pintura (a evocação de algo visto)”<sup>287</sup>.

As representações da Capitania do Espírito Santo “encontram-se desenhadas com a técnica denominada perspectiva aérea, a partir de uma visão oblíqua, orientadas como se aquele território fosse observado de fora para dentro”<sup>288</sup>. A noção de profundidade e de continuidade dada pelo horizonte era apropriada por valorizar o terreno e mostrar sua extensão. Alpers, analisando paisagens cartografadas por holandeses, admite que o horizonte serve para que aquela terra pareça “parte de um mundo maior”<sup>289</sup>.

Antônio Costa escreve que “nas cartas desse atlas de 1626 (...), a utilização frequente de aguadas com tons de azul e verde não permite uma distinção muito clara entre relevo e vegetação”<sup>290</sup>, um problema que, segundo ele, se resolverá a partir de 1631.

O mapa que está na Biblioteca Pública do Porto, da *Demonstração da Capitania do Spirito Santo*, está abaixo:



Mapa 15: Demonstração da Capitania do Spirito Santo atte a ponta da barra do rio Doçe no qual parte cõ Porto Seguro..., de 1616. [Escala ca 1:420 000].

<sup>287</sup> Alpers, 1999, p. 302.

<sup>288</sup> Santos, 2007, p. 52.

<sup>289</sup> Alpers, 1999, p. 281.

<sup>290</sup> Costa, 2007, p. 102.

A descrição, presente no lado superior esquerdo, diz o seguinte:

Demostração da Capitania do Spirito Santo atte a ponta da barra do rio doçe no qual parte *com* porto Seguro. mostraçe a Aldea dos Reys maguos *que* admenistrão os padres da *companhia* e do dito rio doçe para o norte. Corre a costa como se vee ate o rio das Caravellas, tudo despovoado *com* bõns portos pera navíós da Costa e *com* muitas matas de pao brasil. Mostraçe pello dito rio doçe, o caminho *que* se faz *para* a serra das esmeraldas, pasando o rio Guasisí e mais avante das cachoeiras o rio guasisi miri, e mais avante, como se entra no rio Vna, e delle caminhando pouca terra se entra na lagoa do ponto, E, da qual desembarção e sobem a serra das esmeraldas, tudo *conforme* ha jornada *que* fez Marcos dazevedo.

Para efeito de comparação, os demais mapas aparecem abaixo:



Mapa 16: Demonstração da Capitania do Espírito Santo até a ponta da Barra do rio doçe no qual parte cõ Porto Seguro...., de ca. 1626. [Escala ca 1:420 000].

No mapa que está no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo vemos uma descrição bastante semelhante:

Demostração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do rio doçe no qual parte *com* Porto Seguro. mostraçe a Aldea dos Reis magos *que* admenistrão os padres da *Companhia*. E do ditto rio pera o Norte Corre a Costa como se mostra ate o rio das Caravelas tudo despovoado *Com* muitos Portos pera Navios da Costa E muitas matas de pao Brasil. Mostraçe pelo rio doçe o caminho *que* se faz pera a Serra das esmeraldas pasando o rio Guasiçí e maes avante das Cachoeiras o rio Guasiçí miri. E maes avante Como se entra no rio Vna e delle Caminhando pouca terra se entra na lagoa do ponto E da qual dezenbarção e sobem á serra das Esmeraldas tudo *conforme* á viagem *que* fez Marcos dazevedo.

O último dos três, portanto, é o mapa que está na Biblioteca Nacional de Paris:



Mapa 17: Geographica demonstração da Capitania do Espírito Santo até a ponta da Barra do rio doce no qual parte cõ Porto Seguro..., de ca. 1627. [Escala ca 1:420 000].

Sua descrição, como pode ser vista abaixo, é relativamente diferente, apesar de a informação ser basicamente a mesma. Nota-se, entretanto, a falta da menção a Marcos de Azeredo, apesar de seu roteiro para a Serra das Esmeraldas ser mencionado:

Geographica demonstração da Capitania do Espírito Santo até a ponta da Barra do rio doce no qual parte *com* porto Seguro e do dito rio doce pera o Norte Corre a costa como se mostra. até o rio das Caravellas tudo despovoado *com muitos* portos pera navios da Costa e muyto Pao brasil. mostraçe pelo rio doce o Caminho que se faz pera a serra das esmeraldas navegando até o rio Vna e delle Caminhando pouca terra. se entra na lagoa. do Ponto E da qual se sobre ha ditta serra.

As descrições presentes nos três mapas da Capitania do Espírito Santo são muito semelhantes. Aqui é importante chamar a atenção não só para as esmeraldas, mas para os demais pontos abordados nas descrições dos mapas. Todas as três falam do espaço despovoado entre o rio Doce e o rio Caravelas. Fica clara a tentativa de atrair colonos para aquela região, principalmente pelo cartógrafo chamar atenção para a grande quantidade de pau-brasil que, segundo ele, poderia ser encontrada por ali. Albernaz aponta também para a fronteira entre o Espírito Santo e Porto Seguro que, segundo ele, ficava na altura do rio Doce, e mostra a presença dos jesuítas no litoral da capitania, na aldeia de Reis Magos.

Os mapas aparecem em catálogos das instituições em que se encontram, e por isso já passaram por uma análise inicial. Os autores do catálogo *Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto* escreveram, sobre o mapa que está em Portugal, que o mapa do Espírito Santo: é aquarelado e apresenta as cores dourado, vermelho,

verde, castanho e azul; possui um desenho figurado do relevo, com destaque para a Serra das Esmeraldas; a rede hidrográfica identifica alguns cursos de rios; sua vegetação também é figurada, com pequenas árvores distribuídas ao longo dos rios, e lembra a menção ao pau-brasil na descrição que acompanha o título<sup>291</sup>. O pau brasil foi muito importante nos primeiros anos de economia colonial, pelo menos até a introdução da agricultura escravagista, que rompeu o “precário equilíbrio que se manteve nas primeiras décadas dos quinhentos”<sup>292</sup>. Ainda assim, os mapas dos seiscentos destacam o pau brasil como uma riqueza do Novo Mundo.

Por fim, no catálogo há também menção às cinco embarcações e aos dois animais marinhos, “de dimensões desproporcionais” que aparecem no Oceano Atlântico

Já sobre o livro da França, a Biblioteca Nacional da França, através da Gallica, cita as cartas da *Descrição de todo o marítimo da Terra de Santa Cruz, chamado vulgarmente o Brazil*, lembrando que ela foi comprada em Paris, “pela Biblioteca do Rei” e que nela há 19 cartas da costa do Brasil e também está pintada as armas de D. Jorge Mascarenhas, marquês de Montalvão, vice-rei do Brasil<sup>293</sup>. Esta obra teria sido adquirida pela França com o objetivo de ser utilizada nos confrontos políticos sobre as fronteiras entre a Guiana e Brasil no final do século XVIII, tentando mostrar como os próprios portugueses, no século anterior, apresentavam uma fronteira que era favorável à França.

A quantidade de detalhes expostos por Moreno na *Razão do estado*, e a representação dessas mesmas informações no mapa de Albernaz é um bom exemplo de como as informações passavam dos textos para a cartografia no século XVII. É bem provável, inclusive, que Diogo de Campos Moreno tenha conseguido essas informações sobre o roteiro das esmeraldas, que aparece nas descrições, diretamente de Marcos de Azeredo, morador da Capitania do Espírito Santo e descobridor das esmeraldas.

Hélio Vianna<sup>294</sup> afirma haver “abundantes provas da permanência, então [em 1613], na Europa, tanto de Marcos de Azeredo como de Diogo de Campos”, onde ambos estiveram tratando de negócios na Corte. Em uma carta a Gaspar de Sousa em 1613, o Rei escreve que

---

<sup>291</sup> Garcia, J. C. (2011). Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Porto. Item 6

<sup>292</sup> Vainfas, R. (1995). A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras. p. 46.

<sup>293</sup> Gallica. Livro em que se mostra a descrição de toda acosta... Acesso em: 27/12/20133, Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002487b>

<sup>294</sup> Moreno, 1955, p. 81.

Marcos d Azeredo me fez relação do descobrimento que fez da serra das Esmeraldas, sendo disso encarregado por Dom Francisco de Sousa, governador que foi das ditas capitânicas do Rio de Janeiro, Sam Vicente e Spirito Sancto, oferecendo quatro pedras que disse tirar das minas delas (...) <sup>295</sup>.

Não é, portanto, “improvável a hipótese de que teria o primeiro oferecido ao segundo, pessoalmente, as informações roteirísticas contidas naquela descrição cartográfica” <sup>296</sup>. Sobre o roteiro de Marcos de Azeredo, registrado tanto em mapa como em texto no *Livro da Razão do Estado do Brasil*, Moreno escreveu:

São famosos estes rios pelas terras e várzeas para fazendas que nelas se descobrem e pelo muito que ao sertão se metem, abundantes de caças e pescarias, e sobretudo pelo muito pau-brasil fino que entre seus matos e madeiras se acha e pelas entradas que com facilidade por qualquer deles se fazem ao sertão, pelo rio Doce particularmente para a serra das Esmeraldas, como se vê no ponto A, fol. 17, suposto que a barra deste rio de nenhum modo pode ser acometida em nenhum tempo, por ser baixa e de alfaques, que se mudam, e por ter ordinárias aguagens, que descem de cima e lançam a água doce pelo mar a dentro mais de duas léguas, e assim, quando os do Espírito Santo fazem a jornada às esmeraldas entram com as canoas pelo riacho, que na carta seguinte se vê no ponto B, e pela lagoa do ponto C caminham até três léguas da barra do dito rio, donde tornam as canoas ao mar, e varando-as depois pela areia vão a meter-se no dito rio no ponto D, e por ele acima navegam por cachoeiras e lagoas até o pé da dita serra, como na carta se mostra no ponto E; por esta parte se faz mais fácil esta viagem que pelo Cricaré, o qual tem gentio em suas ribeiras, pela terra a dentro, que até hoje há sido impossível penetrar por entre eles mais ao sertão <sup>297</sup>.

Considero importante esta longa citação, porque através dela vemos, claramente, como o roteiro de Azeredo é passado para os mapas. As referências *A*, *B*, *C*, *D* e *E*, presentes no texto, deveriam estar relacionadas aos mapas. Como escreve Hélio Vianna, essas legendas marcavam o roteiro pelo interior do Espírito Santo

No livro do IHGB, o ponto *A* indica a foz do rio Doce, seguido pelo ponto *B*, que é denominado “O Riacho”. Também no litoral está o ponto *C*, que demarca uma lagoa, completando, em ordem alfabética, os pontos de início da jornada para o interior. A letra *D*, que aparece no texto e deveria demonstrar o rio utilizado para se alcançar o ponto seguinte, não pôde ser identificada no mapa. No livro da Biblioteca do Porto, apenas as

---

<sup>295</sup> Cartas para Álvaro de Sousa e Gaspar de Sousa (1540-1627). (2001). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses: Centro de História e Documentação Diplomática. p. 180.

<sup>296</sup> Moreno, 1955, p. 82.

<sup>297</sup> Moreno, 1955, pp. 123-124.

letras *A*, *B* e *E* podem ser identificadas. Por fim, na cópia da Biblioteca de Paris, não há letras que remetam à descrição de Diogo de Campos no corpo do texto.

O roteiro culmina na letra *E*, que demarca não exatamente a Serra das Esmeraldas (que aparece, no mapa, nas montanhas a oeste) mas principalmente a lagoa logo abaixo do ponto. Ela é identificada pela mesma letra no mapa presente no livro *Razão do Estado do Brasil* que se encontra na Biblioteca do Porto. Já na versão da Biblioteca de Paris, não há legendas, apenas o nome “Lagoa”.

Serafim Leite, analisando o caso, afirma que Marcos de Azeredo encontrou as pedras verdes no ano de 1611<sup>298</sup>, com a ajuda de um índio que conhecia os caminhos pelo sertão. Com a ajuda dos índios, os aventureiros europeus faziam seus caminhos a pé e descalços por influência indígena e chegavam caminhar por até 10 horas ao dia, durante as quais demarcavam a rota utilizada pelo grupo deixando marcas pelas árvores<sup>299</sup>. Por isso os índios eram tão importantes e por isso, entre outros motivos, os colonos portugueses precisavam deles em suas entradas.

Brandônio, personagem do *Diálogo das Grandezas do Brasil*, diz que Marcos de Azeredo “trouxe grande cópia de pedras que no princípio se tiveram por perfeitas, mas depois se acharam faltas de muitas qualidades que deviam ter para serem verdadeiras esmeraldas”<sup>300</sup>. Realmente, segundo Taunay, após viajar ao reino e apresentá-las aos lapidários do Rei, Azeredo foi informado de que suas pedras eram de baixo valor e que, no mesmo local, mais fundo, encontraria boas esmeraldas, o que animou a Coroa<sup>301</sup>.

Frei Vicente do Salvador<sup>302</sup>, escrevendo alguns anos mais tarde, informa que Marcos seria agraciado com um hábito de Cristo, recebendo dois mil cruzados, “pera que tornasse a ellas”, mas, segundo o autor, a mercê não teria sido dada pela desobediência dos administradores, “e o homem era velho e morreu sem haver mais até agora quem lá tornasse”. Entretanto, contrariando o que Frei Vicente escreveu, o nome de Marcos de Azeredo aparece nos encargos da Capitania do Espírito Santo no Registro da Folha Geral do Estado do Brasil. Lá, está escrito que “asy se pagarão a Marcos de Azevedo quarenta mil reis que tem de tença por Provizão minha como Habito de Christo como certidão de como hé vivo”<sup>303</sup>.

---

<sup>298</sup> Leite, 1945, pp. 185-186.

<sup>299</sup> Kok, 2009, pp. 92-93.

<sup>300</sup> Brandão, 1956, p. 34.

<sup>301</sup> Taunay, 1924, pp. 248-249.

<sup>302</sup> Salvador, 1627, p. 11.

<sup>303</sup> Registro da Folha Geral do Estado do Brasil. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Officina Typografica da Bibliotheca Nacional. 1906, p.362-363.

Em algum momento depois de sua entrada foi nomeado Provedor da Fazenda<sup>304</sup>. Registrou-se também que uma das esmeraldas encontradas por ele foi doada para a Coroa da imagem de Nossa Senhora da Penha, invocação que deu o nome para o convento nas proximidades da então Vila do Espírito Santo<sup>305</sup>.

Diante de tantas fontes e provas do relevante serviço de Marcos de Azeredo na descoberta das esmeraldas, é talvez intrigante que Fernão Dias Paes tenha ficado famoso por sua busca pelas esmeraldas, realizada 70 anos depois, em 1681, e tentando retrazar exatamente os passos de Azeredo. Talvez isso se deva à abundante documentação histórica de São Paulo, o que não acontece no caso capixaba.

A descoberta de Marcos de Azeredo foi relevante para o seu período, e foi responsável por incentivar jornadas e políticas de exploração pelo restante do século XVII. A representação do roteiro por meio da cartografia de João Teixeira Albernaz torna essa descoberta mais real e mais próxima dos leitores desses mapas. A distância diminuída pelo poder das escalas cria a equivalência necessária entre o território pintado nos mapas e a realidade<sup>306</sup>, tornando aparentemente possível o que talvez, sem um reconhecimento visual, poderia ser considerado improvável.

Em outro assunto, é interessante reparar também que, segundo as descrições, a Capitania do Espírito Santo acaba no rio Doce. Nos primeiros anos da colônia, as fronteiras das capitanias não estavam bem definidas, apesar de nas cartas de doação elas muitas vezes se limitarem, como neste caso, em 50 léguas de norte a sul.

João Teixeira definiu que o limite norte era mesmo no rio Doce. Se os leitores observarem também os mapas de 1631, discutidos a seguir, o cartógrafo escreve, à altura do rio, que “aqui começa a Capitania de Porto Seguro”. Nas obras de 1642 e de 1666 (ver capítulos seguintes), Albernaz, o Velho, e também o Moço determinam que o Espírito Santo acaba na “Ponta do rio Doce”.

Os documentos mais antigos oferecem uma segunda visão. Mem de Sá, Governador Geral do Brasil entre 1558 e 1572, em comunicação oficial, dizia já em meados do século XVI que o rio Cricaré fazia parte da Capitania do Espírito Santo<sup>307</sup>.

O texto da *Razão do Estado*, que não foi escrito por Albernaz, mas por Moreno, é indeciso quanto ao tema. Sobre a fronteira norte do Espírito Santo, Moreno escreve que

---

<sup>304</sup> Ribeiro, 2010, p. 7.

<sup>305</sup> Boxer, 1973, p. 310.

<sup>306</sup> Bueno, 2007, p. 39.

<sup>307</sup> Freire, 2006, p. 107.

A capitania de Porto Seguro parte com o Espírito Santo pelo rio Doce, em dezenove graus, ou segundo outros querem pelo rio Cricaré, mais ao Norte, que foi o ponto por onde se dividiu este Estado entre D. Francisco de Sousa e D. Diogo de Menezes<sup>308</sup>.

Acredito que há um motivo possível para que os limites do Espírito Santo fossem “empurrados” por Moreno e Albernaz do Cricaré até a altura do rio Doce. Moreno era um oficial da Coroa quando fez suas pesquisas sobre as capitanias, e estava sob o comando de Dom Diogo de Menezes, Governador Geral do Norte. No período em que Moreno viajou pelo Brasil (1608-1612), a colônia era separada em duas repartições: a do Norte, governada por Dom Diogo, e a do Sul, por Dom Francisco de Sousa. A fronteira entre as duas era exatamente entre o Espírito Santo e Porto Seguro.

Menezes queixou-se ao Rei sobre a criação das repartições, pois tinha interesse em governar todo o Brasil. Essa divisão aconteceu por causa das crenças de que, no Sul, descobririam ouro, e o capitão das minas e de suas descobertas seria Dom Francisco. Menezes, porém, acreditava que “as verdadeiras minas do Brasil são açúcar e pau-brasil”<sup>309</sup>.

Assim, acredito que Moreno, estando sob o comando de Dom Diogo de Menezes, pode ter tentado expandir o território sob seu governo, “empurrando” a fronteira entre as duas repartições para o sul, aumentando o espaço da Capitania de Porto Seguro, e diminuindo o do Espírito Santo.

Sobre a fronteira sul, como não era simples definir o local exato em que começavam e terminavam suas capitanias, os donatários estabeleceram um acordo para resolver a questão. No caso do Espírito Santo uma carta registra o acordo feito entre Pero de Góis e Vasco Fernandes Coutinho. O documento, de 1543, diz que

(...) e óra o dito Pedro Góes me apresentou um assignado do dito Vasco Fernandes de que o theor tal é: - Digo eu Vasco Fernandes Coutinho que é verdade que nós somos demarcados Pedro Góes e eu por o rio Santa Catharina [Itapemirim] que está em vinte e um grãos...<sup>310</sup>

---

<sup>308</sup> Moreno, 1955, pp. 123-124.

<sup>309</sup> Freire, 2006, p. 109. Menezes, é claro, estava errado. No final do século XVII foram encontradas as primeiras grandes jazidas de ouro no Espírito Santo, em uma região que acabaria por se desmembrar e se tornar uma nova capitania, a das Minas de Ouro.

<sup>310</sup> Carta do rei D. João III, confirmando e aprovando a demarcação de Vasco Coutinho e Pero de Góis, datada de 12 de março de 1543. In Rubim, B. D. C. (1861). Memórias históricas e documentada sda provincia do Espirito Santo. Rio de Janeiro: Typographia de D. Luiz dos Santos. pp. 36-37.



A demarcação teria sido feita com o objetivo de acabar com as questões que haviam sobre a fronteira, garantindo Coutinho que não se sentia enganado (não considerava estar perdendo terras), mas contente em resolver a questão com seu vizinho ao sul.

Apesar disso, os limites ainda pareciam indefinidos no governo de Francisco Gil de Araújo (1675-1685). Segundo Alberto Lamego, os donatários da Paraíba do Sul (que, nessa época, eram João Correia de Sá e o Visconde de Asseca, filhos de Salvador Correia de Sá e Benevides) confirmaram a fronteira demarcada pelos primeiros donos da terra: “no mappa apresentado a el-rei declararam: ‘a capitania que foi de Gil de Goes [sic] começa em *Santa Catharina das Mós*, rio Itapemirim, donde parte da banda do norte com a do Espirito Santo”<sup>311</sup>. Porém, eles também reclamavam que os marcos divisórios das duas capitanias estavam sendo arrancados:

desde 13 léguas de Cabo Frio para o norte vindo acabar no Baixo de Pargos, onde Gil de Góes tomou posse e fundou hua villa que o gentio bárbaro lhe despovou e ainda estavam vestígios das igrejas e casas que alli houve, mandou a justiça por ali um marco o qual foi tirado por duas vezes e se entendia ser por ordem de Francisco Gil de Araujo, donatário da capitania do Espirito Santo (...)<sup>312</sup>.

Francisco Gil de Araújo, em seguida, recebeu ordem do Ouvidor do Rio de Janeiro para impedir a retirada desses marcos divisórios até que se comprovassem os limites das duas capitanias. Foi pedido que fossem demarcadas as capitanias e enquanto isso não acontecesse, deveria ser mantida a fronteira na aldeia de Iiritiba, ou Reritiba<sup>313</sup>, aldeia jesuíta na altura do rio Benevente, cerca de 30km ao norte do rio Itapemirim.

O problema é que nem todos concordam que esta Santa Catarina das Mós ficava próxima ao rio Itapemirim. Inclusive, João Eurípedes Franklin Leal, no texto *História do Espirito Santo: uma reflexão, um caminho*, usa outras fontes para afirmar que ela ficava, de fato, na altura do rio Itabapoana<sup>314</sup>, cerca de 8 léguas mais ao sul. Ele escreve que um mapa oficial do Império Brasileiro datado de 1868 e elaborado por Cândido Mendes. Neste mapa, Santa Catarina das Mós aparece muito próxima da foz do rio Itabapoana, ao

---

<sup>311</sup> Lamego, A. (1938). A Capitania do Espirito santo sob o domínio dos Donatários. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espirito Santo(11), pp. 111-112. Não foi possível identificar qual foi o mapa apresentado pelos Correia de Sá para definição dos limites entre as duas capitanias, mas o uso da cartografia para definição de fronteiras coloniais demonstra o valor que a cartografia tinha para a Metrópole e para a colônia.

<sup>312</sup> Lamego, 1920, p. 144.

<sup>313</sup> Ibid.

<sup>314</sup> O topônimo Itabapoana vem de “y-kûaba-pûana: corrente d’água (no rio ou no mar)”, sendo ‘y = água ou rio, kûab = passar, ir, e pûan = passar à frente, adiantar-se. Ibid.

sul<sup>315</sup>. Para concluir o assunto, Leal utiliza também o *Dicionário histórico, geográfico e estatístico da província do Espírito Santo*, de César Augusto Marques (1878), em que aparece o verbete:

“Santa Catarina das Mós – Assim se chama o campo entre a ponta de Manguinhos e o rio Itabapoana perto da Ponta do Retiro onde se acham vestígios de antiga povoação. Em cima da ponta existe um cômodo com umas Mós, e daí vem o nome para este campo”. Hoje, o território de Santa Catarina das Mós faz parte do município de São Francisco do Itabapoana, no Estado do Rio de Janeiro<sup>316</sup>.

Leal utiliza, portanto, o texto de Marques, historiador brasileiro do século XIX, para comprovar a localização. Apesar de ir ao encontro da informação oferecida no próprio documento oficial que definiu o local da divisa, a pesquisa de Leal põe fim a um assunto discutido há anos pela historiografia capixaba e, ao mesmo tempo, contribuindo para melhor compreensão das fronteiras da Capitania do Espírito Santo nos séculos XVI e XVII.

Esses mapas de Albernaz nos dão a oportunidade de, pela primeira vez, discutir alguns desses assuntos, relevantes para a formação do território do Espírito Santo. Entretanto, há mais assuntos que podemos levantar através desses mapas, que serão levantados a seguir.

Na cartografia de João Teixeira Albernaz há a presença constante e destacada da missão jesuítica de Reis Magos. Esta missão recebeu então o nome do rio em cujas margens se encontrava. O rio era navegável por cerca de cinco léguas e, segundo Gabriel Soares, é muito fértil, e nas terras ao seu redor os portugueses poderiam fazer engenhos de açúcar, em locais em ribeiras “mui acomodadas para isso”<sup>317</sup>.

À sua beira se encontrava a missão jesuíta. A estrutura presente no mapa é sempre formada por quatro construções alongadas, que, em seu posicionamento, constituem uma quadra, no meio da qual há um pátio, também sempre ocupado por cruz, simbolizando uma construção religiosa. No caso, um colégio da Companhia de Jesus.

O Colégio de Reis Magos começou a ser estabelecido em 1569, devido à presença de José de Anchieta no Espírito Santo, que ali chegou para administrar a presença jesuíta. Os índios que ali vivam antes provinham de outra aldeia jesuíta mais ao norte, chamada

---

<sup>315</sup> Leal, 2008.

<sup>316</sup> Ibid.

<sup>317</sup> Sousa, 1587/1851, pp. 90-91.

Santa Cruz (hoje é distrito da cidade de Aracruz, e mantém o nome). Segundo Basílio Carvalho Daemon,

Foi neste ano que principiaram-se a estabelecer as aldeias dos Reis Magos, junto ao rio a que os índios chamavam Apiaputanga e hoje Nova Almeida; outra em Guarapari (...) ainda outra aldeia em Reritiba, hoje Benevente, na rampa de uma montanha e ao redor dela com outra principiada ainda no lugar chamado Orobó, a dez quilômetros pouco mais ou menos do mar...<sup>318</sup>

Ainda de acordo com Daemon, o Colégio e Igreja dos Reis Magos foram fundados apenas em 1580. As terras ao redor, entretanto, não pertenciam aos religiosos: apenas mais tarde houve doação oficial de terras para os índios cultivarem. A carta de doação afirma que a região havia sido dada como sesmaria para um colono português cerca de 1585, e novamente perto de 1590, sem que essas pessoas tivessem usufruído do terreno, como manda a legislação sobre sesmarias<sup>319</sup>.

Assim, em 1610 o “Reverendo Padre João Martins” fez uma petição, “com um despacho ao pé d’ella do Senhor Governador” para a doação da sesmaria aos índios da aldeia. A documentação sobre a sesmaria está transcrita no *Livro Tombo da Vila de Nova Almeida*, nome dado à vila e posteriormente à cidade que foi fundada naquele local.

De acordo com a transcrição, teria “esta sesmaria, para o sitio chamado pela língua da terra Yapara para a banda da Aldêa de São João seis léguas, e para banda do Mar a que se achasse e para o sertão outras seis léguas”. A aldeia de São João se chama hoje Carapina, e se encontra a sul de Nova Almeida. Mais a seguir, na carta, a doação é descrita com um pouco mais de cuidado:

Advirta-se que esta Aldêa de Reis Magos fazendo pião no Yapara tem seis leguas de terra para o Norte, seis para o Sul. seis para o Sertão e para o Mar, que será o que achar assim consta desta Sesmaria (...). No anno poreo de mil setecentos e quatro fez-se nova Medição em que servio de Pião uma Pedra Grande fixa e unica que está no meio do Yapara, e concluiu-se a Medição por que só com cinco mil cento e setenta e cinco braças se desenganou que erão as terras da Aldêa<sup>320</sup>.

Textos da época afirmam que não há muita coisa a se contar nas proximidades do rio dos Reis Magos. Mesmo assim, é importante destacar que esta sesmaria, ocupando nada menos que 12 léguas de norte a sul, era a maior parte de toda a terra existente entre

---

<sup>318</sup> Daemon, 2010, p. 143.

<sup>319</sup> Livro Tombo da Vila de Nova Almeida, 1945, p. 47.

<sup>320</sup> Ibid.

o rio Doce e o rio das Barreiras: entre estes dois rios, de acordo com os textos já citados de autores do período, havia 16 léguas.

Se tal fato não for suficiente para o destaque da aldeia nos mapas de João Teixeira, os documentos mostram que os padres do colégio de Reis Magos ficaram conhecidos, antes e depois da doação da sesmaria, por entrarem em acordo com os aimorés. Este grupo indígena atrapalhava as entradas em buscas das riquezas do sertão e a expansão do território administrado pelos portugueses.

Jácome Monteiro também escreveu sobre a aldeia dos Reis Magos, onde esteve pessoalmente em suas viagens pelo Brasil. Ele chama a atenção para o trabalho dos religiosos e para a riqueza do rio:

Oito leguas desta paragem [vila do Espírito Santo] está o rio dos Reis Magos, junto ao qual têm os Nossos uma Aldeia (...). É este rio mui grande, partido em dous braços, um corre ao Noroeste, outro ao Nornordeste; e farto de inumeráveis lagostins, que só se acham em suas ribeiras<sup>321</sup>.

É interessante que a missão de Reis Magos tenha ganhado tamanho destaque em mapas que ignoram tantas outras aldeias e até mesmo uma vila. Reis Magos ainda ocupa no mapa um espaço visualmente maior que o espaço ocupado pela vila de Vitória, sede da capitania. A vila se resume a três fileiras com quatro casas cada uma na grande ilha ao sul, acompanhadas do nome “Espírito Santo” (a grafia varia entre os mapas). Também em Vitória havia o colégio jesuíta de Santiago, construção iniciada ainda em 1551, do qual não há qualquer menção por parte de Albernaz.

Daemon comenta isso, e escreve há muitas faltas no mapa, “pois que só dá como povoações a Vitória e Reis Magos, quando já existia a vila do Espírito Santo, havendo grandes povoações em Guarapari, Benevente e São Mateus, não falando em Santa Cruz, Serra e Piúma, então Orobó”<sup>322</sup>. Já vimos, entretanto, que mapas mais antigos trazem mais detalhes. Assim, fica claro que as limitações dos mapas de Albernaz estão ligadas a questões de escalas.

Gabriel Soares também escreveu um pouco sobre a região:

Na boca deste rio dos Reis Magos estão três ilhas redondas, por onde é bom de conhecer, no qual entram navios da costa, cuja terra é muito fértil, e boa para se poder povoar, onde se podem fazer alguns engenhos de açúcar, por ter ribeiras que nele se metem, mui acomodadas para isso. Navega-se neste rio da

---

<sup>321</sup> Monteiro, 1610/1945, pp. 401-402.

<sup>322</sup> Daemon, 2010, p. 162.

barra para dentro quatro ou cinco léguas, no qual há grandes pescarias e muito marisco; e no tempo que estava povoado de gentio, havia nele muitos mantimentos, que aqui iam resgatar os moradores do Espírito Santo, o que causava grande fertilidade<sup>323</sup>.

No restante do texto, Soares demonstra a clara falta de informações entre o rio Doce e o rio das Barreiras. A única coisa a ser relatada, é a região próxima à foz do rio dos Reis Magos, onde o autor aponta ilhas boas para povoar e construir engenhos. Essas ilhas não aparecem na cartografia. Os mapas têm dois topônimos no litoral próximo aos Reis Magos: “Ponta do rio doce” e “O Riacho”<sup>324</sup>.

Ainda entre os rios do litoral, o Caravelas é talvez o mais importante ao norte. Ali, navegantes encontravam uma grande ilha, com uma légua de comprimento. Os mapas apontam mais de uma ilha e uma quantidade de parcéis. Padre Simão de Vasconcelos escreve que as margens do rio são férteis e que em “suas praias abundão de tesouros do dinheiro do Reino de Angola, que chamão zimbo”<sup>325</sup>.

Próximo ao Caravelas há o Cricaré, hoje conhecido também como São Mateus, o nome da cidade em suas margens. Dele pouco falam os autores e os mapas fazem apenas o trabalho de o nomearem, sem maiores detalhes. Por ele era possível subir com grandes embarcações. As *Informações sobre as minas do Brasil*, anônimas, afirmam que através dele era possível ir à Serra das Esmeraldas, porque era paralelo ao Doce e tinha uma navegação mais tranquila com mantimentos mais acessíveis<sup>326</sup>.

Um dos rios mais importantes da região era o rio Doce. Desde 1616, “Mostraçe pello dito rio Doçe, o caminho *que se faz para a Serra das Esmeraldas*”, para se dar um grande exemplo de sua importância. Desde os primeiros anos, ele foi considerado importante local de entrada, devido à sua profundidade então, e aos relatos indígenas, cujas riquezas pareciam chamar os colonos para aquela direção. Gabriel Soares de Sousa

---

<sup>323</sup> Sousa, 1587/1851, pp. 90-91.

<sup>324</sup> O primeiro é onde hoje se situa a vila de Regência. Já o rio Riacho, de acordo com um roteiro da Marinha do Brasil, de 2013, está a “18M [milhas náuticas] ao S da barra do Rio Doce” e está na atual “localidade de Barra do Riacho, município de Aracruz, Espírito Santo”. Marinha Do Brasil. (2013). Roteiro: costa leste - do Cabo Calcanhar ao Cabo Frio. Ilhas Oceânicas. Niterói: Diretoria de Hidrografia e Navegação: Centro de Hidrografia da Marinha. p. 152 e 166. Disponível em <https://www.mar.mil.br/dhn/chm/box-publicacoes/publicacoes/rotcl/rot-cl-completo.pdf>

<sup>325</sup> Vasconcellos, 1865, pp. XLIX-LIII. O zimbo é um búzio, uma concha que era buscada no mar, e era utilizada em algumas partes da África como moeda. Perdeu muito valor durante o século XVII. Madeira Santos, M. E. (1997/1998). Os africanos e o mar: conhecimento e práticas à época da chegada dos portugueses. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, 20(21), 79-92. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/download/75043/78601>. p. 89.

<sup>326</sup> Biblioteca Nacional. (1939). *Annaes da Biblioteca nacional do Rio de Janeiro (LVII)*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação. pp. 166-168.

escreve que “a boca deste rio é esparcelada bem uma légua e meia ao mar, mas tem seu canal, por onde entram navios de quarenta tonéis, o qual rio se navega pela terra adentro algumas léguas”<sup>327</sup>.

No desenrolar do rio nos mapas mais antigos de Albernaz, do *Livro da Razão do Estado*, identifica-se uma lagoa que aparece a noroeste. Ela aparece normalmente próxima à lendária Serra das Esmeraldas. Ambas se encontram, nos mapas, próximas à nascente do rio Doce. Não sem motivo. As lendas coloniais que falam da existência de Eupana, lagoa fonte de metais e pedras preciosas, encontram assim uma representação nos mapas portugueses.

A lagoa mítica normalmente faz a conexão da rede hidrográfica da América, pois dela saíam os principais rios do Brasil. Em mapas gerais, Eupana une o rio Amazonas ao Prata e ao São Francisco<sup>328</sup>. A lagoa estaria relacionada a uma lenda surgida na América espanhola quinhentista, de um príncipe que se cobria de ouro diariamente e, depois, se banhava em uma lagoa. Sergio Buarque de Holanda se debruça sobre o assunto:

Então, à semelhança do mito do Dourado, nascido nas Índias de Castela e que já a contagiara, a paisagem mágica se tinha ataviado de uma grande lagoa fabulosamente rica. E não era necessária qualquer fantasia aventureira, senão uma crédula e precavida curiosidade, explicável em terra de recente conquista e onde tudo era surpresa, para se pensar em procurá-la, como o fará o mesmo Gabriel Soares. Já antes de sua chegada ao Brasil, que fora pelo ano de 1569, vinha ela sendo assinalada entre os cartógrafos sob o nome de Eupana, que suponho ser uma simples deformação gráfica do Eupaua, ou Upaua dos naturais do país. Este último nome e, de preferência, as formas dele derivadas, como Upaviçu – o célebre Vupabuçu de Fernão Dias, que Pizarro designa também por Hepabuçu – e ainda Paraupava – em que se reúnem as ideias de “mar” e de “lagoa” e equivalente, porventura, à que Sebastião Fernandes Tourinho encontrou pouco antes em 1573, tendo subido o rio Doce, chamada pelo gentio Boca do Mar, devido a ser muito grande e funda, hão de perdurar longamente. Outra denominação, a de Lago Dourado, também registrada pelos antigos cartógrafos, terá igual longevidade<sup>329</sup>.

Nos mapas de Albernaz a lagoa não recebe nome. Apenas o de 1627, como foi comentado, faz questão de chamá-la de “Lagoa”. Outros a identificam através da descrição criada por Diogo de Campos Moreno. Segundo ele, navegantes que seguem rio

---

<sup>327</sup> Sousa, 1587/1851, p. 88.

<sup>328</sup> Kantor, 2007, p. 71.

<sup>329</sup> Holanda, 1969, pp. 39-40.

“acima navegam por cachoeiras e lagoas até o pé da dita serra, como na carta se mostra no ponto E”<sup>330</sup>.

Também Pero de Magalhães Gândavo escreveu sobre o assunto, narrando a história de certos índios que um dia se aproximaram dos colonos portugueses na Capitania de Porto Seguro. Segundo Gândavo, eles traziam informações sobre algumas pedras verdes que poderiam ser encontradas em muitas lagoas próximas a uma serra no sertão.

Por se encontrar nas proximidades da Serra das Esmeraldas, essa lagoa é identificada como aquela do relato de Sebastião Tourinho, um dos primeiros a relatar a descoberta de esmeraldas. Não é impossível, com essas informações, afirmar que esta lagoa dos mapas de Teixeira Albernaz é equivalente mítica daquela lagoa castelhana.

Voltando os olhos para o oceano, nota-se que o único dos mapas a mostrar navios é o de 1616. Neste mapa há alguns animais marinhos, peixes em tamanho desproporcional. Um deles é maior que as próprias caravelas, dando-lhe um ar sobrenatural. O outro animal é mais difícil de identificar, pois apenas sua parte superior está exposta. Parece uma baleia, cuja caça era permitida então através de contrato e cujo óleo ou azeite era utilizado como combustível e como ingrediente para a argamassa utilizada em construções<sup>331</sup>.

Não há informações nos mapas do Espírito Santo sobre esse tipo de pesca, de alimentação ou dos produtos que resultavam desses animais. É provável que a existência de seres marinhos no oceano dos mapas signifique apenas a vontade do cartógrafo de ocupar o vazio, mas a pesca de grandes animais fazia parte do dia a dia dos nativos e dos colonos. Jorge Couto afirma que

Os indígenas desenvolveram técnicas que lhes permitiam abater espécies aquáticas de grandes dimensões quando penetravam nos manguezais e baías ou subiam os cursos dos rios. Entre estas salienta-se o emblemático peixe-boi (*Trichechus inunguis*), que geralmente mede até 4m e pesa entre 1200 e 1500kg. Tem o seu *habitat* nas águas quentes da costa Norte e Nordeste até às imediações de Ilhéus, sendo já raro no litoral do Espírito Santo. Constituíam um dos principais recursos alimentares dos Tupi da orla marítima, motivo que

---

<sup>330</sup> Moreno, 1955, pp. 123-124.

<sup>331</sup> Um documento de 1689 fala sobre “não haver lançador ao contracto das Baleias dessa Capitania pela condição de não poder vender azeite [ou óleo] o contractador que os rematar enquanto os tiver o antecedente” Biblioteca Nacional. (1929). Documentos Históricos: 1675-1709 - Correspondência dos Governadores Geraes; 1664-1668 - Provisões (Documentos Históricos, Vol. XI). Rio de Janeiro: Augusto Porto & C. p. 153.

levou um jesuíta quinhentista [Fernão Cardim] a escrever que “este peixe é nestas partes real e estimado sobre todos os demais peixes” (...) <sup>332</sup>.

Esses e outros elementos nas cópias do *Livro que dá razão do Estado do Brasil* mostram como certas características coloniais – no caso, a cultura da pesca – podem ter chegado nos trabalhos de João Teixeira Albernaz, mas esses elementos não voltam a aparecer em mapas posteriores.

Como vimos, há muitos elementos a serem discutidos a partir desses mapas de Albernaz. A partir desses mapas, pudemos questionar as fronteiras da capitania, a vegetação local, a importância dos rios e do oceano, da presença religiosa e dos colonos no Espírito Santo.

Vimos, por exemplo, que a escala utilizada nos mapas impediu a inserção de mais detalhes nos arredores de Vitória. Por outro lado, há um avanço considerável na representação cartográfica da capitania a partir de 1630, e é sobre isso que falarei a seguir.

### 3.2 ESTADO DO BRASIL E O ATLAS HIDROGRÁFICO

O *Estado do Brasil*, de 1631, possui 37 cartas do litoral do Brasil. Talvez por esse alto número, a grande novidade para este trabalho é que a região da Capitania do Espírito Santo se divide, pela primeira vez, em três diferentes mapas: 1) um mapa bastante semelhante ao mapa da *Razão do Estado do Brasil*, entre a vila de Vitória e o rio Mucuri; 2) um mapa dos arredores da ilha de Vitória, à semelhança do mapa de Luís Teixeira e também a de outro mapa de 1630, que discutirei em breve; 3) e, pela primeira vez, um mapa que mostra o território desde Vitória, até o Cabo de São Tomé ao sul, que, como discutido anteriormente, era considerado o limite da capitania.

As cartas relacionadas ao Espírito Santo são as cartas 14, 15 e 16, sendo que a última aparece com o nome de Capitania de Porto Seguro. Abaixo, são exibidos os três mapas em questão:

---

<sup>332</sup> Couto, 1998, p. 74.



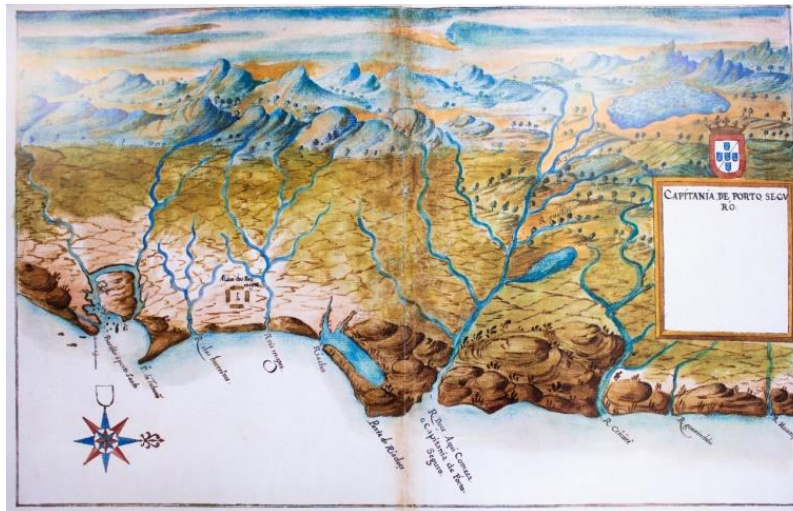


Mapa 18: Capitanía do Espírito Santo, de 1631. [Escala ca 320 000].



Mapa 19: Capitanía do Espírito Santo, de 1631. [Escala ca 1:240 000].

Este mapa se assemelha ao mapa anônimo da *Biblioteca Nacional de España* discutido no capítulo anterior. Isso quando levamos em consideração o espaço cartografado e os topônimos. Apesar das diferenças, esses são os mapas que mais se destacam em questão de informações sobre a ocupação da ilha.



Mapa 20: Capitania de Porto Seguro, de 1631. [Escala ca 1:300 000].

Este mapa, por fim, apresenta a mesma região dos mapas da Razão do Estado, com basicamente os mesmos topônimos.

A carta nº 15, que mostra a ilha de Vitória e seus arredores, se aproxima do que vimos nos mapas do capítulo anterior, mas parece derivar diretamente do quadro sobre o “Porto do Spirito Santo” encontrado no Atlas Hidrográfico de 1630, pertencente à Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, em Washington. Este é um impressionante conjunto de cartas de Albernaz, com a descrição de diversos portos do mundo. Há algumas informações em espanhol como títulos em algumas partes do atlas. Elas parecem ter sido inseridas posteriormente.

Veja o mapa abaixo:



Mapa 21: Porto do Spirito Santo, no estado do Brasil. Em altura de 20 Graus e 1/4, de 1630. [Escala ca 1:190 000].

Este atlas hidrográfico foi adquirido em 1681 por Dom Francisco de Seixas y Loverna, Capitão de Mar e Guerra da Armada Real espanhola. A aquisição foi em data muito próxima à fundação da colônia de Sacramento (1680). Cortesão e Mota notam a proximidade dos acontecimentos e do conflito político entre Portugal e Espanha que resultou da fundação de Sacramento. Loyerna escreveu um texto nas primeiras folhas sobre como, neste atlas, os portugueses tentaram enganar os espanhóis, empurrando a Linha de Tordesilhas para o oeste e garantindo a posse da foz do rio da Prata, assunto que discuti anteriormente<sup>333</sup>.

Tanto o *Atlas Hidrográfico* quanto o *Estado do Brasil* de 1631 foram encomendados por Dom Jerônimo de Ataíde, então donatário da Capitania de Ilhéus, para a qual são dedicadas diretamente duas cartas, aparentemente com a ideia de atrair pessoas e dinheiro para suas terras. Algumas cartas se destacam, como a de Pernambuco, por mostrar os conflitos entre holandeses e portugueses durante a ocupação do nordeste da América.

Jaime Cortesão escreve que a cartografia patrocinada por Ataíde era especialmente preocupada em demarcar territórios de Portugal e da Espanha. De acordo com o autor, a obra de 1631 “trata-se, pois, de um atlas de reivindicação nacionalista contra a Espanha, de um patriota português, alarmado com a invasão holandesa, e particularmente interessado no Brasil”<sup>334</sup>.

Nos mapas do Espírito Santo, o assunto não parece ganhar forma, mas é possível perceber certo esforço de reivindicação da região. Esta é, afinal, a única obra aqui estudada a colocar as armas e Coroa portuguesas sobre os cartuchos de cada mapa – mesmo que em alguns deles o desenho esteja incompleto. Segundo Márcia dos Santos,

Na sóbria cartografia dos atlas da América portuguesa dos Seiscentos, dos cosmógrafos da família Albernás, a maioria dos elementos figurativos, os que chamam a atenção pelo seu apelo decorativo, não faz referência ao incomum ou simplesmente novo do *novo mundo* representado. Eles correspondem, entre outros, aos emblemas heráldicos que são empregados para indicar conceitos como poder, posse ou possessão. Assim, os brasões indicam, nas

---

<sup>333</sup> “Primeramente eneste Primero Mapa se demuestra Por los Portugueses la demarcacion delas conquistas entre las dos Coronas el qual Mapa es el que ordinariamente ensenan en los Congresos que se na ofrecido y ofrecen entre Castilla y Portugal para por médio del enganar los Ministros Portugueses a los Castellanos porque eneste dicho Mapa introducen los Portugueses el engano sacando la tierra del brasil çien léguas mas al oriente delo que deve estar para por este médio meter em su demarcacion el Ryo dela Plata que no esta en la dellos porque em la distancia que ay dela costa mas inmediata del Brasil ala de Malagueta em Guínea por la escala del dicho mapa ay de distancia dela vna ala outra costa quatrocentas y diez léguas y asi enenando los Portugueses açia el oriente”. Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 113.

<sup>334</sup> Cortesão, 1957, p. 71.

representações da América, os domínios territoriais de Portugal ou de Castela e, nas de partes da América portuguesa, a posse da área por donatários ou a retomada da donataria pela Coroa, como se destaca nas pranchas do Atlas *Estado do Brasil...*, de 1631, de João Teixeira Albernaz, o Velho<sup>335</sup>.

Acima do cartucho encontram-se as armas de Portugal encimadas por uma Coroa, indicando a posse do território. Na rosa dos ventos, as armas estão incompletas. Em várias cartas os cartuchos das descrições estão vazios ou incompletos, apenas com os títulos, assim como os escudos e as armas que deveriam estar sobre eles. Os autores dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* notam que mesmo nos casos em que há algo escrito, a letra parece diferir da do cartógrafo<sup>336</sup>. Isso fortalece a ideia de que a carta do Espírito Santo está incompleta. Além disso, não há linhas de rumo, seguindo as direções dos pontos cardeais, como há nos demais mapas deste mesmo atlas e também na *Razão do Estado do Brasil*.

Quando acompanhavam a rosa dos ventos, as armas muitas vezes eram utilizadas para indicar a direção oeste nos mapas, quase sempre com o norte voltado para a direita. As armas estão comumente presentes na abertura dos atlas modernos, como uma demonstração do poder da Coroa ou mesmo dos patronos, que financiavam os trabalhos dos cartógrafos<sup>337</sup>. Para que servissem como discursos de poder e domínio sobre uma região, os mapas deveriam pintar esses lugares da melhor maneira que podiam. A precisão cartográfica era importantíssima para cartógrafos e pilotos no início da modernidade.

Apesar de pequenas diferenças entre os mapas vistos até agora, a técnica utilizada para representação do terreno é a mesma dos mapas anteriores, com a noção de profundidade e de continuidade do horizonte – há alguma diferença no caso do quadro do atlas de 1630, onde o território tem uma representação simples, de cor única, desprovido de detalhes de relevo, vegetação e, pela falta de espaço, dos traçados dos rios. Algumas ilhas são indicadas com alguma veracidade, mas com poucos detalhes.

O cartucho desse mapa o identifica como “Porto do Spírito Santo, no estado do Brasil em altura de 20 g<sup>ra</sup> e ¼”. Devido ao seu tamanho reduzido (aproximadamente 11,4x10cm), não há muitas informações, além de alguns topônimos considerados indispensáveis, que são os nomes das vilas, dos fortes e dos pontos de reconhecimento na entrada da baía, incluindo dados de profundidade do canal que leva às vilas.

---

<sup>335</sup> Santos, 2007, pp. 58-59.

<sup>336</sup> Cortesão& Mota, 1987 (IV).

<sup>337</sup> As armas dos Condes de Atouguia estão no atlas de João Teixeira Albernaz.

Em 1631, os padrões de cores também são diferentes em relação às obras anteriores. Albernaz aposta em bordas esverdeadas em seus primeiros mapas: no mapa de 1616 as margens dos rios são cercadas de árvores, que tem um estilo próprio: um tronco alto e galhos e folhas em um formato circular; em 1626 boa parte da terra é esverdeada e as árvores já se espalham pelo continente em pequenos aglomerados; em 1627, as coisas são diferentes, pois as árvores já são em menor número, e o terreno assume uma cor marrom com detalhes verdes apenas. A obra de 1631 tem ainda outro estilo. Terra marrom, rios mais espalhados e intrincados no continente, as árvores são em menor número do que antes.

O mapa que vai da ilha de Vitória ao rio “Macuripe” apresenta a região do Espírito Santo, inclusive sua sede, apesar de aparecer com o título de *Capitania de Porto Seguro*. O título do mapa vai ao encontro dos anteriores, onde a representação do mesmo exato território era acompanhada de descrições, como já aqui mostrei, ao descrever a Capitania do Espírito Santo. E aqui é a primeira vez que aparece no próprio terreno, um texto a indicar na altura do rio Doce: “Aqui começa a Capitania de Porto Seguro”.

O conteúdo dos mapas, em geral, não varia muito do que Albernaz, o Velho já havia feito em obras anteriores. Além das diferenças na coloração, é perceptível o maior cuidado com o formato da ilha de Vitória, agora muito mais próximo ao real. Há uma preocupação maior em indicar o traçado completo dos rios que desaguam naquele litoral, apesar de terem muitos traços de imaginação do autor – e conseqüente falta de conhecimento do interior, pois no próprio mapa os rios desaparecem nos morros ao horizonte. Ao norte, os rios Guaxinduba<sup>338</sup> e Macuripe desaparecem atrás do cartucho e não são continuados.

O Sul do Espírito Santo aparece em todos os atlas portugueses a partir deste. Aqui, o brasão não pode ser visto, mas seu espaço, em branco, é visível acima do cartucho do título, sem descrição. Nele está escrito “Capitania do Spírito Santo”. Não há construções no mapa, nem qualquer símbolo que marque a presença de colonos ou indígenas além dos topônimos no litoral. Frei Vicente do Salvador escreveu que “os portugueses só sabem conquistar, e não povoar”<sup>339</sup>, mas como é discutido neste capítulo, os portugueses já estavam presentes nessa região desde meados do século XVI, principalmente em missões jesuíticas.

---

<sup>338</sup> Guaxinbuba vem de “gûasunĩ - guaxinim, animal carnívoro procionídeo + tyba: ajuntamento de guaxinins”. Navarro, 2013, p. 564.

<sup>339</sup> Salvador, 1627, p. 622.

Perto de Reritiba (que também é chamada de Iiritiba na cartografia) aparece o arrecife que se expande da costa para o mar, formando uma entrada natural para o rio, que também era fundo o suficiente para as embarcações. Ali havia uma missão jesuítica conhecida, e suas margens eram tidas como férteis e boas para povoar.

A região Sul da capitania, devido à baixa ocupação portuguesa, estava sujeita à presença de outras nações. As praias do sul do Espírito Santo, como Itaoca e Itaipava, acabaram servindo como um ponto de apoio para colonizadores franceses<sup>340</sup>. Diante dessas praias, mostram os mapas, ficava a Ilha dos Franceses, que teria sido utilizada como base militar para a invasão no Rio de Janeiro, de meados do século XVI<sup>341</sup>.

O rio da Paraíba também merece destaque dos escritores<sup>342</sup>. Pertencente à Capitania de São Tomé no século XVI, foi próximo a ele que o donatário Pero de Góis iniciou a colonização de seus territórios. Poucos anos depois, suas forças foram derrotadas pelos índios e Vasco Fernandes Coutinho teria ajudado em sua retirada<sup>343</sup>. De acordo com os mapas, o rio era capaz de receber navios de grande porte.

A ideia de se construírem novas povoações no sul do Espírito Santo ou na Capitania de São Tomé não foi esquecida durante o período colonial, mas enquanto os colonos tinham dificuldade em se estabelecer próximo ao Paraíba, os jesuítas conseguiram estabelecer aldeias em regiões próximas. No final do século XVI já havia a aldeia de Reritiba, então no rio de mesmo nome, além da fazenda de Muribeca, na altura do rio Itapemirim<sup>344</sup>.

O último mapa é dos arredores da ilha em que está a Vila de Vitória. É o mesmo espaço sobre o qual se dedicaram os mapas do capítulo anterior.

A representação do Espírito Santo no atlas marítimo de 1630 é muito semelhante àquela do *Estado do Brasil* de 1631, e as duas provavelmente foram feitas utilizando a mesma base. O formato e os topônimos continuam (além de alguns novos), as posições

---

<sup>340</sup> Câmara Municipal De Itapemirim. O início da ocupação do Baixo Itapemirim - Primeira Parte. Acesso em: 09/09/2014, Disponível em: <http://www.camaraitapemirim.es.gov.br/exibir.aspx?pag=municipio>

<sup>341</sup> “Há indícios de isso [a presença de franceses no Espírito Santo] haver acontecido na região do Itapemirim como é o caso de uma ilha existente bem em frente à praia de Itaoca, no litoral do atual município de Itapemirim, a chamada Ilha dos Franceses”. Mignone, R. (2012). Crônicas da História de Marataízes (Um olhar sobre a cidade). Marataízes: PerSe, Inc. p. 11.

<sup>342</sup> Também aparece nos textos e mapas da época como Parayba ou Praýua ou Paraíba ou Peraiba. Vem de “pará + aib + a: rio ruim”. Navarro, 2013, p. 590.

<sup>343</sup> “Ele, não recebendo reforços, vio-se obrigado a consentir, e embarcou-se para a capital do Espírito Santo, a bordo de huma das caravelas que lhe expedio Vasco Fernandes Coutinho”. Constancio, F. S. (1839). Historia do Brasil, desde o seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral até a abdicação do Imperador D. Pedro I (I). Paris: Livraria Portugueza. p. 107.

<sup>344</sup> Uma interpretação da etimologia, em tupi, é: itá + pe + miri: na pedra pequena. Navarro, 2013, pp. 191, 280 e 374.

das ilhas são melhor definidas, de certa maneira repetidas. Agora há mais espaço para uma rosa dos ventos, e também para uma escala de léguas. A vegetação aqui está presente de forma figurativa. Os morros, apesar das formas genéricas, indicam aproximadamente o relevo no litoral do continente, mas o mapa ignora completamente o maciço central da ilha de Vitória.

Maria Borges escreveu sobre o mapa, dizendo que ele “oferece uma visão, a partir do litoral”, primeiramente do continente: “das terras a sudoeste ocupadas pela Villa Velha, da igreja de Nossa Senhora da Penha, na extremidade leste da enseada, do Forte de São Marcos, bem como de algumas povoações mais para o interior”<sup>345</sup>. Já na ilha, o mapa mostra o Forte de São Miguel e a vila de Vitória.

Também escreveu sobre ele o capixaba Mário Aristides Freire, que chama atenção para o “Pão de Açúcar”, chamado Penedo, e os engenhos e trapiche, além das vilas. Esta é a primeira vez que surgem os três engenhos, com os nomes “de Azeredo”, “de Francisco de Aguiar”, e “de Leonardo Froes”, além do trapiche – um armazém e moinho de açúcar de tração animal.

A família Azeredo é conhecida: Marcos de Azeredo encontrou as esmeraldas no interior da capitania no início do século XVII; seu irmão, Miguel, foi Capitão no Espírito Santo, assessorando sua cunhada Luiza Grimaldi, que assumiu a donataria após a morte de Vasco Fernandes Coutinho Filho. Já Francisco de Aguiar Coutinho foi donatário da capitania entre 1605 e 1627, ficando algum tempo fora após uma denúncia de Leonardo Froes afirmando que ele havia permitido uma embarcação inglesa no porto de Vitória<sup>346</sup>.

---

<sup>345</sup> Borges, 1999, p. 69.

<sup>346</sup> Cartas para Álvaro de Sousa e Gaspar de Sousa (1540-1627), 2001, p. 151.





Figura 5: Engenhos e trapiche no mapa de 1631.

Como afirma Frédéric Mauro, “o *engenho de açúcar* marcou profundamente a civilização do Brasil colonial”<sup>347</sup> e sua presença nos mapas de 1631 não é algo que aconteceu apenas no caso da Capitania do Espírito Santo. Outros mapas do *Estado do Brasil* fazem o mesmo. Isso chamou a atenção de pesquisadores como Jaime Cortesão:

Com o atlas de 1631 a cartografia do açúcar atinge o seu caráter específico. Ou pela compreensão própria da indústria açucareira, ou, mais provavelmente, indusriado por D. Jerónimo de Ataíde, ele dá maior importância à representação dos engenhos. Não só por vezes aparecem nomeados como engenhos, mas são figurados também, ainda que sumariamente, por um edifício ou série de edifícios ladeados por uma grande roda, visível por metade. Assim os engenhos de açúcar adquirem seu símbolo cartográfico. E como se estendem ao longo de todo o atlas por muitas cartas, assinalam, em verdade, uma cartografia açucareira<sup>348</sup>.

Os autores variam bastante sobre o número de engenhos que havia na Capitania do Espírito Santo. Gândavo (1570) escreveu que a capitania “Tem um engenho somente”, mas “tira-se dele o melhor assucre que há em todo o Brasil”<sup>349</sup>. Cardim (ca. 1580) afirmou que “esta capitania do Espirito Santo é rica de gado e algodões. Tem seis engenhos de assucar”<sup>350</sup>. Já Monteiro (1610) apontou que ali “tem oito Engenhos de açúcar”<sup>351</sup>, em um

<sup>347</sup> Para mais sobre o assunto, ler Mauro, F. (1975). *Do Brasil à América*. São Paulo: Perspectiva. p. 65.

<sup>348</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 121.

<sup>349</sup> Gândavo, 1570, p. 7.

<sup>350</sup> Cardim, 1858/1925, pp. 344-345.

<sup>351</sup> Monteiro, 1610/1945, pp. 401-402.



progressivo crescimento no passar dos anos. Na cartografia portuguesa aparecem até quatro engenhos. Em 1631, há três nas proximidades de Vitória. Nas obras posteriores (ver próximos capítulos) há ainda mais um, nas proximidades de Guarapari.

Jorge Couto apresenta uma tabela com a evolução do número de engenhos no Brasil quinhentista<sup>352</sup>, a qual está adaptada abaixo, concordando com Fernão Cardim sobre o número de engenhos na capitania:

Tabela 7: Número de engenhos por capitania no século XVII

	1546	1570	1585	1590
<b>Paraíba (do Norte)</b>				2
<b>Itamaracá</b>		1		2
<b>Pernambuco</b>	5	23	66	70
<b>Bahia</b>	1	18	46	50
<b>Ilhéus</b>	2	8	6	6
<b>Porto Seguro</b>	2	5		5
<b>Espírito Santo</b>	3	1	6	6
<b>São Tomé (Paraíba do Sul)</b>	2			
<b>Rio de Janeiro</b>			3	3
<b>São Vicente / Santo Amaro</b>	6	4	4	6
<b>Total</b>	21	60	131	150

Luiz Cláudio Ribeiro, em artigo sobre a economia colonial do Espírito Santo, acabou fazendo uma lista dos engenhos que existiram nos séculos XVI e XVII. Em sua lista, encontramos seis engenhos em Vila Velha, mais três em Guarapari e outro em Perocão. Como esses dois locais pertenciam também ao termo de Vila Velha no início do século XVII, temos 10 diferentes engenhos, nenhum deles em Vitória. Alguns são reedificados ou reformados com o passar dos anos e apenas dois desses parecem não ter sido construídos ainda no século XVI<sup>353</sup>.

<sup>352</sup> Couto, 1998, p. 287.

<sup>353</sup> “Entre o final do século XVI e as primeiras décadas do século seguinte existiram os seguintes engenhos de açúcar na capitania do Espírito Santo: Engenho Santo Antonio, de Henrique Manoel de Medeiros (residente em Lisboa), construído em 1577 na Ribeira da Arittaguape, Vila Velha; Engenho Santo Antonio, na localidade de Rosas Velhas, Vila Velha, reconstruído em 1592; Engenho de Nossa Senhora do Rosário, de Leonardo Fróes (residente em Lisboa), em Rosas Velhas, Vila Velha, construído em 1601; o Engenho São Francisco, construído na localidade de Ttaquari termo de Vila Velha, pelo donatário Vasco Fernandes Coutinho foi vendido a Diogo Rodrigues (residente em Évora), parece ter se acabado. Por volta de 1576, no mesmo local, Anrique Rodrigues Barcellos construiu um novo Engenho São Francisco. Este engenho parece ter sido vendido ao mesmo Diogo Rodrigues que cuidou de reconstruí-lo em 1596; Engenho Trindade, construído em 1583 por Miguel de Azeredo em Ribeira de Manicara (ou rio de maguanicara ou maguaricara), ou Ribeira do Coripe, Vila Velha. Este engenho foi reedificado em 1594. Após outra reedificação em 1609 mudou de nome para Engenho São Miguel e foi vendido para Leonardo Fróes; Engenho de Santiago de Guaraparim, de Marcos Fernandes Monsanto, merquador, residente em Lisboa, construído em Vila Velha em 1588 (ou 1592) e reconstruído em 1598; Engenho de Nossa Senhora da Paz, de Marcos Fernandes Monsanto, construído em Guaraparim, termo de Vila Velha, em 1599. Em 1618, o mesmo Marcos Fernandes Monsanto e seu filho Luis Correa Monsanto, possuíam outros 2 engenhos: o de Nossa Senhora do Rosário, em Guaraparim, e outros engenhos em Perocão, localidades pertencentes a Vila

Ribeiro inclusive escreve sobre os engenhos que aparecem no mapa estudado. O engenho de Leonardo Froes era chamado de Engenho de Nossa Senhora do Rosário, e foi construído em Roças Velhas em 1601. Já o Engenho Trindade, construído em 1583, seria de Miguel de Azeredo e em 1609 foi reedificado, ganhando o nome de Engenho São Miguel.

É também nos mapas de 1630 e 1631 que João Teixeira representa pela primeira vez algumas das fortificações dos arredores das vilas, com os nomes de São Marcos (posteriormente forte de São Francisco Xavier de Piratininga), no continente, e São Miguel (posteriormente forte de São João da Barra), na ilha. Sobre ambos, escreve Hélio Abranches Viotti:

Os fortins, erguidos de um e outro lado da entrada da Baía de Vitória, de nomes São Miguel e São Marcos, assim se chamaram seguramente como homenagem a ele [Miguel de Azeredo] e ao seu irmão Marcos de Azeredo, aí também residente. Em 1592, apenas concluídos, concorreram para a esmagadora vitória obtida por Miguel de Azeredo contra o ataque de Tomás Cavendish à capitania. Seu engenho ficava nas proximidades do Penedo (“Pão de Açúcar”) e do forte de São Marcos<sup>354</sup>.

Esses fortes voltam a aparecer em alguns mapas, junto com outras informações da Capitania do Espírito Santo.

A intensificação da colonização e o contínuo aumento da importância do Atlântico no império português e espanhol fez com que novos esforços cartográficos mapeassem áreas até então nunca mapeadas. A *Razão do Estado*, de 1612, e o *Estado do Brasil*, de 1631, são bons exemplos de como o litoral brasileiro cartografado aumentou de fins do século XVI a início do XVII até a quase totalidade

O passo seguinte, que levou ao mapeamento completo da costa, foi dado em 1642, com a *Descrição de toda a costa da Província de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil*. Essa descrição teve como base outra, feita em 1640, e deu origem a diversas outras, em dadas muito próximas, coincidindo com os primeiros anos da Guerra da Restauração (1640-1668). Por esse motivo, estão reunidos no próximo capítulo.

Esse período também coincide com os últimos anos da Guerra Luso Holandesa (1595-1663). Assim, o próximo capítulo, que se preocupa também com questões

---

Velha”. Ribeiro, L. C. M. (2010). O comércio e a navegação na capitania portuguesa do Espírito Santo - Brasil (séc. XVI-XVIII). Lisboa, pp. 15-16 [Nota 19].

<sup>354</sup> Viotti, H. A. (1984). Cartas: Correspondência ativa e passiva do Pe. José de Anchieta (Obras Completas, Vol. 6). São Paulo: Edições Loyola. p. 34.

diplomáticas e políticas de fronteiras coloniais, traz ainda um mapa de Johannes Vingboons, de 1665, cuja obra oferece um olhar diferente para a Capitania do Espírito Santo.

## 4 O ESPÍRITO SANTO NA RESTAURAÇÃO PORTUGUESA

### 4.1 A RESTAURAÇÃO PORTUGUESA

Os mapas de João Teixeira Albernaz, o Velho, se dividem, de certa maneira, em dois grupos: os feitos até 1631 e os feitos a partir de 1640. Essa divisão se dá pelas diferenças que existem entre os conjuntos de mapas dos dois grupos e pelas semelhanças entre aqueles dentro do mesmo grupo.

Nas obras estudadas até agora (1631), vimos representações bastante parecidas da vila de Vitória e do território que vai da mesma vila até o limite norte da capitania. Nos mapas portugueses feitos a partir de 1640, o território que corresponde ao da Capitania do Espírito Santo passa a se estender por três mapas: a região ao sul de Vitória continua em um único mapa, mas toda a região ao norte, que antes estava toda em um único mapa, passa a ser dividida em dois.

O formato aqui usado será reproduzido até o fim do século XVII e se destaca por: a importância de alguns lugares ao sul (a lagoa da Paraíba, o engenho de Monsanto, Guarapari e Iiritiba); o fim dos mapas portugueses que se prendem apenas à ilha de Vitória; e a consequente melhoria de sua representação nos mapas. Além disso, a partir daqui há uma divisão cartográfica na altura do rio Doce que, como visto anteriormente, era tido como fronteira com a Capitania de Porto Seguro.

Os mapas que trouxeram essa nova visão da Capitania do Espírito Santo foram feitos próximos à Restauração portuguesa (1640). Ela pôs fim à União Ibérica e ao controle espanhol sobre Portugal, que voltou a ter um rei próprio. É relevante entender alguns dos acontecimentos desse período e como eles afetaram a produção cartográfica portuguesa.

A Restauração portuguesa teria sido disparada com a “intenção de defender as instituições tradicionais do reino, atacadas pelo reformismo da política do Conde-Duque de Olivares” entre 1621 e 1640<sup>355</sup>. Com ela, nobres portugueses buscavam a oportunidade de tornar novamente independentes as instituições nacionais, que eles acreditavam estar sendo irremediavelmente atacadas pelas reformas propostas pela Espanha recentemente. Viam também a necessidade de reestruturar a sua participação na política internacional europeia.

---

<sup>355</sup> Monteiro, 2001, p. 205.

Durante o período da União Ibérica, Portugal estava vinculado aos interesses espanhóis. Depois de 1640, a necessidade de reafirmação de Portugal entre as Coroas europeias era constante. Internamente, havia diversidade de opiniões sobre com quem deveriam ser feitas alianças para posicionar a nação quanto aos conflitos continentais. Entretanto, “conselheiros, elementos do clero e do povo teriam instado D. Pedro II [regente a partir de 1667 e rei de Portugal de 1683 a 1706, conhecido como o Pacífico] a não tomar parte nas guerras europeias”<sup>356</sup>, destacando a neutralidade portuguesa em relação aos outros estados.

O problema é que os conflitos europeus alteravam automaticamente o controle sobre as posses nos territórios colonizados. A França tinha interesses no Maranhão e possuía a Guiana Francesa. A Espanha tinha o Vice-reino do Peru, que à época compreendia toda a América Espanhola, com exceção do Brasil das Guianas e parte da atual Venezuela<sup>357</sup>. Portugal se aproximou da Inglaterra, a fim de garantir seus domínios ultramarinos nos conflitos franco-ingleses do século XVIII, tendo como destaque a Guerra dos Sete Anos.

Essa relação com a Inglaterra balanceava as relações com a Espanha e era equilibrada pela proximidade com a França, o que coloca Portugal “no centro de todas as guerras pelos interesses estratégicos na Europa e no Ultramar”<sup>358</sup>, já que a continuidade da Coroa dependia da garantia dessas alianças externas.

A guerra gerada com a Espanha durou, de fato, até 1668 e influenciou bastante a cartografia portuguesa, então preocupada em defender os territórios e suas fronteiras com o inimigo.

Os últimos mapas do Brasil feitos por João Teixeira são de 1640 e 1642, o que os coloca no momento da Restauração e do início dos conflitos entre as nações ibéricas. Autores como Jaime e Armando Cortesão defendem que isso afetou a produção cartográfica: “ao invés do que sucedeu com as produções de alguns cartógrafos ilustres do século XVI, sobretudo Diogo Homem e Vaz Dourado, que se basearam quase sempre nos mesmos protótipos, repetidos ao longo de vários anos, a obra de João Teixeira I é variada e acompanha de perto – pelo menos para certas áreas – o progresso dos conhecimentos geográficos e o evoluir dos acontecimentos do mundo lusitano”<sup>359</sup>.

---

<sup>356</sup> Barata, 2001, p. 193.

<sup>357</sup> Mauro, 1975, pp. 67-68.

<sup>358</sup> Barata, 2001, p. 198.

<sup>359</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 90.

Esses mesmos autores acreditam que mesmo as descrições de 1640 estão diretamente ligados à Restauração portuguesa e serviram como um tipo de propaganda e defesa não só da independência de Portugal como também da grande importância que o Brasil assumiu dentro do império naquele período e o papel que a colônia assumiu daí em diante dentro das políticas europeias e ultramarinas.

Há ainda dois rascunhos de mapas datados de cerca de 1640 e 1646. Apesar de serem tidos como de autoria desconhecida, ambos os rascunhos se assemelham em título e conteúdo a outros dois conjuntos de mapas portugueses de João Teixeira Albernaz, o Velho, de 1640 e 1642 respectivamente, tornando-os fontes indispensáveis para este trabalho.

Essas quatro descrições do Brasil poderiam ser analisadas em conjunto. Entretanto, apesar da pequena diferença de conteúdo e de data entre eles, achei interessante explorá-los em dois grupos, seguindo a ordem cronológica: os mapas e os rascunhos de 1640, seguidos dos mapas de 1642 e rascunhos de 1646. Assim, foi possível destacar as diferenças: informações que surgem ou desaparecem com o passar dos anos.

O último mapa do capítulo é um manuscrito holandês de Johannes Vingboons. Feito vários anos depois, em 1665, ele se conecta aos demais graças à conjuntura portuguesa, cujo império esteve em conflito com a Holanda desde fins do século XVI até 1663.

A cartografia exposta neste capítulo, portanto, é relacionada aos conflitos portugueses na Europa, principalmente com Espanha e Holanda, que vinham desde o final do século XVI e culminaram em meados do século seguinte. Vamos entender um pouco melhor sobre o assunto, e como essas relações políticas influenciaram a cartografia portuguesa a seguir.

## 4.2 OS ÚLTIMOS MAPAS DE ALBERNAZ, O VELHO

Com muitas informações no litoral, Albernaz, o Velho, e o Moço dão grande importância à existência e posição das fortalezas espalhadas na costa do Brasil, e também a elementos marítimos em seus mapas, como sondas e rumos<sup>360</sup>.

Outro ponto relevante desses mapas da década de 1640 é que foi neles que se deu o último passo do espaço cartografado na costa do Brasil, que levou as descrições de 1640

---

<sup>360</sup> Manso Porto, 1999, p. 22.

e 1642 a completar o mapeamento de todo o litoral. Depois de quase 70 anos de diversos mapas da região, os Teixeira encerravam essa etapa.

Enfim, estes são os últimos mapas deste cartógrafo. Feitos em um Portugal que entrava em um novo período político, a obra de Albernaz também abriu um novo período cartográfico português. Como afirmam Maria Fernanda Alegria e colegas,

Em 1640, Portugal novamente se tornou independente, e o terceiro período de sua história cartográfica é caracterizado pelas necessidades militares e pela guerra com a Espanha que durou até 1668. O foco mudou das fronteiras para a própria fronteira de Portugal com a Espanha, e a atividade cartográfica se tornou primariamente o domínio da engenharia militar<sup>361</sup>.

Portanto, os mapas de Albernaz, o Velho, acompanharam um período conflituoso em Portugal, entre 1640 e 1668. Seus mapas e os de Albernaz, o Moço (cujas obras vão de 1666 a 1675) foram feitos em uma época em que Portugal buscava resolver conflitos e alcançar a paz com Espanha e Holanda. Depois desse período, Portugal e seus cartógrafos “nunca mais reconquistaram sua velha importância”<sup>362</sup>.

#### 4.2.1 Descrição de Todo o Marítimo

O conjunto de mapas do Brasil de 1640, intitulado *Descrição de todo o Maritimo da terra de Santa CRUS chamado vulgamente o BRAZIL*, contém 93 folhas com 32 cartas, sendo que a descrição de cada uma aparece em uma folha à parte. “A página principal é feita a bico de pena e representa uma pele de onça, aberta, onde foi inscrito o título do atlas”<sup>363</sup>. Este possui sete cópias espalhadas pelo mundo. A original estava em Lisboa, no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, quando Cortesão e Mota fizeram os *Portugaliae Monumenta Cartographica*, e hoje pertence ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo<sup>364</sup>.

O original tem uma carta a menos que suas cópias (a Ilha de Itamaracá, que aparece como a vigésima terceira carta). As cópias estão: uma na Biblioteca Nacional de Paris; uma no Ministério das Relações Exteriores do Brasil; outra na Biblioteca e Arquivo Público do Pará; uma na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa; outra na Sociedade de Geografia

---

<sup>361</sup> Alegria et al., 2007, p. 977.

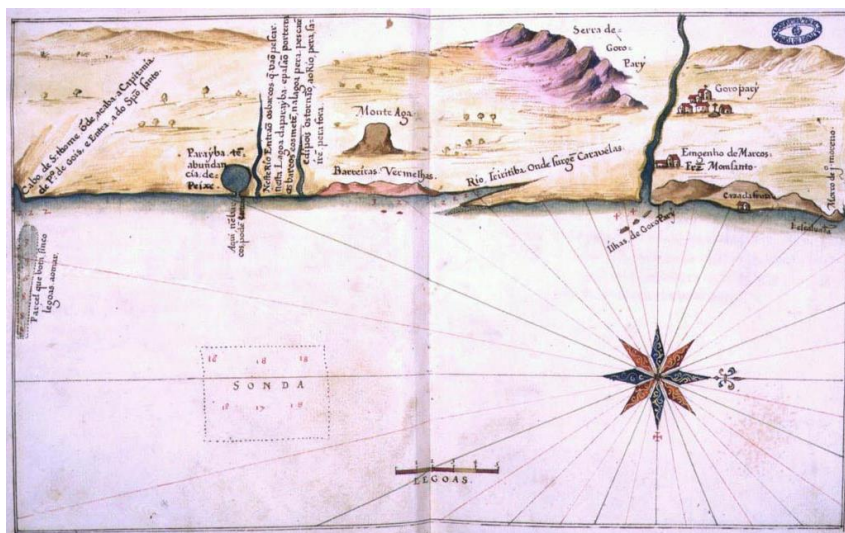
<sup>362</sup> Ibid.

<sup>363</sup> Cortesão, 1957, p. 74.

<sup>364</sup> Para acessar à versão digital do atlas, visite: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4162623> .

de Lisboa; e, por fim, há oito cartas soltas na Biblioteca Nacional de Paris, cujo conteúdo está de acordo com as cartas das cópias da descrição de 1640<sup>365</sup>.

Aqui, apresento as cartas da Capitania do Espírito Santo presentes tanto no original como em duas cópias: a do Ministério das Relações Exteriores e a cópia completa da Biblioteca Nacional de Paris. Os mapas do atlas de Lisboa são:



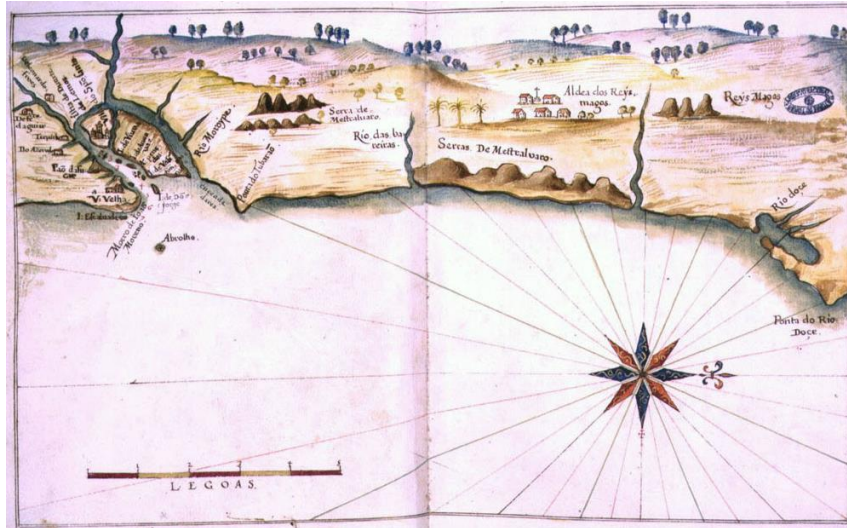
Mapa 22: Cabo de S. Tomé às Ilhas de Goropary, de 1640. [Escala ca 1:480 000]

Este mapa é acompanhado da seguinte descrição, em página separada:

Do Cabo de São thome que como dise está em altura de vinte dous graos, Corre a Costa ao Norte. trinta e seis legoas. até o morro de Ioaõ moreno. que he hum monte que esta na entrada do Porto, do Spirito Santo, em, altura de 20 graos, e hum quarto. em toda esta Costa, não temos porto, notauel, mais que o rio Iiritiba. em que podem surgir Carauellas. em fundo de duas braças, e ao Norte, dele oito legoas. outro rio com tres ilhas pequenas na entrada dele que se correm de Noroeste sueste. entre, ellas, e a boca do rio podem surgir, em quatro braças chamaõ a estas, ilhetas, de Goropary e do mesmo nome esta huma pouocaõ pelo rio assima distancia de cinco legoas, não á nesta Costa Outra couza de que se fassa mensão.

<sup>365</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), pp. 126-131.

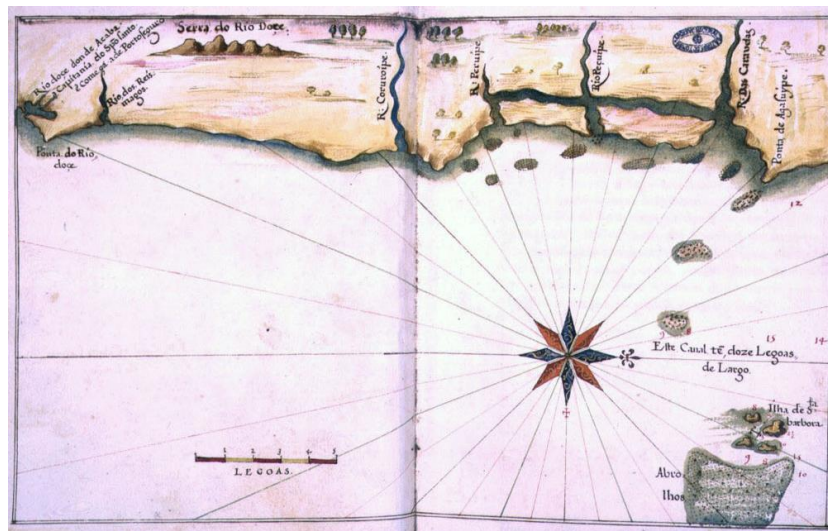




Mapa 23: Porto do espírito Santo à Ponta do rio Doce, de 1640. [Escala ca 1:250 000]

A descrição que acompanha este mapa é:

Do Porto do Spirito Santo que está em vinte graos e hum quarto. corre a Costa, ao Norte e torna alguma couza da quarta do Nordeste ate a ponta a que chamaõ do rio doçe em distançia de doze legoas. em toda ella naõ á outro porto. nem surgidouro mais que o do Spirito Santo que he hum dos notaueis da Costa do Brasil, tem barra de bom fundo na entrada, e dentro no porto surgem em tres brasas. a terra he fertil, tem alguns engenhos de asucar, he fresca e de bons ares.



Mapa 24: rio Doce até a ponta de Agasuipe, de 1640. [Escala ca 1:600 000]

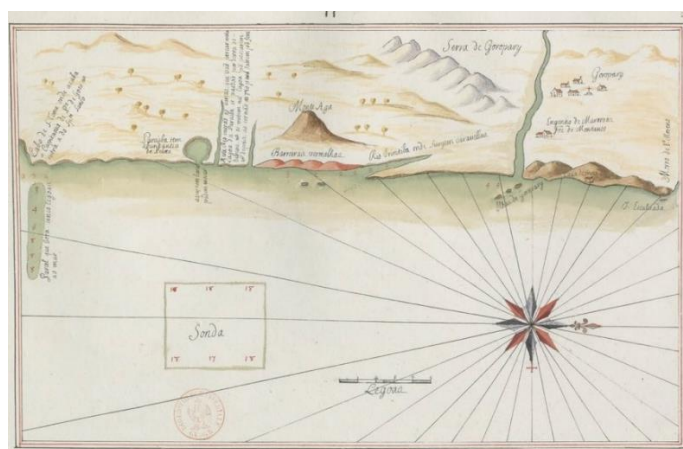
A descrição que acompanha o mapa é:

Do rio dose ate a ponta de agasuipe que esta na algura dos abrolhos. he terra despouada, e sem proueito, so tem algum pao brasil. a Costa correçe ao Norte, 28 legoas em todas elas naõ temos porto. nem surgidouro algum tudo costa

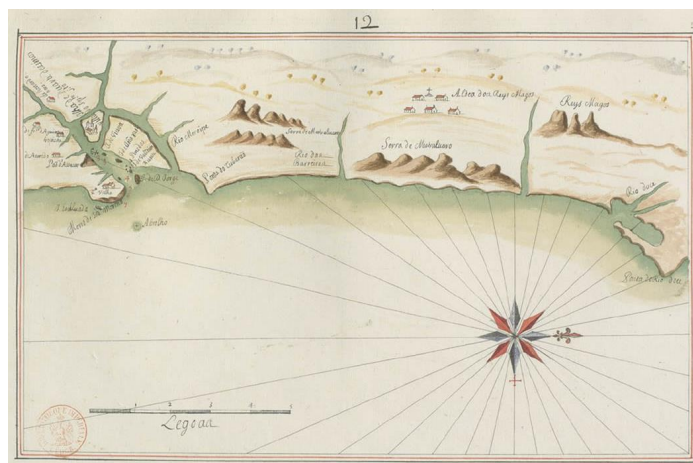
braua. mostraçõ o princípio do Canal dos Abrolhos. e Ilhas de Santa Barbora. entre ellas podem surgir, em sinco braças.

A obra parisiense está assinada por “João Teyxeira Cosmographo de Sua Magestade”, mas vemos nos *Monumenta Cartographica* que nele “o desenho e a letra são mais grosseiros e não do punho de João Teixeira”<sup>366</sup>. Há mesmo um estilo um pouco diferente de representação, mas em geral este é extremamente semelhante ao original de Lisboa, com pouquíssimas variações no texto e nos desenhos.

Os mapas desta obra estão abaixo, e suas descrições são idênticas às vistas acima (para comparação, essas descrições podem ser lidas no Anexo B):

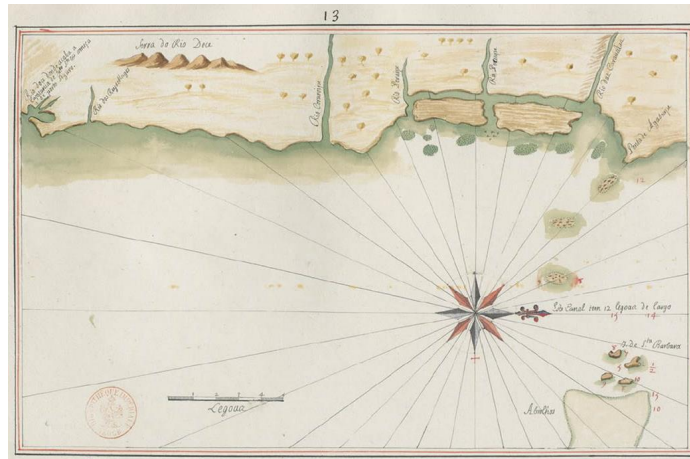


Mapa 25: Do cabo de S. Tome ate o Morro de João Moreno, de 1640. [Escala ca 1:480 000].



Mapa 26: Do porto do spirito santo até a ponta do rio doce, de 1640. [Escala ca 1:250 000].

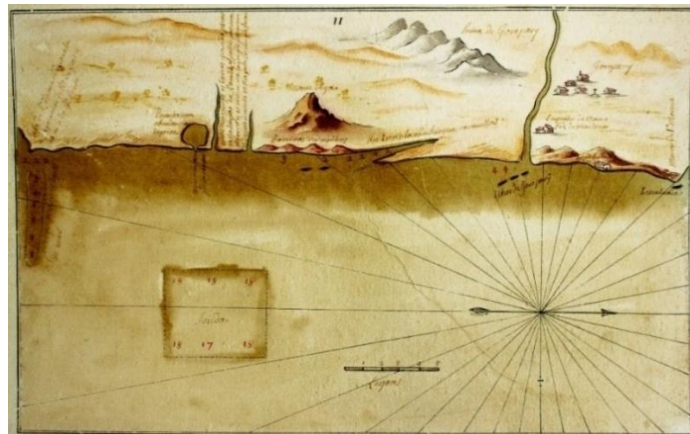
<sup>366</sup> Ibid., p. 127.



Mapa 27: Do rio doce ate a ponta do Agasuipe, de 1640. [Escala ca 1:600 000].

Os mapas do Ministério das Relações Exteriores<sup>367</sup>, a última cópia a ser apresentada aqui, são exatamente iguais aos originais, com os mesmos traços e as mesmas cartas. Esta obra esteve antes na Biblioteca da Marinha, e foi utilizado pelo Barão do Rio Branco em algumas questões de limites entre Brasil e França: esta é a cópia que foi utilizada pela França na questão de limites dentre o Brasil e a Guiana. Por este motivo, o Barão do Rio Branco foi obrigado a desmerecê-lo: escreveu que é um “sofrível mapa manuscrito de 1640”<sup>368</sup>.

Veja os mapas abaixo:

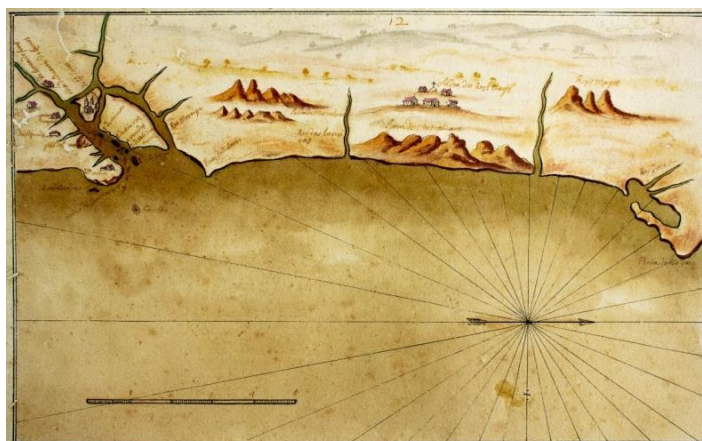


Mapa 28: cabo de S. Thome até Morro de João Moreno, de 1640. [Escala ca 1:480 000]

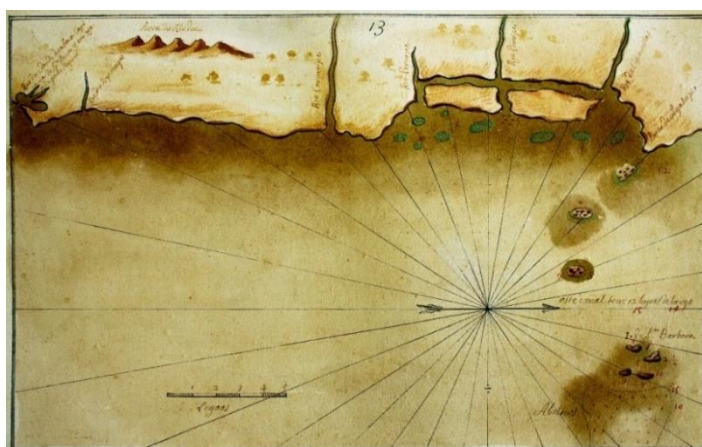
<sup>367</sup> O acesso se deu graças à boa vontade dos funcionários da coleção sempre muito solícitos, com especial atenção da bibliotecária Maria Simone de Oliveira Rosa.

<sup>368</sup> Barão Do Rio Branco. (2012). Obras do Barão do Rio Branco (III: Questões de Limites, Guiana Francesa. 1ª Memória). Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Fundação Alexandre de Gusmão. p. 206.





Mapa 29: porto do Espírito Santo até a ponta do rio doce, de 1640. [Escala ca 1:250 000]



Mapa 30: Do rio doce até a ponta de Agasuipe, de 1640. [Escala ca 1:600 000].

Em 1640, João Teixeira utilizou uma coloração marrom para o terreno, completado com um marrom mais escuro, alguns tons avermelhados e até mesmo roxos para simbolizar os morros. A vegetação é escassa. As lagoas e rios são de um azul escuro, que continua nas proximidades do litoral, mas que não se mantém em mar aberto.

Sobre os mapas que estão na França, mais especificamente os mapas referentes à região do Espírito Santo, Deulin escreveu:

Rumos. Rosa com 8 pontos de média partes.

Matiz verde para a água, acastanhado para as alturas da costa, com exceção das *Barreiras Vermelhas* que aparecem lá, e o *Monte Aya* – tom amarelado para as ondulações, violeta para *Serra de Goropary*. Mudanças de árvores amareladas. (...) Ondulações amareladas ou azuladas de árvores no interior. Visão muito clara das montanhas, uma coloração acastanhada. (...) Os números em tinta vermelha, indicações hidrográficas na entrada da baía;

cruz preta no recife (abrolhos). (...) cruz preta pontilhada, desenhos ovais, amarelo ou verde, números em tinta vermelha<sup>369</sup>.

A citação chama a atenção para as cores utilizadas nos mapas, que vão de cores amareladas a azuladas, vermelho, verde e preto, facilitando a visualização da capitania.

Começando a analisar os mapas que vão do Cabo de São Tomé até o Porto do Espírito Santo, sua descrição diz que não há porto notável nesse espaço além do encontrado em Reritiba e em Guarapari. As descrições destacam a profundidade do “rio Iiritiba” (“fundo de duas braças”) para poder dizer que é possível entrar no porto com caravelas: fato importante para o comércio na região, onde havia aldeia dos jesuítas.

Ainda de acordo com a descrição dos mapas, Guarapari (cujo nome aparece com diferentes grafias em cada descrição) seria o nome das três ilhas ao norte de Reritiba e, assim como no mapa, no texto o cartógrafo também situa ali uma povoação. Apesar de o texto dizer que não outra coisa a mencionar, os mapas chamam a atenção também para a lagoa da Paraíba.

O “Iiritiba” se destaca pelo arrecife e pela presença jesuítica. Gabriel Soares já escrevia que esta terra é “muito grossa e boa para povoar como a melhor do Brasil”, além de ter “um arrecife ao mar, que boja bem uma légua e meia, a qual ponta é de terra baixa, ao longo do mar”<sup>370</sup>.

O rio de Guarapari aparece em todos os mapas posteriores a 1640. Próximo a ele, no interior, há sempre as Serras de Guarapari, que eram conhecidas também como Perocão. De frente para o rio, textos da época registram três ilhas, duas delas mais distantes e uma mais próxima ao litoral<sup>371</sup>. É possível que sejam as hoje conhecidas Três Ilhas, um arquipélago turístico nas proximidades de Guarapari.

Em mapa de 1631, essas ilhas recebem mesmo o nome de Perocão. Ainda hoje, esse é o nome de um rio, uma praia e a um bairro do município de Guarapari, uma vila de pescadores. É possível que o nome exista desde meados do século XVI, como uma variação de “Para o Cão”, pois para ali, em 1555, teria se mudado Cão Grande, índio temiminó irmão de *Maracaiaguaçu*, o Gato Grande, após sair do Rio de Janeiro<sup>372</sup>.

---

<sup>369</sup> Este é um resumo das descrições dos três mapas referentes à Capitania do Espírito Santo, que estão nas páginas 46 e 47 do artigo *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, publicado no *Boletim Geral das Colônias* em 1940. Deulin, M. G. (1940). *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*. *Boletim Geral das Colônias*, XVI(180), pp. 46-47. Tradução minha.

<sup>370</sup> Sousa, 1587/1851, pp. 93-94.

<sup>371</sup> Sousa, 1587/1851, p. 93.

<sup>372</sup> "El Qan Grande, el hermano del Gato, se mudó de su tierra para Goarapari, daqui seis legoas. Mandó dizir al Governador, que adó queria que se asentase? Mandóle dizir que arredor del mar, por caso de poder el ser socorrido quando fuese necesario. Seguró mucho esta Vilha y huegan mucho alhi com él los

Na cartografia, “Perocão” não aparece em mapas posteriores a 1640. Ele foi abandonado ou substituído por “Guarapari” e suas variantes.

A “Goropary”<sup>373</sup> do mapa foi também uma aldeia fundada no século XVI, e a primeira das aldeias jesuítas a se tornar vila no Espírito Santo, em 1679, durante o governo de Francisco Gil de Araújo. Sua origem está ligada aos conflitos com os franceses pela posse da região do Rio de Janeiro, quando os portugueses teriam conseguido grande apoio indígena para a expulsão dos inimigos.

Na cartografia, ela aparece no interior. As descrições dos mapas afirmam que a aldeia ficava cerca de cinco léguas para o interior, seguindo o rio. Isso parece um equívoco: ainda hoje é possível visitar a igreja jesuítica de Guarapari e as ruínas de outra e ambas ficam bem próximas ao litoral<sup>374</sup>.

O roteiro da costa do Brasil, do cosmógrafo-mor António de Mariz Carneiro, fala um pouco sobre a região na altura de Guarapari. Segundo ele<sup>375</sup>, depois de passar por Vitória, o navegante veria muitas serras no interior, sendo a mais alta e espinhosa deles a “Serra de Guaripari”. Outra serra próxima seria a de “Pero Cão”. Próximos a elas, assim como aparece no mapa de João Teixeira Albernaz, Carneiro escreve que havia “tres ilheos pequenos, & juntos”.

Ao Sul dessas ilhas, segundo o autor, havia “hum ilheo pequeno escaluado”. Nos mapas da família Teixeira há sempre uma ilha chamada Escalvada próxima a Guarapari, mas sempre ao norte, e não ao sul. Para tentar localizar a ilha descrita por Carneiro, vejamos o texto original:

(...) ao sul deles [os três ilhéus próximos a Guarapari] hum ilheo pequeno escaluado, à terra deste ilheo está *huma* Bahia muito grande, que podeis surgir nella se quiserdes, querendo entrar nesta Bahia, estando Leste, Oeste, com as serras podeis ir entrando por ella a dentro, & deixai a *ilha do Repouso* da banda do Norte, a qual está dentro desta Bahia, he rasa, & podeis surgir à terra dela, dando-lhe resguardo (...)<sup>376</sup>.

---

moradores, por esta causa. Tanto que começaren asentar y hazer sus casas iremos halhá i sabremos si tenemos algún provecho. Uvo por su consejo venirse para su hermano; ya está con él, quiere hazer mantenimiento, casa, y luego trazer la más gente”. Leite, 1945, p. 376.

<sup>373</sup> Apesar de normalmente indicarem a etimologia *guara + pari*: armadilha de guará, um pássaro, Eduardo Navarro propõe algo diferente em seu Dicionário de Tupi Antigo. Pare ele, Garapari vem de “De *ybyrá + apari*~: árvore curvadinha, nome de árvore cunoniácea”. Navarro, 2013, p. 562.

<sup>374</sup> A cidade de Guarapari, hoje de turismo de verão, tem um roteiro de visitaçao a pé para turistas, em cujo estabelecimento tive alguma participação, mesmo que pequena. Além das igrejas, o roteiro também passa por um antigo poço, à beira da praia, onde os jesuítas buscavam água. Mais informações em: <http://www.guarapari.es.gov.br/portal/index.php/turismo/historico-cultural> .

<sup>375</sup> Carneiro, 1655, p. 12v.

<sup>376</sup> Ibid.

Um mapa atual<sup>377</sup> da região deixa claro que os mapas de Albernaz estavam errados na localização das ilhas, e que Carneiro estava certo. A Ilha Escalvada (ponto 1) fica, de fato, ao sul das três ilhas menores (ponto 2), todas próximas a Guarapari.

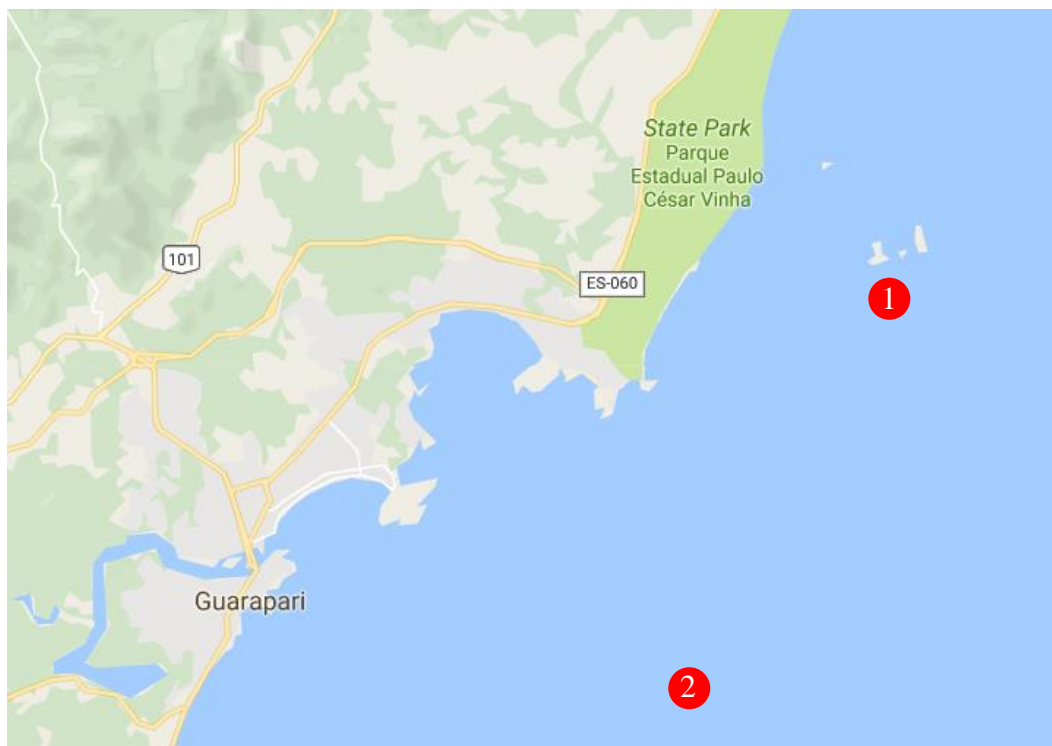


Figura 6: Vista aérea das proximidades de Guarapari, no Espírito Santo. Destaque para a Ilha Escalvada e para as Três Ilhas.

A baía citada no texto, pelo que é possível compreender, é a própria baía de Guarapari, mas na cartografia, normalmente é na altura do rio Reritiba, e apenas ali em todo o litoral sul do Espírito Santo que o leitor encontra uma nota dizendo que ali é possível surgirem embarcações.

É ainda relevante notar que um roteiro atual da Marinha do Brasil não difere muito da descrição feita no século XVII. Ele fala que a ilha Escalvada está próxima às enseadas de Guarapari e Perocão e que há muitos morros nas proximidades<sup>378</sup>.

De volta aos mapas de Albernaz, próximo de Guarapari, no correr do mesmo rio, há uma menção ao engenho de Marcos Fernandes Monsanto. Exceto em 1670, em que só

<sup>377</sup> Google. (s.d.). [Google Maps na região próxima a Guarapari, no Espírito Santo, Brasil]. Acesso em: 25/10/2015, Disponível em: <https://goo.gl/maps/ILt8O>

<sup>378</sup> “O navegante vindo do Sul deve avistar a ilha Escalvada, com seu farol, tendo a noroeste a cidade de Guarapari, com muitos edifícios; as enseadas de Guarapari e Perocão; e mais ao norte, no interior, inúmeros morros” Marinha Do Brasil, 2013, p. 170.

está escrito “Emgenho”, o nome de Monsanto aparece em todos os demais mapas da família Teixeira. Monsanto era um espanhol que tinha pelo menos três engenhos em Guarapari<sup>379</sup>, mas ficou realmente conhecido após ter suas propriedades confiscadas logo após a Restauração portuguesa, acusado de se manter fiel à Coroa castelhana<sup>380</sup>. Ele era proprietário dos engenhos desde os últimos anos do século XVI e no tempo do confisco já morava em Castela e os mantinha em sociedade com o filho, Luis Correa Monsanto. Estes engenhos se tornaram, portanto, os únicos não particulares apontados pela documentação do Espírito Santo.

No interior, há umas “Serras de Goropari”. Essas serras, hoje chamadas de Serra do Castelo (também conhecida como Serra Capixaba), são uma ramificação da Serra da Mantiqueira. Ela se aproxima do litoral do Espírito Santo principalmente na altura de Guarapari. É possível que ela esteja representada no mapa devido a essa aproximação, que a destacava na vista da região.

Já bem próximo do morro de João Moreno, há uma “Caza da Fruta” (hoje Ponta da Fruta). Pouco se escreve sobre ela, mas textos recentes baseiam-se em crenças populares para afirmar que este lugar teria ganhado destaque e recebido este nome porque José de Anchieta teria se hospedado ali, uma ou mais vezes<sup>381</sup>. Essas hospedagens aconteciam nas viagens que o jesuíta fazia constantemente entre o colégio jesuíta de Santiago, em Vitória, e a aldeia de Reritiba<sup>382</sup>.

Vemos no mapa ainda uma sonda no oceano, em frente à lagoa da Paraíba; e um parcel<sup>383</sup>, no canto esquerdo, na direção do Cabo de São Tomé. Este cabo aparece no extremo sul do mapa, onde, inclusive, foi escrito que ali é a divisa entre a Capitania de Pero de Góis e a do Espírito Santo. Esta informação já foi discutida<sup>384</sup>. Neste mesmo mapa mais antigo, na altura da lagoa da Paraíba (hoje Lagoa de Cima, no município de Campos dos Goytacazes), está escrito que ela não podia ser alcançada diretamente pelo

---

<sup>379</sup> Ribeiro, 2010, p. 15.

<sup>380</sup> Apees/Ahu. Arquivo Público Do Estado Do Espírito Santo. (1997). Projeto Resgate da Documentação Histórica Barão do Rio Branco - Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822), Conselho Ultramarino - Brasil / Arquivo Histórico Ultramarino [2 CDs ROM]. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Cx. 1, Doc. 17A

<sup>381</sup> Abreu, R. (2009). Ponta da Fruta. Acesso em: 15/04/2014, Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/-ponta-da-fruta.html>

<sup>382</sup> Este mesmo caminho é percorrido hoje anualmente por muitas pessoas, e recebe o nome de Passos de Anchieta.

<sup>383</sup> “Banco de pedra debayxo daagua” Bluteau, D. R. (1720). Vocabulario Portuguez & latino (O-P). Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva. p. 263.

<sup>384</sup> Ver capítulo anterior



mar, mas apenas a partir do rio, por onde se subia até local onde se carregavam as embarcações até lá. Todo esse trabalho, segundo o mapa, era pela riqueza de pescaria.

Um pouco mais para o norte, vemos pela primeira vez na cartografia tanto o “Monte Aga” (hoje Monte Aghá) quanto as “Barreiras Vermelhas”. As barreiras vermelhas são falésias, que hoje ficam no município de Marataízes. Em alguns mapas, o Monte Aghá aparece na mesma latitude da Ilha dos Franceses, entre Reritiba e o rio Paraíba. Não há qualquer outra informação sobre ele nos mapas ou nos textos. O mesmo acontece com a maior parte das serras que aparecem na cartografia, como a de Guarapari.

De acordo com Cristiano Bodart, foi nas proximidades do monte que se estabeleceram os primeiros habitantes da região e um possível significado desse nome, em tupi, seria “lugar de ver deus”<sup>385</sup>. Entretanto, a etimologia parece inadequada<sup>386</sup>.

A Serra de Guarapari e o Monte Aghá servem, na cartografia, para o mesmo fim que a Serra do Mestre Álvaro e o Morro de João Moreno já serviam no século XVI para Luís Teixeira: marcos do litoral, facilmente reconhecidos para os navegantes que se aproximam da costa.

É possível perceber, assim, como a cartografia funciona também como instrumento de navegação, destacando os acidentes naturais como marcos do território do Espírito Santo da mesma forma que é feito nos roteiros de navegação do século XVII.

Esses marcos aparecem nos mapas seguintes, que vão do Porto de Vitória à Ponta do rio Doce. Neles, mais uma vez o cartógrafo afirma que não há muita coisa entre os dois pontos: “naõ á outro porto. Nem surgidouro mais que o do Spirito Santo”, sendo este um dos mais notáveis do Brasil. Escreve ainda que a terra é fértil, fresca e de bons ares – acompanhando os relatos dos viajantes e cronistas do século XVI –, além de ter alguns engenhos, que são identificados nos mapas. Apesar de não haver portos importantes ali, há pelo menos os citados marcos de reconhecimento do litoral para quem se aproxima das vilas do Espírito Santo.

O Mestre Álvaro, o Morro do Moreno, a Ponta de Tubarão, e o Penedo (Pão de Açúcar) apontam a entrada da baía e chegada nas vilas. Sobre o Mestre Álvaro, é possível dar como exemplo o que está na *Prática da arte de navegar*, de Luis Serrão Pimentel:

---

<sup>385</sup> Instituto Histórico E Geográfico De Piúma. (2014). Monte Aghá: entre história e geografia. Disponível em: <http://ihgpiuma.wix.com/inicial#!o-monte-agh/cliuj>

<sup>386</sup> De acordo com o Dicionário de Tupi Antigo de Eduardo de Almeida Navarro, “lugar de ver deus” seria tupã + epiak + -aba, ou algo como “tupapiacaba”, em interpretação minha. O sufixo -aba, que significa “lugar”, poderia ter gerado a variante “aga”, ou “Aghá”. Por outro lado, agûa ou gua’a, em tupi, significa altibaixos (que tem altos e baixos, terreno acidentado). Navarro, 2013, p. 13 ou 129.

nesta paragem, vendo uma serra alta e redonda ao longo do mar, a que chamam a Serra do Mestre Alvaro, e vindo de mar em fora demandar esta serra, da banda do Norte dela, se verá um rio, a que chamam dos Reis Magos; e vindo ao Sul dele logo descobrireis a boca da Baía do Espírito Santo<sup>387</sup>.

Pimentel, portanto, utiliza a serra como marco da aproximação da baía do Espírito Santo. Isso também pode ser lido, com as mesmas palavras, no já citado *Regimento de pilotos e roteiro da navegação, e conquistas do Brasil (...)*<sup>388</sup>. O Mestre Álvaro também aparece na *Arte de Navegar* de Manoel Pimentel, filho de Luis Serrão:

Mais para o; Sul seis leguas está outro rio pequeno chamado dos *Reis Magos*, e duas leguas delle para o Sul se vê huma serra alta, e redonda ao longo do mar, a que chamaõ a Serra de Mestre Alvaro, no fim della da banda do Sul está huma ponta de pedra chamada Ponta do Tubarão, e daqui ao Espirito Santo ha quatro leguas. A bahia do Espirito Santo he estreita, mas capaz de navios grandes: tem na ponta do Sul hum morro, a que chamaõ Monte Moreno, e meia légua para dentro da bahia está outro monte, que parece hum pão de assucar feito de forma (...)<sup>389</sup>.

A já citada *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636*, escrita por Johannes de Laet, descreve a chegada de uma armada holandesa no Espírito Santo, e mostra como também os holandeses reconheciam o litoral do Espírito Santo a partir dos mesmos marcos geográficos:

A 3 de Março, sendo chegado quase em altura de 19°, assentou de seguir para o Espirito Santo, onde faria um salto. (...) Ao outro dia avistou a Serra do mestre Alvaro, mas, vendo que não podia entrar no rio com dia, fez-se algum tanto ao largo, por não ser visto dos de terra.

Alguns mapas portugueses confundem o Mestre Álvaro (como ficou conhecido) com outra serra mais próxima à ilha de Vitória. A partir de 1640, surge nos mapas uma segunda serra com o mesmo nome, só que ao norte do “Rio das Barreiras”. Nos mapas desse ano e também nos de 1642, o leitor pode ver as duas serras que recebem o mesmo nome:

---

<sup>387</sup> Pimentel, L. S. (1960). *Prática da arte de navegar*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar. (Original publicado em 1673), p. 154.

<sup>388</sup> Carneiro, 1655, pp. 11-12v.

<sup>389</sup> Pimentel, M. (1819). *Arte de navegar em que se ensinaõ as regras praticas, e os modos de cartear, e de graduar a Balestilha por via de numeros, e muitos problemas uteis á navegação, e Roteiro das viagens, e costas maritimas de Guine, Angola, Brazil, Indias, e Ilhas Occidentaes, e Orientaes, Novamente emendado, e accrescentadas muitas derrotas*. Lisboa: Typografia de Antonio Rodrigues Galhardo. p. 304.

- Uma delas a oeste da “Ponta do Tubaraõ” e entre o “Rio Moroype” e o “Rio das barreiras”
- A outra entre o mesmo “Rio das barreiras” e os “Reys Magos”.

A aldeia jesuítica dos Reis Magos aparece no interior do mapa, atrás da serra. Nos mapas posteriores, a serra mais ao sul passa a se chamar apenas “Serras”, deixando o nome de “Mestraluaro” para aquela mais ao norte.

É possível ver em mapa atual do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) a posição real do Mestre Álvaro<sup>390</sup>. As marcações em vermelho indicam:

- 1) Mestre Álvaro
- 2) Rio das Barreiras
- 3) Reis Magos, hoje Nova Almeida.



Figura 7: Recorte de Mapa do Estado do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. IBGE, 2003. As intervenções em vermelho são minhas.

No mapa, a cor verde demonstra baixa altitude. A medida que a altitude aumenta, o terreno fica amarelo e, depois, vermelho. Assim, é possível perceber com facilidade que o litoral do Espírito Santo é de baixa altitude e a Serra do Mestre Álvaro aparece como um ponto amarelo solitário em região afastada do litoral.

<sup>390</sup> Ibge. (2003). Mapa escolar do Estado do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Base cartográfica integrada digital do Brasil ao milionésimo: versão 1.0 para ArcGis Desktop/Arcview. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. 1 CD.

O nome “Serra”, presente no mapa do IBGE representa o nome da cidade ali localizada. Este nome possivelmente vem do fato de ela estar realmente instalada em meio as serras próximas ao Mestre Álvaro.

Na sequência, os três mapas mostram uma serra (representada por três morros) sobre o nome “Reys Magos”. Este topônimo parece um equívoco, ou talvez uma justificativa para o nome da aldeia jesuíta pouco mais ao sul. Não há muitos morros de destaque nas proximidades da igreja, e nenhum cronista aponta a existência desses morros. De fato, o que há nos textos da época são três ilhas à entrada do rio, que também recebe o topônimo de “reys magos” nos mapas. Aqui, a aldeia não é mais representada pela quadra com a cruz ao centro, mas por um conjunto de construções, casas de tamanhos e formatos diferentes, mas sempre nas proximidades de uma cruz elevada.

Mais ao norte, o cartógrafo chama de “rio Doce” o que, em seus mapas anteriores, recebia o nome de “Riacho”. Ali próximo está a aldeia e a serra de “Reys magos” e, na mesma altura, no litoral, surge um conjunto de morros, que recebe o nome de “Serra de Mestraluraro”. O equívoco é que o Mestre Álvaro está muito mais perto da ilha de Vitória, como visto no mapa de 1640 e em outros. No mapa de 1642, está escrito apenas “Serras”<sup>391</sup>, e no mapa de 1646 não há nada.

Por fim, é próximo às vilas que se encontram os topônimos que sem dúvida vieram do mapa de Luís Teixeira. Ali, temos novamente o nome da “Ilha de Duarte de Lemos”<sup>392</sup> e das ilhas menores, da “ponta do Tubarão” e do morro de “João Moreno”. A vila ocupando a ilha volta a se chamar “Villa do Spiritu Santo” – a mesma inversão de nomes vista no mapa de Luis Teixeira (ver Capítulo 2). A ilha principal do arquipélago, onde está Vitória, aparece nesse mapa dividida em duas<sup>393</sup>. Na parte superior há a vila, e na inferior estão escritos os nomes das ilhas menores.

Isso não acontece nos mapas posteriores. Ao invés de mostrar os nomes dessas pequenas ilhas, o cartógrafo escreve os nomes das principais igrejas da vila de Vitória, além de desenhá-las.

A ideia de que não há porto “nem surgidouro algum” se repete nas descrições do último mapa, que vai do rio Doce aos Abrolhos. Para o cartógrafo, essa região é despovoada e sem proveito, apesar de ter algum pau-brasil. Tanto os mapas quanto as

---

<sup>391</sup> Por sinal, a cidade que hoje se encontra aos pés do Mestre Álvaro (o nome ficou limitado apenas ao maciço principal) recebeu o nome de Serra. Como já mostrei, ela também surgiu de uma aldeia.

<sup>392</sup> Como visto no mapa mais antigo da capitania, de Luis Teixeira, ca. 1590 (ver tópico 2.2)

<sup>393</sup> Não foi encontrado nos documentos do período informações que justifiquem a divisão da ilha em duas.

descrições dão bastante destaque para os Abrolhos e para as maiores ilhas da região, apontando a profundidade e a possibilidade de navegação entre elas.

Sobre a região norte do Espírito Santo, pela primeira vez há um terceiro mapa para representar a terra ao norte do rio Doce, entre ele e a “ponta de Agasuipe” (hoje, ponta da Baleia), já que antes esta região se encontrava comprimida em mapas que iam até a vila de Vitória. Essa nova divisão permitiu que o território da Capitania fosse reproduzido em maior escala.

Aqui, por exemplo, há pela primeira vez a “Serra do rio Doce”. Ela normalmente aparece no interior, nas proximidades do rio, sem qualquer outra informação. Os mapas mais antigos, até 1631, davam mais destaque a essas serras, pois elas parecem corresponder às serras onde Albernaz apontava a existência de esmeraldas. De 1640 em diante, parece haver menos detalhes do sertão. O velho caminho que seguia pelo rio Doce acima até encontrar a lagoa e as esmeraldas não é mais citado.

Mais ao norte, veem-se duas grandes ilhas entre os rios Peruípe e das Caravelas, e também os abrolhos se espalhando pelo oceano. O rio Caravelas mantém o nome ainda hoje, além de emprestar seu nome à cidade que fica em sua foz. Pouco ao norte, os mapas mostram uma Ponta de Agasuipe, que hoje recebe o nome de Ponta da Baleia<sup>394</sup>.

A oeste do Caravelas, a poucos quilômetros de distância, há os Abrolhos. De acordo com o website do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade<sup>395</sup>, o Arquipélago Nacional Marinho dos Abrolhos, como são conhecidos hoje, é formado por cinco ilhas: Ilha de Santa Bárbara (que aparece em diversos mapas do século XVII); Ilha Siriba; Ilha Redonda; Ilha Sueste; e Ilha Guarita.

No século XVII, a importância desse lugar e os cuidados tomados para evitá-lo continuavam. Como escreve Frédéric Mauro,

Quando o navegador se aproxima das costas do Brasil, deve temer as ilhotas ou os recifes. Os mais célebres formam o arquipélago dos Abrolhos, cerca de 18° de latitude Sul – um total de cinco pequenas ilhas de coral e rochedos emergentes, a umas trinta milhas a Sudeste da ponta da Baleia. (...) O seu nome vem, ao que se diz, do terror que inspiravam aos navios portugueses: *abre olhos...* – abre os olhos! Estendem-se por 180km. Os navegadores do séc. XVII têm tanto medo deles que, quando vão de Portugal para o Brasil, evitam

---

<sup>394</sup> Duas possíveis etimologias de agasuipe seriam agúá + suí + y + pe, “no rio dos altibaixos”, ou gúasu + y + pe, “no grande rio”. Navarro, 2013, p. 13 e 492.

<sup>395</sup> Icmbio. Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. Acesso em: 25/01/2015, Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnaabrolhos/>

dirigir-se para Oeste, deixando-se assim apanhar na zona de calmaria da Guiné<sup>396</sup>.

O cuidado em desenhar essa região e o canal que existia entre os Abrolhos e o continente parece estar de acordo com as preocupações com os navegantes do período. A navegabilidade pelo litoral da Capitania do Espírito Santo exigia bastante atenção dos pilotos, mesmo com tantos elementos cartográficos, e foi motivo de roteiros de navegação nos primeiros anos de colonização.

Apesar de sua importância na navegabilidade da costa do Brasil, os Abrolhos aparecem na cartografia com mais destaque a partir de 1640. Neste mapa, está escrito que há um canal entre as ilhas pelo qual navios poderiam atravessar e que “Este Canal tem doze Legoas de Largo”. Pequenos abrolhos também surgem bem próximos ao litoral, entre a Ponta de Agasuipe e o rio Peroipe, no limite norte estabelecido pela família Teixeira.

Ao redor dos abrolhos e das ilhas, há uma série de indicações de profundidade, em braças. Pelo canal, algumas embarcações poderiam fazer a travessia evitando o longo desvio a leste. Apesar da dificuldade de travessia, Albernaz, o Velho, escreve que entre o rio Doce e o rio Caravelas há “bõns portos pera navíos da Costa”.

Antônio Lopes da Costa Almeida escreveu sobre o assunto em seu *Roteiro geral dos mares, costas, ilhas, e baixos reconhecidos no globo...*:

Hum Canal unicamente admissivel para Caboteiros, o separa [os Abrolhos] da Costa, o fundo depois se eleva sobre huma extensão, que terá de largura média 5 a 6 legoas, de que muitas partes estão a nível do Mar, e rebentão com máo tempo, e depois os Ilhotes, e seus Bancos, que se estendem a mais de 30 legoas ao largo, comprehendendo todo o espaço de fundos irregulares; resulta dos nossos reconhecimentos, que desde E. S. E. ate S. por N. e O. os Navios mesmo grandes podem com prudência aproximar-se até á vista, dos Ilhotes, e mesmo fundear, de 1 a 8 m. em distancia, desde N. O. até S. por O<sup>397</sup>.

O que o leitor vê nos mapas, portanto, é a marcação de profundidade ao redor dos “Ilhotes” que fazem parte dos Abrolhos. Junto com a profundidade, em vermelho, costuma haver uma âncora, que representa um ancoradouro que poderia ser usado por embarcações.

---

<sup>396</sup> Mauro, 1989, p. 145.

<sup>397</sup> Ibid., pp. 34-35.

Apesar de reproduzir muita coisa de seus trabalhos anteriores, João Teixeira Albernaz deu um importante passo na cartografia da Capitania do Espírito Santo em 1640, apresentando pela primeira vez em mapas, por exemplo, informações sobre toda região ao sul da vila de Vitória. No capítulo anterior, vimos que o *Estado do Brasil* de 1631 tem um mapa dessa região que se limita à geografia do local, mas, Albernaz pinta uma série de topônimos e informações.

É a primeira vez que o leitor vê a vila de Guarapari na cartografia, a lagoa da Paraíba com informações sobre roteiro e pescaria, ou o Monte Aghá, marco para os navegantes que passavam pela região. Além, ao norte, os Abrolhos surgem em grande detalhe em mapas que inclusive extrapolam os limites da capitania. Pela primeira vez, toda a costa do Espírito Santo foi mapeada.

Como dito anteriormente, a ampliação do território cartografado não se limitou à Capitania do Espírito Santo, tendo acontecido por todo Brasil durante o século XVII<sup>398</sup>. João Teixeira Albernaz, o Velho, mapeou toda a costa da América portuguesa.

A partir deste momento, as diferenças entre os mapas não estarão mais na extensão do território cartografado no litoral, mas sim nas informações nos mapas. O mapeamento do interior das capitanias não acontece no século XVII. Assim, os trabalhos intitulados *Descrição de toda a costa...* não ampliam o território que vimos em 1640, mas trazem informações que interessam a este trabalho.

#### **4.2.2 Descrição de Toda a Costa**

Das obras sobre o Brasil de João Teixeira Albernaz, o Velho, esta é a última que se tem notícia. Ela está na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa e foi feito no ano de 1642. Com o título de *Descrição de toda a costa da província de Santa Cruz...*, ele segue à risca o padrão usado em 1640. Possui 23 cartas e um grande número de folhas em branco.

Em 1642, o cartógrafo utiliza uma cor mais esverdeada para o terreno, completando os morros com detalhes em dourado. Aqui, as árvores aparecem em maior número, sempre em alguma elevação, mesmo que pequena. Em ambos os mapas, a numeração presente é vermelha. Essa numeração aparece mais no mapa da região a sul de Vitória, onde há ainda outras informações.

---

<sup>398</sup> Ver capítulo 5.

Sobre essa obra, há uma carta de fins do século XVII, escrita pelo cartógrafo Manuel de Pimentel. É uma crítica ao trabalho de Albernaz, bastante detalhada quanto a posições de alguns elementos espalhados por todos os mapas. Segundo Pimentel, a maior parte das distâncias e rumos apontados nos mapas estariam errados, principalmente em relação à linha de demarcação das terras de Portugal e da Espanha<sup>399</sup>. Para justificar o erro, afirma que entende “que foy copiado de laguma carta flamenga, que na Costa do Brasil não são tam ajustadas como as portuguesas modernas”. Continuando a crítica a Albernaz, o Velho, afirma que suas cartas não tem a mesma certeza e exatidão das cartas posteriores de Albernaz, o Moço, que teria encontrado os mesmos erros nas cartas de seu avô.

Pimentel encerra o assunto dizendo que “agora estão fazendo padrois de todas as coisas das Conquistas de Portugal, por ordem de Sua Magestade, que sera obra de estimação”. Isso porque, segundo ele, essas novas cartas iriam resolver os “defeitos” das cartas mais antigas, que não seriam “mais que boas pinturas e illuminaçõis”<sup>400</sup>.

De fato, há equívocos nos mapas de Albernaz. Vimos alguns no tópico anterior, por exemplo. Em certos lugares, o cartógrafo parece fazer alguma confusão com os topônimos: o rio Doce aparece onde antes havia o “Riacho” (este é o único erro a aparecer no rascunho de 1646, que ignora alguns dos topônimos citados a seguir); e onde normalmente – e corretamente – deveria estar o rio Doce, lê-se “rio dos reis magos”; e como veremos nos mapas das proximidades de Vitória, o verdadeiro rio dos Reis Magos aparece apenas no rascunho de 1646.

Mas a forte crítica ao trabalho do cartógrafo tem uma justificativa: Manuel de Pimentel fazia então parte do grupo de cartógrafos portugueses que tentavam solucionar os conflitos políticos entre portugueses e espanhóis sobre a Colônia de Sacramento no sul da América. Os espanhóis usaram uma cópia do atlas de 1630 de João Teixeira para justificar sua opinião, o que, segundo Cortesão e Mota, teriam feito Pimentel rebaixar o valor da obra a fim de desqualificá-la.

Isso fica claro, segundo os autores, porque “o raciocínio que expõe no seu parecer está aleivosamente viciado, por se dirigir particularmente a tal cartógrafo, quando o erro que aponta era comum às obras portuguesas da época de João Teixeira Albernaz, o Velho

---

<sup>399</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 82.

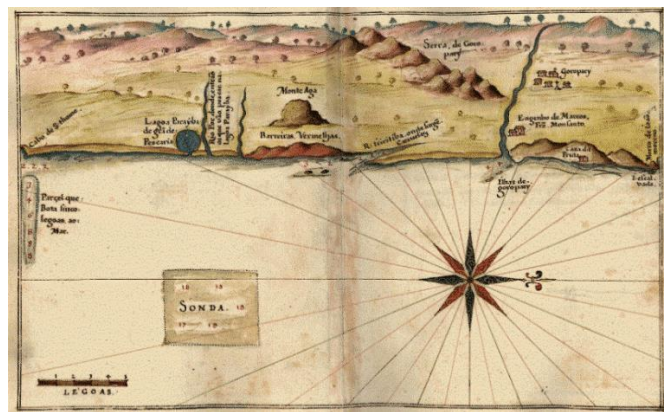
<sup>400</sup> Ibid.



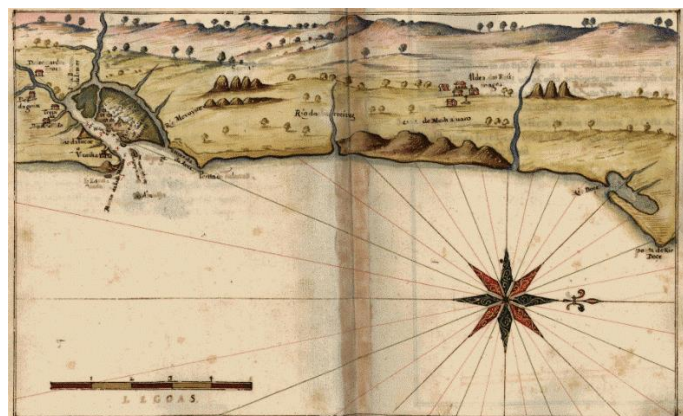
e ainda de período muito posterior”<sup>401</sup>. Na verdade, cartógrafos de fim do século e inclusive o Albernaz, o Moço, que Pimentel elogia, cometem alguns dos mesmos erros.

Os mapas estão em folhas de pergaminhos. Os limites do terreno possuem uma coloração amarelada, mais escura que a cor da folha. Não há mais nenhuma cor além dos traços da tinta da pena, que delimita o terreno e o relevo em geral – aqui reduzido praticamente a poucos morros perto do litoral. As descrições estão dentro do mapa, no terreno, sem o cuidado de um cartucho nem de qualquer padrão. No mar, há a rosa dos ventos, de onde saem as linhas de rumos, e a escala de léguas, incompleta. Estes elementos cartográficos estavam presentes já nos mapas anteriores, porém coloridos.

Cada um dos mapas é apresentado abaixo. Suas descrições podem ser lidas no Anexo B, pois são muito semelhantes às dos mapas do tópico anterior:

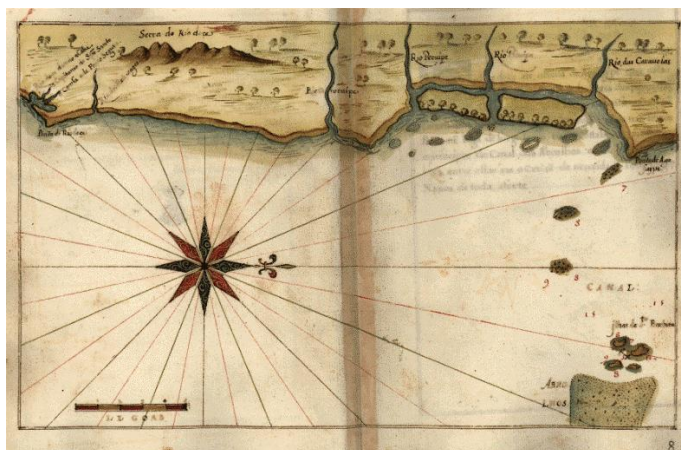


Mapa 31: [entre Cabo de S. Tomé e Morro de João Moreno], de 1642. [Escala ca 1:617 000].



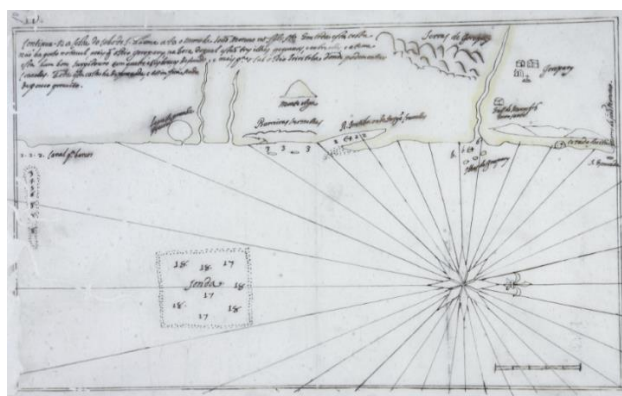
Mapa 32: [entre o Morro do Moreno e rio Doce], de 1642. [Escala ca 1:280 000].

<sup>401</sup> Ibid., p. 89.



Mapa 33: [entre Ponta do rio Doce e Ponta de Aguasuipe], de 1642. [Escala ca 1:680 000].

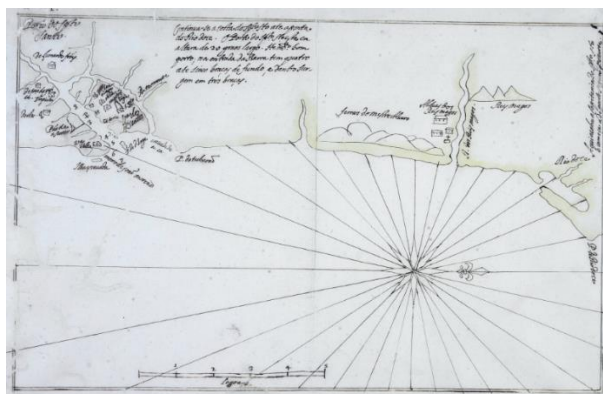
Já o rascunho de 1646, que está na Biblioteca Nacional de Portugal, suas cartas do Espírito Santo estão abaixo. Apresento também suas descrições que, ao contrário dos mapas anteriores, foram escritas nas próprias cartas, e que têm alguma diferença em relação a eles:



Mapa 34: [Do Cabo de São Thome ate o morro de João Moreno no Spirito Santo], de 1646. [Escala ca 1:590 000].

Abaixo está a descrição deste último mapa:

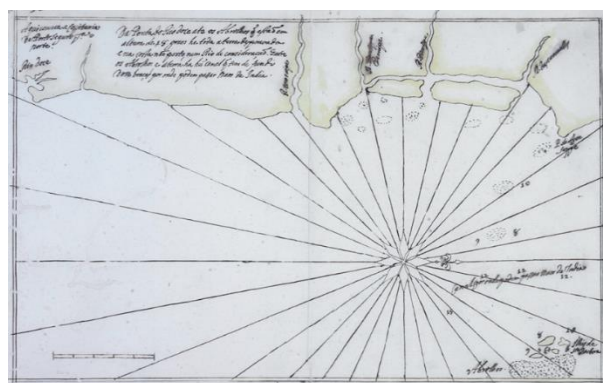
Continua-se a Costa do cabo de *São thome* Ate o morro de João Moreno no *Spirito Santo* . Em toda esta costa não ha porto natural, mais *que* o rio goropary na barra do qual estão três ilhas pequenas; e entre ellas e Acima esta hum bom surgidouro com quatro e seis braças de fundo, e mais *para* o lado o rio Iiritiba donde podem entrar Caravelas. Toda esta costa he despouoada, e assim ficam sendo de pouco proueito.



Mapa 35: [Espírito Santo até a ponta do rio Doce], de 1646. [Escala ca 1:590 000].

A descrição é:

Continua-se a costa do *Spirito Santo* até a ponta do rio doce. O Porto do *Spirito Santo* está em altura de 20 graus largo. He  *muito bom porto*; na entrada da Barra tem quatro até cinco braças de fundo, e dentro surgem em três braços.



Mapa 36: [Da ponta do rio Doce até os Abrolhos], de 1646. [Escala ca 1:590 000].

O rascunho é acompanhado da seguinte descrição:

Da Ponta do rio doce até os Abrolhos *que* estão em altura de 18 graus he toda a terra despovoada e na costa não porto nem rio de consideração. Entre os Abrolhos e a terra há *hum* canal *que* tem de fundo dose braças por onde podem passar naos da India.

A obra de 1646, portanto, é relativamente diferente das anteriores, feitas na mesma década. Por estarem dentro da própria carta, sua descrição é reduzida, mas ainda traz informações relevantes.

No primeiro mapa, que vai do Cabo de São Tomé até o Porto do Espírito Santo, está escrito que nessa parte da costa é totalmente despovoada e, por isso, de pouco proveito. Essa informação entra em conflito com o que lemos anteriormente, sobre a povoação de Guarapari e também da aldeia de Reritiba.

Ao sul, encontramos a lagoa da Paraíba. No mapa de 1640 está escrito que “Neste rio Entrão os barcos *que* vão pescar nesta Lagoa daparayba, e passão por terra os barcos e os metem na lagoa pera pescarem e depois os tornão ao rio pera sairem pera fora”. No rascunho de 1646 e em muitos posteriores, lê-se que este é um local de grande pescaria. Alguns autores da época apontam que muitos índios habitavam a região.

Mais uma vez, não está presente na descrição, mas a cartografia de Albernaz mostra que há duas grandes ilhas em uma foz que recebe o nome de “Prayua”. Este topônimo foi alterado nos mapas seguintes até tornar-se, definitivamente, Paraíba. Nestas ilhas os índios temiminós teriam, de acordo com Knivet, muitas aldeias fortificadas com muros feitos de pedra<sup>402</sup>.

A lagoa da Paraíba continuará aparecendo nos mapas posteriores de Albernaz, assim como também apareceu em 1640. Seu destaque nos mapas e nos textos da época são um atestado à sua importância. Isso traz à tona um assunto que considero de grande importância: o alegado vazio demográfico nos mapas europeus da América, especificamente as obras portuguesas sobre o Brasil. Afinal, por que os mapas não falam nada sobre a presença indígena na lagoa da Paraíba, quando os textos da época dão grande importância aos conflitos que ocorriam ali entre índios e colonos? Há mesmo esse vazio? Ou está o indígena presente de outras formas? Explorarei melhor esse assunto no último capítulo.

No segundo mapa, não há muitas informações na descrição, além de sua latitude, a existência do Porto do Espírito Santo, que “he muito bom porto”, e a profundidade da entrada da barra, essencial para navegantes.

Interessantemente, o mapa de 1642 é um dos poucos a detalhar tão bem o interior da vila de Vitória. Ali é possível ver cinco igrejas e mais duas construções sem identificação. À exceção do mapa da *Real Academia de la Historia*, visto aqui no segundo capítulo, não há outra representação da sede da capitania igual a essa. É verdade que aquele, de ca. 1608-1616 é ainda mais impressionante, graças à sua escala (ca. 1:25 000), muito maior que a do mapa de Albernaz (ca. 1:280 000). Ainda assim, este continua um dos mais completos que há da capitania no século XVII.

Veja a representação da ilha de Vitória no detalhe abaixo:

---

<sup>402</sup> Knivet, 1625/2008, p. 87.





Figura 8: Detalhe da região da ilha de Vitória, em mapa de 1642.

As igrejas são as mesmas encontradas no mapa da *Real Academia de la Historia*, da Espanha (ver tópico 2.3.2), e aparecem neste mapa, da esquerda para a direita: “S. Tiago”, ou Colégio de Santiago, dos jesuítas; “Miziricordia”, ou Igreja da Misericórdia, onde acredita-se que tenha sido enterrado Vasco Fernandes Coutinho<sup>403</sup>; “S. Francisco”, o convento dos franciscanos; “Matris” ou Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Vitória; e “S. bento”, igreja que marcou a presença dos beneditinos no Espírito Santo.

Há também uma “Vigia” no que parece ser o maciço central da ilha, que não é distante da vila. A vigia foi desenhada também nos mapas posteriores. Há relatos de que o maciço central foi usado no período colonial como vigia, pois é possível enxergar todos os ângulos ao redor da ilha.

Todas essas informações sobre Vitória contrastam com o que encontramos no último mapa, do rio Doce aos Abrolhos. Na descrição, encontramos, novamente, a informação de que esta é uma “terra despovoada” e que ali não há nem “porto nem rio de consideração”. Vimos durante todo o trabalho que, de fato, essa é uma região de difícil

<sup>403</sup> Balestrero, H. L., apud Moreno, M. D. (2012). Construção de igrejas pelos jesuítas no Espírito Santo. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/construcao-de-igrejas-pelos-jesuítas-no-es.html>

acesso para os portugueses, por causa da presença dos botocudos. O motivo para o mapa, então, além de completar o mapeamento da costa, é apresentar os Abrolhos e o canal descoberto entre o continente e suas principais ilhas. Segundo o cartógrafo, este canal “tem de fundo dose braças por onde podem passar naos da Índia”.

Assim como os outros mapas dessa obra, este aqui é bastante simplificado, quando comparado aos mapas anteriores de Albernaz. Feito com um traço simples, sem cores e sem maior cuidado com a representação, parece ainda incompleto, pela falta de dados na escala de léguas. Os próprios Abrolhos parecem ter menos destaque aqui.

Entretanto, os mapas fazem parte do conjunto produzido por Albernaz. Como afirmei no início do capítulo, as obras de Albernaz, o Velho, são conhecidas pela quantidade de informações, elementos marítimos e também pelas fortalezas, espalhadas por toda a costa. São um exemplo da importância da proteção da colônia em uma época de conflitos para Portugal.

O mapa do holandês Johannes Vingboons, feito em ca. 1665 está, de certa maneira, inserido no mesmo período político das obras de Albernaz, o Velho e o Moço, e por isso é apresentado aqui, ao fim do capítulo. Ele apresenta uma Capitania do Espírito Santo cercada de vegetação e isolada, e destaca possíveis conflitos.

Abaixo, exploro um pouco mais essa cartografia da guerra e como ela foi usada pelas nações europeias no período moderno. Entenderemos o contexto histórico do último mapa deste capítulo ao falar também sobre a atenção dada à proteção da capitania no século XVII.

### 4.3 O INTERESSE HOLANDÊS E O ATLAS VINGBOONS

Um número incontável de plantas e cartas foi feito por nações europeias entre os séculos XVI e XVIII. A cartografia moderna foi essencial para o estabelecimento dos impérios ultramarinos, e por isso foi chamada por Brian Harley de um “controle remoto” utilizado em questões de guerra<sup>404</sup>.

Não por acaso, as mudanças ocorridas na ciência cartográfica aconteceram em uma época em que a Europa esteve em guerra constante. Nenhum país europeu escapou ileso dessas guerras do período moderno e as terras pelas quais lutaram para conquistar ou defender foram mapeadas diversas vezes.

---

<sup>404</sup> Harley, 2001, p. 79.

Esse mapeamento aconteceu de modo cada vez mais preciso e com informações cada vez mais úteis. Para John Hale, isso significa que mapeamento e conquista eram coisas que se relacionavam<sup>405</sup>. O próprio Nicolau Maquiavel, cujo livro *O Príncipe* chegou ao presente como um dos textos mais importantes de todos os tempos, afirmava, já no século XVI, que líderes militares deveriam ter descrições e imagens dos territórios inimigos para conhecer os lugares e os acidentes geográficos<sup>406</sup>.

A defesa foi um dos objetivos mais claros da cartografia europeia moderna. Os engenheiros militares surgiram pela necessidade de se fortificar e defender cidades diante da evolução dos exércitos europeus da modernidade. Eles eram os responsáveis por desenhar os planos das cidades ou de regiões quaisquer e planejar ali as defesas nacionais.

As diferentes funções exigidas na cartografia impediram que ela se tornasse um mero instrumento de guerra. Mesmo assim, muitas nações declararam suas guerras e comemoraram suas vitórias em grande escala através de mapas, descrevendo batalhas em regiões específicas, detalhando movimentos e posições de tropas aliadas e inimigas etc. Os meios de produção pertencem, muitas vezes, à Coroa ou mesmo a grupos dominantes, cujos interesses eram compatíveis aos da Nação em muitas áreas. A cartografia se estabeleceu, desde cedo, como uma fonte de organização, de propaganda e de guerra.

As Coroas europeias, principalmente as ibéricas, foram grandes patrocinadoras da cartografia. Seus reis mantiveram instituições oficiais de criação e manutenção de mapas. Assim, os cargos de agrimensor, cartógrafo e engenheiro eram cargos oficiais dos governos. Por isso, mapas estão diretamente ligados ao processo de formação dos Estados-Nações na Europa. O uso diplomático da cartografia “traz uma ironia involuntária ao aforismo de que a caneta é mais poderosa que a espada”<sup>407</sup>.

É possível dizer que a cartografia impressa Seiscentista mostra exatamente esses Estados, unidades políticas que ganhavam uma forma e estabeleciam suas fronteiras.

---

<sup>405</sup> (2007). Warfare and Cartography, ca. 1450 to ca. 1640. In Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3, pp. 719-737). Chicago: The University of Chicago Press. p. 719.

<sup>406</sup> Segundo ele, há diversas competências que deveriam ser cumpridas para que um líder obtenha sucesso militar. Um príncipe deve “(...) aprender a natureza dos lugares, a conhecer como se elevam os montes, como descem os vales, como jazem as planícies e a compreender a natureza dos rios e dos pântanos, colocando nisto um grande empenho. Este conhecimento será útil de duas maneiras: primeiro, se aprende a conhecer o país, o que permite melhor planejar a sua defesa; depois, através do conhecimento e prática daqueles sítios, pode-se com facilidade compreender qualquer outro novo lugar que seja necessário explorar. (...) O príncipe a qual falte esta perícia carece da primeira qualidade que deve ter um capitão, porque é esta que ensina a ir de encontro ao inimigo, tomar os alojamentos, guiar os exércitos, organizar as batalhas e atacar as cidades com superioridade”. Machiavelli, N. (1996). *O Príncipe / Nicolau Maquiavel* (Goldwasser, Trans. 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. p. 70.

<sup>407</sup> Monmonier, M. (1996). *How to lie with maps*. Chicago: The Chicago University Press. p. 90.

Porém, nenhum governo fora de Portugal e da Espanha, até o século XVII, era capaz de manter pesquisas constantes em terra e mar por todo o império, e na Holanda isso só foi possível com a participação da Companhia das Índias Ocidentais e do setor privado em geral.

#### 4.3.1 O Atlas Vingboons

O forte interesse holandês no Brasil foi registrado em diversos mapas. Isso corresponderia a uma necessidade dos holandeses de obter mais informações do que aquelas conseguidas através dos mapas. “(...) desejavam os da Companhia das Índias Ocidentais imagens tridimensionais obtidas de melhor forma na pintura e nos desenhos desde o natural”<sup>408</sup>.

Assim, colocaram nas mãos de George Marcgraf e, posteriormente, de Cornélio Golijath, a responsabilidade de fazer o levantamento das informações sobre a terra, passando a produzir material cartográfico para a Companhia das Índias Ocidentais e também para Maurício de Nassau que, encantado com essas informações, “as guardou com ele”<sup>409</sup>.

No caso da Capitania do Espírito Santo, um dos mapas que foi resultado desse trabalho é a carta presente no *Atlas Vingboons*, produzido pelo artista e cartógrafo holandês Johannes Vingboons.

Johannes Vingboons nasceu em Amsterdã em 1616, filho de um gravurista e miniaturista reconhecido. Ele e alguns de seus irmãos receberam privilégios dos Estados Gerais e conseguiram se estabelecer como cartógrafos e com permissões para produção e distribuição de mapas e informações das Companhias das Índias. Johannes foi o parceiro mais importante de Joan Blaeu, pois trabalhava no atelier de seu pai, Willem Blaeu há anos. Apesar de não ter a patente de cartógrafo e, por isso, não poder assinar seus trabalhos, ele se tornou um dos cartógrafos holandeses mais relevantes do século XVII. Com a ajuda mútua, além da colaboração dos irmãos Philip e Justus, ele fez cerca de duzentos mapas, cartas, perspectivas e planos manuscritos.

Tudo isso serviria como base para o *Atlas Maior*, a versão final do atlas de Blaeu, publicado entre 1662 e 1672. Esse trabalho é considerado híbrido: “cópias de mapas

---

<sup>408</sup> Instituto Cultural Bandepe. (2003). Desenhos da Terra: Atlas Vingboons. Recife, p. 19.

<sup>409</sup> Ibid.



impressos, tanto velhos como atuais, são incluídos, assim como cópias miniaturas de pinturas e cópias de cartas e mapas originais e atualizadas da Companhia das Índias Ocidentais e da Companhia Holandesa das Índias Orientais”<sup>410</sup>.

Vingboons ficou conhecido por seus trabalhos manuscritos. Feitos com base em relatos e rascunhos que recebeu de oficiais, mercantes e viajantes, seus desenhos foram muitas vezes doados aos diretores das Companhias como presentes e, assim, usados de maneira privada como elementos artísticos. Um desses diretores, Samuel Blommaert, ficou tão impressionado com os trabalhos de Vingboons que organizou seu maravilhoso atlas manuscrito em três volumes.

De acordo com o catálogo da exposição *Desenhos da Terra: Atlas Vingboons*, realizada em Recife em 2003, “o atlas deve ser apreciado sob dois importantes aspectos: pelo valor documental e estratégico para o século XVII e pela beleza e domínio da técnica da aquarela, fundamental para os cartógrafos da época”<sup>411</sup>.

Hoje, existem cinco grandes conjuntos de cartas de Vingboons, além de algumas cartas separadas. Os atlas estão: um na Biblioteca Apostólica Vaticana, que é conhecido como *Atlas Christina* (porque pertenceu à Rainha Christina da Suécia); um na Biblioteca Nacional de Viena; mais um na *Biblioteca Medicea Laurenziana* em Florença; outro no Arquivo Histórico da Holanda (ca.1665); e aquele no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, no Brasil (IAHGP, ca.1660). Aqui, apresento mapas do Espírito Santo dos dois últimos conjuntos citados.

Sobre o conjunto do IAHGP, José Luiz Mota Menezes afirma que

as lâminas restauradas do Atlas manuscrito (...) foram adquiridas juntamente com sua encadernação no ano de 1886, em Amsterdã, do livreiro antiquário Frederik Muller. Esta transação foi realizada por José Hygino Duarte Pereira, então em pesquisas na Holanda. Tais lâminas permaneceram no volume referido e outras foram retiradas naquela ocasião e vendidas separadamente. José Hygino escolheu as lâminas que interessavam para a História da América do Sul<sup>412</sup>.

Ainda de acordo com o autor, seus mapas mostram um grande conhecimento sobre técnicas de aquarela e de representação cartográfica, comprovando que ele foi um excelente colorista, com rica imaginação. Além disso, os mapas que estão no IAHGP são mais antigos que alguns dos mapas presentes em coleções europeias. Isso se comprova

---

<sup>410</sup> Zandvliet, 2007, p. 1442.

<sup>411</sup> Instituto Cultural Bandepe, 2003, p. 6.

<sup>412</sup> *Ibid.*, p. 16.

com a data aproximada que foi estabelecida para o mapa do Espírito Santo deste atlas, ca.1660, em comparação com a data do mapa do Arquivo Nacional da Holanda, ca.1665. “Nem todos os mapas desse instituto possuem acabamento final compatível com uma obra a ser comercializada”<sup>413</sup>, finaliza.

Nesse atlas o cartógrafo colocou o que Zee Zandvliet chama de *padrón real* da Companhia das Índias Ocidentais sobre o Oceano Atlântico<sup>414</sup>. Assim como o *padrón real* espanhol do século XVII, o *Atlas Zingboons* continha toda a informação conhecida pelos holandeses daquela região. Os 56 mapas em menor escala, ao serem reunidos, formavam um único mapa de cerca de oito metros de comprimento.

Nele, vemos como Vingboons se dedicou à reprodução de informações hidrográficas que os Países Baixos tinham dos territórios ao redor do Atlântico. Não é à toa que seus atlas manuscritos foram considerados exclusivos para diretores das Companhias holandesas e para ministros e nobres políticos na segunda metade do século XVII. Basta olhar para o mapa para perceber a qualidade do trabalho, apesar de não trazer, talvez, a mesma quantidade de informações dos mapas portugueses.

O mapa que está na cópia do IAHGP possui diferenças em relação à versão do Arquivo Histórico da Holanda. Restaurado em 1999 com o patrocínio da Embaixada do Reino dos Países Baixos no Brasil, o atlas de Pernambuco é “parte de um dos últimos conjuntos desenhados por Johan Vingboons no ateliê de Johan Blaeu, estúdio que disseminou pelo menos quatro coleções manuscritas, arranjadas e executadas por Johan Vingboons”<sup>415</sup>.

Quanto à cor diferente, há o seguinte texto:

Os mapas do IAHGP sofreram, desde sua chegada ao Brasil, os efeitos progressivos da umidade do ar, temperatura e das condições de armazenamento, que aceleraram o processo oxidativo de pigmentos de base de cobre, fazendo com que tonalidades de verde e azul se convertessem em marrom escuro. Além disso, ataques de insetos deixaram pequenos orifícios nas lâminas, fazendo-se urgente a tarefa de restauro<sup>416</sup>.

Nestor Goulart complementa a informação, destacando que os mapas das cidades não são “rigorosamente idênticos”<sup>417</sup> e, de fato, ao observarmos as duas representações,

---

<sup>413</sup> Ibid.

<sup>414</sup> Zandvliet, 2007, p. 1452.

<sup>415</sup> Instituto Cultural Bandepe, 2003, p. 30.

<sup>416</sup> Ibid.

<sup>417</sup> Reis, 2001, p.355.

há pequenas diferenças entre elas, seja no tamanho das ilhas, seja no desenho da vila ou em seu título.

Vingboons utilizou mapas e levantamentos cartográficos realizados previamente pelo naturalista holandês Georg Marcgraf. O que vemos, portanto, é uma interpretação de trabalhos preexistentes nos arquivos holandeses. E mostram o conhecimento que a Holanda tinha de territórios além daqueles ocupados por eles no nordeste do Brasil.



Mapa 37: *Caerte van Spiritvs Sanctvs*, de 1660. [Escala ca. 1:35000].



Mapa 38: *O Ispirito Santo*, de 1665. [Escala ca. 1:35000].

Sobre o mapa de Vitória, especificamente, Nestor Goulart escreve:

O sítio de Vitória aparece como situado em um local mais elevado, com declividade em relação ao canal, bem como aos dois braços de mar que envolvem a vila, que facilitavam de início o desembarque das canoas e outras pequenas embarcações e mais tarde desapareceram, com sucessivos aterros.

São indicadas duas igrejas, com suas torres, que poderiam ser a Matriz e a igreja dos jesuítas<sup>418</sup>.

São poucos os topônimos nos mapas do Espírito Santo. Além da vila, com o título de “O Spirito Sancto”, ou “Spiritus Sancto”, há “*Nossa Senhora do Puna*”, “Barra”, “Abrolos” e a “Ponta do Tobitaron”. Como é possível ver, a grafia de alguns deles é diferente daquela normalmente encontrada nos mapas portugueses.

A vila foi desenhada com um estilo diferente daquele visto nos mapas portugueses: seu formato é circular, com um centro bem definido pelas igrejas (as únicas com telhados azuis – as demais construções têm telhados vermelhos); a região é completamente plana, algo praticamente inexistente na costa do Brasil devido à proximidade entre o planalto atlântico e o litoral.

Entre os mapas holandeses aqui estudados, o de Vingboons é o que mais permite espaço para o desenho da vegetação local. Seus mapas eram muito artísticos e este, não por acaso, é muito belo. Suas árvores são parecidas com aquelas dos mapas de Albernaz, no estilo e na divisão em pequenos grupos. O Reys-Boeck não tem muitas plantas, mas as que aparecem ou são arbustos, próximos ao chão, ou palmeiras, que se tornaram um símbolo dos trópicos.

No rio que vai até a vila, há navios portando bandeiras espanholas, brancas com uma cruz vermelha em diagonal. De acordo com Paz Cabello Carro, do *Museu de América*, em Madri, esta é a *Cruz de Borgoña*, um símbolo da Coroa espanhola:

(...) a *Cruz de San Andrés*, também chamada *cruz de Borgoña* que era o símbolo dos duques de Borgonha, senhores soberanos dos Países Baixos [até o início do século XVII] (...). Depois da morte de Carlos V [1558], a casa de Orange (hoje reinante na Holanda), acabou fazendo-se com o poder dos Países Baixos e introduziu sua própria heráldica. Assim, a partir do final do século XVI (e, definitivamente de meados do XVII) a Cruz de Borgonha ficou associada com a Espanha<sup>419</sup>.

A existência daqueles cinco navios em um mapa holandês marca a presença espanhola na região poucos anos após o fim da Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), que culminou na independência dos Países Baixos e em um período em que tanto os Países Baixos quanto a Espanha estavam em guerra com Portugal. As datas dos mapas (1660 e ca. 1665) indicam que estava chegando ao fim a Guerra Luso-Holandesa (1663)

---

<sup>418</sup> Reis, 2001, p.355.

<sup>419</sup> Carro, P. C. (2006). Continuidad prehispánica y mestizaje en Perú. Una historia de conquistadores narrada en un vaso de libaciones incaico. Anales del Museu de América, 14, pp. 155-156. Tradução minha.

e as duas Coroas ibéricas não estavam mais unidas, mas estavam em um momento de conclusão dos conflitos que levariam à paz em 1668: o mapa de Vingboons é do mesmo ano da Batalha de Montes Claros, a última grande batalha da Guerra da Restauração<sup>420</sup>.

Defendo que isso está relacionado às influências que os holandeses sofreram da cartografia portuguesa do período filipino, dedicada principalmente ao litoral. Como o trabalho de Vingboons era um trabalho de cópia e adaptação de mapas já existentes, chegando ele a ser considerado “um excelente e fidedigno copista, revelando também qualidades artísticas”<sup>421</sup>, acredito que essas bandeiras tinham como objetivo destacar a presença estrangeira espanhola na região, considerando que nos anos anteriores, houve conflitos em vários pontos da costa brasileira.

Ele pode refletir, por exemplo, os conflitos de 1625 e 1640, quando holandeses enfrentaram portugueses e espanhóis no litoral brasileiro: nesse período, como sabemos, os holandeses ocuparam partes importantes do Norte do Brasil colonial, principalmente em Pernambuco e na Bahia.

Em março de 1625, o Almirante Piet Heyn à frente de uma frota holandesa se aproximou da região. Ele vinha da África para apoiar a defesa holandesa diante da armada espanhola no nordeste do Brasil. Impedidos de invadir a vila da Vitória, foram dois meses depois derrotados em Salvador.

A segunda tentativa ocorreu 15 anos depois. Sob um comandante de nome Koin, (o mesmo Johann Von Koin que participou da tomada de São Luís do Maranhão em seguida), nova armada holandesa, agora já estruturada a partir de Recife, tentou tomar o Espírito Santo. Foi nos mares da capitania que Salvador Correia de Sá e Benevides, partindo do Rio de Janeiro em direção à Bahia em 1640, derrotou a frota holandesa já em retirada<sup>422</sup>.

Os ataques holandeses levantaram as antigas preocupações dos colonos sobre ataques na capitania e no século XVII há muitos pedidos para construção e reforma de

---

<sup>420</sup> “Apesar dos acontecimentos que se sucederam a partir de 1665 – a morte de Felipe IV (1665), a deposição de Castelo Melhor e o impedimento de Afonso VI (1667) – estimularem especulações sobre a interrupção das negociações, elas caminharam. Pelo lado espanhol, a ansiedade por um desfecho aparecia revestida de exigências que o tempo e as condições políticas e militares, na Península e na Europa, desmontaram. As derrotas de 1665, particularmente a batalha de Montes Claros, associada à conjuntura europeia – conflito entre Inglaterra e Holanda, negociação entre Inglaterra e França e a invasão francesa a Flandres – trabalharam no sentido de um acordo de paz” Cosentino, F. C. (2012). Governadores gerais do Estado do Brasil pós Restauração: guerra e carreira militar. *Varia História*, 28(48). Disponível em: <http://ref.scielo.org/3v8fnt>.

<sup>421</sup> Mello Neto, J. A. (1976). A cartografia holandesa do Recife: Estudo dos principais mapas da cidade do período 1631-1648. Recife: IPHAN/MEC. p. 20.

<sup>422</sup> Leite, 1945, p. 138.

fortificações, para equipá-las com pólvora, munição, além de armar e pagar os soldados<sup>423</sup>.

Comparado ao mapa holandês que discutirei no capítulo seguinte, esta obra de Vingboons é limitada em espaço e topônimos, mas não deixa de ser um grande exemplo de como os holandeses estavam presentes no Brasil. Este mapa da Capitania do Espírito Santo, apesar de não trazer novidades sobre a região e nem ter informações muito precisas sobre as vilas e sobre a baía, nos dá uma ideia do conhecimento que eles tinham.

Esse conhecimento foi útil aos holandeses nos anos em que eles ocuparam parte do Brasil e, como vimos, tentaram ocupar o Espírito Santo. A preocupação dos portugueses em afirmar o domínio e buscar a proteção de seus territórios não é infundada.

Mapas como o de Vingboons sobre a Capitania do Espírito Santo são exemplos de como esses conflitos foram inseridos na cartografia. Os atlas do Brasil feitos nesse período, como os de João Teixeira, mostram símbolos da Coroa portuguesa a ocupar suas posses e distingui-las, por exemplo, da América espanhola. Buscava-se dar certa unidade ao império e garantir sua proteção. Essa proteção, entretanto, só foi alcançada com acordos diplomáticos realizados principalmente com a França e a Inglaterra, que forneciam armamento e serviços.

Na periferia do império, o Espírito Santo tinha dificuldades em construir e manter ativas suas proteções contra invasores. A falta de investimento dos donatários na proteção de suas capitanias facilitou os ataques estrangeiros, saques e tentativas de ocupação. O maior e mais importante caso, entretanto, se deu em uma região de capitanias controladas pelo próprio governo português, em Pernambuco e na Bahia. Talvez pela concentração de poder e de riqueza na região, foi ali que a Holanda decidiu atacar, minando as riquezas que a Coroa unida tirava do Brasil e entrando no mercado marítimo internacional com o açúcar brasileiro.

O mapa de Vingboons é uma sombra do interesse holandês no Brasil, pois, datado de ca. 1665, teria sido feito 4 anos depois que foi assinado o Tratado de Haia em que a República Holandesa reconhecia a soberania portuguesa sobre os territórios do nordeste brasileiro.

Da mesma forma, os mapas apresentados no capítulo seguinte foram feitos nos últimos anos de conflitos entre Portugal e Holanda, e Espanha. Os últimos mapas de Albernaz, o Moço, são posteriores a este de Vingboons em poucos anos: são datados entre

---

<sup>423</sup> Para saber mais sobre alguns feitos no sentido de proteger a capitania, ver o Anexo N.

1666 e 1675. Apesar de já haver paz com os holandeses, o fim dos conflitos com os espanhóis ocorre em meados desse espaço e, portanto, influenciou a produção cartográfica do final do século.

## 5 O ESPÍRITO SANTO NO FIM DO SÉCULO XVII

As quatro obras que veremos aqui trazem os últimos conjuntos de mapas do Brasil do século XVII, feitos por João Teixeira Albernaz, o Moço.

Deles, dois estão no Brasil e são datados de 1666: um está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o outro na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, também no Rio de Janeiro. O primeiro é composto por 31 cartas do litoral brasileiro e o segundo, 29 cartas, estando incompleto.

Os demais livros estão na *Hispanic Society of America*, em Nova Iorque. Um, datado de 1670, contém 31 cartas. O outro, de ca. 1675, tem 32. É possível que o último tenha pertencido ao cosmógrafo português Manuel de Pimentel. Além de algumas referências de antigos donos, não há maiores informações sobre esses dois livros, nem mesmo nos *Portugaliae Monumenta Cartographica*.

Albernaz, o Moço, foi um cartógrafo português que viveu no século XVII. Provavelmente filho de Estevão Albernaz, que também era cartógrafo em Portugal<sup>424</sup>. Pouco se sabe sobre a vida dele, mas muitos de seus mapas sobreviveram ao tempo e chegaram até nós. Inclusive, quase toda a sua produção cartográfica foi reproduzida no quinto volume dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*<sup>425</sup>.

É possível que ele seja o primeiro cartógrafo a colocar em um mapa uma referência ao grupo indígena que punha medo nos portugueses nos primeiros anos da colonização: os botocudos. No mapa intitulado *Costa dos ilheos ao Rio de Santo Antônio*, presente em livro de 1666, “o Albernaz mais novo desenhou uma cadeia de montanhas no interior de Porto Seguro, chamando-as de “Serra dos Aimores”<sup>426</sup>.

Ele é o cartógrafo português da segunda metade do século XVII de quem o maior número de obras chegou até nós<sup>427</sup>. O seu trabalho teve grande abrangência ainda em sua época, e seus mapas serviram de base para disputas políticas, por serem considerados bastante precisos e conhecidos, e serviram de base também para outros cartógrafos, tanto portugueses como holandeses.

---

<sup>424</sup> Stickel, E. J. S. (2004). Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil. São Paulo: EdUSP. p. 26.

<sup>425</sup> Cortesão, A. & Mota, A. T. D. (1987). *Portugaliae Monumenta Cartographica* (V). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

<sup>426</sup> Langfur, H. (2006). *The forbidden lands: colonial identity, frontier violence and the persistence of Brazil's Eastern Indians, 1750-1830*. Sanford: Stanford University Press. p. 39.

<sup>427</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 31.



Semelhantes aos de seu avô, as obras de Albernaz abrem com uma carta de todo o Brasil, seguida de diversas cartas do litoral. Não há grandes mudanças entre as regiões incluídas nas obras da família Teixeira – são conjuntos de mapas do Brasil, com algumas diferenças nos limites norte e sul.

Porém, comparados aos do seu avô, seus livros perdem um pouco da riqueza artística da aquarela e ganham toponímia, o que pode ser explicado pelas inovações da cartografia que se operam na época e pela necessidade de atualização com correções e informações novas.

Essas obras foram feitas em um período tumultuado da Capitania do Espírito Santo. Como escreve Franklin Leal, desde a década de 1660 havia conversas em cartas sobre a situação econômica da capitania. Seu donatário, Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho – o último Coutinho a governar o Espírito Santo – frequentava a Corte e se via impossibilitado de assumir a posição de donatário.

Sua decisão foi vender a capitania para Francisco Gil de Araújo, personagem já apresentado, que ali atuou no final do século XVII.

Como homem influente na Corte, [Coutinho] não desejava nem podia se deslocar para a capitania devido a seus afazeres e interesses. Sua alegação principal ao rei foi que o Espírito Santo não chegava a lhe render mil réis ao ano, e pediu autorização para vender a capitania, conforme traslado no livro 13 da Chancelaria de Afonso VI. Concedida a ordem, Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho negociou seus direitos na capitania a Francisco Gil de Araújo, rico proprietário na Bahia, com confirmação real, pela carta régia de 18 de março de 1675, no valor de 40 mil cruzados<sup>428</sup>.

A ausência dos donatários era algo relativamente comum no império ultramarino, já que nobres não costumavam apreciar a vida nas colônias<sup>429</sup>.

Nos anos seguintes, Araújo levou o Espírito Santo a uma série de avanços registrados e já discutidos em capítulos anteriores. Como ele assumiu a capitania em 1675 – possivelmente o mesmo ano do último conjunto de mapas portugueses do Brasil –, suas intervenções não estariam registradas nos mapas do século XVII. Porém, como algumas delas estão relacionadas a elementos que aparecem nesses mapas, apresento abaixo uma lista de realizações do donatário, baseada na *Imformação que dou a V. S. do estado em que fica esta capitania no breve tempo que nel la assistio [Francisco Gil de Araújo]*<sup>430</sup>:

---

<sup>428</sup> Leal, 2008, p. 516.

<sup>429</sup> Saldanha, 2001, p. 157.

<sup>430</sup> Lamego, 1920, p. 145.

aperfeiçoou o Forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que estava somente em alicerces (na marinha da Vila de Vitória); reedificou o Forte de São João (que aparece nos mapas como Forte de São Miguel, na entrada da baía), que estava em ruínas; fundou o Forte de São Francisco Xavier (possivelmente no local onde havia o Forte de São Marcos, que aparece na cartografia), na entrada da baía, próximo à Vila Velha; quitou a dívida da capitania com o “dote e Paz de Holanda”; fundou a Vila de Guarapari, a primeira em mais de um século; e aumentou as companhias de ordenanças de 4 para 9, divididas entre a Vila de Vitória, Vila Velha e a vila nova de Guarapari.

Percebe-se que muitas das ações de Araújo estão relacionadas com a proteção das vilas, com a reedificação e fundação de pelo menos três fortes próximos a Vitória e Vila Velha. A fundação da vila de Guarapari também é relevante para nós, já que ela aparece, como “povoado”, nos mapas do capítulo anterior.

Entretanto, já vimos que, apesar dos investimentos que Araújo afirma ter feito, no início do século XVIII o Espírito Santo é finalmente vendido para a Coroa, seja pelas dificuldades encontradas pelos descendentes de Araújo em mantê-lo, seja pelo desinteresse em administrá-lo.

O que encontraremos nos mapas a seguir, portanto, é a última visão do Espírito Santo dos donatários. Os mapas do século seguinte terão um foco diferente e a própria política local levará o Espírito Santo para novos caminhos, tornando estes mapas fontes históricas de um importante momento da capitania.

## 5.1 OS MAPAS PORTUGUESES DE ALBERNAZ, O MOÇO

Os autores dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* afirmam a semelhança entre as quatro obras que estudaremos aqui. Eles notam que, enquanto as cartas dos dois livros de 1666 seguem uma rota de norte a sul, os outros fazem o caminho contrário. Além disso, em uma comparação com cartas de Albernaz, o Velho, “21 cartas são praticamente iguais, só havendo progressos nas nove restantes (Paranaguá, Santos, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Morro de S. Paulo – Ilhéus, Baía de Todos os Santos, R. S. Francisco – R. Tapucagipe, R. S. Francisco – Tapoam, Rio Grande do Norte)”<sup>431</sup>.

Não há mapas do Espírito Santo em anos posteriores a 1675, seja de Albernaz, o Moço, seja de outros cartógrafos portugueses. Depois desses, apenas no século XVIII é que veremos outros mapas da região. Acredito que essa ausência possa ser explicada pelo

---

<sup>431</sup> Ibid., p. 49.

fato de os conflitos entre Portugal e nações europeias como Holanda e Espanha, com as quais enfrentava longas desavenças, terem terminado.

A Paz de Haia (ou Paz de Holanda), assinada em 1661, pôs fim à guerra com os holandeses que vinha desde a década de 1580, e que levou à ocupação de diversos territórios do império português na América e na África<sup>432</sup>.

A Guerra da Restauração, contra os espanhóis, chegou ao fim em 1668, com o Tratado de Lisboa, o que permitiu um momento de estabilidade em Portugal<sup>433</sup>. O reconhecimento, pela Espanha, do Império português independente, e pelos holandeses do domínio sobre os territórios brasileiros permitiu que os novos mapas portugueses definissem, mais uma vez, sua posse sobre o território do Brasil.

Com esses mapas, encerram-se as representações da Capitania do Espírito Santo na cartografia portuguesa do século XVII. Eles unem dados sobre a região que vem desde o primeiro mapa de Luís Teixeira e passam por Albernaz, o Velho. Conclui, assim, o mapeamento da costa do Brasil e formam a imagem mais completa da América portuguesa do século XVII.

Abaixo, discutirei sobre cada um dos mapas da capitania nessas quatro obras, mostrando as diferenças em relação aos mapas anteriores e os detalhes que se destacam na cartografia. Eles foram divididos em dois grupos, sendo um da década de 1660 e outro possivelmente da década de 1670<sup>434</sup>. Em seguida, apresentarei o mapa mais antigo específico sobre a capitania nos Seiscentos, uma obra holandesa presente no *Zee-Atlas*, talvez o principal atlas holandês do século XVII.

Com isso, encerrarei este estudo com um comentário sobre os resultados do mapeamento do Espírito Santo durante todo o século XVII, como o território conhecido se expandiu com o passar dos anos, partindo das proximidades da ilha de Vitória até chegar aos confins da capitania e seus limites com suas vizinhas ao norte e ao sul.

---

<sup>432</sup> Viana, H. (1963). História do Brasil (2). São Paulo: Melhoramentos. p. 170. As capitanias do Brasil tiveram o seu papel nessa Paz de Holanda, pois cada uma se tornou responsável por pagar parte do valor estabelecido no acordo entre Holanda e Portugal. Como visto ainda neste tópico, Francisco Gil de Araújo foi o responsável por quitar a dívida do Espírito Santo até 1682.

<sup>433</sup> Cunha, M. S. D. & Monteiro, N. G. F. (2010). Aristocracia, poder e família em Portugal, Séculos XV-XVIII. In Cunha and Franco (Eds.), Sociedade, Família e Poder na Península Ibérica. Elementos para uma História Comparativa (pp. 47-75). Lisboa: Edições Colibri. p. 59.

<sup>434</sup> Essa divisão se dá pela diferença temporal entre eles e também pelos conjuntos que formaram, em países diferentes.

### 5.1.1 Livro de toda a costa da Provincia Santa Crvz

Os livros de 1666 são conhecidos pelo título *Livro de toda a costa da Provincia Santa Crvz*. Um está no Ministério das Relações Exteriores do Brasil e o outro está na Biblioteca Nacional, também do Brasil. Sobre o primeiro, os autores dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* afirmam que suas cartas foram feitas sobre papel e ainda trazem cores bastante vivas. “O frontispício tem uma portada”, continuam, “com as armas de Portugal na parte superior e o brasão dos Condes de Atouguia na inferior, dentro da qual vem o título da obra...”<sup>435</sup>.

Veja os mapas abaixo:

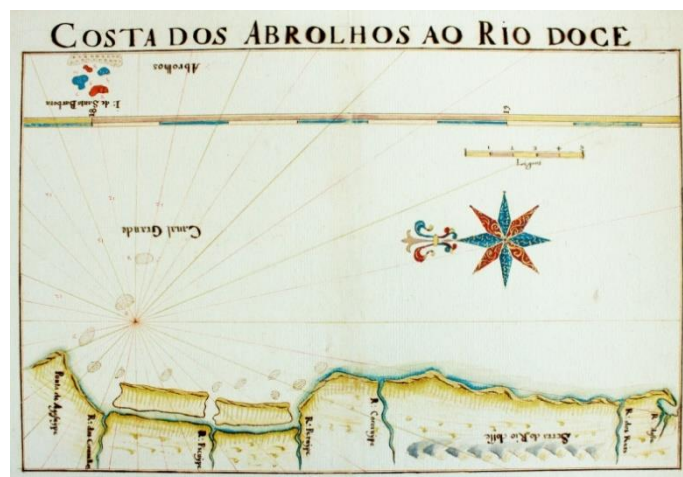


Mapa 39: Costa do Sprito Santo ao Cabo d: S: Thome, de 1666. [Escala ca 1:550 000].



Mapa 40: Demonstração do Sprito Santo, de 1666. [Escala ca 1:290 000]

<sup>435</sup> Cortesão& Mota, 1987 (IV), p. 46.



Mapa 41: Costa dos Abrolhos ao Rio Doce, de 1666. [Escala ca 1:680 000].

O segundo livro não está assinado, “mas é, sem qualquer dúvida, da autoria de João Teixeira Albernaz, o Moço, tão flagrantes são as semelhanças de estilo e letra em relação às outras obras deste cartógrafo”<sup>436</sup>.



Mapa 42: Demonstração do Morro de João Moreno ao Cabo de S. Thome, de 1666. [Escala ca 1:580 000].

<sup>436</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 47.



Mapa 43: Demonstração do Rio Dose ao Porto do Spiritos, de 1666. [Escala ca 1:280 000].



Mapa 44: Demonstração da Ponta de Agasvipe ao Rio Dose, de 1666. [Escala ca 1:700 000].

Isa Adonias escreve em um catálogo do Ministério das Relações Exteriores, oferecendo algumas informações. Sobre a obra em si, descreve-o com “um colorido vivo e harmonioso, com predominância dos tons azul e amarelo (contorno da costa); do rosa-arroxeadado (relevo); de vermelho (ilhas e povoados) e, sobretudo, dos traços a ouro (...)”<sup>437</sup>.

A descrição feita por ela é muito metódica e trata principalmente dos elementos cartográficos do mapa. Para complementar, este é o único, entre os mapas neste trabalho, a ter topônimos invertidos em relação ao título: para lê-los, o leitor precisa colocar o mapa de cabeça para baixo.

<sup>437</sup> Adonias, I. (1960). Mapas e planos manuscritos relativos ao brasil colonial conservados no Ministério das Relações Exteriores pp. 21-22.

Sobre a Carta 21, “Costa do Sprito Santo ao Cabo d: S: Thome”, Adonias escreve:

Carta manuscrita, aquarelada, com toques a ouro, em papel encorpado, parecendo da época. Predominam os tons amarelo, azul, alaranjado e roxo, com traços a ouro. O título ocorre, em letras maiúsculas, em toda a extensão do bordo superior. Orografia cenográfica; sondas, em vermelho; meridiano graduado. À direita, em cima, vê-se uma rosa-dos-ventos de oito pontas, com flor-de-lis, nas cores azul e vermelha, com riscos a ouro; mais abaixo, vê-se outra, simples, com trinta e duas linhas dos rumos<sup>438</sup>.

Destaco ainda o tamanho da letra no título, que obrigou o autor a diminuir as últimas palavras a fim de encaixá-las no espaço que sobrava.

Já sobre a Carta 22, “Demonstração do Sprito Santo”,

Carta manuscrita, aquarelada, com toques a ouro, em papel encorpado, parecendo da época. Predominam os tons amarelo, azul, roxo e vermelho, com traços a ouro. O título, em letras romanas capitais pretas, ocupa toda a extensão do bordo superior. À esquerda, ao alto, vê-se uma rosa-dos-ventos de oito pontas, com flor-de-lis, nas cores azul e vermelha, com riscos a ouro; à direita, em baixo, vê-se outra, simples, com trinta e duas linhas dos rumos. Orografia cenográfica; sondas, em vermelho, na barra do porto do Espírito Santo; meridiano graduado<sup>439</sup>.

Cortesão e Mota escrevem um curto parágrafo sobre a semelhança entre os mapas do Espírito Santo nos dois livros, dizendo que os títulos aparecem no próprio desenho, no topo, e suas nomenclaturas são quase idênticas<sup>440</sup>. Comentam ainda sua datação, lembrando que Jaime Cortesão teria datado o primeiro de ca.1660 e o segundo de ca.1666. Entretanto, os autores afirmam não ter encontrado diferenças suficiente para separar temporalmente as duas obras, e escolhem ca.1666 como a data para ambos.

Uma comparação entre as duas obras mostra que o conjunto de mapas da Capitania do Espírito Santo é, de fato, extremamente semelhante. A informação é essencialmente a mesma entre os dois livros do mesmo ano, tendo o cartógrafo mudado apenas o posicionamento dos elementos cartográficos: título, rosa dos ventos, escala de léguas. Na imagem da região, há grande similaridade de conteúdo, contando com algumas liberdades nas quantidades de casas a representar a aldeia e o engenho, o formato dos morros e principalmente a vegetação: as árvores aparecem figurativas, adereços visuais

---

<sup>438</sup> Ibid., pp. 371-372.

<sup>439</sup> Ibid.

<sup>440</sup> Ibid., p. 49.

no livro do Ministério, mas no livro da Biblioteca Nacional praticamente não há vegetação.

É importante destacar que a impressão inicial é que estes mapas têm um visual mais sóbrio e talvez mais padronizado que seus antecessores. O neto não repetiu a perspectiva do avô, pois quase não utiliza a visão oblíqua: são mapas visualizados perfeitamente de cima, sem horizontes, apesar da visão oblíqua dada aos seus símbolos de relevo.

Agora, enquanto a vegetação e até alguns cursos de rios são figurativos e não tinha o objetivo real de retratar a realidade do território, mas sim de passar a informação básica, é possível dizer que os mapas anteriores a 1666 buscavam uma sensação de realidade às serras do interior da capitania, onde esses mesmos rios desapareciam para o desconhecido. Nos mapas de Albernaz, o Moço, as elevações perdem toda a individualidade anterior e assumem um modelo específico, padrão. A padronização dos elementos cartográficos ganha força em finais do século XVII e é apenas no século seguinte que se efetiva muitos desses padrões, tornando a cartografia mais sóbria e pouco imaginativa.

É possível identificar as semelhanças quando comparamos a cartografia da família Teixeira com outros documentos do século XVII. Por exemplo, ao compará-la com o texto do já citado *Regimento de pilotos e roteiro da navegação, e conquistas do Brasil...*, percebe-se que os topônimos no texto são exatamente os mesmos que aparecem na cartografia. Segundo Carneiro, um navegador, vindo do Norte do Brasil para o Sul, deveria correr

de longo até entrades na *Barra do Spiritu Sancto*, & nesta paragem vendo huma serra alta, & redonda ao longo do mar a que chamão a *Serra Mestre Aluaro*, & vindo de mar em fora a demandar esta serra, da banda do Norte dela se verá hum Rio, a que chamão dos *Reys Magos*, & vindo ao Sul, dele logo descobrireis a boca da *Bahia do Spiritu Sancto*, & no cabo da *Serra do Mestre Aluaro* da banda do Sul está huma ponta de pedra, a que chamão a *Punta do Tubarão*, & da banda do Sul desta Bahia estão dous, ou três altos, pondeuos no meyo da boca da dita Bahia pera entrades para dentro, aduertindo, que no meyo dela está huma baixa, deixalaeis da banda do Sul do Nauio, & ireis ver huma ilha que está mais pera dentro da banda do Norte do Nauio, & tanto que esta ilha vos demorar ao Norte, & ao Noroeste, podeis surgir, que tudo he limpo<sup>441</sup>.

---

<sup>441</sup> Carneiro, 1655, pp. 11-12v.



Os topônimos que vemos no texto de Carneiro são “Barra do Spiritu Sancto”, “Serra Mestre Alvaro”, o rio “dos Reys Magos”, “Punta do Tubarão”, sendo que os três últimos estão entre os que mais se repetem na cartografia portuguesa. Ao final, o autor fala sobre pontas de pedra na entrada da baía de Vitória, sendo uma em Tubarão e outras “da banda do Sul do Nauio”.

Nos mapas de Albernaz, o Moço, ele mostra as diversas ilhas, morros e montes. Os penedos claramente marcam a entrada da baía, e foram utilizados como ponto de referência para os navegantes que buscavam o Espírito Santo, como mostra o roteiro acima. Em alguns mapas, é possível ver os topônimos “Penedos” ou mesmo “4 Penedos”.

O segundo exemplo segue a descrição de Gabriel Soares, comentada em capítulo anterior, de que entre a Ilha de Valentim Nunes e Vila Velha “estão quatro penedos grandes descobertos”<sup>442</sup>. O provedor Manoel de Moraes escreve em 1682 sobre os feitos do donatário Francisco Gil de Araújo, e fala da construção do Forte de São Francisco Xavier que, segundo ele, “nace entre grandes penedos com doze palmos e nos mesmos continúa até o pavimento do lageado”<sup>443</sup>.

No norte, desaparece a Serra do Rio Doce, apesar de ela continuar nos mapas de 1670-75. Esta é, de fato, a única alteração notável em toda a representação a norte do Rio Doce, além do uso do azul e do vermelho na individualização das ilhas próximas aos Abrolhos. Lembro, porém, que os erros nos topônimos do próprio Doce e Rio dos Reis Magos continuam aqui (ver capítulo anterior).

Outros topônimos que aparecem nos mapas de Albernaz, o Moço, são as Barreiras Vermelhas e o Monte Aghá (grafia atual). Muito próximos um do outro, provavelmente serviam como pontos de reconhecimento da costa da capitania, e por isso eram importantes. Inclusive, em um dos mapas de 1666 há duas “Barreiras Vermelhas” diferentes, uma ao lado da outra, tendo ao meio o rio Itapemirim e, ao interior, o “Monte Aga”.

Esses mapas destacam ainda alguns novos rios que são comentados em textos da época. O rio Santa Maria era conhecido como Rio do Espírito Santo, tido como muito fértil. Em suas margens ficavam as duas vilas da região, o que talvez indique essa riqueza, ou influencie os escritores sobre o assunto, interessados em apontar, muitas vezes, o sucesso da colonização. Gândavo o descreve como um rio muito grande, onde havia

---

<sup>442</sup> Sousa, 1587/1851, p. 91.

<sup>443</sup> Lamego, 1920, p. 145.

muitos peixes-boi, mais que “noutro nenhum rio desta Costa”, e grandes peixes de todos os tipos – infinitos peixes, ele escreve, assim como no mar<sup>444</sup>.

Ainda sobre fertilidade, Albernaz, o Moço, escreve que a lagoa da Paraíba era de grande pescaria também, tida como infinita. Não só a lagoa era conhecida por essa riqueza, mas o próprio rio era procurado por colonos para suas pescarias. Seus mapas são os únicos a apontar esta qualidade em qualquer mar, rio ou lagoa do Espírito Santo.

Pelo Rio dos Reis Magos era possível subir com embarcações portuguesas e lá também, escreveu Gabriel Soares de Souza, “há grandes pescarias e muito marisco”. Ele dá a entender que existiam relações comerciais positivas com os índios da região, ao escrever que “no tempo que estava povoado de gentio, havia nele muitos mantimentos, que aqui iam resgatar os moradores do Espírito Santo, o que causava grande fertilidade”<sup>445</sup>.

Próximo a Vitória, há três topônimos sobre os quais é interessante escrever algumas linhas. Eles são o “Rio Moroype”, a “Enceada de Areya” e a “N. S. do Rozario”.

Os dois primeiros apareceram antes apenas entre os mapas de 1640 e 1642. A enseada é uma pequena baía, uma reentrância aberta da costa em direção ao mar<sup>446</sup>. E Maruípe é hoje apenas um bairro de Vitória, já que o Rio Santa Maria é o único cuja foz está nas proximidades da ilha de Vitória. Tendo ele um braço sul e um braço norte, eles se confundem com braços de mar e formam o manguezal ao redor da ilha. Este manguezal, por onde o Rio Santa Maria se espalha em muitas direções, sem dúvidas confundiu os colonos e os cartógrafos, que, sem conseguir acompanhar todos os cursos de água, imaginaram uma série de rios – ou pelo menos imaginaram os cartógrafos.

Essa via norte não costumava ser usada por embarcações para chegar à vila. Como o manguezal que ali se encontra não permitia a passagem de embarcações de grande calado, dava-se preferência para a passagem sul, onde se encontravam as duas vilas da capitania – um caminho mais curto e fácil.

Topônimos como esses dois últimos (“Enceada de Areya” e “Moruype”) são um exemplo de como Albernaz, apesar de ter uma série de livros que trouxeram poucas mudanças na representação do Espírito Santo, não deixou de inserir novas informações, fazendo claras alterações em seus mapas.

---

<sup>444</sup> Gândavo, 1570, p. 7.

<sup>445</sup> Sousa, 1587/1851, pp. 90-91.

<sup>446</sup> Hoje, se chama Praia de Camburi.

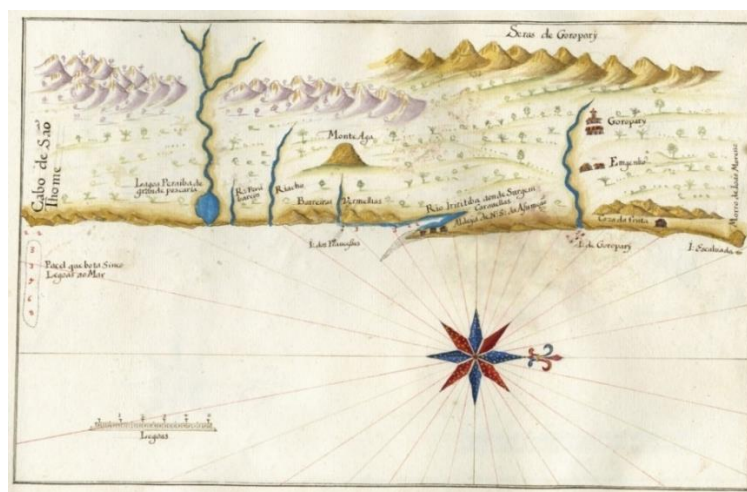
As próximas duas obras, as últimas portuguesas do século XVII, encerram o trabalho da família Teixeira. Poucos estudos foram feitos sobre eles até hoje, talvez por haver alguma dificuldade em obter cópias dos mapas. O conteúdo deles é praticamente o mesmo dos mapas de Albernaz que vimos no capítulo anterior, com poucas diferenças no visual e no conteúdo.

Abaixo, faço uma breve análise sobre eles.

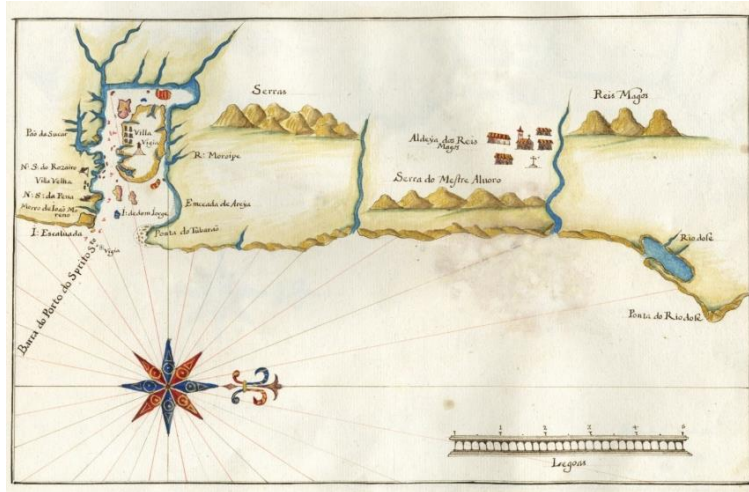
### 5.1.2 Livro da descrição de toda a costa do (estado) do Brasil

Os livros deste tópico trazem algumas diferenças em relação aos anteriores de Albernaz, o Moço, mesmo que não muitas. Elas começam pelo título, que foi levemente alterado: *Livro da descrição de toda a costa do (estado) do Brasil*. Ambos estão na *Hispanic Society of America*, em Nova Iorque, Estados Unidos.

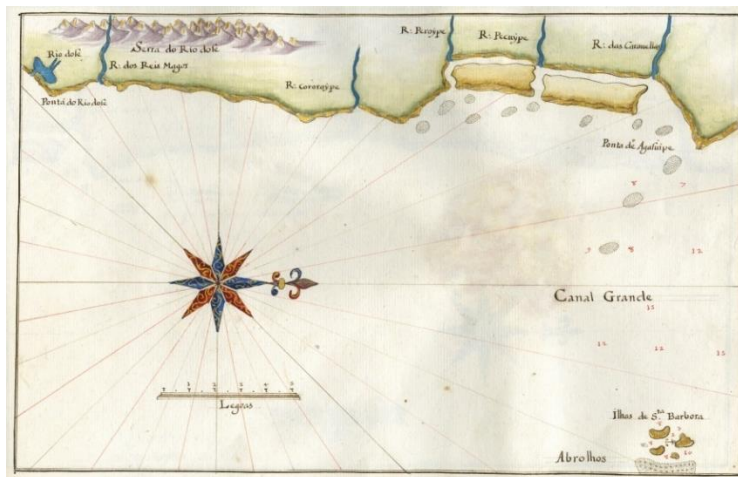
Veja as cartas de ambos abaixo:



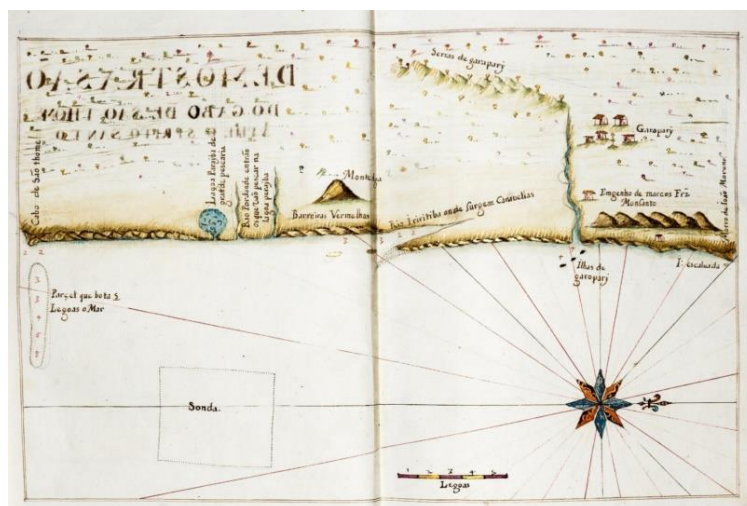
Mapa 45: Demonstração do Cabo de São Thome athe o Spirito Santo, de 1670. [Escala ca. 1:550 000].



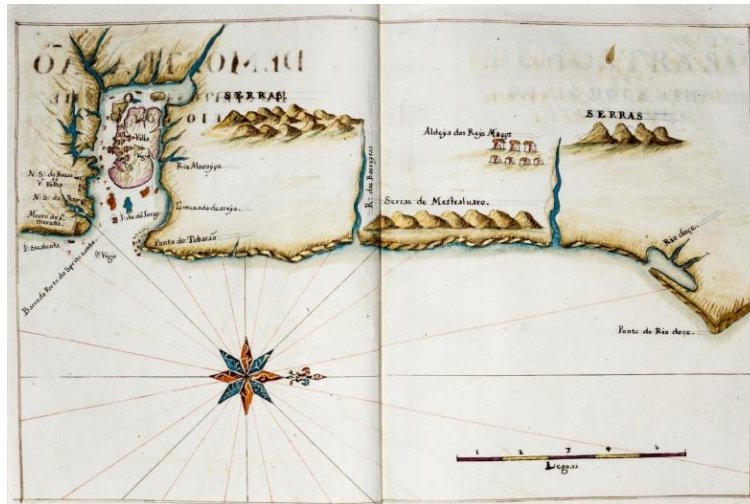
Mapa 46: Demonstração do Espírito Santo até o Rio Doce, de 1670. [Escala ca. 1:260 000].



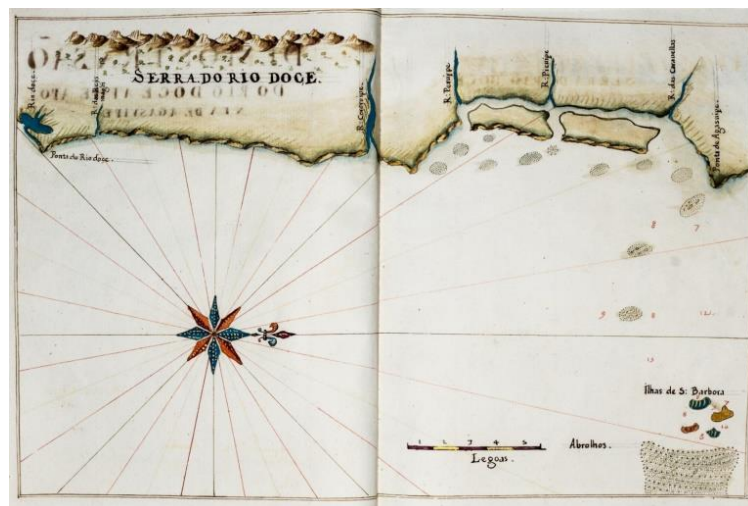
Mapa 47: Demonstração do Rio Doce até a Ponta de Agasuipe, de 1670. [Escala ca. 1:600 000].



Mapa 48: Demonstração do Cabo de São Thome até o Espírito Santo, de 1675. [Escala ca. 1:600 000].



Mapa 49: Demonstração do Sprito Santo athe o Rio Doçe, de 1675. [Escala ca. 1:300 000].



Mapa 50: Demonstração do Rio Doçe athe a Ponta de Agasuipe, de 1675. [Escala ca. 1:650 000].

Sobre os dois livros expostos acima, Cortesão e Mota escrevem sobre como chegaram à conclusão sobre suas datas aproximadas:

enquanto no atlas de 1670 se lê, ao sul desse rio [da Prata], a legenda “Parte das Índias de Castela”, no atlas não datado lê-se na mesma região “Esta parte do Rio Prata he da conquista do Reyno de Portugal”. Não figura ainda no último a Colônia de Sacramento, mas é sabido que os acontecimentos que levaram à sua fundação, em 1680, começaram a ser preparados alguns anos antes. (...) Somos assim levados a concluir que o atlas não datado foi feito entre 1670 e 1680, pelo que consideramos de c. 1675<sup>447</sup>.

Alguns topônimos foram esquecidos, trocados ou acrescentados. Há também diferenças nas cores utilizadas – incluindo detalhes em tintas douradas por toda região,

<sup>447</sup> Cortesão & Mota, 1987 (V), p. 49.

com cores muito vivas, detalhes em vermelho, azul e dourado que fornecem um ar mais nobre e mais completo.

Junto com as imagens digitalizadas dos mapas, recebi cópia de um catálogo interno da instituição, com algumas informações sobre as obras<sup>448</sup>. Essas são as únicas informações que encontrei, de fato, apesar da falta de referência bibliográfica. Sobre o livro datado de 1670, está escrito: “A tradição decorativa portuguesa em manuscritos cartográficos está evidente na carta do Brasil, com seu cartucho e ponteiro norte coloridos e as iluminadas marcações douradas na rosa-dos-ventos e no brasão”<sup>449</sup>.

Os *Portugaliae Monumenta Cartographica* também se entregam diante das semelhanças entre todos eles, devido à proximidade cronológica. Mas ainda assim encontra diferenças, como o fato de, no livro de 1670, os títulos das cartas estarem no verso do desenho, enquanto que, em 1675, eles estão ausentes<sup>450</sup>.

Ainda de acordo com o catálogo da *Hispanic Society*, este livro, em contraste com os datados de 1666, inclui mais detalhes hidrográficos e um número maior de engenhos de açúcar. Discordo dessa posição, pelo menos em relação aos mapas da Capitania do Espírito Santo. Nesses: apenas o engenho de Monsanto aparece, nas proximidades de Guarapari, nos quatro livros de Albernaz, o Moço; e os dados hidrográficos diferem daqueles vistos em obras anteriores. Discutirei esses assuntos abaixo.

É interessante o fato de que, apesar de os engenhos de Monsanto terem sido confiscados após a Restauração, eles continuaram sendo conhecidos como os “engenhos que foram de Marcos Fernandes Monsanto da Capitania do Espírito Santo”, mesmo em documentos oficiais<sup>451</sup>.

Esses engenhos foram arrendados a outros colonos e o seu rendimento era importante para a Coroa, como mostra esta carta de 1664, assinada pelo rei Afonso VI:

encarrego ao Provedor-mor da Fazenda desse Estado a cobrança dos rendimento dos Engenhos de Guaraparim na Capitania do Espírito Santo, que foram de Marcos Fernandes Monsanto ausente em Castela, em que está feito seqüestro e represália por minha parte e que logo remeta a este Reino os açúcares procedidos deles e estando vendidos a dinheiro por letras, entregar ao Tesoureiro-mor dos três Estados. Encomendo-vos que para uma e outra

---

<sup>448</sup> Agradeço aqui ao senhor John O’Neill, da Hispanic Society of America, cuja ajuda foi essencial para que eu conseguisse as melhores cópias digitais dos mapas em questão

<sup>449</sup> Tradução minha.

<sup>450</sup> Cortesão & Mota, 1987 (IV), p. 49.

<sup>451</sup> Biblioteca Nacional. (1933). Documentos Históricos: 1667-1670 - Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc. (Documentos Históricos, Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Typographia do Archivo de História Brasileira. pp. 193-196.



cousa deis ao Próvedor-mor toda ajuda e favor que lhe for necessário para que estes rendimentos venham ao Reino pela necessidade precisa que há de se dispender na defesa dele a que estão aplicados<sup>452</sup>.

Quanto à rede hidrográfica, não parece possível afirmar haver avanços: há, talvez, maior preocupação em apresentar os abrolhos, ao norte; em outros lugares as informações hidrográficas parecem simplificadas, como, por exemplo, as sondas que aparecem completas nos mapas do avô e estão incompletas nos mapas do neto, sem as numerações de profundidade do local.

Perto do Cabo de São Tomé, desde os mapas de 1640, há um parcel, um banco de areia ou pedra debaixo da água para o qual os cartógrafos tanto chamavam a atenção – um detalhe importante para a navegação. Há ainda um canal entre o parcel e o continente, que poderia ser navegado<sup>453</sup>.

O livro de 1670 é o primeiro a mostrar a “Aldeya de N: S: da Asumção”<sup>454</sup>, na altura do Rio Iiritiba. Ela é representada por três construções. Próximo a ela aparece a Ilha dos Franceses, que também está nos mapas de 1666. O desenho das ilhas já aparecia em Albernaz, o Velho, mas sempre sem identificação. Apenas agora elas recebem um topônimo. A ilha era famosa, ou acabou ficando, por ser conhecida e frequentada por franceses durante a ocupação de território mais ao sul, onde seria o Rio de Janeiro.

Quanto aos arredores de Vitória, os mapas de 1666 e o de 1670 são essencialmente idênticos, com uma única exceção: a falta do Forte na ilha de Vitória. Ainda assim, tanto nos mapas de 1666 quanto nos de 1675, há apenas um forte, situado na ilha, ignorando o segundo forte que, nos mapas de 1630 e 1631, aparecia do outro lado do canal. Acredito que isso é pelo fato de o forte ter sido desativado, já que várias fortificações estavam em péssimo estado neste período, sendo um novo forte construído posteriormente por Francisco Gil de Araújo, como visto acima.

Em uma análise geral, nas representações das ilhas menores, ao redor da vila de Vitória, também são coloridas de azul e vermelho – e apenas a Ilha de Dom Jorge e a Escalvada são nomeadas. A vila é novamente um conjunto de casas, organizado e homogêneo, surgindo, na representação mais recente, duas torres mais altas.

---

<sup>452</sup> Biblioteca Nacional. (1944). Documentos Históricos: Cartas Régias - 1651-1667 (Documentos Históricos, Vol. LXVI). Rio de Janeiro: Typografia Baptista de Souza. p. 292.

<sup>453</sup> Essa informação não está nos atlas das décadas de 1660 e 1670, mas em anterior, de 1646.

<sup>454</sup> Não foi possível identificar por que esta aldeia ficou conhecida pelo nome do rio então, Reritiba (hoje, o rio se chama Benevente e a cidade, Anchieta). Há diversas menções a esta aldeia em toda a documentação do Espírito Santo. Ela teve importante participação na sociedade colonial, além da óbvia relação religiosa com o padre José de Anchieta, já em sua época bastante conhecido e venerado.

A vigia no centro da ilha agora é acompanhada de outra vigia na entrada da barra. Essa aparece no mesmo lugar em que mapas anteriores colocam um pequeno abrolho na foz do rio, entrada para as duas vilas do Espírito Santo. O mais interessante aqui é que Albernaz, o Moço, atualizou um topônimo estabelecido por Albernaz, o Velho (de “abrolho” para “vigia”), o que pode significar que ele recebeu novas informações sobre o Espírito Santo. A localização é a mesma, portanto é possível supor que tenham ali construído algum posto de vigilância, apesar de documentação sobre isso não ter sido encontrada.

O mapa de ca. 1675 tem diferenças em relação aos outros três: a imaginária serra dos “Reis Magos” recebe o topônimo de “SERRAS”; e o “Pão de Açúcar” (Penedo) não aparece, algo incomum nos mapas aqui estudados.

Essas “SERRAS” podem ser vistas em alguns mapas a partir de 1646, nomeando a morros próximos da aldeia de mesmo nome. Os morros não existem de fato. Suponho que seja uma tentativa de apontar um motivo para a toponímia local, repetida no rio e na aldeia próximos. No mapa de 1680, eles recebem o nome “Monte Reys Magos”.

João Teixeira Albernaz, o Moço, utilizou, sem qualquer dúvida, os mapas de seu avô para fazer os seus, seguindo o padrão à risca. Padrão esse que veio, de verdade, de Luís Teixeira. O território é basicamente o mesmo, com algumas alterações apenas na ilustração do interior da capitania. Ali, há árvores com o mesmo estilo dos anteriores, mas também com arbustos, alguns com aparência de palmeiras ou coqueiros. As cores alteram entre verde, marrom, alguns até dourados (nos mapas da década de 1670), mas sempre de uma forma representativa, como verdadeiros símbolos, signos cartográficos.

Esses mapas preocupam-se, principalmente, em repetir as informações presentes em obras anteriores, com pouquíssimas variações. De fato, o Brasil de então já estava todo mapeado. Além disso, na segunda metade do século XVII, a necessidade de fazer alianças políticas com outras nações europeias fez com que França, Inglaterra fornecessem “armas, mercenários, engenheiros, arquitetos e cartógrafos ao serviço de Portugal”<sup>455</sup>. Aos poucos, os engenheiros substituiriam os cartógrafos, encerrando essa etapa da cartografia portuguesa e iniciando uma nova.

Os engenheiros vieram para o Brasil e deram origem a cartas com os novos padrões cartográficos definidos pelas escolas militares portuguesas. Mesmo manuscritos, eles eram diferentes dos mapas dos cartógrafos, que tinham certa liberdade de

---

<sup>455</sup> Alegria et al., 2007, p. 977.



representação. Porém, nos últimos anos do século XVII não há mapas de engenheiros ou de cartógrafos sobre o Espírito Santo.

O último mapa do Espírito Santo no período, inclusive, não é português. Essencialmente diferente dos livros de Albernaz, o *Zee-Atlas* é uma obra impressa que teve grande abrangência entre fins do século XVII e início do XVIII, período no qual foi publicado. Presente em uma das principais obras de cartografia da Holanda seiscentista, esse mapa reúne grande quantidade de topônimos do litoral, sem se preocupar em mostrar o interior da capitania. Veremos com mais detalhes a seguir.

## 5.2 ZEE-ATLAS: O ÚLTIMO MAPA DO ESPÍRITO SANTO NO SÉCULO XVII

Dos mapas holandeses, da região da Capitania do Espírito Santo, o de Vingboons e o publicado por Jan Canin limitam-se às proximidades de Vitória, mas o último mapa a ser apresentado aqui mostra uma região maior que os mapas mais abrangentes dos Teixeira. Refiro-me ao *Pas-Kaart van de zee-kunsten van Brazilia, tusschen Rio das Contas en Cabo S. Thome*, do cartógrafo Joannes Van Keulen.

Sua história começou quando Johannes Van Keulen (1654-1715) obteve a patente do governo necessária para publicar atlas e guias de navegação. Ele comprou todas as placas feitas por Hendrik Doncker, de Amsterdã para iniciar seus trabalhos. Doncker já havia publicado vários atlas até 1680, incluindo mapas que continham informações consideradas secretas, como as primeiras imagens da *Hollandia Nova*, a Austrália<sup>456</sup>.

Além disso, como cartógrafo-mor da Companhia das Índias, adquiriu o ateliê de Joan Blaeu, onde Johannes Vingboons trabalhou por diversos anos, e certamente utilizou os desenhos de Vingboons para compor suas obras. Adquirindo e utilizando informações de outros cartógrafos, a família van Keulen conseguiu se manter no ramo até finais do século XIX<sup>457</sup>.

Os van Keulen dos Países Baixos tiveram pelo menos cinco gerações de cartógrafos entre os séculos XVII e XIX, que foi o período auge da cartografia holandesa. Seus descendentes atuaram não só na produção de mapas, mas também na venda deles, e de instrumentos e livros sobre navegação. Isso começou a acontecer em 1680 quando ele

---

<sup>456</sup> Ritchie, G. S. (1979). *Marine Atlases*. Revista da Universidade de Coimbra, XXVII, pp. 322-323.

<sup>457</sup> Instituto Cultural Bandepe, 2003, p. 33.

obteve permissão dos Estados Gerais para a publicação de atlas marítimos e guias de navegação.

Nas palavras de Günter Schilder,

A cartografia marítima holandesa alcançou um ponto alto quanto Johannes van Keulen publicou seu *De Grootte Nieuwe Vermeerderde Zee-Atlas ofte Water-Werelt* (1680) e um novo livro de navegação em formato grande em cinco partes *De Nieuwe Grootte Lichtende Zee-Fakkel* (1681-84). É à casa de publicação dessa família de cartógrafos que continuou publicando novas edições desse trabalho, que Amsterdã deve sua posição internacional no campo da cartografia marítima até cerca de 1725, já que *Zee-Fakkel* particularmente reflete o apogeu de Amsterdã como o centro mundial de navegação, transporte e comércio<sup>458</sup>.

Até o começo do século XX havia ainda alguma dúvida sobre o ano da primeira publicação do *Zee-Atlas*, onde está o mapa da Capitania do Espírito Santo. Van Eeghen apontou o início do ano de 1680 com “certeza considerável”, a data mais antiga indicada em diversas cartas, apesar de a edição mais antiga conhecida por ele ser do ano seguinte. Segundo o autor, há indícios de que o *Zee-Atlas* é, na verdade, uma junção de cartas independentes, que eram copiadas e unidas em uma única publicação de acordo com os interesses dos compradores<sup>459</sup>, e feitas pelo menos a duas mãos: Claes Jansz Vooght ficou a cargo dos textos e Jan Luyken ficou a cargo das ilustrações.

Como cada edição do atlas trazia as cartas que serviam aos propósitos dos compradores, o conteúdo variava. Em seu conjunto, este atlas é considerado o “ponto culminante da cartografia náutica holandesa no final do século XVII” porque ele foi o “primeiro (ou principal) trabalho de levantamento, em bases científicas, de todos os litorais de todos os continentes” da Holanda<sup>460</sup>.

No grandioso *De Grootte Nieuwe Vermeerderde Zee-Atlas ofte Water-Werelt*, há dez cartas náuticas que mostram o litoral do Brasil. Sobre elas, há um curto texto no livro *A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes – 1506-1922*, de Max Justo Guedes:

Joannes Van Keulen (1654-1715) foi importante editor neerlandês, natural de Deventer e posteriormente estabelecido em Amsterdã, onde realizou suas mais notórias publicações de atlas marítimos e guias de navegação. Seu primeiro

---

<sup>458</sup> Schilder, G. (1981). A manuscript sea atlas, drawn by Romeyn de Hooghe in 1681. Coimbra: Junta de Investigações Científicas do Ultramar. p. 449. Tradução minha.

<sup>459</sup> Van Eeghen, P. (1905). The work of Jan and Casper Luyken (Vol. I). Amsterdam: F. Muller & Co. p. 33.

<sup>460</sup> Miceli, P. (2002). O Tesouro dos Mapas. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos. p. 43.

trabalho conhecido foi a edição do *Zee Atlas*, de 1680, uma obra composta de 38 mapas e textos de Claes Jansz Vooght.

Os dez mapas desta seção representam segmentos distintos da costa do Brasil, retratados com diversas figuras decorativas de homens e mulheres desempenhando trabalhos diversos e emoldurando as cartilhas que contêm as legendas. Nota-se, ainda, a ilustração de naus, indicando as rotas de navegação<sup>461</sup>.

Guedes apresenta 10 cartas do litoral do Brasil que estão na sessão *Kaart van de Zee-Zusten van Brazilia* do atlas, de uma coleção particular.

No artigo *Mapping the Dutch World Overseas in the Seventeenth Century*, da *History of Cartography*, Zees Zandvliet deixa claro que, logo após sua fundação em 1621, a Companhia das Índias Ocidentais comprou todas as cartas de Petrus Plancius, considerado o “pai fundador” da cartografia holandesa do ultramar e que teve acesso a informações e cartas portuguesas da região<sup>462</sup>. Ainda de acordo com Zandvliet, no século XVI, toda a cartografia holandesa foi influenciada direta ou indiretamente pela Espanha e por Portugal, então os principais centros de cartografia da Europa. Enquanto os Países Baixos eram parte do império espanhol, seus cartógrafos (como Abraham Ortelius e Gerardus Mercator) eram apoiados em seus esforços para produzir globos e mapas de alta qualidade e tinham acesso relativamente fácil a mapas e cartógrafos ibéricos. Concluindo,

Em grande medida, a expansão da VOC [Companhia das Índias Orientais] teve lugar à custa do comércio e de estabelecimentos portugueses. Copiando os mapas portugueses, o conhecimento local foi obtido de forma indireta pela VOC (...) Assim, enquanto os holandeses estavam atrás dos espanhóis e dos portugueses na posse de informação cartográfica no final do século XVI, em 1632, um oficial da WIC [Companhia das Índias Ocidentais] anunciou com orgulho que eles os tinham alcançado<sup>463</sup>.

Isso parece claro, como afirmado acima, ao observar os mapas da Capitania do Espírito Santo. Enquanto os mapas portugueses parecem acrescentar informações com o passar dos anos, os mapas holandeses parecem copiar informações já existentes, preenchendo assim as lacunas em sua cartografia do Brasil.

George Stephen Ritchie, estudioso da cartografia, defende que os mapas de Van Keulen têm diversos erros. Ele escreve sobre o atlas *Zee-Fakkell*, também de Van Keulen. Este começou a ser publicado um ano depois do *Zee-Atlas*, pelo mesmo editor e cartógrafo

---

<sup>461</sup> Guedes, M. J. (2012). A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922: os 100 mapas mais influentes. Rio de Janeiro: Capivara. p. 132.

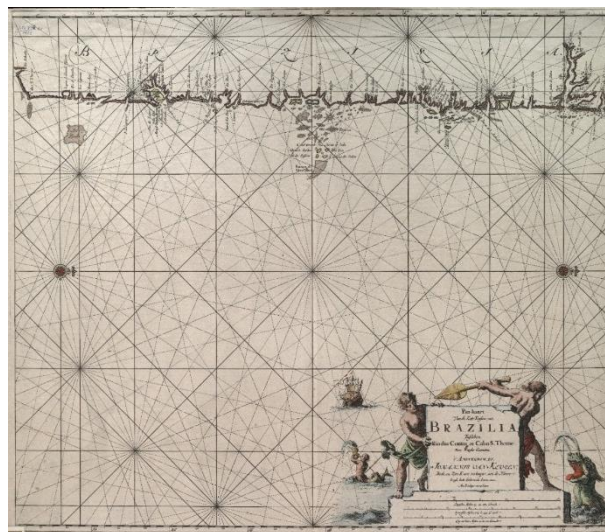
<sup>462</sup> Zandvliet, 2007, pp. 1433-1444.

<sup>463</sup> Ibid., p. 1444 e 1450.

e com cartas muito semelhantes. Assim, a opinião a seguir também está relacionada ao *Zee-Atlas*:

A claridade das gravuras, a riqueza dos dados marítimos contidos, a adoção geral dos símbolos náuticos holandeses, agora aceitos, o escopo massivo do seu conceito, o desenho das cartas na projeção de Mercator, suas páginas-título alegóricas coloridas de maneira soberba e suas edições contínuas através dos anos fez o *Zee-Fakkel* merecidamente famoso, apesar de um número considerável de erros de posição, duplicação de topônimos e outros erros que podem ser encontrados por um cartógrafo investigador<sup>464</sup>.

Em uma época de grande interesse dos holandeses pelas colônias portuguesas, mapas a descrever com grande detalhe a costa das Capitanias eram de importância indescritível para a navegação. O *Zee-Atlas* se destacou porque outras publicações que poderiam competir com ele nos Países Baixos não tinham o mesmo número de perspectivas, nem a mesma quantidade de detalhes.



Mapa 51: Pas-Kaart van de zee-kunsten van Brazilia, tusschen Rio das Contas en Cabo S. Thome, de 1680. [Escala: ca. 1:1 6000 000]

Este é o mapa do Espírito Santo que possui o maior número de topônimos únicos (que não se repetem em outros mapas). Isso se dá por ele representar uma área relativamente maior que a da Capitania do Espírito Santo – praticamente todos os nomes que surgem entre o Cabo de São Tomé e os abrolhos aparecem também na cartografia portuguesa, mas há diversos outros mais ao norte, até o “Rio das Contas”, que não estão no escopo desta dissertação. Na verdade, o mapa engloba também a Capitania de Porto

---

<sup>464</sup> Ritchie, 1979.

Seguro e até a de Ilhéus: a região exatamente a sul da Bahia e Pernambuco, território ocupado pelos holandeses no Brasil na primeira metade do século XVII.

Em alguns mapas holandeses do Espírito Santo é possível apontar informações provavelmente vindas de mapas portugueses. No *Pas-Kaart van de zee-kunsten van Brazilia*, em torno da ilha de Vitória – que assume uma coloração diferente – podemos ver os engenhos já descritos por Albernaz em seus mapas (“Azaredo”, “Francisco de Agur”, “Leonhardo Froes”), representados por algumas casas. A ilha de Vitória também traz símbolos de povoamento, assim como na vila do Espírito Santo.

Ao observar com mais detalhe, nota-se pelo menos o erro na localização do Rio Doce (que, inclusive, aparece duas vezes): ele repete o erro presente em mapas de João Teixeira Albernaz, o Moço, colocando o rio antes dos Reis Magos. Por isso, acho possível cogitar que van Keulen tenha utilizado mapas de Albernaz como base para os seus. Discutirei isso mais adiante.

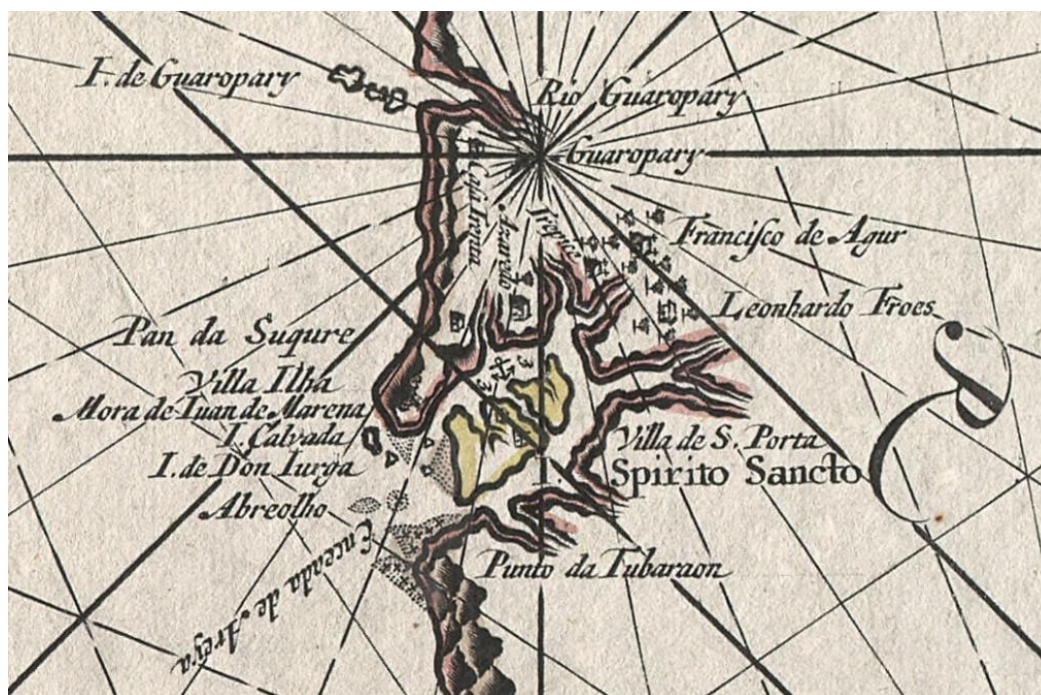


Figura 9: Detalhe da carta de demonstração dos Rio das Contas ao Cabo S. Thome, de 1680.

Como é possível ver no destaque acima, os três engenhos e o trapiche vistos em muitos dos mapas aqui estudados aparecem também neste mapa. Aqui vemos algumas diferenças de grafia, quando comparados aos mapas de Albernaz. Em primeiro lugar, este é o único mapa a não abreviar o nome de “Francisco de Agur” – apesar de errar a grafia do sobrenome. Nos demais engenhos presentes nesse mapa de 1680 também há erros na grafia dos nomes. “Do Azeredo” vira “Azaredo”, por exemplo. Mas também o mapa

anônimo de 1608-1612 se destaca com uma “fazenda de marcos d aZeredo”. No outro caso, “De Leonardo froes” se transforma em “Leonhardo Froes”. Por fim, “Trepiche” vira “Trepice”.

Há também uma estranha grafia para o nome do rio Reritiba: “Rio Jrutyba”. Entretanto, este é um nome que costuma aparecer de forma diferente em diversos textos e mapas. O A mais antiga, na cartografia, é a de Luís Teixeira, “ýrirituba”. Ela evolui para “Iiritiba” nos próximos anos, com Albernaz, o Velho. Entre os cronistas, Gabriel Soares de Sousa escreve “Leritibe”<sup>465</sup> e Jácome Monteiro, “Reritibe”<sup>466</sup>.

Em outros lugares, é possível perceber que este mapa se baseou na cartografia portuguesa de 1640 em diante, pois ela traz uma série de topônimos que substituem outros de mapas anteriores. Por exemplo:

- O rio Cricaré, que em mapas mais recentes se chama “Rio Cororuipe”, aparece no *Zee-Atlas* como “Quororupa”. Acredito que seja uma variação do primeiro<sup>467</sup>.
- O “Rio Guaxinduba” é substituído pelo “Rio Peruípe”, que é seu nome atual – ele está no extremo sul do estado da Bahia. No mapa holandês, está como “Parupa”.
- O rio Mucuri aparece como “Mocuripe” ou “Pecuípe” nos mapas portugueses. No *Zee-Atlas* é “Parnipa”<sup>468</sup>.

Quanto aos abrolhos, eles aparecem com grande detalhe. Cada uma das quatro ilhas tem nome: Santa Bárbara, dos Pássaros, Monte dos Pedros e Ilha do Seco. Este atlas, porém, é conhecido por imperfeições. Os abrolhos menores, entre as ilhas e a costa, assumem formas absurdas e completamente irreais. O cartógrafo ainda tenta nomear o canal de “De Kleyne Canaal”. Em holandês atual, seria *de kleine kanaal*, que significa “o canal pequeno”. Com doze léguas de largura e muitos abrolhos e bancos de areia, era sem dúvidas estreito e raso para as embarcações europeias passarem em segurança.

O único mapa a mostrar o nome das ilhas próximas aos Abrolhos é este. Os mapas portugueses escrevem apenas o nome da ilha de Santa Bárbara. Os demais topônimos são: “Ilha Seco”; “Ilha dos Passaros”; e “Ilha Monte dos Pedros”. Não parece haver relação

---

<sup>465</sup> Sousa, 1587/1851, pp. 93-94.

<sup>466</sup> Monteiro, 1610/1945, p. 400.

<sup>467</sup> Coruroipe ou cororuipe ou corovripe vem de “kururu + ‘y + -pe: no rio dos sapos” Navarro, 2013, p. 557.

<sup>468</sup> Pecuípe, ou Pequípe ou Picuípe, como aparece em mapas anteriores, tem como possível etimologia: piku’i + ‘pe: lugar de picuíis, “uma ave columbiforme da família dos columbídeos”, como as rolinhas. Ibid., p. 382.

entre os nomes atuais<sup>469</sup> e os topônimos, mas destaco que, na cartografia, é comum aparecer apenas quatro ilhas, sendo a de Santa Bárbara sempre a maior.

Esse é um mapa importante para o estudo das representações da capitania. Seus diversos topônimos mostram como o reconhecimento do litoral não só do Brasil, mas dessa região específica já estava bastante avançado em finais do século XVII. Ao mesmo tempo, ao notar os erros de grafia e as imprecisões no mapa, ele dá sinais de que a cartografia ainda estava caminhando em direção à precisão e rigor científico.

Acredito que o *Zee-Atlas* é, ao mesmo tempo, uma declaração do conhecimento holandês e português do litoral da Capitania do Espírito Santo, já que os topônimos parecem todos vir da cartografia portuguesa de meados do século XVII. Nele, percebe-se a evolução do espaço cartografado no Espírito Santo, tanto nos últimos mapas portugueses, de João Teixeira Albernaz, o Moço, como na cartografia holandesa, que busca na primeira uma base de informações sobre as regiões cartografadas.

---

<sup>469</sup> Como está escrito no capítulo anterior, os nomes atuais das ilhas são: Ilha de Santa Bárbara; Ilha Siriba; Ilha Redonda; Ilha Sueste; e Ilha Guarita. Complementando a informação: “Arquipélago dos Abrolhos (17°57,8’S – 038°41,6’W) (vista IV-1) – Formado por cinco ilhas rochosas, com coqueiros e vegetação rasteira, das quais a maior é a ilha de Santa Bárbara, onde há 3 pequenas elevações. Nesta ilha estão localizados: o farol Abrolhos (1848) (...) Parque Nacional Marinho dos Abrolhos – As áreas da região dos Abrolhos em torno dos recifes das Timbebas, do parcel das Paredes, do arquipélago dos Abrolhos e do parcel dos Abrolhos, todas delimitadas nas cartas por linha de área proibida, constituem o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos” Marinha Do Brasil, 2013, pp. 150-154.

## 6 O RESULTADO DO MAPEAMENTO DA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

### 6.1 EVOLUÇÃO DO MAPEAMENTO

Como é possível observar, ao analisarmos todos os conjuntos de mapas vistos aqui, o mapeamento da costa da América Portuguesa se desenvolveu fortemente entre fins do século XVI e meados do século seguinte. Neste período, o Brasil deixou de ser representado na cartografia como um único mapa e se tornou alvo de grandes séries, com dezenas de cartas, que abrangiam praticamente toda a costa da colônia.

Em artigo publicado em *The History of Cartography*, intitulado *Portuguese Cartography in the Renaissance*, Alegria, Daveau, Garcia e Relaño fizeram uma importante análise da escola cartográfica portuguesa durante o Renascimento e apresentam um gráfico onde mostram a evolução do mapeamento do litoral brasileiro pelos cartógrafos Luís Teixeira e João Teixeira Albernaz, o Velho<sup>470</sup>. Os autores escrevem que esse trabalho foi progressivo desde ca. 1590 até 1642, quando a costa brasileira foi completamente mapeada. Neste período, o roteiro de Luís Teixeira, com 11 cartas parciais, foi suplantado pelos trabalhos de Albernaz, que chegaram a ter 35 cartas (em 1631).

A imagem abaixo mostra claramente a quantidade de mapas e o espaço cartografado em todas as obras da família Teixeira, desde 1590 até 1642.

Em relação ao avanço no mapeamento da Capitania do Espírito Santo, desenvolvi esquema semelhante para cada um dos mapas analisados aqui e é possível ver, de forma clara, que no caso do Espírito Santo, a evolução do espaço mapeado acompanhou o processo que aconteceu em toda a costa do Brasil. Observando o esquema de mapas do Brasil acima e comparando-o com o esquema dos mapas do Espírito Santo abaixo, percebe-se que, em ca. 1590, apenas a região das vilas foi mapeada. Até a década de 20 do século XVII esse espaço cresceu, abrangendo boa parte do litoral entre os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. No caso do Espírito Santo, já aparecia toda a área ao norte de Vitória. No *Estado do Brasil* de 1631, Albernaz mapeou praticamente toda a costa do Brasil, e já todo o território do Espírito Santo. Em 1640 esse trabalho foi completado e, até mesmo no caso do Espírito Santo, a área cartografada foi ampliada para o norte, abrangendo parte maior da Capitania de Porto Seguro. Ou seja, em

---

<sup>470</sup> Alegria et al., 2007, p. 1032.



aproximadamente 50 anos, a cartografia do Espírito Santo saiu dos mapas que cobriam simplesmente os arredores da ilha de Vitória, na virada do século XVI para o XVII, para o mapeamento de toda a capitania.

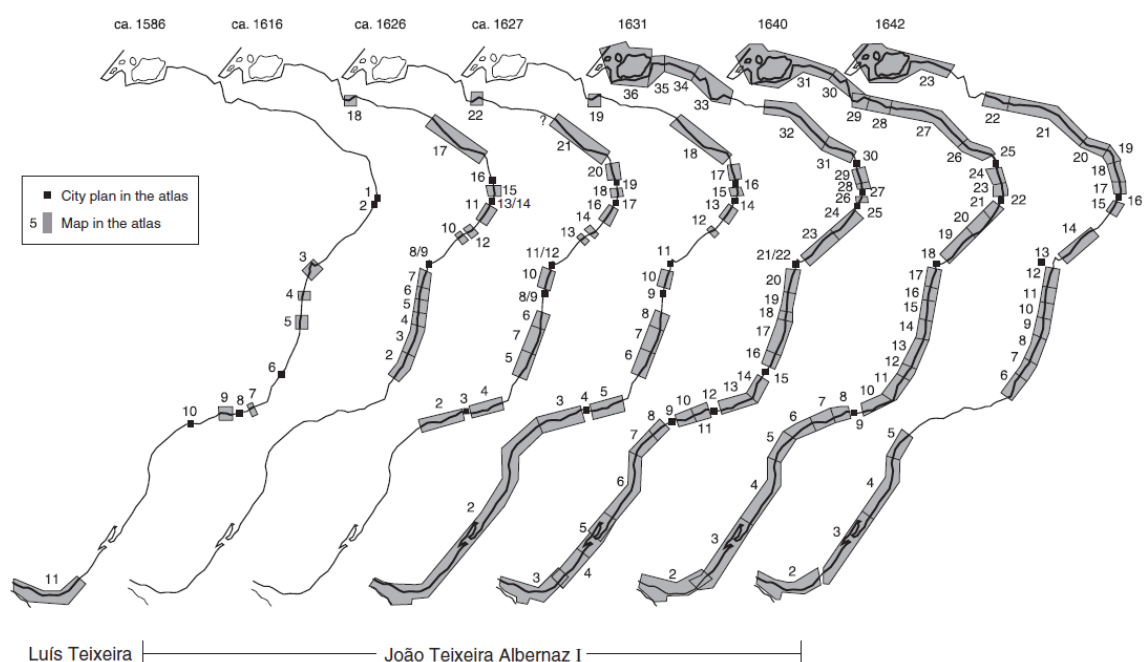


Figura 10: Mapas e plantas de cidades da costa brasileira nas obras de Luís Teixeira e João Teixeira Albernaz, o Velho<sup>471</sup>.

Nas figuras abaixo também é possível acompanhar a proliferação dos topônimos pela costa e, alguns, pelo sertão da Capitania do Espírito Santo, assim como, em detalhe, a proliferação dos topônimos na ilha de Vitória e em seus arredores.

Observando primeiramente como isso se dá em toda a capitania, fica ainda mais fácil perceber os saltos no número de topônimos que acontecem nos livros de 1616, depois em 1631 e, por fim, em 1640. Há um único topônimo novo a aparecer depois disso, em um mapa do sul do Espírito Santo em 1670, que é a “Aldeya de Nossa Senhora da Asumção”, a aldeia de Reritiba. Foram contabilizados 84 diferentes nomes próprios espalhados pelo litoral, sendo que o máximo encontrado em um único conjunto é 57 (1642).

Desses 84 topônimos, 42 ficam nos arredores da ilha de Vitória. Nessa região, a proliferação dos topônimos se dá de forma diferente. O último a ser acrescentado é “4 penedos”, em 1642. No caso dessa região, é difícil apontar picos na evolução do mapeamento. Os dois principais mapas a trazerem novidades são o de ca. 1590, que é o

<sup>471</sup> Ibid., p. 1033.

mais antigo, e o da *Real Academia de la Historia*, cuja data é apenas aproximada (1608-1612, ou ainda “posterior a 1660-1661)”<sup>472</sup>. Em 1631 são acrescentados os engenhos e o trapiche no continente, sendo que, depois disso, apenas mais dois são acrescentados aos mapas, isoladamente.

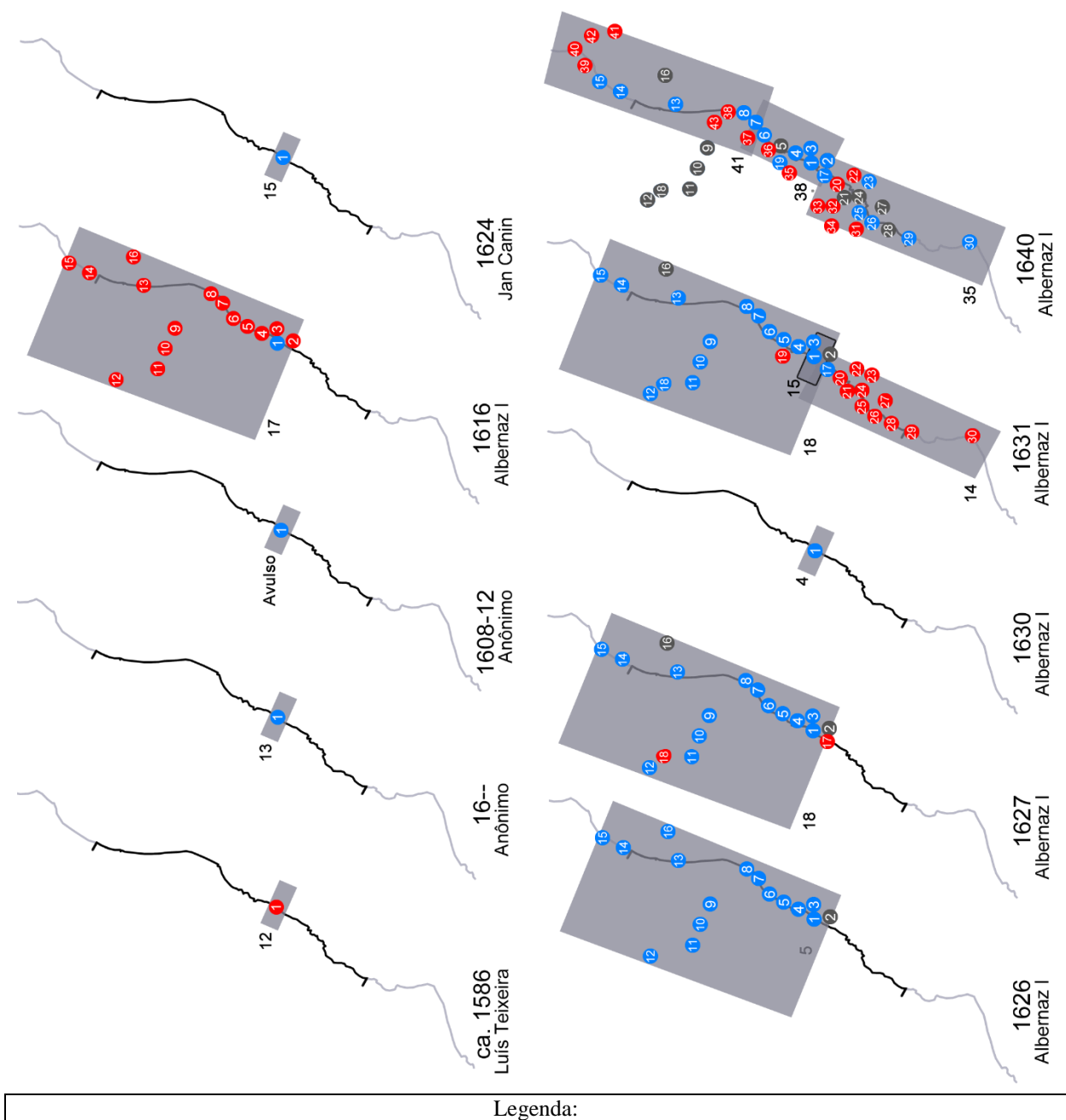
O atlas de van Keulen, da década de 1680, tem diversos topônimos novos, mas esses estão em regiões que nunca fizeram parte do Espírito Santo. Eles estão no mapa apenas porque este abrange territórios que vão desde o Rio de Janeiro até Ilhéus, por isso, foram desconsiderados para a realização das análises abaixo, concentrando as figuras, as tabelas e demais dados naquilo que está diretamente ligado à Capitania do Espírito Santo no século XVII.

Além da comparação dos mapas para ter uma ideia de como os topônimos foram acrescentados com o passar dos anos, foi feita também uma comparação do formato da ilha de Vitória em alguns dos mapas aqui estudados. Na figura abaixo é possível ver, por exemplo, que apenas os mapas da Biblioteca Nacional de Espanha e do Reys-Boeck ignoram a existência de uma ilha e mostram a vila de Vitória fundada no continente, à beira do rio. Com a exceção desses dois e do mapa de Luis Teixeira, os demais formatos da ilha são semelhantes, com alguns deles (1608-1612, por exemplo) dando maior destaque para a entrada do canal de Vitória e outros (1660, 1665) para as ilhas na entrada da baía.

Observando as imagens, é possível dizer que foram os mapas de Albernaz de 1630 e 1631 que mais se aproximaram, de fato, do formato real da ilha antes dos aterros realizados no século XX. Esses são, talvez não por coincidência, os mais recentes mapas portugueses da ilha de Vitória, considerando os estudados aqui.

---

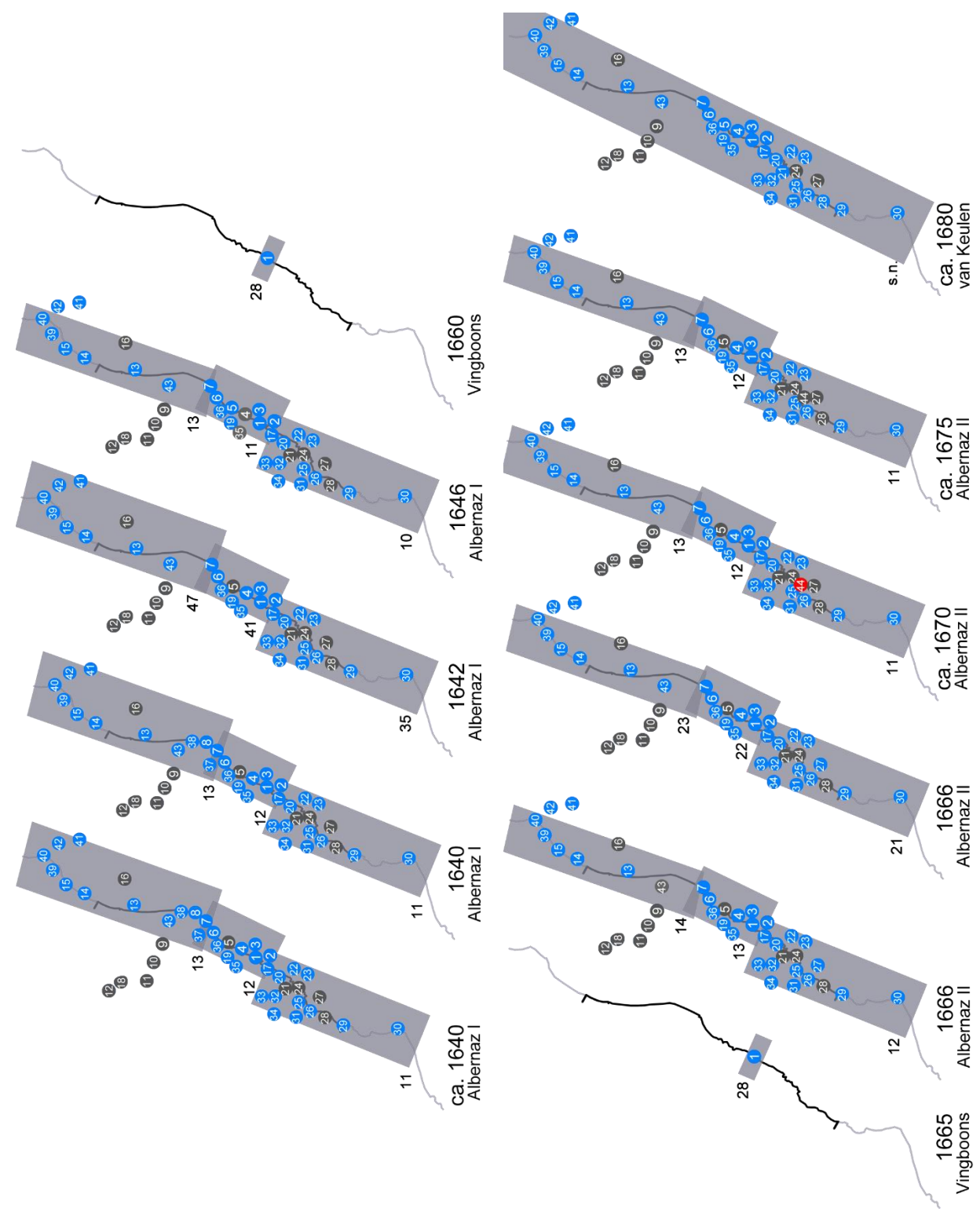
<sup>472</sup> “La fecha de hacia el último tercio del siglo XVII se deduce por su parecido con la carta de la capitania de "São Vicente" (posterior a 1660-1661)”. Manso Porto, 1999, pp. 24-25.



Legenda:

- Vermelho** Novo topônimo
- Azul** Topônimo que apareceu antes e presente neste mapa.
- Preto** Topônimo que apareceu antes, mas ausente neste mapa

Figura 11: Evolução do espaço cartografado da Capitania do Espírito Santo nos mapas feitos entre ca. 1590 e 1640. Feito pelo autor. A linha preta representa o atual território do Espírito Santo.



Legenda:

<b>Vermelho</b>	Novo topônimo
<b>Azul</b>	Topônimo que apareceu antes e presente neste mapa.
<b>Preto</b>	Topônimo que apareceu antes, mas ausente neste mapa

Figura 12: Evolução do espaço cartografado da Capitania do Espírito Santo nos mapas feitos entre 1640 e 1680. Feito pelo autor. A linha preta representa o atual território do Espírito Santo.

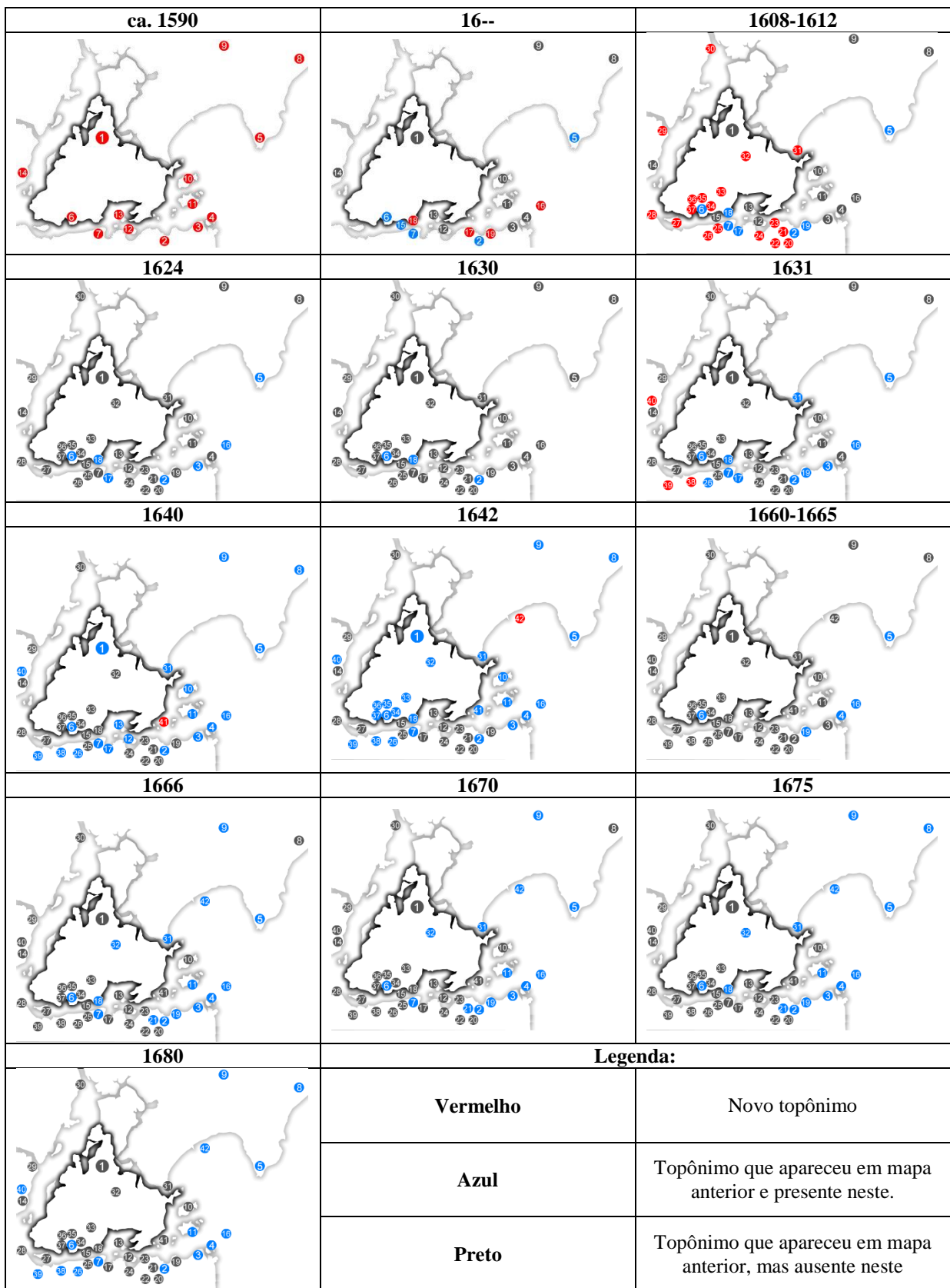


Figura 13: Proliferação de topônimos na ilha de Vitória

Tabela 8: Primeira aparição dos topônimos do Espírito Santo

Ano do Mapa	Topônimos que aparecem pela primeira vez	Quantas vezes aparece em todos os mapas?
1590	Espírito Santo (Vila de Vitória)	20
	Ilha da Viúva	3
	Ilha de Ana Vaz	3
	Ilha de Dom Jorge	10
	Ilha de Duarte de Lemos	4
	Ilha de Valentim Nunes	4
	Ilha Escalvada (próxima a Vitória)	17
	Morro do Moreno	20
	Penedo	12
	Ponta de Tubarão	16
	Rio das Barreiras	8
	Roças Velhas	1
	Serra do Mestre Álvaro	9
	Terra que vai para cabo frio	1
Vila Velha	15	
[16--]	Ermida de Nossa Senhora da Penha	8
	Forte de São Miguel	8
	Forte de São Marcos	4
	Barra	5
	Baixo Coberto	2
1608-1616	Convento de São Francisco	2
	Engenho do Azeredo	7
	Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Vila Velha)	4
	Igreja de Santa Catarina	5
	Igreja de Santiago	1
	Igreja de São Bento	3
	Igreja Matriz (Vitória)	3
	Igreja Matriz (Vila Velha)	
	Igreja da Misericórdia	3
	Rio para a Aldeia	3
	Rio Tagua (Rio do Espírito Santo)	1
	Ilha do Homem Santo	1
	Rio do Cão Grande	1
	Por Figuração	1
	Rio Aribiri	1
Jaburuna	11	
Rio Maruípe	9	
Vigia (centro da ilha)	7	
1616	Ponta do Rio Doce	18
	Riacho	4
	Rio Cricaré	13
	Rio das Barreiras	8
	Rio Doce	21
	Rio dos Reis Magos	10
	Rio Guacici	4
	Rio Guacicii-mirim	4
	Rio Pecuípe	13
	Rio Peruípe	13
	Rio Uma	4
	Serra das Esmeraldas	4
1627	Lagoa	2

<b>Ano do Mapa</b>	<b>Topônimos que aparecem pela primeira vez</b>	<b>Quantas vezes aparece em todos os mapas?</b>
1631	Aldeia dos Reis Magos	10
	Barra do Porto do Espírito Santo	3
	Cabo de São Tomé	9
	Ponta da Fruta	8
	Engenho de Francisco Aguiar	6
	Engenho de Leonardo Froes	6
	Ilha dos Franceses	4
	Ilha Escalvada (próxima a Guarapari)	4
	Ilhas de Perocão/Guarapari	7
	Lagoa da Paraíba	10
	Monte Aghá	10
	Rio Itapemirim	4
	Rio Reritiba	7
	Rio Guarapari	2
	Rio de Perocão	1
	Trapiche	6
1640	4 Penedos (entrada da baía)	3
	Abrolhos	13
	Barreiras Vermelhas	8
	Canal (dos Abrolhos)	9
	Enseada da Areia (Camburi)	7
	Engenho de Marcos Fernandes Monsanto	7
	Guarapari (Vila)	8
	Ilha de Santa Bárbara	9
	Parcel	7
	Ponta de Agasipe	9
	Rio da Paraíba	8
	Rio das Caravelas	7
	Serra de Guarapari	7
	Serra do Rio Doce	6
Reis Magos (serra)	6	
1670	Aldeia de Nossa Senhora da Assunção	1



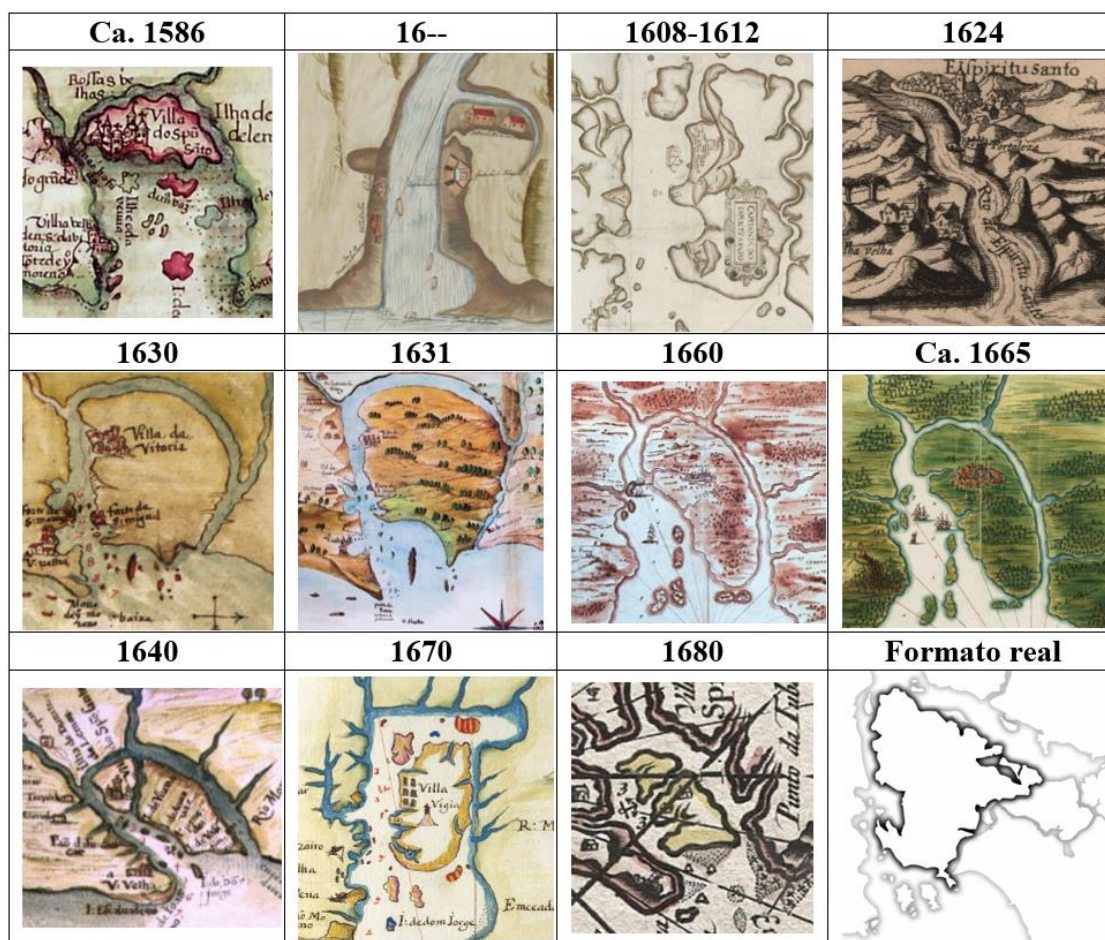


Figura 14: Evolução do formato da ilha de Vitória

Como complemento para as figuras acima, reuni as informações de dimensões e escalas de todos os mapas. Com esses dados foi possível determinar que as escalas dos mapas de Vitória variam de ca. 1:25000 a ca. 1:240000. A maior escala é encontrada no mapa da *Real Academia de la Historia*, que também é o de maiores dimensões. Isso explica o seu alto número de topônimos e o grande detalhe no desenho das vilas, nos contornos das ilhas, entre outros, novamente diferente do que é encontrado nos demais mapas .

Analisando a região ao sul de Vitória, vemos que em 1631, há mapas de dimensões maiores, com escalas maiores também, o que não se repete nos mapas da região ao norte de Vitória. Isso acontece porque o mapa de 1631, assim como os anteriores (da *Razão do Estado do Brasil*), abrange uma área maior que a vista nos mapas seguintes – que dividem praticamente a mesma região em dois mapas diferentes. Assim, de 1640 em diante, nos mapas que vão de Vitória ao rio Doce as escalas variam de ca. 1:420000 a ca. 1:590000, enquanto que, nos mapas que vão do rio Doce à Ponta de Agasuipe, as escalas são de ca 1:590000 a ca 1:700000.



Tabela 9: Dimensões e escalas dos mapas do Espírito Santo.

Ano	Vitória	Sul de Vitória	Norte de Vitória	Norte do Rio Doce
ca. 1590	10,30x16,50 cm. [Escala ca 1:225 000]			
16--	29,5 x 40,5 cm. [Escala ca 1:125 000]			
1608-1612	55 x 82 cm [Escala ca 1:25 000]			
ca. 1616			41x56 cm [Escala ca 1:420 000]	
ca. 1624	20,5x31,1 cm			
ca. 1626			42x56,3cm [Escala ca 1:420 000]	
ca. 1627			41,3x58,7cm [Escala ca 1:420 000]	
1630	11,4x10cm [Escala ca 1:190 000]			
1631	44,5x67,5cm. [Escala ca 1:240 000].	44,5x67,5cm. [Escala ca 320 000].	44,5x67,5cm. [Escala ca 1:300 000].	
1640		23,5x37,5cm. [Escala ca 1:480 000].	23,5x37,5cm. [Escala ca 1:250 000].	23,5x37,5cm [Escala ca 1:600 000].
1640		23,5x37,5cm. [Escala ca 1:480 000].	23,5x37,5cm. [Escala ca 1:250 000].	23,5x37,5cm [Escala ca 1:600 000].
1640		23,5x37,5cm. [Escala ca 1:480 000].	23,5x37,5cm. [Escala ca 1:250 000].	23,5x37,5cm [Escala ca 1:600 000].
1642		37,10 x 22,90 cm. [Escala ca 1:617 000].	37,00 x 22,80 cm [Escala ca 1:280 000].	37,00 x 22,80 cm. [Escala ca 1:680 000].
1646		29,80 x 42,50cm. [Escala ca 1:590 000].	29,80 x 42,00cm. [Escala ca 1:590 000].	30,00 x 43,00cm. [Escala ca 1:590 000].
ca. 1660	42,5x57,8cm. [Escala ca. 1:35000].			
ca. 1665	41x59cm. [Escala ca. 1:35000].			
ca. 1666		22,4x35,6cm. [Escala ca 1:580 000].	22,4x35,6cm. [Escala ca 1:280 000].	22,4x35,6cm. [Escala ca 1:700 000].
ca. 1666		23 X 36 cm. [Escala ca 1:550 000].	23 X 36 cm. [Escala ca 1:290 000].	23 X 36 cm. [Escala ca 1:680 000].
ca. 1670		22x36cm. [Escala ca. 1:550 000].	22x36cm. [Escala ca. 1:260 000].	22x36cm. [Escala ca. 1:600 000].
ca. 1675		22x33,5cm. [Escala ca. 1:600 000].	22x33,5cm. [Escala ca. 1:300 000].	22x33,5cm. [Escala ca. 1:650 000].
ca. 1680			51,5x58,5cm. [Escala: ca. 1:1 6000 000].	

Percebe-se, por exemplo, que, nos mapas que mostram a região ao norte de Vitória, a escala utilizada depois de 1640 é consideravelmente maior que a utilizada antes – chega a haver um salto de ca. 1:420000 (1616) para ca. 1:250000 (1640), o que também é capaz de explicar por que os mapas mais antigos não mostram detalhes das vilas, indicadas apenas como “Espírito Santo”, enquanto os mais recentes trazem diversos topônimos e são mais precisos no formato da ilha principal e de suas proximidades.

Tudo isso leva em consideração principalmente os mapas portugueses, já que há apenas um mapa holandês a mostrar toda a capitania, e isso ainda é feito de maneira

diferente da utilizada pelos cartógrafos da família Teixeira. Abaixo, comentarei sobre esses mapas e suas semelhanças com a cartografia portuguesa.

## 6.2 UMA POSSÍVEL GENEALOGIA DOS MAPAS

Comentei anteriormente como a cartografia holandesa se estabeleceu sob influência da cartografia ibérica, tendo copiado mapas portugueses e utilizando-os como base para a sua cartografia do ultramar. Aqui ainda cabe complementar afirmando que Cortesão também chamou atenção para isso em sua *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Segundo ele, Marcgraf, Vingboons e Van Keulen utilizaram protótipos portugueses, atribuídos aos Teixeira, para construir seus mapas do Brasil<sup>473</sup>.

No caso do Espírito Santo, os mapas vistos aqui foram feitos exatamente no período da Guerra Luso-Holandesa em que o Brasil esteve em voga: a partir da conquista de Salvador em 1624 (ano da perspectiva do Espírito Santo no Reys-Boeck) até a assinatura da paz em 1663 (período dos mapas de Vingboons). Esses dois cartógrafos destacam a entrada da baía de Vitória, os acidentes geográficos, ilhas, profundidades, mas sem precisão na informação sobre suas vilas. Eles não parecem ter tido acesso ao mapa de Luís Teixeira, que traz muitas informações importantes da região, mas talvez a algum dos textos sobre o Brasil escritos entre os séculos XVI e XVII<sup>474</sup>.

Apenas o mapa de Van Keulen foi feito depois disso e, curiosamente, é o único a trazer informações de toda a costa do Espírito Santo, compliando as informações reunidas durante o período holandês no Brasil, diferenciando-se inclusive dos mapas portugueses, que, a partir de 1631, sempre trazem a Capitania do Espírito Santo dividida em 3 mapas consecutivos.

---

<sup>473</sup> “Concluimos igualmente que Marcgraf e Vingboons, o primeiro na carta da “Bahia de Todos os Sanctos”, o segundo, nas suas cartas do Nordeste brasileiro, utilizaram um protótipo ou protótipos portugueses [atribuíveis aos Teixeiras], com o mesmo sinal convencional para localizar os currais; e que a Carta Nova de Marcgraf, fragmentada na obra de Barleus, obedece também a um protótipo português, mas de traçado menos evoluído, quando comparado com o que foi utilizado por Vingboons. Além disso, outras cartas deste atlas ou a ele alheias, publicadas por Wieder, denunciam ainda a utilização de mais dois atlas portugueses, acrescentando-se que também no Atlas de Joannes van Keulen há várias cartas copiadas de um atlas daquela mesma origem”. Cortesão, 1957, pp. 41-42.

<sup>474</sup> Por exemplo, Ronald Raminelli escreve que “Francisco Adolfo de Varnhagen localizou dezenas de versões parciais” manuscritas do Tratado descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa “em arquivos de Portugal, Brasil, Espanha e França, o que demonstra o valor do memorial” e a mobilidade de suas informações ainda no período moderno. Raminelli, 2008.

Pensando nisso, e utilizando as informações das tabelas acima, cheguei à conclusão de que os mapas holandeses a mostrar apenas a ilha de Vitória não trazem topônimos novos: todos eles apareceram antes em um mapa português.

Comparando os topônimos de toda a costa do Espírito Santo em diferentes mapas (1640, 1670 e 1680), é possível concluir que Van Keulen provavelmente utilizou informações principalmente da *Descrição de todo o maritimo da terra de Santa Crvz*, de Albernaz, o Velho. De lá viriam os topônimos dos engenhos ao redor de Vitória, o “abrolho” na entrada da baía. Mas também parece haver alguns dados vindos de obras posteriores, como a “Lagoa de grande piscaria”, diferenciando-se da “abundancia de peixe” vista no mais antigo.

Tabela 10: Evolução dos principais topônimos de Vitória

Elementos Comparativos	1585-90	16--	1608-12	1624	1630	1631	1660	1665
<b>Penedo</b>	Penedo grande	Pam de Asucar	Pão d asucar			Paõ da sucar		
<b>Forte de São Marcos</b>		[Redu?]	forte		forte de são marcos	forte de São Marcos		
<b>Vila Velha</b>	Vilha velha de nossa Senhora da vitória	Villa Velha	Uilla velha	Vila velha	Vila uelha	Vila uelha		
<b>Ermida de Nossa Senhora da Penha</b>		Nossa Senhora da Pena	nossa senhora da pena			Nossa Senhora da pena	Nossa Senhora de Puna	Nossa Senhora de Puna
<b>Vila de Vitória</b>	Villa do Spiritu Santo	Sittio da Villa da V[itória?]		Espiritu Santo	Villa da Vitoria	Villa da vitoria	O Spirito Sancto	O Spirito Sancto
<b>Morro do Moreno</b>	Monte de Yoão moreno				Morro de yoão moreno	ponta da Barra ou Morro de Joaõ moreno		
<b>Forte de São Miguel</b>		Forte de São Miguel	sorte [sic]		forte de são miguel	Forte de São Miguel		
<b>Ponta de Tubarão</b>	Ponta do tubarão	Ponta do Tubaraõ			ponta do Tubarão	Ponta do tubaraõ	Ponta de Tobitaron	Ponta de Tobitaron

Tabela 11: Evolução dos topônimos do Espírito Santo

<b>Origem</b>	<b>Português</b>	<b>Holandês</b>	
<b>Elementos Comparativos</b>	<b>1640</b>	<b>1670</b>	
	<b>1640</b>	<b>1680</b>	
<b>Cabo de São Tomé</b>	Cabo de São thome. onde acaba a Capitania de Pero de Gois, e Entra a do Spirito Santo	Cabo de Saõ Thome	Cabo <i>São</i> Thome
<b>Parcel</b>	Parçel que bota sinco legoas ao mar	Pacel que bota Sinco Legoas ao Mar	Parcella
<b>Lagoa da Paraíba</b>	Parayba, tem abundancia de Peixe; Aqui nem barcos podem entrar	Lagoa Peraiba de grande pescaria	Lagoa de Grande Piscaria
<b>Rio da Paraíba</b>	Neste Rio Entraõ os barcos que vaõ pescar nesta Lagoa da parayba...	Rio Pera barcos	Rio de Paraiba
<b>Monte Aghá</b>	Monte Aga	Monte Aga	Monte Aga
<b>Barreiras Vermelhas</b>	Barreiras Vermelhas	Barreiras Vermelhas	Barreyras Vermelhas
<b>Rio Reritiba</b>	Rio Iiritiba onde surgem caravellas	Rio Iiritiba aonde Surgem Carauellas	Rio Jrutyba
<b>Serra de Guarapari</b>	Serra de Goropary	Serras de Goropary	
<b>Ilhas de Guarapari</b>	Ilhas de Goropary	<i>Ilhas</i> de Goropary	<i>Ilhas</i> de Guaropary
<b>Engenho de Marcos Fernandes Monsanto</b>	Engenho de Marcos <i>Fernandez</i> de Monsando	Emgenho	
<b>Guarapari</b>	Goropary	Goropary	Guaropary
<b>Ponta da Fruta</b>	Casa da fruta	Caza da Fruta	Casa Trenta
<b>Ilha Escalvada</b>	Escaluada	<i>Ilha</i> Escalvada	
<b>Morro do Moreno</b>	Morro de Ioaõ Moreno	Morro de Ioaõ Moreno	Mora de Iuan de Marena
<b>Vila de Vitória</b>	Villa do Spirito Santo	Villa	Villa de <i>Santa</i> Porta
<b>Abrolhos</b>	Abrolho	Vigia	Abreolho
<b>Ponta de Tubarão</b>	Ponta do Tubaraõ	Ponta do Tubaraõ	Punto da Tubaraon
<b>Penedo</b>	Pão dasucar	Pão daSucar	
<b>Vila Velha</b>	Vila Velha	Villa Velha	Villa Ilha
<b>Engenho de Leonardo Froes</b>	De leonardo froes		Leonhardo Froes
<b>Engenho de Francisco de Aguiar</b>	De francisco de aguiar		Francisco de Agur
<b>Trapiche</b>	Trepiche		Trepice
<b>Engenho de Azeredo</b>	Do Azeredo		Azaredo
<b>Ilha Escalvada</b>	<i>Ilha</i> escaluada	<i>Ilha</i> Escaluada	<i>Ilha</i> Calvada
<b>Rio Maruípe</b>	Rio Moroype	R Moroipe	
<b>Enseada de Areia</b>	enseada darea	Emceada de Areya	Enceada de Areya
<b>Ilha de Dom Jorge</b>	Ilha de Dom Jorge	<i>Ilha</i> de dom Jorge	<i>Ilha</i> de Don Iurga
<b>Rio das Barreiras</b>	Rio das barreiras		Rio dos Borreyras
<b>Mestre Álvaro</b>	Serra de Mestaluaro	Serra do Mestre Aluoro	Serra Mestra Lunare
<b>Aldeia dos Reis Magos</b>	Aldea dos Reys magos	Aldeya dos Reis Magos	Aldea dos Reys Magos
<b>Reis Magos</b>	Reys Magos	Reis Magos	Monte Reys Magos
<b>Rio Doce</b>	Rio doce	Rio dose	Rio Doce
<b>Ponta do Rio Doce</b>	Ponta do Rio Doçe	Ponta do Rio dose	Punto de Rio Doce
<b>Rio dos Reis Magos</b>	Rio dos Reis magos	<i>Rio</i> dos Reis Magos	Rio dos Reys Magos
<b>Serra do Rio Doce</b>	Serra do Rio Doçe	Serra do Rio dose	
<b>Rio Cricaré</b>	Rio Coruroipe	<i>Rio</i> Cororoipe	Rio Quororupa
<b>Rio Peruípe</b>	Rio Peruipe	<i>Rio</i> Peroype	Rio Parupa
<b>Rio Mucuri</b>	Rio Peçuipe	<i>Rio</i> Pecuype	Rio Parnipa
<b>Rio Caravelass</b>	Rio das Caravelas	<i>Rio</i> das Carauellas	Rio das Caravelas
<b>Ponta da Baleia</b>	Ponta de Agasuýpe	Ponta de Agasuipe	Punto de Agusypa
<b>Canal</b>	Este Canal tem doze Legoas de Largo	Canal Grande	de Kleyne Canaal
<b>Ilha de Santa Bárbara</b>	Ilha de Santa barbora	Ilhas de <i>Santa</i> Barbora	Ilha de <i>Santa</i> Barbora
<b>Abrolhos</b>	Abrolhos	Abrolhos	Punto de Abreolhos

Já entre os cartógrafos portugueses, João Teixeira Albernaz, o Moço, de certo modo, apenas repetiu o que seu avô já havia feito, nos mesmos limites e com o mesmo estilo. O avô, Albernaz, o Velho, apesar de inovar e ser o verdadeiro responsável pela ampliação do mapeamento do Espírito Santo e de todo o Brasil, buscou em seu pai, Luis Teixeira, muitas informações e aprendeu com ele seu estilo cartográfico, de modo que tudo começa, sem dúvidas, com o primeiro mapa do Espírito Santo, feito ca. 1590.

Para entender melhor como se deu a criação dessa produção cartográfica durante o século XVII e entender a sua genealogia, desenhei as árvores que podem ser vistas abaixo.

A primeira delas tem como objetivo mostrar a relação entre todos os mapas da ilha de Vitória apresentados aqui. Acredito que não é possível dizer que os quatro mapas mais antigos tenham utilizado mapas anteriores como base – pelo menos não um que tenhamos conhecimento. Os mapas de Albernaz certamente foram influenciados pela obra de seu pai, ainda que claramente a tenha atualizado tanto o desenho quanto os topônimos. Por isso, aparecem no esquema como uma linha evolutiva. Já os mapas de Vingboons, apesar de não trazer nada de diferente, quando comparado aos mapas portugueses, é difícil apontar uma origem específica, e por isso não há uma ligação com os demais mapas, ficando ao final do esquema por uma questão cronológica.

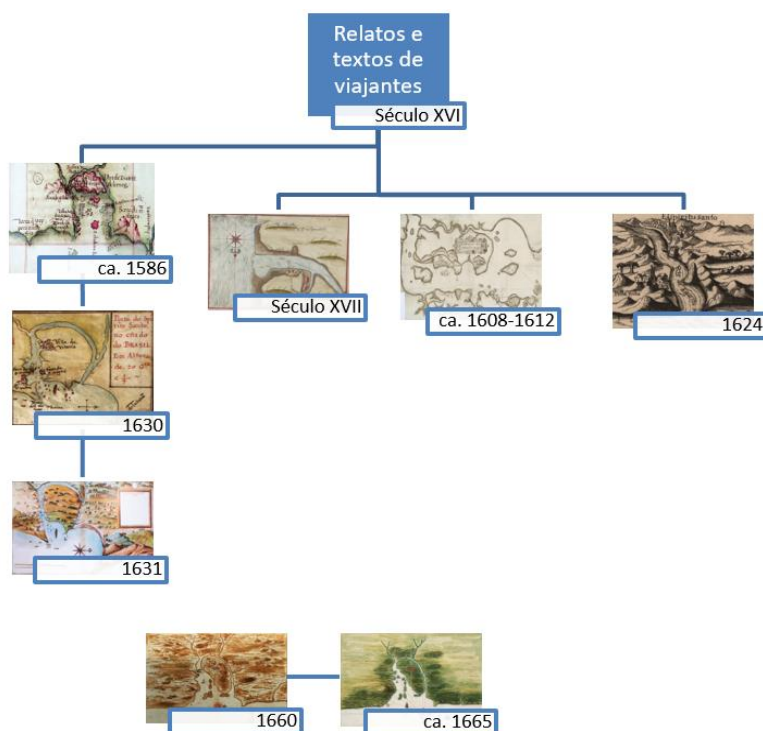


Figura 15: Genealogia dos mapas da ilha de Vitória

Na segunda figura, mostra-se a genealogia dos mapas portugueses desde o mais antigo, de Luis Teixeira, até 1640, o momento em que todo o território da capitania é cartografado. Não só os primeiros mapas do século XVII (cópias de um mesmo original) são um claro avanço em relação ao anterior, como os de 1631 também são um importante passo à frente quando comparado à *Razão do Estado do Brasil*, ampliando a área mapeada e atualizando o mapa de Vitória. Mas é em 1640 que Albernaz encontra o formato que será utilizado pelo restante do século.

No esquema, portanto, os mapas da *Razão do Estado* aparecem como posteriores ao mapa de Luís Teixeira, mas sem uma ligação direta, apesar de termos visto no terceiro capítulo que João Teixeira Albernaz teria contado com a ajuda de seu pai para concluir os mapas do livro: é claro que poucas das informações do Roteiro de fato passam para os primeiros mapas de Albernaz, que tem um objetivo diferente.

As ligações entre os mapas da *Razão do Estado* e os do *Estado do Brasil* (1631) e das *Descrições* (1640) se dão pelo fato de serem do mesmo autor e com semelhança incontestável nas representações. O único que se diferencia, entre esses, é o mapa da ilha de Vitória (1631), que não está neste esquema, e sim no anterior, por vir diretamente do quadro encontrado no *Atlas Hidrográfico*.

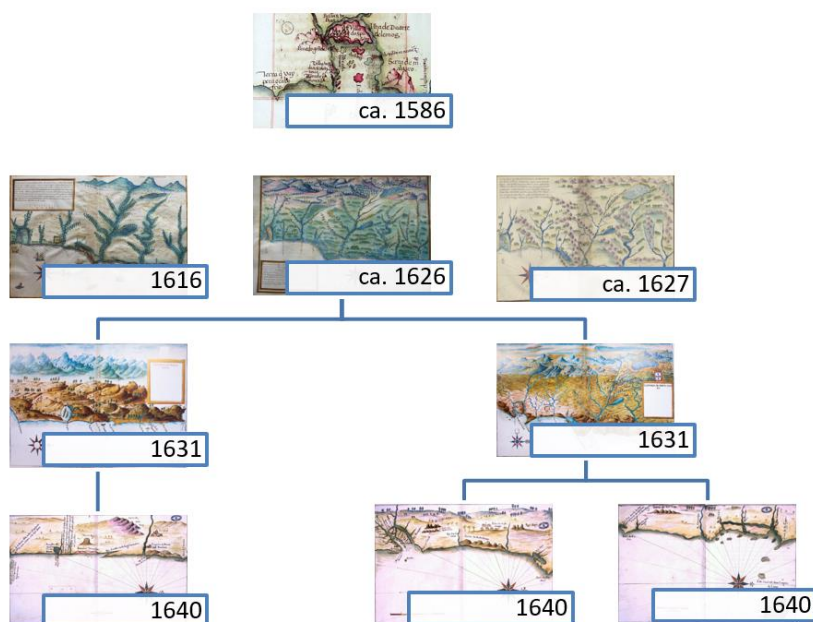


Figura 16: Genealogia dos mapas de ca. 1590 a 1640

Por fim, a terceira figura mostra como os demais mapas portugueses são feitos de 1640 em diante. A partir do original de 1640 sabemos haver diversas cópias (duas delas

apresentadas aqui) e que os mapas posteriores de 1642 e 1646 são baseados diretamente nele. Os demais mapas (1666 a 1675) tem a mesma origem e, apesar de assinados por outro cartógrafo (Albernaz, o Moço), são muito semelhantes aos anteriores, com poucas alterações.

O último mapa que vemos aqui, do holandês Van Keulen, parece encontrar seus topônimos na obra de 1640, como comentado acima. Entretanto, é impossível dizer com certeza que ele foi fruto direto das obras portuguesas. Assim, ele aparece no esquema, mas sem uma conexão, estando ao final da imagem por uma questão cronológica.

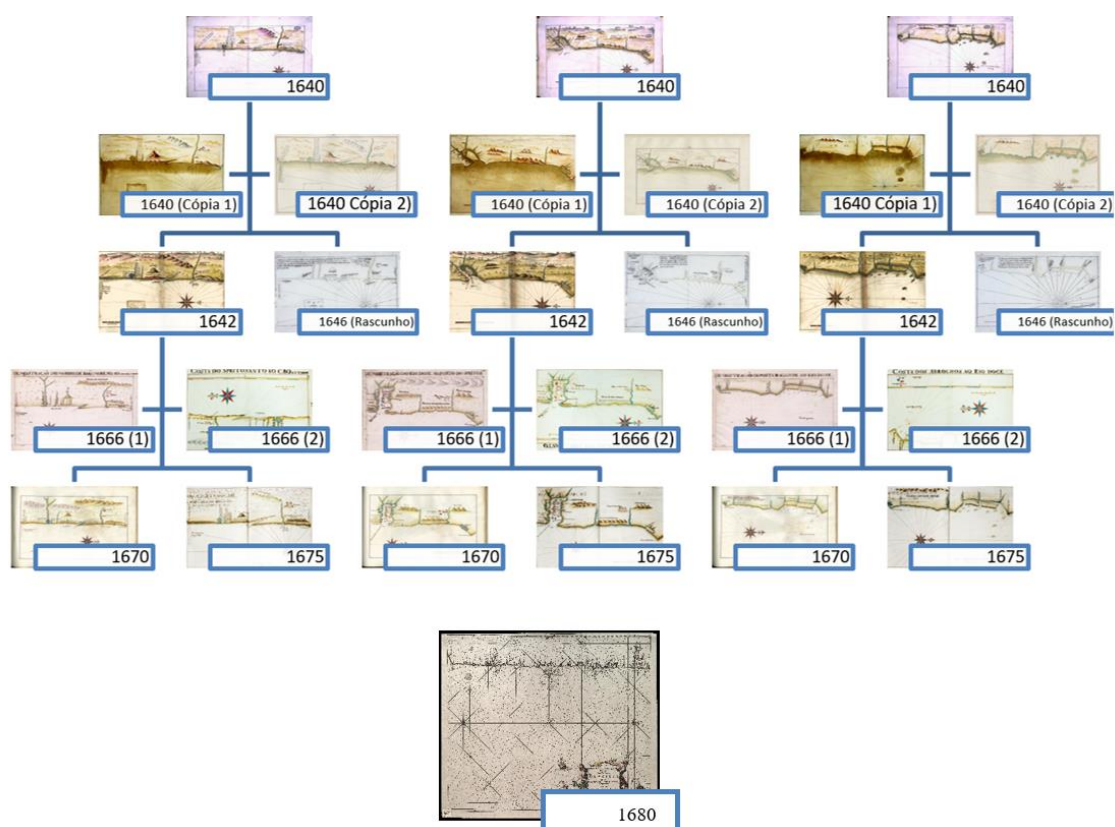


Figura 17: Genealogia dos mapas de 1640 a 1680.

Durante o século XVII, dominado pela família Teixeira, o traçado da América portuguesa praticamente não se alterou. E isso aconteceu tanto para o bem quanto para o mal: dados incorretos se repetiram em diversos mapas, mas a construção da sequência de mapa permitiu que cada cartógrafo adicionasse mais informações a cada oportunidade.

Quanto à Capitania do Espírito Santo, o mapa de Luís Teixeira mostra as vilas de Vitória e do Espírito Santo, as ilhas doadas em sesmarias, elementos do relevo nas proximidades, como o Morro do Moreno e a serra do Mestre Álvaro. Durante os cerca de 56 anos seguintes de mapeamento, vimos mais detalhes surgirem nessas vilas: suas igrejas, principalmente, apareceram em destaque, e uma planta com suas ruas e edifícios.

Informações sobre a profundidade do canal, o traçado dos canais, as fortalezas que protegiam ambos os lados da entrada da baía e muito mais.

Nas primeiras décadas do século XVII, os mapas expandiram seu território de Vitória para o norte, até a altura do rio Mucuri. Destacaram mais uma vez a presença dos religiosos na capitania, no rio dos Reis Magos, e caminhos para o interior. Mostraram animais marinhos, riquezas minerais e os principais rios da costa. Deles, falaram sobre a navegabilidade. Dos territórios, escreveram sobre as riquezas vegetais e as possibilidades de estabelecimento de colonos, engenhos e vilas.

Até 1631, colocaram o porto do Espírito Santo em destaque, aprimoraram o desenho de sua principal ilha e de toda a entrada para a capitania. Fizeram mapas com escalas cada vez maiores da região, permitindo o desenho de detalhes.

O passo seguinte foi expandir o seu território novamente, desta vez de Vitória para o sul. De uma região que antes conhecíamos apenas o caminho “*que vay pera o cabo frio*”, passamos a conhecer a geografia: os rios como Itapemirim e Reritiba, e as ilhas mais importantes (a Escalvada e a dos Franceses) até o Cabo de São Tomé. Aos poucos, essa região foi preenchida com a presença dos portugueses: em Guarapari, com o engenho de Marcos Monsanto; e ali e também na altura do Reritiba, aldeias jesuíticas passam a ser representadas por símbolos de edifícios e igrejas.

A última expansão do território se dá novamente ao norte, com mapas que passaram a cobrir do rio Doce até a Ponta da Baleia (antes, ponta de Agasuipe) e os Abrolhos. Essa região nunca pertenceu ao Espírito Santo, mas como aparece em um mapa separado (e, a partir de 1640, o Espírito Santo passa a se esticar por três mapas diferentes), permite que toda a área dali para o sul fosse pintada com mais detalhes.

Por outro lado, algumas coisas que estavam lá desde o começo desaparecem com os anos. Os próprios mapas focados apenas na ilha de Vitória, por exemplo, dos quais vimos cinco até 1631, deixam de fazer parte dos conjuntos de mapas portugueses em seguida – apenas o holandês Vingboons pinta um desses mapas na década de 1660.

Isso afetou uma série de informações normalmente vistas naquela região. Os nomes das ilhas menores próximos a Vitória, relacionados às primeiras sesmarias doadas por Vasco Fernandes Coutinho, desaparecem depois de 1642, com alguma exceção – possíveis sinais de um Espírito Santo que evoluía e envelhecia, perdendo as características de meados do século XVI.

Este é também o último a pintar um caminho para os principais elementos fantásticos da história do Espírito Santo Colonial: a Serra das Esmeraldas e a lagoa



Eupana não são mais vistas por todo o século XVII. Lugares que faziam parte da cultura e do conhecimento dos colonos portugueses na América, tanto a serra quanto a lagoa tornaram-se tão reais quanto puderam, aparecendo nas cartas e nos mapas do período como uma realidade – acreditava-se, de fato, em sua existência, brigava-se pela patente para a realização de sua busca e lamentava-se o fato de não terem sido encontradas<sup>475</sup>.

Um levantamento feito com os topônimos que aparecem em todos os mapas da Capitania do Espírito Santo desde o final do século XVI ao final do XVII<sup>476</sup> mostra de forma bastante clara que foi até um dos últimos trabalhos de João Teixeira Albernaz, o Velho (datado de 1640), que a grande maioria dos topônimos foi inserida nos mapas da região. Depois disso, apenas dois topônimos são realmente inseridos,

Em Portugal, a década de 1660 foi dedicada aos mapas da fronteira luso-espanhola. A Guerra da Restauração levou à grande produção de mapas do Portugal continental. Alguns desses continuaram a ser feitos nas décadas seguintes e obtiveram “especial difusão através da imprensa”, os poucos mapas militares e políticos que chegaram a ser impressos em Portugal<sup>477</sup>. Os interesses da cartografia migraram do Brasil para a Europa, e as grandes obras cartográficas da América portuguesa desapareceram.

### 6.3 A PRESENÇA INDÍGENA NA CARTOGRAFIA DO ESPÍRITO SANTO

Acredita-se que a cartografia colonial do Brasil apresenta uma visão do colonizador: com o objetivo direto de excluir os indígenas da cartografia, ou facilitada pela característica nômade dos índios americanos, que se afastaram das regiões tomadas pelos colonos, os cartógrafos e seus patronos teriam ignorado a presença indígena na América portuguesa.

Muitas vezes os índios parecem simplesmente ausentes da cartografia. Historiadores defendem que a criação desses vazios demográficos, destacados nos mapas coloniais, era incentivo direto para a ocupação dessas terras por colonos portugueses que enfrentaram, durante séculos, a resistência indígena.

---

<sup>475</sup> Ver Reis, F. P. (2013). A Serra das Esmeraldas [recurso eletrônico]: cartografia, imaginário e conflitos territoriais na Capitania do Espírito Santo (Séc. XVII). Braga: Escrytos.

<sup>476</sup> O levantamento limitou-se à região em que normalmente a capitania se defina na cartografia portuguesa: do Cabo de São Tomé ao sul, até a Ponta de Agasuipe, ao norte. Ele também evitou alguns topônimos que não aparecem mais de uma vez.

<sup>477</sup> Alegria et al., 2012, p. 244.

“Como em um passe de mágica, as exuberantes florestas habitadas pelos índios tornaram-se, com a chegada do colono europeu, florestas vazias de gente”, escreve Vânia Moreira, “graças ao poder imagético do conceito de ‘vazios demográficos’”<sup>478</sup>. Isso teria ajudado a criar a ideia de que havia no Brasil um espaço que era completamente desocupado, o que justificava outra ideia: a de que eles, os europeus, tinham o direito e o dever de ocupar a região.

Costa e Ratts, ao estudar representações indígenas na cartografia colonial do Brasil central destacam o “vazio demográfico” nos mapas portugueses<sup>479</sup> e também Guerra e Santos escrevem sobre o assunto, afirmando que, “no *Estado do Brasil*, mais do que a presença, é a ausência da representação do índio que chama a atenção”<sup>480</sup>. Quase com as mesmas palavras, as duas autoras retomam o assunto em outro artigo, desta vez, porém, admitindo sua presença através da toponímia e de “notas explicativas” em alguns dos mapas<sup>481</sup>.

Tiago de Oliveira afirma que “os conhecimentos dos ameríndios sobre o território foram ignorados pela cartografia europeia” e que eles “foram privados de sua representação territorial e da autoridade que seus conhecimentos tinham sobre o espaço”, mas no mesmo artigo mostra como seu conhecimento cartográfico foi sim incorporado pela cartografia europeia<sup>482</sup>.

Para a cartografia, a omissão de algo é tão importante quanto qualquer coisa presente em um mapa. É algo concreto, escreve Harley, “mais do que a mera ausência de alguma coisa”<sup>483</sup>. O que não é tão simples é saber quando a omissão foi deliberada, planejada, e quando ela foi algo que passou despercebido até mesmo para responsáveis pelo mapa. J. H. Andrews, na introdução a *The New Nature of Maps*, questiona até onde é válido esse posicionamento de Harley, principalmente sobre a ausência de nativos na cartografia europeia: será que o mapa é vazio porque o cartógrafo escolheu não incluir as informações, ou porque ele não sabia delas?<sup>484</sup>.

---

<sup>478</sup> Moreira Losada, 2001, p. 100.

<sup>479</sup> Costa, K. G. & Ratts, A. J. P. (2014). Representações indígenas na cartografia colonial do Brasil central. *Revista OKARA: Geografia em debate*, 8(2).

<sup>480</sup> Guerra, A. E. & Santos, M. M. D. (2008). O Atlas Estado do Brasil: Um Olhar sobre a América Colonial. *Revista Brasileira de Cartografia*, 60(03), p. 297.

<sup>481</sup> Guerra, 2009.

<sup>482</sup> Oliveira, T. K. D. (2014). Descontruindo mapas, revelando espacializações: reflexões sobre o uso da cartografia em estudos sobre o Brasil colonial. *Revista Brasileira de História*, 34(68), p. 162.

<sup>483</sup> 2001, p. 86.

<sup>484</sup> . Nas palavras do próprio Andrews, “O cartógrafo quer dizer ‘aqui está uma área da qual eu não sei nada’ ou ‘o que desqualifica essa área para aparecer no meu mapa é o fato de que seus habitantes são não-europeus cuja terra meus conterrâneos irão desapossar?’” Andrews, 2001, p. 17.

Apoiando-me na ideia de Andrews e nas informações que apresentei neste trabalho, afirmo que os indígenas estão sim presentes nos mapas e houve uma forte comunicação da presença indígena através dos topônimos na cartografia do Brasil colônia, ao contrário do que muitos defendem.

Muitos dos nomes, como pode ser visto nos mapas, têm origem indígena e foram incorporados pelos portugueses. Em outro levantamento feito com os topônimos de todos os mapas estudados nesse trabalho, foi possível definir a quantidade de topônimos indígenas e aqueles em língua portuguesa. Como mostra a tabela, das 19 obras apresentadas aqui (contabilizando um total de 41 mapas da Capitania do Espírito Santo), apenas cinco não têm qualquer topônimo indígena.

Para esclarecimento, estabeleço como topônimo indígena aquele que tem origem na língua geral brasileira. Como os próprios colonos também utilizavam a língua geral, pode ser que alguns desses topônimos tenham de fato se originado dos próprios portugueses. Entretanto, o objetivo aqui é mostrar exatamente a influência indígena na toponímia, e um topônimo na língua geral, independente se sua origem é de fato dos nativos ou dos colonos, mostra como a cultura indígena influenciou a cartografia.

Tabela 12: Topônimos indígenas e portugueses nos mapas do Espírito Santo.

	Nome	Data (ca.)	Total de topônimos	Topônimos em português	Topônimos Indígenas	%
1	Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, alturas e derrotas que ha na costa do Brasil...	1586	16	16	0	0,0%
2	Atlas de las costas y de los puertos de las posesiones portuguesas en América y África	[16--]	9	9	0	0,0%
3	Mapa de autoria desconhecida	1608-1616	24	20	4	16,7%
4	Rezão do Estado do Brasil...	1616	16	10	6	37,5%
5	<i>Reys-boek van het rijke Brasilien...</i>	1624	4	4	0	0,0%
6	Livro qve da rezaõ do Estado do Brasil...	1626	15	9	6	40,0%
7	Livro em que se mostra a descripção de toda a costa do Estado do Brasil...	1627	15	9	6	40,0%
8	Taboas geraes de toda a navegação...	1630	7	7	0	0,0%
9	Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias...	1631	46	37	9	19,6%
10	Descripção de todo o maritimo da terra de S. Crvz... (Lisboa)	1640	55	44	11	20,0%
11	Descripção de todo o maritimo da terra de S. Crvz... (Rio de Janeiro)	1640	50	40	10	20,0%
12	Descripção de todo o maritimo da terra de S. Crvz... (Lisboa)	1640	55	44	11	20,0%
13	Descripção de toda a costa da Provinsia de santa Cruz...	1642	57	47	10	17,5%
14	[Atlas da costa do Brasil]	1646	49	40	9	18,4%
15	[Atlas Vingboons] (Pernambuco)	1665	5	5	0	0,0%
16	[Atlas Vingboons] (Holanda)	1665	5	5	0	0,0%
17	[Atlas do Brasil]	1666	45	40	5	11,1%
18	Livro de toda a Cos ta da provincia santa crvz...	1666	43	35	8	18,6%
19	Livro da descripção de toda a costa do estado do Brasil...	1670	39	30	9	23,1%
20	Livro da descripção de toda a costa do estado do Brasil...	1675	45	36	9	20,0%
21	<i>De Grootte Nieuwe Vermeerderde Zee-Atlas ofte Water-Werelt</i>	1680	159	138	31	20,2%
Total			699	517	122	17,45%

Não só a maioria das obras (14) tem palavras nas línguas brasílicas, como esses topônimos representam cerca de 17,5% de todos os topônimos presentes nos mapas do Espírito Santo. Esse é um número considerável, e é possível ver como esse número chega a aumentar até 40% nos livros de Albernaz, o Velho, e também do Moço.

É verdade que nessa cartografia não vemos índios desenhados ou pintados nos mapas portugueses, mas há pelo menos um homem caricato no cartucho do mapa holandês de 1624: um índio de cocar e um saio de penas, posando próximo às riquezas produzidas nas colônias ultramarinas.

Esses mapas também não exibem nomes de grupos indígenas espalhados pelo continente, como é relativamente comum em mapas do Brasil colonial, mas é possível dizer que eles não estão ausentes: foram concentrados em aldeias e missões jesuíticas e “desapareceram” sob os telhados de seus edifícios religiosos.

Entretanto, não desaparecem. As missões marcam a presença tanto dos europeus quanto dos índios<sup>485</sup>. Apesar de os mapas regionais não terem o nome de grupos indígenas, algumas cartas gerais do Brasil, como a de Albernaz no livro de 1627 que está em Paris, mostram que no interior da colônia, na região do Espírito Santo e próximo à Serra das Esmeraldas, estão os tamoios.

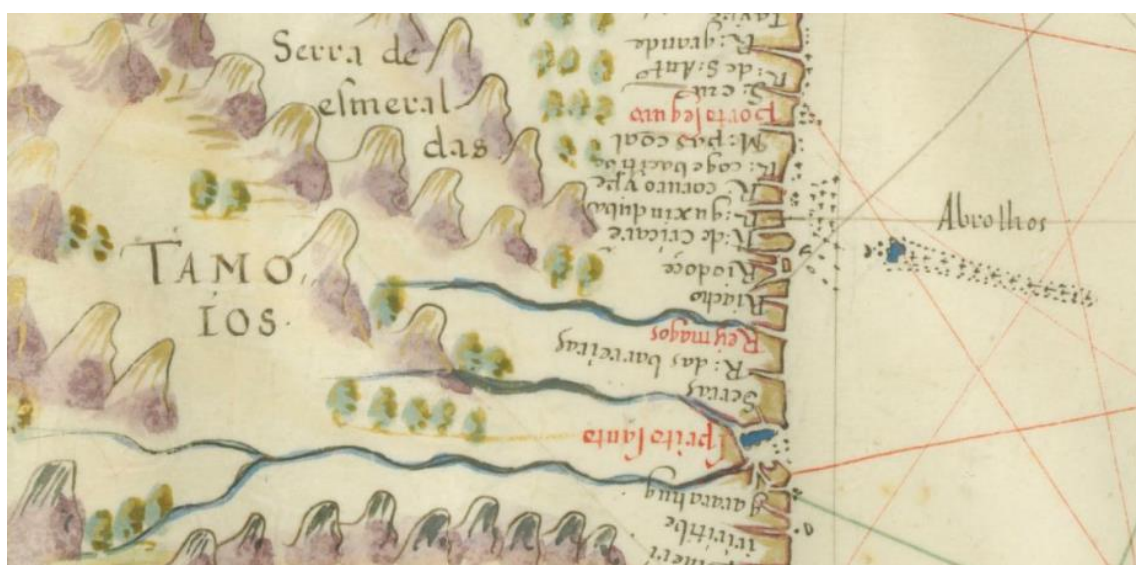


Figura 18: Detalhe da carta geral do Brasil, no livro de João Teixeira Albernaz, o Velho, ca. 1627.

Além disso, baseando-me em documentos da época, mostrei nos capítulos anteriores que a região do Espírito Santo era habitada por tupiniquins, quando os portugueses chegaram. Ao norte, próximo ao rio Doce, viviam os aimorés. Ao sul, os tamoios viviam no Rio de Janeiro, próximos à divisa com esta capitania, e para cá vieram os temiminós, fugindo dos tamoios, e passaram a ocupar regiões no sul e próximas as vilas de Vitória e do Espírito Santo.

E essa presença indígena não está apenas nos mapas, mas esteve de forma muito clara entre os religiosos e os colonos do século XVII. Frédéric Mauro escreveu que “foi como que *apesar do branco*”, avesso à assimilação dos elementos da cultura índia e negra, que houve a mistura entre as etnias então presentes no Brasil<sup>486</sup>. Hoje essa visão é

<sup>485</sup> Da mesma forma, os engenhos marcam também a presença dos escravos.

<sup>486</sup> Mauro, 1989, p. 273.

ultrapassada e vimos que o relacionamento entre colonos e índios foi essencial para a sobrevivência dos primeiros e para o mapeamento do território.

Por fim, a cartografia da Capitania do Espírito Santo não silencia o indígena. É impossível desmentir a importância do indígena para a cartografia da família Teixeira, principalmente a de João Teixeira Albernaz, o Velho e a do Moço: a presença dos topônimos, a existência das aldeias, o roteiro para as esmeraldas e outros elementos, como os relatos narrados pelos viajantes ou cronistas, deixam claro que, de uma forma ou de outra, as informações que os colonos reuniam dos índios chegavam para os cartógrafos.

Ao contrário do silêncio, a cartografia parece evidenciar que a presença do europeu está diretamente ligada ao elemento indígena. Essa relação permitiu que os portugueses expandissem os territórios controlados por eles e ganhassem algum conhecimento sobre regiões no sertão, onde tiveram dificuldades em todo o período colonial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma série de fatores foi responsável pelo mapeamento e representação cartográfica da Capitania do Espírito Santo no século XVII. A expansão portuguesa no século XV levou ao controle de diversos pontos da costa da África e da Ásia e aos grandes descobrimentos.

Essa expansão só foi possível graças ao desenvolvimento da cosmografia, o estudo do cosmos. As ciências cartográficas passaram por uma intensa evolução dos Quatrocentos até os Seiscentos, transformaram a orientação, antes feitas com meros roteiros escritos, no avançado sistema de projeção utilizando latitude e longitude, permitiram a representação do mundo de forma cada vez mais precisa e levaram os europeus para longe da Europa.

A descoberta do Brasil é um exemplo de como a astronomia náutica permitiu que os portugueses abandonassem a proximidade da costa e ganhassem os oceanos. No processo de expansão, Portugal utilizou as coordenadas para declarar o descobrimento e posse de regiões tão distantes que a Corte e o rei estavam impossibilitados de ver, mas com os mapas foram capazes não só de visualizar, como também de controlar essas regiões.

Os primeiros mapas deixaram claro a descoberta feita e, com o passar dos anos, a Terra de Santa Cruz ganhou diversos topônimos que se espalham pelo litoral. Viajantes, navegantes, colonos e aventureiros que ali estiveram nos primeiros anos fizeram descrições do Novo Mundo a partir de suas experiências e do conhecimento do indígena e seus textos foram levados para a Europa.

A Capitania do Espírito Santo estava entre as primeiras a serem doadas e foi ocupada e reconhecida junto com as demais. Nos primeiros anos do Brasil, os portugueses praticamente não visitaram as terras pertencentes à capitania, mas Vasco Fernandes Coutinho, a partir de 1535, abriu o caminho para que os colonos expandissem o conhecimento sobre a região.

Alguns anos se passaram antes desse conhecimento se tornar visual. Durante a maior parte do século XVI, o Espírito Santo não teve uma representação própria, um mapa regional dedicado apenas a ele. O primeiro mapa, da ilha de Vitória, foi feito apenas em ca. 1590 pelo cartógrafo português Luís Teixeira. Esse, como grande parte dos mapas estudados aqui foi feito durante o período da União Ibérica, e correspondeu à necessidade de controlar o império ultramarino português. Destaquei, no trabalho, como o mapa de

Teixeira utilizou como base textos do período, transformando-os em roteiro e mapa. Graças ao seu forte interesse por cartografia, foi no reinado de Filipe II que ela assumiu sua importância e força como fonte de poder e controle.

Luis Teixeira serviu de base, assim como textos da época, para toda a cartografia do século seguinte. Seu mapa é também um dos poucos a mostrar como o território colonizado do Espírito Santo se dividiu em sesmarias – as doações do período eram principalmente na forma de ilhas próximas à Vitória.

Outros cartógrafos se dedicaram a fazer mapas sobre a pequena região. Dois mapas de autoria e data desconhecidas mostram como já no século XVII tinha-se um bom conhecimento sobre a região. Um deles, nunca antes estudado e que está na *Real Academia de la Historia*, mostra as vilas da capitania em escala tão grande que se tornam uma demonstração impressionante e sem igual da região.

Também impressionante é a perspectiva da capitania presente no *Reys-Boeck*. Única representação no formato de vista de cidade, ou olho de pássaro, essa obra impressa é um indício dos interesses holandeses na região e do conhecimento detalhado que eles tinham da capitania. Esse é outro mapa que seguiu fontes textuais do período a fim de criar uma imagem da região, mas, como ficou claro, ele é, de maneira geral, genérico, com detalhes feitos de acordo com a imaginação de seu autor.

Todos esses mapas limitam-se às proximidades de Vitória. A expansão do território cartografado do Espírito Santo se deu a partir da década de 1610 e ocorreu primeiro em mapas portugueses. João Teixeira Albernaz, o Velho, foi o primeiro a retratar toda a região ao norte de Vitória, em seus livros do Brasil feitos entre 1612 e 1631. Os mapas se estendem até o rio Mucuri, passando por importantes regiões da capitania: a representação destacada da missão de Reis Magos, por exemplo, mostrou a importância dos jesuítas no Espírito Santo colonial. Os mapas e legendas de Albernaz chamam a atenção para locais onde construir engenhos, ou encontrar e rios navegáveis, mostrando o avanço do reconhecimento do litoral e os desejos de Portugal em ocupar essas regiões. Eles são ainda exemplos de como a fantasia estava próxima da cartografia: a lagoa mítica de Eupana e a lendária Serra das Esmeraldas, por exemplo, eram resultado da circularidade das crenças europeias e indígenas, que ganharam forma primeiro na literatura e, em seguida, nos mapas.

Nas obras de Albernaz fica claro como a presença do indígena era relevante para o colono. As lendas do sertão colonial surgiram da troca de cultura entre os dois povos, e eram tão reais para eles que ganharam forma na cartografia. Além disso, roteiros para o



sertão, como o de Marcos de Azeredo até as esmeraldas, só eram conhecidos pelos índios. Os colonos não eram capazes de fazer esses caminhos sozinhos e Azeredo é um exemplo disso.

O *Estado do Brasil*, de 1631, marcou a última expansão do território cartografado da Capitania do Espírito Santo. Ele foi o primeiro a pintar toda a região que vai de Vitória até o Cabo de São Tomé. Esse mapa, porém, pouco ou nada mostra ao leitor além dos topônimos do litoral, um sinal de que ainda havia muito a ser feito nos mapas da capitania.

A partir de 1640, os elementos fantásticos desapareceram da cartografia portuguesa. Feitos em um período de conflitos entre Portugal e Espanha – a Restauração aconteceu em dezembro de 1640 – os últimos mapas de Albernaz parecem mais preocupados com precisão e com a declaração de domínio sobre o Brasil.

Há grande semelhança entre todas as *Descrições* datadas entre 1640 e 1646. Neles, toda a área ao sul de Vitória foi revista e Albernaz adicionou informações sobre o povoamento da região, as pescarias e os destaques do relevo que eram comumente citados na literatura da época como marcos do litoral e utilizados por navegantes para o reconhecimento da região. Foi também nessas obras que Albernaz passou a limitar os mapas ao norte de Vitória na altura do rio Doce – uma consequência, na cartografia, da definição da fronteira entre Espírito Santo e Porto Seguro. Foi demonstrado que, na literatura, não há consenso sobre onde ficava a fronteira entre as duas capitanias, apesar de na cartografia esse limite ter sido definido relativamente cedo e não sofrer alterações em todo o século XVII.

Também o Atlas Vingboons mostra principalmente os arredores de Vitória. Feito por Johannes Vingboons em ca. 1665, traz apenas os detalhes mais gerais da capitania no mapa, que se destaca principalmente pelos navios espanhóis pintados na entrada das duas vilas da capitania – lembranças dos conflitos que envolveram Portugal, Espanha e Países Baixos na segunda metade do século XVII.

A proteção da capitania foi uma preocupação constante durante todo o século XVII, mas foi principalmente no século seguinte, com o descobrimento do ouro, que Portugal se dedicou à construção e restauração de suas fortificações. Mas os mapas holandeses e portugueses mostram muitas vezes os fortes de São Marcos e São Miguel, além de outros sem identificação, símbolos do trabalho português para proteger a colônia.

Essa preocupação não é tão visível nos últimos mapas portugueses da Capitania do Espírito Santo. Feitos por João Teixeira Albernaz, o Moço, os quatro livros foram datados entre 1666 e 1675, praticamente repetiram o trabalho do avô homônimo e pouco

acrescentaram à representação da capitania. Se destacam, por outro lado, pelo conjunto de cores utilizado e pela simplificação das pinturas. Eles ainda trouxeram de volta à cartografia alguns elementos vistos antes apenas no mapa de Luís Teixeira ou nos primeiros mapas de Albernaz, o Velho.

Talvez a obra mais impressionante dos últimos anos do século XVII seja um mapa holandês, presente no famoso *Zee-Atlas*, de ca. 1680. Nesse atlas, um dos mais importantes dos Seiscentos, o Espírito Santo tem a sua representação mais ampla em todo o século. O mapa regional vai desde o sul do Rio de Janeiro até o fim da capitania de Ilhéus. Focado no litoral, reúne grande número de topônimos da capitania. Entretanto, pouquíssimos deles são realmente novos: o cartógrafo replica topônimos das cartas portuguesas e, apesar do esforço, não é inovador.

A imagem do Espírito Santo, portanto, foi essencialmente concluída em 1640, assim como a imagem do Brasil, já que a *Descrição* de Albernaz de 1640 terminou o mapeamento de toda a costa da América portuguesa, um trabalho iniciado na década de 1670, quando Luís Teixeira partiu de Portugal a fim de juntar informações para o que viria a ser o *Roteiro de todos os sinais*. Foi inclusive até 1640 que a grande maioria dos topônimos foi adicionada à cartografia. Mapas posteriores limitaram-se a reproduzir o que já havia sido feito, “apenas com alguns retoques”<sup>487</sup>. Acredito que isso se deu pela mudança dos interesses na cartografia portuguesa após a Restauração, cujo foco “moveu-se para as próprias fronteiras de Portugal com a Espanha, e a atividade cartográfica se tornou principalmente domínio dos engenheiros militares”<sup>488</sup>. Essas seriam as razões para o declínio da cartografia do Brasil no final do século XVII.

Analisando todos esses mapas, concluí que um número considerável de topônimos da Capitania do Espírito Santo tem origem indígena. Isso, além da presença de várias aldeias jesuíticas e lendas baseadas em mitos com origens europeias e indígenas, mostram que o índio não está ausente na cartografia portuguesa. Na verdade, os mapas do Espírito Santo parecem trazer fortes indícios da presença dos índios, contrariando a crença no silêncio cartográfico, ou o vazio demográfico na região: são fazendas e aldeias jesuíticas mantidas pelos índios, é a própria sesmaria de reis magos, doada diretamente aos indígenas; é o roteiro para as esmeraldas, cujo caminho só teria sido possível para Marcos de Azeredo com a ajuda de um índio; são os diversos topônimos espalhados pela costa na língua brasílica. O índio, aparentemente, está em todo lugar.

---

<sup>487</sup> Ibid., p. 175.

<sup>488</sup> Alegria et al., 2007, p. 977.

O que esses mapas criaram, portanto, foi a imagem que a Europa teve dessa capitania durante todo um século de existência. A Capitania do Espírito Santo que a cartografia seiscentista cria se expande consideravelmente de 1580 a 1640, mostrando a constante ocupação de seus territórios por colonos, que mostra os engenhos e a produção econômica da região, a presença religiosa em suas igrejas e missões, além das viagens para o sertão, sempre graças à colaboração do indígena. Uma imagem da preocupação de Portugal com o domínio da região, das fortificações e da proteção contra a Espanha e a Holanda. Dos sonhos das riquezas minerais. Uma imagem que declara fronteiras, que aponta os rios navegáveis ou bons para pesca, as regiões mais férteis para plantação, a riqueza vegetal, os lugares que poderiam ser habitados e que já eram habitados pelos colonos.

É essa, por fim, a imagem que os Europeus tinham do Espírito Santo no século XVII. Porque poucos foram os membros da Corte portuguesa que estiveram no Brasil no período colonial, menos ainda os que aqui pisaram nos séculos XVI e XVII. Assim, a produção cartográfica quinhentista e seiscentista tinha o objetivo criar para os europeus um espelho do mundo, uma imagem da América com a qual eles pudessem interagir com o distante Novo Mundo. Com esses mapas, reis, ministros e nobres puderam fazer suas vontades acontecer.

Este foi, também, um período único da cartografia portuguesa. Na virada do século XVII para o XVIII, os mapas do Brasil passaram a ser feitos pelos engenheiros militares. Do Espírito Santo, fizeram diversas cartas hidrográficas no Setecentos, com um estilo já bastante diferente do visto no século anterior – muito mais sóbrio, preciso e com propostas diferentes. A capitania aparece muitas vezes de relance em mapas das Minas Gerais, nova capitania criada ocupando a maior parte do sertão do Espírito Santo. Os engenheiros continuaram fazendo mapas detalhando os arredores de Vitória, e esses se tornaram bastante detalhados – muito mais que qualquer mapa do Seiscentos –, além de algumas plantas de construções, como os fortes e as igrejas da vila<sup>489</sup>.

Em todo o século XVII, vimos mapas que eram meros rascunhos, alguns com cartuchos ou rosas dos ventos incompletas, e outros cuidadosamente desenhados, com cores vivas que resistiram ao tempo. O solo muda de cor, de marrom para verde para a

---

<sup>489</sup> Algumas plantas, do engenheiro Luís dos Santos Vilhena, foram digitalizadas pela Biblioteca Nacional do Brasil e podem ser vistas através do link: <http://goo.gl/mJt7qp>. Alguns mapas do Espírito Santo e de Vitória do século XVIII também estão disponíveis online: <http://goo.gl/SnGNS4>.

cor do papel. As árvores se espalham pelos mapas e, depois de 1640, diminuem em quantidade. Os morros e rios ora ganham formas realistas, ora figurativas.

A grande evolução da cartografia até meados do século XVII não teve continuidade, e entre 1640 e 1670, Portugal diminuiu o espaço então dado aos cartógrafos e passou a valorizar a engenharia militar, que, com um novo estilo de mapas e com novos objetivos, viria a suplantar a cartografia como ela existia até então.

Os engenheiros se fortaleceram no período pós-Restauração, mais especificamente a partir de 1647, quando a Coroa portuguesa instituiu a Aula de Fortificação e Arquitetura Militar, sob os olhos de Luís Serrão Pimentel, então cosmógrafo-mor. Aos poucos, os cartógrafos, antes responsáveis pelo mapeamento do império, foram sendo substituídos pelos engenheiros. Mapas de estado se tornariam, finalmente, um assunto reservado aos militares. Em 1652, essa aula foi renomeada para “Academia Militar da Corte”, de onde saíam os futuros engenheiros portugueses, com uma forte formação científica<sup>490</sup>.

Os engenheiros formados pelas Academias Militares regionais de Portugal tiveram forte participação na produção cartográfica portuguesa durante a Guerra de Sucessão Espanhola (1702-1714), com o objetivo de ilustrar a guerra e localizar os envolvidos e as regiões de interesse.

No Brasil, linhas pretas assumiram o papel e formaram representações detalhadas de cursos de rios e de serras, sertão a dentro. Por fim, eles fazem o que os cartógrafos não fizeram: viajam ao redor do Brasil, mapeiam o interior e preenchem a colônia<sup>491</sup>.

Quanto à produção holandesa, o *Zee Atlas*, de van Keulen, continuou sendo editado até 1734, com um número de cartas variando de 25 a 185 cartas em até cinco volumes<sup>492</sup>. Além dele, não há novos mapas da Capitania do Espírito Santo.

Essa mudança de foco, estilo e período cartográfico a partir do final do século XVII faz com que a cartografia do Espírito Santo estudada aqui seja única e passível de ser estudada como um todo. Este foi o objetivo deste trabalho.

Diante de um período pouquíssimo estudado pela historiografia brasileira, considero este estudo indispensável para qualquer historiador interessado no século XVII

---

<sup>490</sup> Moreira, 2012, p. 35.

<sup>491</sup> Um bom estudo sobre o trabalho dos engenheiros militares é o artigo: Bueno, B. P. S. (2009). Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, 17.

<sup>492</sup> Classical Images. Johannes van Keulen. Disponível em: <http://www.classicalimages.com/collections/johannes-van-keulen>

em geral e na História do Espírito Santo, em particular. Uma história não só escrita, porque a escrita apenas não basta, mas uma história visual, construída a partir de mapas que nos permitem ver (se nos rendermos às crenças da modernidade) aqueles anos Seiscentos.



## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes Cartográficas

[Ilha de Duarte de Lemos]. [Escala ca 1:225 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 10,30x16,50 cm. In: *Roteiro de todos os sinaes, conhecimentos, fundos, alturas, e derrotas, que ha na costa do Brasil, desde cabo de Santo Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhães*. [ca 1585-1590]. F.12. TEIXEIRA, Luís. Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa – Portugal.

Capitania do Espirito Sancto. [Escala ca 1:125 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 29,5 x 40,5 cm. In: *Atlas de las costas y de los puertos de las posesiones portuguesas en América y África*. [16--]. F.13. Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Madrid, Espanha.

Capitania do Espíritu Sancto. [Escala ca 1:25 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 55 x 82 cm. [ca. 1608-1616]. Autoria Desconhecida. Pert.: *Real Academia de la Historia*, Espanha.

Brasilia. – [ca 1624]. – 1 mapa. imp., papel ; 20,5x31,1 cm, em folha de 21,5x33 cm. In: *Reys-boek van het rijcke Brasilien. rio de la Plata ende Magallanes, Dae in te sien is: De ghelegentheydt van hare Landen ende Steden haren handel ende wandel met de Vruchten ende Cruchtbaerheyt der selver: Alles met copere platen uytghebeelt. Als oock De leste reyse van den Heer van Doort, met het veroveren van de Baeye De todos los Santos, t'samen ghestelt door N. G.* – [ca. 1624]. – Jan Canin. – Pert.: John Carter Brown Library, Estados Unidos.

Demonstração da Capitania do Spirito Santo atte a ponta da barra do rio Doçe no qual parte cõ Porto Seguro ... . – [Escala ca 1:420 000]. 5 legoas = [7,6cm]. – [Ca 1616]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., pergaminho ; 41x56 cm, em folha de 43x57 cm. In: *Rezão do Estado do Brasil no Guoverno do Norte, sómente asi como o teve Dõ Dioguo de Meneses até o anno de 1612.* – Fol. 17. – João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: “A El Conde Marq.z de Eliches”, Livraria do 1º Visconde de Balsemão.

Demonstração da Capitania do Espirito Santo até aponta da Barra do rio doçe no qual parte cõ Porto Seguro ... [Escala ca 1:420 000]. [Ca 1626]. - 1 mapa em bifólio : ms., color.; pergaminho; 42x56,3cm. In: *Livro qve da rezaõ do Estado do Brasil.* – [Ca 1626]. – Cart.

5. – João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

Geographica demõstração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do rio doce no qual parte cõ Porto Seguro... [Escala ca 1:420 000]. [Ca 1627]. - 1 mapa em bifólio : ms., color.; pergaminho; 41,3x58,7cm. In: *Livro em que se mostra a descripção de toda a costa do Estado do Brasil e sevs portos barras e sondas delas. Feito Por Ioão teixeira Albernaz, moõ da camara de Sua Magestade e seu cosmographo. Em lixboa, Anno de 1627.* - Fol. 18. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Bibliothèque Nationale de Paris.

Porto do Spirito Santo, no estado do Brasil. Em altura de 20 Graus e 1/4. – [Escala ca 1:190 000]. – 1630. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 11,4x10cm, em folha de 33,8x46cm In: *Taboas geraes de toda a navegacão / divididas e emendadas por Dom Ieronimo de Attayde com todos os portos principaes das conquistas de Portugal delineadas por Ioão Teixeira cosmographo de Sua Magestade, anno de 1630.* – Fol. 4. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso em Washington, Estados Unidos da América..

Capitania do Spirito Santo – [Escala ca 320 000]. 10 léguas = [21cm] – [Ca 1631]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 44,5x67,5cm. In: *Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias q[ue] pode aivntar dõ Ieronimo de Ataide. Por Ioão Teixeira Albernaz, cosmographo de Sya Ma[gest]ade. Anno: 1631.* – 1631. – Cart. 14. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.

Capitania do Spirito Santo – [Escala ca 1:240 000]. 2 legoas = [24cm]. – [Ca 1631]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 44,5x67,5cm. In: *Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias q[ue] pode aivntar dõ Ieronimo de Ataide. Por Ioão Teixeira Albernaz, cosmographo de Sya Ma[gest]ade. Anno: 1631.* – 1631. – Cart. 15. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.

Capitania de Porto Seguro – [Escala ca 1:300 000]. – [Ca 1631]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 44,5x67,5cm. In: *Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias q[ue] pode aivntar dõ Ieronimo de Ataide. Por Ioão Teixeira Albernaz, cosmographo de Sya Ma[gest]ade. Anno: 1631.* – 1631. – Cart. 16. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.



Do Cabo de S. Tomé às Ilhas de Goropary. [Escala ca 1:480 000]. 5 léguas = [5,2cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de todo o marítimo da terra de S. Crvz. Chamado vulgarmente o brazil. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.* – 1640. – Fol. 35. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.

Do Porto do espírito Santo à Ponta do rio Doce. [Escala ca 1:250 000]. 5 léguas = [12,7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de todo o marítimo da terra de S. Crvz. Chamado vulgarmente o brazil. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.* – 1640. – Fol. 38. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.

Do rio Doce até a ponta de Agasuipe. [Escala ca 1:600 000]. 5 léguas = [7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de todo o marítimo da terra de S. Crvz. Chamado vulgarmente o brazil. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.* – 1640. – Fol. 41. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.

Do cabo de S. Tome ate o Morro de João Moreno. [Escala ca 1:480 000]. 5 léguas = [5,2cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de todo o Marítimo da terra de S[an]ta Crvs chamado uulgamento o Brazil, por João Teyxeira Cosmographo de sua Maiestade, anno 1640.* – 1640. – Fol. 11. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.

Do porto do spirito santo até a ponta a que chamão do rio doce. [Escala ca 1:250 000]. 5 léguas = [12,7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de todo o Marítimo da terra de S[an]ta Crvs chamado uulgamento o Brazil, por João Teyxeira Cosmographo de sua Maiestade, anno 1640.* – 1640. – Fol. 12. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.

Do rio doce ate a ponta do Agasuipe. [Escala ca 1:600 000]. 5 léguas = [7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de todo o Marítimo da terra de S[an]ta Crvs chamado uulgamento o Brazil, por João Teyxeira Cosmographo de sua Maiestade, anno 1640.* – 1640. – Fol. 13. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.

Do cabo de S. Thome até o Morro de João Moreno. [Escala ca 1:480 000]. 5 léguas = [5,2cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ chamado vulgarmente o BRASIL. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.* – 1640. – Fol. 11. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores do Brasil..

Do porto do Espirito Santo até a ponta a que chamão do rio doce. [Escala ca 1:250 000]. 5 léguas = [12,7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ chamado vulgarmente o BRASIL. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.* – 1640. – Fol. 11. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

Do rio doce até a ponta de Agasuipe. [Escala ca 1:600 000]. 5 léguas = [7cm].. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: *Descrição de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ chamado vulgarmente o BRASIL. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.* – 1640. – Fol. 11. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

[Mapa da costa do Brasil entre o Cabo de S. Tomé e o Morro de João Moreno]. [Escala ca 1:617 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 37,10 x 22,90 cm. In: *Descrição de toda a costa da Provinsia de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil. 1642.* – Fol. 35-36. – João Teixeira Albernaz, o Velho. – Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

[Litoral do Brasil entre o Morro de João Moreno e a Ponta do rio Doce]. [Escala ca 1:280 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 37,00 x 22,80 cm. In: *Descrição de toda a costa da Provinsia de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil. 1642.* – Fol. 41-42. – João Teixeira Albernaz, o Velho. – Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

[Mapa da costa do Brasil entre a Ponta do rio Doce e a Ponta de Aguasuipe]. [Escala ca 1:680 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 37,00 x 22,80 cm. In: *Descrição de toda a costa da Provinsia de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil. 1642.* – Fol. 47-48. – João Teixeira Albernaz, o Velho. – Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

[Do Cabo de São Thome até o morro de João Moreno no Spirito Santo]. [Escala ca 1:590 000]. 1 mapa: manuscrito, tinta sépia com aguadas amarelas; 29,80 x 42,50cm. In *[Atlas*

*da costa do Brasil*]. [ca. 1646]. Caixa 2: folha n.º10. - Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Portugal.

[Do Spirito Santo ate a ponta do rio Doce]. [Escala ca 1:590 000]. 1 mapa: manuscrito, tinta sépia com aguadas amarelas; 29,80 x 42,00cm. In [*Atlas da costa do Brasil*]. [ca. 1646]. Caixa 2: folha n.º11. - Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Portugal.

[Da ponta do rio Doce ate os Abrolhos]. [Escala ca 1:590 000]. 1 mapa: manuscrito, tinta sépia com aguadas amarelas; 30,00 x 43,00cm. In [*Atlas da costa do Brasil*]. [ca. 1646]. Caixa 2: folha n.º12. - Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Portugal.

Caerte van Spiritvs Sanctvs. [Escala ca. 1:35000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 42,5x57,8cm. In [*Atlas Vingboons*]. [ca. 1660]. Vingboons, Johannes. Pert.: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Pernambuco.

O Ispirito Santo. [Escala ca. 1:35000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 41x59cm. In [*Atlas Vingboons*]. [ca. 1665]. Vingboons, Johannes. Pert.: Arquivo Histórico da Holanda.

Costa do Sprito Santo ao Cabo d: S: Thome. – [Escala ca 1:550 000]. 5 legoas = [5,4cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólio : ms., color., papel ; 23 X 36 cm. In: *Livro de toda a Cos ta da provincia santa crvz feito por ioão teixeira Albernaz anno d. 1666.* – [Ca 1666]. – Cart. 21. - João Teixeira Albernaz, o Moço. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Brasil.

Demonstração do Sprito Santo. – [Escala ca 1:290 000]. 5 léguas = [11cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólio : ms., color., papel ; 23 X 36 cm. In: *Livro de toda a Cos ta da provincia santa crvz feito por ioão teixeira Albernaz anno d. 1666.* – [Ca 1666]. – Cart. 21. - João Teixeira Albernaz, o Moço. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Brasil.

Costa dos Abrolhos ao Rio doce. – [Escala ca 1:680 000]. 5 léguas = [11cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólio : ms., color., papel ; 23 X 36 cm. In: *Livro de toda a Cos ta da provincia santa crvz feito por ioão teixeira Albernaz anno d. 1666.* – [Ca 1666]. – Cart. 21. - João Teixeira Albernaz, o Moço. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Brasil.

Demonstração do Morro de Ioão Moreno ao Cabo de S. Thome. – [Escala ca 1:580 000]. 5 legoas = [5,5cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólio : ms., color., papel ; 22,4x35,6cm. In: [*Atlas do Brasil*]. - [Ca 1666] - Fol. 12. - Autoria Atribuída a João Teixeira Albernaz,

o Moço. Pert.: Códice de Diogo Barbosa Machado com o título *Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Demonstração do Rio Dose ao Porto do Spirito Santo. – [Escala ca 1:280 000]. 5 legoas = [11 cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólho : ms., color., papel ; 22,4x35,6cm. In: *[Atlas do Brasil]*. - [Ca 1666] - Fol. 13. - Autoria Atribuída a João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: Códice de Diogo Barbosa Machado com o título *Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Demonstração da Ponta de Agasvipe ao Rio Dose. – [Escala ca 1:700 000]. 5 legoas = [6,5cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 bifólho : ms., color., papel ; 22,4x35,6cm. In: *[Atlas do Brasil]*. - [Ca 1666] - Fol. 14. - Autoria Atribuída a João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: Códice de Diogo Barbosa Machado com o título *Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Demonstração do Cabo de Saõ Thome athe o Spirito Santo. - [Escala ca. 1:550 000]. [ca. 1670]. - 1 mapa em 1 fólho: ms, color.; papel; 22x36cm. In: *Livro da descrição de toda a costa do estado do Brasil que começa em o Rio da Prata e acaba no gram parâ debaxo da Linha Equinocial Feito por Ioaõ Teixeira Albernaz Cosmographo dos Reinos de Portugal o Anno d 1670.* – ca. 1670. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: *Hispanic Society of America*, Nova Iorque.

Demonstração do Spirito Santo athe o Rio Doçe. - [Escala ca. 1:260 000]. [ca. 1670]. - 1 mapa em 1 fólho: ms, color.; papel; 22x36cm. In: *Livro da descrição de toda a costa do estado do Brasil que começa em o Rio da Prata e acaba no gram parâ debaxo da Linha Equinocial Feito por Ioaõ Teixeira Albernaz Cosmographo dos Reinos de Portugal o Anno d 1670.* – ca. 1670. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: *Hispanic Society of America*, Nova Iorque.

Demonstração do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe. - [Escala ca. 1:600 000]. [ca. 1670]. - 1 mapa em 1 fólho: ms, color.; papel; 22x36cm. In: *Livro da descrição de toda a costa do estado do Brasil que começa em o Rio da Prata e acaba no gram parâ debaxo da Linha Equinocial Feito por Ioaõ Teixeira Albernaz Cosmographo dos Reinos de Portugal o Anno d 1670.* – ca. 1670. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: *Hispanic Society of America*, Nova Iorque.

Demonstração do Cabo de Saõ Thome athe o Sprito Santo. - [Escala ca. 1:600 000]. [ca. 1675]. - 1 mapa em 1 fólho: ms, color.; papel; 22x33,5cm. In: *Livro de descrição de toda*

*a costa do Brasil q[eu] comesa no grande Rio Para que esta debaixo da linha equinocial e acaba no Rio da Prata em altura de trinta e cinco grãos da parte do sul Feito por Ioão Teixeira Albernaz Cosmographo de S. Mag[esta]de.* [ca. 1675]. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: *Hispanic Society of America*, Nova Iorque.

Demostração do Sprito Santo athe o Rio Doçe. - [Escala ca. 1:300 000]. [ca. 1675]. - 1 mapa em 1 fólio: ms, color.; papel; 22x33,5cm. In: *Livro de descrição de toda a costa do Brasil q[eu] comesa no grande Rio Para que esta debaixo da linha equinocial e acaba no Rio da Prata em altura de trinta e cinco grãos da parte do sul Feito por Ioão Teixeira Albernaz Cosmographo de S. Mag[esta]de.* [ca. 1675]. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: *Hispanic Society of America*, Nova Iorque.

Demostração do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe. - [Escala ca. 1:650 000]. [ca. 1675]. - 1 mapa em 1 fólio: ms, color.; papel; 22x33,5cm. In: *Livro de descrição de toda a costa do Brasil q[eu] comesa no grande Rio Para que esta debaixo da linha equinocial e acaba no Rio da Prata em altura de trinta e cinco grãos da parte do sul Feito por Ioão Teixeira Albernaz Cosmographo de S. Mag[esta]de.* [ca. 1675]. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: *Hispanic Society of America*, Nova Iorque.

Pas-Kaart van de zee-kunsten van Brazilia, tusschen Rio das Contas en Cabo S. Thome. [Escala: ca. 1:1 6000 000] - [Ca 1680]. - 1 mapa, color.; 51,5x58,5cm. In: *De Grootte Nieuwe Vermeerderde Zee-Atlas ofte Water-Werelt.* [ca. 1680]. Johannis van Keulen. Pert.: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

### Fontes Textuais

Almeida, A. L. D. C. (1846). *Roteiro Geral Dos Mares, Costas, Ilhas, E Baixos Reconhecidos No Globo: Extrahido Das Descrições, E Diarios Dos Mais Celebres A Acreditados Navegadores, E Hydrografos. Por Ordem Da Academia Real Das Sciencias De Lisboa ..., Part 8; Roteiro Geral Dos Mares, Costas, Ilhas, E Baixos Reconhecidos No Globo: Extrahido Das Descrições, E Diarios Dos Mais Celebres A Acreditados Navegadores, E Hydrografos.* Lisboa: Typografia da Academia das Ciências de Lisboa.

Antonil, A. J. (1982). *Cultura e opulência do Brasil.* São Paulo: Edusp. (Original publicado em 1711).

Apees/Ahu. Arquivo Público Do Estado Do Espírito Santo. (1997). Projeto Resgate da Documentação Histórica Barão do Rio Branco - Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822), Conselho Ultramarino - Brasil / Arquivo Histórico Ultramarino [2 CDs ROM]. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

- Azpilcueta Navarro, J. D. (1988). *Cartas avulsas, 1550-1568*. São Paulo: Editora da USP.
- Biblioteca Nacional (1939). *Annaes da Biblioteca nacional do Rio de Janeiro* (Vol. LVII). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação.
- Biblioteca Nacional (1912). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* (Vol. XXX). Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional.
- Biblioteca Nacional (1929). *Documentos Históricos: 1551-1625 - Mandados, Provisões, Doações* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Typographia Monroe.
- Biblioteca Nacional (1937). *Documentos Históricos: 1559-1577 - Provimientos Seculares e Ecclesiasticos* (Vol. XXXVI). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Biblioteca Nacional (1930). *Documentos Históricos: 1631-1637 - Patentes, provisões e alvarás* (Vol. XVI). Rio de Janeiro: Typographia Monroe.
- Biblioteca Nacional (1928). *Documentos Históricos: 1648-1661 - Correspondência dos Governadores Gerais - Conde de Castello Melhor, Conde de Athouguia, Francisco Barretto* (Vol. III). Rio de Janeiro: Augusto Porto & C.
- Biblioteca Nacional (1933). *Documentos Históricos: 1662-1664 - Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc.* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Typographia do Archivo de História Brasileira.
- Biblioteca Nacional (1933). *Documentos Históricos: 1667-1670 - Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc.* (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Typographia do Archivo de História Brasileira.
- Biblioteca Nacional (1929). *Documentos Históricos: 1675-1709 - Correspondência dos Governadores Geraes; 1664-1668 - Provisões* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Augusto Porto & C.
- Biblioteca Nacional (1934). *Documentos Históricos: 1678-1681 - Provisões, patentes, alvarás, sesmarias, mandados, etc.* (Vol. XXVII). Rio de Janeiro: Typographia do Archivo de História Brasileira.
- Biblioteca Nacional (1944). *Documentos Históricos: Cartas Régias - 1651-1667* (Vol. LXVI). Rio de Janeiro: Typografia Baptista de Souza.
- Biblioteca Nacional (1945). *Documentos Históricos: Cartas Régias - 1667-1681* (Vol. LXVII). Rio de Janeiro: Typographia Baptista de Souza.
- Biblioteca Nacional (1948). *Documentos Históricos: Livro 1º de Regimentos - 1653-1684* (Vol. LXXIX). Rio de Janeiro: Typographia Baptista de Souza.
- Biblioteca Nacional (1937). *Documentos Históricos: Mandados, Alvarás, Provisões, Sesmarias - 1549-1553; Cartas dos Governadores Geraes - 1692-1698* (Vol. XXXVIII). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Biscay, A. D. (1698). *An account of a voyage up the River de la Plata and thence over Land to Peru*. London: Samuel Buckley.
- Bluteau, D. R. (1720). *Vocabulario Portuguez & latino* (Vol. O-P). Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.
- Brandão, A. F. (1956). *Diálogos das grandezas do Brasil* (C. D. Abreu Ed.). Salvador: Progresso.

- Cardim, F. (1925). *Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite. (Original publicado em 1858).
- Carneiro, A. D. M. (1655). Roteiro de Portvgal pera o Brazil, Rio da Prata, ANgola, Guiné, & S. Thome, segundo os Pilotos antigos, & modernos, & agora quinta vez impresso *Regimento de pilotos e roteiro da navegaçam, e conquistas do Brasil, Angola, S. Thome, Cabo Verde, Maranhão, Ilhas, & Indias Occidentais : quinta vez impresso com ordem de S. Magestade pello seu Conselho da Fazenda, com as emendas que se assentaraõ na Casa do Anjo se fizessem : acrescentado o Roteiro do Maranhão, e Itamaraca : com as estampas dos portos, sondas, & barras do Cabo de Finis terrae, atê o Estreito de Gibraltar / pello Dezembargador Antonio de Mariz Carneiro fidalgo da Casa Sua Magestade, & seu cosmographo mór desteo [sic] Reynos de Portugal*. [Lisboa]: Manoel da Sylva.
- Cartas para Álvaro de Sousa e Gaspar de Sousa (1540-1627)* (2001). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses: Centro de História e Documentação Diplomática.
- Cunha, F. M. (1849). Ofício dirigido em 1811 por Francisco Manuel da Cunha ao conde de Linhares sobre a Capitania, hoje Província, do Espírito Santo. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, 12.
- Gândavo, P. D. M. (1575). *História da Província de Santa Cruz*: NEAD: UNAMA.
- Gândavo, P. D. M. (1570). *Tratado da Terra do Brasil*. Pará: NEAD: UNAMA.
- Informação sobre as minas do Brasil (1939). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, LVII.
- Knivet, A. (2008). *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet: memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1625).
- Leite, S. (1956). *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil* (Vol. I (1538-1553)). São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo.
- Leite, S. (1940). *Novas cartas jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)* (Vol. 194). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Leitão, H. (2006). Ars e ratio: A náutica e a constituição da ciência moderna. In: Maroto, M. I. V.; Piñeiro, E. (coords.). *La Ciencia y el Mar*. Valladolid.
- Leitão, H. (2013). Epílogo: o momento da ciência ibérica? In: Leitão, H. (coord), *360º Ciência Descoberta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leitão, H. (2013) Pedro Nunes e a matemática do século XVI. In Fiolhais, C.; Simões, C. Martins, D. *História da ciência luso-brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lisboa, B. D. S. (1835). *Annaes do Rio de Janeiro* (Vol. VI). Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher.
- Livro Tombo da Vila de Nova Almeida* (1945). Vitória: Imprensa Oficial do Espírito Santo.
- Marinha Do Brasil. (2013). *Roteiro: costa leste - do Cabo Calcanhar ao Cabo Frio. Ilhas Oceânicas*. Disponível em: <https://www.mar.mil.br/dhn/chm/box-publicacoes/publicacoes/rotcl/rot-cl-completo.pdf>

- Monteiro, J. (1945). *Relação da Província do Brasil* (Vol. VIII). Lisboa: Livraria Portugália. (Original publicado em 1610).
- Moreno, D. D. C. (1955). *Livro que dá Razão do Estado do Brasil: 1612. Edição crítica, com introdução e notas de Helio Vianna*. Recife: Arquivo Público Estadual.
- Pimentel, L. S. (1960). *Prática da arte de navegar*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar. (Original publicado em 1673).
- Pimentel, M. (1819). *Arte de navegar em que se ensinaõ as regras praticas, e os modos de cartear, e de graduar a Balestilha por via de numeros, e muitos problemas uteis á navegação, e Roteiro das viagens, e costas maritimas de Guine, Angola, Brazil, Indias, e Ilhas Occidentaes, e Orientaes, Novamente emendado, e accrescentadas muitas derrotas*. Lisboa: Typografia de Antonio Rodrigues Galhardo.
- Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]* (2006). Tradução, introdução e notas, Sheila Mouta Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Ed.
- Rau, V., & Silva, M. F. G. D. (1955). *Os manuscritos do Arquivo da Casa de Cadaval respeitantes ao Brasil* (Vol. 1). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Registro da Folha Geral do Estado do Brasil (1906). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*.
- Salvador, F. V. D. (1627). *História do Brasil*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000038.pdf>
- Sousa, G. S. D. (1851). *Tratado Descritivo do Brasil* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional. (Original publicado em 1587).
- Sousa, P. L. D. (1839). *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brasil - em 1530 - sob a capitania-mor de Martim Affonso de Sousa*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. (Original publicado em 1530).
- Staden, H. (1930). *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira. (Original publicado em 1557).
- Vieira, A. (1843). Ânuua da missão da Capitania do Espírito Santo do ano de 1621 e 1625, mandada a Roma pelo padre Antônio Vieira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, 5, 362-364.
- Viotti, H. A. (1984). *Cartas: Correspondência ativa e passiva do Pe. José de Anchieta* (Vol. 6). São Paulo: Edições Loyola, p. 504.

## **Bibliografia**

- Abreu, R. (2009). Ponta da Fruta. Acesso em: 15/04/2014, 2014, Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/-ponta-da-fruta.html>
- Adan, C. F. F. (2011). *Cartografia de um “engano”: navegabilidade e integração territorial na Bahia colonial*. 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Paraty.
- Adonias, I. (1960). Mapas e planos manuscritos relativos ao brasil colonial conservados no Ministério das Relações Exteriores In S. D. D. Ministério Das Relações Exteriores (Ed.).



- Albuquerque, L. D., Ferronha, A. L., Horta, J. D. S., & Loureiro, R. (1991). *O confronto do olhar: O encontro dos povos na época das navegações portuguesas, séculos XV e XVI*. Lisboa: Caminho.
- Alegria, M. F., Daveau, S., Garcia, J. C., & Relaño, F. (2012). *História da cartografia portuguesa*. Porto: Fio da Palavra.
- Alegria, M. F., Daveau, S., Garcia, J. C., & Relaño, F. (2007). Portuguese cartography in the Renaissance. In D. Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3: Cartography in the European Renaissance Part 1, pp. 975-1034). Chicago: The University of Chicago Press.
- Almeida, E. D. C. E. (1914). *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa* (Vol. III). Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Biblioteca Nacional.
- Alpers, S. (1999). *A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Álvarez, F. B. (1996). *Los Austrias Mayores: Imperio y monarquía de Carlos I y Felipe II*. Madri: Información y História.
- Álvarez, F. B. (2000). Portugal no Tempo dos Felipes: Política, Cultura, Representações (1580-1668). Lisboa: Cosmos
- Ambires, J. D. (2005). Empresa missionária e alguns aspectos de sua história na América Portuguesa. *Projeto História*, 31.
- Andrews, J. H. (2001). Introduction: Meaning, knowledge and power in the map philosophy of J. B. Harley *The new nature of maps* (pp. 1-32). Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.
- Anzolin, A. S. (2013). *Entre espíritos doentios e doenças do espírito: Tupi, jesuítas e as epidemias na América Portuguesa (1549-1585)*. (de Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88355/000912656.pdf?sequence=1>
- Assunção, P. D. (2001). A terra dos Brasis: um tapete de Flandres jamais visto. *Revista Brasileira de História*, 21(40), 217-236.
- Baesjou, R. (2005). *Historiae Oculus Geographia*. *Journal des africanistes*, 75(2).
- Barão Do Rio Branco (2012). *Obras do Barão do Rio Branco* (Vol. III: Questões de Limites, Guiana Francesa. 1ª Memória). Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Fundação Alexandre de Gusmão.
- Barata, M. D. R. T. (2001). Portugal e a Europa na Época Moderna *História de Portugal*. São Paulo: UNESP.
- Barber, P. (1992). England II: Monarchs, ministers, and maps, 1550-1625. In D. Buisseret (Ed.), *Monarchs, ministers, and maps: the emergence of cartography as a tool of government in early modern Europe*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Barléu, G. (1940). *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil e Noutras Partes sob o Governo de Wesel, Tenente-General de Cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação.

Bethencourt, F. (1998). O complexo do Atlântico. In F. Bethencourt & K. Chaudhuri (Eds.), *História da Expansão Portuguesa: Do Índico ao Atlântico* (Vol. 2). Navarra: Temas e Debates.

Biblioteca Nacional De España. Capnia. De Espirito Sancto. Acesso em: 29/07/2014, 2014, Disponível em: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/mAWj14Mn44/BNMADRID/263900232/9#top>

Borges, M. E. L. (1999). Imagens do Brasil do século XVII: um estudo sobre o atlas de Albernás. *Anos 90*(11), 54-72.

Boxer, C. R. (1973). *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686*. São Paulo: Editora Nacional.

Brendecke, A. (2012). *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*. Madrid: Iberoamericana.

Bueno, B. P. S. (2004). Decifrando mapas: sobre o conceito de território e suas vinculações com a cartografia. *Anais do Museu Paulista*, 12, 193-2004.

Bueno, B. P. S. (2007). Desenhando o Brasil: o saber cartográfico dos cosmógrafos e engenheiros militares da Colônia ao Império *Roteiro Prático de cartografia da América portuguesa ao Brasil Império* (pp. 29-41). Belo Horizonte: UFMG.

Bueno, B. P. S. (2009). Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, 17, 111-153.

Buisseret, D. (2003). *The mapmakers' quest: depicting new worlds in Renaissance Europe*. New York: Oxford University Press.

Buisseret, D. (Ed.). (1992). *Monarchs, ministers, and maps: the emergence of cartography as a tool of government in early modern Europe*. Chicago: The University of Chicago Press.

Câmara Municipal De Itapemirim. O início da ocupação do Baixo Itapemirim - Primeira Parte. Acesso em: 09/09/2014, 2014, Disponível em: <http://www.camaraitapemirim.es.gov.br/exibir.aspx?pag=municipio>

Campos, A. (2011). Escravidão, reprodução endógena e criouliização: o caso do Espírito Santo no Oitocentos. *Topoi*, 12(23, jul.-dez.), 84-96.

Canal Filho, P., Andrade, M. O. D., Reis, F. P., & Costa, B. B. (2010). *A Catedral Metropolitana de Vitória* (Vol. 5). Vitória: EDUFES.

Canal Filho, P., Andrade, M. O. D., Reis, F. P., & Costa, B. B. (2010). *O Convento de São Francisco* (Vol. 1). Vitória: EDUFES, p. 70.

Cañizares-Esguerra, J. (2004). Iberian Science in the Renaissance: ignored how much longer? *Perspectives on Science*, 12(1), 86-124.

Capitania do Espírito Sancto [Material cartográfico]. Acesso em: 27/12/2013, 2013, Disponível em: <http://www.europeana.eu/portal/record/2022701/A1D9AD79374FA9892D136948242C5A09652FDC9E.html>

Cardim, P. (2004) O governo e a administração do Brasil sob os Habsburgo e os primeiros Bragança. *Hispania*, LXIV/1(216).

Carrara, A. A. (2014). A população do Brasil, 1570-1700: uma revisão historiográfica. *Revista Tempo*, 20.

- Carro, P. C. (2006). Continuidad prehispánica y mestizaje en Perú. Una historia de conquistadores narrada en un vaso de libaciones incaico. *Anales del Museu de América*, 14, 145-174.
- L. D. Albuquerque. (Ed.) (1994). Dicionário de história dos descobrimentos portugueses (Vols. 2). Lisboa: Caminho.
- Carvalho, G. A. (2013) O governo-geral nas vertentes da historiografia brasileira. *Revista Angelus Novus*, 5.
- Carvalho, J. A. (1982). *O colégio e as residências dos jesuítas no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
- Chauí, M. (2000). *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Cintra, J. P. (2015). As capitanias hereditárias no mapa de Luís Teixeira. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 23(2).
- Classical Images. Johannes van Keulen. Disponível em: <http://www.classicalimages.com/collections/johannes-van-keulen>
- Constancio, F. S. (1839). *Historia do Brasil, desde o seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral até a abdicação do Imperador D. Pedro I* (Vol. I). Paris: Livraria Portuguesa.
- Cortese, A. (1935). *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI* (Vol. II). Lisboa: Edição da Seara Nova.
- Cortese, A. (1960). *Cartografia portuguesa antiga*. Lisboa: Comissão executiva das comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique.
- Cortese, A., & Mota, A. T. D. (1987). *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Vol. IV). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Cortese, A., & Mota, A. T. D. (1987). *Portugaliae Monumenta Cartographica* (Vol. V). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Cortese, J. (1957). *História do Brasil nos velhos mapas* (Vol. II). Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores.
- Cosentino, F. C. (2012). Governadores gerais do Estado do Brasil pós Restauração: guerra e carreira militar. *Varia História*, 28(48). Disponível em: <http://ref.scielo.org/3v8fnt>
- Costa, A. G. (2007). Dos roteiros de todos os sinais da costa até a carta geral: um projeto de cartografia e os mapas da América portuguesa e do Brasil Império *Roteiro Prático de Cartografia: da América portuguesa ao Brasil Império* (pp. 83-105). Belo Horizonte: UFMG.
- Costa, J. P. O. (2004). Vasco Fernandes Coutinho, construtor do Estado da Índia e do Brasil *D. João III e a Formação do Brasil*. Lisboa: CEPCEP-Universidade Católica Portuguesa.
- Costa, K. G., & Ratts, A. J. P. (2014). Representações indígenas na cartografia colonial do Brasil central. *Revista OKARA: Geografia em debate*, 8(2), 197-212.
- Costa, S. D. S. (2001). América portuguesa: paraíso terreal. *Revista Esboços*, 9(9), 117-142.

- Couto, J. (1998). *A construção do Brasil: Ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Cunha, M. J. D. S. (2015). *Os Jesuítas no Espírito Santo 1549-1759: contactos confrontos e encontros*. 2015. (Tese de Doutoramento), Universidade de Évora, Évora. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/14128>
- Cunha, M. J. D. S. (2013). Vasco Fernandes Coutinho: notas históricas e genealógicas. *Dimensões*, 31, 105-126.
- Cunha, M. S. D., & Monteiro, N. G. F. (2010). Aristocracia, poder e família em Portugal, Séculos XV-XVIII. In M. S. D. Cunha & J. H. Franco (Eds.), *Sociedade, Família e Poder na Península Ibérica. Elementos para uma História Comparativa* (pp. 47-75). Lisboa: Edições Colibri.
- Curlee, L. (2008). *Mythological creatures: a classical bestiary*. New York: Atheneum Books.
- Daemon, B. C. (2010). *Província do Espírito Santo: sua descoberta, historia, chronologia, synopsis e estatistica* (2 ed.). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.
- Dantas, E. W. C. (2012). Construção da matirimidade nas sociedades tradicionais no Brasil do passado. In F. Barthe (Ed.), *Visões do Brasil: estudos culturais em geografia* (pp. 87-112). Salvador: EDUFBA.
- Deulin, M. G. (1940). La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris. *Boletim Geral das Colônias*, XVI(180), 164.
- Dias, F. V., & Campos, M. M. (2013). *Palácio Anchieta (Vitória-ES-BR): questões tipomorfológicas e de paisagem*. Paper presented at the Anais do I Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira, Vitória-ES. <http://www.urbearquitetonica.com.br/artigos/Palacio-anchieta-artigo-HCLB-2013.pdf>
- Dias, M. H., & Alegria, M. F. (1994). Lisboa na produção cartográfica portuguesa e holandesa dos séculos XVI e XVII: o espaço e o intercâmbio. *Penélope: Fazer e Desfazer a História*(13), 54-69.
- Domingues, Â. (1992). *Monarcas, ministros e cientistas: mecanismos de poder, governação e informação no Brasil colonial*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar.
- Donnard, A. (2009). O outro mundo dos celtas atlânticos e a mítica Brasil, ilha dos afortunados: primeiras abordagens. *Nuntius Antiquus*(Ago).
- Edwards, J. (2003). How to Read an Early Modern Map: Between the Particular and the General, the Material and the Abstract, Words and Mathematics.
- Enciso, M. F. (1948). *Suma de Geografia, Introdução de José Ibanez Cerdáa*. Madrid: Estades.
- Encyclopedia Britannica. (2014). Mount Olympus. Disponível em: <http://global.britannica.com/place/Mount-Olympus-mountain-Greece>
- Ezimute. Igreja da Penha de França. Disponível em: <http://www.ezimute.com/pt-PT/lisboa/categorias/monumentos/igreja-de-penha-de-franca>
- Fáccio, N. B., & Costa, H. a. V. (2013). A historicidade do indígena na Capitania do Espírito Santo: a construção da desumanização e a invisibilidade do outro. *Dimensões*, 31, 3-26.

- Fausto, B. (1995). *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação.
- Fernández-Armesto, F. (2007). Maps and Exploration in the Sixteenth and Early Seventeenth Centuries. In D. Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3). Chicago: The University of Chicago Press.
- Fleck, E. C. D. (2005). “Estados de Paz” e “Estados de Guerra” – Negociação e Conflito na América Portuguesa (Séculos XVI e XVII). *Projeto História*, 31.
- Fragoso, J., Gouvêa, M. D. F. S., & Bicalho, M. F. (2000). Uma leitura do Brasil Colonial - bases da materialidade e da governabilidade no Império. *Revista de História e Ciências Sociais Penélope*(23).
- Freire, M. A. (2006). *A Capitania do Espírito Santo: Crônicas da Vida Capixaba no tempo dos Capitães-mores*. Vitória: Flor & Cultura Editores.
- Freire, M. A. (1941). Subsídios para a história seiscentista do Espírito Santo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*(14).
- G1. (2012). Restauração de igreja mais antiga 'em pé' no Brasil está parada no ES. Acesso em: 09, 2014, Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2012/06/restauracao-de-igreja-mais-antiga-em-pe-no-brasil-esta-parada-no-es.html>
- Gallica. Livro em que se mostra a descrição de toda acosta... Acesso em: 27/12/2013, 2013, Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002487b>
- Garcia, J. C. (2011). Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto. In B. P. M. D. Porto (Ed.). Porto.
- Garcia, J. C. (1996). A configuração da fronteira luso-espanhola nos mapas dos século XV a XVIII. *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, XI(41), 293-321.
- Gonçalves, N. D. S. (2014). *Padroado Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Centro de História do Além-Mar.
- Google. (s.d.). [Google Maps na região próxima a Guarapari, no Espírito Santo, Brasil]. Acesso em: 25/10/2015, Disponível em: <https://goo.gl/maps/ILt8O>
- Gren, L. (2013). From Vínland to Jerusalem in Beatus Galaxy: the impact of maps on the European mentality in the 11th century. *Current Swedish Archaeology*, 21, 117-139.
- Guedes, M. J. (2012). *A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922: os 100 mapas mais influentes*. Rio de Janeiro: Capivara.
- Guedes, M. J. (1968). *Roteiro de todos os sinais na costa do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura.
- Guerra, A. E., & Santos, M. M. D. (2008). O Atlas Estado do Brasil: Um Olhar sobre a América Colonial. *Revista Brasileira de Cartografia*, 60(03).
- Guerra, A. E. S., Márcia M. Duarte. (2009). *O Estado do Brasil no texto de Frei Vicente de Salvador e na Cartografia de João Teixeira Albernás*. Paper presented at the III Simpósio luso-brasileiro de cartografia histórica, Ouro Preto.
- Hale, J. (2007). Warfare and Cartography, ca. 1450 to ca. 1640. In D. Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3, pp. 719-737). Chicago: The University of Chicago Press.

- Harley, J. B. (2001). *The new nature of maps: Essays in the History of cartography*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- Headley, J. M. (1997). The sixteenth-century Venetian celebration of the Earth's total habitability: the issue of the fully habitable world for Renaissance Europe. *Journal of World History*, 8(1), 1-27.
- Hespanha, A. M. (2001). As estruturas políticas em Portugal na Época Moderna *História de Portugal*. Portugal: Instituto Camões.
- Hespanha, A. M., & Santos, M. C. (1998). Os poderes num Império Oceânico. In A. M. Hespanha (Ed.), *História de Portugal: O Antigo Regime (1620-1807)* (Vol. IV). Lisboa: Editora Estampa.
- Holanda, S. B. D. (1969). *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Ibge (2003). *Mapa escolar do estado do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Base cartográfica integrada digital do Brasil ao milionésimo: versão 1.0 para ArcGis Desktop/Arcview*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.
- Icmbio. Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. Acesso em: 25/01/2015, 2015, Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/parnaabrolhos/>
- Instituto Cultural Bandepe. (2003). *Desenhos da Terra: Atlas Vingboons*. Recife.
- Instituto Histórico E Geográfico De Piúma. (2014). Monte Aghá: entre história e geografia. Disponível em: <http://ihgpiuma.wix.com/inicial#!o-monte-agh/c1iuj>
- John Carter Library. Archive of Early American Images. Acesso em: 16/01/2014, 2014, Disponível em: <http://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/detail/JCB~1~1~3894~6130002:Brasilia->
- Kagan, R. L., & Schmidt, B. (2007). Maps and the early Modern state: official cartography. In D. Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3, pp. 661-679). Chicago: University of Chicago Press.
- Kantor, I. (2009). Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). *Anais do Museu Paulista*, 17, 39-61.
- Kantor, I. (2007). Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas. *Varia História*, 37, 70-80.
- Kantor, I., & Garcia, J. C. (2011). *Comércio e consumo de mapas no Império Português, século XVIII e XIX*. Paper presented at the Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - AMPUH, São Paulo.
- Kok, G. (2009). Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América Portuguesa. *Anais do Museu Paulista*, 17, 91-109.
- Lamego, A. (1938). A Capitania do Espírito santo sob o domínio dos Donatários. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*(11).
- Lamego, A. (1920). *A terra Goytacá: à luz de documentos inéditos* (Vol. 2). Paris: L'Édition D'Art.
- Langfur, H. (2006). *The forbidden lands: colonial identity, frontier violence and the persistence of Brazil's Eastern Indians, 1750-1830*. Sanford: Stanford University Press.
- Leal, J. E. F. (1980). As fortificações do Espírito Santo no século XVIII. *Revista Cultural da UFES*, 5(14), 27-29.

- Leal, J. E. F. (1977). Economia colonial capixaba. *Revista Cuca Cultura Capixaba*.
- Leal, J. E. F. (2008). História do Espírito Santo: uma reflexão, um caminho *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura.
- Leite, S. (1938). *Historia da Companhia de Jesus no Brasil* (Vol. I). Lisboa: Portugalia.
- Leite, S. (1945). *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Vol. VI). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- Lestringant, F. (2009). *A oficina do cosmógrafo, ou a imagem do mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lévi-Strauss, C. (1997). *O pensamento selvagem* (T. Pellegrini, Trans.). Campinas: Papyrus.
- Lois, C., & Garcia, J. C. (2009). Do oceano dos clássicos aos mares dos impérios: transformações cartográficas do Atlântico sul. *Anais do Museu Paulista*, 17(2), 15-37.
- Machado, O. X. D. B. (1949). "Tinguaciba da restinga - "Fagara Arenaria Engl.". *Rodriguésia: Revista do Jardim Botânico*(24), 79-118.
- Machiavelli, N. (1996). *O Príncipe / Nicolau Maquiavel* (M. J. Goldwasser, Trans. 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Madeira Santos, M. E. (1997/1998). Os africanos e o mar: conhecimento e práticas à época da chegada dos portugueses. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, 20(21). 79-92. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/download/75043/78601>
- Magnoli, D. (2003). O estado em busca do seu Território. *Terra Brasilis [Online]*, 4(5).
- Manso Porto, C. (1999). Cartografía Histórica Portuguesa: Catálogo de Manuscritos (Siglos XVII-XVIII). In R. a. D. L. Historia (Ed.). Madrid.
- Maranho, M. F. (2010). Duas partes do império - São Paulo e Pernambuco na dinâmica do abastecimento interno da América Portuguesa entre os anos de 1580 e 1720. *Revista Angelus Novus*, 1(Agosto).
- Marcelino Pereira De Vasconcelos, J. (1858). *Ensaio sobre a história e estatística da província do Espírito Santo*. Vitória.
- Marques, C. A. (1878). *Diccionario Historico, Geographico e Estatistico da Provincia do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional.
- Marques, M. D. S. (2001). *Cartografia antiga: tabela de equivalências de medidas. Cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas*. Lisboa: Biblioteca Nacional, p. 104.
- Martins, O. (2010). *História de Portugal*. Lisboa: Edições Vercial.
- Mauro, F. (1975). *Do Brasil à América*. São Paulo: Perspectiva.
- Mauro, F. (1980). *Expansão europeia (1600-1870)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Mauro, F. (1989). *Portugal, o Brasil e o Atlântico (1570-1670)* (Vol. I). Lisboa: Editorial Estampa.
- Mauro, F. (1989). *Portugal, o Brasil e o Atlântico (1570-1670)* (Vol. II). Lisboa: Editorial Estampa.

- Mayhew, R. (2001). Geography, print culture and the Renaissance: "The road less travelled by". *History of European Ideas*, 27.
- Mello Neto, J. A. (1976). *A cartografia holandesa do Recife: Estudo dos principais mapas da cidade do período 1631-1648*. Recife: IPHAN/MEC.
- Mendonça, A. T. P. (2007). *Por mares nunca dantes cartografados: a permanência do imaginário antigo e medieval na cartografia moderna dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos oceanos Atlântico e Índico nos séculos XV e XVI*. (de Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Miceli, P. (2002). *O Tesouro dos Mapas*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos.
- Mignone, R. (2012). *Crônicas da História de Maratáizes (Um olhar sobre a cidade)*. Maratáizes: PerSe, Inc.
- Monmonier, M. (1996). *How to lie with maps*. Chicago: The Chicago University Press.
- Monmonier, M. (2010). *Rhumb lines and map wars: a social history of the Mercator Projection*. Chicago: University of Chicago Press.
- Monteiro, N. G. F. (2001). A consolidação da dinastia de Bragança e o apogeu do Portugal barroco: centros de poder e trajetórias sociais. *História de Portugal*. São Paulo: UNESP.
- Moreira, L. M. a. D. B. (2012). *Cartografia, Geografia e Poder: o processo de construção da imagem cartográfica de Portugal, na segunda metade do século XVIII*. (Tese de Doutorado). Braga: Universidade do Minho.
- Moreira Losada, V. M. (2001). A produção histórica dos "vazios demográficos": guerra e chacinas no vale do rio Doce (1800-1830). *Revista do Departamento de História da UFES*, 9, 99-124.
- Moreno, M. D. (2012). Construção de igrejas pelos jesuítas no Espírito Santo. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/construcao-de-igrejas-pelos-jesuitas-no-es.html>
- Morro Do Moreno. (2015). O testamento de Vasco Fernandes Coutinho - Filho. Acesso em: 27/08/2015, 2015, Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/o-testamento-de-vasco-fernandes-coutinho-filho.html>
- Mott, L. (1992). As amazonas: um mito e algumas hipóteses. In Vainfas, R. (org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 33-57.
- Moura Filha, M. B. (2003). O Livro que dá "Rezão do Estado do Brasil" e o povoamento do território brasileiro nos séculos XVI e XVII. *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Patrimônio, II*, 591-613.
- Mundy, B. E. (1996). *The mapping of new Spain: indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geográficas*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Navarro, E. D. A. (2013). *Dicionário de Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global.
- Oliveira, F. R. D. (2006). A História da Cartografia na obra do 2.º Visconde de Santarém: exposição cartobibliográfica, coord. científica João Carlos Garcia; coord. técnica Maria Joaquina Feijão. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2006. *Investigaciones Geográficas. Boletín del Instituto de Geografía de la Universidad Nacional Autónoma de México*, (63). 150-155. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/569/56906313.pdf>



- Oliveira, J. T. D. (2008). *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura.
- Oliveira, R. B. D. (2014). Aldeamentos jesuítas na capitania do Espírito Santo: ocupação colonial e ressignificação da etnicidade indígena entre os séculos XVI e XVIII. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*, 6(2).
- Oliveira, T. K. D. (2014). Descontruindo mapas, revelando espacializações: reflexões sobre o uso da cartografia em estudos sobre o Brasil colonial. *Revista Brasileira de História*, 34(68), 151-174.
- Pacheco, A. R. R. D. A. (2012). *Construção de um mundo interior: Arquitectura franciscana em Portugal, Índia e Brasil (sécs.XVI-XVII)* (de Doutorado), Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Panofsky, E. (1976). *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva.
- Parker, G. (2004). *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567–1659: The Logistics of Spanish Victory and Defeat in the Low Countries' Wars* (2 ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Prado Júnior, C. (2007). *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense.
- Primo, A. L. D. A. Santa Casa de Misericórdia. *Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, XVI.
- Quadros, E. G. (2008). A letra e a linha: a cartografia como fonte histórica. *Revista Mosaico*, 1(1), 27-40.
- Raminelli, R. (2008). *Viagens Ultramarinas: Monarcas, vassalos e governo a distância*. São Paulo: Alameda.
- Raymond, J.; Moxham, N. (eds) (2016). *News networks in early Modern Europe*. Leiden; Boston: Brill.
- Reis, F. P. (2008). As imagens de Nossa Senhora da Penha do Convento da Santa no Espírito Santo. *Academia.edu*. Disponível em: [http://www.academia.edu/4558520/As\\_imagens\\_de\\_Nossa\\_Senhora\\_da\\_penha\\_no\\_Convento\\_da\\_santa\\_no\\_Espirito\\_Santo](http://www.academia.edu/4558520/As_imagens_de_Nossa_Senhora_da_penha_no_Convento_da_santa_no_Espirito_Santo)
- Reis, F. P. (2013). *A Serra das Esmeraldas [recurso eletrônico]: cartografia, imaginário e conflitos territoriais na Capitania do Espírito Santo (Séc. XVII)*.
- Reis, F. P. (2008). Thomas Cavendish. Disponível em: <http://www.rotacapixaba.com/artigos/thomas-cavendish/>
- Reis, N. G. (2001). *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Ribeiro, L. C. M. (2010). *O comércio e a navegação na capitania portuguesa do Espírito Santo - Brasil (séc. XVI-XVIII)*. Paper presented at the XXX Encontro da Associação Portuguesa de História Econômica e Social, Lisboa
- Ribeiro, L. C. M., Follador, K. J., & Quintão, L. D. C. (2013). Território e territorialidade no império das redes: o Espírito Santo nos séculos XVI e XVII. *Dimensões*, 31, 27-55.
- Ricupero, R. (2009). *A formação da elite colonial. Brasil (c.1530-c.1630)*. São Paulo: Alameda.

- Ritchie, G. S. (1979). Marine Atlases. *Revista da Universidade de Coimbra*, XXVII, 319-328.
- Robert De Moraes, A. C. (2001). Bases da formação territorial do Brasil. *Geografares*, (2). Disponível em:
- Rocha, L. (1977). *De Vasco Coutinho aos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial.
- Rodrigues, M. J. (2008). *Sesmarias no Império atlântico português*. Lisboa: Biblioteca Digital do Instituto Camões.
- Rodrigues, V. L. G., & Costa, J. P. O. E. (2012). *Conquista de Malaca, 1511: Campanhas de Afonso de Albuquerque* (Vol. II). Parede: Tribuna da História.
- Rubim, B. D. C. (1861). *Memórias históricas e documentada sda provincia do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Typographia de D. Luiz dos Santos.
- Rubim, F. A. (1900). Memória estatística da província do Espírito Santo no ano de 1817. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Tomo XIX(3ª Série).
- Saldanha, A. V. (2001). *As capitâneas do Brasil: antecedentes, desenvolvimento e extinção de um fenómeno Atlântico*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Saletto, N. (1998). *Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas: O início da colonização do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público Estadual.
- Sandman, A. (2004). An Apologia for the Pilots' Charts: Politics, Projections and Pilots' Reports in Early Modern Spain. *Imago Mundi*, 56 Part 1, 7-22.
- Santos, E. F. D. (2008). O reconhecimento do Espírito Santo pelas expedições portuguesas antes de 1535. *Dimensões*, 20, 203-235.
- Santos, M. M. D. D. (2007). Técnicas e Elementos da Cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império *Roteiro Prático de Cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império* (pp. 51-81). Belo Horizonte: UFMG.
- Santos, M. N. D. (2009). O império na ponta da pena: cartas e regimentos dos governadores-gerais do Brasil. *Tempo*, 14(27), 101-117.
- Santos Neves, L. G. (2008). Vitalidade e permanência na historiografia capixaba *História do Estado do Espírito Santo* (pp. XXI-XXIV). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura.
- Schilder, G. (1981). *A manuscript sea atlas, drawn by Romeyn de Hooghe in 1681*. Coimbra: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Schwartz, S. B. (1999). Mentalidades e Estruturas Sociais no Brasil colonial: uma resenha coletiva. *Revista Economia e Sociedade*, 13.
- Schwartz, S. B. (1987). The formation of a colonial identity in Brazil. Canny, N; Pagden, A. (eds). *Colonial identity in the Atlantic worldi, 1500-1800*. Princeton: Institute for Advanced Study, p.15-50.
- Schwartz, S. B. (1988). Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, p.40.
- Seed, P. (1999). *Cerimônias de posse na conquista europeia do novo mundo (1492-1640)*. São Paulo: UNESP.

- Silva-Nigra, D. C. M. D. (1943). A Ordem de São Bento na capitania do Espírito Santo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, XV.
- Silveira, L. (1956). *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do ultramar* (Vol. IV). Lisboa: Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar.
- Sousa, P. L. D. (1989). Relação da Navegação de Pêro Lopes de Sousa 1530-1532 *Martim Afonso de Sousa*. Biblioteca da Expansão Portuguesa, Lisboa: Publicações Alfa.
- Souza, A. C. D. (2012). Convento da Penha: um lugar de memória e de história cultural. *Revista Aurora*, 5, 69-78.
- Souza, G. S. (2003). *Aspectos intertextuais de roteiros quinhentista da carreira do Brasil*. Paper presented at the II Encontro nacional de Ciências da linguagem aplicada ao ensino, João Pessoa.  
[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ECLAE\\_II/aspectos%20intertextuais%20de/principal.htm](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ECLAE_II/aspectos%20intertextuais%20de/principal.htm)
- Souza, L. P. D. (2006). Vila da Vitória: Posse e Defesa Territorial no Brasil Colônia. *Revista Urbanismo de Origem Portuguesa*, 6.
- Spirito Sancto. (2016). “A dispersão das fontes do ES ou a ele relativas tem dificultado o processo”: entrevista com a historiadora portuguesa Maria José dos Santos Cunha. Disponível em: <http://spiritosancto.com/blog/a-dispersao-das-fontes-do-es-ou-e-ele-relativas-tem-dificultado-o-processo-entrevista-com-a-historiadora-portuguesa-maria-jose-dos-santos-cunha-2/>
- Stickel, E. J. S. (2004). *Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil*. São Paulo: EdUSP.
- Taunay, A. D. E. (1924). *História Geral das Bandeiras Paulistas* (Vol. quinto). São Paulo: Typ. Ideal.
- Vainfas, R. (1995). *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Van Eeghen, P. (1905). *The work of Jan and Casper Luyken* (Vol. I). Amsterdam: F. Muller & Co.
- Vargas, H. M., & Garcia, J. C. (2007). A história da cartografia nos países ibero-americanos. *Terra Brasilis [Online]*, 7 - 8 - 9. Disponível em: <http://terrabilis.revues.org/235>
- Vasconcellos, P. S. D. (1865). *Chronica da companhia de Jesu do Estado do Brasil, e do que obraram seus filhos n'esta parte do Novo Mundo*. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes.
- Viana, H. (1963). *História do Brasil* (Vol. 2). São Paulo: Melhoramentos.
- Viterbo, F. M. D. S. (1898). *Trabalhos náuticos dos portugueses nos séculos XVI e XVII* (Vol. II). Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias.
- Xavier, Â. B., & Hespanha, A. M. (1998). Redes Clientelares. In A. M. Hespanha (Ed.), *História de Portugal: O Antigo Regime (1620-1807)* (Vol. IV). Lisboa: Editoria Estampa.
- Zandvliet, Z. (2007). Mapping the Dutch World Overseas in the Seventeenth Century. In D. Woodward (Ed.), *The History of Cartography* (Vol. 3: Cartography in the European Renaissance Part 2, pp. 1433-1462). Chicago: The University of Chicago Press.



**ANEXO A:**  
**CRONOLOGIA<sup>493</sup>**

---

<sup>493</sup> Adaptado de: Fausto, B. (1995). História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação. pp. 557-596.; Martins, O. (2010). História de Portugal. Lisboa: Edições Vercial. pp. 287-293.



	Portugal e Europa	Brasil	Espírito Santo
1492	Feito em Nuremberg o globo terrestre mais antigo que existe, conhecido como <i>Erdapfel</i> , ou “maçã da terra”.		
1500	Expedição de Cabral chega ao Brasil		
1501	Descobrimto da Terra Nova, hoje parte do Canadá.	Primeiras expedições de reconhecimento da costa.	
1502	Primeiros carregamentos de pau-brasil chegam a Portugal. Provável nascimento do cosmógrafo português Pedro Nunes.	Data estimada do mapa de Cantino, conhecido como o mapa mais antigo a representar a América portuguesa.	
1504		Navegantes franceses chegam ao Brasil.	Ano da descoberta do Espírito Santo por Cristóvão Jaques.
1507		Mapa de Waldseemuler é o primeiro a chamar o Novo Continente de América.	
1508		Primeira vez que o nome Brasil é utilizado no lugar de Terra de Santa Cruz.	
1514		<i>O Livro de marinharia e Tratado da Agulha de Marear</i> , de João de Lisboa, relaciona diversos pontos da costa do Brasil através da latitude.	
1515		João Dias de Solís, a serviço de Castela, inicia o reconhecimento da costa brasileira, desde o Cabo de Santo Agostinho até o Prata.	
1516		A expedição guarda-costas de Cristóvão Jacques funda uma feitoria em Pernambuco e inicia o reconhecimento do litoral, até o Prata.	
1519	Início da viagem de Fernão de Magalhães ao redor do mundo a serviço da Espanha.	Novas informações do Brasil aparecem na <i>Suma Geográfica</i> de Martim Fernandez de Enciso.	
1524	Vasco da Gama nomeado vice-rei da Índia.		
1527	Início do primeiro censo português, que contabilizou 1.400.000 habitantes.		
1530		Dom João III institui o regime de capitanias hereditárias. Pero Lopes de Sousa registra no <i>Diário da Navegação</i> a	

		expedição de Martim Afonso de Sousa ao Brasil.	
1534		Início das doações de capitâneas hereditárias a particulares. Mapa de Gaspar Viegas apresenta mapa do Brasil com novos topônimos na região do Espírito Santo.	Doação da Capitania do Espírito Santo a Vasco Fernandes Coutinho.
1535			Chegada de Vasco Fernandes Coutinho ao Espírito Santo, supostamente no dia 23 de maio. Fundação da Vila do Espírito Santo, depois chamada de Vila Velha.
1536	É estabelecido em Portugal o Santo Ofício pelo Papa Paulo III.		
1537	Tentativa de demarcar a fronteira luso-espanhola na península.		Doação da Ilha de Santo Antônio como sesmaria a Duarte de Lemos.
1538		Chegam ao Brasil os primeiros escravos africanos.	
1539			Acordo feito entre Pero de Góis e Vasco Fernandes Coutinho define a fronteira sul do Espírito Santo com a Capitania da Paraíba do Sul no rio Santa Catharina, hoje Itapemirim.
1540	Estabelecimento da Companhia de Jesus em Portugal.	A costa do Brasil é completamente mapeada, graças ao trabalho de Pedro Nunes, Gaspar Viegas e Jorge Reinel.	
1542	Primeira viagem confirmada de Portugal para o Japão.		
1547			Vasco Fernandes Coutinho volta ao Espírito Santo depois de 7 anos em Portugal. Os colonos tinham migrado para a Ilha de Santo Antônio, então sesmaria de Duarte de Lemos.
1549		Instituição do governo geral do Brasil; Tomé de Sousa é o primeiro governador. Chega à Bahia o Padre Manuel da Nóbrega; fundada a cidade de Salvador.	A capitania é aberta ao comércio direto com Portugal e Angola.
1550		Chega a Salvador as primeiras cabeças de gado.	Duarte de Lemos, um dos primeiros colonizadores do Espírito Santo, muda-se para a Bahia após conflitos com o



			donatário Vasco Fernandes Coutinho.
1551		Tomé de Souza, governador geral do Brasil, oferece isenções para quem viesse para algumas capitanias.	Fundação da Vila de Vitória, que viria a se tornar sede da capitania. Chegada dos primeiros jesuítas no Espírito Santo. Início do Colégio de Santiago, em Vitória.
1552		Tomé de Sousa inicia visita de inspeção às capitanias ao Sul da Bahia.	Igreja Matriz da Vila de Vitória começa a ser construída entre 1550 e 1552.
1553		O governador Tomé de Souza faz uma visita às capitanias e costas do sul do Brasil.	Em um dos primeiros registros de mandatos de exploração, Manuel Ramalho, da Capitania do Espírito Santo recebe permissão para ir ao sertão. Uma carta dos jesuítas em 1553 afirma que no Colégio de Santiago já se ensinava alguns índios da terra e aos escravos, que eram muitos.
1554			Vasco Coutinho retorna a Portugal. Nos dois anos seguintes, a capitania é constantemente atacada pelos goitacases. Alguns povoadores migraram para o rio Cricaré.
1555		Villegaignon funda na Guanabara a Colônia França Antártica.	
1556			Fundação da aldeia de Nossa Senhora da Conceição, hoje cidade da Serra.
1557	Hans Staden publica, na Europa, sua <i>Viagem ao Brasil</i> , um dos primeiros relatos sobre a América Portuguesa.		Fundação da Aldeia do Campo, próximo da atual cidade de Santa Cruz.
1558			Possível ano da chegada de Pedro Palácios no Espírito Santo, que daria início à construção do Convento de Nossa Senhora da Penha. Com socorro enviado por Mem de Sá, Vasco Coutinho enfrenta indígenas na capitania com perdas dos dois lados, incluindo o filho de Mem de Sá, Fernão de Sá.
1560		Mem de Sá parte da Bahia para enfrentar os franceses no sul. Os portugueses destroem e ocupam a Colônia França Antártica.	Coutinho renuncia à donataria, vindo a morrer no ano seguinte. O cargo de capitão-mor é assumido por

			Belchior de Azeredo Coutinho.
1561		Mapa de Bartolomeu Velho é o primeiro a dividir o território da América portuguesa em capitânias.	Navios franceses chegam a Vitória e são derrotados por colonos e índios. Fundação da aldeia de Reritiba, hoje cidade de Anchieta.
1564			Assume a donataria Vasco Fernandes Coutinho, filho do primeiro donatário com Ana Vaz.
1565		Estácio de Sá funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.	
1567		Os franceses são definitivamente derrotados no Rio de Janeiro.	
1569			Jesuítas começam a construir o Colégio de Reis Magos, ao norte de Vitória. A construção teria sido concluída em 1580. Também seria nesse ano a fundação da aldeia de Guarapari. José de Anchieta chega ao Espírito Santo.
1570		Carta régia de Dom Sebastião garante liberdade aos índios. Após relatos da expedição de Sebastião Tourinho, o governo geral envia Antônio Dias Adorno em busca das esmeraldas no sertão do Brasil.	Pero de Magalhães Gândavo escreve, em seu <i>Tratado da Terra do Brasil</i> , que o Espírito Santo tinha, nesse período, até 180 vizinhos (entre 720 e 900 colonos).
1571		Dom Sebastião decreta que somente navios portugueses transportem mercadorias para o Brasil e demais partes do Ultramar.	
1572		O Brasil é dividido em duas repartições: Norte e Sul. Sebastião Fernandes Tourinho faz viagem ao interior do Brasil e relatou ter encontrado pedras preciosas.	
1573			Belchior de Azeredo, Capitão-mor do Espírito Santo entre 1561 e 64, faz entrada ao sertão a pedido de Mem de Sá e retorna com mais de 200 índios.
1574		Possível ano da viagem de Luís Teixeira para o Brasil entre 1574 e 1578 a fim de	

		coletar dados para seus mapas.	
<b>1575</b>		Gândavo escreve a <i>História da Província de Santa Cruz</i> .	
<b>1577</b>		Abolida a dualidade de governos do Brasil	Possível ano da doação da atual Ilha do Frade, em Vitória, como sesmaria a Valentim Nunes, então almoxarife.
<b>1580</b>	Morte de D. Henrique, rei de Portugal; questão da sucessão. Conquista de Portugal por Filipe II de Espanha. No ano seguinte é reconhecido como Filipe I de Portugal.		
<b>1584</b>		Portugueses iniciam a conquista da Paraíba, enfrentando incursões francesas.	
<b>1585</b>		Em São Paulo, são realizadas expedições contra os índios, destruindo cerca de trezentas aldeias. Franciscanos chegam ao Brasil.	
<b>1590</b>	Em Portugal é feito o <i>Roteiro de Todos os Sinais da costa do Brasil</i> , por Luís Teixeira, cartógrafo português. Este é o mais antigo atlas do Brasil.	Começa a se desenvolver intercâmbio comercial entre o sul do Brasil e a região do Rio da Prata. Portugueses e espanhóis tentam sem êxito expulsar os franceses da Paraíba.	A Capitania do Espírito Santo é representada pela primeira vez em um mapa da ilha de Vitória, presente no <i>Roteiro de Todos os Sinais</i> , de Luís Teixeira.
<b>1587</b>		Gabriel Soares de Sousa escreve o <i>Tratado descritivo do Brasil</i> .	
<b>1589</b>			Franciscanos chegam ao Espírito Santo e planejam a construção de seu convento, iniciada dois anos depois.
<b>1590</b>			Jesuíta Fernão Cardim descreve o Espírito Santo como rico em algodão e com muito cedro e bálsamo, dos quais se faziam remédios.
<b>1591</b>		O capitão inglês Thomas Cavendish pratica atos de pirataria em São Vicente.	
<b>1592</b>			No Espírito Santo, Thomas Cavendish é derrotado por índios e colonos.
<b>1594</b>	Primeira esquadra holandesa às Índias; princípio da perda sucessiva da máxima parte das estações portuguesas no Oriente; Extinção da potência		

	marítima e do monopólio comercial. Manuel Gaspar escreve o <i>Libro universal de derrotas, alturas, longitudes e conhecenças de todas as navegações destes reynos de Portugal e Castela</i> .		
1595		Lei de Filipe II proíbe a escravização dos índios. José de Anchieta escreve a <i>Arte de grammatica da lingoa mais vsada na costa do Brasil</i> .	
1597			Mapa <i>Brasilia</i> , de Cerneille Wytfliet com diversas novidades sobre o litoral do Espírito Santo.
1598		Salvador Correia de Sá recebe a superintendência das minas de ouro, diamantes e pedras preciosas descobertas nas capitanias do Sul.	As minas da capitania do Espírito Santo são incluídas na superintendência de Salvador Correia de Sá.
1601			Nos Tratados da Terra e Gente do Brasil, escritos entre 1583 e 1601, Fernão Cardim afirma que o Espírito Santo tinha 150 vizinhos (600 a 750 colonos), a terceira menor do Brasil., à frente de Itamaracá e Rio de Janeiro (100 e 140 vizinhos, respectivamente).
1603	Publicação das Ordenações Filipinas.		
1605		O governo espanhol proíbe aos estrangeiros fazer escala ou desembarcar no Brasil e nas demais partes do Ultramar português.	
1606	Lançado o <i>Regimiento de Navegación</i> de Andrés García de Céspedes, cartógrafo espanhol.		
1608		Brasil é novamente dividido em duas repartições: a do Norte (todas as regiões da Bahia para o Norte) e a do Sul (todas as regiões do Espírito Santo para o Sul)	
1610	Galileu Galilei inventa o telescópio, que é usado para calcular a longitude com a observação dos eclipses das luas de Júpiter.	O Jesuíta Jácome Monteiro escreve em sua <i>Relação da Província do Brasil</i> que os tapuias, também chamados de botocudos, tinham sido pacificados pelos religiosos.	

		O padre Jacome Monteiro escreve a <i>Relação da Província do Brasil</i> .	
1611			Ano em que Marcos de Azeredo teria encontrado as esmeraldas no interior do Espírito Santo.
1612	Em Portugal é escrito o <i>Razão do Estado do Brasil</i> por Diogo de Campos Moreno, com mapas de João Teixeira Albernaz. Existem hoje três cópias dele	Restabelecida a centralização administrativa no Brasil, com um só governo geral. Os franceses fundam São Luís do Maranhão.	
1613	Marcos de Azeredo vai a Portugal apresentar ao rei a descoberta das esmeraldas. Pode ter encontrado Diogo de Campos Moreno, que escreveu a <i>Razão do Estado do Brasil</i> .		
1615		Portugueses e espanhóis apoderam-se do Forte de São Luís do Maranhão; derrocada da França Equinocial	
1616	Cópia da <i>Razão do Estado</i> , de João Teixeira Albernaz, hoje na Universidade do Porto.		Possível data (1608-1616) de mapa anônimo da ilha de Vitória.
1621		A Coroa espanhola cria o Estado do Maranhão (Maranhão, Ceará e Pará), desligado de subordinação ao Brasil.	A capitania começa a importar e receber escravos africanos, pagos com açúcar e outros gêneros – privilégio apenas do Espírito Santo.
1624	Publicado o importante atlas holandês conhecido como <i>Reys-Boeck</i>	Os holandeses invadem a Bahia; os portugueses organizam a resistência. São expulsos no ano seguinte.	Publicada a primeira perspectiva da Capitania do Espírito Santo, em mapa presente no atlas holandês <i>Reys-Boeck</i> . Contingente de índios flecheiros do Espírito Santo participa do combate contra holandeses na Bahia. Almirante Pieter Heyn, vindo da África, tenta invadir o Espírito Santo sem sucesso.
1625	Anthony Knivet publica na Europa <i>As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet</i> , relatando os anos em que esteve no Brasil.		
1626	Cópia da <i>Razão do Estado</i> , de João Teixeira Albernaz, hoje no Instituto Histórico e Geográfico, no Rio de Janeiro.	Publicada Folha Geral do Estado do Brasil, relatando os gastos de todas as capitanias.	Folha Geral registra gastos de 115 mil e 200 réis na capitania, sendo 4 mil réis para Marcos de Azevedo, descobridor das esmeraldas, por seu Hábito de Cristo.

			Cópia da <i>Razão do Estado</i> , de João Teixeira Albernaz, traz um mapa da capitania do Espírito Santo
1627	Cópia da <i>Razão do Estado</i> , de João Teixeira Albernaz, hoje na Biblioteca Nacional da França.	Frei Vicente do Salvador escreve a <i>História do Brasil</i> .	Cópia da <i>Razão do Estado</i> , de João Teixeira Albernaz, traz um mapa da capitania do Espírito Santo
1630	Em Portugal, João Teixeira Albernaz assina suas <i>Taboas geraes de toda a navegação</i> , com mapas de portos de todo o império português.	Os holandeses atacam Pernambuco e se estabelecem ali.	Mapa da ilha de Vitória aparece em atlas hidrográfico de João Teixeira Albernaz.
1631	João Teixeira Albernaz assina o <i>Atlas do Estado do Brasil</i> , o maior em número de cartas.		O <i>Atlas do Estado do Brasil</i> , de João Teixeira Albernaz, o Velho, traz três mapas da Capitania do Espírito Santo, incluindo o último a mostrar só a ilha de Vitória..
1636			Johannes de Laet, geógrafo e diretor da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, relata aproximação da armada holandesa no Espírito Santo.
1640	Revolução do 1º de dezembro que termina com o governo espanhol; Sedição de Lisboa; Aclamação de João IV, rei de Portugal; Princípio da guerra da separação. João Teixeira Albernaz conclui a <i>Descrição de todo o marítimo da Terra de Santa Cruz</i> . Do mesmo ano há um rascunho e diferentes cópias deste atlas.		Hans Koin, coronel holandês, tenta invadir a Capitania do Espírito Santo, sem sucesso. Três mapas cobrindo toda a Capitania do Espírito Santo aparecem nas diferentes cópias da <i>Descrição</i> de Albernaz, no formato que será repetido pelo resto do século XVII.
1642	Criação do Conselho Ultramarino. <i>A Descrição de toda a costa da Província de Santa Cruz</i> , de João Teixeira Albernaz, é semelhante ao atlas de 1640.		Mapas da Capitania do Espírito Santo aparecem na nova <i>Descrição</i> de Albernaz.
1646	Rascunho de atlas da costa do Brasil, identificado como de João Teixeira Albernaz.		Mapas da Capitania do Espírito Santo aparecem em rascunho reconhecido como de Albernaz, o Velho.
1647	Instituída a Aula de Fortificação e Arquitetura Militar, ministrada pelo Cosmógrafo-mor Luís Serrão Pimentel. Dali saíam os futuros engenheiros portugueses.		

<b>1648</b>	Paz de Westfália (entre Espanha e aliados da França), fim da Guerra dos Trinta Anos.		
<b>1649</b>		Fundada em Portugal a Companhia Geral do Comércio do Brasil.	
<b>1650</b>	Conselho Ultramarino propõe ao Rei de Portugal comprar a capitania do Espírito Santo devido à má administração de seus capitães. A compra não se realiza.		
<b>1653</b>			Capitão-mor do Espírito Santo, Simão de Carvalho, afirma que não havia comércio na capitania pela falta de barcos para comunicação. A população era de 400 colonos.
<b>1654</b>		Expulsão definitiva dos holandeses. Tratado de paz assinado 7 anos depois.	
<b>1655</b>	António de Mariz Carneiro escreve o <i>Regimento de Pilotos e roteiro da navegação e conquistas do Brasil</i> , que pode ter servido de base para os mapas de João Teixeira Albernaz, o Moço. António de Mariz Carneiro escreve o <i>Roteiro de Portugal para o Brasil, Rio da Prata, Angola, Guiné e São Tomé</i> .		
<b>1660</b>	Planos de abandono de Portugal e emigração do rei para o Brasil devido à guerra com a Espanha		
<b>1661</b>	Paz de Haia põe fim à guerra com os holandeses, travada desde 1580.		
<b>1664</b>			Registra-se em carta que a capitania estava “diminuta no rendimento”, arrecadando “somente em quatrocentos mil reis cada anno”, o que era capaz de suprir apenas os gastos eclesiásticos do Espírito Santo.
<b>1665</b>	Data provável do <i>Atlas Christina</i> , do holandês Johannes Vingboons, com mapas regionais da costa do Brasil.		Johannes Vingboons faz o <i>Atlas Christina</i> , ou <i>Atlas Vingboons</i> , com um mapa da Capitania do Espírito Santo.

1666	Dois atlas do Brasil são os mais antigos que existem entre os trabalhos de João Teixeira Albernaz, o Moço, neto do cartógrafo de mesmo nome, chamado de “o Velho”.		Mapas da Capitania do Espírito Santo aparecem nos atlas do Brasil de Albernaz, o Moço.
1667		Pela primeira vez, ordens régias limitam a migração portuguesa para o Brasil.	
1668	Paz com a Espanha; reconhecimento da independência de Portugal.		
1670	Possível data do <i>Livro da descrição de toda a costa do Estado do Brasil</i> , de João Teixeira Albernaz, o Moço.		Mapas do Espírito Santo presentes na <i>Descrição</i> de Albernaz, o Moço.
1671		Decreto libera a entrada de navios estrangeiros em portos brasileiros	
1673	O cosmógrafo português Juiz Serrão Pimentel escreve a <i>Prática da arte de navegar</i> .		
1674	Dissolução das Cortes de Lisboa; afirmação do regime absoluto.	Parte de São Paulo a expedição das esmeraldas de Fernão Dias Pais.	Francisco Gil de Araújo compra a Capitania do Espírito Santo de Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho.
1675	<i>Livro da descrição de toda a costa do Estado do Brasil</i> , de João Teixeira Albernaz, o Moço, com a mesma origem do atlas de ca.1670.		Mapas do Espírito Santo presentes na <i>Descrição</i> de Albernaz, o Moço.
1679			A Aldeia de Guarapari é elevada a vila por Francisco Gil de Araújo.
1680	Data provável da publicação do <i>Zee-Atlas</i> , do holandês Johannes van Keulen, com diversos mapas do litoral do Brasil.		O <i>Zee-Atlas</i> , de Johannes van Keulen, com um mapa da Capitania do Espírito Santo.
1687		Padre Luís Figueira escreve a <i>Arte de Grammatica da Língua Brasilica</i> .	
1682			Fundação do Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Vitória. Carta de 1682 narra os feitos do donatário Francisco Gil de Araújo, como a construção do Forte de São Francisco Xavier na entrada da capitania.
1693		Descoberta das minas de ouro no Brasil.	Chega ao Espírito Santo Antônio Rodrigues Arzão, vindo da Casa de Casca,



			apresentando ao capitão três oitavas de ouro, o primeiro tirado e descoberto nas minas do Brasil.
<b>1694</b>		Ato real garante a posse das minas a seus descobridores. Primeiras notícias da descoberta de ouro onde viria a ser Minas gerais.	
<b>1695</b>		Derrotado e morto Zumbi dos Palmares pelas tropas portuguesas.	
<b>1699</b>	Chega em Lisboa o primeiro carregamento de ouro vindo do Brasil.		
<b>1702</b>			Edificação da fortaleza de São Francisco Xavier, próximo de onde havia o forte de Piratininga, na entrada da capitania.
<b>1703</b>	Tratado (de Methwen) de comércio com a Inglaterra; Aliança com o Império, a Holanda e a Inglaterra, contra a Espanha e a França (Guerra da sucessão espanhola).		
<b>1704</b>			Falta de mantimentos leva à proibição da exportação de qualquer gênero.
<b>1705</b>			Piratas em uma embarcação inglesa atacam a capitania, que se defende com a fortaleza de São Francisco Xavier.
<b>1708</b>		Guerra entre emboabas e mascates pelo controle das minas de metais preciosos.	
<b>1709</b>		Carta régia cria a Capitania de São Paulo e Minas.	Capitania do Espírito Santo é reduzida a pequena faixa litorânea após a criação da Capitania de São Paulo e Minas Devido aos conflitos da guerra de sucessão espanhola, é mandado que todos os moradores se apresentassem com armas para a defesa da capitania.
<b>1710</b>			Moradores novamente convocados a se apresentar com armas devido ao ataque francês no Rio de Janeiro. Governador capitão-general do Brasil ordena a suspensão dos trabalhos, explorações e descobertas das minas de

			ouro na Capitania do Espírito Santo, e a continuação de estradas para Minas Gerais.
<b>1710</b>		André João de Antonil escreve sua obra <i>Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas</i> .	
<b>1713</b>	Paz com a França e com a Espanha; assinatura dos tratados de Utrecht, pondo fim à guerra de sucessão espanhola.		

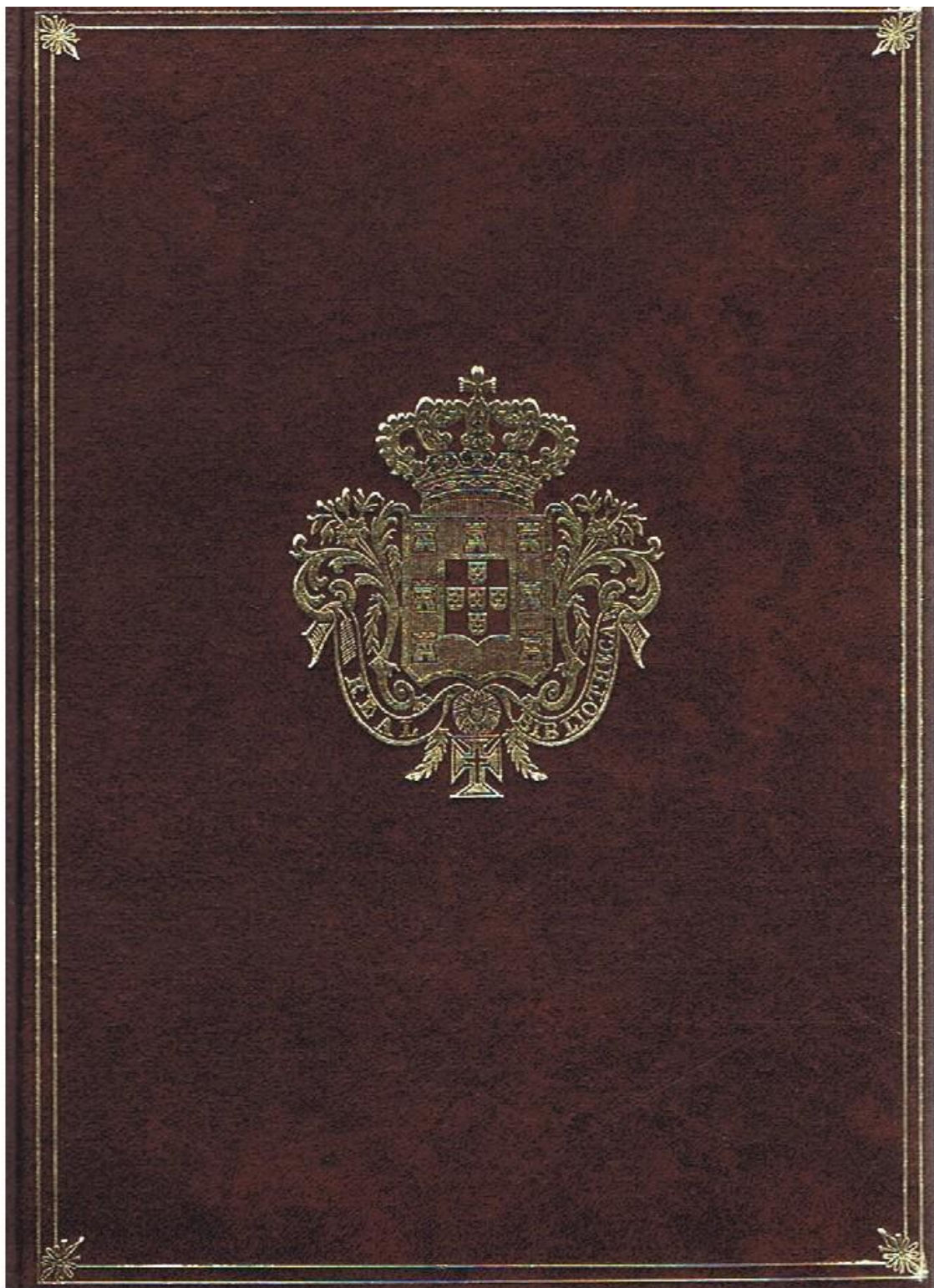
**ANEXO B:**  
**OS MAPAS DO ESPÍRITO SANTO**



Ano	Atlas	Autor	Vitória	Sul de Vitória	Norte de Vitória	Norte do Rio Doce
ca. 1590	<i>Roteiro de todos os sinaes...</i>	Luís Teixeira	[Ilha de Duarte de Lemos]. 10,30x16,50 cm. [Escala ca 1:225 000]			
16--	<i>Atlas de las costas y los puertos...</i>	Anônimo	Capitania do Espírito Santo. 29,5 x 40,5 cm. [Escala ca 1:125 000]			
ca. 1608-1612	<i>Mapa de autoria desconhecida</i>	Anônimo	Capitania do Espírito Sancto. 55 x 82 cm [Escala ca 1:25 000]			
ca. 1616	<i>Rezão do Estado do Brasil</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho			Demonstração da Capitania do Spirito Santo... 41x56 cm [Escala ca 1:420 000]	
ca. 1624	<i>Reys-boek van het rijcke Brasilien</i>	Jan Canin	Espiritu Santo. In: Brasilia 20,5x31,1 cm			
ca. 1626	<i>Livro qve da rezaõ do Estado do Brasil</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho			Demonstração da Capitania do Espirito Santo... 42x56,3cm [Escala ca 1:420 000]	
ca. 1627	<i>Livro em que se mostra a descripção de toda a costa do Estado do Brasil</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho			Geographica demõstração da Capitania do Espirito Santo... 41,3x58,7cm [Escala ca 1:420 000]	
1630	<i>Taboas geraes de toda a navegação</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho	Porto do Spirito Santo. 11,4x10cm [Escala ca 1:190 000]			
1631	<i>Estado do Brasil</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho	Capitania do Spirito Santo. 44,5x67,5cm. [Escala ca 1:240 000].	Capitania do Spirito Santo. 44,5x67,5cm. [Escala ca 320 000].	Capitania de Porto Seguro. 44,5x67,5cm. [Escala ca 1:300 000].	
1640	<i>Descripção de todo o maritimo da terra de S. Crvz</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho		Do Cabo de S. Tomé às Ilhas de Goropary. 23,5x37,5cm. [Escala ca 1:480 000].	Do Porto do espírito Santo à Ponta do rio Doce. 23,5x37,5cm. [Escala ca 1:250 000].	Do rio Doce até a ponta de Agasuipe. 23,5x37,5cm [Escala ca 1:600 000].

Ano	Atlas	Autor	Vitória	Sul de Vitória	Norte de Vitória	Norte do Rio Doce
1640	<i>Descrição de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho		Do cabo de S. Thome até o Morro de João Moreno. 23,5x37,5cm. [Escala ca 1:480 000].	Do porto do Espirito Santo athe a ponta a que chamão do rio doce. 23,5x37,5cm. [Escala ca 1:250 000].	Do rio Doce athe a ponta de Agasuipe. 23,5x37,5cm [Escala ca 1:600 000].
1640	<i>Descrição de todo o Maritimo da terra de S[an]ta Crvs</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho		Do cabo de S. Thome ate o Morro de João Moreno. 23,5x37,5cm. [Escala ca 1:480 000].	Do porto do spirito santo até a ponta a que chamão do rio doce. 23,5x37,5cm. [Escala ca 1:250 000].	Do rio Doce ate a ponta de Agasuipe. 23,5x37,5cm [Escala ca 1:600 000].
1642	<i>Descrição de toda a costa da Provinsia de santa Cruz</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho		[Mapa da costa do Brasil entre o Cabo de S. Tomé e o Morro de João Moreno]. 37,10 x 22,90 cm. [Escala ca 1:617 000].	[Litoral do brasil entre o Morro de João Moreno e a Ponta do rio Doce]. 37,00 x 22,80 cm [Escala ca 1:280 000].	[Mapa da costa do brasil entre a Ponta do rio Doce e a Ponta de Aguasuipe]. 37,00 x 22,80 cm. [Escala ca 1:680 000].
1646	<i>[Atlas da costa do Brasil].</i>	João Teixeira Albernaz, o Velho		[Do Cabo de São Thome ate o morro de João Moreno no Spirito Santo]. 29,80 x 42,50cm. [Escala ca 1:590 000].	[Do Spirito Santo ate a ponta do rio Doce]. 29,80 x 42,00cm. [Escala ca 1:590 000].	[Da ponta do rio Doce ate os Abrolhos]. 30,00 x 43,00cm. [Escala ca 1:590 000].
ca. 1660	<i>[Atlas Vingboons]</i>	Johannes Vingboons	Caerte van Spiritvs Sanctvs. 42,5x57,8cm. [Escala ca. 1:35000].			
ca. 1665	<i>[Atlas Vingboons]</i>	Johannes Vingboons	O Ispirito Santo. 41x59cm. [Escala ca. 1:35000].			
ca. 1666	<i>[Atlas do Brasil].</i>	João Teixeira Albernaz, o Moço		Demostração do Morro de Ioão Moreno ao Cabo de S. Thome. 22,4x35,6cm. [Escala ca 1:580 000].	Demostração do Rio Dose ao Porto do Spirito Santo. 22,4x35,6cm. [Escala ca 1:280 000].	Demostração da Ponta de Agasvipe ao Rio Dose. 22,4x35,6cm. [Escala ca 1:700 000].
ca. 1666	<i>Livro de toda a Costa da provincia santa crvz</i>	João Teixeira Albernaz, o Moço		Costa do Sprito Santo ao Cabo d: S: Thome. 23 X 36 cm. [Escala ca 1:550 000].	Demostração do Sprito Santo. 23 X 36 cm. [Escala ca 1:290 000].	Costa dos Abrolhos ao Rio doce. 23 X 36 cm. [Escala ca 1:680 000].
ca. 1670	<i>Livro da descrição de toda a costa do estado do Brasil</i>	João Teixeira Albernaz, o Moço		Demostrasaõ do Cabo de Saõ Thome athe o Spirito Santo. 22x36cm. [Escala ca. 1:550 000].	Demostrasaõ do Spirito Santo athe o Rio Doçe. 22x36cm. [Escala ca. 1:260 000].	Demostrasão do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe. 22x36cm. [Escala ca. 1:600 000].
ca. 1675	<i>Livro de descrição de toda a costa do Brasil</i>	João Teixeira Albernaz, o Moço		Demostrasaõ do Cabo de Saõ Thome athe o Sprito Santo. 22x33,5cm. [Escala ca. 1:600 000].	Demostrasaõ do Sprito Santo athe o Rio Doçe. 22x33,5cm. [Escala ca. 1:300 000].	Demostrasão do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe. 22x33,5cm. [Escala ca. 1:650 000].
ca. 1680	<i>Zee-Atlas</i>	Johannes van Keulen		Pas-Kaart van de zee-kunsten van Brazilia, tusschen Rio das Contas en Cabo S. Thome. 51,5x58,5cm. [Escala: ca. 1:1 6000 000].		

- 1) ROTEIRO DE TODOS OS SINAIS... CA.1585-1590. LUÍS TEIXEIRA.











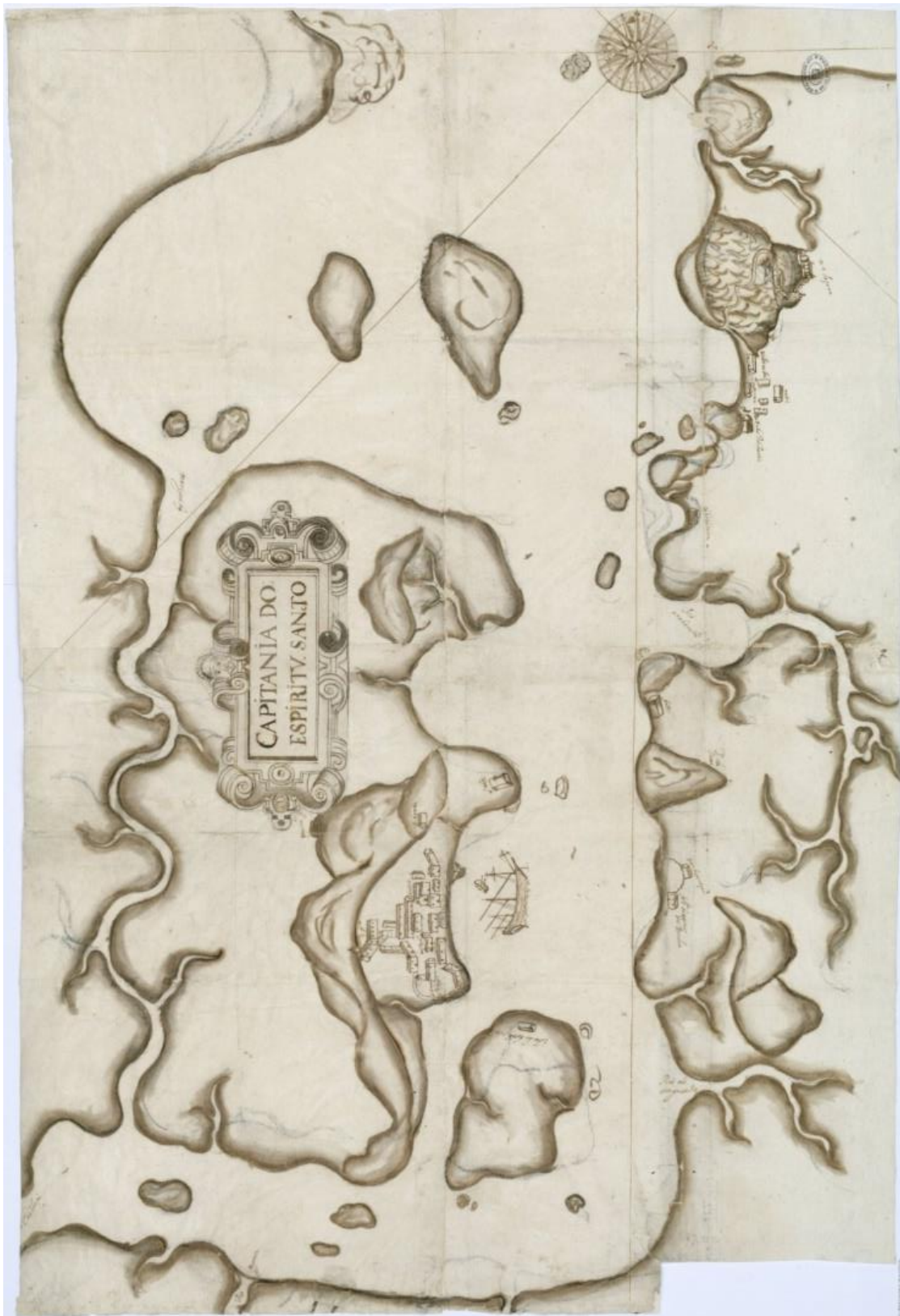
Referência	[Ilha de Duarte de Lemos]. [Escala ca 1:225 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 10,30x16,50 cm. In: <i>Roteiro de todos os sinaes, conhecimentos, fundos, alturas, e derrotas, que ha na costa do Brasil, desdo cabo de Santo Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhães</i> . [Ca 1585-1590]. F.12. TEIXEIRA, Luís. Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa – Portugal.	
Descrição (Na mesma página, acima do mapa)	E destas tres Ylhas / ao Spiritũ Santo ha doze legoas / e vindo ao norte. Veras outro Ylheo / soo e himei ao mar delle e logo se me descobrirá a boca da bahia / a qual está em 20 graos de altura e por elles entrarei pera dentro vendo ylhas e sinaes que abaixo se me mostram/.	
Topônimos	1	Terra <i>que</i> vay pera o cabo frio
	2	<i>Jlho</i> escaluado
	3	<i>Monte</i> de <i>Yoão</i> moreno
	4	Vilha velha de <i>nossa Senhora</i> da vitória
	5	Penedo grande
	6	Ilheo da veua
	7	Aqui não ha fundo
	8	Rossas velhas
	9	<i>Ilha</i> : de dom Iorge
	10	de ana vãz
	11	Villa do <i>Spiritu Santo</i>
	12	<i>Ponta</i> do tubarão
	13	Serra de <i>mestre aluaro</i>
	14	Ilha de <i>valentim nunēZ</i>
	15	Ilha de Duarte de lemos
	16	rio das barreiras;



Referência	Capitania do Espirito Sancto. [Escala ca 1:35 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 29,5 x 40,5 cm. In: <i>Atlas de las costas y de los puertos de las posesiones portuguesas en América y África</i> . [16--]. F.13. Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Madrid, Espanha.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Nossa Senhora da Pena
	2	Villa Velha
	3	Redu [...]
	4	Pam de Asucar
	5	Barra
	6	baixo cuberto
	7	Ponta do Tubaraõ
	8	Forte de São Miguel
	9	Sittio da Villa da V[itória]



3) [CAPITANIA DO ESPIRITV SANTO]. CA. 1608-1612. AUTORIA DESCONHECIDA.



Referência	Capitania do Espírito Santo. [Escala ca 1:25 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 55 x 82 cm. [ca. 1608-1616]. Autoria Desconhecida. Pert.: <i>Real Academia de la Historia</i> , Espanha.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	[Ri]o Para a aldeia
	2	rio taguoa
	3	ilha do homem santo
	4	rio do Cam grande
	5	São Francisco
	6	São Tiago
	7	Companhia de iesus
	8	Matris
	9	miZericordia
	10	São bento
	11	fazenda de marcos d aZeredo
	12	por figuração
	13	vegia j [...]
	14	sorte [sic]
	15	Pão d asucar
	16	Forte
	17	rio areberehi
	18	Iabeburuna
	19	Mariguihy
	20	nossa senhora do RoZario
	21	Santa caterina
	22	Matris
	23	Uilla velha
	24	nossa senhora da pena

4) REZÃO DO ESTADO DO BRASIL. CA. 1616. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS.









Referência	<p>Demonstração da Capitania do Spirito Santo atte a ponta da barra do Rio Doçe no qual parte cõ Porto Seguro ... . – [Escala ca 1:420 000]. 5 legoas = [7,6cm]. – [Ca 1616]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., pergaminho ; 41x56 cm, em folha de 43x57 cm. In: <i>Rezão do Estado do Brasil no Guoverno do Norte, sómente asi como o teve Dõ Dioguo de Meneses até o anno de 1612.</i> – Fol. 17. - Autoria atribuída a Diogo de Campos Moreno. - Pert.: “A El Conde Marq.z de Eliches”, Livraria do 1º Visconde de Balsemão.</p>
Descrição	<p>Demonstração da Capitania do Spirito Santo atte a ponta da barra do Rio doçe no qual parte <i>com</i> porto Seguro. mostraçe a Aldea dos Reys maguos <i>que</i> admenistrão os padres da <i>companhia</i> e do dito Rio doçe para o norte. Corre a costa como se vee ate o Rio das Caravellas, tudo despovoado <i>com</i> bõns portos pera navíos da Costa e <i>com</i> muitas matas de pao brasil. Mostraçe pello dito Rio doçe, o caminho <i>que</i> se faz <i>para</i> a serra das esmeraldas, pasando o Rio Guasisí e mais avante das cachoeiras o Rio guasisi miri, e mais avante, como se entra no Rio Vna, e delle caminhando pouca terra se entra na lagoa do ponto, E, da qual desembarção e sobem a serra das esmeraldas, tudo conforme ha jornada <i>que</i> fez Marcos dazevedo.</p>
Topônimos	1 Abrolho
	2 SPIRITO SANTO
	3 Ponta do tubarão
	4 Rio das barreiras
	5 Rio dos Reis maguos
	6 O Riacho
	7 Ponta do Rio doçe
	8 Rio doçe
	9 Rio Guasisi
	10 Rio Guasisi miri
	11 Rio vna
	12 SERRA DAS ESMERALDAS
	13 Rio cricare
	14 Rio Guaxinduba
	15 Rio Mocrúpe
	16 OCEANO MERE DIONAL

5) REYS-BOEK VAN HET RIJCKE BRASILIEN. AUTORIA  
DESCONHECIDA. CA. 1624.



Referência	Brasilia. – [Ca 1624]. – 1 mapa. imp., papel ; 20,5x31,1 cm, em folha de 21,5x33 cm. In: <i>Reys-boek van het rijcke Brasilien. rio de la Plata ende Magallanes, Dae in te sien is: De ghelegentheydt van hare Landen ende Steden haren handel ende wandel met de Vruchten ende Cruchtbaerheydt der selver: Alles met copere platen uytghebeelt. Als oock De leste reyse van den Heer van Doort, met het veroveren van de Baeye De todos los Santos, t'samen ghestelt door N. G. – [ca. 1624]. – Jan Canin. – Pert.: John Carter Brown Library, Estados Unidos.</i>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Vila velha
	2	Espiritu Santo
	3	Fortaleza
	4	rio de Espiritu Santo



6) LIVRO QVE DA REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL. CA. 1626. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS.

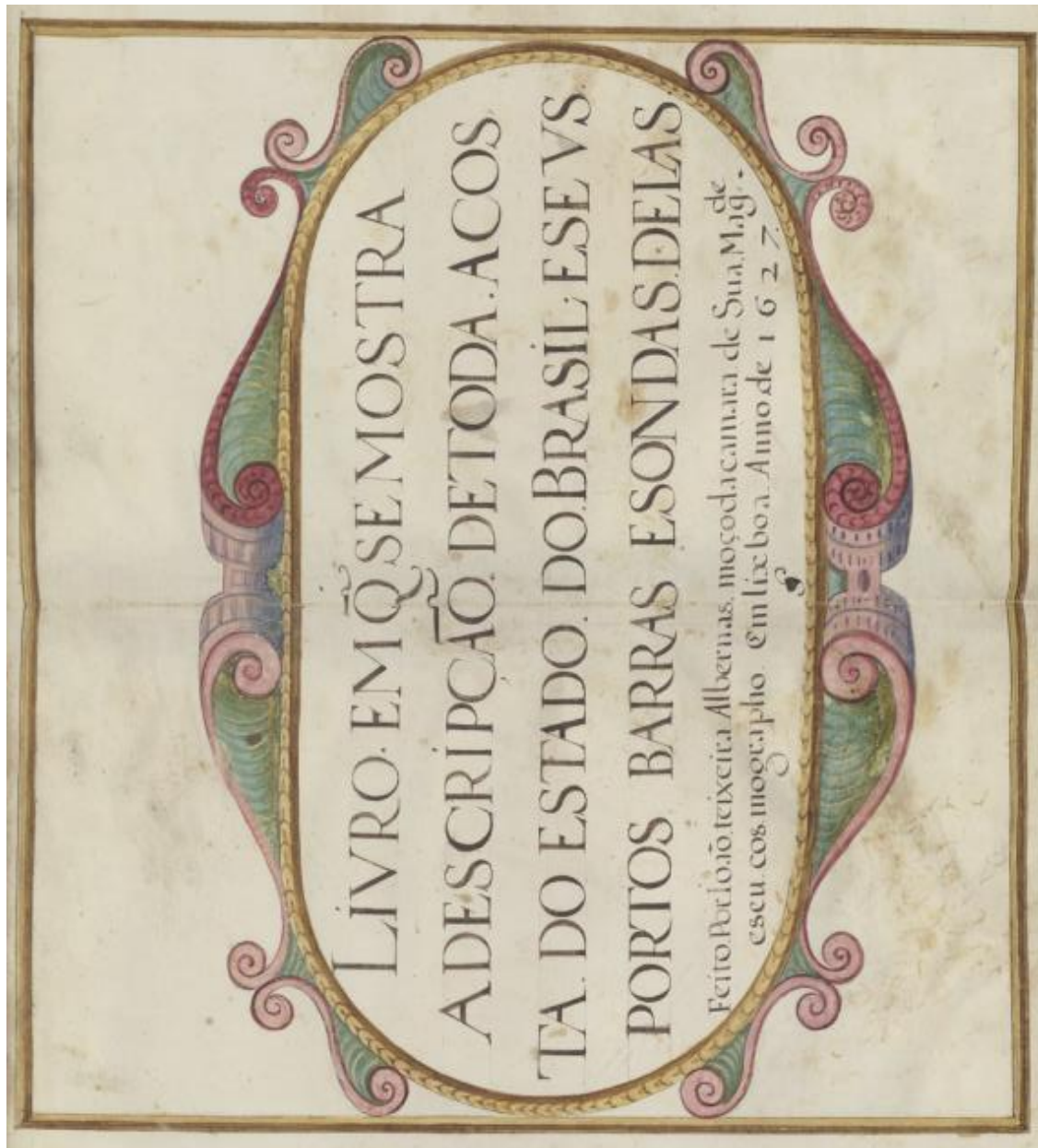




Referência	<p>Demonstração da Capitania do Espirito Santo até aponta da Barra do rio doce no qual parte cõ Porto Seguro ... [Escala ca 1:420 000]. [Ca 1626]. - 1 mapa em bifólio : ms., color.; pergaminho; 42x56,3cm. In: <i>Livro qve da rezaõ do Estado do Brasil.</i> – [Ca 1626]. – Cart. 5. – João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.</p>	
Descrição	<p>Demonstração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do rio doce no qual parte com Porto Seguro. mostraçe a Aldea dos Reis magos que admenistrão os padres da Companhia. E do ditto rio pera o Norte Corre a Costa como se mostra ate o rio das Caravelas tudo despouoado Com muitos Portos pera Navios da Costa E muitas matas de pao Brasil. Mostraçe pelo rio doce o caminho que se faz pera a Serra das esmeraldas pasando o rio Guasiçí e maes avante das Cachoeiras o rio Guasiçi miri. E maes avante Como se entra no rio Vna e delle Caminhando pouca terra se entra na lagoa do ponto E da qual dezenbarcão e sobem á serra das Esmeraldas tudo conforme á viagem que fez Marcos dazevedo.</p>	
Topônimos	1	Abrolho
	2	SPIRITU SANTO
	3	rio das barreiras
	4	Reis maguos
	5	O riacho
	6	Ponta do rio Doçe
	7	rio doce
	8	rio Guasici
	9	rio Guasicimiri
	10	rio Vna
	11	Serra das esmeraldas
	12	rio de Cricare
	13	rio Guaxinduba
	14	rio macurípe
	15	OCEANO MEREDIONAL



7) LIVRO EM QUE SE MOSTRA A DESCRIÇÃO DE TODA A COSTA DO ESTADO DO BRASIL. CA. 1627. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS.







Referência	Geographica demõstração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do rio doçe no qual parte cõ Porto Seguro... [Escala ca 1:420 000]. [Ca 1627]. - 1 mapa em bifólio : ms., color.; pergaminho; 41,3x58,7cm. In: <i>Livro em que se mostra a descripção de toda a costa do Estado do Brasil e sevs portos barras e sondas delas. Feito Por Ioão teixeira Albernas, moõ da camara de Sua Magestade e seu cosmographo. Em lixboa, Anno de 1627.</i> - Fol. 18. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Bibliothèque Nationale de Paris.	
Descrição	Geographica demonstração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do rio doçe no qual parte com porto Seguro e do dito rio doçe pera o Norte Corre a costa como se mostra. até o rio das Caravellas tudo despouado com muitos portos pera navios da Costa e muyto Pao brasil. mostraçe pelo rio doçe o Caminho que se faz pera a serra das esmeraldas navegando até o rio Vna e delle Caminhando pouca terra. se entra na lagoa. do Ponto E da qual se sobre ha ditta serra.	
Topônimos	1	Baixo
	2	Abrolho
	3	SPIRITV SANTO
	4	rio das barreiras
	5	Reis maguos
	6	Riacho
	7	Ponta do rio doçe
	8	rio doçe
	9	rio Guasici
	10	rio Guasicimiry
	11	rio Vna
	12	Serra das Esmeraldas
	13	LAGOA
	14	rio de Cricare
	15	rio Guaxinduba
	16	rio Macuripe

8) TABOAS GERAES DE TODA A NAVEGACÃO. 1630. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS.





Referência	Porto do Spirito Santo, no estado do Brasil. Em altura de 20 Graus e 1/4. – [Escala ca 1:190 000]. – 1630. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 11,4x10cm, em folha de 33,8x46cm In: <i>Taboas geraes de toda a navegacãoo / divididas e emendadas por Dom Ieronimo de Attayde com todos os portos principaes das conquistas de Portugal delineadas por Ioão Teixeira cosmographo de Sua Magestade, anno de 1630.</i> – Fol. 4. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso em Washington, Estados Unidos da América..	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	forte de <i>são</i> marcos
	2	<i>Vila</i> uelha
	3	Morro de <i>yoão</i> moreno
	4	Villa da Vitoria
	5	forte de <i>são</i> Miguel
	6	Baixa
	7	ponta do Tubarão



9) ESTADO DO BRASIL. 1631. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS.

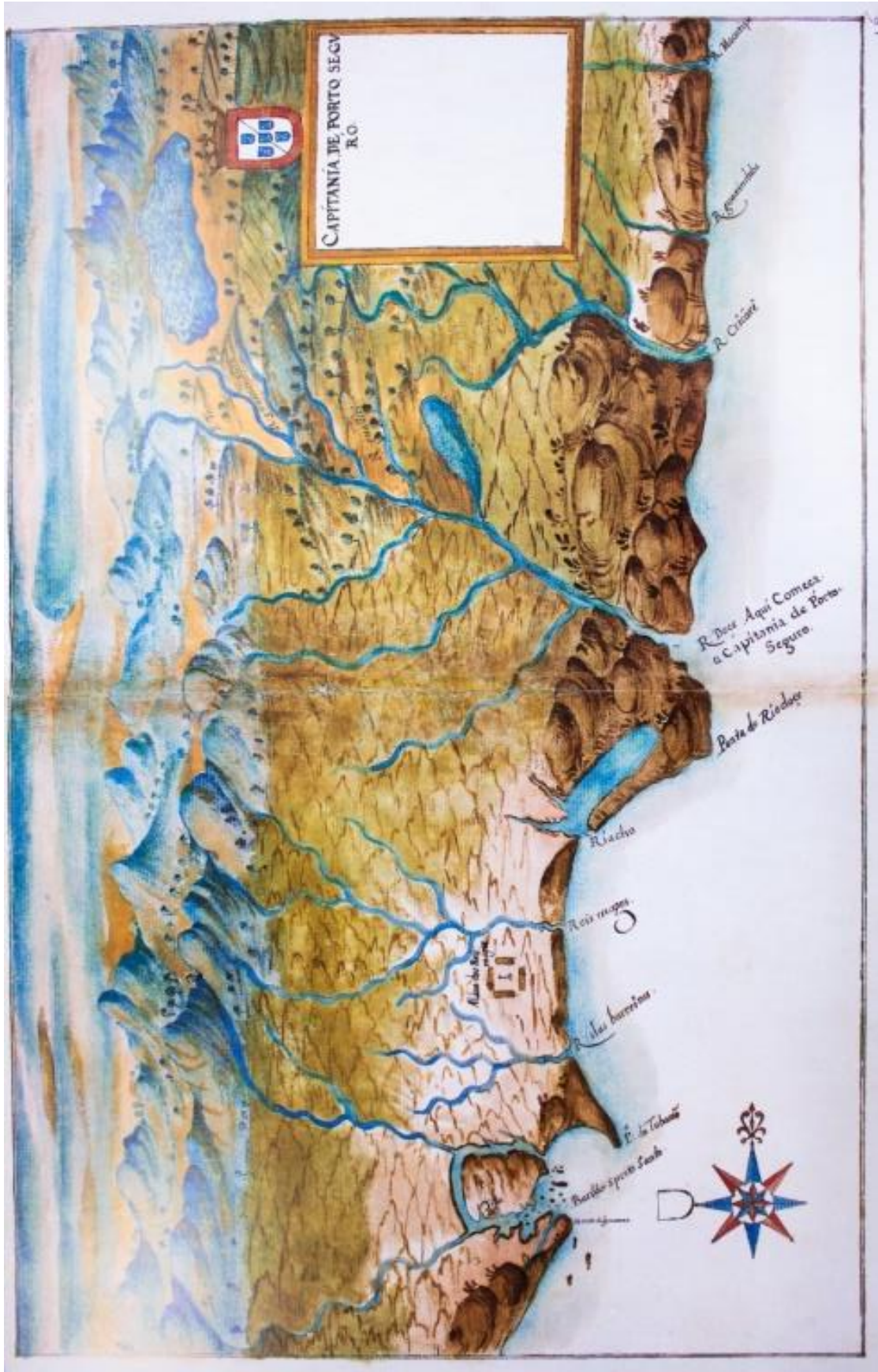


Referência	Capitania do Spirito Santo – [Escala ca 320 000]. 10 léguas = [21cm] – [Ca 1631]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 44,5x67,5cm. In: <i>Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias q[ue] pode aivntar dõ Ieronimo de Ataide. Por Ioão Teixeira Albernaz, cosmographo de Sya Ma[gest]ade. Anno: 1631. – 1631. – Cart. 14. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.</i>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	<i>Cabo de São thome</i>
	2	<i>Praýua</i>
	3	<i>rio Itapemiri</i>
	4	<i>Serra de Gua</i>
	5	<i>Ilha Dos Françezes</i>
	6	<i>rio ýrirituba</i>
	7	<i>rio Guaraparý</i>
	8	<i>Ilha escalvada</i>
	9	<i>rio de Perocão</i>
	10	<i>Ilhas de Perocão</i>
	11	<i>Ponta da fruta</i>
	12	<i>Morro de Yoão moreno</i>
	13	<i>Sprito Santo</i>



Referência	Capitania do Spirito Santo – [Escala ca 1:240 000]. 2 legoas = [24cm]. – [Ca 1631]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 44,5x67,5cm. In: <i>Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias q[ue] pode aivntar dõ Ieronimo de Ataide. Por Ioão Teixeira Albernaz, cosmographo de Sya Ma[gest]ade. Anno: 1631. – 1631. – Cart. 15. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.</i>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	de leonardo froes
	2	de Francisco daguiar
	3	Trepiche
	4	Paõ da sucar
	5	forte de São Marcos
	6	Do Azeredo
	7	Vila uelha
	8	Nossa Senhora da pena
	9	ponta da Barra ou Morro de Joaõ moreno
	10	Villa da vitória
	11	Forte de São Miguel
	12	Abrolho
	13	rio de moroype
	14	Ponta do tubaraõ





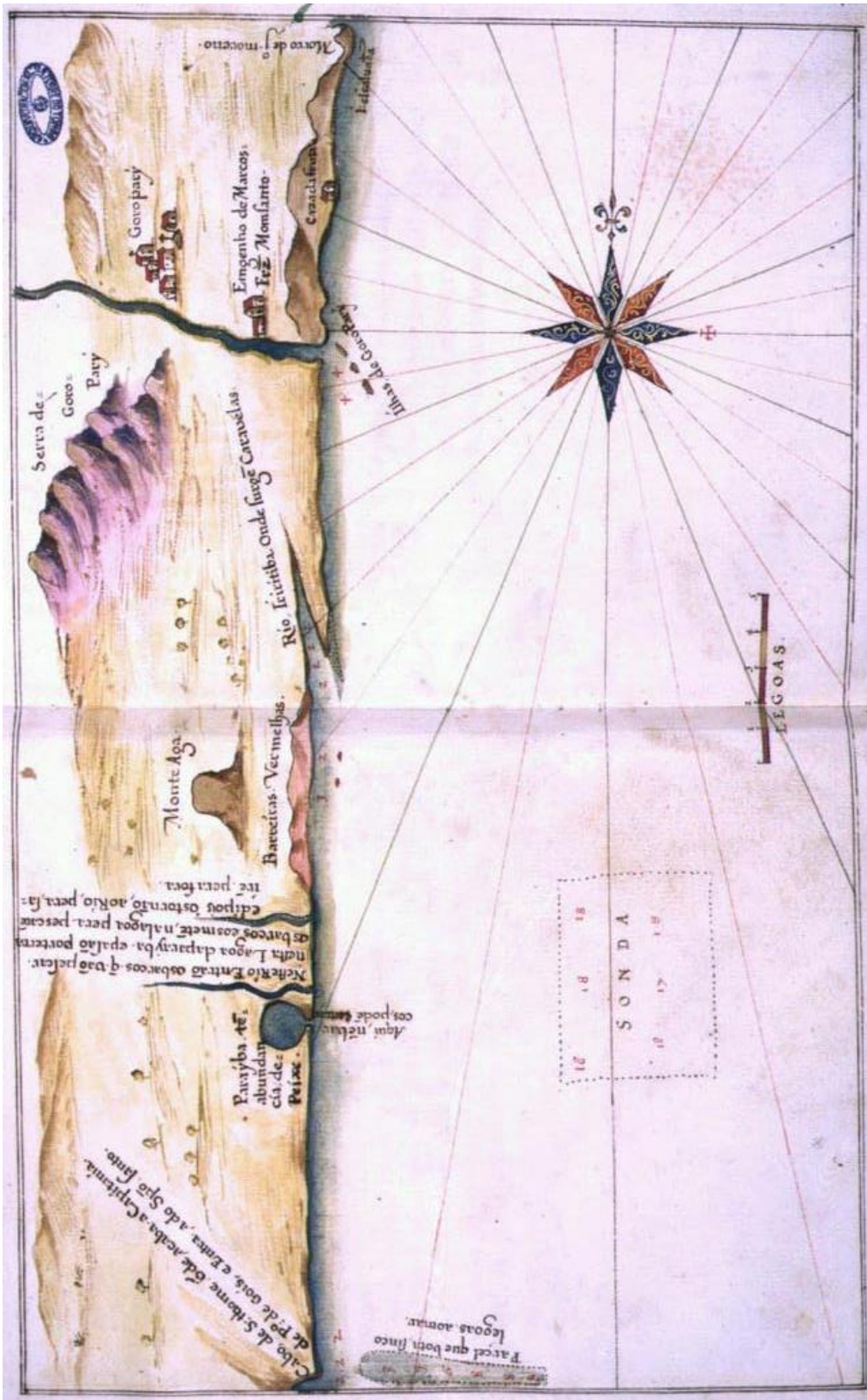
Referência	Capitania de Porto Seguro – [Escala ca 1:300 000]. – [Ca 1631]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 44,5x67,5cm. In: <i>Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias q[ue] pode aivntar dõ Ieronimo de Ataide. Por Ioão Teixeira Albernaz, cosmographo de Sya Ma[gest]ade. Anno: 1631. – 1631. – Cart. 16. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.</i>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Morro de <i>yoão</i> moreno
	2	Barra do sprito Santo
	3	Villa
	4	<i>Ponta</i> do Tubaraõ
	5	rio das barreiras
	6	Aldea dos Reis magos
	7	Reis magos
	8	Riacho
	9	<i>Ponta</i> do rio doçe
	10	rio doçe
	11	Aqui Começa a Capitania de Porto Seguro
	12	rio guassici
	13	rio Guassisi Miry
	14	rio Vna
	15	SERRA DAS ESMERALDAS
	16	LAGOA
	17	rio Cricârê
	18	rio guaxinduba
	19	rio Macuripe



- 10) DESCRIÇÃO DE TODO O MARITIMO DA TERRA DE S. CRVZ.  
1640. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS I.







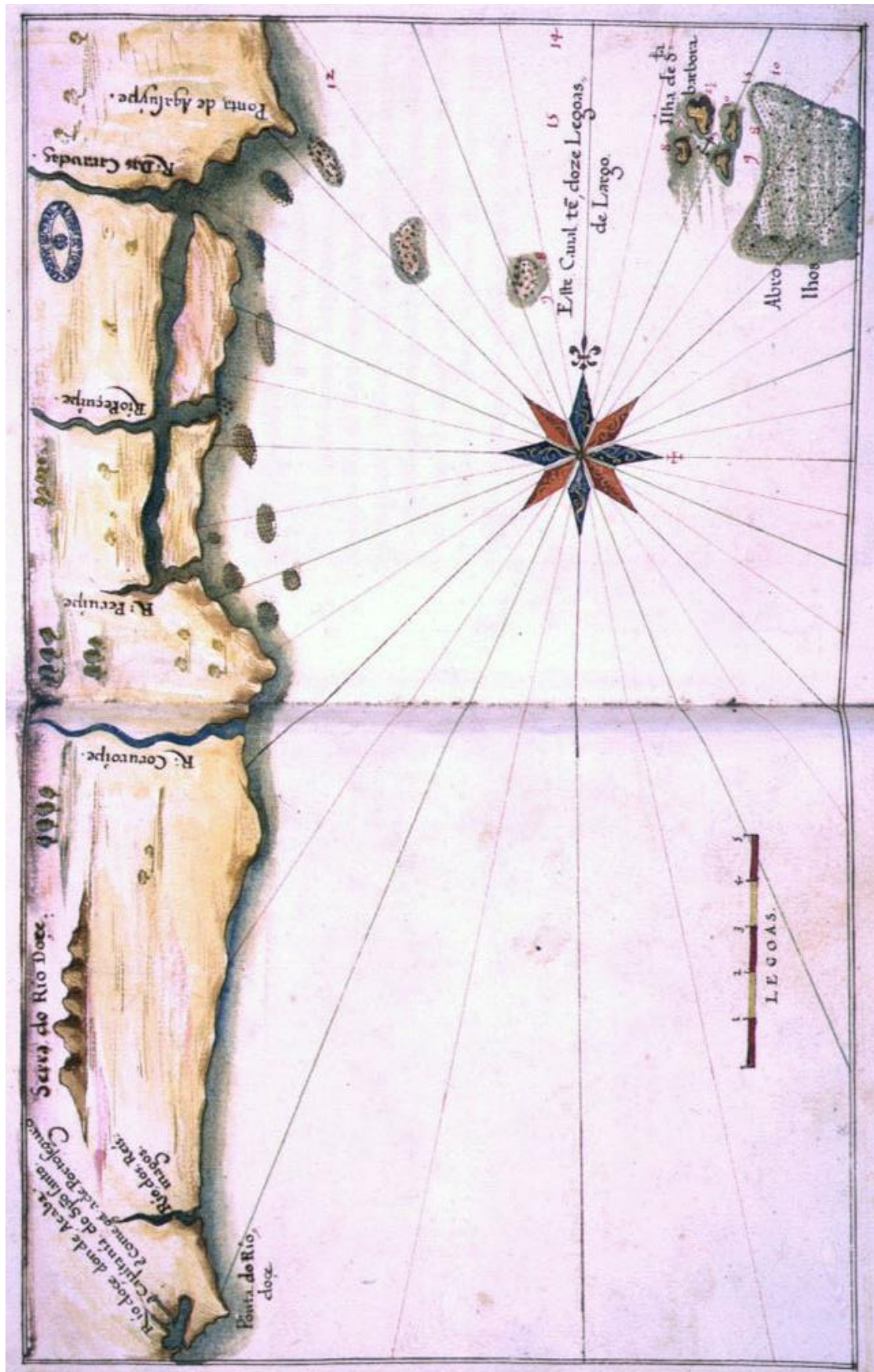
Referência	Do Cabo de S. Tomé às Ilhas de Goropary. [Escala ca 1:480 000]. 5 léguas = [5,2cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de todo o marítimo da terra de S. Crvz. Chamado vulgarmente o brazil. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.</i> – 1640. – Fol. 35. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.	
Descrição	Do Cabo de São thome que como dise está em altura de vinte dous graos, Corre a Costa ao Norte. trinta e seis legoas. até o morro de Ioaõ moreno. que he <i>hum</i> monte que esta na entrada do Porto, do <i>Spirito</i> Santo, em, altura de 20 graos, e <i>hum</i> quarto. em toda esta Costa, não temos porto, notauel, mais que o rio Iiritiba. em que <i>podem</i> surgir Carauellas. em fundo de duas braças, e ao Norte, dele oito legoas. outro rio <i>com</i> tres ilhas pequenas na entrada dele que se <i>correm</i> de Noroeste sueste. entre, ellas, e a boca do rio <i>podem</i> surgir, em quatro braças chamaõ a estas, ilhetas, de Goropary e do mesmo nome esta <i>huma</i> pouoacaõ pelo rio assim a distancia de sinco legoas, não á nesta Costa Outra couza de que se fassa mensão.	
Topônimos	1	Parçel que bota sinco legoas ao mar
	2	Cabo de São thome. onde acaba a Capitania de Pero de Gois, e Entra a do <i>Spirito</i> Santo
	3	Paraýba, <i>tem</i> abundancia de Peixe
	4	Aqui <i>nem</i> barcos <i>podem</i> entrar
	5	Neste rio Entraõ os barcos <i>que</i> vaõ pescar nesta Lagoa da paraýba e pasão por terra os barcos e os <i>metem</i> na lagoa pera pescarem e depois os tornaõ ao rio, pera sairem pera fora
	6	Monte Aga
	7	Barreiras Vermelhas
	8	rio Iiritiba, Onde <i>surgem</i> Caravelas
	9	Serra de GoroPary
	10	Ilhas de GoroPary
	11	Goropary
	12	Engenho de Marcos Fernandez Monsanto
	13	Goropary
	14	Caza da fruta
	15	<i>Ilha</i> escaluada
	16	Morro de João moreno
	17	SONDA





Referência	Do Porto do espírito Santo à Ponta do rio Doce. [Escala ca 1:250 000]. 5 léguas = [12,7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de todo o maritimo da terra de S. Crvz. Chamado vulgarmente o brazil. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640. – 1640. – Fol. 38. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.</i>	
Descrição	Do Porto do <i>Spirito</i> Santo que está em vinte graos e hum quarto. corre a Costa, ao Norte e torna alguma couza da quarta do Nordeste ate a ponta a que chamaõ do rio doce em distancia de doze legoas. em toda ella não á outro porto. <i>nem</i> surgidouro mais que o do <i>Spirito</i> Santo que he hum dos notauéis da Costa do Brasil, <i>tem</i> barra de bom fundo na entrada, e dentro no porto <i>surgem</i> em tres brasas. a terra he fertil, <i>tem</i> alguns engenhos de asucar, he fresca e de bons ares.	
Topônimos	1	De leonardo froes
	2	De francisco de aguiar
	3	Trepiche
	4	Do Azeredo
	5	Ilha de Duarte de Lemos
	6	Pão dasucar
	7	Villa do <i>Spirito</i> Santo
	8	Vila Velha
	9	Ilha Escaluada
	10	Morro de Ioaõ Moreno
	11	Ilha de Viua
	12	Ilha de Ana Vaz
	13	4 penedos
	14	Ilha de Valentim nunez
	15	Ilha de Dom Jorge
	16	Abrolho
	17	rio Moroype
	18	enseada darea
	19	Ponta do Tubaraõ
	20	Serra de Mestralvaro
	21	rio das barreiras
	22	Serras de Mestralvaro
	23	Aldea dos Reys magos
	24	Reys Magos
	25	rio doce
	26	Ponta do rio Doçe

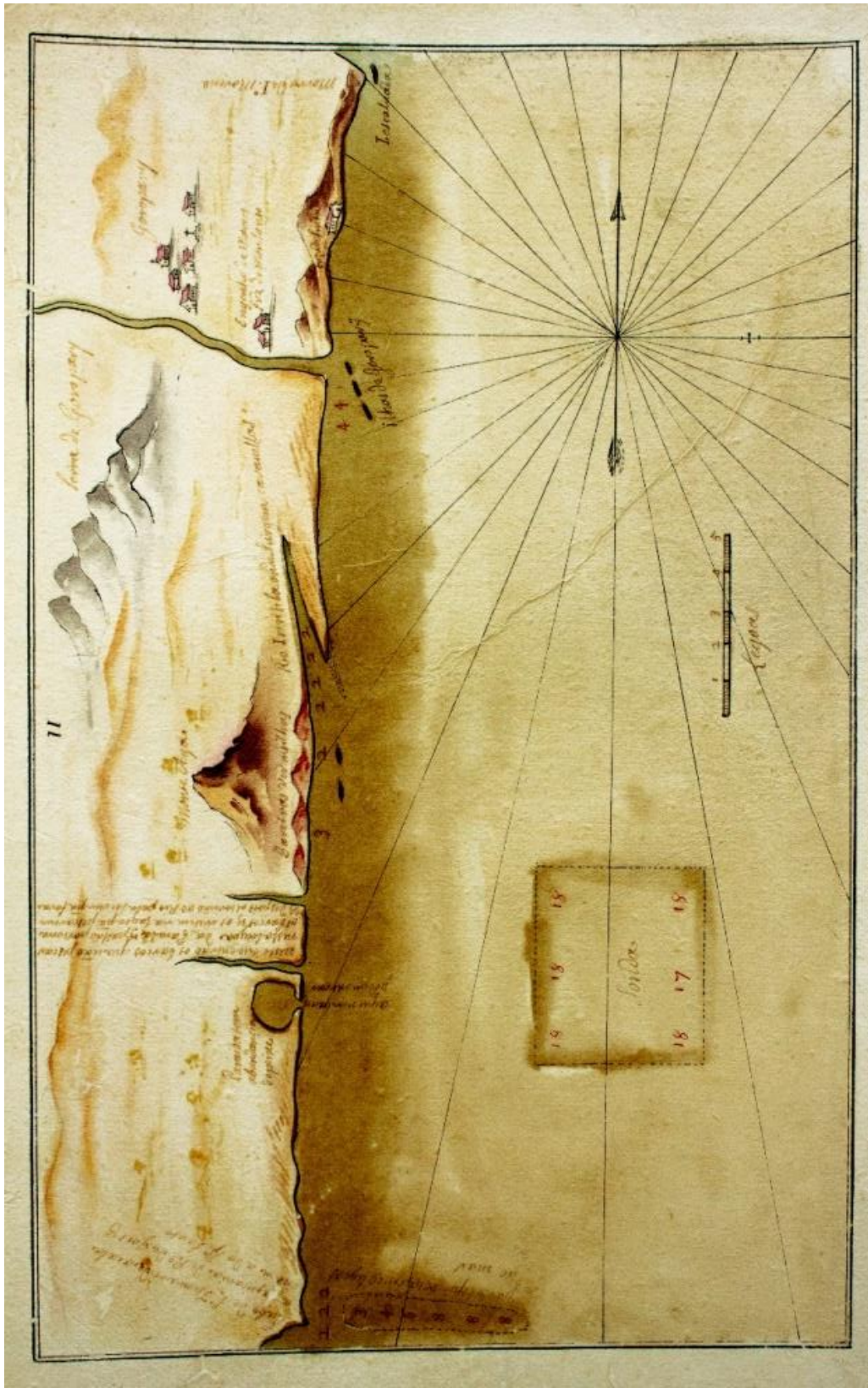






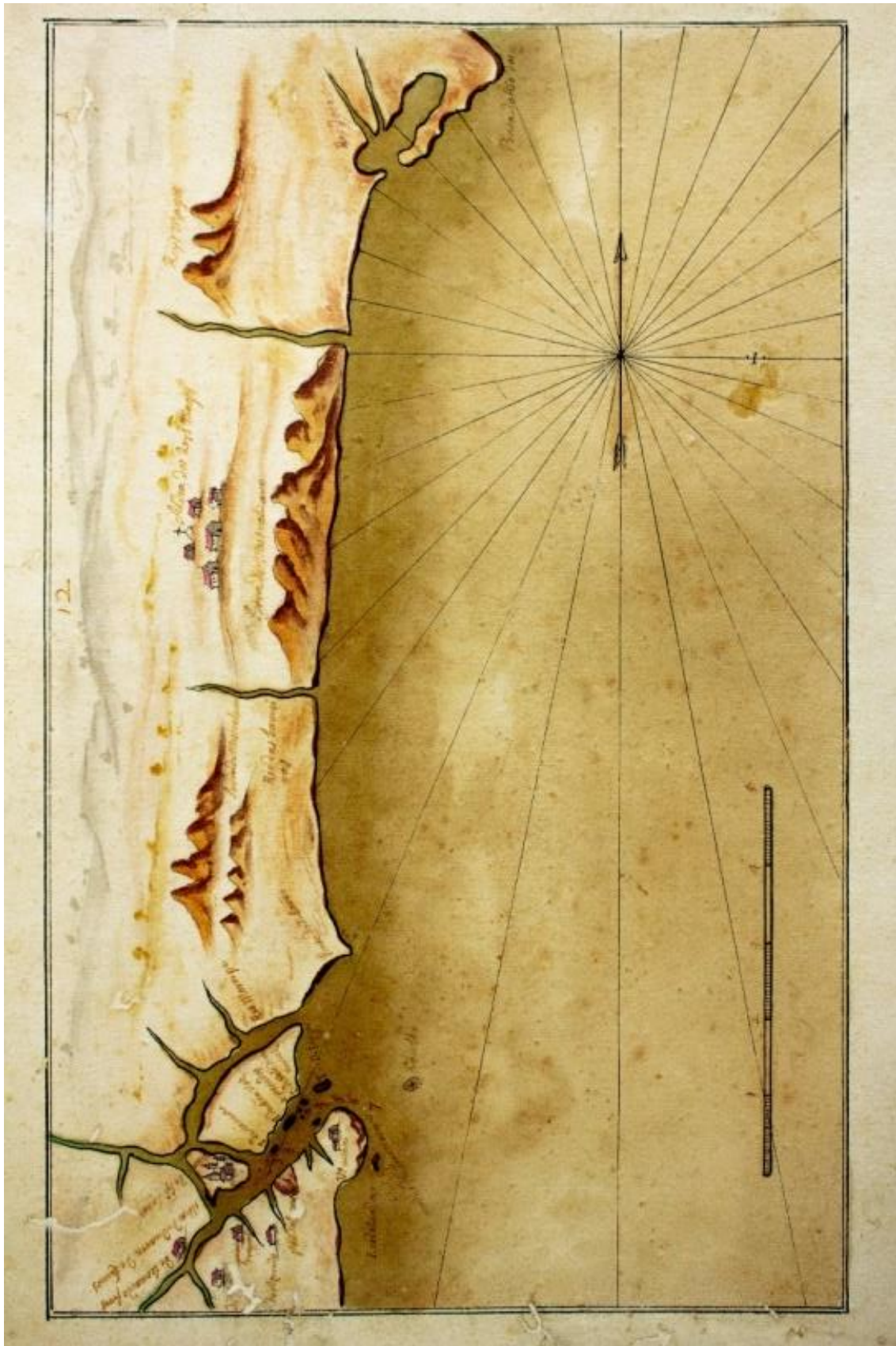
Referência	Do rio Doce até a ponta de Agasuipe. [Escala ca 1:600 000]. 5 léguas = [7cm].. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de todo o maritimo da terra de S. Crvz. Chamado vulgarmente o brazil. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640. – 1640. – Fol. 41. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.</i>	
Descrição	Do rio dose ate a ponta de agasuipe que esta na algura dos abrolhos. he terra despouoada, e sem proueito, so tem algum pao brasil. a Costa correçe ao Norte, 28 legoas em todas elas não temos porto. nem surgidouro algum tudo costa braua. mostraçe o princípio do Canal dos Abrolhos. e Ilhas de Santa Barbora. entre ellas podem surgir, em cinco braços.	
Topônimos	1	rio doce, donde Acaba a Capitania do Spirito Santo e Começa a de Porto Seguro
	2	Ponta do rio doce
	3	rio dos Reis magos
	4	Serra do rio Doçe
	5	rio Coruroipe
	6	rio Peruipe
	7	rio Peçuipe
	8	rio das Caravelas
	9	Ponta de Agasuýpe
	10	Este Canal tem doze Legoas de Largo
	11	Ilha de Santa barbora
	12	Abrolhos

11) DESCRIÇÃO DE TODO O MARITIMO DA TERRA DE S. CRVZ.  
 1640. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS I.



Referência	Do cabo de S. Thome até o Morro de João Moreno. [Escala ca 1:480 000]. 5 léguas = [5,2cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ chamado vulgarmente o BRASIL. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640. – 1640. – Fol. 11. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores do Brasil..</i>	
Descrição	Do cabo de São Thome que como disse, está em altura de 22 graos, corre a costa ao norte 36 legoas até o Morro de Joaõ Moreno, que he hum Monte que esta na entrada do porto do Spirito Santo, em altura de 20 graos e hum quarto. em toda esta costa não temos Pprto notauel, mais que o rio Iiritiba em que podem surgir carauellas em fundo de duas braças, e ao norte delle oito legoas, outro rio, com tres ilhas pequenas na entrada delle que se correm de noroeste suveste, entre ellas e a boda do rio podem surgir em 4 braças: chamão a estas ilhetas de Goropary; e do mesmo nome há huma povoação pelo rio acima, distancia de 5 legoas; não há nesta costa outra couza de que se faça menção.	
Topônimos	1	Cabo de São Thome onde acaba a capitania de Pero de Gois e entra a do Spirito Santo
	2	parcel que bota cinco legoas ao mar
	3	Paraiba tem abundancia de peixe
	4	nesse rio entrão os barcos que vão pescar nessa lagoa Paraiba e passão por terra os barcos e os metem na lagoa para pescarem e depois os tornão ao rio para saírem para fora
	5	Monte Aga
	6	Barreiras Vermeilhas
	7	rio Iiritiba onde surgem Caravelas
	8	Serra de Goropary
	9	ilhas de Goropary
	10	Engenho de Marcos Fernandez de Monsanto
	11	Goropary
	12	caza da Fruta
	13	Ilha escaluada
	14	Morro de Ioão Moreno





Referência	Do porto do Espirito Santo athe a ponta a que chamão do rio doce. [Escala ca 1:250 000]. 5 léguas = [12,7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ chamado vulgarmente o BRASIL. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640. – 1640. – Fol. 12. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores do Brasil.</i>																																																		
Descrição	Do porto do Espirito Santo que esta em Uinte graos e hum quarto, corre a costa ao norte, e torna alguma couza da quarta do nordeste. athe a ponta a que chamaõ do rio doce, em distancia de doze legoas: em toda essa não ha outro porto nem surgidouro, mais que o do Espirito Santo que he um dos notaueis da costa do Brasil, tem barra de bom fundo na entrada, e dentro no porto surgem em três braças, a terra he fertil, tem alguns engenhos de assucar; he fresca e de bons ares.																																																		
Topônimos	<table border="1"> <tr><td>1</td><td>de leonardo froes</td></tr> <tr><td>2</td><td>Ilha de Duarte de Lemos</td></tr> <tr><td>3</td><td>De [<i>francisco de a</i>]guiar</td></tr> <tr><td>4</td><td>Trepiche</td></tr> <tr><td>5</td><td>do Azeredo</td></tr> <tr><td>6</td><td>Pão da[<i>Sucar</i>]</td></tr> <tr><td>7</td><td>Vila uelha</td></tr> <tr><td>8</td><td>Ilha escaluada</td></tr> <tr><td>9</td><td>morro de Ioaõ Moreno</td></tr> <tr><td>10</td><td>Villa do <i>Spirito</i> Santo</td></tr> <tr><td>11</td><td>Ilha de uiuua</td></tr> <tr><td>12</td><td>Ilha de Ana Vaz</td></tr> <tr><td>13</td><td>4 penedos</td></tr> <tr><td>14</td><td>Ilha de Valentim nunes</td></tr> <tr><td>15</td><td>Ilha de Dom Iorge</td></tr> <tr><td>16</td><td>Abrolho</td></tr> <tr><td>17</td><td>rio Moroipe</td></tr> <tr><td>18</td><td>Ponta do Tubarão</td></tr> <tr><td>19</td><td>Serra de Mestaluaro</td></tr> <tr><td>20</td><td>rio das barreiras</td></tr> <tr><td>21</td><td>Serra de Mestaluaro</td></tr> <tr><td>22</td><td>Aldea dos Reys Magos</td></tr> <tr><td>23</td><td>Reys Magos</td></tr> <tr><td>24</td><td>rio doce</td></tr> <tr><td>25</td><td>Ponta do rio doce</td></tr> </table>	1	de leonardo froes	2	Ilha de Duarte de Lemos	3	De [ <i>francisco de a</i> ]guiar	4	Trepiche	5	do Azeredo	6	Pão da[ <i>Sucar</i> ]	7	Vila uelha	8	Ilha escaluada	9	morro de Ioaõ Moreno	10	Villa do <i>Spirito</i> Santo	11	Ilha de uiuua	12	Ilha de Ana Vaz	13	4 penedos	14	Ilha de Valentim nunes	15	Ilha de Dom Iorge	16	Abrolho	17	rio Moroipe	18	Ponta do Tubarão	19	Serra de Mestaluaro	20	rio das barreiras	21	Serra de Mestaluaro	22	Aldea dos Reys Magos	23	Reys Magos	24	rio doce	25	Ponta do rio doce
1	de leonardo froes																																																		
2	Ilha de Duarte de Lemos																																																		
3	De [ <i>francisco de a</i> ]guiar																																																		
4	Trepiche																																																		
5	do Azeredo																																																		
6	Pão da[ <i>Sucar</i> ]																																																		
7	Vila uelha																																																		
8	Ilha escaluada																																																		
9	morro de Ioaõ Moreno																																																		
10	Villa do <i>Spirito</i> Santo																																																		
11	Ilha de uiuua																																																		
12	Ilha de Ana Vaz																																																		
13	4 penedos																																																		
14	Ilha de Valentim nunes																																																		
15	Ilha de Dom Iorge																																																		
16	Abrolho																																																		
17	rio Moroipe																																																		
18	Ponta do Tubarão																																																		
19	Serra de Mestaluaro																																																		
20	rio das barreiras																																																		
21	Serra de Mestaluaro																																																		
22	Aldea dos Reys Magos																																																		
23	Reys Magos																																																		
24	rio doce																																																		
25	Ponta do rio doce																																																		





Referência	Do rio doce athe a ponta de Agasuipe. [Escala ca 1:600 000]. 5 léguas = [7cm].. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ chamado vulgarmente o BRASIL. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640.</i> – 1640. – Fol. 13. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores do Brasil.	
Descrição	Do rio doce athe a ponta de Agasuipe, que esta na altura dos Abrolhos, he terra despouoada e sem proveito, só tem algum pao Brasil: a costa corre se ao norte 28 legoas, em todas ellas não temos Porto, nem surgidouro algum. toda costa braua: mostrase o principio do canal dos abrolhos, e ilhas de <i>Santa Barbora</i> entre ellas podem surgir em cinco braças.	
Topônimos	1	rio doce donde acaba a Capitania do <i>Spirito</i> Santo e Começa a de porto Seguro
	2	rio dos Reys magos
	3	Serra do rio doce
	4	rio coruroipe
	5	rio Peruipe
	6	rio Peruipe (sic)
	7	rio da Carauelas
	8	Ponta de Agasuipe
	9	este canal tem 12 legoas de largo
	10	<i>Ilhas</i> de <i>Santa Barbora</i>
	11	Abolhos



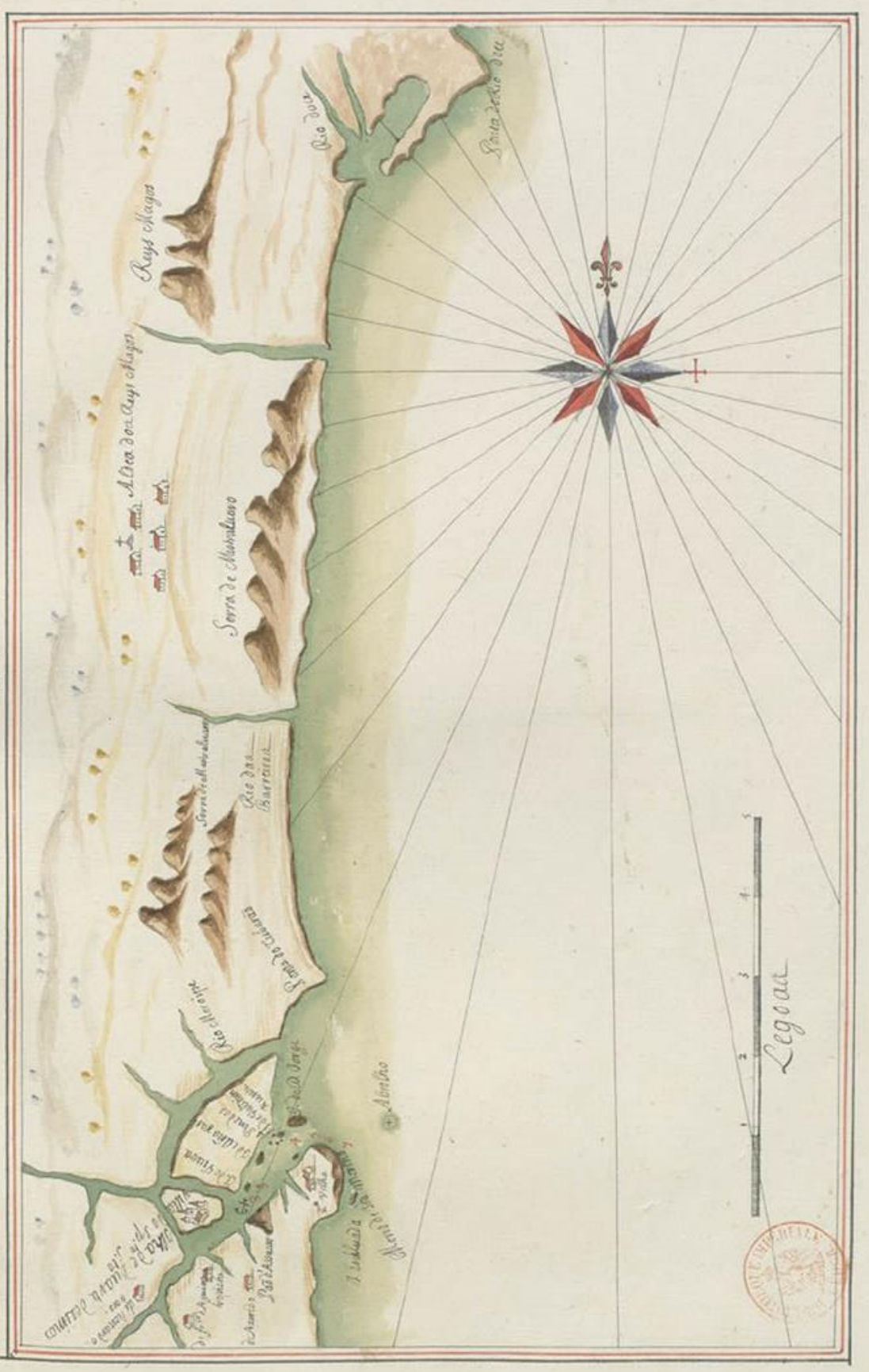
12) DESCRIÇÃO DE TODO O MARITIMO DA TERRA DE S[AN]TA  
CRVS. 1640. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS I.







Referência	Do cabo de S. Tome ate o Morro de João Moreno. [Escala ca 1:480 000]. 5 léguas = [5,2cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de todo o Maritimo da terra de S[an]ta Crvs chamado uulgamento o Brazil, por João Teyxeira Cosmographo de sua Maiestade, anno 1640.</i> – 1640. – Fol. 11. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.	
Descrição	Do Cabo de São Tome, que como disse, esta em altura de 22 graos, corre a costa ao Norte 36 legoas, ate o Morro de João Moreno, que hé hum monte que esta na entrada do Porto do Spirito Santo, em altura de 20 graos e hum quarto: em toda esta costa não temos porto notauel, mais que o Rio Iritiba, em <i>que</i> podem surgir Caravellas em fundo de duas braças, e ao Norte delle 8 legoas, outro Rio com tres ilhas pequenas: na entrada delle que se correm de Noroeste Sudeste, entre ellas e a boca do Rio, podem surgir em 4 braças; chamão a estas Ilhetas do Goropary; e do mesmo nome esta huma pouoação pelo RIO a cima, distancia de 5 legoas; não ha nesta costa outra cousa de que se faça menção.	
Topônimos	1	Parçel que bota cinco legoas ao mar
	2	Cabo de São Tome. onde acaba a Capitania de Pero de Goes, e entra a do Spirito Santo
	3	Paraiba, tem abundancia de peixe
	4	Aqui nem barcos podem entrar
	5	Neste Rio entraõ os barcos que vaõ pescar nesta Lagoa da paraiba e passãõ por terra os barcos e os metem na lagoa pera pescarem e depois os tornaõ ao rio, pera sairem pera fora
	6	Monte Aga
	7	Barreiras vermelhas
	8	Rio Iiritiba onde surgem caravellas
	9	Serra de Goropary
	10	Ilhas de Goropary
	11	Engenho de Marcos Fernandez de Monsanto
	12	Goropary
	13	Caza de fruta
	14	Ilha Escaluada
	15	Morro de Ioão Moreno



Referência	Do porto do spirito santo até a ponta a que chamão do rio doce. [Escala ca 1:250 000]. 5 léguas = [12,7cm]. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de todo o Maritimo da terra de S[an]ta Crvs chamado uulgamento o Brazil, por João Teyxeira Cosmographo de sua Maiestade, anno 1640.</i> – 1640. – Fol. 12. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.	
Descrição	Do porto do Spirito Santo que esta em 20 graos e hum quarto, corre a costa ao Norte, e toma alguma cousa de quarto de Nordeste, até a ponta a que chamão do Rio Doce, em distancia de doze legoas; em toda ella não ha outro porto nem Surgidouro, mais que do Spirito Santo, que hé hum dos notaveis da costa do Brazil, tem barra de bom fundo, na entrada e dentro no porto surgem em tres braças, a terra he fertil, tem alguns Engenhos de assucar; he fresca e de bons ares.	
Topônimos	1	de leonardo froes
	2	De francisco de aguiar
	3	Trepiche
	4	Do Azeredo
	5	Pão d'Assucar
	6	Ilha de Duarte de Lemos
	7	Villa do Spirito Santo
	8	Ilha Escaluada
	9	Morro de Ioaõ Moreno
	10	Vila Velha
	11	Ilha de Viua
	12	Ilha de Aña Vas
	13	4 Penedos
	14	Ilha de Valentim nunez
	15	Ilha de Dom Jorge
	16	Abrolho
	17	rio Moroipe
	18	Ponta do Tubaraõ
	19	Serra de Mestre aluaro
	20	Rio das Barreiras
	21	Serra de Mestralvaro
	22	Aldea dos Reys magos
	23	Reys Magos
	24	Rio doce
	25	Ponta do Rio doce





Referência	Do rio doce ate a ponta do Agasuipe. [Escala ca 1:600 000]. 5 léguas = [7cm].. 1640. 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 23,5x37,5cm, em folha de 29,6x41,6cm. In: <i>Descrição de todo o Maritimo da terra de S[an]ta Crvs chamado uulgamento o Brazil, por João Teyxeira Cosmographo de sua Maiestade, anno 1640.</i> – 1640. – Fol. 13. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Torre do Tombo, Lisboa.	
Descrição	Do Rio Doce athe a ponta de Agasuipe que esta na altura dos abrolhos, he terra desocupada e sem proveyto, so tem algum pao Brazil; a costa corre se ao norte 28 legoas; em todas ellas nam temos porto nem Surgidouro algum, toda costa braua; mostra se o principio do canal dos abrolhos e Ilha de S[an]ta Barbara, entr ellas podem surger em cinco braças.	
Topônimos	1	Rio doce, donde acaba a Capitania do <i>Spirito Santo</i> e começa a de porto Seguro
	2	Ponta do rio doce
	3	Rio dos Reys Magos
	4	Serra do Rio Doce
	5	Rio Coruroipe
	6	Rio Peruipe
	7	Rio Pecuipe
	8	rio das Caravellas
	9	Ponta de Agasuipe
	10	Abrolhos
	11	Este Canal tem 12 legoas de largo
	12	<i>Ilha de Santa Barbara</i>



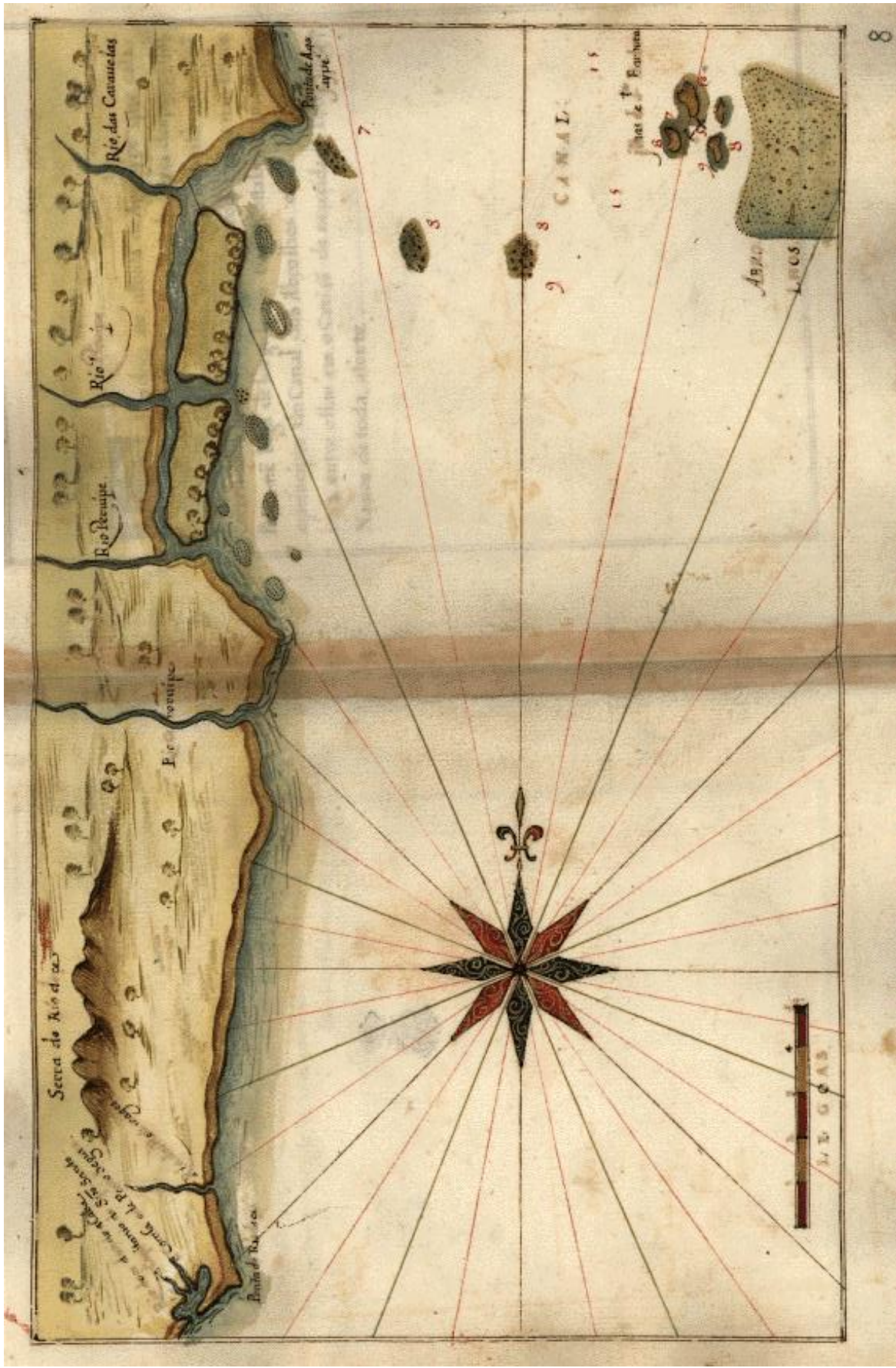
Referência	[Mapa da costa do Brasil entre o Cabo de S. Tomé e o Morro de João Moreno]. [Escala ca 1:617 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 37,10 x 22,90 cm. In: <i>Descrição de toda a costa da Província de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil. 1642.</i> – Fol. 35-36. – João Teixeira Albernaz, o Velho. – Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa.	
Descrição	Do Cabo de São Thome que está em altura de 22 graos uai a Costa ao Norte trinta e seis legoas até o Morro de Joaõ moreno. que he hum Monte, que está junto ao Porto do SPIRITO Santo, em altura de 20 graos. e hum quarto em toda esta Costa não temos Porto notael mais que o rio Iiritiba, em que podem surgir carauellas e ao Norte delle oito legoas outro rio. com tres ilhas na entrada delle que correm de Noroeste suelte entre ellas podem surgir nauios. que demandem fundo de quatro braças chamaõ a estas ilhetas de Goropari. tomando o nome de huã povoação que esta sinco legoas pollo rio asima, em todo este espasso de terra não temos outra Pouoação.	
Topônimos	1	Cabo de São thome; Parçel que Bota sinco legoas ao Mar
	2	Lagoa Parayba de grande Pescaria
	3	rio Por donde entraõ os que vão pescar na Lagoa Parayba
	4	Monte Aga
	5	Barreiras Vermelhas
	6	rio Iiritiba
	7	onde surgem Caravelas
	8	Serra de Goropary
	9	Ilhas de Goropary
	10	Engenho de Marcos Fernandez Monsanto
	11	Goropary
	12	Caza da Fruta
	13	Ilha escalvada
	14	Morro de Ioaõ moreno





Referência	[Litoral do Brasil entre o Morro de João Moreno e a Ponta do rio Doce]. [Escala ca 1:280 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 37,00 x 22,80 cm. In: <i>Descrição de toda a costa da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil. 1642.</i> – Fol. 41-42. – João Teixeira Albernaz, o Velho. – Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa.																																																														
Descrição	Do Porto do Spirito Santo que está em uinte graos e hum quarto uem a Costa ao Norte, e torna alguma couza da quarta do Nordeste. atte a ponta a que chamaõ do rio doce em toda esta Costa não temos outro Porto nem surgidouro; he este Porto hum dos milhores da Costa do Brasil. a terra fertil, e de bõns ares. tem alguuns engenhos de asucar e matos de Pao brasil.																																																														
Topônimos	<table border="1"> <tr><td>1</td><td>De leonardo froes</td></tr> <tr><td>2</td><td>De francisco daguiar</td></tr> <tr><td>3</td><td>Trepiche</td></tr> <tr><td>4</td><td>Do Azeredo</td></tr> <tr><td>5</td><td>Ilha de Duarte de lemos</td></tr> <tr><td>6</td><td>Pão dasucar</td></tr> <tr><td>7</td><td>Vila velha</td></tr> <tr><td>8</td><td>Ilha Escalvada</td></tr> <tr><td>9</td><td>Morro de Ioaõ Moreno</td></tr> <tr><td>10</td><td>São tiago</td></tr> <tr><td>11</td><td>Miziricordia</td></tr> <tr><td>12</td><td>São Francisco</td></tr> <tr><td>13</td><td>Matris</td></tr> <tr><td>14</td><td>VILLA DO SPIRITO SANTO</td></tr> <tr><td>15</td><td>Vigia</td></tr> <tr><td>16</td><td>São bento</td></tr> <tr><td>17</td><td>Penedos</td></tr> <tr><td>18</td><td>Ilha de Valentim Nunes</td></tr> <tr><td>19</td><td>Barra do Porto do Spirito Santo</td></tr> <tr><td>20</td><td>Ilha dom Jorge</td></tr> <tr><td>21</td><td>Abrolho</td></tr> <tr><td>22</td><td>rio Moruype</td></tr> <tr><td>23</td><td>ençada de Area</td></tr> <tr><td>24</td><td>Ponta do Tubaraõ</td></tr> <tr><td>25</td><td>Serras</td></tr> <tr><td>26</td><td>rio das barreiras</td></tr> <tr><td>27</td><td>Serra de Mestraluaro</td></tr> <tr><td>28</td><td>Aldea dos Reis magos</td></tr> <tr><td>29</td><td>Reis magos</td></tr> <tr><td>30</td><td>rio Doçe</td></tr> <tr><td>31</td><td>ponta do rio Doçe</td></tr> </table>	1	De leonardo froes	2	De francisco daguiar	3	Trepiche	4	Do Azeredo	5	Ilha de Duarte de lemos	6	Pão dasucar	7	Vila velha	8	Ilha Escalvada	9	Morro de Ioaõ Moreno	10	São tiago	11	Miziricordia	12	São Francisco	13	Matris	14	VILLA DO SPIRITO SANTO	15	Vigia	16	São bento	17	Penedos	18	Ilha de Valentim Nunes	19	Barra do Porto do Spirito Santo	20	Ilha dom Jorge	21	Abrolho	22	rio Moruype	23	ençada de Area	24	Ponta do Tubaraõ	25	Serras	26	rio das barreiras	27	Serra de Mestraluaro	28	Aldea dos Reis magos	29	Reis magos	30	rio Doçe	31	ponta do rio Doçe
1	De leonardo froes																																																														
2	De francisco daguiar																																																														
3	Trepiche																																																														
4	Do Azeredo																																																														
5	Ilha de Duarte de lemos																																																														
6	Pão dasucar																																																														
7	Vila velha																																																														
8	Ilha Escalvada																																																														
9	Morro de Ioaõ Moreno																																																														
10	São tiago																																																														
11	Miziricordia																																																														
12	São Francisco																																																														
13	Matris																																																														
14	VILLA DO SPIRITO SANTO																																																														
15	Vigia																																																														
16	São bento																																																														
17	Penedos																																																														
18	Ilha de Valentim Nunes																																																														
19	Barra do Porto do Spirito Santo																																																														
20	Ilha dom Jorge																																																														
21	Abrolho																																																														
22	rio Moruype																																																														
23	ençada de Area																																																														
24	Ponta do Tubaraõ																																																														
25	Serras																																																														
26	rio das barreiras																																																														
27	Serra de Mestraluaro																																																														
28	Aldea dos Reis magos																																																														
29	Reis magos																																																														
30	rio Doçe																																																														
31	ponta do rio Doçe																																																														





Referência	[Mapa da costa do brasil entre a Ponta do rio Doce e a Ponta de Agasuípe]. [Escala ca 1:680 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 37,00 x 22,80 cm. In: <i>Descrição de toda a costa da Província de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil. 1642.</i> – Fol. 47-48. – João Teixeira Albernaz, o Velho. – Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa.	
Descrição	Do rio Doçe até a Ponta de Agasuýpe. que está na Altura dos Abrolhos. he Terra despouoada e sem proueito. Só tem algum Pao brasil. a Costa uem correndo ao Norte 28 legoas em todas ellas não temos Porto, nem lugar de surgidouro. tudo Costa braua mostraçe o princípio do Canal dos Abrolhos e Ilhas de Santa Barbora entre ellas em oCaziaõ de neçeçidade. Podem surgir Nauios de toda a sorte.	
Topônimos	1	rio doçe, donde aCaba a Capitania do <i>Spirito</i> Santo e Comesa a de Porto Seguro
	2	Ponta do rio doçe
	3	rio dos Reis magos
	4	Serra do rio doçe
	5	rio cororuipe
	6	rio Peruípe
	7	rio Picuípe
	8	rio das Carauelas
	9	Ponta de Agasuype
	10	CANAL
	11	ABROLHOS
	12	Ilhas de <i>Santa Barbora</i>



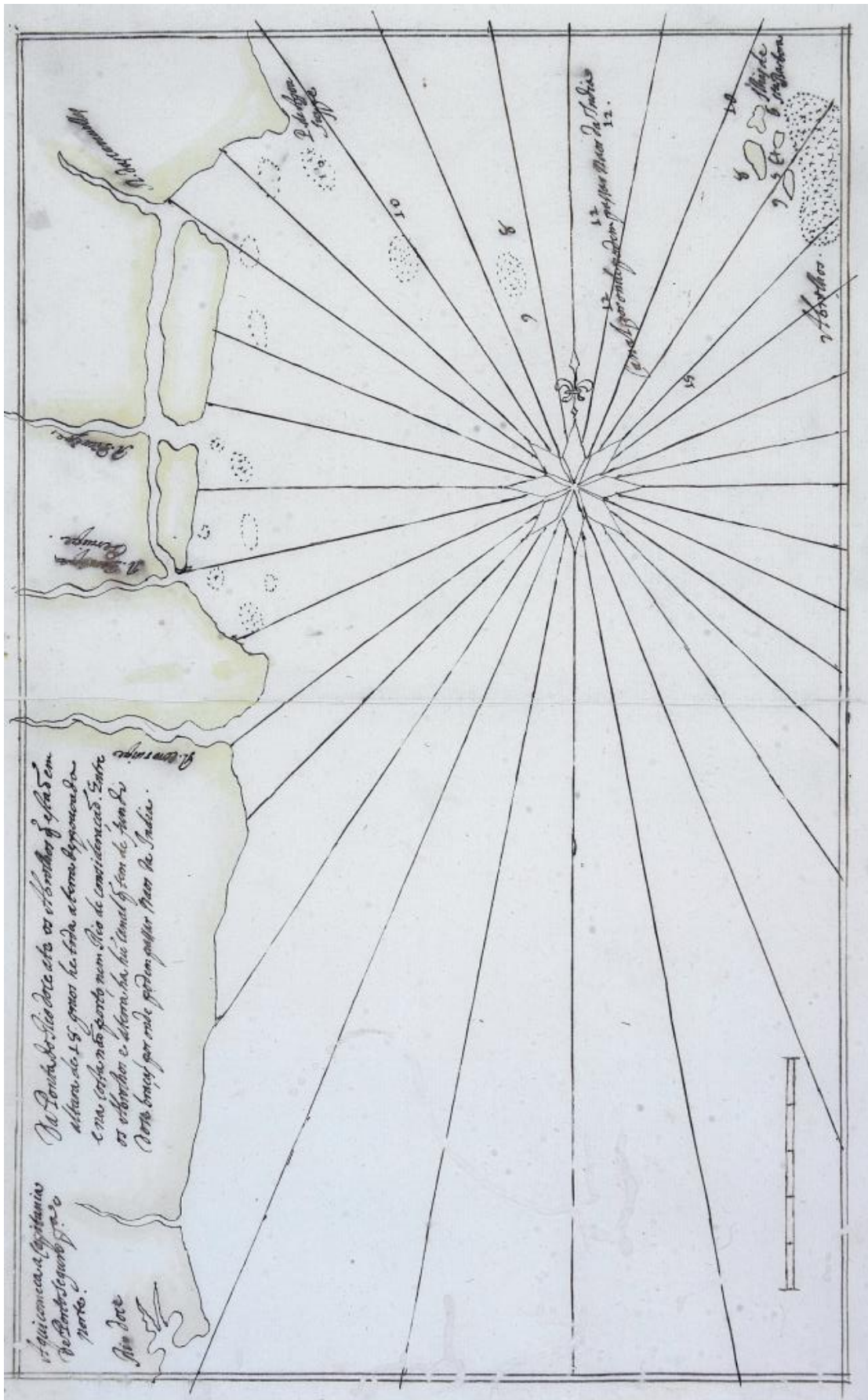


Referência	[Do Cabo de São Thome ate o morro de João Moreno no Spirito Santo]. [Escala ca 1:590 000]. 1 mapa: manuscrito, tinta sépia com aguadas amarelas; 29,80 x 42,50cm. In <i>[Atlas da costa do Brasil]</i> . [ca. 1646]. Caixa 2: Fol. n.º10. - Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Portugal.	
Descrição	Continua-se a Costa do cabo de <i>São thome</i> Ate o morro de João Moreno no <i>Spirito Santo</i> . Em toda esta costa não ha porto natural, mais <i>que</i> o rio goropary na barra do qual estão três ilhas pequenas; e entre ellas e Acima esta hum bom surgidouro com quatro e seis braços de fundo, e mais <i>para</i> o lado o rio Iiritiba donde podem entrar Caravelas. Toda esta costa he despouoada, e assim ficam sendo de pouco proueito.	
Topônimos	1	Canal <i>para</i> barcos
	2	Lagoa de grande pescaria
	3	monte Aga
	4	Barreiras vermelhas
	5	rio Iiritiba
	6	onde <i>surgem</i> Caravellas
	7	Serras de Goropary
	8	Ilhas de goropary
	9	Engenho de <i>fernandez</i> Monsanto
	10	Goropary
	11	Caza da fruta
	12	<i>Ilha</i> Escalvada
	13	Morro de joaõ moreno



Referência	[Do Spirito Santo ate a ponta do rio Doce]. [Escala ca 1:590 000]. 1 mapa: manuscrito, tinta sépia com aguadas amarelas; 29,80 x 42,00cm. In [ <i>Atlas da costa do Brasil</i> ]. [ca. 1646]. Caixa 2: Fol. n.º11. - Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Portugal.	
Descrição	Continua-se a costa do <i>Spirito Santo</i> ate a ponta do rio doce. O Porto do <i>Spirito Santo</i> esta em altura de 20 graos largo. He <i>muíto</i> bom porto; na entrada da Barra tem quatro ate sinco braços de fundo, e dentro surgem em três braços.	
Topônimos	1	Porto do <i>Spirito Santo</i>
	2	de Leonardo fróes
	3	de <i>francisco</i> daguiar
	4	Trepiche
	5	do Azeredo
	6	Paõ de asucar
	7	<i>Vila</i> velha
	8	Ilha escaluada
	9	morro de joão moreno
	10	São tiago
	11	<i>Misericórdia</i>
	12	Matris
	13	Vigia
	14	São bento
	15	Forte
	16	<i>Vila</i> do <i>Spirito Santo</i>
	17	<i>Ilha</i> de <i>dom</i> Jorge
	18	rio moroype
	19	enceada de área
	20	<i>Ponta</i> do tubaraõ
	21	serras do mestre aluaro
	22	Aldeas dos Reis magos
	23	rio dos reis magos
	24	Reis magos
	25	rio doce
	26	Aqui acaba a Capitania do <i>Spirito Santo</i> e começa a de Porto Seguro <i>para</i> o norte



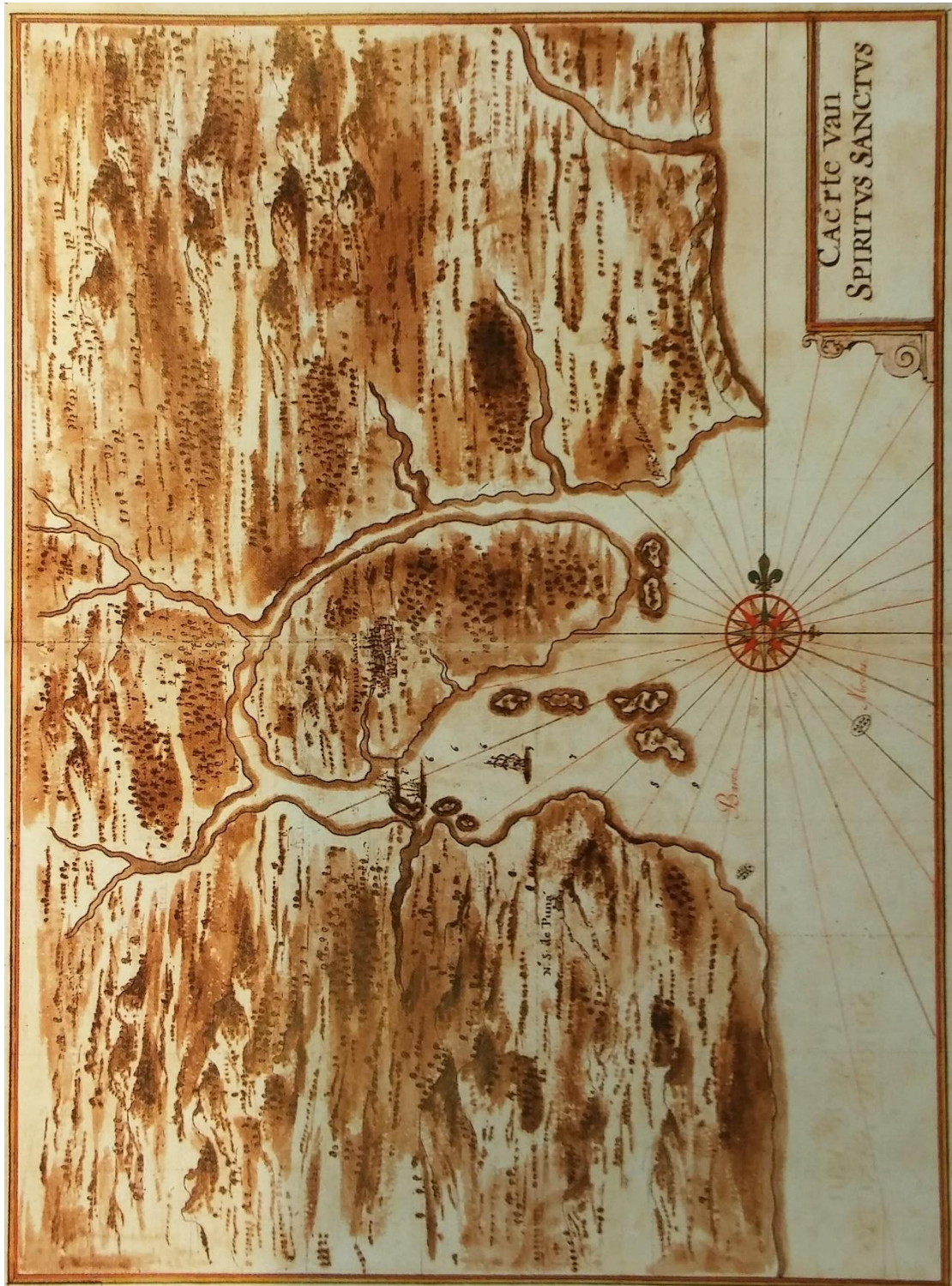


In qua conca. a. septentrionalis  
 de S. Pedro et S. Paulo  
 Porto.  
 San Joze  
 P. de S. Pedro  
 P. de S. Paulo  
 P. de S. Martin  
 P. de S. Vincent  
 P. de S. Bartholomaeus  
 P. de S. Thomas  
 P. de S. Maria  
 P. de S. Joannes  
 P. de S. Petrus  
 P. de S. Paulus  
 P. de S. Andreas  
 P. de S. Stephanus  
 P. de S. Agathe  
 P. de S. Catharina  
 P. de S. Margareta  
 P. de S. Barbara  
 P. de S. Helena  
 P. de S. Sabina  
 P. de S. Juliana  
 P. de S. Ursula

Referência	[Da ponta do rio Doce ate os Abrolhos]. [Escala ca 1:590 000]. 1 mapa: manuscrito, tinta sépia com aguadas amarelas; 30,00 x 43,00cm. In <i>[Atlas da costa do Brasil]</i> . [ca. 1646]. Caixa 2: Fol. n.º12. - Autoria Desconhecida. Pert.: Biblioteca Nacional de Portugal.	
Descrição	Da Ponta do rio doce ate os Abrolhos <i>que</i> estão em altura de 18 graos he toda a terra despouoada e na costa não porto nem rio de consideração. Entre os Abrolhos e a terra há <i>hum</i> canal <i>que</i> tem de fundo dose braços por onde podem passar naos da India.	
Topônimos	1	Aqui começa a Capitania de Porto Seguro <i>para</i> o norte
	2	rio doce
	3	rio corovripe
	4	rio [?] Peruipe
	5	rio Picuipe
	6	rio das caravelas
	7	<i>Ponta</i> de Agasuýpe
	8	Canal por onde podem passar naos da India
	9	Abrolhos
	10	Ilhas de <i>Santa</i> Barbora



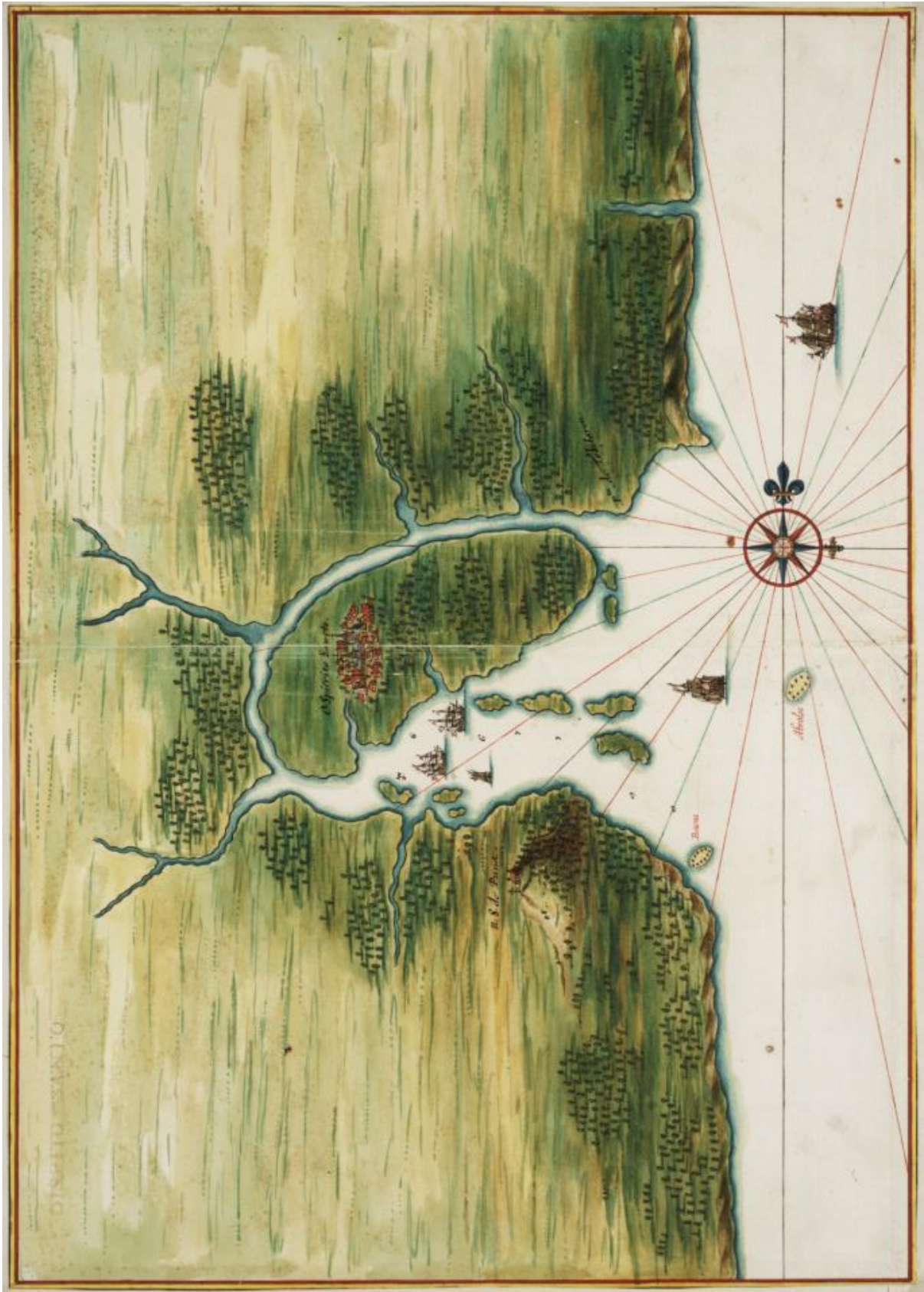
15) [ATLAS VINGBOONS]. CA. 1660. JOHANNES VINGBOONS.



Referência	Caerte van Spiritvs Sanctvs. [Escala ca. 1:35000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 42,5x57,8cm. In <i>[Atlas Vingboons]</i> . [ca. 1660]. Vingboons, Johannes. Pert.: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Pernambuco.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	<i>Nossa Senhora</i> de Puna
	2	Barra
	3	Abrolos
	4	Spiritus Sancto
	5	<i>Ponta</i> de Tobitaron

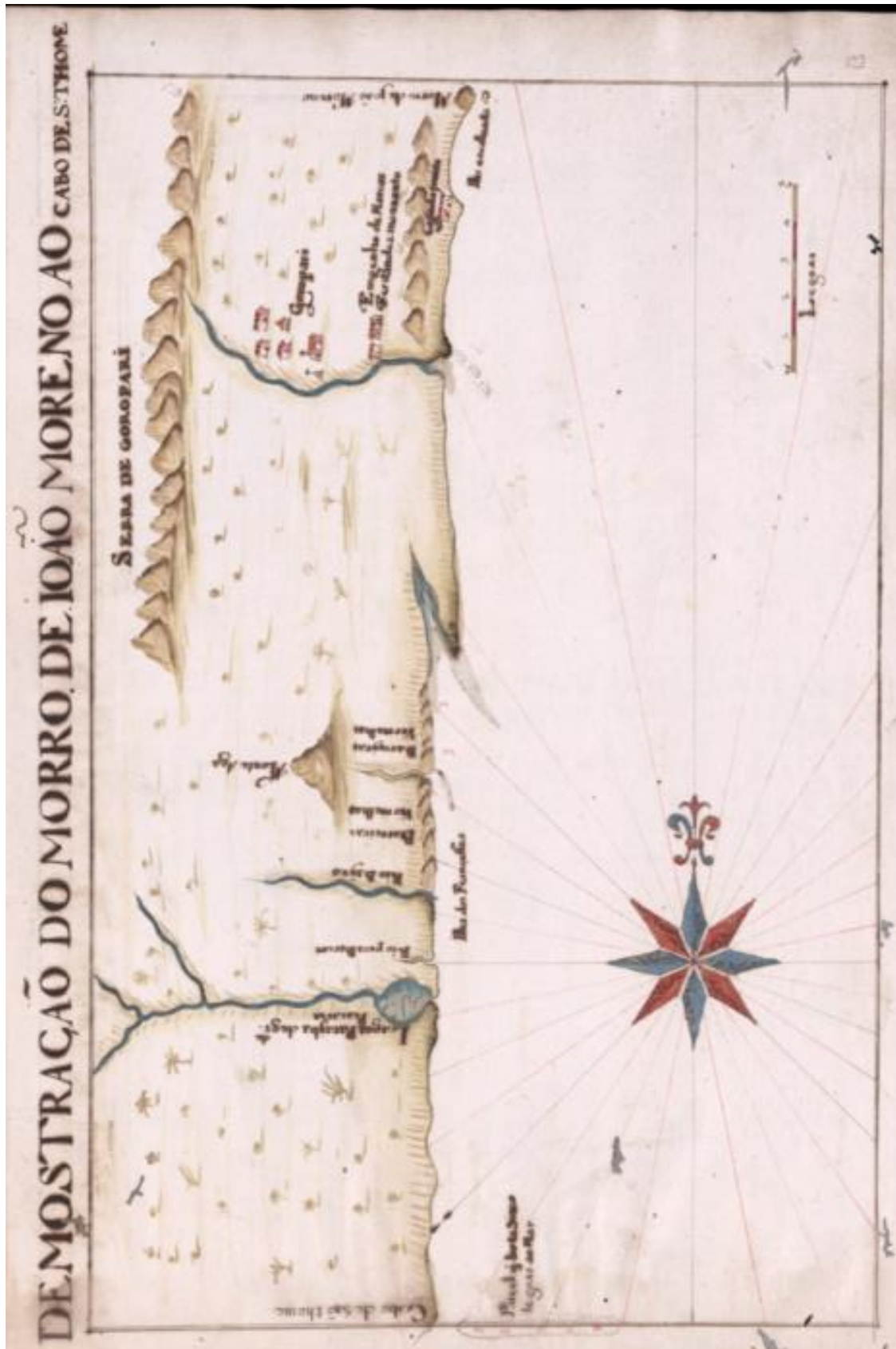


16) [ATLAS VINGBOONS]. CA. 1665. JOHANNES VINGBOONS.



Referência	O Ispirito Santo. [Escala ca. 1:35000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 41x59cm. In [ <i>Atlas Vingboons</i> ]. [ca. 1665]. Fol. n.º28. Vingboons, Johannes. Pert.: Arquivo Nacional da Holanda.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Nossa Senhora de Puna
	2	Barra
	3	Abrolos
	4	O Spirito Sancto
	5	Ponta de Tobitaron

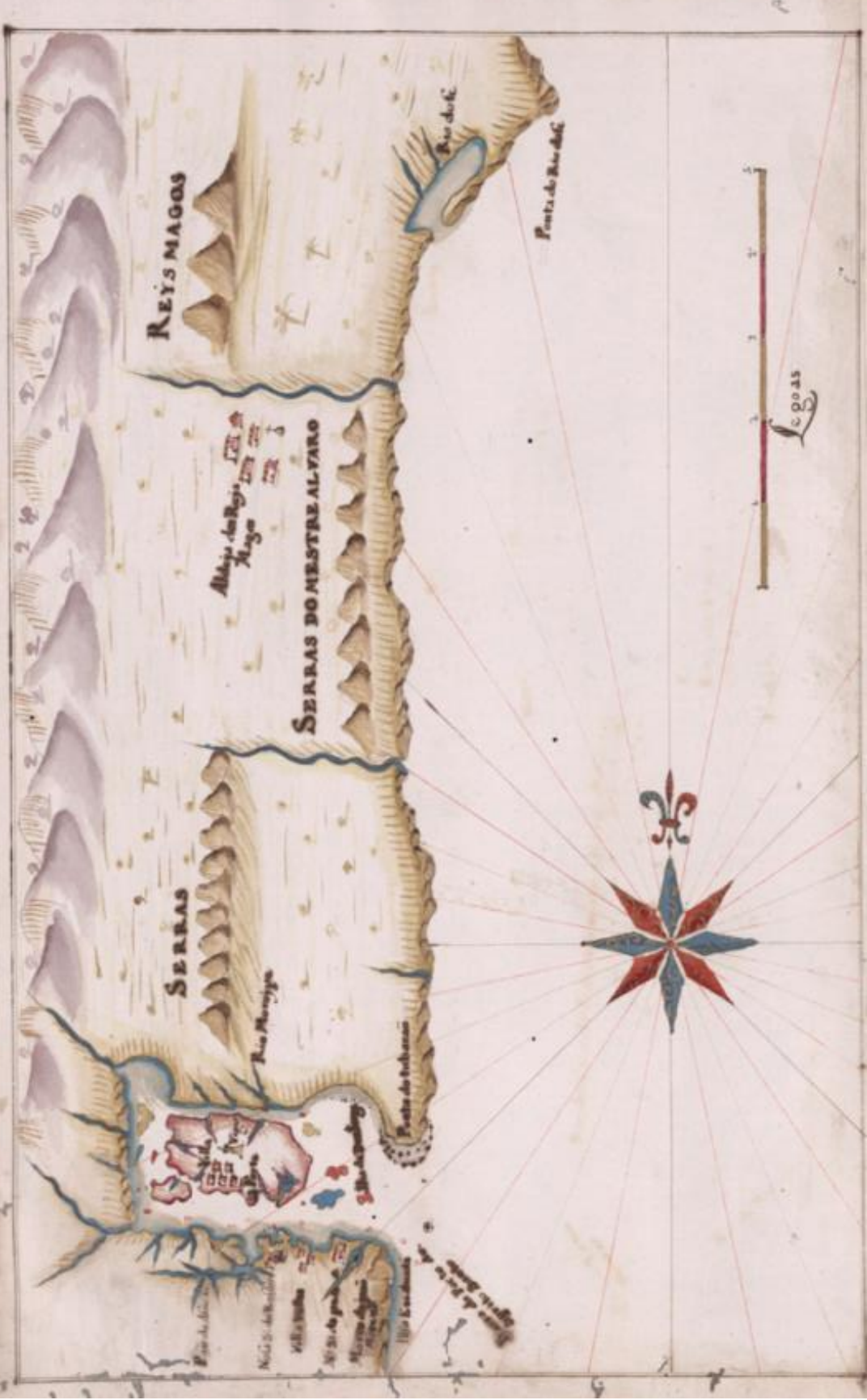
17) [ATLAS DO BRASIL]. 1666. JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS II.



Referência	Demonstração do Morro de João Moreno ao Cabo de S. Thome. – [Escala ca 1:580 000]. 5 legoas = [5,5cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fôlio : ms., color., papel ; 22,4x35,6cm. In: [Atlas do Brasil]. - [Ca 1666] - Fol. 12. - Autoria Atribuída a João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: Códice de Diogo Barbosa Machado com o título <i>Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas</i> . Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Cabo de São thome
	2	Parçel <i>que</i> bota cinco legoas ao Mar
	3	Lagoa Parayba de grande Pescaria
	4	Rio pera Barcos
	5	Ilha dos Françaesses
	6	Rio Bayxo
	7	Barreiras Vermelhas
	8	Monte Aga
	9	Barreyras Vermelhas
	10	SERRA DE GOROPARI
	11	Goropari
	12	Emgenho de Marcos Fernandez Monsanto
	13	Cassa da fruta
	14	Ilha escaluada
	15	Morro de João Moreno

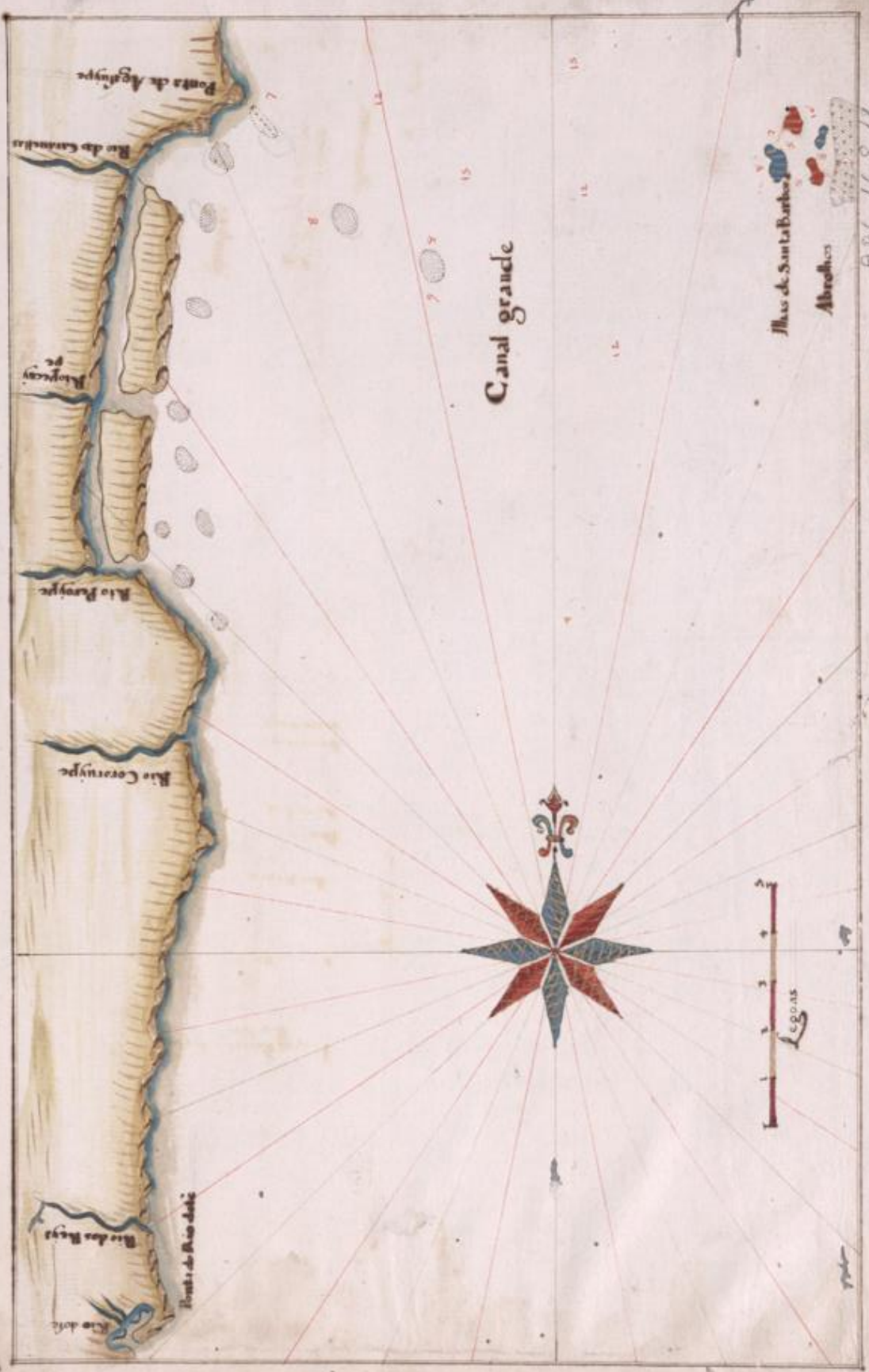


DEMOSTRAÇÃO DO RIO DOSE. AO PORTO DO SPRITOS.<sup>TO</sup>



Referência	Demonstração do Rio Dose ao Porto do Spirito Santo. – [Escala ca 1:280 000]. 5 legoas = [11 cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fôlio : ms., color., papel ; 22,4x35,6cm. In: [Atlas do Brasil]. - [Ca 1666] - Fol. 13. - Autoria Atribuída a João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: Códice de Diogo Barbosa Machado com o título <i>Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas</i> . Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Paõ de Asucar
	2	Nosa Senhora do Rosario
	3	Villa Velha
	4	Nossa Senhora da pena
	5	Morro de joão Moreno
	6	Ilha Escaluada
	7	Barra do Porto do Sprito santo
	8	Villa
	9	Vigia
	10	Forte
	11	Ilha de Don Jorge
	12	Ponta do tubarão
	13	Rio Moroype
	14	SERRAS
	15	SERRAS DO MESTRE ALVARO
	16	Aldeya dos Reys Magos
	17	Reys Magos
	18	Rio dose
	19	Ponta do Rio dose

DEMOSTRAÇÃO DA PONTA DA GASVIPE AO RIO DO SE.



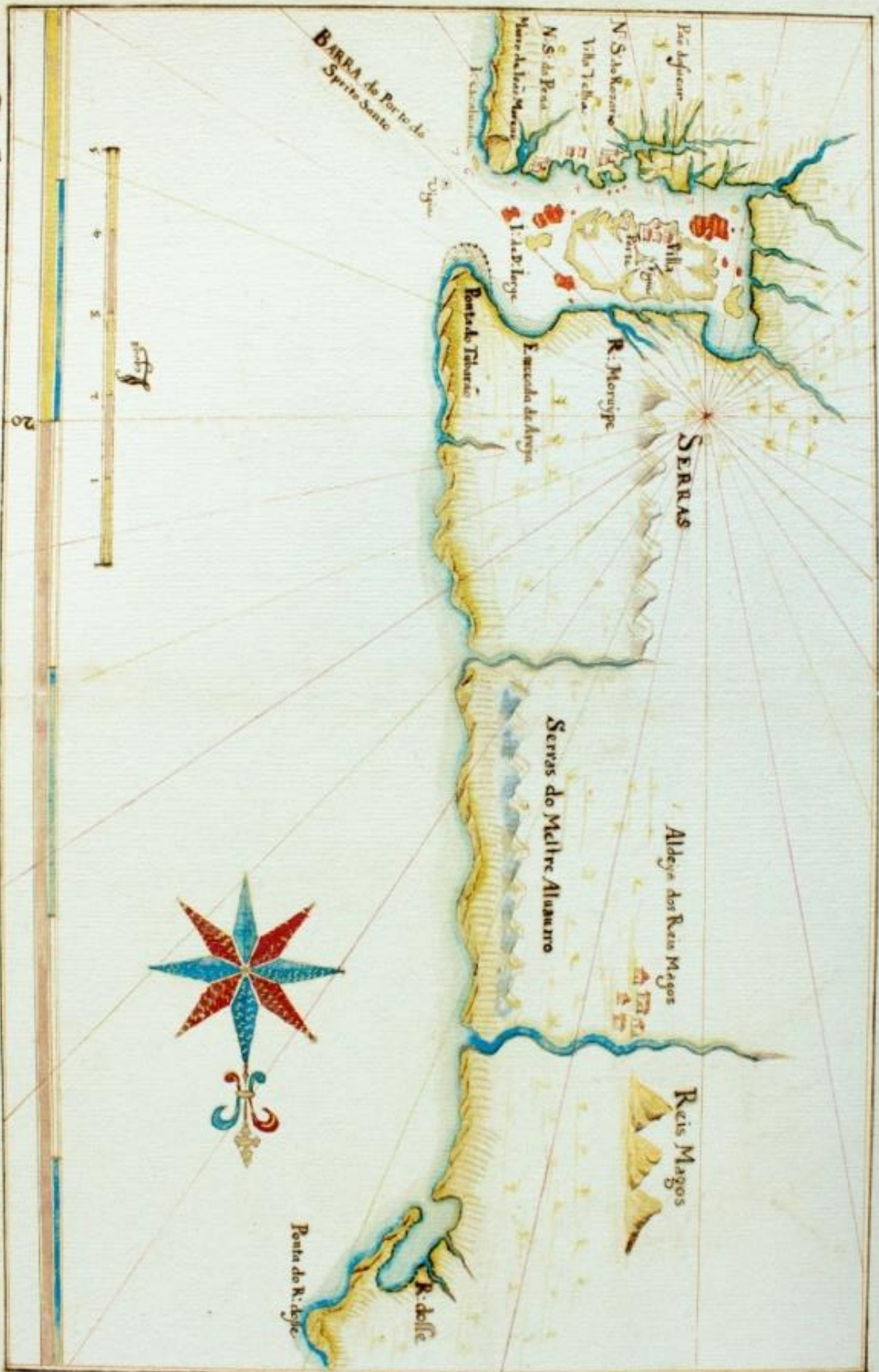
Referência	<p>Demonstração da Ponta de Agasviupe ao Rio Dose. – [Escala ca 1:700 000].  5 legoas = [6,5cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color.,  papel; 22,4x35,6cm. In: <i>[Atlas do Brasil]</i>. - [Ca 1666] - Fol. 14. - Autoria  Atribuída a João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: Códice de Diogo  Barbosa Machado com o título <i>Mappas do Reino de Portugal e suas  conquistas</i>. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.</p>	
Descrição	Não há	
Topônimos	1	Rio dose
	2	Ponta do Rio dose
	3	Rio dos Reys
	4	Rio Cororuype
	5	Rio Peroype
	6	Rio Pecuype
	7	Rio das Caravellas
	8	Ponta de Agasuype
	9	Canal grande
	10	Ilhas de Santa Barbora
	11	Abrolhos





Referência	Costa do Sprito Santo ao Cabo d: S: Thome. – [Escala ca 1:550 000]. 5 legoas = [5,4cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólio : ms., color., papel ; 23 X 36 cm. In: <i>Livro de toda a Cos ta da provincia santa crvz feito por ioão teixeira Albernaz anno d. 1666.</i> – [Ca 1666]. – Cart. 21. - João Teixeira Albernaz, o Moço. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Brasil.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Cabo de São Thome
	2	Lagoa Parayba de grande Pescaria
	3	Rio pera Barcos
	4	Barreiras Vermelhas
	5	Ilha dos Francezes
	6	Monte Aga
	7	Serra de Goropari
	8	Goropari
	9	Engenho de Marcos Fernandes Monsanto
	10	Caza da Fruta
	11	Morro de João Moreno

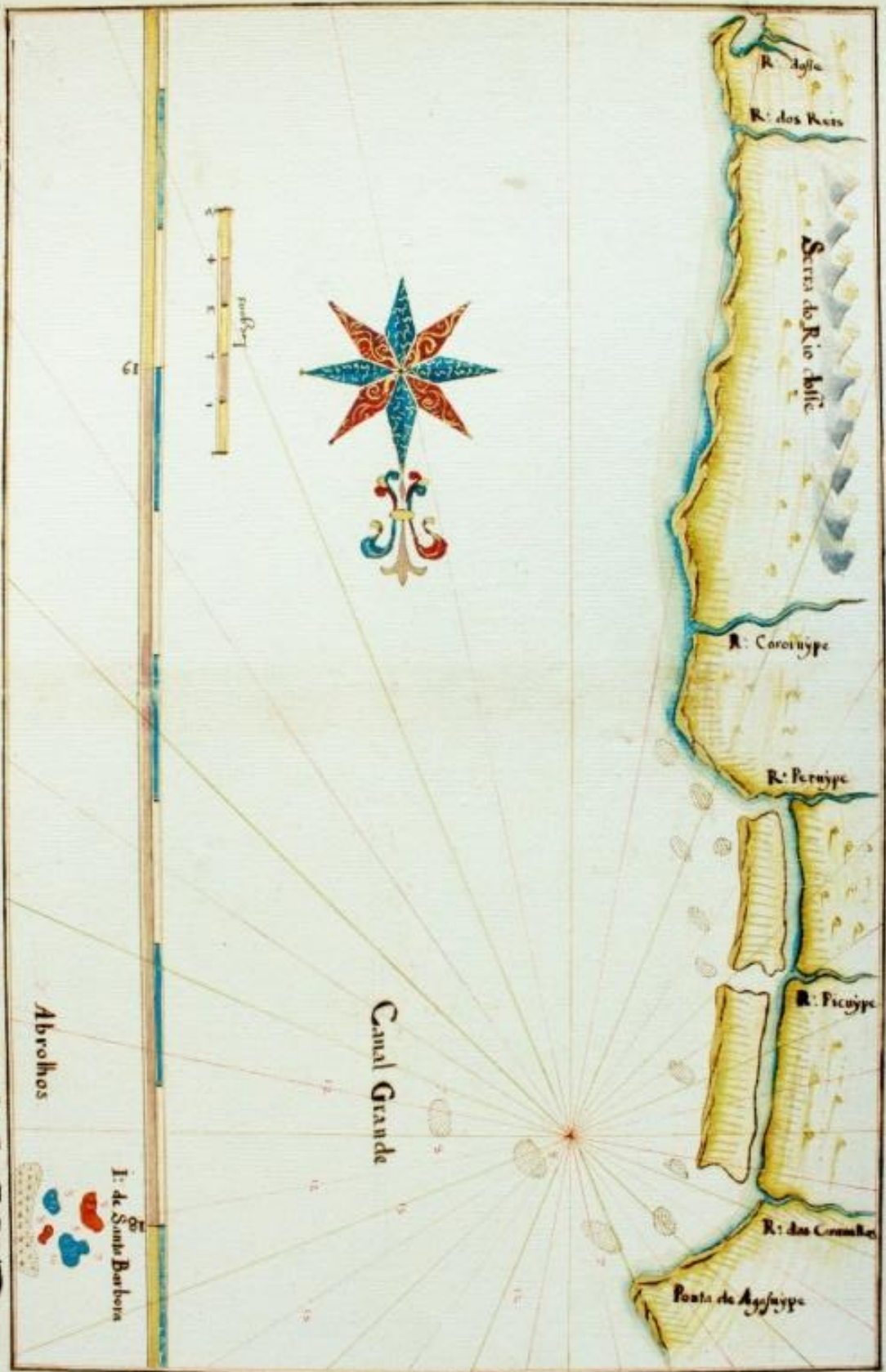
# DEMONSTRAÇÃO DO SPRITOSANTO



Referência	<p>Demonstração do Sprito Santo. – [Escala ca 1:290 000]. 5 léguas = [11cm].  – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólio : ms., color., papel ; 23 X 36 cm. In:  <i>Livro de toda a Cos ta da provincia santa crvz feito por ioão teixeira  Albernas anno d. 1666.</i> – [Ca 1666]. – Cart. 22. - João Teixeira Albernaz,  o Moço. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Brasil.</p>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Paõ dasucar
	2	<i>Nossa Senhora</i> do Rozario
	3	Villa Velha
	4	<i>Nossa Senhora</i> da Pena
	5	Morro de João Moreno
	6	<i>Ilha</i> Escalvada
	7	Barra do Porto do Spirito Santo
	8	Vigia
	9	Villa
	10	Vigia
	11	Forte
	12	<i>Ilha</i> de Dom Iorge
	13	Rio Moruype
	14	Enseada de Areya
	15	Ponta do Tubarão
	16	SERRAS
	17	Serras do mestre Aluauaro
	18	Aldeya dos Reis Magos
	19	Reis Magos
	20	Rio dosse
	21	Ponta do <i>Rio</i> Dose



# COSTA DOS ABROLHOS AO RIO DOCE

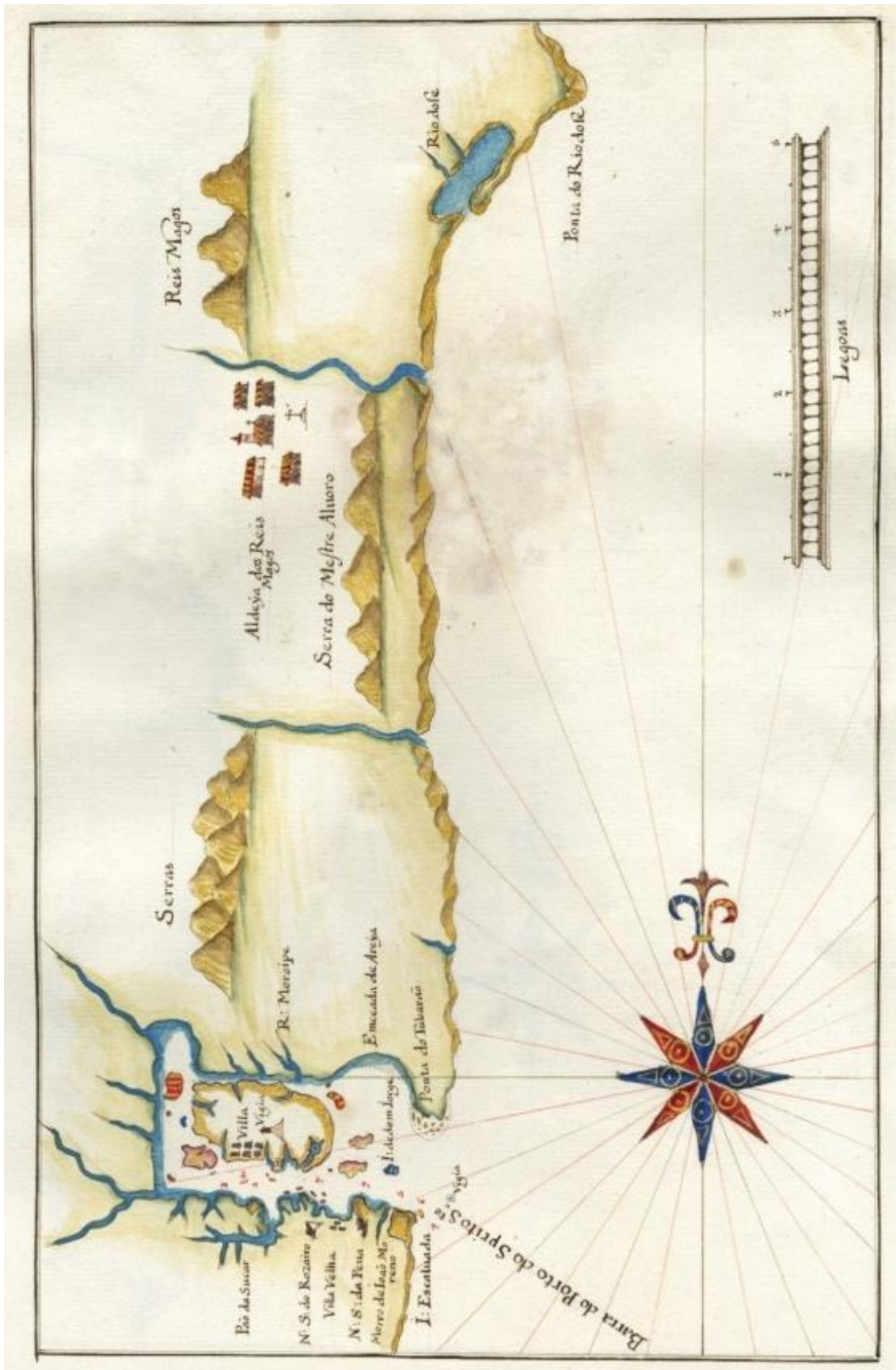


Referência	Costa dos Abrolhos ao Rio doce. – [Escala ca 1:680 000]. 5 léguas = [11cm]. – [Ca 1666]. – 1 mapa em 1 fólio : ms., color., papel ; 23 X 36 cm. In: <i>Livro de toda a Costa da provincia santa cruz feito por ioão teixeira Albernaz anno d. 1666.</i> – [Ca 1666]. – Cart. 23. - João Teixeira Albernaz, o Moço. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Brasil.	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Rio dosse
	2	Rio dos Reis
	3	Serra do Rio dosse
	4	Rio Cororuype
	5	Rio Peruype
	6	Rio Pecuype
	7	Rio das Carauellas
	8	Ponta de Agasuype
	9	Canal Grande
	10	Ilhas de Santa Barbora
	11	Abrolhos

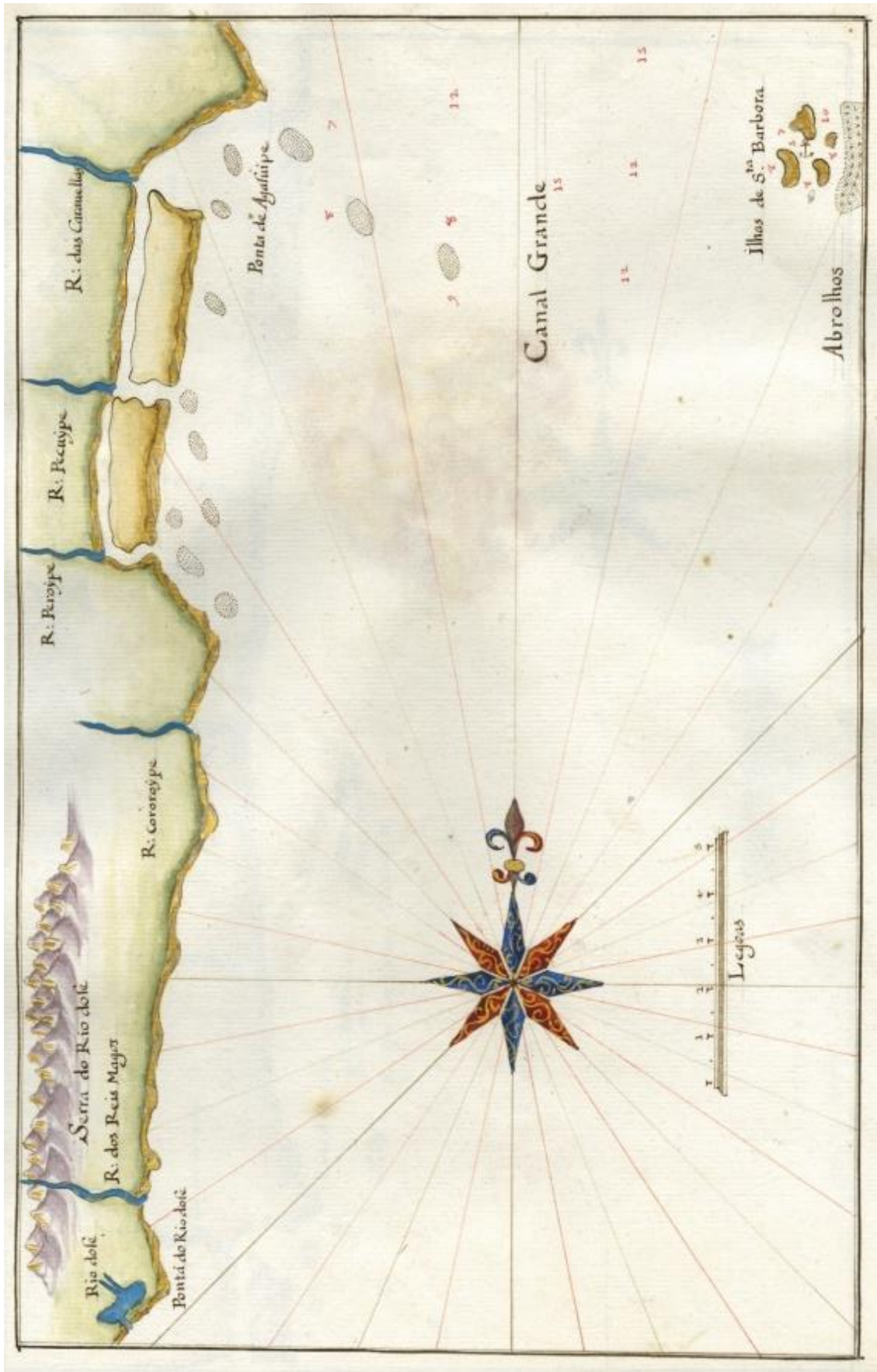


Referência	<p>Demostração do Cabo de São Thome athe o Spirito Santo. - [Escala ca. 1:550 000]. [ca. 1670]. - 1 mapa em 1 fôlio: ms, color.; papel; 22x36cm.  In: <i>Livro da descrição de toda a costa do estado do Brasil que começa em o Rio da Prata e acaba no gram parâ debaxo da Linha Equinocial Feito por Ioão Teixeira Albernaz Cosmographo dos Reinos de Portugal o Anno d 1670.</i> – ca. 1670. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: <i>Hispanic Society of America</i>, Nova Iorque.</p>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Cabo de São Thome
	2	Pacel que bota Sinco Legoas ao Mar
	3	Lagoa Peraiba de grande pescaria
	4	Rio Pera barcos
	5	Riacho
	6	Barreiras Vermelhas
	7	<i>Ilha</i> dos Franceses
	8	Monte Aga
	9	Rio Iiritiba aonde Surgem Carauellas
	10	Aldeya de <i>Nossa Senhora</i> da Asunção
	11	Serras de Goropary
	12	<i>Ilhas</i> de Goropary
	13	Goropary
	14	Emgenho
	15	Caza da Fruta
	16	<i>Ilha</i> Escalvada
	17	Morro de Ioão Moreno





Referência	<p>Demostração do Spirito Santo athe o Rio Doçe. - [Escala ca. 1:260 000]. [ca. 1670]. - 1 mapa em 1 fôlio: ms, color.; papel; 22x36cm. In: <i>Livro da descripção de toda a costa do estado do Brasil que começa em o Rio da Prata e acaba no gram parâ debaxo da Linha Equinocial Feito por Ioaõ Teixeira Albernaz Cosmographo dos Reinos de Portugal o Anno d 1670.</i> – ca. 1670. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: <i>Hispanic Society of America</i>, Nova Iorque.</p>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Pão daSucar
	2	Nossa Senhora do Rozario
	3	Villa Velha
	4	Nossa Senhora da Pena
	5	Morro de Ioaõ Moreno
	6	Ilha Escaluada
	7	Barra do Porto do Sprito Santo
	8	Vigia
	9	Villa
	10	Vigia
	11	Ilha de dom Jorge
	12	Rio Moroipe
	13	Emceada de Areya
	14	Ponta do Tubaraõ
	15	Serras
	16	Aldeya dos Reis Magos
	17	Serra do Mestre Aluoro
	18	Reis Magos
	19	Rio dose
	20	Ponta do Rio dose





Referência	<p>Demostração do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe. - [Escala ca. 1:600 000]. [ca. 1670]. - 1 mapa em 1 fôlio: ms, color.; papel; 22x36cm. In: <i>Livro da descripção de toda a costa do estado do Brasil que começa em o Rio da Prata e acaba no gram parâ debaxo da Linha Equinocial Feito por Ioão Teixeira Albernaz Cosmographo dos Reinos de Portugal o Anno d 1670.</i> – ca. 1670. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: <i>Hispanic Society of America</i>, Nova Iorque.</p>	
Descrição	<p>Não há.</p>	
Topônimos	1	Rio dose
	2	Ponta do Rio dose
	3	Serra do Rio dose
	4	Rio dos Reis Magos
	5	Rio Cororoype
	6	Rio Peroype
	7	Rio Pecuype
	8	Rio das Carauellas
	9	Ponta de Agasuipe
	10	Canal Grande
	11	Abrolhos
	12	Ilhas de Santa Barbora

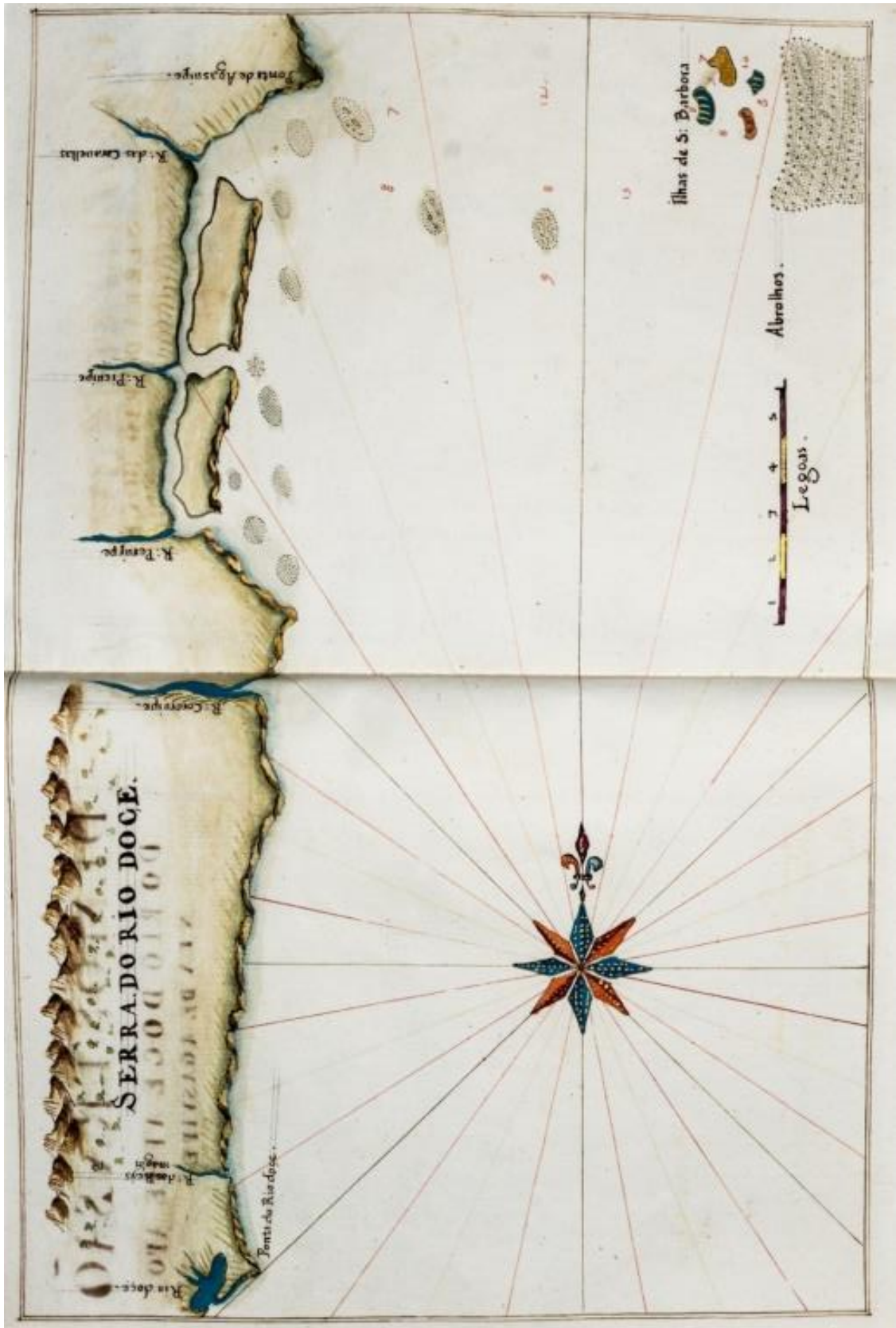


Referência	<p>Demostração do Cabo de São Thome athe o Sprito Santo. - [Escala ca. 1:600 000]. [ca. 1675]. - 1 mapa em 1 fôlio: ms, color.; papel; 22x33,5cm.</p> <p>In: <i>Livro de descrição de toda a costa do Brasil q[eu] comesa no grande Rio Para que esta debaixo da linha equinocial e acaba no Rio da Prata em altura de trinta e cinco grãos da parte do sul Feito por João Teixeira Albernaz Cosmographo de S. Mag[esta]de.</i> [ca. 1675]. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: <i>Hispanic Society of America</i>, Nova Iorque.</p>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Cabo de São thome
	2	Parçel que bota 5 Legoas o Mar
	3	Lagoa Parayba de grande pescaria
	4	Rio Por doente entrão os que vão pescar na lagoa perayba
	5	Barreiras Vermelhas
	6	Monte Aga
	7	Rio Iiritiba onde surgem Carauellas
	8	Serras de garopary
	9	Ilhas de garopary
	10	Garopary
	11	Emgenho de marcos <i>Fernandez Monsanto</i>
	12	<i>Ilha</i> escaluada
	13	Morro de João Moreno



Referência	<p>Demostração do Sprito Santo athe o Rio Doçe. - [Escala ca. 1:300 000]. [ca. 1675]. - 1 mapa em 1 fôlio: ms, color.; papel; 22x33,5cm. In: <i>Livro de descrição de toda a costa do Brasil q[eu] comesa no grande Rio Para que esta debaixo da linha equinocial e acaba no Rio da Prata em altura de trinta e sinco grãos da parte do sul Feito por Ioão Teixeira Albernaz Cosmographo de S. Mag[esta]de.</i> [ca. 1675] . – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: <i>Hispanic Society of America</i>, Nova Iorque.</p>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Nossa Senhora do Rozario
	2	Villa Velha
	3	Nossa Senhora da Pena
	4	Morro de Ioão Moreno
	5	Ilha Escalvada
	6	Barra do Porto do Spirito Santo
	7	Vigia
	8	Villa
	9	Vigia
	10	Forte
	11	Ilha de dom Jorge
	12	Rio Moroipe
	13	Emceada de Areya
	14	Ponta do Tubarão
	15	SERRAS
	16	Rio das Barreyras
	17	Serra do Mestralvaro
	18	Aldeya dos Reis Magos
	19	SERRAS
	20	Rio dose
	21	Ponta do Rio dose

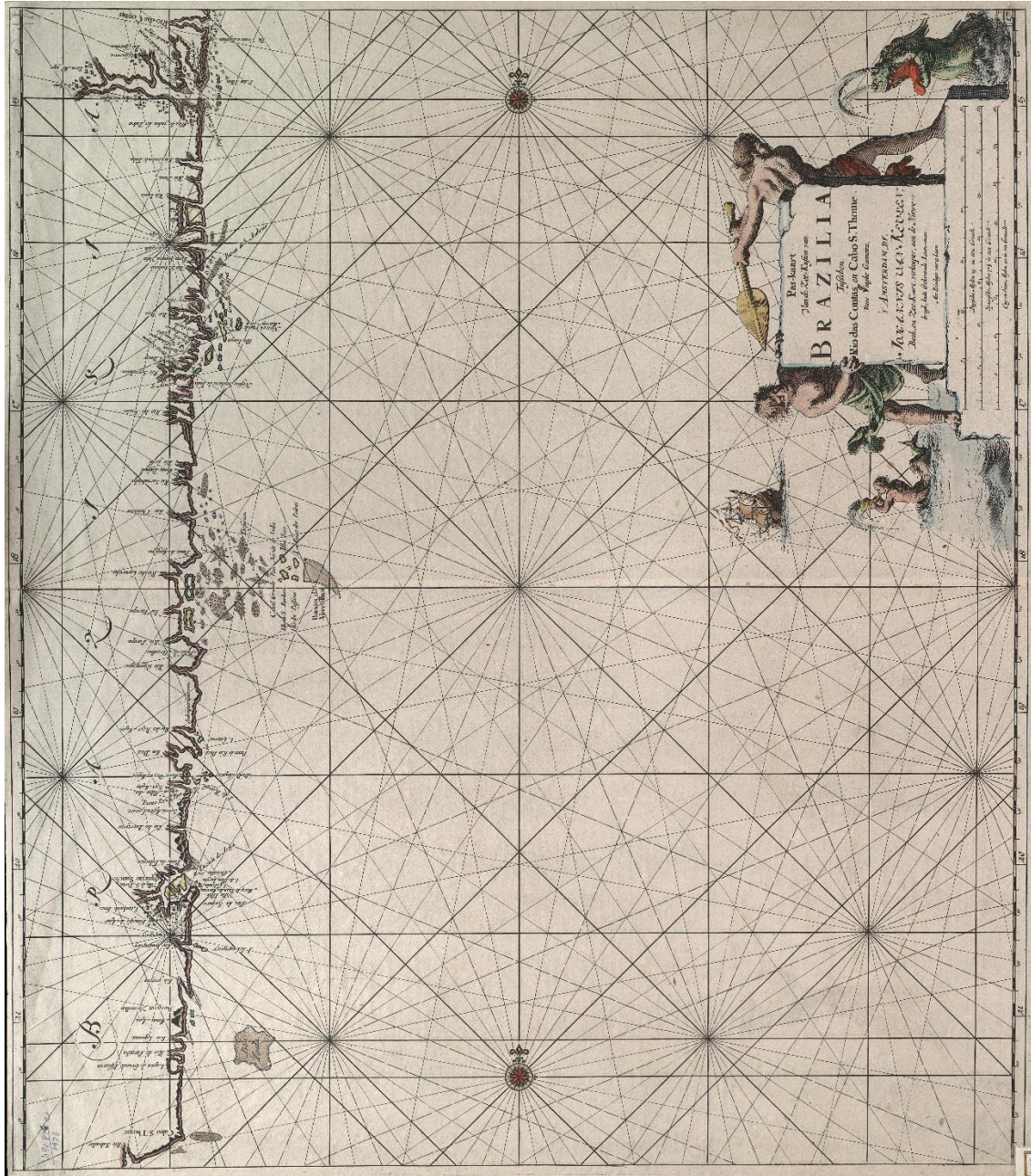




Referência	<p>Demostração do Rio Doce athe a Ponta de Agasuipe. - [Escala ca. 1:650 000]. [ca. 1675]. - 1 mapa em 1 fôlio: ms, color.; papel; 22x33,5cm. In: <i>Livro de descripção de toda a costa do Brasil q[eu] comesa no grande Rio Para que esta debaixo da linha equinocial e acaba no Rio da Prata em altura de trinta e sinco grãos da parte do sul Feito por Ioão Teixeira Albernaz Cosmographo de S. Mag[esta]de. [ca. 1675]. – João Teixeira Albernaz, o Moço. Pert.: Hispanic Society of America, Nova Iorque.</i></p>	
Descrição	Não há.	
Topônimos	1	Rio doçe
	2	Ponta do Rio doçe
	3	Rio dos Reis magos
	4	SERRA DO RIO DOÇE
	5	Rio Cororoipe
	6	Rio Peruipe
	7	Rio Picuipe
	8	Rio das Carauellas
	9	Ponta de Agasuipe
	10	Abrolhos
	11	Ilhas de Santa Barbora



21) DE GROOTE NIEUWE VERMEERDERDE ZEE-ATLAS OFTE  
WATER-WERELT. CA. 1680. JOHANNIS VAN KEULEN.



Referência	Pas-Kaart van de zee-kunsten van Brazilia, tusschen Rio das Contas en Cabo S. Thome. [Escala: ca. 1:1 6000 000] - [Ca 1680]. - 1 mapa, color.; 51,5x58,5cm. In: <i>De Grootte Nieuwe Vermeerderde Zee-Atlas ofte Water-Werelt</i> . [ca. 1680]. Johannis van Keulen. Pert.: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.					
Descrição	Não há.					
Topônimos	1	Rio Salvador	34	De Drielingen	67	São Francisco
	2	Cabo São Thome	35	Monte Reys Magos	68	Rio Acho
	3	Parcela	36	Rio Doce	69	Rio Mangues
	4	Bon Fonda	37	Punto de Rio Doce	70	Punto Gorda
	5	Lagoa de Grande Piscaria	38	Ilha Goerce	71	Ilha Longo
	6	Rio de Paraiba	39	Rio dos Reys Magos	72	Nostro Cytio de Mareny fara
	7	Rio Tapoana	40	Sobriqueriquerem	73	Canal grando
	8	Monte Aga	41	Rio Quororupa	74	Taypas
	9	Barreyras Vermelhas	42	Punto de Abreolhos	75	Rio Doce
	10	Rio Jrutyba	43	Rio Parupa	76	Poyo acao Velha
	11	Ilhas de Guaropary	44	Rio Parnipa	77	Barra de S. Anthonio
	12	Rio Guaropary	45	Rio das Caravelas	78	Rio Santo Anthonio
	13	Guaropary	46	Punto de Agusypa	79	Porto Seguira Velio
	14	Casa Trenta	47	de Kleyne Canaal	80	Rio Grando
	15	Francisco de Agur	48	Ihesuyten	81	Rio Patipa
	16	Trepice	49	Canal Grando Pour Navios de India	82	Rio Iuzia
	17	Azaredo	50	Ilha de Santa Barbora	83	Rio Duna
	18	Leonardo Froes	51	Ilha dos Passaros	84	Rio Condado Tuba
	19	Pan de Suquire	52	Ilha Seco	85	Praya de Zumbo
	20	Villa Ilha	53	Ilha Monte dos Pedros	86	Aldea dos Indias dos Padres
	21	Mora de Iuan de Marena	54	Baxos da Abreolhos	87	Rio das Ilhos
	22	Ilha Calvada	55	Rio Ihanham	88	Santa Anna
	23	Ilha de Don Iurga	56	Rio Sarnabitiba	89	Porto Ma[?]o jape
	24	Abreolho	57	Monte Pasqual	90	Ilha das Ilhos
	25	Villa de Santa Porta	58	Rio Jacho	91	Villa São Iorge
	26	Spirito Sancto	59	Rio dos Frados	92	Esperanca
	27	Punto da Tubaraon	60	Santo Amara	93	Rio Esperanca
	28	Enceada de Areya	61	Nostra Senhora da Iuda	94	Nostro Senhora de Victoria
	29	Rio dos Borreyras	62	Rio Serinhaan	95	Lagoa de Taypa
	30	Serra Mestra Lunare	63	Bocay	96	Focinha de Caon
	31	Punto Pera Coam	64	Villa de Porto Seguira	97	Punto de Caon
	32	Aldea dos Reys Magos	65	Rio Umuma	98	De Vrouwe Borsten
	33	Ilha de Reposa	66	Tobazinga	99	Rio das Contas

**ANEXO C:**  
**FIXAÇÃO DA TOPONÍMIA**



1) DE CA. 1590 A 1624

Mapas	1590	16--	1608-12	1624
Fixação dos topônimos	Penedo grande	Pam de Asucar	Pão d asucar	
		[Redu?]	forte	
	Vilha velha de nossa Senhora da vitoria	Villa Velha	Uilla velha	Vila velha
		Nossa Senhora da Pena	nossa senhora da pena	
	Villa do Spiritu Santo	Sittio da Villa da V[itória?]		Espiritu Santo
		Forte de São Miguel	sorte [sic]	
		Barra		
	Ponta do tubarão	Ponta do Tubaraõ		
	Aqui não ha fundo	baixo cuberto		
			rio taguoa	Rio de Espiritu Santo

Mapas	1590	16--	1608-12	1624
Topônimos que não se repetem	Monte de Yoão moreno		fazenda de marcos d aZeredo	
	Ilha de Duarte de lemos		São Tiaguo	
	Jlho escaluado		São francisco	
	Ilha de valentim nunêZ		Companhia de iesus	
	Ilha: de dom Iorge de ana vâz		vegia j [...]	
	Ilheo da veuaa		miZericordia	
	Serra de mestre aluaro		matris	
	Terra que vay pera o cabo frio		São bento	
	Rossas velhas		nossa senhora do RoZario	
			matris	
			[Ri]o Para a aldeia	
			ilha do homem santo	
			Rio do Cam grande	
			por figuração	
			Rio areberehi	
			iabeburuna	
		mariguihy		
		Santa caterina		

## 2) DE 1616 A 1631

Mapas	1616	1626	1627	1630	1631a	1631b	1631c	
Fixação dos topônimos				Morro de <i>yoão</i> moreno	Morro de <i>Yoão</i> moreno	ponta da Barra ou Morro de Joaõ moreno	Morro de <i>yoão</i> moreno	
	SPIRITO SANTO	SPIRITU SANTO	SPIRITV SANTO	Villa da Vitoria	Sprito Santo	Villa da vitoria	Villa	
	Abrolho	Abrolho	Abrolho	baixa		Abrolho		
	Ponta do tubarão			ponta do Tubarão		Ponta do tubaraõ	Ponta do Tubaraõ	
						de leonardo froes		
						de Francisco daguiar		
						Trepiche		
						Do Azeredo		
						Paõ da sucar		
				forte de <i>são</i> marcos		forte de <i>São</i> Marcos		
				<i>Vila</i> uelha		<i>Vila</i> uelha		
				forte de <i>são</i> miguel		Forte de <i>São</i> Miguel		
							Barra do sprito Santo	
	Rio das barreiras	Rio das barreiras	Rio das barreiras					Rio das barreiras
	Rio dos Reis maguos	Reis magos	Reis maguos					Reis magos
	O Riacho	O riacho	Riacho					Riacho
	Rio doce	Rio doce	Rio doce					Rio doce
	Ponta do Rio doce	Ponta do Rio Doçe	Ponta do Rio doçe					Ponta do Rio doçe
	Rio Guasisi	Rio Guasici	Rio Guasici					Rio guassici
	Rio Guasisi miri	Rio Guasicimiri	Rio Guasicimiry					Rio Guassisi Miry
	Rio vna	Rio Vna	Rio Vna					Rio Vna
	SERRA DAS ESMERALDAS	Serra das esmeraldas	Serra das Esmeraldas					SERRA DAS ESMERALDAS
	Rio cricare	Rio de Cricare	Rio de Cricare					Rio Cricârê
	Rio Guaxinduba	Rio Guaxinduba	Rio Guaxinduba					Rio guaxinduba
	Rio Mocurípe	Rio macurípe	Rio Macuripe					Rio Macuripe
	OCEANO MEREDIONAL	OCEANO MEREDIONAL						

Mapas	1616	1626	1627	1630	1631a	1631b	1631c
Topônimos que não se repetem			Baixo		<i>Cabo de São thome</i>	<i>Rio de moroype</i>	Aldea dos Reis magos
					Praýua	<i>Nossa Senhora da pena</i>	LAGOA
					<i>Rio Itapemiri</i>		
					<i>Ilha Dos Françezes</i>		
					Serra de Gua		
					<i>Rio ýirituba</i>		
					<i>Rio Guaraparý</i>		
					<i>Rio de Perocão</i>		
					Ilhas de Perocão		
					Ponta da fruta		
					<i>Ilha esCalvada</i>		



## 3) DE 1640 A CA. 1665

Mapas	1640-1	1640-2	1642	1646	1660-1665	
Fixação dos topônimos	Cabo de São thome	Cabo de São Thome	Cabo de São thome			
	Parçel que bota sinco legoas ao mar	parcel que bota cinco legoas ao mar	Parçel que Bota sinco legoas ao Mar			
	Paraýba	Paraiba	Lagoa Paraýba	Lagoa de grande pescaria		
	Monte Aga	Monte Aga	Monte Aga	monte Aga		
		Barreiras Vermelhas	Barreiras Vermelhas	Barreiras vermelhas		
		Rio Iiritiba onde surgem Caravelas	Rio Iiritiba, onde surgem Caravelas	Rio Iiritiba, onde surgem Caravellas		
		Serra de Goropary	Serra de Goropary	Serras de Goropary		
		ilhas de Goropary	Ilhas de Goropary	Ilhas de goropary		
		Engenho de Marcos Fernandez de Monsanto	Engenho de Marcos Fernandez Monsanto	Engenho de fernandez monsanto		
		Goropary	Goropary	Goropary		
		caza da Fruta	Caza da Fruta	Caza da fruta		
		Ilha escaluada	Ilha escalvada	Ilha Escalvada		
		Morro de Ioaõ Moreno	Morro de Ioaõ Moreno / morro de Ioaõ Moreno	Morro de Ioaõ Moreno	Morro de joaõ moreno / morro de joaõ moreno	
		Villa do Spirito Santo	Villa do Spirito Santo	VILLA DO SPIRITO SANTO	Vila do Spirito Santo	O Spirito Sancto
		Abrolho	Abrolho	Abrolho		Abrolos
		Ponta do Tubaraõ	Ponta do Tubaraõ	Ponta do Tubaraõ	Ponta do tubaraõ	Ponta de Tobitaron
		De leonardo froes	de leonardo froes	De leonardo froes	de Leonardo frões	
		De francisco de aguiar	De [francisco de a]guiar	De francisco daguiar	de francisco daguiar	
		Trepiche	trepiche	Trepiche	Trepiche	
		Do Azeredo	do Azeredo	Do Azeredo	do Azeredo	
		Pão dasucar	Pão da[ <i>Sucar</i> ]	Pão dasucar	Paõ de asucar	
				Vigia	Vigia	
				São tiago	São tiago	
				Miziricordia	misericórdia	
				São francisco		
				Matris	matris	
				São bento	São bento	
		Vila Velha	Vila uelha	Vila velha	Vila velha	
				Barra do Porto do Spirito Santo	Porto do Spirito Santo	Barra

Mapas	1640-1	1640-2	1642	1646	1660-1665
<b>Fixação dos topônimos</b>	Ilha de Duarte de Lemos	Ilha de Duarte de Lemos	Ilha de Duarte de lemos		
	Escaluada	Ilha escaluada	Ilha Escalvada	Ilha escaluada	
	Rio Moroype	Rio Moroipe	Rio Moruype	Rio moroype	
	enseada darea		ençada de Area	enceada de area	
	Ilha de Valentim nunez	Ilha de Valentim nunes	Ilha de Valentim Nunes		
	Ilha de Dom Jorge	Ilha de Dom Iorge	Ilha dom Jorge	Ilha de dom Jorge	
	Ilha de Ana Vaz	Ilha de Ana Vaz			
	Ilha de Viuuu	Ilha de uiuuu			
	4 penedos	4 penedos	Penedos		
	Serra de Mestaluaro	Serra de Mestaluaro	Serra de Mestaluaro	Serras	
		Rio das barreiras	Rio das barreiras		
	Serra de Mestaluaro	Serra de Mestaluaro	Serra de Mestraluaro	serras do mestre aluaro	
	Aldea dos Reys magos	Aldea dos Reys Magos	Aldea dos Reis magos	Aldeas dos Reis magos	
	Reys Magos	Reys Magos	Reis magos	Rio dos reis magos	
	Rio doçe / Rio doçe	Rio doce / Rio doce	Rio Doçe / Rio doçe	Rio doce / Rio doce	
	Ponta do Rio Doçe / Ponta do Rio doçe	Ponta do Rio doce	ponta do Rio Doçe / Ponta do Rio doçe	Ponta do Rio Doce	
	Rio dos Reis magos	Rio dos Reys magos	Rio dos Reis magos		
	Serra do Rio Doçe	Serra do Rio doce	Serra do Rio doçe		
	Rio Coruroipe	Rio coruroipe	Rio cororuipe	Rio corovripe	
	Rio Peruipe	Rio Peruipe	Rio Peruipe	Rio [?] Peruipe	
	Rio Peçuipe	Rio Peruipe (sic)	Rio Picuipe	Rio Picuipe	
	Rio das Caravelas	Rio da Carauelas	Rio das Carauelas	Rio das caravelas	
	Ponta de Agasuýpe	Ponta de Agasuipe	Ponta de Agasuype	Ponta de Agasuýpe	
	Este Canal tem doze Legoa de Largo	este canal tem 12 legoa de largo	CANAL	Canal por onde podem passar naos da India	
	Ilha de Santa barbora	Ilhas de Santa Barbora	Ilhas de Santa Barbora	Ilhas de Santa Barbora	
	Abrolhos	Abolhos	ABROLHOS	Abrolhos	

Mapas	1640-1	1640-2	1642	1646	1660-1665
<b>Topônimos que não se repetem</b>				Canal para barcos	Nossa Senhora de Puna
				Reis magos	
				forte	

## 4) DE 1666 A CA. 1680

Mapas	1666-1	1666-2	1670	1675	1680
	Cabo de São thome	Cabo de S. Thome	Cabo de Saõ Thome	Cabo de São thome	Cabo São Thome
	Parçel que bota sinco legoas ao Mar		Pacel que bota Sinco Legoas ao Mar	Parçel que bota 5 Legoas o Mar	Parcella
	Lagoa Parayba de grande Pescaria	Lagoa Parayba de grande Pescaria	Lagoa Peraiba de grande pescaria	Lagoa Parayba de grande pescaria	Lagoa de Grande Piscaria
	Rio pera Barcos	R. pera Barcos	Rio Pera barcos	Rio Por doente enraõ os que vão pescar na lagoa perayba	Rio de Paraiba
	Rio Bayxo		Riacho		Rio Tapoana
	Ilha dos Francezes	Ilha dos Francezes	Ilha dos Franceses		
	Monte Aga	Monte Aga	Monte Aga	Monte Aga	Monte Aga
	Barreyras Vermelhas	Barreiras Vermelhas	Barreiras Vermelhas	Barreiras Vermelhas	Barreyras Vermelhas
			Rio Iiritiba aonde Surgem Carauellas	Rio Iiritiba onde surgem Carauellas	Rio Jrutyba
	SERRA DE GOROPARI	Serra de Goropari	Serras de Goropary	Serras de garopary	
			Aldeya de Nossa Senhora da Asunção		
			Ilhas de Goropary	Ilhas de garopary	Ilhas de Guaropary
Fixação dos topônimos	Emgenho de Marcos Fernandez monsanto	Engenho de Marcos Fernandes Monsanto	Emgenho	Emgenho de marcos Fernandez Monsanto	
	Goropari	Goropari	Goropary	Garopary	Guaropary
	Cassa da fruta	Caza da Fruta	Caza da Fruta		Casa Trenta
	Ilha escaluada		Ilha Escalvada	Ilha escaluada	
	Morro de João Moreno / Morro de João Moreno	Morro de João Moreno / Morro de João Moreno	Morro de Ioão Moreno / Morro de Ioão Moreno	Morro de Ioão Moreno / Morro de Ioão Moreno	Mora de Iuan de Marena
	Villa	Villa	Villa	Villa	Villa de Santa Porta; Spirito Sancto
		Vigia	Vigia	Vigia	Abreolho
	Ponta do tubarão	Ponta do Tubarão	Ponta do Tubaraõ	Ponta do Tubarão	Punto da Tubaraon
	Paõ de Asucar	Paõ dasucar	Pão daSucar		
	Vigia	Vigia	Vigia	Vigia	
	Nosa Senhora do Rosario	Nossa Senhora do Rozario	Nossa Senhora do Rozario	Nossa Senhora do Rozario	
	Villa Velha	Villa Velha	Villa Velha	Villa Velha	Villa Ilha
	Nossa Senhora da pena	Nossa Senhora da Pena	Nossa Senhora da Pena	Nossa Senhora da Pena	
	Forte	Forte		Forte	
	Barra do Porto do Sprito santo	Barra do Porto do Spirito Santo	Barra do Porto do Sprito Santo	Barra do Porto do Spirito Santo	

Mapas	1666-1	1666-2	1670	1675	1680
Fixação dos topônimos	Ilha Escaluada	<i>Ilha Escalvada</i>	<i>Ilha Escaluada</i>	<i>Ilha Escalvada</i>	<i>Ilha Calvada</i>
	Rio Moroype	<i>Rio Moruype</i>	R Moroipe	<i>Rio Moroipe</i>	
		Enseada de Areya	Emceada de Areya	Emceada de Areya	Enceada de Areya
	Ilha de Don Jorge	<i>Ilha de Dom Iorge</i>	<i>Ilha de dom Jorge</i>	<i>Ilha de dom Jorge</i>	<i>Ilha de Don Iurga</i>
	SERRAS	SERRAS	Serras	SERRAS	
				<i>Rio das Barreyras</i>	Rio dos Borreyras
	SERRAS DO MESTRE ALVARO	Serras do mestre Aluauaro	Serra do Mestre Aluoro	Serra do Mestralvaro	Serra Mestra Lunare
	Aldeya dos Reys Magos	Aldeya dos Reis Magos	Aldeya dos Reis Magos	Aldeya dos Reis Magos	Aldea dos Reys Magos
	Reys Magos	Reis Magos	Reis Magos	SERRAS	Monte Reys Magos
	Rio dose / Rio dose	<i>Rio dosse / Rio dosse</i>	Rio dose / Rio dose	Rio dose / Rio doçe	Rio Doce
	Ponta do Rio dose / Ponta do Rio dose	Ponta do <i>Rio Dose</i>	Ponta do Rio dose / Ponta do Rio dose	Ponta do Rio dose / Ponta do Rio doçe	Punto de Rio Doce
	Rio dos Reys	<i>Rio dos Reis</i>	<i>Rio dos Reis Magos</i>	<i>Rio dos Reis magos</i>	Rio dos Reys Magos
		Serra do Rio dosse	Serra do Rio dose	SERRA DO RIO DOÇE	
	Rio Cororuype	<i>Rio Cororuype</i>	<i>Rio Cororoype</i>	<i>Rio Cororoipe</i>	Rio Quororupa
	Rio Peroype	<i>Rio Peruype</i>	<i>Rio Peroype</i>	<i>Rio Peruipe</i>	Rio Parupa
	Rio Pecuype	Rio Pecuype	<i>Rio Pecuype</i>	<i>Rio Picuipe</i>	Rio Parnipa
	Rio das Caravellas	<i>Rio das Carauellas</i>	<i>Rio das Carauellas</i>	<i>Rio das Carauellas</i>	Rio das Caravelas
	Ponta de Agasuype	Ponta de Agasuype	Ponta de Agasuipe	Ponta de Agasuipe	Punto de Agusypa
					de Kleyne Canaal; Canal Grando Pour Navios de India
	Canal grande	Canal Grande	Canal Grande		
	Ilhas de Santa Barbora	<i>Ilhas de Santa Barbora</i>	Ilhas de <i>Santa Barbora</i>	Ilhas de <i>Santa Barbora</i>	<i>Ilha de Santa Barbora</i>
	Abrolhos	Abrolhos	Abrolhos	Abrolhos	Punto de Abreolhos

Mapas	1666-1	1666-2	1670	1675	1680
<b>Topônimos que não se repetem</b>  <b>Mapa: 1680</b>	Ilha dos Passaros	Rio Ihanham	<i>São</i> Francisco	Porto Seguirá Velio	Villa <i>São</i> Iorge
	Ilha Seco	Rio Sarnabitiba	Rio Acho	Rio Grandó	Esperanca
	<i>Ilha</i> Monte dos Pedros	Monte Pasqual	Rio Mangues	Rio Patipa	Rio Esperanca
	Baxos da Abreolhos	Rio Jacho	Punto Gorda	Rio Iuzia	Nostro Senhora de Victoria
	Rio Salvador	Rio dos Frados	Ilha Longo	Rio Duna	Lagoa de Taypa
	Punto Pera Coam	<i>Santo</i> Amara	Nostro Cytio de Mareny fara	Rio Condado Tuba	Focinha de Caon
	<i>Ilha</i> de Reposa	Nostra Senhora da Iuda	Canal grandó	Praya de Zumbo	Punto de Caon
	De Drielingen	Rio Serinhaan	Taypas	Idea dos Indias dos Padres	De Vrouwe Borsten
	<i>Ilha</i> Goerce	Bocay	Rio Doce	Rio das Ilhos	Rio das Contas
	Ihesuyten	Villa de Porto Seguirá	Poyo acao Velha	<i>Santa</i> Anna	Rio Guaropary
	Sobriqueriquere m	Rio Umuma	Barra de S. Anthonio	Porto Ma[?]o jape	Leonhardo Froes
	Bon Fonda	Tobazinga	Rio <i>Santo</i> Anthonio	<i>Ilha</i> das Ilhos	
	Trepice	Azaredo	Pan de Suqure	Francisco de Agur	